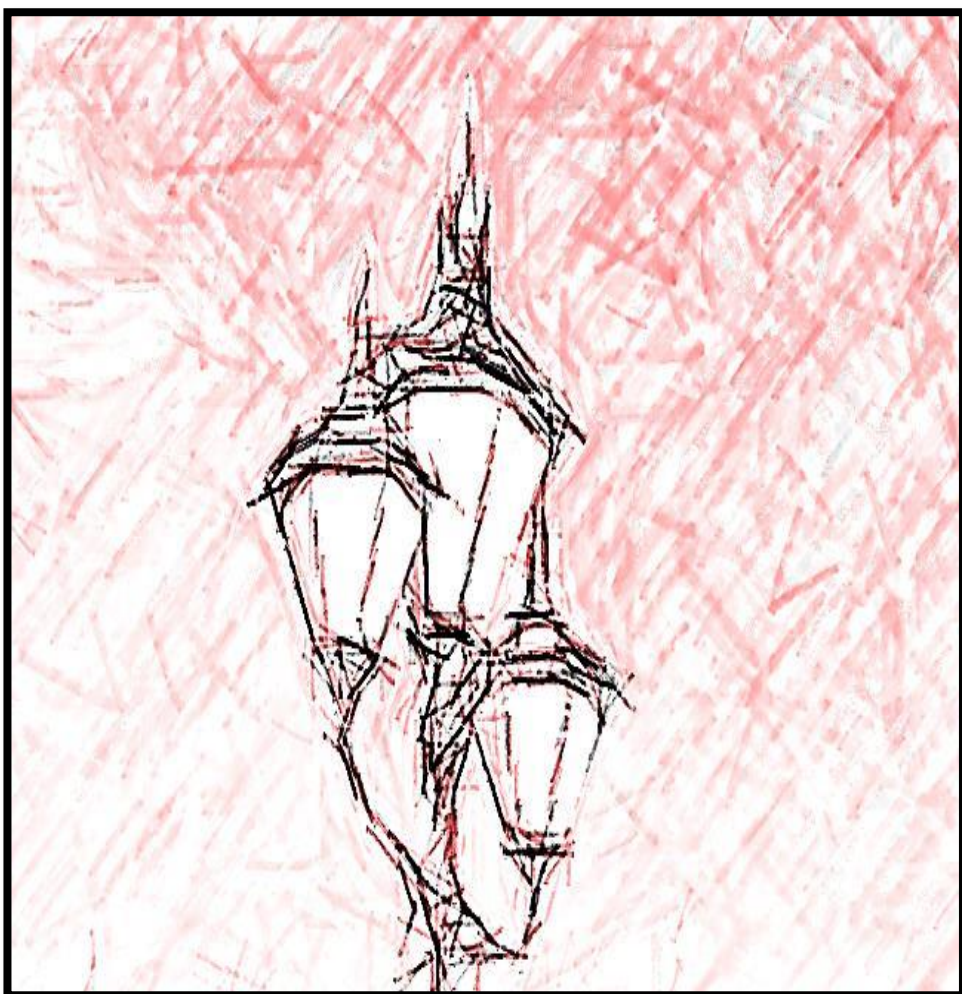


IMAGENS DE OTTO MARIA CARPEAUX

Esboço de biografia



IMAGENS DE OTTO MARIA CARPEAUX

Esboço de biografia

Tese submetida ao Programa de Pós-Graduação em História do Centro de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Santa Catarina para a obtenção do Grau de Doutor em História Cultural.

EDUARDO GOMES SILVA

Orientadora: Prof^a Dr^a Ana Lize Brancher

FLORIANÓPOLIS – SC
2015

IMAGENS DE OTTO MARIA CARPEAUX
Esboço de biografia

EDUARDO GOMES SILVA

Tese apresentada e aprovada em sua forma final para a obtenção do título de

DOCTOR EM HISTÓRIA CULTURAL

Banca Examinadora:

Prof^ª Dr^a Ana Lize Brancher – Orientadora e presidente – UFSC

Prof^ª Dr^a Adriana Facina Gurgel do Amaral – UFRJ-MN

Prof^º Dr^º Rogério Ivano – UEL

Prof^ª Dr^a Maria Teresa Santos Cunha - UDESC

Prof^º Dr^º Carlos Eduardo Schmidt Capela – UFSC

Prof^º Dr^º Paulo Pinheiro Machado – UFSC

Prof^º Dr^º Reinaldo Lindolfo Lohn – Suplente UDESC

Prof^ª Dr^a Janine Gomes da Silva – Suplente - UFSC

Florianópolis, 03 de agosto de 2015

A Manoel Gomes da Rocha, quem primeiro acreditou.
E a Otto Maria Carpeaux, todos eles.

Agradecimentos – Caminhos sugeridos, caminhos compartilhados

Meus encontros *em* Carpeaux não ganhariam o sentido que ganharam ou talvez nem mesmo tivessem existidos se não fossem o auxílio, o incentivo e a inspiração de algumas instituições e de um incontável número de pessoas. A memória retém apenas uma parte desse grande universo, mas faço questão de estender os meus agradecimentos a todos que, de uma forma ou de outra, me inspiraram a escrever essas linhas e a torná-las inteligíveis. Por isso, sou imensamente grato ao:

Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) pela concessão da bolsa de estudos, ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Santa Catarina pelo sólido ambiente acadêmico oferecido e às pessoas que dão *anima* a estas instituições, professores e técnicos administrativos responsáveis por permitir que a ideia de um ensino superior público, gratuito, de qualidade e cada vez mais abrangente seja uma realidade, a despeito de inúmeros interesses contrários.

Uma das responsáveis pelo contínuo movimento de resistência em defesa do ensino público e de qualidade atende pelo nome de Ana Lize Brancher, que me concedeu a honra de tê-la como orientadora e o prazer de considerá-la uma amiga. Sou imensamente grato às suas palavras de incentivo e cobrança, sobretudo porque dirigidas em momentos certos e em dosagens precisas, e nunca me esquecerei da extrema confiança depositadas neste projeto e no seu executor.

Agradeço aos professores que aceitaram compor as bancas do Exame de Qualificação e de Defesa da Tese, compartilharam suas leituras e fomentaram o bom debate. Estendo meus agradecimentos aos professores dos Programas de Pós-Graduação de História e de Literatura da UFSC, cujas disciplinas oferecidas mostraram-me, acima de tudo, caminhos possíveis. Sou especialmente grato ao Prof^o Adriano Duarte por ter dividido comigo parte da disciplina *História do Brasil Republicano I* para a realização do Estágio Docência; à Prof^a Maria Bernardete Ramos Flores pela delicadeza com que organizou a disciplina *Teoria e Metodologia da Pesquisa Histórica II*, *locus* primeiro para o diálogo e desenvolvimento dos projetos de Doutorado do PPGH; e ao Prof^o Carlos Eduardo Schmidt Capela, responsável pelo curso *Arquivo e História. Experiência e Linguagem*, por sua vez decisivo para a rumo que este projeto acabou tomando. “Nada sacrificar às falsas certezas do presente e nada sacrificar às duvidosas nostalgias do passado” é o que a concepção crítica e não monumental de História exige, e isso aprendi por meio da leitura delicada e da exposição apaixonada do universo benjaminiano por parte do Prof^o Capela.

Estendo meus agradecimentos aos amigos com quem divide as incertezas e os anseios nos primeiros passos desta jornada. Em especial, aqueles que foram os meus comensais nos momentos de diálogo e confraternização, ratificando a ideia de universidade como um campo vasto, que inclui mas vai além do espaço institucional: Oscar Gallo, Ricardo Machado, Arnaldo Haas Jr., Joachin de Melo Azevedo, Lívia Neves, Douglas Arienti, Alfredo Lopes, Sandor Bringmann, Elton Costa, Elton Francisco, Sabrina Melo, Carina Sartori, Marcos Arraes e André Martinello.

Na execução do projeto contei com inúmeras pessoas que têm por nobre tarefa auxiliar pesquisadores sôfregos como eu. A exemplo do corpo profissional universitário, são elas as responsáveis por fazer com que instituições de interesse público de fato cumpram este papel. Por isso, agradeço imensamente aos funcionários do setor de Arquivos Pessoais de Escritores Brasileiros da Fundação Casa de Rui Barbosa, aos funcionários do setor de obras raras da Biblioteca Mário de Andrade, aos funcionários da sala de consultas do Arquivo Nacional, da Biblioteca Fernando Tude de Souza (Rádio MEC-RJ), do Instituto Martius-Staden, do setor administrativo do cemitério São João Baptista, do setor de consultas do Centro de Documentação da Resistência Austríaca (DÖW), e aos funcionários da Biblioteca Nacional Austríaca e da Biblioteca de Estudos Históricos da Universidade de Viena.

E no meio do caminho surgiu a Universidade Estadual de Londrina, pedra angular para os primeiros exercícios de docência no ensino superior e espaço privilegiado para a maturação dos dados levantados pela pesquisa então em andamento. Sou muito grato aos colegas do Departamento de História pelo acolhimento e às secretárias Celina Negrão e Fumiko Kayano pelo suporte na rotina das aulas, reuniões e eventos daquela Universidade. Mas não há rotina, departamento ou universidade sem os alunos, e àqueles com quem tive o prazer do diálogo ao longo de dois anos, em sala de aula e fora dela, dirijo um agradecimento emocionado. Em especial, aos motivados alunos da *Turma Eduardo Gomes Silva* (História UEL Matutino 2010-2014) que, não bastasse suportar o *debut* de um professor mais voluntarioso do que preparado, deram-me a honra desta homenagem imerecida mas de todo sincera e afetuosa.

Transitando entre Florianópolis e Londrina por todos esses anos, foram muitas as pessoas que abriram as suas casas, tornaram suportáveis os momentos difíceis e maravilhosos os momentos alegres desta jornada. Ter pertencido a essas famílias– no sentido pleno da palavra – foi realmente decisivo, por isso registro os meus agradecimentos à Maria Carolina Braune Wüik, Olandim Fonseca Filho, Raquel Fernandes, à Alessandra,

André e Pietro Wiik, Alma Ingram, Cristiano Wiik, Cleide Lungarini, Beatriz Boni, Ruth Tortorella, Maria Joana Cruz, Leila Jeolás, Claudio da Costa, ‘Kiko’ Penteado Aranha, ‘Nenê’ Jeolás, Celso Bezerra de Menezes, Nélio Pinheiro, Cláudia da Silva, ‘Pituca’ Penteado Aranha, à Líria, Fábio e Tamires Lanza e à Evelyn Faquin. Agradeço especialmente à Beatriz Pacca pela acuidade e gentileza com que leu e revisou este trabalho – as traduções do francês incluso. Neste campo, os méritos são todos dela e os erros, quiçá estruturais, são exclusivamente meus.

Agradeço também a minha ‘Família Silva’, tão numerosa quanto acolhedora, e à minha família nuclear: Fátima Gomes da Rocha Silva, Adair da Silva, Érika Gomes da Silva, Alex de Souza e às crianças Cauã e Klaus Gomes de Souza. Em especial, agradeço ao Carlos Eduardo Gomes da Silva – o ‘Carlos’, como ele se autodenomina – pela simples razão de sua existência complementar a minha. E às famílias TihMin e Tshu Shin Yuen pelo afeto rotineiro. Agradeço ao ‘Jó’ e à ‘Flocos’ pelo companheirismo íntegro e desinteressado que lhe são inerentes, e ao Flávio Braune Wiik – o meu querido Flavinho – por tornar prazeroso o caminho que entendemos por vida comum.

Uma vida não tem começo nem fim, apenas a sua História.

Rogério Ivano – *Aforismos sobre a História*

RESUMO

Este esboço de biografia procura citar algumas *imagens* de Otto Maria Carpeaux: construções biográficas de naturezas múltiplas, elaboradas em contextos, por atores e sob condições igualmente díspares. Está constituído a partir de uma visão crítica da História, o que permite que ‘outras imagens’, fragmentárias e não monumentais, também tenham espaço.

Em diálogo com o princípio da montagem, este esboço apresenta-se em duas partes. Na primeira, *Imagens possíveis*, estão citadas as imagens elaboradas em vida e *post mortem* acerca do austríaco-brasileiro que nasceu em Viena em 1900, se exilou no Brasil em 1939 e morreu no Rio de Janeiro, em 1978. Na segunda, *Montagens possíveis*, apresentam-se duas possibilidades de exercício biográfico: pela leitura alegórica do documentário *O velho e o Novo (Otto Maria Carpeaux)*, entendido como instrumento de intervenção no contexto ditatorial brasileiro e de uma reelaboração biográfica concernentes às suas experiências europeias; e pelo *Caderno de imagens críticas*, registro dos encontros *em* Carpeaux pelo meio de imagens críticas produzidas a partir da cesura do presente.

Palavras-chave: Otto Maria Carpeaux – Imagem – Biografia – Ditadura militar brasileira – Walter Benjamin

ABSTRACT

This biographical sketch attempts to quote some images of Otto Maria Carpeaux: various types of biographical constructions, carried out in different contexts by disparate authors under conditions just as distinct. It stems from a critical view of history, allowing for ‘other images’ fragmented and non-monumental – to share the space.

In dialogue with the montage principle, this sketch has two parts. The first, *Possible Images*, quotes the images produced during and after the life of the Austrian-Brazilian, who was born in Vienna in 1900, went to Brazil in exile in 1939 and died in Rio de Janeiro in 1978. The second part, *Possible Montages*, presents two possibilities of a biographical exercise: through the allegorical reading of documentary *O Velho e o Novo (Otto Maria Carpeaux)*, understood as an instrument of intervention in the Brazilian dictatorship context and as a biographical retelling of the author’s European experiences; and through my *Scrapbook of Critical Images*, a record of the encounters *in* Carpeaux through critical images produced from the caesura of the present.

Keywords: Otto Maria Carpeaux – Image – Biography – Brazilian military dictatorship – Walter Benjamin

SUMÁRIO

PREÂMBULO 15

A ESCOLHA PELO ESBOÇO 19

PARTE I – IMAGENS POSSÍVEIS

1. KARPFFEN-CARPEAUX: NOVAS IMAGENS E POSSIBILIDADES

Apresentação de um companheiro europeu em exílio 35

Outras imagens – Je ne laisse pas périr! 41

Figura de extraordinário relevo intelectual – o processo de naturalização 58

A recepção ‘à esquerda’ de Carpeaux 66

Um Carpeaux adaptado ou em vias de (espécie de resposta aos anos 1944-45) 73

Enraizamento – a obra ‘quase perdida’ e ‘Vida e romance’ 78

2. IMAGENS EM TRANSIÇÃO

O perfil Renard Perez e o *plot point* de 1964 87

Correio da Manhã, um breve perfil 98

Correio da Manhã, Carpeaux e o Golpe de 1964 104

Primeiras batalhas – linguagem esópica 114

Outras frentes, outros interlocutores 121

Entre *O Sol*, IPM e grupos de guerrilha 129

Imagens finais, em vida, de Carpeaux 144

3. ‘O AMANHECER DEPOIS DA MORTE – IMAGENS PÓSTUMAS

Momentos finais 153

Um homem e seu tempo 162

Drummond e a ‘noite de Carpeaux’ no Teatro Casa Grande 169

Otto Maria Carpeaux por Amoroso Lima, Houaiss e Callado 177

Relendo Carpeaux 188

O encontro de Carpeaux com o ‘seu marxista’ 194

Imagens de um ‘exame de consciência’ 198

Rememorações atuais – o ‘mestre’ Carpeaux 207

Companheiro de trincheira desde 1964 213

PARTE II – MONTAGENS POSSÍVEIS

4. O VELHO E O NOVO – ALEGORIA DE UMA VIDA

Alegoria, alegoria **221**

Judeu austríaco, expulso de seu país pelo nazismo **227**

Ex oriente lux **238**

A definição do conservadorismo é o não-movimento **256**

O novo ou 'No meio do caminho tinha Ouro Preto' **268**

5. MEUS ENCONTROS *EM* CARPEAUX E OUTROS ENCONTROS

Encontros n° 1 – Afinidades eletivas **281**

Encontros n° 2 – Bibliotecas perdidas **288**

Encontros n° 3 – Arquivos e[m] fragmentos **293**

Meus encontros *em* Carpeaux **298**

Caderno de Imagens Críticas **300**

REFERÊNCIAS **361**

Preâmbulo

Não conseguiria reter o momento exato de meu primeiro encontro *em* Otto Maria Carpeaux. Quando aprendi que não há momentos exatos, esse passou a ser um não-problema. Mas um dos primeiros encontros me vem fácil à memória: no início de uma tarde nublada de setembro, atravessei a Baía da Guanabara em direção a Botafogo, Rio de Janeiro, voltando do *campus* da Universidade Federal Fluminense. Vinha da sessão de defesa de minha dissertação de mestrado, cujo tema, o papel da imprensa no Golpe de 1964, julgava guardar pouca relação com o austríaco-brasileiro que conhecia como autor da ‘monumental’ *História da Literatura Ocidental*.

Caderno de notas em mãos, aproveitei a segunda parte do dia para tomar conhecimento da natureza e extensão dos seus documentos pessoais depositados na *Fundação Casa de Rui Barbosa*, num dos *Arquivos de Escritores da Literatura Brasileira* mantidos por aquela instituição. Dentro do caderno, apenas duas folhas impressas em frente e verso do verbete *CARPEAUX, Otto Maria* publicado no *Dicionário Histórico-Biográfico Brasileiro* e assinado por Norma Cortês. Com consulta previamente agendada, após outros pequenos trâmites, finalmente tive acesso àquela documentação. Qual não foi a minha surpresa quando me deparei com uma série fragmentária e escassa da *Coleção Otto Maria Carpeaux*, que pouco ou nada ‘comprovava’ as informações geradas pelo verbete que ora dispunha. Como poderia, diante daquele *corpus*, escrever a biografia de Carpeaux?

Pelas *imagens* que aqui se esboçam, vários outros encontros em Carpeaux serão descritos. Por meio deles, preenchi e produzi centenas de notas, papéis soltos, anotações esparsas e um *Caderno de Imagens*. Percorri outros arquivos, virtuais e físicos, até descobrir que ‘Carpeaux’ tornara-se o meu principal arquivo. Tive o apoio de referências teóricas, metodológicas, contextuais ou especificamente sobre o austríaco-brasileiro, mas sempre voltava com uma caderneta em branco àquele arquivo principal – e não mais para comprovar dados, mas para produzir imagens.

Entre nostálgica e ingênua, frustrante e didática, é esta a imagem de um dos meus primeiros encontros *em* Carpeaux. Apresento a seguir a única informação sistematizada que possuía sobre ele naquela tarde de setembro e convido a ler outras imagens possíveis de Otto Maria Carpeaux.

CARPEAUX, OTTO MARIA¹

**jornalista*

Otto Maria Carpeaux nasceu em Viena, Áustria, no dia 9 de março de 1900, filho do advogado Max Karpfen e de Gisela Karpfen.

Seus primeiros estudos foram feitos parte em sua cidade natal e parte na Alemanha. Em atenção a seu pai ingressou na Faculdade de Ciências Jurídicas, onde estudou história e direito romano, mas logo em seguida abandonou esse curso para formar-se em física. Redefiniu a seguir sua vocação, inclinando-se para o estudo das então chamadas ‘ciências do espírito’, e formou-se em filosofia e letras pela Universidade de Viena em 1925. Nessa mesma escola também obteve posteriormente o título de doutor em matemática, física e química. Paralelamente à educação curricular formal, dedicou-se a estudos de música, de história e de sociologia. O ambiente efervescente da Viena dos anos 1920, com seu multiculturalismo, sem dúvida favoreceu sua ampla e erudita formação intelectual.

Logo depois de formado, iniciou sua carreira profissional como jornalista e trabalhou em várias capitais europeias, dedicando-se também aos estudos literários. Ainda na Europa, publicou cinco livros que mais tarde iria considerar superados, simples textos de juventude. Aos 30 anos casou-se com Helena, com quem viveria até o fim de seus dias.

Como jornalista empenhou-se na luta contra o nazismo, mas, em março de 1938, com o Anschluss (anexação da Áustria à Alemanha), viu-se forçado a buscar refúgio em Antuérpia, na Bélgica. Durante o exílio, encontrou abrigo e trabalho no Gaset Van Antwerpen, o principal jornal belga de língua holandesa, e recebeu insistentes convites de amigos para se instalar no Brasil, mas deles declinou reiteradamente. Estava cansado de fugir, escreveu então a Álvaro Lins. No entanto, diante da ameaça de invasão da Bélgica pelas forças alemãs, foi mais uma vez obrigado a alterar seus planos. A Segunda Guerra Mundial eclodiu, em 1939, enquanto atravessava o Atlântico, a bordo do navio Copacabana.

O exílio brasileiro fora organizado por intermédio de uma congregação católica de auxílio a refugiados de guerra, que tentou acomodá-lo em um sítio próximo a Curitiba, o que frustrou suas expectativas. Furioso, enviou a Alceu Amoroso Lima, o principal líder do laicato católico brasileiro, uma carta manifestando sua indignação. Recém-chegado ao país, sem trabalho e sem falar ou entender o português, transferiu-se para São Paulo e lá permaneceu por pouco mais de um ano. Nesse período esgotou seus recursos financeiros, passando a vender os últimos pertences que trouxera consigo. Ao mesmo tempo, com extrema determinação e por um método árduo e solitário, aplicou-se no aprendizado da língua portuguesa pela leitura da literatura brasileira. De São

¹ CORTÊS, Norma. “Otto Maria Carpeaux” In *Dicionário Histórico-Bibliográfico Brasileiro*. Cd-Rom..

Paulo, escreveu a Álvaro Lins, então crítico literário do Correio da Manhã, narrando-lhe suas desventuras e pedindo trabalho no jornal carioca. Os primeiros ensaios críticos que enviou ao Correio da Manhã ainda foram manuscritos em francês e traduzidos para publicação no jornal. Logo depois fixou residência no Rio de Janeiro e se estabeleceu como colaborador permanente do Correio da Manhã. Após tantas dificuldades, finalmente deu início a uma bem-sucedida carreira de homem de letras, crítico da cultura e jornalista político.

Em 1942, San Tiago Dantas, então diretor da Faculdade Nacional de Filosofia da Universidade do Brasil, o convidou para ser diretor da biblioteca da faculdade, onde permaneceria até 1944. Ainda em 1942, já demonstrando pleno domínio do português, publicou o livro de ensaios A cinza do purgatório. Em 1944, quando se tornou cidadão brasileiro, alterando seu registro civil para adotar o nome Carpeaux, passou a dirigir a biblioteca da Fundação Getúlio Vargas, onde permaneceria até 1949. Neste último ano publicou a Pequena bibliografia crítica da literatura brasileira, livro que se tornaria referência obrigatória para todos os que estudam literatura no Brasil. Ao amadurecer seu estilo crítico, propôs uma nova periodização para a história literária brasileira e forneceu um enquadramento interpretativo inédito da produção ficcional nacional.

Em 1950, tornou-se redator-editorialista do Correio da Manhã e passou a responder pelo editorial político que acompanhava os “artigos de fundo” assinados por Álvaro Lins. Desde então, sua coluna Livros na mesa foi frequentemente transcrita para o Diário Carioca, o Jornal do Brasil, O Jornal e O Estado de Minas. Com menor assiduidade, também colaborou nos suplementos literários de vários outros jornais do Rio de Janeiro, de São Paulo, de Belo Horizonte e de Porto Alegre. No governo de Juscelino Kubitschek, convidado por Paulo Bittencourt, proprietário do Correio da Manhã, a substituir Álvaro Lins na redação do jornal, tornou-se o principal redator político do Correio da Manhã. Paralelamente a suas atividades na imprensa diária, em 1958 publicou Uma nova história da música e no ano seguinte deu início à publicação dos oito volumes de sua História da literatura ocidental. Nessa obra de fôlego, que viria a público entre 1959 e 1966, manifestou total desenvoltura em seu estilo crítico e pleno domínio do método compreensivo, característico da tradição intelectual à qual se filiava, buscando interpretar o sentido dos fenômenos da cultura e das manifestações do espírito pela historicidade de seus respectivos contextos sociais.

Oposicionista de primeira hora, suas crônicas a partir de março de 1964 não dissimulavam sua independência, revelando-o como um dos mais francos e lúcidos adversários do regime que se instalava no Brasil. O próprio Correio da Manhã tornou-se, entre 1964 e 1965, um importante veículo de denúncia das arbitrariedades cometidas pelo regime militar. Mas a represália não tardou: o jornal foi vítima de pressões econômicas e perseguição política, e vários dos seus jornalistas foram censurados. Carpeaux, um dos mais respeitados editorialistas e comentaristas da vida política brasileira, viu sua seção de política internacional ser suprimida em 1966 e ficou

impedido de publicar qualquer matéria assinada no jornal. Seus artigos sobre relações internacionais foram reunidos e publicados nos volumes O Brasil no espelho do mundo (1964) e A batalha da América Latina (1965) e lbe valeram perseguição, censura e também um inquérito policial-militar, sob a alegação de que havia infringido o artigo nº 3 da Lei de Segurança Nacional, relativo à subversão da ordem pública.

Com a morte de Paulo Bittencourt em 1969, e findo o período áureo do Correio da Manhã, Carpeaux afastou-se do jornalismo diário, passando a dedicar-se, junto com Antônio Houaiss, à confecção das enciclopédias Delta Larousse e Mirador.

Morreu de infarto, no Rio de Janeiro, em 3 de fevereiro de 1978.

Até morrer, manteve intensa atividade literária e publicou vários estudos críticos e livros de ensaios, sendo reconhecido e festejado pela intelectualidade brasileira pelo humanismo com que buscou animar sua atividade crítica e sua conduta pública. Além dos livros já citados, sua obra é composta pelos títulos que se seguem: Origens e fins (1943), Respostas e perguntas e Retratos e leituras (1953), Presenças (1958), Livros na mesa e Estudos de crítica (1960), A literatura alemã (1964), Vinte e cinco anos de literatura (1968), Hemingway; tempo, vida e obra (1971), Reflexo e realidade e Alceu Amoroso Lima por Otto Maria Carpeaux (1978), e Sobre artes e letras (1992). Dela também fazem parte inúmeros artigos, prefácios e apresentações.

A bibliografia a respeito de Otto Maria Carpeaux é bastante extensa porém desigual, já que é composta de pequenos artigos para a imprensa diária, de orelhas de livros, de comentários esparsos e também de estudos críticos mais elaborados. A edição póstuma dos ensaios Sobre artes e letras, organizada por Alfredo Bosi, fornece uma lista de aproximadamente 60 referências bibliográficas sobre sua vida e obra.

A escolha pelo esboço

Otto Maria Carpeaux nasceu em Viena, Áustria, em 09 de março de 1900 e morreu no Rio de Janeiro, Brasil, em 04 de fevereiro de 1978.

Eis a frase perfeita para descrever a vida de alguém que tinha horror a que escrevessem sua biografia e que enxergava nas entrevistas, homenagens, “retratos nos jornais” e lançamento de livros nada mais que mera autopublicidade.² Fosse mais sucinta e trouxesse somente os dados cronológicos, a frase omitiria a terra natal e o lugar que o acolheu e que escolhera viver mesmo quando a Europa já era novamente uma possibilidade – uma escolha propagada sempre que possível por Carpeaux, a despeito a esta postura arredia aos dados autobiográficos.

A frase é perfeita, mas deveras simplista, posto que encerra em apenas duas linhas uma história de vida ‘cinematográfica’³ ou muito próxima daquelas retratada nos romances do século XIX, com direito a ‘fugas aventurosas’ de nazistas, exílios, sobrevivência na ‘selva’ tropical, reconhecimento e renome em terras estrangeiras e, para afastar de vez o *happy end* banal, lutas e enfrentamentos contra a ditadura da vez na república latino-americana.

A frase é perfeita, mas imprecisa, porque se porventura exista algum registro que ateste o nascimento de um ‘Otto Maria Carpeaux’ na capital austríaca, aos nove dias de março do ano do Senhor de 1900, certamente não se trata do ‘nosso’ Carpeaux. ‘Nosso’ no sentido brasileiro, pois foi neste país que Otto Karpfen, como fora inicialmente registrado, passou a adotar o sobrenome do famoso escultor francês. O ‘Maria’, que atestava a conversão em idade adulta ao catolicismo – ele que nascera em família judia –, já o acompanhava nos muitos dos seus pseudônimos utilizados na Europa, como Otto Maria Karpfen⁴ e Otto Maria Fidelis.⁵ Ele ainda se serviu de ao menos mais um pseudônimo para assinar outra

² “Otto Maria Carpeaux – o estrangeiro ‘abrasileirado’ – fala de sua obra. Entrevista por Nelson Vainer” In *O Semanário*, Rio de Janeiro, 21 a 28/11/1957, p. 16.

³ Foi o próprio Carpeaux que sugeriu a metáfora: “[...] Com exceção de minha aventureira fuga em 1938 e de certas experiências no Brasil, minha vida não teve nada de ‘anedótico’. [...] Minha vida se me afigura hoje como se fosse enredo de um romance, de um ‘plot’ bem inventado.” PEREZ, Renard. “Otto Maria Carpeaux” In _____ *Escritores brasileiros contemporâneos*. 2ª série. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1964, p. 282.

⁴ KARPFFEN, Otto Maria. *Wege nach Rom* – Abenteuer, Sturz und Sieg des Geistes. Wien: Reinhold-Verlag, 1934.

⁵ FIDELIS, Otto Maria. *Österreichs europäische Sendung* – Ein außenpolitischer Überblick. Wien: Reinhold-Verlag, 1935.

obra em solo europeu, Leopold Wiesinger⁶ – o que, não bastasse toda a complexidade inerente à sua existência, já bastaria para ilustrar a ‘ilusão biográfica’ tão criticada por Pierre Bourdieu.⁷

A frase é perfeita, mas limitante, pois desconsidera o período posterior à sua morte, em que a história de sua vida continua presente entre aqueles que cultivam, constroem e/ou disputam sua memória. Se Carpeaux ainda está longe de ter a ‘verdadeira morte’, como a descreveu Jorge Luis Borges⁸, o atual interesse que seu nome vem despertando nos meios acadêmicos e editoriais lhe garantirá uma sobrevida ainda maior, pois o relançamento de obras outrora esgotadas atinge uma geração que somente agora tem o primeiro contato com os seus escritos.

Perfeições à parte, este estudo se fez possível justamente porque intentei ir além daqueles indicadores diacrônicos da frase inicial, mesmo que para isso tivera que desobedecer a objeção de Carpeaux quanto à escrita de sua biografia. Não foi uma desobediência *tout court* pois, explícita ou implicitamente, Carpeaux tratou com ambiguidade a ideia de escrever ou de escreverem sobre a vida. “Já começa a biografia! Eu não lhe dizia que não quero dar entrevistas biográficas? [...] Não faça a minha biografia!” foi sua resposta quando uma entrevista concedida em 1976 enveredava para assuntos pessoais.⁹ Nove anos antes, porém, havia sido protagonista de um curta-metragem em 16 mm dirigido por Maurício Gomes Leite, *O velho e o Novo (Otto Maria Carpeaux)*, cuja sinopse era “A trajetória do intelectual Otto Maria Carpeaux e a realidade política do Brasil após o golpe militar de 1964.”¹⁰ Por outro lado, era notório o seu esforço em omitir, tergiversar sobre o passado europeu, possivelmente dado o seu

⁶ WIESINGER, Leopold. *Van Habsburg tot Hitler*. Antwerpen: Uitgeverij Orbis, 1938.

⁷ Dentre outros aspectos dirigidos aos pesquisadores que “tomam [a] unidade do eu como natural”, Bourdieu abordou o ‘nome próprio’, “atestado visível da identidade do seu portador através dos tempos e dos espaços sociais [...]”. BOURDIEU, Pierre. “A ilusão biográfica” In FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína (Orgs.). *Usos e abusos da História Oral*. 6ª edição. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas editora, 1998, pp. 183-91.

⁸ “Um homem não está verdadeiramente morto a não ser quando o último homem que ele conheceu por sua vez estiver morto”. *Apud* LE GOFF, Jacques. *São Luís*. Trad.: Marcos de Castro. 3ª edição. Rio de Janeiro: Record, 2002, p. 29.

⁹ Concedida a Sebastião Uchôa Leite e Luiz Costa Lima, responsáveis pela revista literária *José*, no número de lançamento desta. Cf.: “Entrevista com Otto Maria Carpeaux” In *JOSE – Literatura-crítica e arte*. n.º 01. Rio de Janeiro: Ed. Fontana, 1976, pp. 03-09.

¹⁰ *O Velho e o Novo (Otto Maria Carpeaux)*. Direção: Maurício Gomes Leite. Guanabara: CAIC; Tecla Filmes, 1967 [PB, 16mm, 30 min.].

engajamento clerical e político conservador no contexto austríaco pré-*Anschluss*.¹¹ Em sentido oposto, concedeu poucas mas preciosas entrevistas no Brasil sobre este mesmo passado, a ponto de precisar que já havia trabalhado redigindo *scripts* de cinema mudo durante dois anos, em Berlim,¹² ou fornecer detalhes sobre o ambiente familiar em que nascera e fora criado.¹³ Porém, embora existam raríssimas exceções, Carpeaux não era afeito a introduzir reminiscências pessoais em seus ensaios, críticas literárias ou escritos políticos, tampouco a ser ele próprio objeto de tais textos. Completando o ambíguo quadro, seus dois últimos livros publicados foram justamente biografias,¹⁴ para não mencionar o forte grau de elementos biográficos inerente ao método ‘estilístico-sociológico’ sob o qual concebeu sua *História da Literatura Ocidental*.¹⁵ Tal ambiguidade resvalou no *corpus* documental ligado a Otto Maria Carpeaux, de natureza escassa e dispersa, reunido majoritariamente em um dos *Arquivos Pessoais de Escritos Brasileiros*, da *Fundação Casa de Rui Barbosa*, no Rio de Janeiro; e no *Setor de Obras Raras da Biblioteca Mário de Andrade*, em São Paulo.¹⁶

Residiria nesta sua ambiguidade o fato de ainda hoje não existir uma biografia sobre Otto Maria Carpeaux? Este foi o segundo problema levantado quando tencionei escrever aquela que seria a sua inédita biografia. O primeiro – por que escrever a biografia de Carpeaux? – mostrava-se cada vez mais tautológico à medida que eu tomava contato com a sua vasta produção intelectual e me distanciava de epítetos vazios e desencarnados ligados a ele, como ‘enciclopédico’, ‘*scholar* europeu’ ou ‘gagogênio’. Afinal, além de ser responsável por um amadurecimento no campo da crítica literária brasileira – tecendo métodos e introduzindo

¹¹ *Anchluss* é a denominação histórica para a anexação austríaca ao III *Reich*, ocorrida em março de 1938.

¹² SENNA, Homero. “Otto Maria Carpeaux” In *Revista do Globo*, Rio de Janeiro, 28/05/1949;

¹³ PEREZ, Renard. “Otto Maria Carpeaux” In _____ *Escritores brasileiros contemporâneos*. 2ª série. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1964, pp. 273-82.

¹⁴ CARPEAUX, Otto Maria. *Hemingway*. Tempo, vida e obra. Rio de Janeiro: Editorial Bruguera/INL, 1971; CARPEAUX, Otto Maria. *Alceu Amoroso Lima por Otto Maria Carpeaux*. Rio de Janeiro: Graal, 1978.

¹⁵ “[...] A literatura é, pois, estudada nas páginas seguintes como expressão estilística do Espírito objetivo, autônomo, e ao mesmo tempo como reflexo das situações sociais[...]” Cf.: CARPEAUX, Otto Maria. *História da literatura ocidental*. vol. 1. 3ª ed. Brasília: Edições do Senado Federal, 2008, p. 40.

¹⁶ Nos capítulos 3 e 5, serão analisados mais detalhadamente o ‘processo de arquivamento’ de Otto Maria Carpeaux e ao papel de sua viúva, Helena Carpeaux, nele.

temas e autores até então desconhecidos ou pouco abordados no país, como Franz Kafka ou Walter Benjamin¹⁷ –, Carpeaux assinou centenas de artigos no campo da crítica literária, da história da cultura e da história da literatura, alguns coligidos e publicados em livros, outros dispersos em suplementos e revistas literárias entre as décadas de 1940 e 1970, entre elas, *História da Literatura Ocidental*, oito volumes de história crítico-literária, cuja abrangência abarca desde as “heranças” greco-romanas às então “tendências contemporâneas”, incluindo a literatura brasileira.¹⁸ Para complementar este vultoso *corpus*, Carpeaux escreveu dezenas de artigos e publicou alguns livros de expresso caráter político, marcados ora por seu engajamento no contexto europeu entre guerras¹⁹, ora por sua também incisiva postura conforrente ao Golpe de 1964 e aos governos ditatoriais decorrentes deste.²⁰

Tendo visto meu primeiro problema transformado em mera indagação retórica, mas não descurando do segundo, esbarrei num aparente paradoxo: a despeito de não existir uma biografia, há um vasto material biobibliográfico produzido sobre Otto Maria Carpeaux. Deparei-me, portanto, não com um, mas com inúmeros Carpeaux: inscritos em perfis, citados em memórias, resumidos em verbetes, indicados em índices onomásticos, literalmente caricaturado, citado em projeto de nome de rua e ‘encadernado’ em pouquíssimos trabalhos acadêmicos.

É certo que desde o início não procurava ‘um’ ou ‘o’ Otto Maria Carpeaux. Não porque a despeito, mas justamente pela revalorização do sujeito na produção historiográfica contemporânea; um sujeito múltiplo, atravessado por suas experiências e pela construção narrativa, sua e de

¹⁷ Sua crítica literária foi apontada por Alfredo Bosi como “divisor de águas entre modos de ler menores [...] e consciência crítica poderosa da literatura como sistema enraizado na vida e na história da sociedade.” Cf.: BOSI, Alfredo. *História concisa da literatura brasileira*. 43ª ed. São Paulo: Cultrix, 2006, p. 496.

¹⁸ CARPEAUX, Otto Maria. *História da Literatura Ocidental*. 1ª edição. Rio de Janeiro: O Cruzeiro, 1959-1966. 8 v. Há mais duas edições da *História da Literatura Ocidental* e uma reimpressão. São elas: CARPEAUX, Otto Maria. *História da Literatura Ocidental*. 2ª ed. revista e atualizada. Rio de Janeiro: Alhambra, 1978-1984. 8v.; CARPEAUX, Otto Maria. *História da literatura ocidental*. 3ª ed. Brasília: Edições do Senado Federal, 2008. 4v.; CARPEAUX, Otto Maria. *História da literatura ocidental*. São Paulo: Leya, 2011. 4v. [Reimpressão].

¹⁹ KARPEN, Otto Maria. *Wege nach Rom*. Op. cit.; FIDELIS, Otto Maria. *Österreichs europäische Sendung*. Op. cit.; WIESINGER, Leopold. *Van Habsburg tot Hitler*. Op. cit.

²⁰ CARPEAUX, Otto Maria. *A batalha da América Latina*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1965; CARPEAUX, Otto Maria. *O Brasil no Espelho do mundo*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1965.

outrem, acerca de tais experiências.²¹ Neste sentido, não procurava esgotar a ‘totalidade de uma vida’, seja esta entendida pelo seu radical grego, *bios*, ou entendida pela acepção *saint-beuviana* de ‘vida-e-obra’.²² Estava convencido: escreveria a biografia de Otto Maria Carpeaux.

* * *

Iniciei aquilo que seria o estado da arte da biografia pelos estudos acadêmicos sobre Carpeaux, notadamente por teses e dissertações que centraram suas análises ou dedicaram alguma atenção aos aspectos biográficos do austríaco-brasileiro.²³ Este foi o caso de *Um diálogo crítico: Otto Maria Carpeaux e as ‘ciências do espírito’*, a primeira dissertação em que, mesmo à guisa de apêndice, alguns marcadores biográficos advindos de pesquisa acadêmica foram publicados. Desta exígua lista de teses e

²¹ DOSSE, François. *O desafio biográfico – escrever uma vida*. Trad.: Gilson César C. de Souza. São Paulo: EdUSP, 2009, pp. 405-10.

²² Segundo Françoise Gaillard, no sentido grego, *bios* “não significa o vivido, mas a vida no que tem de mais orgânico: o corpo”. *Apud* DOSSE, François. *O desafio biográfico*. Op. cit., p. 308 [n. 48]. Sobre o método de Saint-Beuve, da biografia “que se impõe com curtas informações anedóticas que precedem os excertos das obras”, François Dosse dedicou o subcapítulo ‘vidobra’. Cf.: *Idem*, pp. 80-95.

²³ O universo de dissertações e teses sobre Otto Maria Carpeaux compreende: WAIZBORT, Maria do Carmo Malheiros. *Um diálogo crítico: Otto Maria Carpeaux e as ‘ciências do espírito’*. Dissertação (Mestrado em Literatura Comparada). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 1992; VIANNA, Thereza Vicente. *Carpeaux e o futuro da crítica*. Tese (Doutorado em Literatura Comparada). Instituto de Letras, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 1999; VENTURA, Mauro de Souza. *Mentalidade barroca e interpretação – A crítica literária de Otto Maria Carpeaux*. Tese (Doutorado em Literatura Comparada). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 2000 [tese que deu origem à publicação VENTURA, Mauro Souza. *De Karpfen a Carpeaux – Formação política e interpretação literária na obra do crítico austríaco-brasileiro*. Rio de Janeiro: Topbooks, 2002]; OLIVEIRA, Maria Claudete de Souza. *Otto Maria Carpeaux – leitor de poesia brasileira*. Dissertação (Mestrado em Literatura Comparada). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 2001; CÂMARA, Vinícius Bógea. *Otto Maria Carpeaux: exílio, adaptação e modelagem do ‘self’ no Novo Mundo*. Dissertação (Mestrado em Sociologia). Instituto Universitário de Pesquisas do Rio de Janeiro, 2004; e, do mesmo pesquisador, CÂMARA, Vinícius Bógea. *Prismas do exílio: trajetória intelectual e modelagem do self em Anatol Rosenfeld e Otto Maria Carpeaux*. Tese (Doutorado em Sociologia). Instituto de Estudos Sociais e Políticos, Universidade Estadual do Rio de Janeiro, 2010.

dissertações sobre Carpeaux, há mais dois estudos centrados em seus aspectos biográficos: *Otto Maria Carpeaux: exílio, adaptação e modelagem do self no mundo novo*, de Vinícius Bógea Câmara e *De Karpfen a Carpeaux – Formação política e interpretação literária na obra do crítico austriaco-brasileiro*, de Mauro Souza Ventura.²⁴ Guardadas as diferenças entre o objetivo e o aporte teórico-metodológico empregados por esses dois estudos, em comum eles tratam da transformação pela qual Carpeaux atravessou durante os anos de ‘adaptação’ no Brasil; ou, para utilizarmos o título empregado por Ventura, da passagem de *Karpfen a Carpeaux*. O grau e a natureza dessa transformação é o ponto de confronto entre os dois estudos. Enquanto para Ventura há um prolongamento na formação intelectual e na visão de mundo barroca-católica entre Karpfen e Carpeaux – malgrado algumas contingências pontuais quando de sua inserção no Brasil²⁵ – para Câmara a experiência do exílio, o processo de adaptação e ‘modelagem do self’ por Carpeaux entre os anos 1939 e 1943 são, *per se*, chaves para a “transformação definitiva do *quasi*-Carpeaux no Carpeaux que nós conhecemos.”²⁶

A postura que ambos os estudos detêm frente à empresa biográfica e o tipo de fonte que privilegiaram e/ou tiveram acesso também incidiram nos resultados alcançados, muitas vezes díspares. *De Karpfen a Carpeaux* é textualmente descrito como um “estudo crítico-biográfico”²⁷, para o qual mais de 250 ensaios de Carpeaux foram examinados, contando ainda com dados biográficos indiretos (muitos dos quais sem a indicação da fonte) e uma contextualização da Viena das primeiras décadas do século XX, a ‘Viena de Karpfen.’²⁸ Já o estudo de Vinícius Câmara é peremptório ao negar tanto uma forma acrítica de escrita biográfica quanto “a simples instrumentalização de conceitos e noções ligados ao domínio dos estudos literários.”²⁹ Seu enfoque, portanto, tem forte ancoragem na sociologia da

²⁴ Optei por trabalhar com a dissertação, e não a tese, de Vinícius Bógea Câmara, pois as reflexões e os marcadores teórico-metodológicos lá aparecem pela primeira vez e não sofreram mudanças significativas no estudo posterior – afora o elemento comparativo entre Carpeaux e Rosenfeld. Também optei por analisar a versão publicada em livro do estudo de Mauro Souza Ventura.

²⁵ VENTURA, Mauro Souza. *Op. cit.*, p. 51.

²⁶ CÂMARA, Vinícius Bógea. *Op. cit.*, p. 82.

²⁷ VENTURA, Mauro de Souza. *Op. cit.*, p. 11.

²⁸ *Idem*, p. 21. ‘Viena de Karpfen’ é o título do primeiro capítulo do estudo de Ventura.

²⁹ “[...] Assumo desde o início os riscos de não trilhar um caminho já relativamente desgastado, qual seja, a obediência à seca ordem da descrição dos fatos, através de um ementário pálido sobre o que antigamente se chamava de ‘fortuna crítica do autor’, seguido fotograma das polêmicas, das influências, das

cultura, sociologia dos intelectuais e na história das ideias, ou seja, conta com um sólido arcabouço teórico, mas possui pouca pesquisa arquivística. Desses dois estudos, depreendem-se dois contrastantes quadros:

O objetivo agora é procurar os elementos filosóficos que compõem seu pensamento e seus escritos, cuja matriz está na civilização da casa da Áustria. [...] Esses elementos formadores estão presentes não apenas em *Österreichs europäische Sendung* [...] mas prolongam-se nos artigos brasileiros de Carpeaux, escrito nos anos 40 de 50. Portanto, aqui já não cabe mais a separação entre o Karpfen e o Carpeaux. A fase austríaca e a brasileira estão unidas por uma continuidade de pensamento: a visão de mundo barroco-católica da casa da Áustria.³⁰

Não houve uma continuidade completa entre os projetos de Otto Karpfen [...] e os de Otto Maria Carpeaux. No máximo, existiria apenas um reprocessamento de determinados temas e motivos que, lapidados originalmente pela sua específica formação (*Bildung*) vienense, surgiriam, redivivos e adaptados, num novo contexto, qual seja, o exílio europeu.³¹

A pesquisa de Ventura sobre o passado de Karpfen em Viena representou um esforço até então inédito no sentido de calibrar a formação intelectual e a atuação política daquele exilado. Tomando como principais elementos do pensamento de Karpfen o clericalismo político e o conceito de missão histórica a ser desempenhada pela Áustria na Europa – sintetizado na obra *Österreichs europäische Sendung* –, Ventura procurou mapear a visão e a atuação conservadora desempenhada por Karpfen naquele delicado período austríaco. Sob o ponto de vista historiográfico, porém, percebe-se que o *bandicap* na análise de Ventura reside no *parti pris* de sua tese: buscar a permanência da visão de mundo de Karpfen em Carpeaux, desconsiderando as transformações pelas quais o austríaco passou ao chegar e viver no Brasil. Transformações pessoais, mas também

anedotas e dos méritos ligados à vida de quem se está estudando.” CÂMARA, Vinícius Bógea. *Op. cit.*, p. 09.

³⁰ VENTURA, Mauro de Souza. *Op. cit.*, p. 51.

³¹ CÂMARA, Vinícius Bógea. *Op. cit.*, p. 10.

profissionais, oriundas do contato com uma sociedade, uma língua e uma literatura totalmente novas.

Ventura admite as contingências às quais Carpeaux estivera submetido nos primeiros anos em solo brasileiro, dentre elas a ocupação como crítico jornalístico – um “meio de sobrevivência” – e não como um ensaísta ou um pesquisador, posições mais próximas de sua formação europeia: “projetos que o destino se encarregou de abortar.”³² Mas sua pedra de toque é mesmo os efeitos da mentalidade barroca e vienense nos escritos brasileiros de Otto Maria Carpeaux,³³ que estariam não só presentes nas duas primeiras coletâneas de ensaios – *A Cinza do Purgatório* e *Origens e Fins*, como também na *História da Literatura Ocidental* e nas demais obras do autor das décadas de 1940 e 1950.³⁴ Ventura é minucioso na sua comparação entre essas primeiras coletâneas publicadas por Carpeaux no Brasil e as matrizes europeias de sua visão católico-barroca de mundo. Tanto *A Cinza do Purgatório* quanto *Origens e Fins* reúnem os primeiros ensaios publicados pelo austríaco no *Correio da Manhã*. Estender essa influência aos demais escritos de Carpeaux e, no limite, aos seus posicionamentos políticos é o que chama a atenção. O próprio espaço ocupado por essas duas coletâneas no estudo de Ventura, em detrimento aos inúmeros outros escritos de Carpeaux (que aparecem muito dispersos e/ou citados monograficamente) demonstram um certo grau de generalização.³⁵

Já a figura do *quasi*-Carpeaux criada por Vínicius Bógea Câmara foi-me deveras auspiciosa para a aproximação de um Carpeaux em adaptação ao meio que se figurou primeiro como refúgio e depois como exílio. Passar a assinar Carpeaux ao invés de Karpfen; criar estratégias que lhe permitissem ter uma postura de “acomodação no mundo” e não de “dominação do mundo”³⁶; distinguir-se de outros exilados ao não buscar

³² VENTURA, Mauro de Souza, *Op. cit.*, p. 18.

³³ *Idem*, p. 51

³⁴ *Ibidem*.

³⁵ Outros estudos que também trataram das primeiras produções de Carpeaux no Brasil relativizam a tese de Ventura. Thereza Vicente Vianna, autora da tese *Carpeaux e o futuro da crítica*, demonstrou que tanto os temas latino-americanos quanto os autores brasileiros analisados por Carpeaux nesses primeiros anos, dentre os quais Sérgio Buarque de Holanda, calibraram o que Ventura denominou de ‘visão barroca’ de Carpeaux. Um exemplo é a leitura que o austríaco-brasileiro fez das raízes ibéricas da América Latina, através de *Raízes do Brasil*. Cf.: VIANNA, Thereza Vicente. *Op. cit.*, pp. 43-9.

³⁶ Vínicius Câmara registrou o seu diálogo com os temas weberianos de “acomodação” e “dominação do mundo”, associados pelo sociólogo alemão aos princípios confucionista e puritano, respectivamente. Por seu turno, o autor

“em nenhum momento, estratégias que lhe pusessem numa posição de vantagem, única e exclusivamente pelo fato de ser representante da tradição da Europa”³⁷ são algumas das ações listadas pelo autor para definir o que chamou de “técnica de adaptação, motivada pelo exílio sem possibilidades de retorno”³⁸ a que Carpeaux teria se valido entre 1939 e 1941 – justamente o momento do *quasi*-Carpeaux. Ainda segundo Câmara, tais técnicas de adaptação somadas ao conceito de ‘automodelagem’ – *self-fashioning* – são capazes de explicar o quadro de transformação autogerida por Carpeaux a partir de seu estabelecimento no Rio de Janeiro, em 1941, em que, “para ser aceito, [ele] deveria ser, a um só tempo, o adaptado e o estrangeiro, o herói da alta civilização e o modesto servo das letras naturalizado brasileiro, o monstro da erudição e o campeão da modéstia.”³⁹

Entendido por Câmara e suas referências teóricas⁴⁰ como uma transformação (e não formação) a demandar a “existência prévia de conteúdos formativos que, uma vez reelaborados, passam a compor o suporte mesmo em que se dá a nova orientação da personalidade,”⁴¹ o *self-fashioning* do qual Carpeaux lançou mão estaria ligado a uma “flexibilidade tática”: mais uma vez, o pseudônimo adotado naquele período confirmaria tal assertiva, posto que compreendia a porção formativa europeia, *Otto*, e a estratégia de adaptação ao novo ambiente, *Carpeaux*. *Maria* figuraria como o aglutinador desses dois mundos, eles próprios espiritualmente católicos.⁴²

Percebe-se que, a despeito do mérito no estudo de Câmara em se debruçar sobre um período de explícita transformação para Carpeaux, a forte carga teórica com a qual instrumentalizou suas análises, no limite, hiperdimensionou o sujeito e o cristalizou a um determinado período histórico. No primeiro caso, destaca-se um sujeito cioso de sua formação e

associou a estratégia de Carpeaux da “acomodação do mundo” com a sua herança barroco-católica. Cf.: CÂMARA, Vinícius Bógea. *Op. cit.*, pp. 74-82.

³⁷ *Idem*, p. 81.

³⁸ *Idem*, p. 82.

³⁹ *Idem*, p. 94.

⁴⁰ Para o conceito de *self-fashioning*, NEHAMAS, Alexander. *Nietzsche: life as literature*. 10ª reimpr. Cambridge: Harvard University Press, 1996; para o conceito de *self-fashioning* como autocancelamento, GREENBLATT, Stephen. *Renaissance self-fashioning: from More to Shakespeare*. Chicago: The University of Chicago Press, 1980 e para a diferenciação entre flexibilidade horizontal *versus* flexibilidade vertical do *self*, GREENE, Thomas. *The flexibility of the self in Renaissance literature*. In DEMETZ, Peter; GREENE, Thomas; NELSON Jr., Lowry. *The disciplines of criticism*. New Haven: Yale University Press, 1968, pp. 241-64. *Apud*: CÂMARA, Vinícius Bógea. *Op. cit.*, p. 101.

⁴¹ *Idem*, p. 84.

⁴² *Idem*, p. 92-4.

agente de uma hercúlea transformação, que pressupõe ações estratégicas no sentido de sua adaptação e inserção no universo intelectual brasileiro, mas há pouco espaço para as negociações e as contingências inerentes a esse tipo de processo. No segundo, a forte tinta com a qual Vinicius Câmara pintou a “experiência do exílio” de Carpeaux no Brasil, embora respaldada pelo seu recorte cronológico, não dá a devida importância para os demais momentos, igualmente críticos e incertos, vividos por Carpeaux em solo brasileiro. Segundo Câmara, essa experiência “pode ser concebida como uma importante chave de entendimento do processo de formação e consolidação da personalidade de Carpeaux no Brasil, também *influenciando definitivamente* os seus escritos, sua opção pela crítica editorial, seu posicionamento político [...]”⁴³ Encerrando sua análise em 1943, ao dar como completa a adaptação e a modelagem do *self* por Carpeaux quando de sua “integração oficial” ao Brasil, via naturalização⁴⁴, o estudo de Câmara acaba por subestimar as campanhas de difamação as quais Carpeaux sofreria ainda na década de 1940⁴⁵, e mesmo o *turning point* que o Golpe de 1964 e a ditadura que o seguiu representariam na sua vida e nos seus escritos.

Avançando nas pesquisas preparatórias para a escrita da biografia, descobri que tampouco os primeiros anos de Carpeaux no Brasil estiveram isentos de outras possibilidades. Uma delas era o retorno para a Europa, antes ou depois da II Guerra Mundial – a exemplo do caminho seguido por vários intelectuais exilados naquele período. Pude constatar que, além de ser fruto de seu profícuo trabalho, a imagem ‘ilustre e renomada’ de ensaísta muito se deve a construções *a posteriori*, suas e de outrem; mesmo assim, ela é apenas uma das imagens possíveis sobre Carpeaux. Também percebi que precisava calibrar minha lente para também poder enxergar imagens menos ‘monumentais’⁴⁶ de suas experiências em solo brasileiro.

Emaranhado às múltiplas e díspares imagens de Otto Maria Carpeaux, o que a princípio seria o estado da arte de uma biografia passou

⁴³ *Idem*, p. 10. Itálicos meus.

⁴⁴ *Idem*, p. 82. Câmara se equivoca ao grifar 1943 como o ano em que Carpeaux obteve a naturalização brasileira. Seu pedido foi feito em 1942 e o documento emitido em 1944. Cf. Oc. Dp. 01. In *Acervo da Fundação Casa de Rui Barbosa*. Arquivos Pessoais de Escritores Brasileiros – APEB. Fundo/Coleção: Otto Maria Carpeaux.

⁴⁵ O autor tem conhecimento, mas as considera “pequenas campanhas” e afirma que não tocará no assunto senão de forma superficial. Cf.: CÂMARA, Vinicius Bógea. *Idem*, p. 15.

⁴⁶ Para utilizar a expressão nietzschiana. Cf.: NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. *Segunda consideração intempestiva*: da utilidade e desvantagem da história para a vida. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 2003.

para primeiro plano: em quais contextos, sob quais circunstâncias, por quem, segundo quais interesses e como foram criadas, estabelecidas, sustentadas e reivindicadas tais imagens? Trabalhei com a hipótese de que elas estiveram em constante construção. Assim, pude compreender que o diálogo no interior deste verdadeiro *work-in-progress* é histórico, na medida em que cada momento um ou mais Carpeaux emergiram; é político, na mesma medida; e guarda estreita relação com a natureza de tais imagens.

Minha intenção foi a de apontar os momentos de criação dessas imagens. A exemplo de estudos metabiográficos⁴⁷, intentei aproximar-me do contexto, da natureza e dos atores envolvidos em tais construções. Outro objetivo foi o de levantar e apresentar o que denominei de ‘outras imagens’ sobre Otto Maria Carpeaux – inclusive aquelas referentes ao seu passado europeu –, de forma a contrapô-las a uma escrita histórica contínua, linear, coerente, homogênea e vazia, cujos métodos não diferem da “empatia com o vencedor”, tal qual Walter Benjamin identificou a historiografia historicista.⁴⁸ Em suma, contrapô-las a uma escrita da história em que não há espaço para as contradições e para a complexidade inerente à toda trajetória de vida.

* * *

A literatura acadêmica contemporânea sobre o gênero biográfico tem se constituído a partir das distinções entre *Vidas* e biografia; entre biografias clássicas, românticas e modernas; entre idades biográficas heroicas, modal e hermenêutica.⁴⁹ Reside também nesta literatura uma

⁴⁷ Essa forma de abordagem ocupa um lugar de destaque nos estudos biográficos, o que por si só revela a pluralidade da escrita biográfica crítica. Cf.: WERNECK Maria Helena. *O homem encadernado* – Machado de Assis na escrita das biografias. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1996; CABRAL, Carla Giovana. *Cinco histórias: narrativas biográficas de Clarice Lispector*. Dissertação (Mestrado em Literatura). Centro de Comunicação e Expressão, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 1999; RUPKE, Nicolaas A. *Alexander von Humboldt – A metabiography*. Chicago: University of Chicago Press, 2008; MALCOLM, Janet. *A mulher calada* – Sylvia Plath, Ted Hughes e os limites da biografia. Trad. Sérgio Flaksman. São Paulo: Cia. das Letras, 2012;

⁴⁸ BENJAMIN, Walter. “Teses Sobre o conceito de história” – Tese VII. In LÖWI, Michel. *Walter Benjamin: aviso de incêndio*. Uma leitura das teses ‘Sobre o conceito de história’. Trad. Wanda Nogueira Caldeira [Tradução das teses: Jeanne-Marie Gagnebin, Marcos Lurz Muller]. São Paulo: Boitempo, 2005, p. 70.

⁴⁹ François Dosse aponta a distinção entre ‘relato de uma vida’ e ‘biografia’, tendo o século XVII, a Modernidade, como limítrofes para as duas formas de escritas. Um sintoma desta distinção é a entrada tardia da palavra *biografia* nos

preocupação em distinguir biografias modernas e não-modernas, segundo a “capacidade de dar conta das relações humanas próprias à modernidade”⁵⁰, bem como historicizar a objeção e a “volta’ da biografia ao campo do conhecimento histórico”⁵¹ – sem descurar da natureza historiográfica da biografia histórica, permeada pelas regras do *métier* que lhe são próprias.⁵²

Portanto, ao designar Otto Maria Carpeaux como *persona*, fragmentado e oposto ao ‘sujeito centrado e uno’, é com esta literatura que estou dialogando. E mesmo diante de uma dada descrição autobiográfica – “Eu nasci em Viena, em 09 de março de 1900, de nacionalidade austríaca, católico romano, casado”⁵³ –, não a tomei como um dado atemporal, mas atravessada pelo contexto e pela natureza de sua criação. Acrescentar que encarei aquelas imagens de Carpeaux a partir do presente, segundo as questões e as ferramentas propostas pela História do tempo presente –

dicionários europeus, justamente no final do século XVII. Entretanto, Dosse segue “caminho diferente”, apresentando três modalidades de abordagem biográfica (‘Idade heroica’; ‘Idade modal’; e ‘Idade hermenêutica’), a fim de preservar o “caráter híbrido do gênero biográfico”. Cf.: DOSSE, François. *Op. cit.*, pp. 11-3. Giovanni Levi também dedicou um interessante artigo sobre os diferentes ‘usos da biografia’ (‘prosopografia’; ‘biografia modal’; ‘biografia e contexto’; ‘biografia e casos extremos’; e ‘biografia e hermenêutica’) com os quais os historiadores passaram ‘recentemente’ a abordar o problema biográfico. Cf.: LEVI, Giovanni. “Usos da biografia” In FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína (Orgs.). *Usos e abusos da História Oral. Op. cit.*, pp. 167-82.

⁵⁰ LORIGA, Sabina. *O pequeno x: da biografia à história*. Trad.: Fernando Scheibe. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2011, pp. 27-33. Sobre tudo relacionada à “uma nova forma de narração capaz de exprimir as contradições da vida”, ao rompimento do ‘sujeito tradicional pleno’, ao lugar dado ao acaso e ao ato não-consumado, dentre outros pressupostos.

⁵¹ SCHMIDT, Benito Bisso. “História e biografia”. In CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo (Orgs.). *Novos domínios da história*. Rio de Janeiro: Elsevier, 2012, pp. 187-205. Schmidt relaciona esta ‘volta’ da biografia à crise do paradigma estruturalista; ao retorno ao indivíduo como *locus* privilegiado dos processos históricos; à introdução de diferentes ‘escalas’ para tratar desses mesmos processos históricos, epistemologia e método próprios da micro-história; e às “falhas do presentismo”, entendido como um dos ‘regimes de historicidades’. *Idem*, pp. 192-4.

⁵² *Idem*, pp. 195 e ss.

⁵³ Carta CP-AAL, 14/10/1939. In *Centro Alceu Amoroso Lima pela Liberdade*. Acervo *online*: <<http://www.alceuamorosolima.com.br/>>, acesso 09 dez. 2012. [Tradução livre do original: “Je suis né à Vienne, le 9 mars 1900, de nationalité autrichienne, catholique romain, marié].

sobretudo a partir das ‘falhas do presentismo’⁵⁴ – não esgota o gesto principal empreendido nesta leitura, qual seja, a tentativa de fixar “imagens dialéticas”, de criar “constelações formadas no lampejo entre o ocorrido e o agora”⁵⁵, referentes a Otto Maria Carpeaux. Imagens “autenticamente históricas e não-arcaicas”, para usar a caracterização benjaminiana, em que a relação do presente com o passado não seja puramente temporal e contínua, mas dialética.⁵⁶

Agindo como o ‘trapeiro’ ao que se referiu Walter Benjamin, com o olhar voltado também para os pequenos detalhes, tentei evitar a hierarquização dos fatos e das fontes acerca de Carpeaux, de modo a expandir o caráter institucional e oficialístico de arquivo. Otto Maria Carpeaux foi o meu arquivo, e o esboço biográfico que se segue é fruto de meus encontros com este arquivo. De meus encontros *em* Carpeaux. Através desses encontros, acedi a momentos significativos da história política, social e cultural do século XX – não raro, a momentos em que o primado da força se fez presente na vida de milhões de Ottos, de Marias, de Karpfens, de Carpeauxs.

Lugar de fragmentos por excelência, esse esboço está montado em duas partes. Na primeira, *Imagens possíveis*, foram citadas as muitas imagens construídas por e sobre Carpeaux – desde a sua chegada ao Brasil até imagens póstumas, algumas das quais produzidas recentemente. Subsidiadas por essas imagens, na segunda parte, *Montagens possíveis*, apresento duas possibilidades de exercício biográfico: pela leitura alegórica do documentário *O velho e o Novo (Otto Maria Carpeaux)*, documentário produzido no contexto ditatorial brasileiro, dirigido por Maurício Gomes Leite e entendido como uma reelaboração biográfica concernente ao passado europeu de Carpeaux e instrumento de intervenção política naquele contexto; e pelo *Caderno de Imagens Críticas*, conjunto de narrativas imagéticas fruto de meus encontros *em* Carpeaux.

Acredito que não há, necessariamente, uma única forma de ler esse esboço biográfico. Mesmo as imagens da primeira parte, que seguem certo fluxo cronológico, podem ser ressignificadas quando lidas em contraponto a outras, produzidas em contextos ou sob condições diferentes. Em alguns

⁵⁴ Sobretudo quanto à emergência e o lugar da memória na contemporaneidade. Cf.: HARTOG, François. *Regimes de historicidade: presentismo e experiência do tempo*. Trad.: Andréa Souza de Menezes *et alii*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2014.

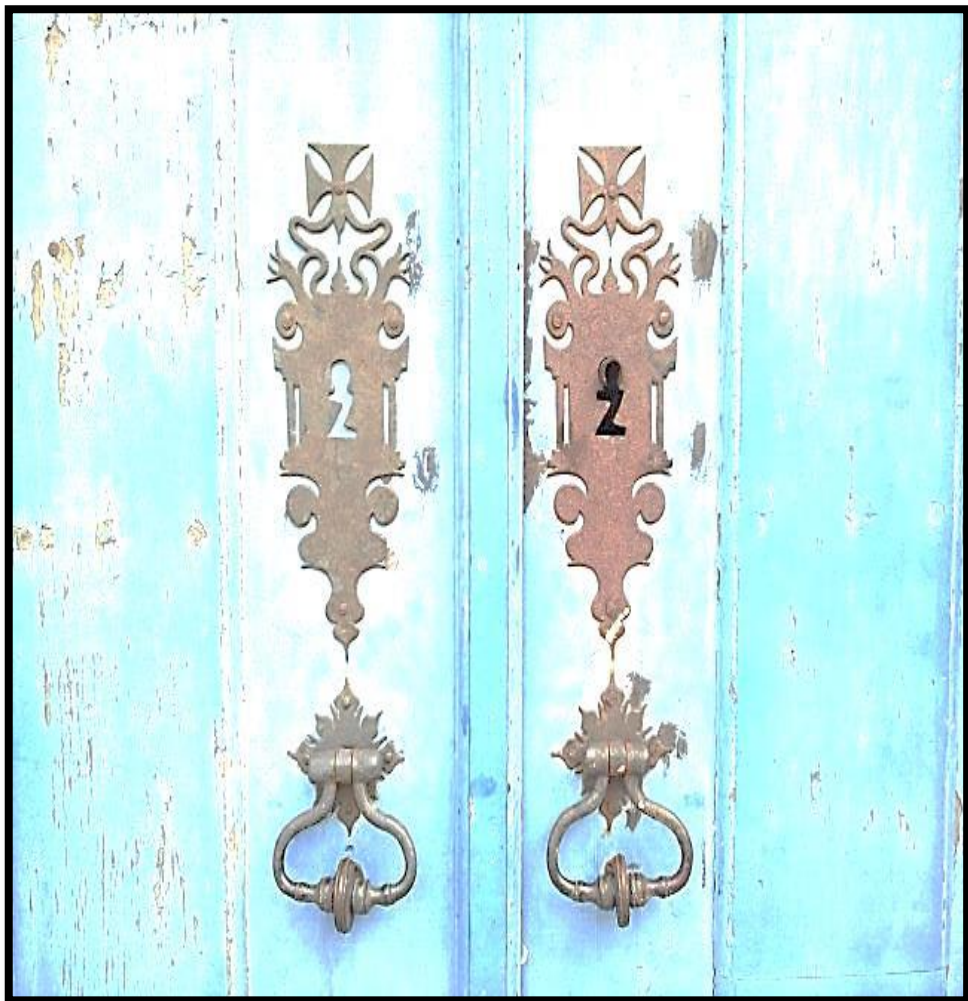
⁵⁵ BENJAMIN, Walter. *Passagens*. Trad.: Irene Aron *et alii*. Organização da edição brasileira: Willi Bolle. Belo Horizonte: Editora UFMG; São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2006, p. 505 [N 3, 1].

⁵⁶ BENJAMIN, Walter. *Op. cit.*, p. 504 [N 2a, 3].

momentos da construção da *persona* Carpeaux, volta-se a um mesmo dado biográfico, mas a imagem construída sempre é outra. Construído em diálogo com o princípio da montagem, esse esboço não pretendeu *encadernar* Otto Maria Carpeaux, mas pensar a sua passagem por espaços e tempos diversos a partir de uma dada *cesura*: a do presente, no “agora da cognoscibilidade.”⁵⁷

⁵⁷ BENJAMIN, Walter. *Op. cit.*, p. 505 [N 3, 1].

I
IMAGENS POSSÍVEIS



1.

Karpfen-Carpeaux: novas imagens e possibilidades

Volto do enterro no São João Batista. [...] Ao atravessar o jardim, encontro Jacobo de Giorgio lendo num banco. Seus encontros me agradam, numa mescla de sedução e mortificação. [...] Trazem-me a alegria dos encantos comuns – Renard, Jens Peter Jacobsen, Thornton Wilder – impulsionam-me para a descoberta de tantos valores despercebidos – Kafka, Holderlin, Lichtenberg, o desempenado anão e corcunda para quem ‘um dia será tão ridículo crer em Deus como hoje acreditar em fantasmas’.

Parei:

– Que está lendo com tanto interesse?

– Estou relendo. Um xará: Jacó Burckhardt.

Não precisaria ser lince para ver no meu rosto o sinal do desconhecimento. E falo-me de Burckhardt, que para nós, no momento que atravessamos, tornou-se o conselheiro íntimo da nossa angústia, profeta que esperava crises terríveis, mas que nenhuma revolução anularia a sinceridade, a sua verdade interior – antes de tudo, será preciso ser sincero, sempre sincero.

Expõe em ordem direta, sem interpolações esdrúxulas, como um bom condutor de ideias. Sua linguagem e o fluxo lógico, concatenante da sua explanação, têm muito do divulgador, todavia lhe sobra, abundante, o conteúdo do ensaísta, do pensador.

Adivinho a onda que poderá formar contra si, com a extensão da sua formação humanística, com a sua severidade de criticismo europeu, aferição rude para as nossas almas auto suficientes, sem lastro e sem tradição, tão afeitas ao ligeirismo da crítica impressionista, tão acostumadas ao adjetivo fácil e rotundo, à louvação desenfreada, sensitivas, que ao mais leve reparo ou remoque se ofendem, se revoltam e, revoltadas, mordem, apunhalam!

‘Apresentação de um companheiro europeu em exílio’

Foi sob o este título que, em 19 de abril de 1941, o nome Otto Maria Carpeaux debutou na imprensa brasileira. Enquanto a primeira página do matutino carioca *Correio da Manhã* informava sobre o bombardeio alemão a Londres, a morte do primeiro ministro grego e o avanço italiano sobre a Albânia,¹ o já respeitável crítico literário Álvaro Lins escrevia, na página seguinte e ainda em conexão com as notícias da primeira página, aquele que seria o artigo de apresentação de um escritor austríaco exilado e futuro colaborador do *Correio da Manhã*, informando os primeiros dados biográficos sobre Carpeaux, a começar pelo pseudônimo:

Ainda na Europa, Carpeaux já não utilizava o seu nome pessoal para os seus artigos e livros. Esta deliberação é uma consequência do seu propósito de jamais confundir uma vida particular de pequeno burguês com uma vida pública de escritor combativo e inconformista.²

Parece significativo que o nome de batismo de Carpeaux, Otto Karpfen, não tenha sido sequer mencionado nesta apresentação, e que a própria escolha do pseudônimo seja apresentada por Lins como indicativo do interesse e capacidade do exilado em “se despersonalizar dentro de suas ideias. [...] A escolha deste nome francês [...] se torna explicável por intermédio da formação intelectual do escritor e da formação histórica de sua pátria. O caso pessoal de Otto Maria Carpeaux não é propriamente de cosmopolitismo; e sim de universalismo.”³ Mas até mesmo este espírito universalista e ecumênico – “os fundamentos de sua vida e da sua cultura são os da Igreja e um homem católico há de ser, antes de tudo, um espírito ecumênico”⁴, continuaria Álvaro Lins – carecia de maiores dados imanentes, sobretudo porque Carpeaux passaria a integrar o meio literário

* Referência da página anterior: REBELO, Marques. *O trapicheiro*. Primeiro tomo de O espelho partido. 2ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984, p. 470.

¹Jornal *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 19/04/1941, p. 01.

²LINS, Álvaro. “Apresentação de um companheiro europeu em exílio” In *Jornal Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 19/04/1941, p. 02. Há uma pequena diferença entre o artigo original, publicado no *Correio da Manhã* e aquele transcrito na coletânea de ensaios de Álvaro Lins, *O relógio e o quadrante*, publicado em 1964. No artigo posteriormente transcrito, aparece a expressão “[...] confundir uma vida pessoal de *cidadão pacífico* com uma vida[...].” Cf. LINS, Álvaro. “Apresentação de um companheiro europeu em exílio” In _____ *O relógio e o quadrante*. Ensaios e estudos 1940-1960. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1964, pp. 153-160. [Itálicos meus]

³LINS, Álvaro. “Apresentação de um companheiro europeu em exílio” In *Jornal Correio da Manhã*. *Op. cit.*

⁴*Idem*

brasileiro, e a aposta por parte do crítico pernambucano para que esta inserção fosse positiva era grande: “Estou certo de que a presença de Otto Maria Carpeaux no nosso meio literário significará uma nova corrente de vida, muito rica de sugestões, de ensinamentos, de afirmações morais e intelectuais.”⁵ Quem era, então, segundo esta primeira apresentação ao meio literário, o escritor austríaco de pseudônimo francês, Otto Maria Carpeaux?

Na página dois daquela edição do *Correio da Manhã*, Carpeaux foi apresentado como escritor político que deixara sua pátria “cinco dias após a invasão nazista” – aquilo que ficou conhecido com o *Anschluss*, anexação da Áustria pelo III *Reich* – e que, “apesar da universalidade de seu espírito”, ainda encontrava-se em exílio. Álvaro Lins reforça que o caminho até o Brasil fora longo: “Itália, Suíça, Bélgica. Depois, por uma intervenção do Papa Pio XII, o Brasil”. A falta de oportunidade profissional dos primeiros meses não havia garantido segurança suficiente para que Carpeaux vislumbrasse o Brasil como o seu *locus* de refúgio. Álvaro Lins menciona a intenção do escritor em “desdobrar o seu caminho de exílio”, ou seja, sair do Brasil em busca de novas oportunidades:

Em setembro de 1939, entrava em nossas fronteiras. Dois meses, no Rio; um ano, em São Paulo; agora, a volta ao Rio, com o projeto de desdobrar o seu caminho de exílio. *Uma iniciativa do Correio da Manhã*, porém, faz paralisar, ao menos momentaneamente, este projeto. O escritor austríaco, a que estou me referindo, começará a escrever amanhã, no *Correio da Manhã*, sob o pseudônimo de Otto Maria Carpeaux.⁶

Esta passagem é importante porque já indica, ao menos implicitamente, as hoje conhecidas agruras vividas por Carpeaux nos seus primeiros meses no Brasil, antes do início de sua colaboração no *Correio da Manhã*. Também é interessante notar que na edição publicada em 1964 deste mesmo artigo, a iniciativa em fixar Carpeaux no Brasil através da oportunidade de emprego foi personalizada por Álvaro Lins, que modificou a frase original “Uma iniciativa do *Correio da Manhã*” para “Uma iniciativa que me coube levar à prática, nos últimos dias [...]”.⁷ É desta mesma edição o subtítulo dado ao artigo de apresentação de Carpeaux, inexistente no publicado em 1941: “Como do exilado Otto Maria Karpfen,

⁵ *Ibidem*. No trecho, há outro descompasso com o artigo republicado na coletânea *O relógio e o quadrante*: Nesta versão, o “Estou certo [...]” foi substituído por “Espero que [...]”. Cf.: LINS, Álvaro. *Op. cit.*, p. 159.

⁶ *Ibidem*. [Itálicos meus].

⁷ LINS, Álvaro. *Op. cit.*, p. 153.

já em desespero humano, surgiu o nome literário Otto Maria Carpeaux, lançado na imprensa brasileira.”⁸

Mas voltemos ao que Álvaro Lins escrevera em 1941 – ano em que o Brasil vivia em pleno Estado Novo varguista. Depois de apresentar o austríaco exilado e explicar o porquê do uso e do pseudônimo escolhido, Lins relacionou o caráter multicultural de Viena – “ponto de encontro de três mundos diversos: o mundo germânico, o mundo eslavo e o mundo latino” – ao caráter também multifacetado da especialização profissional de Carpeaux na Europa: “A sua especialização se orientou no sentido da literatura comparada, para qual levou um conhecimento de oito línguas vivas e mortas, inclusive, hoje, da portuguesa. Escreve, com a mesma naturalidade, em alemão, em holandês ou em francês; e dentro em pouco escreverá na nossa língua [...]”.⁹ Após este trecho, Álvaro Lins descreve algumas atividades desenvolvidas e algumas obras publicadas por Carpeaux na Europa, ligadas ao catolicismo político muito ativo no continente europeu daquele período. Segundo Lins, Carpeaux havia escrito artigos para a revista belga *Cité Chrétienne*, em francês; em alemão, como diretor da página cultural de *Reichpost* – “principal diário católico da Áustria”; e em holandês, como redator de *Gazet van Antwerpen*, “grande jornal católico da Bélgica flamenga”. Ainda segundo Lins, Carpeaux também fora redator-chefe de *Berichte zur Kultur und Zeitgeschichte*, “revista austríaca e ponto de convergência dos católicos mais inteligentes e lúcidos.”¹⁰

Na listagem das obras publicadas, Lins menciona “uma obra de apologia do catolicismo ‘largo’ e evangélico, contra o catolicismo ‘estreito’ dos bem pensantes” – provavelmente *Caminho para Roma [Wege nach Rom]* –¹¹, além de *A missão europeia da Áustria [Österreichs europäische Sendung]*¹², publicada por Carpeaux em 1935 sob o pseudônimo de Otto Maria Fidelis. Ainda segundo Lins, este teria sido o livro de predileção do chanceler austríaco Engelbert Dollfuß, em que ele encontrara “tranquilidade em meio aos tormentos e inquietações de seus últimos dias.” Álvaro Lins constrói uma equação complexa ao identificar a importância de uma obra do exilado austríaco à figura de um primeiro ministro que, até o seu assassinato, em 1934, governara a Áustria de forma centralizadora, dissolvendo partidos políticos e sendo apoiado pela guarda civil fascista

⁸ *Idem*.

⁹ LINS, Álvaro. *Op. cit.*, p. 02.

¹⁰ *Ibidem*.

¹¹ *Ibidem*. Assinado como Otto Maria Karpfen e publicado em 1934. Cf.: KARPFFEN, Otto Maria. *Wege nach Rom. Op. cit.*

¹² Cf.: FIDELIS, Otto Maria. *Österreichs europäische Sendung. Op. cit.*

Heimwehr.¹³ Lins baseia-se no também complexo contexto austríaco pré-*Anschluss*: mesmo sob uma constituição de caráter corporativista, tendo um único partido (Frente da Pátria), o governo Dollfuss era contrário à anexação austríaca pelo III *Reich*, sendo esta a ponte diálogo entre o governo austro-fascista e Otto Maria Carpeaux:

Directores
M. PAULO FILIHO
Redacção e Officinas — Av. Grande Tribuna, 81/82
Administradores
COSTA BRITO

Correio da Manhã

Director-Geral
MARIO ALVES
Abastecedores — Sr. Gomes Viana, 81/82
Ano XLV

OS ALEMÃES ESTÃO LANÇANDO FURIOSA E INCESSANTEMENTE ATAQUES EM MASSA CONTRA OS GREGOS E BRITANICOS

Repelidos os alemães em um combate particularmente feroz e sangrento

LONDRES, 14 (Reuters) — "As Heráld"

REVIDANDO O BOMBARDEIO DE LONDRES Poderosas esquadilhas da R.A.F. desfecharam violentos ataques contra Berlim

CRITICA LITERARIA

Um novo companheiro

ALVARO LINS

No dia 16 de março de 1938 um escritor austríaco deixava a sua pátria, cinco dias depois da invasão nazista. Mais um episódio de exílio começava neste longo e interminável martírio da inteligência sobre a terra. É verdade que este escritor, austríaco do nascimento, amplara, pelo espírito, a sua pátria: tornara-se um escritor europeu e universal. O exílio, contudo, também amplara os seus elevados morais: tornara-se um fenómeno de todos os homens em todas as terras. O escritor que abandonou o seu país, numa fuga perigosa e cheia de aventuras, continha, assim, em exílio, apanha da universalidade do seu espírito. Ele próprio escreverá mais tarde: "Tout le monde est en exil. Ce ne sont point les émigrés, eux seuls, qui s'exilent. C'est toute l'Europe, et, bientôt plus que l'Europe. Toute l'humanité a pris ses tentes pour se mettre en route".

O seu caminho de exílio foi longo: Itália, Suíça, Bélgica. Depois, por uma intervenção do papa Pio XII, o Brasil. Em setembro de 1939, entrava em novas fronteiras. Dois meses no

legas brasileiros a conhecê-lo de perto — estou certo que a sua situação, na nossa vida literária, val constituir um acontecimento de excepcional significação. Tenho, diante de mim, as cartas que me escreveu de São Paulo, um caderno de notas pessoais, os seus primeiros artigos para o *Correio*. Todos estes documentos revelam, ao mesmo tempo, um homem e um escritor: um homem, moralmente muito forte, em harmonia com um escritor, intelectualmente muito poderoso.

O pseudónimo contém, éle mesmo, uma dupla revelação. Mesmo na Europa, Carpeaux nunca utilizou seu nome pessoal para os seus artigos e os seus livros. Esta deliberação é uma consequência do seu propósito de jamais confundir uma vida particular de pequeno burguês com uma vida pública de escritor combativo e inconformista. Um propósito do escritor — outrora mais comuna, hoje muito raro — que se age com o seu desinteresse em face dos sucessos exteriores, com a sua desambição pessoal, com a sua capacidade de se despersonalizar dentro das suas lídãs. Surrelinho

marado." É que para Otto Maria Carpeaux, a obra só conta, em si mesma, negligida, dos seus atributos accidentais. O seu conceito do arte se firma sobre esta proposição: uma obra intelectual é a transformação da personalidade em obra realizada; e a obra será tanto mais pura e perfeita quanto mais completa for a transformação. Intelectualmente completa, porém, nunca o será porque, não o homem substituirá Deus. A luta por esta transformação completa constitui, no entanto, o destino trágico de todo escritor e de todo artista. Otto Maria Carpeaux conheceu o sentido desta luta. O uso do pseudónimo — éle desejarla, com certeza, não usar nome nenhum — é um indício deste conhecimento. O seu ideal é a sua despersonalização na sua obra.

Preclisando utilizar um pseudónimo, escolheu um nome francês e não um nome alemão. Por que? Certamente que não se trata de prevenção ou do ódio contra a Alemanha. Ninguém iria contu-dir, numa mesma condenação, a inteligência alemã que criou Welmer e o prussianismo político do

Correio da Manhã de 19/04/1941. Apresentação de Carpeaux por Álvaro Lins. Acervo: Hemeroteca Digital/FBN

¹³ Uma boa contextualização sociopolítica e intelectual da Áustria entre guerras pode ser obtida em: WASSERMAN, Janek. *Black Vienna, red Vienna: the struggle for intellectual and political hegemony in interwar Vienna, 1918-1938*. Dissertation in History. Missouri: Washington University in Saint Louis, 2010.

Aliás, sobre esta base da independência da Áustria, é que o chanceler Dollfuss e o escritor Otto Maria Carpeaux sempre se entenderam: quanto aos problemas sociais, ao contrário, nunca puderam se entender porque Dollfuss não quis se libertar inteiramente dos mitos totalitários e Carpeaux quis permanecer irredutivelmente fiel aos seus ideais de verdadeiro cristianismo.¹⁴

Com a posse de alguns artigos já escritos por Carpeaux e outros projetados para serem publicados no Brasil (escritos em francês), além de algumas cartas trocadas com o vienense, “um caderno de notas pessoais” e um “livro esboçado sob o título de *Experiência da Europa*”¹⁵, Álvaro Lins não se furta em apresentar Carpeaux como portador de um estilo “vivo, preciso e ardente”, muito informado por um “máximo de variedade e de concentração” imprimidas pelo “conhecimento e assimilação de tantas literaturas”. Também “enérgico e áspero”, é um estilo que informa, confessa “um temperamento de inconformista, de panfletário, de ‘debater’”. [...] Temperamento de um homem que, monologando ou dialogando, está sempre numa atitude de luta: ou a luta interior, consigo mesmo, ou a luta exterior, com os seus adversários.”¹⁶

Completa a imagem do intelectual inconformista, do homem católico, do espírito universal a imagem de um pessimista combatente, a qual Álvaro Lins extrai dos artigos e das cartas de Carpeaux e assim a apresenta a seus leitores: “Carpeaux é um pessimista e é um profeta; ou mais exatamente: é um profeta porque é um pessimista. [...] Pois o pessimismo de Carpeaux nada tem de feminino, de frágil, de demissionário. Ao contrário, é um pessimismo consciente, trágico, viril.”¹⁷ Qualificando

¹⁴ LINS, Álvaro. *Jornal Correio da Manhã*. *Op. cit.* Veremos mais adiante que mesmo a contextualização por parte de Álvaro Lins do cenário político austríaco e o papel nele desempenhado por Carpeaux não seriam suficientes para evitar os ataques sofridos pelo mesmo Carpeaux em 1944, quando foi acusado por alguns intelectuais brasileiros de ter desempenhado atividades fascistas na Europa.

¹⁵ Infelizmente, tanto o caderno de notas pessoais quanto o livro esboçado mencionado por Álvaro Lins nunca foram encontrados nos arquivos pessoais de Carpeaux.

¹⁶ Para todas as referências do parágrafo Cf.: LINS, Álvaro. *Op. cit.*, p. 02.

¹⁷ *Ibidem*. Além de querer demonstrar mais uma faceta de Carpeaux, Álvaro Lins fazia uma espécie de ‘gancho’ com o artigo com o qual, já no dia seguinte, Carpeaux estrearia no *Correio da Manhã*. Cf.: CARPEAUX, Otto Maria. “Jacob Burckhardt – o profeta de nossa época” In *Jornal Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 20/04/1941, pp. 01-2 [Suplemento].

ainda o pessimismo de Carpeaux como “pascalino e cristão [...] que não exclui a fé”, Álvaro Lins encerra a apresentação do futuro colaborador do *Correio da Manhã* com um elogio à familiaridade às letras brasileiras que já naquele momento o austríaco demonstrava: “Em pouco mais de um ano, já leu centenas de livros brasileiros e portugueses para sentir e compreender toda a literatura da nossa língua. [...] Uma das cartas, por exemplo, contém um dos mais agudos estudos sintéticos que conheço sobre as principais figuras das nossas letras.”¹⁸

Para finalizar, Álvaro Lins transcreve algumas palavras de Carpeaux – oriundas de uma das cartas trocadas pelos dois – no intuito de servirem “como uma espécie de epígrafe ao seu ingresso [de Carpeaux] na vida literária brasileira.”¹⁹ Na versão original, de 1941, o artigo de apresentação do Carpeaux ao universo literário e intelectual brasileiro encerra-se, portanto, com a frase do escritor exilado, transcrita no francês original: “Nós, homens de mesmos ideais, de mesmos ódios e de mesmas expectativas, todos nós parecemos, todos nós estamos, enfim, em toda parte. É por isso que tenho a impressão de conhecê-lo há um longo tempo.”²⁰ Já na versão publicada em 1964, Álvaro Lins mais uma vez buscou salientar o seu papel na introdução de Carpeaux no *Correio da Manhã* e, por conseguinte, na fixação do austríaco em terras brasileiras: antes da transcrição das palavras de Carpeaux e imediatamente após “seu ingresso na vida literária brasileira”, Lins acrescentou: “[...] onde ele não conhece ninguém, a não ser o autor deste artigo, que faz assim a sua apresentação e promove a sua entrada num grande matutino, no qual não foi ainda sequer posto em conhecimento com os seus diretores e proprietários:[...].”²¹

Esta ênfase de Álvaro Lins presente na reelaboração feita em 1964 possivelmente é oriunda de uma visão retrospectiva da trajetória de Carpeaux. Mas nem sua permanência no Brasil tampouco a importância no cenário intelectual brasileiro estiveram assegurados *a priori*. A própria apresentação de Carpeaux por Álvaro Lins deixa entrever as dificuldades sofridas pelo austríaco nos quase dois anos vividos em São Paulo e pela decisão deste em “desdobrar o seu caminho do exílio”, de deixar o Brasil.

¹⁸ LINS, Álvaro. *Op. cit.*, p. 02.

¹⁹ *Ibidem*.

²⁰ Cf.: *Ibidem*. [Tradução livre do original: “Nous, les hommes des mêmes idéaux, des mêmes haines et des mêmes esperances, nous nous ressemblons tous, nous nous trouvons, enfin, partout; c’est pourquoi j’ai impression de vous avoir connu depuis longtemps.”].

²¹ LINS, Álvaro. *O relógio e o quadrante. Op. cit.*, p. 160.

Outras imagens – *Je ne laisse pas périr!*

Estudos recentes²² têm conseguido mapear o passado europeu de Carpeaux e a ‘fuga kafkaniana’ do casal de austríaco até aquele que seria o seu exílio definitivo, o Brasil. O acesso às já existentes e a descoberta de novas fontes concernentes à vida e as obras de Carpeaux estão paulatinamente ratificando, retificando ou problematizando dados de cunho biográfico, muitos dos quais até então disponíveis somente pelas reminiscências pessoais do próprio Carpeaux ou de seus conviventes.

Pelas pesquisas de Albert von Brunn e pelo passaporte em nome de Otto Karpfen depositado no Arquivo Nacional²³, por exemplo, sabe-se aquele “católico não-ariano” de fato só conseguiu o visto brasileiro graças a uma complexa engrenagem envolvendo o Papa Pio XII, o arcebispo de Munique, D. Michael von Faulhaber, a embaixada brasileira na Santa Sé, através do embaixador Hildebrando Pinto Accioly, e um padre holandês, Ambros Pffigs, responsável por fazer chegar até Carpeaux a notícia da providencial iniciativa.²⁴ Von Faulhaber foi quem pediu a intercessão do então recém entronizado Pio XII para que este conseguisse três mil vistos brasileiros para os “católicos não-arianos” – judeus convertidos –, intercessão acedida pelo governo Getúlio Vargas, a despeito das disposições legais brasileiras²⁵ que paulatinamente passaram a proibir a concessão de vistos para pessoas de origem semita. Da Antuérpia, para

²²São exemplos significativos: VENTURA, Mauro. *De Karpfen a Carpeaux*. *Op. cit.*; von BRÜNN, Albert. “Uma fuga kafkaniana da Europa” In jornal *Rascambo*. n. 157. Curitiba, maio de 2013, pp. 12-3.

²³ Cf.: “Processo de naturalização nº 10.345/42” In *Arquivo Nacional*. Fundo Ministério da Justiça e Negócios Interiores. O visto nº 456, expedido pelo Consulado Geral do Brasil na Antuérpia-Bélgica, contém a seguinte mensagem: “Viagem para o Brasil em caráter permanente [...] julho de 1939. [...] O portador do presente passaporte faz parte do contingente de 3000 israelitas católicos autorizados a emigrar para o Brasil. O côsul geral, Otaviano Machado.” Voltarei ao processo de naturalização de Carpeaux oportunamente.

²⁴ von BRÜNN, Albert. *Op. cit.*

²⁵ Foram elas: Circular Secreta nº 1.127 (07/06/1937), que textualmente estipulava “fica recusado visto no passaporte a toda pessoa de que se saiba [...] que é de origem étnica semita”; e a nova Lei de Imigração (Decreto-Lei nº 406), promulgada em 04/05/1938 que, dentre outras atribuições, praticamente acabava com a autoridade do Côsul brasileiro no exterior, que a partir de então era obrigado a remeter os pedidos de visto à Divisão de Passaporte do Rio de Janeiro. Cf.: AVRAHAM, Milgram. *Os judeus do Vaticano: a tentativa de salvação de católicos não-arianos da Alemanha ao Brasil através do Vaticano (1939-1942)*. Rio de Janeiro: Imago, 1994; CARNEIRO, Maira Luiza Tucci. *O antissemitismo na era Vargas (1930-1945): fantasmas de uma geração*. São Paulo: Brasiliense, 1988.

onde havia fugido após o *Anschluss*, tão logo tomou conhecimento da iniciativa bem-sucedida do Vaticano, Otto Maria e d. Helena conseguiram o visto para o Brasil (precisamente em 25/07/1939)²⁶, embarcando no vapor Copacabana Antuérpia-Rio de Janeiro²⁷ poucos dias antes da eclosão da II Guerra Mundial.



Passaporte de Otto Karpfen. Na página 11, o visto n° 456 do Consulado Geral do Brasil, “parte do contingente de 3.000 israelitas católicos autorizados a emigrar para o Brasil.” Acervo: Arquivo Nacional

O primeiro contato de Carpeaux no Rio de Janeiro deu-se através do Centro Dom Vital, instituição que naquele momento era dirigida por Alceu Amoroso Lima. Do que podemos perceber na série epistolográfica entre Carpeaux e Amoroso Lima, o intuito do escritor exilado era acelerar um circuito de indicações, referências e cooperações entre instituições católicas que ele próprio já havia experimentado no exílio europeu. O Centro Dom Vital era a instituição congênera e natural para essa primeira aproximação. E o seu diretor, o contato por excelência. Mas o diálogo entre os dois foi difícil e, no limite, improdutivo para o exilado recém-chegado, sedento pela sua inclusão no cenário intelectual brasileiro e

²⁶ von BRÜNN, Albert. *Op. cit.*

²⁷ Cf.: “Processo de naturalização n° 10.345/42”. *Op. cit.*

carente de um trabalho que lhe trouxesse segurança material e lhe permitisse se fixar no país.

Escritas em francês e ainda assinadas por ‘Otto Maria Karpfen’, essas primeiras cartas permitem conhecer melhor o período entre a chegada de Carpeaux no Brasil e seu vínculo com o *Correio da Manhã* (entre setembro de 1939 e abril de 1941) ou, qualitativamente, entre o exílio brasileiro como uma possibilidade e o exílio brasileiro como realidade. Vale lembrar que antes da primeira carta houve um encontro pessoal entre os dois, na sede do Centro Dom Vital, igualmente infrutífero para o exilado austríaco.²⁸

O início deste ciclo de correspondências entre ‘Karpfen’ e Alceu Amoroso Lima é marcado por uma carta datada em 14 de outubro de 1939, postada ainda do Rio de Janeiro; a última delas foi escrita às vésperas do Natal de 1940, em 19 de dezembro, na cidade de São Paulo. Entre uma carta e outra, o que podemos aferir é a existência não de um, mas de vários Carpeaux ao longo de pouco mais de um ano: do exilado político dotado de eminentes referências (do Núncio Apostólico a diretores de instituições e publicações católicas de Roma, Paris e Nova Iorque) ao irascível intelectual que não encontrou naquela instituição católica o apoio suficiente; do respeitado (e despeitado) escritor “digno da estima de três papas” ao homem “reduzido a miséria [...], sem apoio material ou moral”. A menção de um passado, uma profissão e um ‘projeto político-espiritual católico’, similar ao do seu destinatário (estratégia que repetiria ao escrever para Álvaro Lins, meses depois) é só um exemplo deste ‘Carpeaux em construção’, em autoconstrução: “[...] Minha atividade literária foi um modesto paralelo de sua grande obra de recristianização do espírito brasileiro; e quanto à minha atividade política, que me fez perder minha pátria infeliz, espero que o ‘sed victa Catoni’ toque em seu coração de patriota cristão”²⁹

Em anexo à primeira carta a Amoroso Lima, Carpeaux enviou o seu *curriculum vitae*. Em apenas uma página, datilografada, constavam dados

²⁸ Volto a este encontro no terceiro capítulo, através da descrição feita pelo próprio Amoroso Lima imediatamente após a morte de Carpeaux. Infelizmente não foi possível localizar as cartas de Alceu Amoroso Lima em resposta à Carpeaux, lacuna tanto nos arquivos deste quanto no de Amoroso Lima.

²⁹ Cf.: Carta CP-AAL, 14/10/1939. In *Centro Alceu Amoroso Lima pela Liberdade*. Acervo online. <<http://www.alceumorosolima.com.br/>> acesso 09 dez. 2012. [Tradução livre do original: “Mon activité littéraire était une très modeste parallèle de votre grande oeuvre de rechristianisation de l’esprit brésilien; et quant à mon activité politique qui me faisait perdre ma patrie malheureuse, j’espère que le ‘... sed victa Catoni’ résonnait dans votre coeur de patriote chrétien.”].

pessoais, dados da formação acadêmica, das atividades profissionais e políticas e suas referências e recomendações. A filiação espiritual e institucional católica atravessa todo o documento, da linha de apresentação às últimas palavras – “Nasci em Viena, em 9 de março de 1900, de nacionalidade austríaca, católico romano, casado. [...] Talvez, através do estabelecimento de uma nova vida, eu também poderia prestar serviços úteis à causa católica, à qual tenho dedicado a minha vida.”³⁰ – e o seu papel na rede institucional católica internacional merece amplo e personalizado destaque: “Pela intercessão de meus amigos romanos, o Santo Padre dignou-se, em 3 de junho deste ano, a intervir em meu favor ao Sr. Presidente Vargas, e de certa maneira, foi assim que imediatamente obtive os vistos de permanência para o Brasil.”³¹ Tampouco a sua relação com o chanceler Dollfuss, a qual Álvaro Lins mencionaria com cuidado meses depois, é omitida, embora esta menção tenha sido vaga e um tanto indireta, pois o destaque é para a sua filiação à Ação Católica: “Como membro da Ação Católica, lutei por uma política católica na Áustria, e gozava da confiança pessoal dos dois infelizes chanceleres Dollfuss e Schuschnigg.”³²

A segunda carta de Carpeaux a Amoroso Lima foi emitida de Rolândia, Paraná, e talvez pela percepção de ‘interior remoto’ em que se encontrava, o nome da cidade no cabeçalho da carta é sucedido pela rota entre ela e o Rio de Janeiro: “Rolândia (Paraná) (via S. Paulo –Sorocaba – Ourinhos).”³³ Irônica, demonstrando sincero desapontamento com o “movimento católico no Brasil”, essa segunda carta também continha um teor de alerta ao que poderia acontecer com este movimento e com os seus membros no cenário que se avizinhava com o início da II Guerra Mundial. A partir do seu exemplo como católico refugiado, Carpeaux alertava e vaticinava sobre o futuro daquele “continente católico” chamado Brasil. Pelo seu forte teor, vale a pena transcrevê-la na íntegra:

³⁰*Idem*. [Tradução livre do original: “Je suis né à Vienne, le 9 mars 1900, de nationalité autrichienne, catholique romain, Marié [...] peut-être, en établissant une nouvelle existence, je pourrais aussi rendre des services utiles à cause catholique, à laquelle j’ai dévoué ma vie.”]

³¹ *Ibidem*. [Tradução livre do original: “Sur intercession de mes amis romains, le Saint Père daigné, le 3 juin de cette année, d’intervenir en ma faveur auprès M.le Président Vargas, et c’était de cette manière, que j’obtenais immédiatement les visas de permanence pour le Brésil.”]

³² *Ibidem*. [Tradução livre do original: “Comme membre de l’Action Catholique, je luttais pour une politique catholique em Autriche, et je jouissais de la confiance personnelle de deux malheureux chanceliers Dollfuss et Schuschnigg.”]

³³ Carta CP-AAL, 08/12/1939. In *Centro Alceu Amoroso Lima pela Liberdade*. Acervo *online*: <<http://www.alceuamorosolima.com.br/>> acesso 09 dez. 2012.

Rolândia, 8 de dezembro de 1939.

Senhor Professor. O senhor não se dignou a responder à minha carta ou mesmo acusar o recebimento do artigo que lhe dediquei. É devido a esta cruel decepção que fui obrigado a deixar o Rio e me retirar para um canto do interior mais remoto. Aqui eu vivo numa casa de madeira, no meio dos Caboclos, e por pouco passo fome. Para o trabalho espiritual, estou perdido. Permita-me felicitá-lo. Minhas felicitações pelo movimento católico no Brasil ser tão rico de colaboradores que possa prescindir da colaboração de homens que eram especialistas conceituados na Europa; minhas felicitações, pois a distribuição das forças espirituais no Brasil é tão bem organizada que um escritor, digno da estima de três papas, tem permissão de se ocupar do cultivo de café no Paraná; minhas felicitações pela caridade católica no Brasil, quase tão fraca e incerta quanto na Europa, bom presságio para o futuro do ‘Continente católico’. Mas senhor Professor, você não precisa de uma Cassandra. Minhas felicitações não poderiam abalar a sua segurança interna, eu quase diria farisiaca. Minhas felicitações são apenas a pressuposição de sua amável condolência para comigo; mas é o sinal de um progresso visível desde o tempo de Cristo: o sacerdote e o levita que passam perto do homem que caiu nas mãos dos ladrões não se condoeram. Talvez a nossa conversa tenha sido um monólogo, porque o senhor queria demonstrar não ser um Samaritano. Em vez disto, o senhor é um professor, um ‘escriba’, o chefe da Ação Católica; e eu sou um pobre refugiado, perseguido por causa de suas convicções, mas um exemplo do futuro de todos vocês. Aceite, senhor Professor, minha inesgotável e reconhecida admiração.

Otto Maria Karpfen³⁴

³⁴ *Idem*. [Tradução livre do original: “Rolândia, 8 décembre 1939. Monsieur le Professeur. Vous n’avez pas daigné répondre à ma lettre ou même accuser réception de l’article que j’avais dédié à vous. C’est à cause de cette déception cruelle que je fus obligé à quitter Rio et à me retirer à un coin de l’Intérieur le plus reculé. Ici je vive dans un blockhaus, au milieu des Caboclos, et il s’en faut de peu que je ne souffre de faim. Pour le travail spirituel, je suis perdu. Permettez-moi de vous féliciter. Mes félicitations, parce que le mouvement catholique au Brésil est si

Uma clara arrogância fica explícita nesta carta de Carpeaux, mas o seu desespero não deve ser ignorado. Sua arguta percepção e sua recente experiência europeia certamente lhe permitiram ver naquela cidade muito mais do que “caboclos”. Àquela época, Rolândia era uma espécie de barril de pólvora étnico, a ‘unir’ colonos alemães, muitos dos quais simpatizantes do III *Reich*, e colonos judeus, mas também japoneses, húngaros, suíços, poloneses e austríacos.³⁵

Na década de 1930, aquela gleba pertencente à companhia colonizadora inglesa *Paraná Plantation Ltda.*, batizada com o nome do lendário herói germânico, Roland, transformou-se num específico polo de refugiados europeus perseguidos pelo nazismo. Isto porque o interesse da empresa inglesa em fazer chegar até Rolândia a estrada de ferro, cujo grosso do material ferroviário era comprado da Alemanha, permitiu que aqueles perseguidos tangenciassem à restritiva e, na prática, proibitiva lei de imigração do III *Reich*, que havia limitado o valor que cada imigrante poderia levar consigo. Com a chamada ‘permuta’, um acordo firmado entre a Alemanha e a empresa inglesa, o imigrante ‘comprava’ o material ferroviário alemão – e, portanto, deixava os marcos naquele país –, a Alemanha remetia este material para o Brasil e o imigrante recebia títulos territoriais em Rolândia.

riche de collaborateurs qu’il puisse se passer de la collaboration des hommes qui étaient estimes spécialistes en Europe; mès félicitation, parce que la repartition des forces spirituelles au Brésil est si bien organisé qu’un écrivain, daigné de l’estime de trois papas, ait la permission de s’occuper de la cultivation de café em Paraná; mes félicitations, parce que la charité catholique est au Brésil presque aussi faible et incertaine qu’en Europe, bon présage pour l’avenir du ‘Continent catholique’. Mais, Monsieur le Professeur, vous n’avez pas besoin d’une Cassandre. Mes félicitation ne pourront point ébranler votre sécurité interne, j’ai failli dire phariséerine Mes félicitations sont seulement la présomption de vos condoléances aimables pour moi; mais, c’est le signe d’un progès véritable depuis de temps du Crhist: le prêtre et le levite qui passèrent auprès l’homme qui était tombe entre les pilleurs, ils ne firent point de condoléances. Peut-être, notre conversation est restée un monologue, parce que vous vouliez démontrer que vous n’êtes pas un Samaritain. Au lieu de cela, vous êtes un professeur, un ‘scribe’, le chef de l’Action Catholique; et moi, je ne suis qu’un pauvre réfugié, persecuté et poursuivi à cause de ses convictions, mais un exemple de l’avenir de vous tous. Agréez, Monsieur le Professeur, mon admiration inépuissable et reconnaissante. Otto Maria Karpfen”].

³⁵ As informações que se seguem provêm da obra *Da Alemanha aos trópicos*, de Marco Antonio Soares. Cf.: SOARES, Marco Antonio Neves. *Da Alemanha aos Trópicos: identidades judaicas na terra vermelha* (1933 - 2013). Londrina: EdUEL, 2012.

Em pouco tempo, uma nova leva de imigrantes começou a ocupar Rolândia. Já não eram pobres agricultores alemães, mas pessoas de hábitos e ocupações urbanas, alguns com curso superior; judeus, na grande maioria. Paradoxalmente, na disposição espacial da cidade – crivada pelo poderio dos primeiros imigrantes alemães –, aos novos imigrantes foram disponibilizadas as terras do interior da gleba, justamente àquelas destinadas ao plantio e às outras atividades rurais. Possivelmente era numa destas terras que se localizava a casa de madeira na qual Carpeaux mencionou estar vivendo.

Analisando hoje este contexto, cabe especular qual era o cenário que mais atemorizava Carpeaux: estar vivenciando uma espécie de *déjà-vu* do seu recentíssimo passado europeu, contando inclusive com os mesmos conflitos étnicos, agora trasladados para o “meio da floresta virgem” ou ter a perspectiva da drástica transformação que sua vida de ativo intelectual católico europeu sofreria ao fixar-se à terra, a “ocupar-se do cultivo do café”. Foi a voz do temor “profissional” a que ficou gravada na carta enviada à Amoroso Lima. O quanto a voz do outro temor, de foro íntimo, ajudou a compô-la, não é possível saber.

O certo é que Rolândia – e, ao que tudo indicava, o Brasil – não se figurava como o exílio definitivo para Carpeaux. Antes de escrever a carta para o ‘Sr. Professor’, Carpeaux recorreu ao Serviço Nacional Austríaco em Paris, através de uma carta endereçada a seu dirigente, Martin Fuchs, datada de 29 de novembro de 1939, na qual Carpeaux lamentava não poder retornar à Europa, por dificuldades materiais e problemas com seu passaporte, mas frisava seu interesse em participar da “causa austríaca”. Numa segunda carta, desta vez já enviada de São Paulo, datada de 21 de janeiro de 1940, Carpeaux é mais enfático ao afirmar não ter a intenção de permanecer no Brasil até o final da II Guerra. Nas duas cartas, exprime sua insatisfação com sua situação no Brasil e manifesta o desejo de que seus amigos austríacos e correligionários políticos o retirem do Brasil.³⁶

³⁶ Essas informações encontram-se em: KESTLER, Izabela Maria Furtado. *Exílio e literatura*. Escritores de fala alemã durante a época do nazismo. Trad.: Karola Zimber. São Paulo: EdUSP, 2003, pp. 86-89.

M. Otto Maria Karpfen
 Rolândia (Paraná)
 (Via S. Paulo - Sobraba - Curitiba)

Rolândia, 8 décembre 1939

Monsieur le Professeur,

Vous n'avez pas daigné répondre à ma lettre ou même
 accusé réception de l'article que j'avais dédié à vous. C'est à
 cause de cette déception cruelle que je fus obligé à quitter
 Rio et à me retirer à un coin de l'intérieur le plus reculé.
 Ici, je vive dans un blockhaus, au milieu des caboclos, et il
 s'en faut de peu que je ne souffre de faim. Pour le travail
 spirituel, je suis perdu.

Permettez-moi de vous féliciter. Mes félicitations, parce que
 le mouvement catholique au Brésil est si riche de collaborateurs
 qu'il puisse se passer de la collaboration des hommes qui étaient
 estimés spécialisés en Europe; mes félicitations parce que la
 répartition des forces spirituelles au Brésil est si bien organisée,
 qu'un écrivain, daigné de l'équipe de trois Copes, ait la
 permission de s'occuper de la cultivation de café en Paraná;
 mes félicitations, parce que la charité catholique ~~est~~ est au
 Brésil presque aussi faible et incertaine qu'en Europe, bon
 phrasage pour l'avenir du "continent catholique".

Mais, Monsieur le Professeur, vous n'avez pas besoin d'une
 leçon. Mes félicitations ne pourraient point ébranler
 votre sécurité intérieure, j'ai filli dire plurairement.
 Mes félicitations sont seulement la présomption de vos
 condolances aimables pour moi; mais, c'est le signe d'un
 progrès notable depuis les temps des Chrétiens: le maître
 et le levite qui posèrent auprès l'homme qui ~~était~~
~~était~~ était tombé entre les rouleaux, ils ne firent point de
 condolances. Cert-être, notre conversation est restée un
 monologue, parce que vous voulez démontrer que vous
 n'êtes pas un Samaritain.

Au lieu de cela, vous êtes un professeur, un "scholar",
 le chef de l'Action Catholique, et moi, je ne suis qu'un
 pauvre réfugié, persécuté et poursuivi à cause de ses
 convictions, mais un exemple de l'avenir de vous tous.

Après, Monsieur le Professeur, mon admiration
 inépuisable et reconnaissante.

Otto Maria Karpfen

Carta enviada por Otto Karpfen a Alceu Amoroso Lima em 08/12/1939 de Rolândia/PR. Acervo: Centro Alceu Amoroso Lima pela Liberdade

A terceira carta enviada a Amoroso Lima, de 19 de dezembro de 1939, já trazia como endereço remetente a cidade de São Paulo (uma posta restante no Correio Geral) e é basicamente um pedido de desculpas pela carta anterior, contendo passagens ainda genéricas, embora mais descritivas, do que vira e passara no Paraná:

O senhor não respondeu à minha carta e provavelmente nunca vai responder. Foi por causa desse impasse das minhas esperanças que fui

forçado a ir para o interior do Paraná. Mal posso descrever o que vimos. Caímos nas mãos de bandidos e loucos, e foi com dificuldade que conseguimos escapar de uma casa de madeira no meio da floresta virgem.³⁷

Na quarta carta e nas demais, começamos a entender porque Rolândia tornou-se uma possibilidade de exílio para Carpeaux e sua mulher, a entrever algumas situações vividas lá pelo casal e a conhecer mais de perto a penúria material e moral pela qual passaram em São Paulo, onde por diversas vezes buscaram o auxílio (quase sempre negado) do Comitê da Ação Católica dos EUA, buscando o Centro Dom Vital na figura de Alceu Amoroso Lima como intermediário nesse processo. Nesta quarta carta, de 20 de fevereiro de 1940, Carpeaux esclarece a Amoroso Lima que ao desembarcar no Brasil preferiu não receber nenhuma ajuda do Comitê, pois possuía uma “pequena soma de dinheiro”, em favor de outros refugiados “mais infelizes” que ele. É neste momento que surge a figura do ‘Monsieur le Comte. Arczynski’, ao que tudo indica o chefe do Comitê nos EUA, que primeiro apoia a atitude de caridade de Carpeaux para depois utilizá-la como argumento para a recusa de auxílio ao casal austríaco. Carpeaux segue contando que resolveu adentrar-se pelo interior do Brasil ao ver seus meios se esgotarem no Rio de Janeiro. Confessou que sabia dos perigos que esta empreitada significaria, mas que estes foram minimizados pelo ‘Senhor comandante’. Ele narra assim sua triste passagem por Rolândia:

Poupe-me uma descrição da região do Norte do Paraná! Mas há mais: a senhora que nos convidou é viciada em álcool e sofre de um transtorno mental grave; vive sozinha no meio da floresta virgem, em uma casa de madeira; só se alimenta de arroz e álcool e tentou nos prender. Eu não sei como nós

³⁷ Carta CP-AAL, 19/12/1939. In *Centro Alceu Amoroso Lima pela Liberdade*. Acervo *online*. <<http://www.alceumorosolima.com.br/>> acesso 09 dez. 2012. [Tradução livre do original: “Vous n'avez pas répondu à ma lettre und [sic] vous ne répondez vraisemblablement jamais. C'était à cause de cet échouement de mes espoirs que j'étais forcé d'aller à l'Interieur du Paraná. [...] Je ne puis guère décrire ce que nous avons vu. Nous sommes tombés entre les mains des coquins et des fous, et c'était seulement avec de la peine que nous [?] nous enfuir d'un blockhaus au milieu de la vierge-forêt.”].

fugimos, minha pobre mulher ainda não foi capaz de se restabelecer daqueles dias terríveis.³⁸

Transformado num personagem faulkneriano, Carpeaux ainda seria reprimido pelo comandante Arczynski quando relatou a este sua ‘desventura’ em Rolândia e finalmente solicitou apoio material do Comitê: em resposta a Carpeaux, o comandante havia informado que os meios do Comitê estavam esgotados e que nada podia fazer por ele. Considerava, ainda, miserável e egoísta o gesto do austríaco em abandonar a pobre mulher que o havia convidado a Rolândia, supondo ser verdadeira a descrição dos fatos por Carpeaux.³⁹

Nas cartas posteriores, o que se tem é um refugiado que se acha “abandonado por Deus e pelos homens.”⁴⁰ Quase sem dinheiro, sobrevive em São Paulo vendendo os poucos livros que trouxera da Europa. Sem apoio institucional no Brasil, só resta a Carpeaux almejar o retorno para a Bélgica, embora disto dependesse algo como um salvo-conduto brasileiro e dinheiro para os altos custos das passagens. Para ambas as providências Carpeaux pedia, com um “desejo ardente”, a “poderosa intercessão” de Amoroso Lima, junto ao Comitê de Nova York, para a questão das passagens, e junto aos órgãos competentes no Brasil para o salvo-conduto.⁴¹ O porquê da Bélgica é o próprio Carpeaux quem responde: “Na Bélgica eu poderia trabalhar, ganhar a vida e me fazer útil, enquanto que no Brasil eu me tornei uma vítima do estado de coisas, bom para a caridade e, portanto, destinado a morrer de fome.”⁴²

³⁸ Carta CP-AAL, 20/02/1940. In *Centro Alceu Amoroso Lima pela Liberdade*. Acervo *online*: <<http://www.alceuamorosolima.com.br/>> acesso 09 dez. 2012. [Tradução livre do original: “Épargnez-moi une description de la région du Paraná septentrional! Mais, il y a plus: la dame qui nous avait invités se adonnée à l'alcool et atteinte d'une grave aliénation mentale; elle vit toute seule au milieu de la vierge-forêt, dans un blockhaus; elle ne se nourrit que de riz et d'alcool, et elle essayait de nous enfermer. Je ne sais plus comment nous nous enfuîmes; ma pauvre femme n'a pas encore pu se rétablir de ces jours terribles.”].

³⁹*Idem*. É Carpeaux quem narra esse diálogo entre ele e o Comandante Arczynski, transcrevendo um trecho da resposta vinda dos EUA na sua quarta carta a Amoroso Lima.

⁴⁰Carta CP-AAL, 30/03/1940. In *Centro Alceu Amoroso Lima pela Liberdade*. Acervo *online*: <<http://www.alceuamorosolima.com.br/>> acesso 09 dez. 2012.

⁴¹Carta CP-AAL, 02/05/1940. In *Centro Alceu Amoroso Lima pela Liberdade*. Acervo *online*: <<http://www.alceuamorosolima.com.br/>> acesso 09 dez. 2012.

⁴² *Idem*. [Tradução livre do original: “En Belgique, je pourrais travailler, gagner ma vie, et me rendre utile, tandis qu'au Brésil je deviens un victime de l'état des choses, bon pour la charité et enfin destiné, pourtant, à mourir de faim.”].

Sem passaportes válidos – com o *Anschluss*, a Áustria perdeu sua autonomia diplomática e os austríacos em fuga tornaram-se apátridas –, dependentes daquela lenta triangulação católica, o retorno de Carpeaux e sua esposa para a Bélgica dificilmente aconteceria. A certeza disso veio após uma nova recusa por parte do Comitê dos EUA em socorrer Carpeaux. É ele quem dá esta notícia a Amoroso Lima, numa das mais dramáticas cartas desta série. “Não me deixe morrer!”, suplica. Dizendo-se “gravemente doente e sem absolutamente nada”, desejoso em demonstrar seus “múltiplos conhecimentos como jornalista, como bibliotecário”, só lhe resta, mais uma vez, implorar um trabalho, “qualquer que seja, antes que seja tarde demais.”⁴³

Lentamente, algumas providências foram tomadas por parte dos demandados por Carpeaux. Mais uma vez lamentamos não termos acesso às cartas escritas por Alceu de Amoroso Lima, mas ficamos sabendo de suas movimentações pelo próprio austríaco: na última carta enviada de São Paulo, por exemplo, Carpeaux agradece uma recomendação sua feita por Amoroso Lima junto ao Itamarati, que talvez “pudesse abrir uma porta de saída.”⁴⁴ Escrita perto do Natal, esta carta também é uma espécie de balanço, desolador balanço, do ano vivido por Carpeaux em São Paulo. “O ano que vai acabar foi um ano terrível para mim. Reduzido a uma miséria estrangulante, sem apoio material ou moral; reduzido a uma inatividade forçada, estrangulada mesmo: assim foram os trezentos e sessenta e cinco dias amargos.”⁴⁵

Inatividade formal, pois Carpeaux não deixa de mencionar que neste um ano havia se inteirado solidamente das coisas do Brasil, “sua história, sua literatura, seu estado social”, e que seus conhecimentos e

⁴³ Carta CP-AAL, 18/05/1940. In *Centro Alceu Amoroso Lima pela Liberdade*. Acervo *online*. <<http://www.alceumorosolima.com.br/>> acesso 09 dez. 2012. [Tradução livre do original: “[...] Je suis gravement malade et nous n’avons absolument rien. Je ne désire que démontrer mes facultés et mes connaissances multilatérales qui, en Europe, m’ont acquis l’estime générale comme journaliste, comme bibliothécaire etc. [...] Ne me laissez pas périr! Je vous prie instamment de me procurer quelque travail, et d’empêcher par un secours immédiat, que ce travail ne vienne trop tard!”].

⁴⁴ Carta CP-AAL, 19/12/1940. In *Centro Alceu Amoroso Lima pela Liberdade*. Acervo *online*. <<http://www.alceumorosolima.com.br/>> acesso 09 dez. 2012. [Tradução livre do original: “[...]Votre recommandation aimable au Itamarati était un secours très précieux. Elle ouvrait la porte à une sortie [...]”].

⁴⁵ *Idem*. [Tradução livre do original: “L’année qui va finir était une année terrible pour moi. Réduit à une misère étranglante, sans aucun appui matériel ou morale; réduit à une inactivité forcée, plus étranglante encore: ainsi j’ai traîné ces trois cent soixante et cinq jours amers.”].

experiências europeias o haviam permitido compreender essa terra e seus homens. Esperava que esse conhecimento fosse útil, que sua devoção à causa brasileira lhe trouxesse algum trabalho, mas dia após dia a falta de apoio destruía essa esperança.⁴⁶ Ainda nesta carta de 19 de dezembro de 1940, duas imagens são evocadas por Carpeaux para que seu interlocutor pudesse entender melhor a infeliz situação em que ele se encontrava. Na primeira, de caráter mais realista, Carpeaux cita o “espetáculo repugnante de intelectuais na França que se transformaram, do dia para a noite, de pessoas de posse a mendigos.”⁴⁷ Na segunda imagem, e por “ser o Natal uma época de lendas”, Carpeaux lança mão de uma fábula sobre um pintor, muito pobre e muito velho, que tentava sem sucesso vender seus quadros de porta em porta, pois estas sempre se fechavam abruptamente:

Um dia, Deus, misericordioso para com os pobres, transformou esses rabiscos ridículos numa série dos mais preciosos Rembrandts e Grecos. Se alguém tivesse fé, a verdadeira fé, poderia comprar, por quaisquer tostões, os tesouros do velho. No entanto, ninguém queria saber. Ninguém tinha fé.⁴⁸

Assim como os diferentes endereços traçam um mapa dos primeiros caminhos percorridos por Carpeaux no Brasil (Guanabara/DF; Rolândia/PR; São Paulo/SP, Praça Benedito Calixto, Rua Minas Gerais, posta restante), a passagem de um tom mais altivo das primeiras correspondências para um tom mais lamentoso das últimas dá uma ideia, aproximada que seja, da experiência amarga que aqueles primeiros meses

⁴⁶ *Idem*. [Tradução livre do original: “[...] J’ai employé cette période précieuse d’une vie que prenche, à m’initier solidément aux choses du Brésil, son historie, ses lettres, son état social; mes counaissances et mes expériences européennes m’ont bien secondé à comprendre votre terre et ses hommes. Ce travail était sincèrement desinteressé. Mais, toujours et toujours j’ai esperé que mes conaissances, peut-être utiles, et mon dévouement attesté à votre cause me procureraient quelque travail [...] mais le manque d’appui a, encore une fois, deçu cet espoir.”].

⁴⁷ *Ibidem*. [Tradução livre do original: “[...] le spectacle écoeurant des intellectuels de la France qui se transformaient, du jour au lendemain, de beati possidentes en mendiants me faisait toujours espérer un meilleur entendement de ma situation.”].

⁴⁸ *Ibidem*. [Tradução livre do original: “Un jour, Dieu, miséricordieux envers le pauvre, changea ces griffonnages ridicules une série des plus précieux Rembrandts et Grecos. Si quelqu-em avait eu la foi, la veritable foi, il aurait pu acheter, pour quelques sous, le trèsors du vieux que personne, cependant, ne voulait connaître. Personne n’avait la foi.”].

representaram para Carpeaux. Diferente de Stefan Zweig, compatriota renomado que meses depois seria recebido com certa deferência pelo Estado getulista⁴⁹, e mesmo tendo tido certa proeminência nos circuitos políticos católicos europeus, o nome Otto Maria Karpfen pouco ou nada havia garantido para a sua permanência e sobrevivência em território brasileiro. Nem mesmo o aceno positivo do Comitê Católico de Buenos Aires para a sua imigração para a Argentina, recebido meses antes e alcançado sem a intermediação de Rio de Janeiro ou Nova York⁵⁰, parecia empolgar um refugiado preso no emaranhado burocrático de salvos-condutos e outras exigências.

De positivo nessa experiência inicial talvez somente o seu mergulho ‘nas coisas do Brasil’, notadamente a familiarização com a língua portuguesa e o contato sistemático com a nossa literatura. É o que se percebe na série de cartas trocadas entre Carpeaux e Álvaro Lins entre setembro de 1940 (já enviada de São Paulo, portanto) e em março do ano seguinte, às vésperas do artigo de apresentação assinado por Álvaro Lins no *Correio da Manhã*.

Se antes só havia a menção dessa correspondência por este artigo, hoje é possível ter acesso à parte dessas cartas e a alguns detalhes preciosos sobre a inserção de Carpeaux na crítica literária brasileira graças a um específico estudo sobre a sua crítica literária realizado por Thereza Vicente Vianna, *Carpeaux e o futuro da crítica*⁵¹, dedicado justamente ao período imediatamente posterior à chegada dele ao Brasil, com amplo destaque para a relação epistolar estabelecida com Álvaro Lins e para a discussão das influências europeias de Carpeaux nas suas acepções de Literatura. Parte dessas cartas (três delas assinadas por Carpeaux) também foi publicada no suplemento literário *Mais!*, do jornal *Folha de S.Paulo*⁵², o que ajuda a completar uma série irregular e escassa de correspondências existente nos acervos da *Fundação Casa de Rui Barbosa*.

⁴⁹ Sobre Stefan Zweig, cf.: DINES, Alberto. *Morte no paraíso*. A tragédia de Stefan Zweig. 3ª ed. ampliada. Rio de Janeiro: Rocco, 2004; e BONA, Dominique. *Stefan Zweig, uma biografia*. Tradução de João Domenech e Carlos Nougué. Rio de Janeiro: Record, 1999.

⁵⁰ Carta CP-AAL, 30/07/1940. In *Centro Alceu Amoroso Lima pela Liberdade*. Acervo online: <<http://www.alceumorosolima.com.br/>> acesso 09 dez. 2012.

⁵¹ VIANNA, Thereza Vicente. *Carpeaux e o futuro da crítica*. *Op. cit.* Em especial o capítulo 5: “As cartas de Otto Maria Carpeaux a Álvaro Lins”, pp. 49-83.

⁵² Cf.: Carta CP-AL, 26/09/1940. *Apud* Jornal *Folha de S.Paulo*. São Paulo, 04/06/1995. [Caderno Mais!] Traduções do francês: José Marcos Macedo.

“Na Europa, eu era precisamente o que o senhor é aqui”, escrevera Carpeaux em 26/09/1940, na primeira carta a Álvaro Lins.⁵³ “Mas o destino de um escritor católico, perseguido pelos adversários e abandonado pelos ‘amigos’, é o mesmo sob todos os céus; e não vale a pena lamentar aquilo que se passou e está perdido para sempre desde que deixei a Europa.”⁵⁴ Tanto a aproximação profissional com seu interlocutor quanto o lamento sobre o seu passado europeu pareciam repetir o padrão encontrado na correspondência enviada a Amoroso Lima. Mas a estratégia de Carpeaux com esse novo contato seria outra. Embora a exposição de seu recente passado, a descrição de sua mísera sobrevivência em São Paulo e as possibilidades de “desdobrar o seu exílio” apareçam ao longo desta e das demais cartas, é perceptível que o centro de suas preocupações era a literatura, em especial a brasileira: “Propus-me a poupá-lo de qualquer assunto pessoal [...] Devo ao senhor (e um pouco ao livro de Nelson Werneck Sodré) o primeiro contato com uma outra faceta da literatura do Brasil.”⁵⁵ Na segunda carta enviada a Álvaro Lins, ele relata:

[...] Enquanto isso, eu me esforço para aproveitar este exílio para me orientar neste mundo bastante estranho e muito interessante. Eu li uma centena de livros, para aprender a conhecer este país. A superabundância e, ao mesmo tempo, a desigualdade desta literatura me tornaram insaciável em relação às coisas brasileiras, e esta sede de informações faz com que eu me dirija ao senhor.⁵⁶

Nesta mesma correspondência, Carpeaux aproveita para desfazer alguns mal-entendidos, como o fato de Álvaro Lins tê-lo tomado por francês, dado o idioma empregado na carta anterior: “Eu suporto a grande infelicidade de ser um compatriota de Stefan Zweig, de ser originário desta Viena rapidamente esquecida pelo mundo, o qual só a conhece desfigurada pelo barulho insensato e comercial dos fabricantes de operetas.”⁵⁷ Carpeaux declara-se um cidadão europeu, acima de tudo, a ponto de revelar certa preocupação de que o esclarecimento de sua nacionalidade fosse um fator que viesse a impedir o aprofundamento de seu contato com Álvaro Lins:

⁵³ *Idem*.

⁵⁴ *Ibidem*.

⁵⁵ *Ibidem*. Provavelmente, Carpeaux se referia à *História da Literatura Brasileira*, publicada por Nelson Werneck Sodré em 1938.

⁵⁶ Carta CP-AL, 21/10/1940. *Apud* VIANNA, Thereza Vicente. *Op. cit.*, p. 53.

⁵⁷ *Idem*, p. 52

“espero firmemente que a explicação deste pequeno mal-entendido não impeça um entendimento cordial entre nós.”⁵⁸

O estudo de Thereza Vianna sugere que o afrancesamento de *Karpfen* para *Carpeaux* possivelmente tenha partido de um conselho do próprio Álvaro Lins⁵⁹, o que faria da preocupação do austríaco para com a sua nacionalidade (ou simplesmente pelo emprego do idioma alemão) algo que Álvaro Lins também compartilhava. O que este pontual exemplo demonstra – e o estudo de Thereza Vianna o confirma em relação à crítica literária – é que nos meses finais daquele fatídico ano nota-se um Carpeaux francamente aberto, disposto ao novo, quer das coisas ligadas à literatura, quer de sua própria nacionalidade.

São Paulo, no entanto, já não representava o novo. “[...] É e continuará sendo para mim um túmulo”⁶⁰, escreveu a Álvaro Lins, no último dia de 1940. Esta carta, aliás, de todas deste período as quais tivemos acesso, é prova contundente de que o fato de Carpeaux ter permanecido no Brasil e se tornado um renomado crítico literário, se não foi um acaso, foi apenas uma das possibilidades das quais mesmo aquele “pobre, velho e renegado pintor” ainda dispunha.

Voltar ao Rio de Janeiro e aceitar a proposta de Álvaro Lins em se esforçar para publicar os seus artigos – que foi afinal o que aconteceu – foi tomado com reticências por Carpeaux: “[...] Mas vejo poucas vantagens no Rio [...] Para falar a verdade, não gostaria de incomodá-lo em razão de alguns artigos que prometem certamente algum sucesso, mas sem maiores conseqüências.” Já Recife era visto com bons olhos, embora temesse que o clima se tornasse um obstáculo intransponível. O fato de não haver acesso às cartas passivas desta série deixa lacunas importantes, mesmo assim é possível saber por Carpeaux que a sua transferência para a capital pernambucana havia sido uma proposta do próprio Álvaro Lins. “Se puder desenvolver algum trabalho útil nessa cidade, se houver uma base para se viver, aí então todas as minhas dúvidas se calarão. Serei infinitamente grato de encontrar sob os trópicos um asilo hospitaleiro.”⁶¹

Também o México era uma possibilidade, e o fato de não hoje não dispormos de maiores detalhes sobre isso (qual era o seu contato? Através de qual instituição? Seria pela Ação Católica daquele país, tal qual o exemplo argentino?) não diminui a importância com a qual Carpeaux tratava o assunto. Ao que indica a carta enviada a Álvaro Lins em 31 de dezembro de 1940, certamente era a este destino com o qual Carpeaux

⁵⁸ *Ibidem.*

⁵⁹ *Ibidem.*

⁶⁰ Carta CP-AL, 31/12/1940. *Apud* Jornal *Folha de S.Paulo*. *Op. cit.*

⁶¹ *Ibidem.*

pretendia “desdobrar o seu exílio”, embora, mais uma vez, a burocracia de vistos, passaportes e outras questões diplomáticas se impunham como obstáculo. Linhas abaixo Carpeaux escreveria: “As pequenas chicanas burocráticas transformam-se, para uns, em fantasmas, em pesadelos capazes de nos sufocar e estrangular.”⁶²

Carpeaux contava com Álvaro Lins justamente para dirimir algumas dúvidas quanto aos aspectos diplomáticos na sua intermediação junto ao embaixador mexicano: “Sem uma proteção de tal envergadura não conseguiremos obter vistos mexicanos, e não tenho dúvidas de que suas palavras amigáveis serão coroadas de êxito.”⁶³ Mas, mesmo no interior daquela burocracia havia algumas novidades: uma delas era a possibilidade de o casal austríaco receber passaportes apátridas, num empenho de Amoroso Lima e do Núncio apostólico junto a política central do Rio. A outra, embora ainda fosse um boato que necessitava de confirmação, trouxera esperanças a Carpeaux: a não necessidade de um passaporte válido para imigrar para o México. No entanto, ao que dá a entender, México ficaria como uma “porta aberta” (“um outro país não entra em consideração”) e Recife um lugar de fato para Carpeaux e sua mulher se estabelecerem. “Em conclusão: providenciar tais passaportes, caso sejam realmente indispensáveis; mas deixá-los de lado, se pudermos evitar tudo isso.”⁶⁴

“Abusei, certamente, de sua paciência e atenção”, escreve um Carpeaux ciente do tamanho e da importância de suas demandas. Mas a amizade que sentia crescente por Álvaro Lins justificava, na sua irônica percepção, tais demandas: “Você é o primeiro e único amigo que tive a felicidade de encontrar no Brasil. Já que é assim, deverá pagar com alguns incômodos essa honra duvidosa.” Eles não se conheciam pessoalmente, e a necessidade de o austríaco voltar ao Rio para agilizar os assuntos do passaporte apátrida indicava essa possibilidade. Mas a estima de Carpeaux por Álvaro Lins ficaria textualmente registrada ao fim daquela carta escrita às vésperas de 1941:

Se não o tivesse conhecido, ou definharia lentamente em São Paulo, ou acabaria em algum campo de concentração, aqui ou lá. Talvez você não saiba, mas suas cartas foram para mim um símbolo de salvação: devo tudo isso a meu modesto interesse pelas letras e pelo povo brasileiro. Naquela

⁶² *Ibidem.*

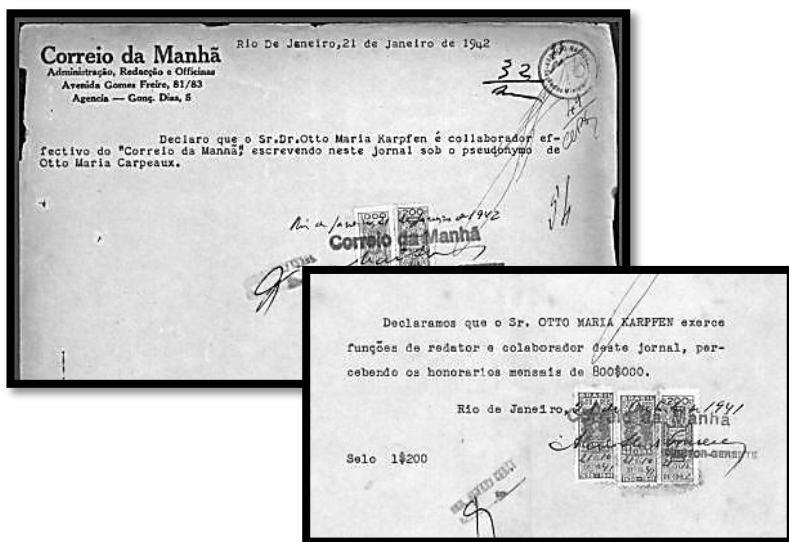
⁶³ *Ibidem.*

⁶⁴ *Ibidem.*

ocasião, você me estendeu o dedo e eu agarrei toda a sua mão. Mas esteja certo: ela dará provas de ser a mão de um amigo.

Conte com isso, caro Alvaro Lins.
Seu infinitamente grato e devotado,
Otto Maria Carpeaux.⁶⁵

Grosso modo e sem medo de cometer algum exagero, pode-se inferir que foi a Igreja Católica a responsável por livrar Carpeaux do fatal destino de milhões de ‘não-arianos’ da Europa sob guerra. Mas foi a Literatura que lhe deu a oportunidade de reinventar a sua vida e a sua história, a adentrar no ‘Grande Salão’.

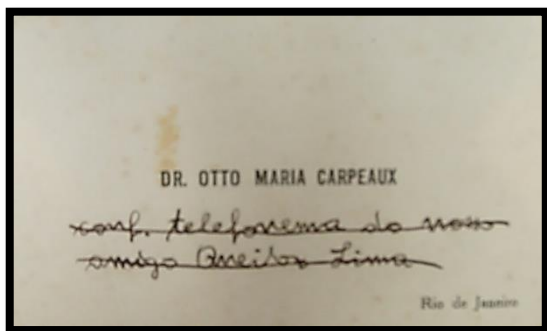


Informes de ocupação e rendimento emitidos pelo *Correio da Manhã* para subsidiar o processo de naturalização de Otto Maria Carpeaux. Acervo: Arquivo Nacional

⁶⁵ *Ibidem*.

‘Figura de extraordinário relevo intelectual’ – o processo de naturalização

Passados os primeiros meses de sobrevivência e fixação em terras brasileiras, o retorno ao Rio de Janeiro garantiu a Otto Maria Carpeaux o estabelecimento de uma nova *persona*. No final da década de 1940, já figuraria como partícipe da intelectualidade literária do Rio de Janeiro, tendo atuado como assíduo colaborador de suplementos literários⁶⁶, tendo dirigido as bibliotecas da Faculdade Nacional de Filosofia e da Fundação Getúlio Vargas, publicado dois livros de ensaios⁶⁷ e a obra *Pequena História Crítica da Literatura Brasileira*⁶⁸, referência na sistematização crítica da área.



Cartão pessoal Dr. Carpeaux. Acervo: Fundação Casa de Rui Barbosa

Naqueles poucos anos vivendo na Capital Federal, Carpeaux formaria o seu primeiro e mais duradouro núcleo de amizade, ao qual pertencia Álvaro Lins, Amoroso Lima, Carlos Drummond de Andrade, Manuel Bandeira, Aurélio Buarque de Hollanda, San Tiago Dantas, Francisco de Assis Barbosa, dentre poucos outros. Uma verdadeira rede, de capital importância para as questões práticas a envolver inclusão, notoriedade e polêmicas, como se pode aferir através de suas

⁶⁶ Além do *Correio da Manhã*, naqueles primeiros anos como ensaísta colaborou com o *Diário da Noite*, do Rio de Janeiro, e *O Estado de S. Paulo*, da capital paulista.

⁶⁷ CARPEAUX, Otto Maria. *A cinza do purgatório*. Rio de Janeiro: Casa do Estudante do Brasil, 1942; CARPEAUX, Otto Maria. *Origens e fins*. Rio de Janeiro: Casa do Estudante do Brasil, 1943.

⁶⁸ CARPEAUX, Otto Maria. *Pequena bibliografia crítica da literatura brasileira*. Rio de Janeiro: Serviço de documentação do MEC, 1949.

correspondências depositadas na coleção “Otto Maria Carpeaux” da *Fundação Casa de Rui Barbosa*; através das polêmicas registradas das páginas dos jornais e revistas daquela época; e, de forma mais ilustrativa, através do seu processo de naturalização, localizado hoje no *Arquivo Nacional*.⁶⁹

Protocolado junto ao Ministério da Justiça e Negócios Interiores em maio de 1942, o processo nº 10.345/42 tramitou por quase dois anos, até que a Certidão de Naturalização brasileira de ‘Otto Maria Karpfen’ fosse expedida.⁷⁰ Durante esse processo, um número significativo de advogados, juizes, ex-ministros e intelectuais se mobilizou para cancelar “à incorporação ao grupo dos brasileiros [um] amigo e vulto de excepcional importância na ordem do pensamento e da cultura: Otto Maria Carpeaux.”⁷¹

Não era tarefa das mais fáceis, já que Carpeaux nem mesmo contava com os dez anos mínimos de permanência no Brasil, uma das condições previstas no Artigo 10 do Decreto-Lei nº 389/1938, que regulava a obtenção da nacionalidade brasileira a época.⁷² Este dado foi apontado no ofício encaminhado ao ministro da Justiça pelo juiz de direito inicialmente responsável pelo processo, que ofereceu como alternativa àquela condição uma das exceções previstas no artigo 11 daquele mesmo decreto-lei, precisamente o item VI deste artigo: “Recomendar-se por sua capacidade científica, artística ou profissional.”⁷³ Ao que complementou argumentando: “A meu ver, está o requerente pelo seu incontestável valor, em condições de ser dispensado da exigência [...] podendo, assim, ser atendido o seu pedido de redução daquele prazo ou tempo de residência.”⁷⁴

Não por acaso, o pedido de naturalização de Carpeaux foi representado pelo escritório de advocacia de San Tiago Dantas, professor catedrático da Universidade do Brasil e então diretor da Faculdade Nacional de Filosofia daquela instituição. Em ofício dirigido ao “Exmo. amigo Ministro Marcondes Filho”, San Tiago Dantas tratou de justificar aquela falta de tempo mínimo de residência pelos méritos do solicitante e

⁶⁹ “Processo de naturalização nº 10.345/42”. *Op. cit.*

⁷⁰ “Documentos pessoais - OC Dp 01” In *Aervo da Fundação Casa de Rui Barbosa*. Arquivos Pessoais de Escritores Brasileiros – APEB. Fundo/Coleção: Otto Maria Carpeaux.

⁷¹ “Processo de naturalização nº 10.345/42”. *Op. cit.* pp. 11-2.

⁷² BRASIL. Decreto-Lei nº 389, de 26 de abril de 1938. Regula a nacionalidade brasileira. Legislação Federal do Brasil. Disponível em: <http://legislacao.planalto.gov.br/legisla/legislacao.nsf/Viw_Identificacao/DEL_%203891938?OpenDocument> acesso 27 jan. 2015.

⁷³ *Idem.*

⁷⁴ “Processo de naturalização nº 10.345/42”. *Op. cit.*, pp. 03-4.

pela promessa de naturalização feita a Carpeaux pelo ministro da Justiça anterior, ninguém menos que Francisco Campos:

Antes de deixar a pasta da Justiça, o dr. Francisco Campos prometeu ao emitente homem de letras austríaco Otto Maria Karpfen (por pseudônimo Otto Maria Carpeaux) encaminhar ao sr. Presidente da República o seu pedido de naturalização. [...] Trata-se de um obséquio aos méritos do filósofo, escritor e sociólogo, cuja integração em nosso meio revela uma simpatia fervorosa e uma tão grande compreensão do Brasil.

Assumindo V. Excia. a pasta, pediu-me o dr. Karpfen que fosse o intermediário da renovação do seu pedido, pois não tinha ele a honra de conhecer V. Excia. Acedi com o maior prazer, embora saiba que a minha intercessão nada acrescenta aos méritos do postulante ou ao juízo que dele há de ter V. Excia., e com esta carta encaminho a V. Excia. alguns estudos escolhidos que ele lhe deseja oferecer.[...] ⁷⁵

Àquela altura Carpeaux já trabalhava organizando e dirigindo a biblioteca da Faculdade Nacional de Filosofia, e foi justamente como o seu administrador que San Tiago Dantas apresentou mais um argumento em favor da naturalização de Carpeaux:

Não oculto, pois, a V. Excia. o interesse que, como administrador, também tenho em ver concedida a cidadania brasileira ao grande homem de letras, de quem espero fazer um dos colaboradores permanentes da Universidade do Brasil. ⁷⁶

O mesmo expediente, qual seja, a intercessão de eminentes personagens do cenário político e intelectual em favor da naturalização de Carpeaux, foi a base de outro documento anexado ao processo de naturalização e também dirigido ao titular da pasta do MJNI, Alexandre Marcondes Filho ⁷⁷ – uma espécie de *curriculum vitae* de Carpeaux, escrito e assinado sobretudo por escritores, como Graciliano Ramos, Manuel

⁷⁵ *Idem*, pp. 06-7.

⁷⁶ *Ibidem*.

⁷⁷ *Idem*, pp. 08-12.

Bandeira, Carlos Drummond de Andrade, Cecília Meirelles, Sérgio Buarque de Holanda, Lúcia Miguel Pereira, Nelson Rodrigues, dentre outros.

Além de apresentar um panorama das atividades e das obras publicadas por Carpeaux na Europa – com um recorte cuidadoso destas – de sua inserção no Brasil, este documento também tinha como função primordial retirar o processo de naturalização de Carpeaux do fluxo cronológico ordinário, conformado pela data de sua entrada no MJNI, e dotá-lo de uma apreciação *in tempore* – uma exceção que, conforme a portaria nº 6.002 (de 21 de agosto de 1942), só cabia ao presidente da República conceder. Antes de acompanhar os desdobramentos desta solicitação, vale a pena deter a atenção sobre como Carpeaux foi apresentado naquele documento, quais foram as imagens produzidas sobre ele e os sentidos esperados com tais construções.

Em um único parágrafo foram citados data e local de nascimento, bem como a formação acadêmica. Mesmo contendo algumas informações hoje sabidas incorretas⁷⁸, suas poucas linhas condensavam a formação europeia da ‘figura de extraordinário relevo intelectual’, descrevendo os cursos de Física, Filosofia, Literatura e Sociologia acompanhados em cidades como Berlim, Leipzig, Paris, Nápoles, além da própria capital austríaca.

No parágrafo seguinte, informações profissionais. Também um largo panorama europeu de inserções, que alcançava a redação e direção do suplemento literário do *Reichspost*, “o mais importante jornal católico da Europa Central”, de Viena, até a direção da Biblioteca de Estudos Sociais naquela mesma cidade, passando pela colaboração em jornais e revistas de Berlim (*Die Neue Rundschau*); Stuttgart (*Literarisches Echo*); Bruxelas (*La Cité Chrétienne*); Paris (*La Vie Intellectuelle*); e de Amsterdã (*De Gemmenschap*).⁷⁹

Na sequência, foram arroladas as obras publicadas por Carpeaux ainda na Europa – sete ao todo –, para depois de citar a colaboração “em diversas publicações belgas e holandesas”, momento em que, *en passant*, foi mencionada a sua saída da Áustria e seu primeiro exílio na Bélgica – “Deixando a Áustria em 1938, por motivo do *Anschluss*, residiu até o ano seguinte na Bélgica, tendo por esse tempo colaborado[...]”⁸⁰

A chegada ao Brasil, seu especial interesse e conhecimento pela literatura brasileira, “resultado [...] de sua imensa curiosidade intelectual,

⁷⁸ Como um ‘Doutorado em Filosofia’ pela Universidade de Viena, quando ao certo ‘Otto Karpfen’ obteve o seu Ph.D. em Química, como atesta o diploma anexado ao processo.

⁷⁹ *Idem*, pp. 08-9

⁸⁰ *Idem*, p. 09. No original, a palavra ‘Anschluss’ encontra-se sublinhada, bem como as demais palavras em outro idioma que não o português.

que o leva a uma vida quase ascética, de permanente convívio com os livros, entregue às altas cogitações do espírito”, somado à “espantosa facilidade com que se integrou no conhecimento da língua portuguesa, em que, de há meses, vem escrevendo diretamente os seus trabalhos, com apreciável correção”, são arrolados e assim descritos pelo documento; na sequência, apresenta uma citação de Gilberto Freyre como abonadora de igual visão, transcrevendo um trecho em que o renomado sociólogo pernambucano equipara Carpeaux aos ‘críticos nacionais’: “inclusive o erudito e penetrante Otto Maria Carpeaux, cuja integração na nossa vida intelectual vai se processando com rapidez surpreendente.”⁸¹

À citação expressa do Núncio Apostólico do Rio de Janeiro de que Carpeaux se achava “profundamente integrado na cultura latina”, contígua ao documento, procurou-se comprovar por meio das colaborações semanais de Carpeaux junto ao *Correio da Manhã*; mensais, junto a *Revista do Brasil* e “vez por outra em *O Estado de São Paulo*”⁸²; e por meio de uma descrição sintética da sua *persona* e de sua produção intelectual em território brasileiro:

Crítico, ensaísta, pensador, erudito e filósofo, a sua colaboração jornalística representa inestimável contribuição para a nossa cultura, pelo que de ensinamentos profundos, de sábias reflexões, de meditação séria nela se contém. Daria, já, matéria para nada menos de três volumes, de que brevemente sairá o primeiro – *A Cinza do Purgatório* –, edição da Casa do Estudante do Brasil.

Como todos os demais, os estudos contidos nessa obra têm, para valorizar-lhes a importância intrínseca, de todo em todo excepcional, o mérito de serem escritos num estilo claro e vivo, de rara melodia e cor, e invariável bom-gosto. Raramente alguém, exprimindo ideias tão altas e complexas, conseguiu manter a atmosfera de força poética, de vida, que anima esses escritos. Neles Otto Maria Carpeaux estuda, sempre de um ângulo de visão personalíssimo, figuras intelectuais europeias e americanas como Shakespeare, Dostoievski, Goethe, Conrad, Vico, Milton, Nietzsche, Maurras, Renan, Thornton, Wilder, Henry Adams, Antero de Quental e muitos outros, e, por outro lado, temas

⁸¹ *Ibidem*.

⁸² *Idem*, pp. 10-11.

de ordem filosófica, sociológica, histórica, política, teológica, etc.⁸³

Duas outras informações foram arroladas naquele documento. A primeira, a também comprovar o “expressivo reconhecimento das invulgares qualidades intelectuais de Otto Maria Carpeaux”, referia-se ao convite para que ele assumisse o cargo de Diretor da Biblioteca da Faculdade de Filosofia da Universidade do Brasil, expresso pelo Ministro da Educação, “devendo verificar-se em pouco, provavelmente, a nomeação.”⁸⁴ A outra, de que junto àquele processo de naturalização, também ‘corria’ o processo de sua esposa, “D. Helene Karpfen”, para o qual solicitava-se “as mesmas atenções que para o primeiro”.

Por fim, lê-se:

Certos de que ao esclarecido patriotismo de V. Ex. não poderá ser indiferente à incorporação ao grupo dos brasileiros de um estrangeiro nosso amigo e vulto de excepcional importância na ordem do pensamento e da cultura, os abaixo assinados Pedem deferimento.⁸⁵

Acatando o documento, o ministro Marcondes Filho o reenviou para o gabinete presidencial, frisando que “figuras ilustres das letras, das artes e das ciências do país” solicitavam o andamento dos processos de naturalização de Carpeaux e de sua esposa independentemente da ordem cronológica a que estavam sujeitos.⁸⁶ O contexto em aquele processo de naturalização tramitou junto ao MJNI era um dos menos favoráveis possíveis para um ‘católico não-ariano’, formalmente apátrida, mas possuidor de um passaporte austríaco – nação que, depois do *Anschluss*, passara a compor o III *Reich*, contra o qual, em agosto de 1942, o Brasil formalmente declarou guerra. Ademais, a excepcionalidade do processo prova que a intercessão de um grupo de ‘figuras ilustres’ – muitos dos quais alojados na estrutura do Estado Novo, sobretudo no Gabinete Capanema – junto a Getúlio Vargas, foi condição *sine qua non* para o seu favorável desfecho.

Mas não sem antes alimentar o voraz apetite da máquina burocrática. Certidão de ideologias – “Certifico, em cumprimento ao despacho exarado em oito de outubro de 1941 [...] e de acordo com as

⁸³ *Idem*, p. 11

⁸⁴ *Ibidem*.

⁸⁵ *Ibidem*.

⁸⁶ *Idem*, p. 13.

informações prestadas pela Delegacia Especial de Segurança Política e Social, que Otto Maria Karpfen [...] não professa ideologias contrárias às instituições vigentes[...]”⁸⁷ –; Atestados de residências emitidos por distritos policiais – atual e anteriores, incluindo os endereços em que morou em São Paulo⁸⁸ –; ‘Folha corrida’⁸⁹; e ‘Atestado de bons antecedentes’⁹⁰ integram a série de documentos daquele processo.

Os obstáculos pareciam não ter fim. À certa altura do seu trâmite, por exemplo, um Aditamento datado de outubro de 1943 e oriundo da Diretoria de Justiça e do Interior⁹¹ informava os procedimentos e os documentos até então arrolados, prescrevia outros para o pleno curso do processo e, reconhecendo a não-observância do requerente quanto aos dez anos mínimos de “residência contínua no território nacional”, dava o seguinte parecer:

[...]

Entretanto, à vista do que foi aprovado na exposição de motivos GS-602/43, sobre os processos de súditos de nações com as quais o Brasil está em guerra ou rompeu relações, os quais só em casos excepcionais serão deferidos, verificados rigorosamente os antecedentes do naturalizando, sua prolongada residência e os elementos de sua radicação no meio nacional, parece-me não caber tal exceção e menos ainda o deferimento do pedido, uma vez que se trata de austríaco.⁹²

Logo abaixo deste parecer, agora à caneta e assinado por um dos diretores da DJI, lê-se: “Tratando-se de pedido já autorizado pelo Sr. Presidente da República o sair da ordem cronológica [*visi*], penso que somente S. Excia. poderá decidir.”⁹³ Quase um ano antes de seu despacho favorável à retirada daquele processo de sua ordem cronológica natural, cabia novamente a Getúlio Vargas a decisão frente àquele novo dado. E, talvez por uma diferença de poucos meses, aquele processo ganharia um desfecho diferente do que o ocorrido. A certidão de naturalização foi

⁸⁷ *Idem*, pp. 164-5.

⁸⁸ *Idem*, pp. 54-9.

⁸⁹ “Não vale como atestado de bons antecedentes”. *Idem*, pp. 60-1.

⁹⁰ *Idem*, pp. 62-3.

⁹¹ *Idem*, pp. 189-90.

⁹² *Idem*, p. 190.

⁹³ *Ibidem*.

assinada por Getúlio Vargas em 18 de janeiro de 1944⁹⁴. Nos meses que se seguiram, uma intensa campanha de oposição a Carpeaux, movida por intelectuais ligados à revista *Diretrizes*, movimentou ataques, defesas e, sobretudo, mal-entendidos nas principais publicações da Capital Federal.



Folha corrida. Declaração da Nunciatura Apostólica do Brasil. Declaração de endereços. Certidão Ideológicas – Documentos de subsídio ao processo de naturalização de Otto Maria Carpeaux. Acervo: Arquivo Nacional

⁹⁴ Foi registrado junto ao MJNI sob o n° 107, em 05 de fevereiro de 1944. Cf.: “Documentos pessoais - OC Dp 01” *Op. cit.*

A recepção ‘à esquerda’ de Carpeaux

‘Pugilato no reencontro entre Jorge Amado e Otto Maria Carpeaux’

Os escritores Jorge Amado e Otto Maria Carpeaux, inimigos de 15 anos, foram às vias de fato, ontem, após acalorada discussão, à saída do ‘Correio da Manhã’, onde haviam participado de um almoço em homenagem ao escritor luso Ferreira de Castro. Ao chegar, o autor de ‘Gabriela, cravo e canela’ cumprimentou os presentes cordialmente, menos o Sr. Carpeaux, que é um dos principais redatores daquele jornal. Entre ambos há uma diferença pessoal que data ainda do período da II Grande Guerra, quando os dois conhecidos homens de letras trocaram impropérios, por motivos de fundas divergências políticas. O tempo não apagou a malquerença. E aquele reencontro fez reavivar velhas feridas. O crítico Carpeaux conteve-se, durante o almoço. Mas muito lhe custou, pelo visto, represar a sua indignação pelo fato, de todo imprevisto e que, como era natural, causou mal-estar entre os participantes do almoço. À saída, Carpeaux perdeu a calma e, não resistindo à pressão dos seus melindres, foi tomar satisfações pela ofensa deliberada. Os dois discutiram, trocando expressões violentas, e logo passaram à troca de socos. O incidente não assumiu feição mais séria graças à pronta intervenção dos presentes.⁹⁵

Como a nota um tanto sensacionalista d’*O Globo* indica, o episódio entre Carpeaux e o escritor Jorge Amado era resquício da forma como parte da esquerda brasileira da década de 1940 recebera Carpeaux: basicamente com uma certa antipatia, se não natural ao estrangeiro fortemente ligado à Igreja Católica, alimentada por um necrológio seu sobre Romain Rolland.⁹⁶ Neste artigo e nos posteriores à sua repercussão, Carpeaux criticou o que considerava cega idolatria a capacidade de “transformar romances ridículos em obras-primas”. Prêmio Nobel de Literatura em 1915, consagrado como grande pacifista e humanista desde pelo menos a I Guerra Mundial, para Carpeaux Romain Rolland era um

⁹⁵ Jornal *O Globo*, Rio de Janeiro, 10/10/1959, p. 06.

⁹⁶ CARPEAUX, Otto Maria. “A morte de Romain Rolland” In *Revista do Brasil*, Rio de Janeiro, dezembro de 1943.

“representante honesto de uma ideologia vaga, tipicamente pequeno-burguesa.”⁹⁷

Episódio pontual, mas que ganhou grande ressonância naquele momento em que se exacerbavam as contradições do Estado Novo – um regime internamente autoritário e centralizador que, no grande conflito mundial em curso, marchava ao lado dos Aliados e contra regimes autoritários e centralizadores. Essas contradições eram particularmente vívidas no cenário intelectual carioca,⁹⁸ e foi justamente numa revista que havia sido criada por um dos ideólogos do Estado Novo que se apresentou uma verdadeira campanha em defesa de Romain Rolland e de ataque a Carpeaux, a revista *Diretrizes*.

Criada em março de 1938, *Diretrizes* representa bem a complexa relação entre os intelectuais de esquerda e o Estado Novo. Dirigida pelo por Azevedo Amaral, defensor do autoritarismo e da eugenia como políticas de estado⁹⁹ e tendo como redator-chefe o jovem jornalista Samuel Wainer, a revista mensal cujo subtítulo era *Política, economia, cultura* fora pensada para ser mais uma frente de apoio ao regime instaurado em novembro de 1937. Mas a iminência de um grande conflito mundial e a orientação antifascista de Samuel Wainer, traduzida em reportagens internacionais, contrastavam, número após número, com os editoriais de Azevedo Amaral – que em menos de oito meses deixou a revista para fundar *Novas Diretrizes*.¹⁰⁰

Com Samuel Wainer à frente e com um *pool* de escritores e jornalistas de esquerda – muitos dos quais ligados ao PCB¹⁰¹ –, *Diretrizes*

⁹⁷ *Idem*. Também em CARPEAUX, Otto Maria. “Discussão e terrorismo” In *Jornal O Jornal*, Rio de Janeiro, 16/04/1944.

⁹⁸ Este cenário já foi explorado por trabalhos como SCHWARTZMAN, Simon; BOMENY, Helena M. Bousquet; COSTA, Vanda M. Ribeiro. *Tempos de Capanema*. 2ª ed. São Paulo: Paz e Terra; Fundação Getúlio Vargas, 2000; BOMENY, Helena. (org.) *Constelação Capanema: intelectuais e políticas*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2001.

⁹⁹ Meses antes do primeiro número de *Diretrizes*, Azevedo Amaral havia publicado *O Estado autoritário e a realidade nacional*, libelo de defesa do regime estadonovista.

¹⁰⁰ *Novas Diretrizes* circulou entre novembro de 1938 e setembro de 1942, quando da morte de Azevedo Amaral. Cf.: DUQUE Filho, Álvares Xavier. *Política internacional na revista Diretrizes (1938-1942)*. Dissertação (Mestrado em História). Faculdade de Ciências e Letras de Assis. Universidade Estadual Paulista, Assis, 2007; WAINER, Samuel. *Minha razão de viver*. Memórias de um repórter. Rio de Janeiro: Record, 1987.

¹⁰¹ Em suas memórias, Wainer chega a dizer que “não compreendia, ou não queria compreender, que a linha editorial da revista estava atendendo a outros

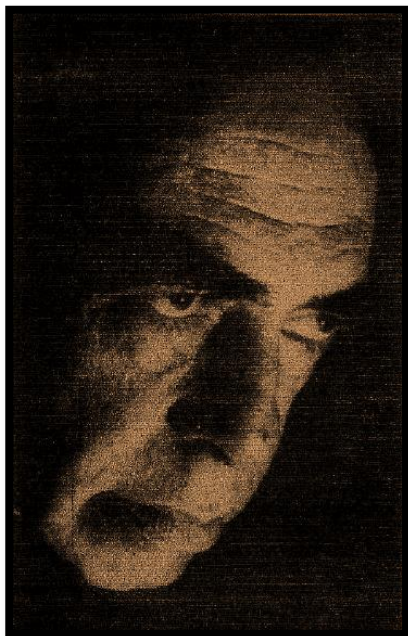
seria a publicação por excelência para a defesa de um intelectual fortemente ligado à luta antifascista e à defesa do regime socialista soviético como Rolland. Em fevereiro de 1944, um manifesto de iniciativa do romancista Dalcídio Jurandir inauguraria as moções de repúdio a Carpeaux que partiriam de nomes já proeminentes da intelectualidade brasileira, como Oswald de Andrade, Mário de Andrade e Carlos Lacerda. Os ataques se espalharam para outros periódicos, como *Diário de Notícias* e *O Jornal*, e certamente foram potencializados pela participação de outro exilado no país, o romancista católico francês Georges Bernanos.

Carpeaux não se furto a responder às acusações, que basicamente gravitavam em torno de seu passado europeu e de sua ligação ou simpatia para com o ‘fascismo’. No mesmo *O Jornal*, publicou um artigo que resume, de sua parte, os parâmetros daquela campanha, engrossada com as opiniões de Bernanos. À certa altura, Carpeaux relata:

Já se passaram dois meses desde que lancei um repto de honra ao sr. Bernanos, sem ele responder. [...] Pelo raptó [sic] o colunista deixou-se incitar a expor opiniões confusas da minha atividade literária, nos quais o romancista não tem competência alguma; e no afã de ficcionista chegou a afirmar que eu teria servido ao fascismo. [...] ‘Alguns amigos’, conhecidos ou desconhecidos do sr. Bernanos tem repetido, em campanha bem organizada, a acusação de eu simpatizar ou estar ligado ao fascismo. Essa acusação baseia-se num único texto: parágrafo dum artigo do sr. Álvaro Lins, hoje reproduzido na pág. 298 do seu livro ‘Jornal da Crítica’, 2ª série. Ali, quem sabe ler, lerá que apoiei a política exterior de Dollfuss, defendendo a independência da Áustria, e que me opunha ‘irredutivelmente’ à política social do mesmo Dollfuss, totalitária e fascista. Não me arrependo dessas atitudes. Quatro anos de oposição ao nazismo, a serviço da independência austríaca, e sem participar em emprego público ou particular da administração dollfussiana, contam; a oposição

interesses” e cita a revelação que a ele fizera o militante comunista Octávio Malta, “enviado da Bahia para o Rio com a incumbência de assegurar para o PCB o controle de Diretrizes.” Cf.: WAINER, Samuel. *Op. cit.*, pp. 52. São exemplos de outras intelectuais de esquerda, ligados ou não ao PCB, que escreviam na revista: Jorge Amado, Graciliano Ramos, José Lins do Rego, Aníbal Machado e, àquela época esquerdistas, Raquel de Queiróz e Carlos Lacerda.

austriaca ao fascismo, retardando de quatro anos a agressão contra a Tchecoslováquia, foi de certa [?] utilizado para a Europa desarmada e desprevenida, e até o próprio partido comunista austríaco reconheceu isso, aderindo na noite de 10 de março de 1938 – tarde demais – àquela política exterior. Quanto à firmeza da minha oposição ao fascismo austríaco, como a qualquer outros fascismos, passei por todas as provas, na Áustria, na Bélgica, no próprio Brasil. Afinal, não me mudei para cá como fazendeiro improvisado; cheguei, perseguido e exilado. E como exilado, em situação delicadíssima, deixei ao sr. Álvaro Lins as informações nas quais se baseia aquele parágrafo: para estabelecer bem clara a minha atitude irredutível em face da reação política e social, e para estabelecer bem clara a minha atitude em face da Alemanha, isto numa época em que o embaixador da Alemanha estava ainda presente no Rio de Janeiro, presente e poderoso. Eis o único documento com respeito ao meu ‘reacionarismo’. No mundo inteiro não existe outra documentação contra.¹⁰²



Otto Maria Carpeaux. Acervo:
Agência JB

Numa carta enviada para Carlos Drummond de Andrade naquele contexto, possivelmente em resposta a um gesto de solidariedade do poeta mineiro, Carpeaux demonstrou que sua preocupação não se limitava apenas à sua ‘existência literária’, mas alcançava também seu outro meio de existência (este material) que era o cargo que ocupava como diretor na biblioteca da Faculdade Nacional de Filosofia: “[...] estou convencido de que a vitoriosa e indisputada campanha de difamação contra mim vai

¹⁰² CARPEAUX, Otto Maria. “Discussão e terrorismo” *Op. cit.*

acabar com a minha existência literária, e afinal também com esse emprego. [...]. Nestas semanas, nas quais sou realmente um ‘ofendido e humilhado’ e além disso um abandonado, foram as primeiras e únicas palavras de amizade que recebi.”¹⁰³

Escrever para Drummond àquela altura significava não só retribuir o apoio do amigo durante o momento de polêmica, como de certa forma prestar conta a uma das pessoas responsáveis por intermediar a sua colocação naquela instituição.¹⁰⁴ Mas, como mostra o excerto citado, aquela já não era mais uma “indisputada campanha de difamação.” A exemplo da carta enviada a Drummond, seu artigo publicado n’*O Jornal* mobilizava um verdadeiro exército de intelectuais em contra-ataque à acusação de reacionarismo que aquela campanha reacendeu:

Eis o meu assunto principal: protestar contra a introdução de métodos terroristas na discussão literária: contra o terrorismo que fala de Liberdade, a toda hora, e gostaria de sufocar a liberdade da palavra alheia. Não é estranho que durante três anos da minha atividade incessante, ninguém, até nos últimos tempos, haja reparado o meu suposto ‘reacionarismo’? Não perceberam aqueles que acharam [...] digno de aplausos a minha atitude literária – como Gilberto Freyre, Astrogildo Pereira, Álvaro Lins, Valdemar Cavalcante, Afonso Arinos de Melo Franco, José Lins do Rego, Brito Broca, Odorico Tavares, Otávio de Freitas Junior e o professor Roger Bastide?; não o perceberam os outros que também me acharam digno da sua amizade – como José Américo de Almeida, Manuel Bandeira, Carlos Drummond de Andrade, José

¹⁰³ Carta CDA-CP-0328, 08/7/1944. In *Açervo da Fundação Casa de Rui Barbosa*. Arquivos Pessoais de Escritores Brasileiros – APEB. Fundo/Coleção: Otto Maria Carpeaux.

¹⁰⁴ Em outra carta enviada a Drummond em 1942, Carpeaux agradece a indicação de seu nome que o poeta mineiro fizera ao então diretor da Faculdade Nacional de Filosofia, San Tiago Dantas: “Meu caro Carlos Drummond de Andrade. Fui informado pelo professor San Tiago Dantas do seu interesse benevolente com respeito aos meus eventuais serviços na biblioteca da Faculdade Nacional de Filosofia. [...] Evidentemente, trata-se duma coisa de máxima importância para mim: construir-me, após tantas vicissitudes, uma nova existência, neste Brasil que será a minha nova pátria.” Cf.: Carta CDA-CP-0328, 16/07/1942. In *Açervo da Fundação Casa de Rui Barbosa*. Arquivos Pessoais de Escritores Brasileiros – APEB. Fundo/Coleção: Otto Maria Carpeaux.

Queiroz Lima, Sérgio Buarque de Holanda, Aurélio Buarque de Holanda, Otávio Tarquínio de Souza, Graciliano Ramos, Cândido Portinari, Edmundo da Luz Pinto, Augusto Frederico Schmidt, Augusto Meyer, Murilo Mendes, Dante Milano, Santa Rosa, Arquimedes de Melo Neto; nem o perceberam estes e outros representantes da inteligência brasileira – entre eles Aníbal Machado – que pediram, em requerimento ao presidente da República, a minha naturalização. E do outro lado dessa gente mais ilustre do Brasil, ilustre pela inteligência e pela honestidade, do outro lado se encontram – os outros!¹⁰⁵

Apesar da grande proporção deste debate de 1944, não era incomum as críticas negativas sobre os primeiros ensaios de Carpeaux (sobretudo àqueles coligidos em *A Cinza do Purgatório e Origens e Fins*); antes, portanto, de seu artigo sobre Romain Rolland.¹⁰⁶ São exemplos pontuais, mas demonstram que a sua figura como um ‘reacionário’ grassava pelo menos em parte do cenário intelectual carioca dos anos 1940, e que as ‘vias de fato’ a que chegou com Jorge Amado, nos anos 1950, estavam longe de ser a primeira polêmica em que se envolvera –o que só tende a tornar mais complexa a imagem de Carpeaux construída durante a última ditadura militar brasileira, como se verá posteriormente.

Ainda sobre aquele debate de 1944, Eduardo, o personagem de *Espelho Partido*, registrou assim em seu diário:

Jacobo de Giorgio delirou com o punhetaço de Gasparini.
– Canalhas!
Mas não adianta rilhar os dentes, raivoso, sofrido.
São terríveis os adversários, com ou sem as fuças

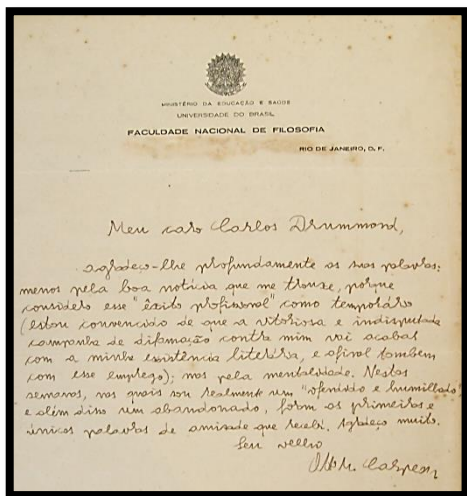
¹⁰⁵ CARPEAUX, Otto Maria. “Discussão e terrorismo” *Op. cit.*

¹⁰⁶ Há outro exemplo na mesma revista *Diretrizes*, desta vez de 1943: “[...] Se chamamos de reacionário não tínhamos a intenção de o comparar, por exemplo, ao sr. Alceu Amoroso Lima. [...] O adjetivo foi sem dúvida supérfluo. Um simples caso de redundância. Bastava dizer o que em seguida afirmamos – sem nenhum intuito de diminuir o escritor austríaco: – um veemente anti-marxista, um exegeta do primado do espírito ao máximo delírio. [...] Isto nos alega e só temos a felicitar os que não querem ver nele um regresso a Hegel, um conformista revestido de inconformismo, uma posição espiritualista de quem se devora a si mesmo.” Cf.: EVARISTO, Manuel. “Panorama da crítica” In Revista *Diretrizes*, Rio de Janeiro, 12/08/1943.

amassadas – reconhece-lhes a força, sente-se algo impotente! Expulso é que não será, os papéis de naturalização estão em ordem, há amigos graúdos se mexendo – nem só inimigos têm os homens. Mas só passará o fogaréu desmoralizador por exaustão, quando o capim seco do campo for todo queimado. Ainda falta um restinho da abjeta coivara.

– Canalhas! – insiste.

Emagreceu, é uma pilha de nervos, mais agressivo se torna, reação talvez salutar e que me provoca ainda mais a vontade de agradá-lo, de prestigiá-lo, de ostensivamente citá-lo.¹⁰⁷



Carta de Carpeaux a Drummond, de 1944. Detalhe do papel timbrado da Faculdade Nacional de Filosofia, cuja biblioteca estava sendo organizada e dirigida pelo signatário. Acervo: Fundação Casa de Rui Barbosa

¹⁰⁷ REBELO, Marques. *A guerra está entre nós*. Terceiro tomo de *O espelho partido*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984, p. 424. *Roman à clef* em forma de diário, *O espelho partido* possui 3 volumes publicados, abrangendo a intelectualidade carioca entre os anos de 1936 a 1938 (*O trapicheiro*), de 1939 a 1941 (*A mudança*), e de 1942 a 1944 (*A guerra está entre nós*), publicados respectivamente em 1959, 1963 e 1968. Marques Rebelo (pseudônimo de Eddy Dias da Cruz). Sobre a concepção deste projeto – inicialmente previsto para 7 volumes –, sua fortuna crítica, as ‘chaves’ acerca dos principais personagens e a concepção de tempo engendrada nos três volumes, Cf.: FRUNGILLO, Mário Luiz. *O espelho partido: História e memória na ficção de Marques Rebelo*. Tese (Doutorado em Teoria e História Literária). Instituto de Estudos da Linguagem. Campinas: Universidade de Campinas, 2001.

Um Carpeaux ‘adaptado’ ou em vias de (espécie de resposta aos anos 1944-45)

Ao grande público da década de 1940, porém, o “homem Carpeaux” era ainda uma *persona* que carecia de elementos descritivos para preencher com carne, osso e história aquele pseudônimo. Com o explícito intuito de preencher aquele espaço, o jornalista Homero Senna publicou uma entrevista com Otto Maria Carpeaux no suplemento carioca *Revista do Globo*. O ano era 1949.¹⁰⁸

Nessa entrevista foram reunidas informações importantes, algumas inéditas, sobre o passado europeu de Carpeaux, como sua formação e influências intelectuais, suas atividades pela Europa no período entre guerras e suas ações políticas na luta contra o avanço nazista sobre a Áustria:

Estudei em Viena e em outras universidades europeias. Poucos sabem que, antes de estudar Letras, estudei (até o fim) Matemática, Física e Química. [...] Sou produto de um ambiente multinacional, cosmopolita. As influências mais poderosas para a vida inteira: a Antiguidade clássica (oito horas semanais de latim durante oito anos de estudo secundário); o espírito do catolicismo barroco que enche a atmosfera austríaca, e sobretudo o sistema de ensino universitário alemão (como foi antigamente), com as liberdades conjuntas de ensinar e estudar; daí também a relação dos estudos literários com os de Filosofia, História, Sociologia; depois, Guerra, Inflação e profundas transformações sociais ensinaram-me algo do sentido da História: lições de Hegel, Marx e Croce transformando-se em experiências vividas.¹⁰⁹

Na rara entrevista, Carpeaux seguiu mencionando algumas atividades desenvolvidas antes do exílio, majoritariamente a de jornalista e a de crítico literário: “Minha profissão sempre foi a Literatura [...] vários e inúmeros artigos de revista publicados. [...] O jornalismo, de que vivi durante aqueles anos todos, só foi meio de vida, embora sobrepondo-se às outras atividades”¹¹⁰. Segundo Carpeaux, se não fosse o episódio do

¹⁰⁸ SENNA, Homero. *Otto Maria Carpeaux. Op. cit.*

¹⁰⁹ *Ibidem.*

¹¹⁰ *Ibidem.*

Anschluss, muito provavelmente ele teria se tornado o “articulista de fundo da *Neue Freie Presse*, em Viena, então o maior jornal da Europa Central”¹¹¹ – posição equivalente à que iria ocupar no *Correio da Manhã* nos anos seguintes.

Ainda na mocidade e no período anterior à sua conversão ao catolicismo, houve espaço para outras atividades não diretamente políticas, como, por exemplo, “dois anos de trabalho no cinema mudo, em Berlim, entre 1927 e 1929, redigindo *scripts*.”¹¹² Mas sua ação política nos anos posteriores à ascensão de Hitler na Alemanha tampouco deixou de ser lembrada por Carpeaux, que enxergava na luta pela independência austríaca¹¹³ uma forma de retardar o anseio expansionista do III *Reich*, como de fato se confirmou após o *Anschluss*, em março de 1938:

[...] A anexação da Áustria pela Alemanha [...] fechou o círculo em torno da Tcheco-Eslováquia, o que produziu Munique, o que separou do Ocidente a Polónia, o que isolou no continente a França etc., etc. A luta pela independência austríaca, de 1934 a 1938, retardou durante quatro anos a agressão geral à Europa.¹¹⁴

O sentido de ação, de luta – especificamente a luta antifascista, seja escrevendo em jornais e revistas, seja publicando livros-panfletos, como *A missão europeia da Áustria* – foi destacado como dever a ser cumprido, mesmo que lutasse sob as ordens de Dollfuss – que, segundo Carpeaux, “era bem mais do que ‘meio fascista’”:

Mas nem todos teriam falado tão alto como eu. [...] Falei assim na Áustria, até a minha fuga precipitada e perigosa. [...] Falei assim na Bélgica, como redator de um jornal de Antuérpia, em 1938/1939. [...] Falei assim aqui no Rio, desde 1941, escrevendo contra o fascismo alemão, o italiano e o espanhol (e meu primeiro artigo na *Revista do Brasil* foi contra Vichy).¹¹⁵

¹¹¹ *Ibidem*.

¹¹² *Ibidem*

¹¹³ Luta acima de tudo interna, pois o *lobby* pró-*Reich* era expressivo naquele pequeno país que se tornara a Áustria após a I Guerra Mundial. Cf.: WASSERMAN, Janek. *Black Vienna, red Vienna*. *Op. cit.*

¹¹⁴ SENNA, Homero. “Otto Maria Carpeaux”. *Op. cit.*

¹¹⁵ *Idem*.

Mas a luta antifascista, que pontuava um Carpeaux recém-envolvido na polêmica com Georges Bernanos e outros intelectuais, não deveria servir de “profissão de fé política”, mas sim como uma atitude, pontual, histórica, mas não uma profissão: “Os acontecimentos de outubro de 1945 criaram o desemprego de vários antifascistas profissionais; são estes que, conforme a moda do dia, ‘simpatizam’ com o comunismo para renegá-lo no dia seguinte, fazendo profissão de fé ‘democrática’.”¹¹⁶ Quanto a si, Carpeaux não se definia àquela altura nem como um comunista, anticomunista, tampouco um democrata à maneira daqueles “profissionais”. Disse acreditar na “inevitabilidade do advento do socialismo”, mas que era necessário lutar para que sob o socialismo não desaparecessem “os valores culturais tradicionais e os valores da liberdade individual.” Conhecedor da obra e um dos primeiros divulgadores do pensamento de Walter Benjamin no Brasil, Carpeaux, tal qual o filósofo alemão, disse não acreditar no “Progresso, com maiúscula [...] no progresso sempre para o melhor”, sobretudo porque esse ideal pressupunha a inexistência de “Destino”, que era a forma como Carpeaux explicava a sua fuga e sobrevivência no exílio: “Destino foi que escapei, daquela maneira, de Viena. Destino foi que desembarquei certo dia no Brasil, ficando primeiro um ano e meio em São Paulo.”¹¹⁷

Carpeaux segue a entrevista revelando que só havia sobrevivido em São Paulo entre 1939 e início de 1941 vendendo os últimos livros que conseguira trazer da Europa. Pela especificidade de sua fuga – após o *Anschluss*, ficara quatro dias escondido em Viena até conseguir embarcar para a Bélgica –, Carpeaux teve de abandonar a sua biblioteca. É nesta entrevista a Homero Senna que ele explica, pela primeira vez, como conseguiu reaver cerca de 200 volumes, que lhes foram entregues na Bélgica e com os quais conseguiria sobreviver durante um ano e meio em São Paulo:

Fugi de Viena com uma pequena mala de mão e sem um tostão. Perdi pátria, casa, móveis e vários milhares de livros. Ao contrário do que se supõe, os nazistas não queimaram as bibliotecas (só houve queimas simbólicas); distribuíram os livros apreendidos entre pessoas interessadas. Esteve em Viena, nesse tempo, um professor universitário americano, amigo meu; este foi à Gestapo,

¹¹⁶ *Ibidem*.

¹¹⁷ *Ibidem*.

declarando que me havia emprestado vários livros; e tão grande era ainda o prestígio de "cidadão americano" que lhe permitiram, sem provas, escolher uns duzentos volumes que ele me mandou para a Bélgica, e que eu vendi depois em São Paulo, por necessidade. Hoje tenho mais ou menos uns dois mil e quinhentos volumes, pequena biblioteca de trabalho, penosamente reconstruída; não é nada, mas é questão de *to make the best of it*.¹¹⁸

Sendo lembrado pelo entrevistador do vínculo que Álvaro Lins havia estabelecido, em 1941, entre ele e a Igreja Católica, e questionado se ele ainda era um escritor católico, Carpeaux não se furta a ratificar o seu pertencimento àquela instituição – “fundamento e vaso das tradições cristãs, cuja indispensabilidade no mundo presente e futuro se me afigura tão certa como a citada inevitabilidade do socialismo.”¹¹⁹ Questão fundamental para a fixação recente de uma imagem da *persona* Carpeaux – que, no limite, relaciona a defecção religiosa, no final da vida, do crítico literário com o seu envolvimento na luta contra a ditadura e à pressão que havia sofrido dos ‘comunistas’ para tanto¹²⁰ –, já em 1949 Carpeaux faz questão de estabelecer diferentes gradações de seu envolvimento com a religião: “Pertencço à Igreja Católica; tudo o mais é questão de foro íntimo. [...] Não escrevo sobre teologia. Sou leigo, e os leigos gozam de liberdade maior do que pensa a gente extra muros.”¹²¹ E fecha este tema da entrevista citando uma significativa frase do escritor francês Chamfort: “Prefiro a companhia dos ateus à dos crentes. Na presença de um ateu ocorrem-me todos os argumentos filosóficos em favor da existência de Deus; na presença de crentes ocorrem-me os contra-argumentos.”¹²²

Outros dados do crítico literário estiveram presentes na entrevista, alguns mais pontuais, outros mais significativos: quantos artigos escrevia por semana (“Dois, para os jornais em que colaboro; e mais um ou outro

¹¹⁸ *Ibidem*.

¹¹⁹ *Ibidem*.

¹²⁰ Essa imagem será abordada com mais acuidade no capítulo 3. Por ora, basta apontar que ela provém de uma das teses levantadas por Olavo de Carvalho no ensaio memorialístico “Introdução a um exame de consciência” In CARPEAUX, Otto Maria. *Ensaio reunidos* – vol. I. (1942-1978). Rio de Janeiro: Topbooks/UniverCidade, 1999, pp. 15-69.

¹²¹ SENNA, Homero. “Otto Maria Carpeaux” *Op. cit.*

¹²² Chamfort, antes da Revolução Francesa, era secretário da irmã de Luiz XVI, Madamé Elisabeth, mas tornou-se um defensor ardente dos ideais revolucionários, sobretudo dos ideais jacobinos.

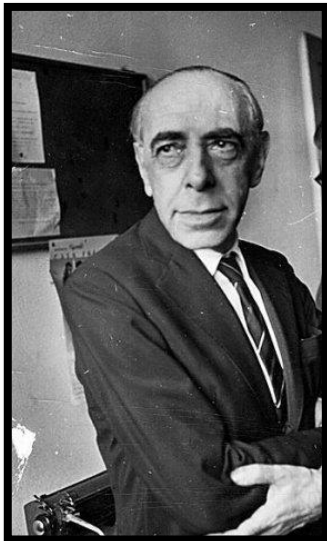
por mês para revistas”); se gostava de escrever (“Não gosto; é um pesadelo. Mas, ainda mesmo que escolhesse outra atividade, reincidiria”); qual era a sua rotina de escrita (“Não divido o meu dia, é ele que me divide”); sua relação com o cinema (“Fui [um apreciador] do cinema mudo que estava para virar arte quando a técnica estragou tudo”); com a música (“Nasci e vivi com música. Mas considero-me diletante, embora tenha adquirido, de entendido, o hábito de apreciar, na música, menos o efeito sentimental do que a estrutura temática e harmônica”); de como havia aprendido a língua portuguesa (“Nunca estudei propriamente a língua; nunca tive aulas de português. Aprendi a língua exclusivamente lendo, lendo muito, em São Paulo; no Rio, depois de poucos meses comecei a escrever diretamente em português, língua em que hoje já consigo pensar”); o primeiro livro de literatura brasileira que lera (“As Páginas Recolhidas”, de Machado de Assis”); os “vultos” da literatura brasileira que mais o impressionavam (“Machado de Assis; e, apesar dos defeitos evidentes, Lima Barreto e Augusto dos Anjos, porque são os mais brasileiros, os que me dizem coisas que ignorava na Europa”); os planos para o futuro (“redigir o livro sobre a literatura russa que prometi a José Olímpio”) e o livro preferido de sua autoria (“O que escrevi e não publiquei: a *História da Literatura Ocidental*, trabalho tremendo de umas quatro mil páginas datilografadas, concluído em novembro de 1945. Sim. 1945. E até hoje...”¹²³).

Passados, então, quatro anos da derrocada nazi-fascista na Europa, e questionado por Homero Senna se pretendia voltar ao Velho Continente, Carpeaux respondeu: “Voltar para passear, sim, para rever... Mas só para isso. Não considero o ato de minha naturalização simples formalidade jurídica. Conheço e respeito os limites do ‘enraizamento’. No resto, considero-me um brasileiro. *J’y suis, j’y reste*”.¹²⁴ E em relação ao derradeiro pedido do entrevistador para fornecer-lhe mais dados pessoais, Carpeaux resumiu: “Nasci em Viena, em 1900. Casado, não tenho filhos – conforme dizia Brás Cubas: ‘Não tive filhos; não transmiti a nenhuma criatura o legado da nossa miséria...’”¹²⁵

¹²³ Mais adiante, será analisado este hiato entre a escrita da *HLO* e o início de sua publicação, a partir de 1959.

¹²⁴ “Aqui estou, aqui fico” – citação famosa, atribuída ao general francês Patrice de Mac-Mahon durante o Cerco de Sébastopol, episódio decisivo da Guerra da Criméia (1853-1856).

¹²⁵ *Ibidem*.



Otto Maria Carpeaux. Acervo digital

Tanto o passado europeu de Carpeaux quanto sua tortuosa inserção no Brasil demonstram seu esforço em transformar-se, no espaço de uma década, se não num especialista, em um debatedor do cânone e do que surgia de mais moderno na literatura brasileira. Neste mesmo ano da entrevista a Homero Senna, Carpeaux publicou *Pequena História Crítica da Literatura Brasileira*¹²⁶, obra de referência para os interessados numa sistematização crítica da história de nossa literatura; e certamente ousada, posto que escrita por um emigrado que há pouquíssimos anos ainda sequer escrevia em português.

Enraizamento – A obra ‘quase perdida’ e ‘Vida e romance’

Querido mestre e amigo [Manuel Bandeira] [...] Você sabe que a Casa Est. Bras. concluiu comigo um contrato quanto àquela ‘História da Literatura’. O contrato (que, entre outras coisas obriga a C.E.B. a mandar datilografar meus originais manuscritos, e a me pagar uma ajuda de custos de documentação de Cr\$ 14000,00) prevê, no caso da minha desistência, a restituição em dobro da importância recebida. [...] Além disso, compreende também as edições em língua estrangeira, e, antes de tudo, não prevê prazo para a publicação. Assinei esse contrato, porque tinha plena confiança no Arquimedes, confiança sempre justificada até os últimos tempos. A situação financeira da C.E.B. tornou-se porém difícil. O Arquimedes está devendo dinheiro a muita gente, tem de prometer

¹²⁶ CARPEAUX, Otto Maria. *Pequena bibliografia crítica da literatura brasileira*.

sem cumprir etc., afinal, tornou-se um cínico. Mudou completamente. Já por duas vezes pretendi retirar a obra, durante os anos de 1945 e 1946, para entregá-la à Globo ou Agir. O Arquimedes, insistindo no contrato, impediu a transferência. Agora a situação piorou. Entreguei os últimos capítulos dos originais em novembro de 1945, e até hoje nem tudo está datilografado, por falta de dinheiro. [...] Meu prejuízo moral e material é grande, correndo eu até o perigo de os originais entrarem um dia numa massa de falência. Falei outra vez com a gente de Globo e Agir; mas agora – tempo de crise – ninguém quer assumir responsabilidade por obra tão volumosa. Por intermédio do Sérgio Buarque, amigo esplêndido como sempre, consegui relações com uma nova e grande editora ‘Ipê’ em S.Paulo. Essa gente parece gostar da ideia; estou esperando há uns 14 dias, com tremor, a resposta definitiva. [...] Você sabe que gastei muitas noites com esse trabalho, tão grande como nunca poderei fazer semelhante. Botei todas as minhas esperanças, morais e materiais, nessa obra, que parece agora perdida.¹²⁷

Se tivesse que destacar uma característica desta *persona* de Carpeaux, arriscaria a sua faceta humana, demasiada humana, reveladora do homem exilado, cujo passado europeu fazia questão de omitir e cuja omissão não o impediu de agir ativamente no cenário intelectual da terra que o acolhera, a despeito das dificuldades que aquele cenário impunha.

O episódio envolvendo a publicação de *História da Literatura Ocidental* demonstra que, por deficiências do mercado editorial brasileiro e por certas amarras jurídicas, Carpeaux e todos os seus leitores corremos o risco de não ter visto publicada aquela que foi a sua obra de maior fôlego. A carta a Manuel Bandeira dá parte das angústias de Carpeaux em relação a uma obra que já considerava perdida; concomitantemente, suas palavras apresentam uma esperança “com tremor” frente a nova oportunidade de publicação que surgia.

Não foi a única carta que Carpeaux escreveu para Manuel Bandeira sobre aquela situação, mas naquela de janeiro de 1947 ele apresentou todos os ingredientes que permitiram dar como perdida a sua *HLO*. O

¹²⁷ Carta MB-24-CP, 13/01/1947. In *Acervo da Fundação Casa de Rui Barbosa*. Arquivos Pessoais de Escritores Brasileiros – APEB. Fundo/Coleção: Otto Maria Carpeaux.

‘Arquimedes’ apontado por Carpeaux era Arquimedes de Melo Neto, idealizador e presidente da editora *Casa do Estudante do Brasil*, criada em 1940. Como se sabe, não foi por aquela editora que a *HLO* foi publicada. Tampouco pelas outras editoras mencionadas como possíveis por Carpeaux naquela missiva.

Enquanto este imbróglio editorial persistia:

– CONGO

– Rádio Ministério da Educação, do Rio de Janeiro, Brasil. Segue-se uma nova apresentação...

– PREFIXO DE ‘VIDA E ROMANCE’. ENTRA FORTE E CAI RÁPIDO. PERMANECE EM BG

– No ar, VIDA E ROMANCE.

– ELEVA O TEMA E SOLTA EM JATO. SOME LENTAMENTE

– Vida e Romance. Um programa de Otto Maria Carpeaux, focalizando os melhores instantes da literatura universal. Apresentação de Hamilton Santos e Brandão Reis, com a participação do elenco de radioteatro desta emissora.

– Hoje, em ‘Vida e Romance’...

– ELEVAÇÃO MUSICAL. BAIXA RÁPIDO A BG

– Um escritor tcheco.

– ELEVA O TEMA E CORTA COM PONTUAÇÃO FORTE

– Um escritor tcheco. Escritor chamado Franz Kafka. Sobre ele, dizem os biógrafos:

– Franz Kafka. Nasceu em 1883, em Praga, hoje a capital da Tchecoslováquia. Naquele tempo, era a capital de uma província do Império Austríaco. Filho de judeus, Kafka escrevia em alemão e em parte nenhuma do mundo se sentia em casa. Foi um homem pacato. Morreu em 1924, num sanatório perto de Viena. Nada deixou. Nem sequer um nome conhecido na ocasião

– ACORDE RÁPIDO E SECO

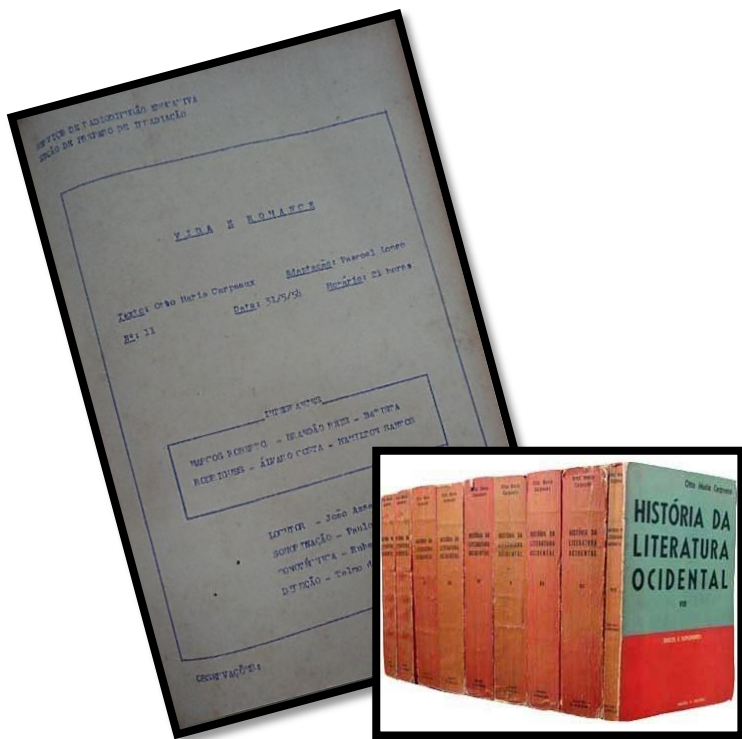
[...] ¹²⁸

Levado ao ar em 1954, *Vida e romance* foi um programa radiofônico produzido pela *Rádio Ministério da Educação* com textos de Carpeaux e adaptação de Pascoal Longo. “Grandes autores da literatura mundial” e

¹²⁸ Cf.: CARPEAUX, Otto Maria; LONGO, Pascoal. “Vida e Romance”. In *Biblioteca Fernando Tude de Souza*. LA, n° 7, 26/04/1954.

suas respectivas obras eram apresentadas e dramatizadas por locutores e pela equipe de radioteatro daquela emissora. Semanal, no ar entre nove e nove-e-meia da noite, *Vida e romance* contou com 24 programas, dedicando-se a autores como Tchecov, Pirandello, Kafka; obras como *Ulisses*, *Adeus às Armas*, *Os Noivos*; e personagens como Sherlock Holmes e Emma Bovary.

Foi somente em 1959 – quatorze anos, portanto, após sua finalização – que a *História da Literatura Ocidental* teve sua 1ª parte publicada pelas edições *O Cruzeiro*. Em 1968, aquela editora publicou o último dos 8 volumes que a *HLO* compreendia.¹²⁹



Script do programa nº 11 de *Vida e Romance* e 1ª edição de *História da Literatura Ocidental*. Acervo: Biblioteca Fernando Tude de Souza

¹²⁹ CARPEAUX, Otto Maria. *História da Literatura Ocidental*. 1ª ed. *Op. cit.*

No prefácio à 1ª edição, Carpeaux escreveu: “História da Literatura Ocidental – não significa a exclusão completa das literaturas orientais, cujas relações com as do Ocidente nunca foram, aliás, contínuas. Influências decisivas do Oriente foram devidamente consideradas: no capítulo relativo à Reforma encontra-se uma digressão sobre a Bíblia [...]”.¹³⁰ Também o conceito de “história da literatura” é apresentado pelo crítico como um conceito moderno, sendo esta apresentação apenas um dos exemplos da consciência histórica crítica adotada por Carpeaux ao longo dos volumes que perfazem a *HLO*:

História da literatura é um conceito moderno. Os antigos, embora interessados na coleção e interpretação dos fatos literários, nunca pensaram em organizar panoramas históricos das suas literaturas. A nenhum escritor grego ou romano ocorreu jamais a ideia de referir os acontecimentos literários de tempos idos; e só na época da decadência das letras e da civilização surgiu o interesse puramente pragmático, da parte de professores de Retórica ou de bibliófilos, de organizar relações dos livros mais úteis para o ensino, para melhorar o gosto decaído, ou, então, compor dicionários de citações e florilégios de resumos, para salvar da destruição pelos bárbaros os tesouros literários do passado.¹³¹

Ao longo da *HLO* fica patente que sua ‘bagagem’ europeia, via historiografia e sociologia alemãs (Dilthey, Hegel, Simmel, Weber e outros) e via estética da expressão e da intuição (Benedetto Croce) dialoga com outros instrumentos metodológicos – muitos deles já presentes na crítica literária brasileira – a fim de compreender e dar voz ao que não se encaixava no *Zeitgeist* proposto pelo culturalismo europeu e a considerar o que teoria da estética julgava elementos acessórios da crítica cultural, como os fatores históricos e psicológicos. Esse alargamento metodológico, denominado pelo próprio Carpeaux como estilístico-sociológico, consistia na crença de que os aspectos biográficos de determinado autor eram tão importantes quanto o seu ambiente social e as suas influências culturais. Neste sentido, concordamos com o acadêmico Ronaldo Costa Fernandes: “Carpeaux não é um brasilianista; trata-se de um intelectual de formação europeia que entra em contacto com uma nova realidade cultural e literária

¹³⁰ *Idem*, p. 127.

¹³¹ *Idem*, p. 130.

e, ao fundir as duas culturas, apresenta a síntese que muitos outros críticos brasileiros não tinham.”¹³²

A 2ª edição viria à lume pela *Editorial Alhambra*, no ano da morte de Carpeaux (1978), sob a coordenação de Joaquim Campelo Marques, um dos responsáveis pela publicação da 3ª edição da *HLO* (em 2008), preenchendo um hiato de aproximadamente três décadas de esgotamento editorial. Então vice-presidente do Conselho Editorial do Senado Federal, pelo qual esta 3ª edição foi publicada, Campelo Marques registrou sua relação com a *HLO* com essas palavras:

Este livro do austríaco Otto Maria Karpfen (dito Carpeaux, em “rebatismo” no Brasil, no princípio da década de 1940) foi escrito em pouco mais de ano e meio. Mereceu ele sua primeira edição em 1959, nas Edições O Cruzeiro, pelas mãos de Herberto Sales. A segunda edição foi lançada pela Editorial Alhambra, de curta existência – como a de tantos outros sonhos editoriais –, que tive a alegria e a honra de criar. Ao doar-me em 1977 os direitos de editar sua obra notável, o Autor, meu amigo, lavrou de próprio punho dedicatória carinhosa, com votos de bom êxito, que acima reproduz.

Brasília, 19 de maio de 2007.¹³³

É da equação entre ação e omissão mencionadas pouco antes que também é feito o passado de Carpeaux. Esse passado demonstra que sua postura intransigente contrária aos governos militares do pós-1964 não teria nascido à influência das ‘miudezas políticas do Terceiro Mundo’, pois guarda estreita relação com sua posição política pré-exílio.

“Desembarquei no Brasil e logo me senti como em casa”¹³⁴, revelaria a Nelson Vainer em 1957, naquela que foi a segunda entrevista concedida desde que se radicara no país – “porque essa forma de autopublicidade não é do meu gosto. Depois de dois decênios de permanência no Brasil ainda não sei nem quero saber de entrevistas, retrato

¹³² FERNANDES, Ronaldo Costa. “História da Literatura Ocidental – a obra monumental de Otto Maria Carpeaux” In CARPEAUX, Otto Maria. *História da Literatura Ocidental*. 3ª ed. [Reimpressão]. *Op. cit.*

¹³³ MARQUES, Joaquim Campelo. “Uma dedicatória” In CARPEAUX, Otto Maria. *História da Literatura Ocidental*. 3ª ed. *Op. cit.*, pp. 06-7.

¹³⁴ VAINER, Nelson. “Otto Maria Carpeaux – o estrangeiro ‘abrasileirado’ – fala de sua vida e de sua obra” In *O Semanário*, Rio de Janeiro, 21 a 28/11/1957, p. 08 [2º caderno].

no jornal, homenagens, lançamento de livro, almoço, etc.”¹³⁵ Carpeaux remetia ao “lastro das influências latinas” o fato de sua naturalização brasileira não ter sido “uma formalidade jurídica”, mas um compromisso com o país que o acolhera em 1939, e que passava pela língua portuguesa:

– Há quem diga [...] que você escreve em francês e que seus escritos são depois traduzidos. Será verdade?

– Acho muito estranho... Escrevendo diariamente artigos e tópicos; e semanalmente ensaios, seria possível isso, se eu precisasse de um tradutor? Escrevo diretamente em Português há 15 anos. Há, porém, uma parcela de verdade na sua pergunta – nos primeiros meses de minha colaboração nos jornais cariocas, escrevi em francês. Depois, pensei – nunca aprenderá a nadar quem não tem a coragem de saltar para a água. Saltei.¹³⁶

Quanto mais não seja, tais imagens convidam a abandonar a contemplação vertical em direção à torre de marfim e a traçar outras possíveis trajetórias de Otto Maria Carpeaux. Em resposta a Vainer sobre o porquê de ter “prontamente” aceitado e concedido aquela entrevista, Carpeaux foi direto: “Simplesmente porque hoje estou disposto a falar.”¹³⁷

¹³⁵ *Idem.*

¹³⁶ *Ibidem.*

¹³⁷ *Ibidem.*

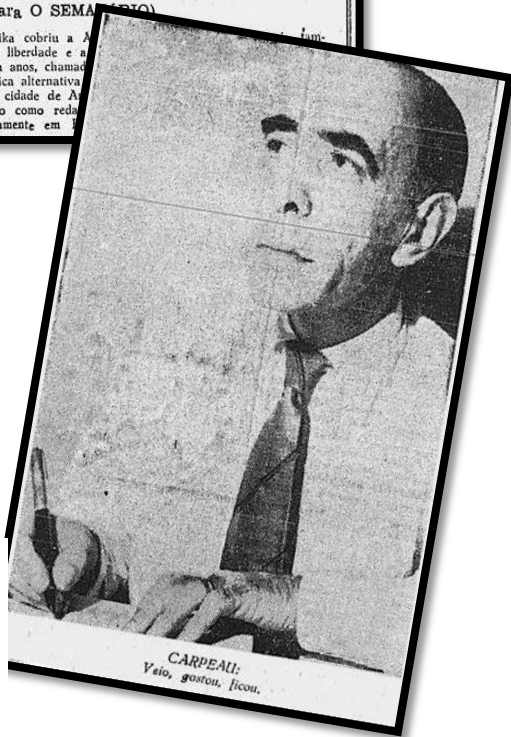


OTTO MARIA CARPEAUX — O ESTRANGEIRO “ABRASI- LEIRADO” — FALA DE SUA VIDA E DE SUA OBRA

por NELSON VAINER

(Especial para O SEMANÁRIO)

Em 1938, quando a sombra da svastika cobriu a Alemanha, implantando a brutalidade e esmagando a liberdade e a dignidade, um intelectual de cerca de quarenta anos, chamado Otto Maria Carpeaux, escolheu a fuga como única alternativa para sua sobrevivência. Deu-lhe abrigo a velha cidade de Alentejo, onde, sendo poliglota, foi logo empregado como redator no grande jornal flamengo, escrevendo diretamente em português.



Entrevista de Carpeaux a
Nelson Vainer para *O
Semanário*. Acervo:
Hemeroteca Digital/FBN

2. Imagens em transição

Estavam uns lobos de olho num rebanho de cordeiros e, como não conseguiam agarrá-los por causa dos cães vigilantes, reconheceram que seria preciso recorrer a algum ardil. Então, mandaram embaixadores pedir aos cordeiros que lhes entregassem os cães, alegando que eram esses os responsáveis pela hostilidade que havia entre lobos e cordeiros. E que, se lhes confiassem os cães, haveria paz entre eles. Os cordeiros, então, sem prever as consequências, entregaram os cães. E os lobos, com os cães sob controle, também dizimaram facilmente o rebanho que estava desprotegido.

O perfil Renard Perez e o *plot point* de 1964

Otto Maria Carpeaux só voltaria à Europa como visitante. Chegou mesmo a passar alguns meses no Velho Continente, em 1953, revendo os lugares onde tinha vivido – Áustria e Alemanha, Bélgica e Holanda, Itália e França – mas, segundo suas palavras, não havia ficado emocionado com tal visita:

[...] Emocionado fiquei, sim, ao rever o Rio de Janeiro. [...] Não nego nem negaria nunca [...] os fortes laços que me prendem à Europa, por herança espiritual e por formação. Mas tudo isso está hoje fundido em vaso de contornos novos. Sinto-me brasileiro, gosto de arroz e feijão e sou fã de Ouro Preto.¹

Essas palavras só seriam publicadas em 1964, oriundas de um perfil de Carpeaux escrito pelo colega de redação no *Correio da Manhã*, Renard Perez. Tratava-se de um capítulo do segundo volume de *Escritores brasileiros contemporâneos*, compêndio de perfis que Perez lançou naquele ano pela *Editora Civilização Brasileira*, em complemento a um primeiro volume publicado pela mesma casa, em 1960. Este perfil, com atualizações assinadas pelo mesmo Renard Perez, seria integrado ao penúltimo livro publicado em vida por Carpeaux, *As revoltas modernistas na Literatura*, lançado em 1968 pelas *Edições de Ouro*.²

Misto de entrevista e texto elaborado para um determinado fim – no meio do caminho, portanto, entre o Carpeaux apresentado por Álvaro Lins em 1941 e o Carpeaux entrevistado por Homero Senna, em 1949³ –, o

* Referência da página anterior: “Os lobos e os cordeiros” In ESOP. *Fábulas completas*. Trad.: Maria Celeste C. Dezotti. São Paulo: Cosac Naify, 2013, p. 348.

¹ PEREZ, Renard. “Otto Maria Carpeaux” *Op. cit.*, p. 281.

² Segundo Renard Perez, o perfil já havia sido escrito em 1963, embora publicado pela primeira vez somente em 1964.

³ No primeiro volume da obra, Renard Perez esclarece que aquelas biografias “foram feitas em contato direto com os respectivos escritores, e por eles revistas. Também os textos que as acompanham foram, na sua quase totalidade [...] por eles escolhidos ou aprovados. Daí, não temos dúvida em afirmar que o livro representa um documento vivo de seus autores, e um importante roteiro para os que, posteriormente, procurarem, nesses esboços, elementos para trabalhos mais desenvolvidos.” Cf.: PEREZ, Renard. *Escritores brasileiros contemporâneos*. 1ª série. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1960, p. 02.

perfil assinado por Renard Perez também traz algumas informações inéditas sobre o passado europeu de Carpeaux – não só aquelas propriamente políticas, mas também pessoais. Não deixa de ser interessante que somente nos anos 1960, já transformado num crítico literário profícuo e num redator-editorialista incisivo, chegariam a um grande público dados primários sobre sua constituição familiar, sobre alguns detalhes de sua formação intelectual, de seu exílio belga e sobre os seus primeiros meses no Brasil, além de sua posterior integração profissional e pessoal em terras brasileiras. Tem também um sentido de balanço de vida e de obra o perfil construído por Renard Perez. Não por acaso, ele se inicia com uma citação direta do próprio Carpeaux, que estabelece a divisão de sua vida:

– Nascido em 1900, a maior parte de minha vida terá pertencido à primeira metade do século XX. [...] Privilégio fascinante, mas duvidoso de ser testemunha (engagé) de violentas transições históricas: de ser objeto da História. Foi ela própria que dividiu minha vida em duas partes inteiramente separadas: na Europa e no Brasil. O divisor coincide, cronologicamente exato, com o estouro da II Guerra Mundial, que me surpreendeu (?) durante a viagem da Antuérpia para o Rio de Janeiro.⁴

A divisão é ainda mais exata, dado ao fato de que Carpeaux nasceu em 1900, aportou no Brasil em 1939 e morreu em 1978.⁵ É claro que nem Renard Perez nem Carpeaux tinham conhecimento, à época da escrita do perfil, deste verdadeiro feito matemático – o que torna matematicamente compreensível, embora questionável, a sua assertiva de que a maior parte de sua vida pertencia à primeira metade do século XX. Ela é questionável pela própria *persona* Otto Maria Carpeaux que se constituía naquele perfil; mais uma vez, é o próprio Carpeaux quem detém a palavra: “[...] Falo sobre minha vida na Europa com objetividade, como se fosse vida de um outro; e só me parece importante aquilo que ficou, como influência, durante minha vida brasileira.”⁶

Um impúbere Karpfen não mereceu maiores menções: “[...] Esse primeiro período de sua vida se encontra quase totalmente esquecido, e

⁴ PEREZ, Renard. “Otto Maria Carpeaux” *Op. cit.*, p. 275.

⁵ Carpeaux morreu em 03 de fevereiro de 1978, alguns dias antes de completar 78 anos e faltando pouco mais de sete meses para completar 39 anos no Brasil.

⁶ *Idem*, p. 275.

daria trabalho a um psicanalista a tentativa de sua constituição”⁷, escreveu Perez. De sua história familiar, entretanto, surgem alguns dados inéditos: o ambiente familiar “burguês sem riqueza”; a herança musical recebida do pai, advogado por profissão, mas “bom violinista e excelente pianista”; a derrocada financeira familiar – “todos os bens da família seriam devorados pela grande inflação de 1921”; o casamento com Helena – “Em 1930, casa-se o escritor com D. Helena Carpeaux, também vienense, e que ele já conhecia há anos”; a morte de seus pais – “no ano seguinte [1931], morre-lhe o pai.” Quanto à mãe, é revelado que falecera durante a guerra. Sobre seus estudos acadêmicos, Perez os descreve como deveras generalistas, já que havia iniciado o curso de Direito, “por desejo do pai”, abandonara a faculdade um ano depois para estudar Matemática, doutorou-se em Física e Química e em Filosofia e Letras, além de ter feito cursos extracurriculares de História, Sociologia e Música.⁸

O perfil construído por Renard Perez prossegue tratando com extrema concisão o envolvimento político de Carpeaux na Áustria e na Bélgica. Apenas dois parágrafos ligam as ações e as obras europeias de Carpeaux ao seu derradeiro exílio em terras brasileiras – o que muito difere das construções biográficas anteriores. O tom de defecção é claro: “Publicou, na Europa, cinco livros: mas os considera, a todos, hoje, obsoletos, com exceção de um – escrito em língua holandesa e publicado em 1938 na Holanda, descrevendo o fim da Áustria pela invasão nazista.”⁹ De dado novo, apenas um detalhe: tendo chegado, segundo Perez “meio por acaso”, à Antuérpia, durante os meses em que lá se estabeleceu, havia sido “insistentemente chamado para refugiar-se numa fazenda do Paraná, mas sempre recusou, por não sentir a menor vocação para a vida rural.”¹⁰ O convite seria finalmente aceito com a iminência da II Guerra Mundial e pela ameaça de invasão da Bélgica que aquele cenário trazia. Finaliza Renard Perez: “E vem para o Brasil, de navio, em companhia da mulher. A guerra começou durante a viagem.”¹¹

Quanto ao fato de o Brasil ter se tornado o destino definitivo de Carpeaux, o perfil construído por Renard Perez não se furta a demonstrar quão difícil foram os primeiros meses de Carpeaux no Brasil e o papel central do matutino *Correio da Manhã* e de Álvaro Lins para que isto ocorresse; à citação do desengano de Carpeaux em São Paulo – já presente nas outras construções biográficas –, soma-se a breve passagem do

⁷ *Idem*, p. 276.

⁸ *Idem*, p. 276.

⁹ *Ibidem*. Trata-se de WIESINGER, Leopold. *Van Habsburg tot Hitler*. *Op. cit.*

¹⁰ *Idem*, p. 277.

¹¹ *Idem*, pp. 276-7.

austriaco pelo Paraná, primeira menção publicada daqueles que possivelmente foram os dias de maior desespero de Carpeaux no Brasil – “a vida no Paraná revela-se logo impossível, em circunstâncias desastrosas.”

Se de fato é um balanço de vida, o saldo é positivo, pois apresenta um “escritor perfeitamente integrado na vida brasileira.”¹² Ao seu início no *Correio da Manhã* e aos vínculos concomitantes a este – como já vimos, de diretor da Biblioteca da Faculdade Nacional de Filosofia e, posteriormente, da Biblioteca da Fundação Getúlio Vargas –, Renard Perez prossegue citando os primeiros livros publicados por Carpeaux, *A Cinza do Purgatório* e *Origens e Fins* – neste último, destacando a análise longa e “com maior acuidade” do crítico aos romances de Graciliano Ramos e das poesias de Carlos Drummond de Andrade – e os trabalhos subsequentes desta primeira fase da produção de Carpeaux, como o prefácio para a editora José Olympio ao “mais importante romance de José Lins do Rego: *Fogo Morto*” e a obra *Pequena Bibliografia Crítica da Literatura Brasileira*, publicada em 1949. Acerca desta última, Perez retira a prova cabal da rápida integração de Carpeaux à vida literária brasileira: “[...] valioso trabalho que mostra como se encontra integrado em nossa literatura e quanto sua vinda para o Brasil nos seria proveitosa.”¹³ Com um tom mais burocrático, Renard Perez arrola cronologicamente as demais obras publicadas por Carpeaux entre os anos 1950 e 1960, não esquecendo de registrar os “significativos prefácios” escritos pelo crítico para edições brasileiras de clássicos publicados naquela época, como para *Fausto*, de Goethe¹⁴ e para a *Divina Comédia*, de Dante (editora Calçadense, de 1961).

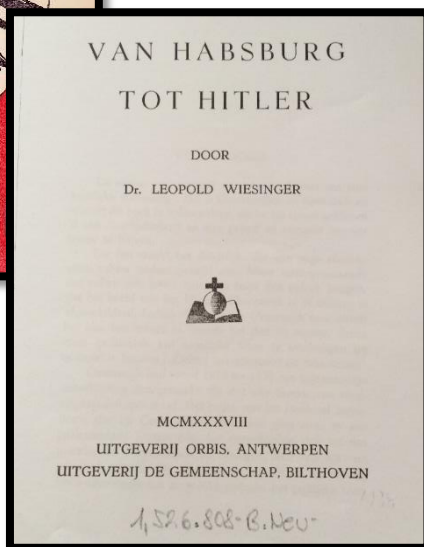
¹² *Idem*, p. 278.

¹³ *Ibidem*.

¹⁴ CARPEAUX, Otto Maria. “Prefácio” In von GOETHE, Joahann Wolfgang. *Fausto*. Trad: Antonio Feliciano de Castilho. Rio de Janeiro: W.M. Jackson Editores, s/d. Coleção Clássicos Jackson, vol. XV, pp. V-XXXV.



Van Habsburg tot Hitler.
Publicado na Antuérpia.
Acervo: Biblioteca Nacional
Austria



Já a vultosa *História da Literatura Ocidental* recebeu menção separada. Segundo Renard Perez, foi José Lins do Rego quem sugeriu a feitura da obra ao crítico, tendo a Casa de Estudante do Brasil se comprometido a editá-la – casa pela qual Carpeaux lançara os seus dois primeiros livros. Ainda segundo Renard Perez, após 4000 páginas datilografadas, “toda [...] escrita em horas noturnas [...] até alta madrugada” entre 1944 e 1945, a Casa do Estudante do Brasil alegou não estar mais em condições de publicar o livro, “sem no entanto cedê-lo a outros editores interessados.” Nesta parte do imbróglgio, Perez novamente devolve a palavra a Carpeaux, a quem denomina historiador:

E o historiador conta:

– ‘Eu mesmo desisti. A obra nunca teria saído sem a insistência de minha mulher e de meu amigo Aurélio Buarque de Holanda. Enfim, em 1958, meu amigo Herberto Sales aceitou a obra para a editora ‘O Cruzeiro’. Estava ela pronta, até o fim. Mas fiz uma revisão geral de texto, pondo-o ‘up-to-date’ e re-escrevi totalmente os dois últimos capítulos, sobre literatura contemporânea. Antes de sair o último volume foi novamente retocado.’¹⁵

A “grandeza e a importância da *HLO*” não deixam de assim ser mencionadas por Renard Perez, embora o foco de suas palavras esteja dirigido ao seu autor: conhecimento, erudição, visão de conjunto e de profundidade, larga compreensão dos estágios e movimentos literários (mesmo das “literaturas mais ignoradas”) são algumas das características destacadas por Perez ao autor da obra “mais importante em seu gênero em língua portuguesa.” Renard Perez também destaca o fato de a *HLO* incluir, “sob um critério justo”, a literatura brasileira no fluxo contínuo das correntes da literatura ocidental, e não mais “melancolicamente à margem ou [aparecendo] da maneira mais estapafúrdia” como em publicações congêneres estrangeiras e traduzidas adaptadamente para o português. Aliás, Perez vê o gesto de Carpeaux em escrevê-la na língua portuguesa como “uma homenagem do escritor ao país que o acolheu”, pois o crítico, poliglota, “poderia ter escolhido uma outra [língua] que daria ao trabalho repercussão internacional mais imediata.”¹⁶

Um tom melancólico incide sobre as últimas páginas do perfil. É através delas que se pode enxergar um Carpeaux confidente de “sua conquista mais preciosa no Brasil”, os amigos: “–Infelizmente [...] muitos dos melhores já morreram: Graciliano Ramos, José Lins do Rego, Brito Broca, Gastão Cruis, Santa Rosa, Otávio Tarquínio de Souza, Lúcia Miguel Pereira, Jorge Lacerda, Leo Landucci, Oswaldo Goeldi, Portinari, Astrojildo Pereira, San Tiago Dantas.”¹⁷ E após uma breve listagem de preferências literárias, sociológicas e de influências espirituais¹⁸, é o próprio Carpeaux quem conclui:

¹⁵ *Idem*, pp. 280-1.

¹⁶ *Idem*, p. 280.

¹⁷ *Idem*, p. 281.

¹⁸ *Ibidem*. Preferências literárias, clássicas e contemporâneas, de Carpeaux: de Shakespeare a Kafka, de Dante a Jorge Luís Borges, passando por Sartre, Hemingway, Moravia, dentre outros; influências fora das *Belles Lettres* – Hegel, Marx, Dilthey, Max Weber, Alain, Croce, Spengler – “que só ignorantes chamam

– Lamento a pobreza desse esboço sem ‘episódios’. Com exceção de minha aventureira fuga em 1938 e de certas experiências no Brasil, minha vida não teve nada de ‘anedótico’. Mas o que durante tantos anos na Europa não parecia ter sentido ou objetivo definido, enquadrou-se depois numa estrutura de tal modo que minha vida se me afigura hoje como se fosse enredo de um romance, de um ‘plot’ bem inventado. E assim espero terminá-la.¹⁹



Ivan Junqueira
e Carpeaux.
Acervo digital

Como já havia observado, este perfil foi elaborado por Renard Perez em 1963, publicado pela primeira vez em 1964 e republicado com um longo parágrafo de atualização biográfica em 1968, abrindo a coletânea de artigos *As revoltas modernistas na Literatura*, lançada por Carpeaux naquele

de pré-nazista” –, Machiavelli, Sorel; influências espirituais “mais profundas” – Bach, Haydn, Beethoven, Wagner, Brahms, Debussy, Bartók; e preferências literárias brasileiras – os poetas Cruz e Souza, Alphonsus de Guimaraens, Augusto dos Anjos, Bandeira, Drummond; e na prosa de ficção, sobretudo Machado de Assis – “não o estilista e sim o humorista” – e Graciliano Ramos, além de Lima Barreto.

¹⁹ *Idem*. p. 282.

mesmo ano.²⁰ E foi justamente pelo crescente envolvimento político de Carpeaux naquele cenário de golpe de Estado e de implantação do regime militar brasileiro que tal atualização se fez necessária. Se as palavras de 1963 do crítico literário conformavam a história da sua vida como a de um romance cujo clímax há muito já tinha acontecido, as ações do homem político pós-1964 demonstraram uma curva dramática nesta mesma história.

No novo parágrafo e sobre essa ‘curva dramática’, Renard Perez escreveu: “As linhas precedentes foram escritas em 1963. E as últimas linhas foram logo desmentidas pelos acontecimentos.”²¹ E segue listando a luta de Carpeaux e a de seus companheiros de *Correio da Manhã* na oposição do Golpe de 1964 – como Carlos Heitor Cony, Márcio Moreira Alves, Antonio Callado; listando os seus dois livros de escritos políticos, coletânea de artigos escritos naquele matutino, publicados pela editora *Civilização Brasileira*²²; mencionando a sua saída do *Correio da Manhã* (1966) e sua participação junto ao movimento estudantil; e também citando as consequências profissionais de sua postura oposicionista, que o fez praticamente ser excluído do jornalismo e ter que “ganhar a vida” participando de uma “iniciativa cultural da editora Delta”, sob a coordenação de seu amigo Antonio Houaiss – notadamente na escrita da *Enciclopédia Delta Larousse*.²³

Portanto, ao invés do “*plot* bem inventado”, o Golpe de 1964 seria uma espécie de *plot point* na vida de Carpeaux – mais um, diga-se. E a metáfora cinematográfica não seria por acaso: em 1967 aquele homem que só esporadicamente falava sobre si seria protagonista do documentário *O Velho e o Novo (Otto Maria Carpeaux)*²⁴, um curta-metragem filmado em 16mm, dirigido pelo crítico e cineasta mineiro Maurício Gomes Leite.

Em seus 30 minutos de duração, *O Velho e o Novo* procura capturar o novo sentido que a vida de Carpeaux tomara após o Golpe de 1964. Nos primeiros planos, Carpeaux está escrevendo em seu gabinete de trabalho, cercado de livros, ouvindo Bach; quando sai às ruas, seja no Rio de Janeiro ou em Ouro Preto, essas são tranquilas, desertas, completamente diferentes

²⁰PEREZ, Renard. “Otto Maria Carpeaux” In CARPEAUX, Otto Maria. *As revoltas modernistas na literatura*. Rio de Janeiro: Edições de ouro, 1968, pp. 11-22.

²¹ *Idem*, p. 21.

²²CARPEAUX, Otto Maria. *A batalha da América Latina*. *Op. cit.*; CARPEAUX, Otto Maria. *O Brasil no espelho do mundo*. *Op. cit.*

²³ PEREZ, Renard. “Otto Maria Carpeaux”. *Op. cit.*, pp. 21-2.

²⁴Cf.: Ficha técnica do documentário, disponível em <<http://cinemateca.gov.br>, Base de dados: Filmografia. Pesquisa: ID=028343> Acesso 23 out. 2011.

daquelas tomadas pela passeata estudantil da cena que abre o documentário. Mas uma narração irrompe essa tranquilidade: “1964, março, 31 [...] Um outro trabalho começa. Para Carpeaux, já não é uma sobrevivência. É uma vivência que luta.”²⁵ Após uma sequência de imagens fixas do presidente João Goulart – seja discursando veementemente, seja prestes a embarcar no avião que o levaria ao exílio –, o próximo plano retorna ao gabinete de Carpeaux. Em seguida, um corte para o letreiro anuncia: “Carpeaux narra o filme.” Segundo Jean-Claude Bernardet, “com a mudança de situação política, Carpeaux afasta-se de seu universo literário e musical para assumir um papel político, o que vai se dar, em sua qualidade de escritor, pela palavra, pelo discurso.”²⁶

Escrita em 1985 com uma parte de sua obra *Cineastas e imagens do povo*, a análise que Jean-Claude Bernardet fez de *O Velho e o Novo* chama a atenção para os elementos inerentes à narração cinematográfica, de uma forma geral, e para os aspectos biográficos e contextuais do documentário, filmado e exibido num contexto de relativo espaço de atuação política do qual gozavam os diversos setores de oposição ao regime militar. A jovem estudante de sociologia – personagem que, ao perscrutar sobre a vida de Carpeaux e narrar suas descobertas, desempenha o papel de ligação entre o intelectual e o espectador; as entrevistas que esta jovem estudante realiza com amigos próximos de Carpeaux, como Carlos Drummond de Andrade e Alceu Amoroso Lima; as tomadas do gabinete de trabalho residencial e as do prédio do *Correio da Manhã*; o título, inspirado numa frase de Bertold Brecht – “Em todas as ações e movimentos de vossos personagens, buscai sempre o velho e o novo” – são alguns dos elementos apontados por Bernardet como estratégicos para um documentário cujo personagem-título era Otto Maria Carpeaux, mas que pretendia discutir sobre um universo maior, que era o papel do intelectual naquele específico contexto da história brasileira.²⁷

Além de *O Velho e o Novo*, pode-se dizer que Carpeaux protagonizou mais um filme nos anos 1960. Um filme capciosamente inventado, diga-se, cuja existência se resume a algumas linhas à guisa de resenha e tendo por título *Otto, o louco*. Embora inexistente, este ‘filme’ pode dizer muito sobre a *persona* Otto Maria Carpeaux e sobre o matutino carioca *Correio da Manhã* naquele contexto dos anos 1960. Em dezembro de 1963, a coluna *Cinema* do *Correio da Manhã* publicou uma nota um tanto estranha, um tanto

²⁵ *O Velho e o Novo* (Otto Maria Carpeaux). *Op. cit.*; BERNARDET, Jean-Claude. “A outra vertente – ‘O velho e o novo’. ‘Cultura e loucura’” In: _____ *Cineastas e imagens do povo*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1985, pp. 125-38.

²⁶ BERNARDET, Jean-Claude. *Op. cit.*, p. 129.

²⁷ *Idem*, p. 126. *O velho e o novo* será retomado com no capítulo 4.

capciosa, intitulada *Horror Austríaco*. Estranha porque tratava de um filme cuja estreia havia se dado há alguns anos antes – já fora, portanto, do circuito nacional de exibição. Capciosa porque tanto os que haviam assistido aquela ‘fita alemã’ quanto os leitores mais atentos do *Correio* perceberiam, sem grandes dificuldades, que a resenha apresentada em nada correspondia ao enredo do filme e que o Otto apátrida, de perfil frankensteiniano e louco, não era outro senão Otto Maria Carpeaux.

Otto, o louco foi o título brasileiro para *Der schräge Otto* [‘O oblíquo Otto’, em tradução literal], uma comédia musical alemã produzida em 1957 e aportada no Brasil em 1959. Quatro anos depois, na nota não assinada do *Cinema*, aquele musical havia se transformado no filme de um personagem “ridículo”, “anti-herói” e “delator” que dança “entre o nazismo e o comunismo” e parte de “Viena do tempo de Dollfuss”, atravessando Nápoles e Amsterdã para desembarcar no Rio de Janeiro de Getúlio Vargas. Mantendo o ritmo de espionagem – embora o resenhista assegure que o terror é o gênero que “melhor se adapta, moral e fisicamente” à figura frankensteiniana –, mesmo vigiado pela polícia getulista, o personagem se mantém “à custa de informações à direita e à esquerda”, mas é finalmente desprezado pelo “Intelligence Service e pela NKVD”. “É a decadência” do outrora espião, agora “mero alcaguete”.²⁸

A que tal decadência se deve o resenhista não reporta; decerto não seria pelo caráter de agente duplo desempenhado no Brasil, mera continuidade de um personagem que havia servido à inteligência britânica e à soviética concomitantemente. A transposição ‘espião europeu’ para ‘alcaguete tupiniquim’, com um prejuízo semântico para o último, seria uma tradução literal ou um cacoete do resenhista? Não há como saber. Nas poucas palavras que ainda lhe restam, o autor da nota se apraz em anunciar uma continuação para aquela trama, agora orientada para o “melodrama de horror, exclusivamente.”²⁹ O título, desta vez nem mesmo correspondente a um filme existente, ainda não tinha tradução: segundo o resenhista, ele se chamaria *Die Ende der Otto* – possivelmente com a intenção de vaticinar ‘O fim de Otto’, embora, para este efeito, a grafia correta devesse ser ‘Das Ende der Otto’.³⁰

²⁸ Todas as citações deste parágrafo referem-se à “*Horror Austríaco*” In *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 03/12/1963, p. 03 [2º Caderno].

²⁹ *Idem*

³⁰ *Ibidem*. Se conjugado no plural, o que poderia explicar o pronome ‘die’ da frase, o substantivo passaria para ‘Enden’. ‘Die Ende’, portanto, não existe em língua alemã.

OTTO, O LOUCO

("Der Schräge Otto")

Produção: (Alema)
 Distribuição: Jeberlotti
 Estréia: 7 de Setembro
 Cine: Monaco
 Preço: Cr\$ 50,00
 Assunto: Comédia musical, em Esq+tmancolor
 Cns.: Livre
 Intérpretes: Germaine Damar, Walter Güler, Paul Horbiger, Willy Fritsch, Grete Weiser e outros.
 Realização de Geza von Cziffra.

Horror austríaco

● Há tempos, passou aqui um filme intitulado "Otto, o Louco". Não era um filme de horror, como sugeria o título. Era só o lado ridículo de um Otto apátrida, que a Austría, via UFA, exportou em lata para o Brasil. Mas o pobre personagem continua sendo o anti-herói de outras aventuras, nem todas de horror (o gênero a que melhor se adapta, moral e fisicamente, a sua frankensteiniana figura). Mas todas, certamente, ridículas. A série Otto, sem as qualidades da série Mabuse, prossegue em ritmo de espionagem, com a dança do personagem entre o nazismo e o comunismo, a ação tendo início ainda em Viena no tempo do Dollfuss. A trama se move, daí por diante, atravessando Nápoles e Amsterdã até que o delator frankensteiniano desembarca no Rio. Vigiado pela polícia getulista, mantém-se à custa de informações à direita e à esquerda. É a decadência: de espião, Otto passa a mero alcagüete, e o Intelligense Service e a NKVD já não se interessam mais pela sua triste figura. Depois deste segundo filme, intitulado "Die Ende der Otto", a série se orientará para o melodrama de horror, exclusivamente.

Ficha técnica de *Otto, o louco* e a resenha publicada no *Correio da Manhã*. Acervo: Hemeroteca Digital / FBN

A listagem de desafetos de Carpeaux nas quase quatro décadas de sua vivência no Brasil é tão grande quanto a de amigos – o que tornaria esta nota cinematográfica tão insignificante quanto de fato ela deve ter sido em 1963. O que chama a atenção é o local e o contexto em que ela foi publicada, um bom começo para entender o papel de Carpeaux e do *Correio da Manhã* no período anterior ao Golpe de 1964.

Ao alongar o recorte temporal, é possível perceber que foram muitos os papéis desempenhados nos 25 anos em que Carpeaux pertenceu aos quadros do *Correio da Manhã* – tanto por parte daquele ensaísta, redator e editorialista quanto por parte deste matutino carioca. Creio já ter demonstrado a importância, sem dúvida capital, que o vínculo com o *Correio* propiciara a um recém-emigrado e desesperançado Otto Maria Karpfen, em 1941. Além da possibilidade material de permanecer no Brasil e de se estabelecer no Rio de Janeiro, foi pelas páginas do *Correio da Manhã* que o *quasi*-Carpeaux³¹ publicou seu primeiro grande conjunto de ensaios³² e firmou-se, ao longo dos anos e não sem muitos obstáculos, como um respeitável crítico literário.

³¹ Como vimos, 'quasi-Carpeaux' foi a figura que Vinícius Bógea Câmara criou para analisar a "adaptação e a modelagem do 'self' de Carpeaux no 'Novo Mundo'. Cf.: BÓGEA-CÂMARA, Vinícius. *Otto Maria Carpeaux: Op. cit.*

³² Posteriormente reunidos nos dois primeiros livros publicados no Brasil: *A Cinza do Purgatório e Origens e Fins*.

O Carpeaux redator editorialista e responsável pela pauta internacional do *Correio* talvez seja o seu lado menos conhecido, fundamental para perceber como aquela simples resenha cinematográfica de 1963, também ela uma espécie de construção biográfica, pode revelar o clima da redação do *Correio da Manhã* e do contexto político nacional.

Antes de tentar perceber em que medida esses elementos contribuíram na construção de um determinado enquadramento sobre a vida de Carpeaux – e acompanhar as ações e os posicionamentos políticos que o levaram a passar de um crítico veemente do governo João Goulart a um opositor de primeira hora dos governos militares advindos com o Golpe de 1964 e, posteriormente, a um defensor do movimento de guerrilha como arma de deposição daqueles governos –, vale a pena nos determos num outro perfil.

***Correio da Manhã*, um breve perfil**

Como Carpeaux, o *Correio da Manhã*³³ nasceu com o século XX, atravessando-o na mesma medida em que se transformava e ajudava a transformar a história da república brasileira. Do duelo *à l'ancienne* entre o seu diretor Edmundo Bittencourt e o senador Pinheiro Machado, ocorrido em 1906³⁴, até as disputas jurídicas das décadas de 1960 e 1970, que levariam ao seu fechamento³⁵, qualquer definição do que tenha sido aquele matutino carioca seria apenas generalização. Como todo transcurso de uma existência, é menos proveitoso enquadrá-lo numa matriz de coerência do que acompanhá-lo ao longo do tempo e do espaço em que existiu e em que sua história foi construída – ao largo desta existência e também depois dela. De estática, nem mesmo a sede da redação, que somente em 1930 seria finalmente estabelecida no edifício-símbolo do jornal, na avenida Gomes Freire – a primeira redação “no Rio de Janeiro a ter ambulatório e restaurante próprios.”³⁶

³³ As informações que se seguem sobre o *Correio da Manhã* advêm majoritariamente de: LEAL, Carlos Eduardo. “Correio da Manhã”. In *Dicionário Histórico Biográfico Brasileiro*. Cd-Rom.; ANDRADE, Jeferson de. *Um jornal assassinado. A última batalha do Correio da Manhã*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1991; e LATTANZI, José Renato. *Dragões de papel: o jornalismo impresso ante aos caminhos para o golpe civil-militar (1955-1964)*. Tese (Doutorado em História). Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2013.

³⁴ LATTANZI, José Renato. *Op. cit.* p. 42.

³⁵ Cf.: LEAL, Carlos Eduardo. *Op. cit.*; e ANDRADE, Jeferson de. *Op. cit.*

³⁶ Depoimento de Antonio Callado. In ANDRADE, Jeferson de. *Op. cit.*, pp. 221-2. Somente em julho de 1930 o edifício da avenida Gomes Freire, nos

Numa fase inicial, abrigou colaboradores das mais diversas tendências, de monarquistas a florianistas. O papel de ‘denominador comum’ entre as diferenças opções políticas de seus colaboradores ficava a cargo de Edmundo Bittencourt³⁷, residindo nesta relação o caráter polissêmico do *Correio da Manhã* durante a República Velha. A título de exemplo, o *Correio da Manhã* foi favorável à nomeação de Pereira Passos para a prefeitura do então Distrito Federal, mas não tardou a impingir críticas tanto a ele quanto ao presidente Rodrigues Alves pelos atos autoritários e pelos distúrbios sociais gerados por estes no contexto da Revolta da Vacina.³⁸ Já em 1909, inicialmente apoiou a candidatura do marechal Hermes da Fonseca à presidência do Brasil, pois enxergara nele uma figura não comprometida com interesses oligárquicos.³⁹ Ainda naquele ano, num espaço de três meses, o jornal passou a apoiar a candidatura *civilista* de Rui Barbosa, tratando o marechal, por fim vencedor das eleições em 1910, como o ‘candidato dos analfabetos.’⁴⁰

Este epíteto a impingir os adversários voltaria a se repetir nas tantas campanhas que o *Correio da Manhã* se lançou ao longo de sua existência, o que leva água ao moinho dos que lhe atribuem a característica de elitista. As vezes de maneira mais explícita, como nas eleições majoritárias de 1960, em que mesmo não apoiando Jânio Quadros, tinha o outro forte candidato, marechal Henrique Lott, na conta de “homem burro, mas sério.”⁴¹ Em outros casos, implicitamente, como se observa num excerto do conhecido editorial *Fora!*, de 1º de abril de 1964: “[...] Por ambição pessoal, pois sabemos que o sr. João Goulart é incapaz de assimilar qualquer ideologia, ele quer permanecer no governo a qualquer preço[...].”⁴²

arredores da Lapa, passou a abrigar a redação, as oficinas e as demais dependências do *Correio da Manhã*. A primeira redação do jornal foi à rua Coronel Moreira Cesar, mas ela ainda se basearia à rua do Ouvidor e ao Largo da Carioca antes do prédio nº 471 (antigo nº 81/83) da avenida Gomes Freire. O jornal possuía ainda uma sucursal no Edifício Portella, na avenida Rio Branco. Cf.: *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 01/07/1930, p. 01.

³⁷ Cf.: LEAL, Carlos Eduardo. *Op. cit.*

³⁸ *Idem.*

³⁹ Segundo Carlos Eduardo Leal, o jornal fez ampla cobertura das comemorações de aniversário do marechal, transformando-a em manifestação eleitoral.

⁴⁰ Ainda segundo Leal, o rompimento com o governo Nilo Peçanha levou ao rompimento com a candidatura de Hermes da Fonseca, que havia sido ministro da Guerra do governo Nilo Peçanha.

⁴¹ *Idem.*

⁴² “Fora!” In *Jornal Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 01/04/1964, p. 01.

Característica imprecisa, o elitismo do *Correio da Manhã* nem sempre fez jus às várias causas populares acampadas pelo jornal ao longo da história republicana brasileira⁴³, mas ganhou forte demão no apoio incontestado do jornal às duas candidaturas do brigadeiro Eduardo Gomes, que pertencia à ala mais conservadora e elitista da UDN.⁴⁴

Outra característica atribuída ao *Correio da Manhã*, a de um ‘órgão defensor da legalidade democrática’, é passível de relativização. O jornal apoiou a Aliança Liberal capitaneada por Getúlio Vargas para as disputas presidenciais de 1930 e manteve o apoio à Aliança após a sua derrota dentro dos parâmetros legais daquela disputa; sustentando, portanto, a ‘Revolução de 1930’⁴⁵. Todavia, passou ao espectro oposicionista, estando ao lado dos paulistas no movimento pela constitucionalização, em 1932⁴⁶, acompanhando minuciosamente e transcrevendo em suas colunas os trabalhos da Assembleia Constituinte de 1934 e previamente denunciando o golpe do Estado Novo, de 1937.

Cabe lembrar que foi nas páginas do *Correio da Manhã* que a entrevista com o ex-ministro de Getúlio Vargas, José Américo, veio a público⁴⁷. Mesmo tendo o cuidado de não ceder a uma visão *a posteriori* dos

⁴³ Por exemplo, as campanhas contra o aumento da passagem do Bonde de São Cristóvão/RJ (1901-2); contra a vacinação obrigatória (1903-4); contra o alistamento militar obrigatório (1906-9), dentre outras. Cf.: LEAL, Carlos Alberto. *Op. cit.*

⁴⁴ Foi durante a campanha de 1945, num discurso no Teatro Municipal do Rio de Janeiro, que o brigadeiro Eduardo Gomes disse não precisar dos votos da “malta de desocupados que apoia o ditador [Getúlio Vargas]” para se eleger. Já a frase que ganhou os rádios, os panfletos e tornou-se célebre – “Não preciso dos votos dos marmiteiros” – foi uma corruptela engendrada pelo líder Queremista Hugo Borghi. Logo a marmita, de forte apelo popular, se tornaria o símbolo da campanha de Eurico Gaspar Dutra, de fato o vencedor daquelas eleições. Um estudo pormenorizado sobre a imprensa e as eleições majoritárias de 1945 encontra-se em LATTANZI, José Renato. *Imprensa, partidos e democracia: A experiência brasileira*. Dissertação (Mestrado em História) – Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2005.

⁴⁵ Desde 1929 a direção do *Correio da Manhã* passou para as mãos de Paulo Bittencourt, filho de Edmundo Bittencourt. Sobre inicial apoio do jornal à ‘Revolução de 1930’ e os seus passos subsequentes, na oposição, Cf.: LATTANZI, José Renato. *Dragões de papel*. *Op. cit.*, pp. 40-8 e pp. 55-73.

⁴⁶ Movimento que resultou na chamada “Revolução Constitucionalista de 1932”. Cf.: *Idem*.

⁴⁷ Cf.: “A situação – declarações do sr. José Américo” In *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 22/01/1945, p. 14. Antes de ocupar o cargo de ministro dos Transportes durante o Governo Provisório (1930-1934), José Américo de Almeida havia sido interventor do estado da Paraíba (1930) e chegou a ser o pré-candidato à

acontecimentos, uma entrevista de crítica aberta ao Estado Novo e de reivindicação de eleições livres, como aquela de janeiro de 1945, guarda em si muita importância. Segundo Carlos Eduardo Leal, foi aquela entrevista que abriu “caminho para outras manifestações da oposição na imprensa já que o DIP não esboçou qualquer reação” e, dado o curso dos acontecimentos, foi tida pelo *Correio da Manhã* como “uma espécie de referencial das posições liberais do jornal, sendo citada com destaque nas edições comemorativas do próprio jornal nos anos subsequentes.”⁴⁸

Um importante quinhão daquela entrevista também coube ao seu coprotagonista, o entrevistador Carlos Lacerda. Poucos anos depois, precisamente em dezembro de 1949, Lacerda fundaria o pequeno mas estridente *Tribuna da Imprensa*, obtendo autorização de Paulo Bittencourt para nomear seu vespertino com o título da coluna que assinava no *Correio da Manhã* desde 1946. Seu nome é aludido como indicador da complexa e nem sempre homogênea relação entre a opinião editorial do *Correio da Manhã* e a de seus colaboradores. Mesmo tendo coincidido em vários momentos, pode-se dizer que as opiniões e posturas do jornalista Lacerda e da empresa *Correio da Manhã* tendiam a seguir caminhos distintos – muito mais intensa e radical por parte do primeiro. A prova é a criação do *Tribuna da Imprensa* e a projeção do político Lacerda.

Até que ponto tal heterogeneidade era regra nos demais jornais, não se sabe.⁴⁹ O fato é que nem sempre a opinião do *Correio da Manhã* correspondia à de seus redatores. Tampouco se observa uma orientação direta, capaz de atravessar décadas, entre o matutino carioca e este ou aquele partido política, nem mesmo à UDN, a despeito do apoio irrestrito nas duas eleições majoritárias em que o brigadeiro Eduardo Gomes foi candidato, em 1945 e em 1950.

Nas eleições de 1955, mesmo após o histórico de oposição ao segundo governo de Getúlio Vargas tão intenso quanto os da *Tribuna da Imprensa* ou d’*O Globo*, o *Correio da Manhã* não cedeu às pressões da UDN para que repetisse o apoio ao seu candidato, Juarez Távora. Em editorial, o

Presidência apoiado por Getúlio Vargas para as eleições de 1938 – abortadas com a implementação do Estado Novo, um ano antes.

⁴⁸ *Idem*.

⁴⁹ Certamente não o era na *Tribuna da Imprensa*, dada à condução pessoal e minuciosa empreendida por Carlos Lacerda, que concentrava em sua pessoa toda a edição do jornal. Cf.: LAURENZA, Ana Maria de Abreu. “Batalhas em letras de forma: Chatô, Wainer e Lacerda” In MARTINS, Ana Luiza; LUCA, Tania Regina de (Orgs.). *História da imprensa no Brasil*. 2ª ed. São Paulo: Contexto, 2011, pp. 179-205.

jornal declarava que não havia candidato que “merecesse apoio”⁵⁰, o que possivelmente pôs em xeque a relação entre pressionador, o mesmo brigadeiro Eduardo Gomes, e pressionado, Paulo Bittencourt.

Num apanhado mais orgânico do jornal, entretanto, percebe-se que o apoio aberto do redator Álvaro Lins à candidatura de Juscelino Kubitschek e os ataques de outro redator, Edmundo Muniz, ao candidato Juarez Távora⁵¹, fizeram com que, na prática, o leitor do *Correio da Manhã* estivesse mais ‘municipado’ para encarar as eleições presidenciais daquele ano, apesar da imparcialidade, circunstancial, expressa em editorial.

Uma década antes, com a volta do PCB à legalidade, o posicionamento editorial do *Correio da Manhã* e o de seus colaboradores quanto a este partido apresentava sutis diferenças. Assim como os demais órgãos da chamada ‘grande imprensa’, o *Correio da Manhã* nutria reservas e não poupava críticas ao partido tornado legal em 1945, sob a liderança de Luiz Carlos Prestes. O matutino entendia o PCB como “uma organização internacional, comandada de fora, especificamente destinada a pôr em perigo a segurança nacional.”⁵² *Grosso modo*, e como a maioria dos jornais daquele período – interregno entre o fim da II Guerra Mundial e o início da Guerra Fria –, o *Correio da Manhã* não só se informava e informava a partir dos conteúdos de agências de notícias norte-americanas, como também produzia matérias exclusivas de análise política internacional posicionando-se a favor do modelo político e econômico norte-americano e contrário ao comunismo soviético.⁵³

Não se pode perder de vista, porém, que no desenrolar do cerco e posterior cassação do PCB o *Correio da Manhã* destoou da ‘grande imprensa’, postando-se contra o empastelamento e fechamento do jornal *Tribuna Popular*, vinculado àquele partido, pelo dogma que a liberdade de imprensa representava à democracia⁵⁴; contra a cassação dos parlamentares comunistas eleitos em 1945 e 1947⁵⁵ – “golpe deferido contra a

⁵⁰ LEAL, Carlos Eduardo. *Op. cit.*

⁵¹ *Idem.*

⁵² *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 23 e 27/03/1946. *Apud* SILVA, Heber Ricardo da. *A democracia impressa. Transição do campo jornalístico e do político e a cassação do PCB nas páginas da grande imprensa, 1945-1948.* Dissertação (Mestrado em História). Faculdade de Ciências e Letras de Assis. Universidade Estadual Paulista, Assis, 2008.

⁵³ *Idem*, p. 147.

⁵⁴ *Idem*, p. 173.

⁵⁵ Eleições de 1945 para a Assembleia Constituinte do ano seguinte e eleições suplementares de 1947 para o senado, câmaras federal e estaduais e para câmara dos vereadores, com especial destaque para as eleições do Distrito Federal, em que o PCB elegeu 18 das 50 cadeiras e tornou-se o partido majoritário da

Constituição Federal sobre o pretexto de se combater o comunismo”⁵⁶; e contra a própria cassação da legenda comunista, ressaltando o caráter inconstitucional daquele ato – passível que era de graves consequências, dada a representação eleitoral exercida pelo PCB de centenas de milhares de pessoas.⁵⁷

Postura compartilhada com o matutino paulista *O Estado de S. Paulo*, as duras críticas do *Correio da Manhã* ao processo de cassação do PCB – em grande parte somente possível pela relativa margem de independência frente ao governo Dutra⁵⁸ – diz mais sobre o posicionamento político oposicionista do *Correio* naquele contexto – considera-se a derrota do brigadeiro Eduardo Gomes – do que propriamente à preservação do PCB ou do comunismo. Até que ponto vincular esse posicionamento à defesa da democracia, da constituição e da liberdade de imprensa, como o fizera o *Correio da Manhã* ao longo daqueles quase dois anos, poderia ser apenas um discurso autorreferente e oportunista? Para respondê-lo, um bom caminho é perscrutar a postura editorial, como um todo, e a de seus principais colaboradores, frente a um futuro próximo vaticinado por Edmundo Moniz naquele contexto e tornado realidade em 1964:

Não é [...] o Partido Comunista que se deve defender atualmente, e sim a legalidade de todo e qualquer partido político. [...] O golpe contra o Partido Comunista abre caminho para novos golpes contra os demais partidos. [...] O mais condenável de tudo isso é a invocação das instituições

câmara distrital. ABREU, Alzira Alves. “Partido Comunista Brasileiro (PCB)” In *Dicionário Histórico Biográfico Brasileiro*. Cd-Rom. Dentre as vencedoras, uma candidatura que Otto Maria Carpeaux manifestou apoio expresso e o registrou através do folheto *Três aspectos do candidato Astrojildo Pereira*: “[...] É um homem raro. Amigos e inimigos – se ele tem inimigos – concordam nisso. É tão humano que já parece mais que isso, até aquele amigo exclamar: ‘É um santo!’ Mas Astrojildo Pereira não aspira a tanto; agora só aspira a se eleger vereador pelo Distrito Federal. E quem merecerá mais a distinção eleitoral do que esse cidadão do Rio de Janeiro?” Cf.: CARPEAUX, Otto Maria. “Três aspectos do candidato Astrojildo Pereira” In *Memória e História* – Revista do Arquivo Histórico do Movimento Operário Brasileiro. n° 1. São Paulo: Livraria editora Ciências Humanas, 1981, pp. 47-50.

⁵⁶ SILVA, Heber Ricardo da. *Op. cit.*, p. 191.

⁵⁷ *Idem*, p. 179.

⁵⁸ Heber Ricardo da Silva aposta que tal independência advém do fato de tanto o *Correio da Manhã* quanto *O Estado de S. Paulo* não serem concessionários de emissoras de rádio. É uma hipótese factível, uma vez que os demais jornais cotejados por Silva (*Diário de S. Paulo*, *Folha da Manhã*, *Jornal do Brasil* e *O Globo*) pertenciam a grupos concessionários.

democráticas para justificar um ato eminentemente antidemocrático, pois não passa de uma ignóbil mistificação procurar o aniquilamento da democracia em nome da democracia.⁵⁹

***Correio da Manhã*, Carpeaux e o Golpe de 1964**

Se imaginarmos uma lente grande-angular capaz de reter, através dos principais jornais do eixo Rio-São Paulo, uma única imagem do Golpe de 1964, o *Correio da Manhã* não fugiria ao enquadramento da ‘grande imprensa favorável à intervenção militar’. Teria mesmo uma posição de destaque naquele malfadado quadro, pois uma das razões de seus editoriais *Basta!* (de 31 de março) e *Fora!* (de 1º de abril) causarem grande impacto nos ‘idos de março’ pode ser atribuída ao rompimento que eles representaram à defesa da legalidade constitucional, historicamente apresentada pelo *Correio* como sua principal característica.⁶⁰ Em outras palavras, a cacofonia de suas mensagens às demais publicações da ‘grande imprensa’ brasileira daquele contexto alçaram *Basta!* e *Fora!* à categoria de legitimadores de um movimento eminentemente antidemocrático e, por isso, carente de legitimidade.

Entre os setores que se lançaram em prol da destituição de João Goulart da presidência da República, havia uma preocupação para que esse intento não fosse novamente obstruído, como ocorrera em 1961; daí a necessidade de legitimá-lo junto à chamada ‘opinião pública’.⁶¹ Em 1964, portanto, já era de pleno conhecimento que em 1961, além de metralhadoras e dos demais armamentos da Brigada Militar, uma outra

⁵⁹ MONIZ, Edmundo. “A trégua” In *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 21/05/1947, p. 02.

⁶⁰ Conforme demonstrado no subitem anterior. Paradoxalmente, foi pela defesa da legalidade constitucional que os dois editoriais do *Correio da Manhã* foram escritos. Mas o *Correio* não estava sozinho na análise de que o governo João Goulart caminhava para um quebra das garantias constitucionais asseguradas pela Carta Magna de 1946. Parte da esfera militar, outrora garantidora do governo Goulart, tivera a mesma leitura naquele contexto, o que solapou o chamado ‘Dispositivo Militar’ do governo Goulart e atraiu os militares legalistas para a base golpista há muito estabelecida.

⁶¹ Em 1961, após a renúncia de Jânio Quadros à presidência e ao veto emitido pelas Forças Armadas quanto à posse do João Goulart, vice-presidente eleito um ano antes, um movimento liderado pelo então governador do Rio Grande do Sul, Leonel Brizola, garantiu a posse de Goulart, ainda que sob o regime do parlamentarismo. Este movimento ficou conhecido como a ‘Campanha da Legalidade’. Cf.: TAVARES, Flávio. *1961 – o golpe derrotado*: luzes e sombras do movimento da legalidade. 3ª ed. Porto Alegre: LP&M, 2013.

importante arma de Brizola para a mobilização da população rio-grandense e do comando do III Exército para o cumprimento constitucional havia sido a transmissão, diuturna e em cadeia, de seus pronunciamentos e informes, emitidas a partir das rádios Guaíba e Farroupilha e retransmitidas através de mais de cem emissoras do próprio Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Paraná – a chamada ‘Cadeia da Legalidade’.⁶²

Exemplo tomado e seguido pelo espectro outrora derrotado, em outubro de 1963 foi ao ar a *Rede da Democracia*. Inspirada, segundo os seus autores, “nos mais puros sentimentos de patriotismo”⁶³, a *Rede da Democracia* caracterizou-se como um arranjo midiático encabeçado e posto em prática por três das maiores empresas jornalísticas daquele período – *Diários Associados*, *Globo* e *Jornal do Brasil* –, responsável por uma campanha incisiva e conjunta em favor da destituição do governo João Goulart e contando com uma significativa abrangência, proporcionada pela transmissão em rede de seus programas, pela retransmissão destes em estações radiofônicas do interior do País e pela transcrição integral de seus conteúdos nos jornais que a compunham.

Tecnicamente, a *Rede da Democracia* representava uma atuação direta e conjunta de três empresas jornalísticas que à época somavam, no âmbito carioca, três emissoras de rádio e três dos maiores diários de circulação do Rio de Janeiro, com tiragem total que ultrapassava 300 mil exemplares diários. No campo da radiodifusão, englobava duas das três primeiras colocadas em audiência do Estado da Guanabara; já em relação aos diários, os números estimativos pelo *Anuário de Imprensa, Rádio e Televisão* apontam um crescente número de tiragens por parte de *O Globo* – que, comparando os anos de 1951 e 1960, passou de 100 mil exemplares diários na primeira data para 218 mil na segunda, tornando-se o maior vespertino do Rio de Janeiro naquele momento –, ao passo que o *Jornal do Brasil* figurava como 3º maior matutino do Rio de Janeiro em 1960, alcançando uma tiragem de 59 mil exemplares diários. Ainda segundo esta fonte, o ‘órgão líder dos *Diários Associados*’ – subtítulo que acompanhava o matutino carioca *O Jornal* – amargava um desconfortável 6º lugar no *ranking* dos sete matutinos de maior tiragem daquele ano, com aproximadamente 27 mil exemplares diários. Mas era graças a seu imenso conglomerado midiático que os *Diários*

⁶² *Idem*.

⁶³ “Palavras de Roberto Marinho, na alocação de estreia da *Rede*” In: *O Jornal*, Rio de Janeiro, 25/10/1963, p. 03. Cf.: SILVA, Eduardo Gomes. *A Rede da Democracia e o Golpe de 1964*. Dissertação (Mestrado em História). Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2008.

Associados davam peso e abrangência para a *Rede da Democracia*. O *Correio da Manhã* figurava em 4º lugar em 1960, com 53 mil exemplares/dia.⁶⁴

A *Rede da Democracia* também buscou se distinguir das demais campanhas oposicionistas no campo da imprensa, pela preocupação de seus idealizadores em não reduzi-la aos espectros mais radicais ou eminentemente partidários da campanha anti-Goulart. Daí a ausência de jornais como a *Tribuna da Imprensa*, histórica folha anti-varguista e ainda muito ligado à figura de seu fundador; ou d'*O Dia*, matutino de maior de maior circulação daquele período, popular, sensacionalista e francamente conservador, como também o era o seu fundador, Chagas Freitas.⁶⁵ Mas é incontestável, dada a análise sistemática do corpo de seus oradores e dos seus respectivos pronunciamentos ao longo dos quase cinco meses em que foi levado ao ar, que aquele espaço midiático foi montado e ocupado por representantes de um novo programa político para o País, moderno-conservador, capitaneado pelo 'Complexo Ipes-Ibad', e finalmente posto em prática pelos governos militares que viriam.⁶⁶

Exemplos como o da *Rede da Democracia* fazem daquela hipotética e estática imagem da 'grande imprensa a favor do Golpe' algo simplista, a planificar interesses díspares e mais complexos de algumas empresas midiáticas com posturas mais intempestivas e de outras mais pontuais.⁶⁷

Outras imagens, temporalmente mais abrangentes, fazem-se necessárias, para que não se perca a complexidade daquele processo. O editorial *Terrorismo, não!* (de 03 de abril de 1964) e toda a campanha de oposição ao então governo militar provisório travada pelo *Correio da Manhã*

⁶⁴ Cf.: *Anuário de Imprensa, Rádio e Televisão*. Rio de Janeiro: PN, 1957-1960; *IBOPE – Boletins de rádio audiência – 1950 a 1970*, ambos disponíveis no setor de periódicos da Biblioteca Nacional.

⁶⁵ Desde 1962 a *Tribuna da Imprensa* já não mais pertencia a Carlos Lacerda. Naquele ano ela fora vendida para M. F. Nascimento Brito, do grupo *Jornal do Brasil*, e poucos meses depois para o jornalista Hélio Fernandes. Cf.: LEAL, Carlos Eduardo. "Tribuna da Imprensa" In *Dicionário Histórico Biográfico Brasileiro*. Cd-Rom.

⁶⁶ No que tange à *Rede da Democracia*, desenvolvi esta análise em: SILVA, Eduardo Gomes. *A Rede da Democracia e o golpe de 1964*. *Op. cit.* Quanto à caracterização do complexo Ipes-Ibad e o seu projeto moderno-conservador, a análise seminal é de DREIFUSS, René Armand. *1964: A conquista do Estado. Ação política, poder e golpe de classe*. 4ª ed. Trad.: Laboratório de Tradução da UFGM. Petrópolis: Ed. Vozes, 1986.

⁶⁷ Mesmo após décadas de reflexões, debates, pesquisas acadêmicas e publicações sobre o Golpe de 1964 e a Ditadura Militar subsequente, algumas reflexões sobre o papel da imprensa naquele contexto ainda apresentam um viés estático, pouco complexo, daquela relação. Cf.: SILVA, Jurandir Machado da. *1964 – Golpe midiático-civil-militar*. Porto Alegre: Editora Sulina, 2014; dentre outros.

a partir dele (incluindo aí seus principais colaboradores, como Carlos Heitor Cony, Antonio Callado e Otto Maria Carpeaux) são indicativos de tal complexidade.

PRIMEIROS
NOMES NOVOS EDITORESCorreio da ManhãREVISTAS
DE
CULTURA
E
LIVROS

EDMUNDO BITTENCOURT — PAULO BITTENCOURT

REVISTA
M. PAULO VILHORIO DE JANEIRO, QUINTA-FEIRA, 2 DE ABRIL DE 1964N.º 11.711 — 4.º ANO

MAZZILLI É O NÔVO PRESIDENTE

Tomada do Forte



Vitória

BRASÍLIA (Reunidos) — A posse de Artur Costa Novo, presidente da Câmara dos Deputados, na Presidência da República, para o mandato de cinco anos, foi realizada ontem, após o encerramento do congresso de abertura da Câmara de Brasília, por Nicolas Franco, governador de Goiás, e de João Goulart, governador de Minas Gerais, em Brasília, onde se realizou a sessão de posse em homenagem ao presidente eleito, na presença de Juscelino Kubitschek, ex-presidente da República, e de outros membros do governo federal, além de representantes das Assembleias Legislativas e dos Governadores dos Estados, em sessão realizada no Palácio do Congresso Nacional, em comemoração ao aniversário da República.

João Goulart foi escolhido na sessão de posse em Brasília, com o apoio de Juscelino Kubitschek, ex-presidente da República, e de outros membros do governo federal, além de representantes das Assembleias Legislativas e dos Governadores dos Estados, em sessão realizada no Palácio do Congresso Nacional, em comemoração ao aniversário da República.

A posse de Artur Costa Novo, presidente da Câmara dos Deputados, na Presidência da República, para o mandato de cinco anos, foi realizada ontem, após o encerramento do congresso de abertura da Câmara de Brasília, por Nicolas Franco, governador de Goiás, e de João Goulart, governador de Minas Gerais, em Brasília, onde se realizou a sessão de posse em homenagem ao presidente eleito, na presença de Juscelino Kubitschek, ex-presidente da República, e de outros membros do governo federal, além de representantes das Assembleias Legislativas e dos Governadores dos Estados, em sessão realizada no Palácio do Congresso Nacional, em comemoração ao aniversário da República.

Congresso declara vaga Presidência

ARTUR COSTA NOVO CHEFE DO EXERCITO

Tropas do Paraná vão para o RS

BRASÍLIA (Reunidos) — Ao diluir de hoje em diante, há de ser a última sessão do Congresso Nacional.

Nota oficial

Primeira página da edição do *Correio da Manhã* de 2 de abril de 1964. Acervo: Hemeroteca Digital/FBN

É sempre difícil atribuir um posicionamento específico a um microsistema tão heterogêneo quanto a redação de um jornal. Neste sentido, mesmo a escrita do editorial é algo complexo, porque compartilhada, e não raro as posições nele inscritas encontram discrepâncias no interior do jornal, através de uma ou outra coluna, de um ou outro artigo publicado. Em relação aos editoriais do *Correio da Manhã*, como redator editorialista e responsável pela pauta internacional, a Carpeaux cabia o chamado 'reboque', a segunda parte do editorial, ligado aos assuntos internacionais. Especificamente ao *Basta!* e ao *Foral*, pela projeção que tomaram história afóra, há uma certa indefinição sobre as suas autorias.

Que passaram por várias mãos antes de ser publicado é ponto pacífico. A definição que deu Carlos Heitor Cony a um 'bom editorial' —

uma obra coletiva, como uma catedral gótica, que não expressa o pensamento de um indivíduo, mas o clima de uma época⁶⁸ – é assaz interessante. Ainda segundo Cony, “na crise de 1964, os editoriais eram discutidos exaustivamente pela equipe liderada por [Edmundo] Moniz e da qual faziam parte Otto Maria Carpeaux, Osvaldo Peralva, Newton Rodrigues, e outros.” Quanto ao *Basta!*, afirma Cony que Carpeaux “desejava pisar forte, com um editorial virulento contra Jango”.⁶⁹ A pedido de Carpeaux, Cony foi consultado sobre o piloto daquele editorial que estamparia a primeira página do dia 31 de março, ao que Cony fizera cortando um parágrafo e acrescentando uma pequena frase. Conforme seu depoimento,

[...] Hora e meia mais tarde, Moniz telefonou-me outra vez, lendo o texto final que absorvia a colaboração dos editorialistas, e, embora o conteúdo fosse o piloto elaborado por Carpeaux, a linguagem traía o estilo espartano do próprio Moniz.⁷⁰

No dia seguinte, 1º de abril de 1964, o editorial *Fora!* ratificava a posição do *Correio da Manhã* e daqueles colaboradores em relação ao governo Goulart. Substancialmente complementares, o tom entre ambos os editoriais é o que os diferencia. Tanto em *Basta!* quanto em *Fora!*, João Goulart é apontado como o responsável por implementar uma “guerra psicológica [...] com o objetivo de convulsionar o país”⁷¹ e “permanecer no poder a qualquer preço.”⁷² Mas, se no editorial de 31 de março havia a admissão de que Goulart cumprisse integralmente o seu mandato “de acordo com a Constituição”, desde que desistisse de sua “política atual” que estava “perturbando uma nação em desenvolvimento, e ameaçando de levá-la à guerra civil”⁷³, no de 1º de abril essa possibilidade já não mais figurava no horizonte do *Correio da Manhã*. Pela “omissão dos dois primeiros anos” e pela “conspiração” contra a República, “verificáveis” pelos últimos “pronunciamentos e atos”, para João Goulart só havia uma atitude digna: devolver ao Congresso, “ao povo o mandato que ele não soube honrar.”⁷⁴

⁶⁸ CONY, Carlos Heitor. “Um basta no ‘basta’”. In *Jornal Folha de S.Paulo*, São Paulo, 30/11/2002, p. 02.

⁶⁹ *Idem*.

⁷⁰ *Ibidem*.

⁷¹ “Basta!” In *Jornal Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 31/03/1964, p. 01.

⁷² “Fora!” In *Jornal Correio da Manhã*. *Op. cit.*, p. 01

⁷³ “Basta!” *Op. cit.*

⁷⁴ “Fora!” *Op. cit.*

O caráter legalista e liberal do *Correio da Manhã* e de seus colaboradores naquele contexto, plasmado por esses dois editoriais, guarda nos dois últimos parágrafos do *Fora!* uma significativa metonímia:

Nós do CORREIO DA MANHÃ defendemos intransigentemente em agosto e setembro de 1961 a posse do sr. João Goulart, a fim de manter a legalidade constitucional. Hoje, como ontem, queremos preservar a Constituição. O sr. João Goulart deve entregar o Governo ao seu sucessor, porque não pode mais governar o país. A Nação, a democracia e a liberdade estão em perigo. O povo saberá defendê-las. Nós continuaremos a defendê-las.⁷⁵

Orientado pelo horizonte liberal, desfraldado pela “bandeira da legalidade, da defesa das instituições”⁷⁶, os editoriais e as principais colunas do *Correio da Manhã* nos dias seguintes à deposição de Goulart se voltaram imediatamente ao novo estado das coisas. Primeiro contrários à “arbitrariedade e à violência” causadas pela polícia militar e paramilitar dos estados da Guanabara e de São Paulo, sob o comando de Carlos Lacerda e Adhemar de Barros, respectivamente⁷⁷. Depois, contrários ao Comando Supremo da Revolução, o governo provisório formado pelos três ministros militares; ao Ato Institucional de 09 de abril de 1964, concretização do estado de exceção; e à personificação deste estado, sob a presidência de Castelo Branco, eleito no dia 11 e empossado no dia 15 de abril de 1964.⁷⁸

Os editoriais *Terrorismo, não!* (03/04/1964) e *Dois graves ameaças* (04/04/1964) clamavam para que a “vocaçãõ ditatorial de uns” não

⁷⁵ *Idem*.

⁷⁶ “Vitória” In Jornal *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 02/04/1964, p. 01.

⁷⁷ A grande perseguição político-ideológica nos primeiros dias após o Golpe de 1964 foi cunhada pelos próprios militares de ‘Operação Limpeza’. Com o Ato Institucional [nº 1], criou-se a base legal para prisões, exonerações, cassações dos direitos políticos de militares, políticos, intelectuais, estudantes e toda a sorte de sindicatos e associações ligadas ao governo Goulart. O incêndio criminoso da sede nacional da UNE, no Rio de Janeiro, porém, é ilustrativo de que a ‘Operação Limpeza’ extrapolou os limites ‘legais’ defendidos pelos militares e pelos governadores que apoiaram o Golpe. Cf.: ALVES, Maria Helena Moreira. *Estado e oposição no Brasil* (1964-1984). 5ª ed. Petrópolis: Ed. Vozes, 1986.

⁷⁸ O Comando Supremo da Revolução, organizado pelo general Costa e Silva, foi composto por ele, como representante do Exército; pelo vice-almirante Augusto Rademaker, da Marinha; e pelo brigadeiro Francisco de Assis Correia de Melo, da Aeronáutica.

comprometesse o movimento das Forças Armadas, tampouco que esse movimento ultrapassasse a “restauração da ordem, da disciplina hierárquica e da tranquilidade por que tanto ansiava a Nação”⁷⁹. Na lógica argumentativa do *Correio*, sendo a “liberdade um dogma”⁸⁰, nada justificava a prisão de jornalistas, a apreensão de uma tiragem do jornal *Última Hora*, a invasão de domicílios, a nomeação de interventores ou a ameaça ao Congresso, como Carlos Lacerda e Adhemar de Barros vinham fazendo nos dias imediatamente seguintes ao Golpe.⁸¹

Se aqueles “espetáculos repulsivos degradavam e impurificavam” o movimento, à medida que este se afastava do que os militares haviam desempenhado ao longo da história da República brasileira, ou seja, o ‘saneamento’ da crise política através de um golpe pontual e a posterior devolução do poder às mãos civis, o *Correio da Manhã* transformou-se num dos primeiros protagonistas do afastamento entre setores liberais da intelectualidade brasileira e o regime militar.⁸²

Segundo Marcos Napolitano, este afastamento, inesperado pelos artífices do Golpe que, antes, “esperavam contar com boa parte das elites intelectuais na tarefa de conter as ‘massas ignaras’ e as ‘lideranças irresponsáveis’ que agitavam o ambiente”⁸³, representou importante revés para um regime também ele impingido sob a bandeira da defesa das instituições democráticas.⁸⁴ Ainda mais: este afastamento permitiu que o ‘frentismo cultural’, “a senha da luta contra a ditadura” fosse possível, aproximando lideranças dos setores liberais a nacionalistas, trabalhistas,

⁷⁹ “Duas graves ameaças” In Jornal *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 04/04/1964, p. 01.

⁸⁰ “Liberdade é um dogma. Existe ou não existe. Liberdade pela metade já não é liberdade. Já é uma forma de negá-la e destruí-la. E isto não podemos aceitar.” Cf.: “Terrorismo, não!” In Jornal *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 03/04/1964, p. 01.

⁸¹ *Idem*, “Duas graves ameaças” *Op. cit.*

⁸² Uma atual e instigante análise neste sentido é apresentada por Marcos Napolitano em *1964: História do Regime Militar Brasileiro*. São Paulo: Contexto, 2014, sobretudo nos capítulos “No entanto é preciso cantar: a cultura entre 1964 e 1968”, pp. 97-118; e “Letras em rebeldia: intelectuais, jornalistas e escritores de oposição”, pp. 205-28.

⁸³ *Idem*, p. 206.

⁸⁴ Para uma análise da busca de legitimidade do regime militar calcada, dentre outras frentes, na preservação (ao menos virtual) do Poder Legislativo pelo Poder Executivo, entre 1964 e 1968, Cf.: VASCONCELOS, Cláudio Beserra de. *A preservação do Legislativo pelo Regime Militar Brasileiro: ficção legalista ou necessidade de legitimação?* (1964-1968). Dissertação (Mestrado em História). Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2004.

comunistas e trotskistas para o campo da oposição ao regime militar entre 1964 e 1968.⁸⁵

REDAÇÃO
RUA MARIZ DE SAUS, 150 - CENTRO

Correio da Manhã

EDMUNDO BITTENCOURT — PAULO BITTENCOURT

BIO DE JANEIRO, SEXTA-FEIRA, 3 DE ABRIL DE 1964

REVISTA SEMANAL
MILTON CAVALCANTE

REVISTA
MILTON CAVALCANTE

REVISTA SEMANAL
MILTON CAVALCANTE

Assinada, Contra Forno, etc.

ADEMAR DESAFIA O CONGRESSO

R\$ 21.000 — ANO 1964

SAO PAULO (Sincronia) — O governador Ademar de Barros voltou a falar ontem no povo, por intermédio de uma rede paulista de rádio e televisão, para prestar novos esclarecimentos e alertar para "a luta que ainda não está concluída". Por duas vezes, o governador afirmou que os parlamentares da Câmara e do Senado "não devem afirmar que a vitória é deles, pois a luta continua dentro do poder e deles poderemos tirar-lhe se não souberem realmente conduzir com equidade e justiça a pátria".

CONTINUA. Pelo Comitê Revolucionário, visando a convocação e a glori-ficação, disse: "Para os 18 Estados. Entre, organizados, vocês pararam a morte, desarmaram a morte, que não vai mais se manifestar novamente, mas não temo nenhuma ameaça. Paulo, desde o início de 1964, para elucidar o povo e o mundo".

Mazzilli toma posse



Amearças e opinião

Na tarde de anteontem, o nosso companheiro Carlos Heitor Cony começou a ser ameaçado por um grupo que se intitulava "de oficiais do Exército", já há vários, quatro indivíduos que não quiseram identificar-se tentaram penetrar em sua residência. A pressão tornou-se maior ao longo da noite do dia 14, quando, de diferentes fontes, configurou-se uma iminente violência física ao seu lar e à sua pessoa.

Cerca de meia-noite, aumentavam os indícios de uma invasão ao seu lar. A necessidade de preservar sua família de um espetáculo degradante, fez com que o nosso companheiro solicitasse uma cambelota ao jornal. Diretores e elementos da redação prontamente acorreram a seu apartamento, sendo providenciada a segurança de sua família.

Em todo o dia de ontem as ameaças continuaram. Por volta das onze horas, dois indivíduos que se dizem do Ministério da Justiça foram a seu apartamento e interrogaram as empregadas sobre os hábitos e horários do dono da casa. Diversos redatores de diferentes setores de nossa redação estão sendo avisados de que se prepara uma violência física contra o nosso companheiro.

O CORREIO DA MANHÃ sente-se à vontade para prestigiar o seu redator. Trata-se de autor de uma obra literária que vem merecendo o estudo crítico de nossos melhores ensaístas, e que, ainda em 1963, alcançou excepcional êxito com "Matéria de Memória". Carlos Heitor Cony além de ser nosso cronista, passou por diversos postos de nossa redação: copy-desk, repórter internacional, editorialista, e atualmente, editor.

Nunca foi comunista. Nunca manteve vínculos administrativos, políticos ou sociais com o governo deposite. Pública e pessoalmente, nunca encontrou sua opinião no ex-presidente João Goulart. A veemência de seus últimos artigos é a expressão pessoal de uma opinião já expressa em sua obra literária, opinião esta que, de resto, não pode ser cercada nem ameaçada, a menos que já se prepare um ato punitivo aos delitos de opinião.

Terrorismo, não!

A vitória da Nação em virtude do afastamento do sr. João Goulart, não pode ser marcada com a onda de arbitrariedade e de violência que a Polícia da Guanabara — a J4 que nos já haviam denunciado quando foi organizada — vem cometendo de ontem para hoje em desrespeito ostensivo a todas as garantias constitucionais.

Não estamos em Estado de sítio e o sr. João Goulart entregou o poder, por vontade ou não, sem que nenhuma resistência militar. Não é crível que se queira manchar de sangue, como já se mancha, um movimento de amplitude nacional que derrubou o presidente da República.

O que existe, na realidade, é um desabafo patológico do sr. Carlos Lacerda que procura, na violência, a supercompensação para os dias em que permanecerá em silêncio, amedrontado diante das insinuações quando os julgava dominadores da situação.

Agras do reage por mais de sua Polícia Política, prendendo e expunhando como se estivéssemos em plena ditadura.

O afastamento do sr. João Goulart foi para evitar a sua manobra continuada. Não admitimos que se prepare e se organize a tentativa brutal de fossilização de direitos para o emagacamento das liberdades democráticas.

A liberdade é um dogma. Exatir-se não existe.

Liberdade pela metade já não é liberdade. Já é uma forma de angústia e de dor. E isto não podemos aceitar.

O movimento que se fez foi para restaurar a disciplina, a ordem, o regime. Não se pode em nome deste movimento estabelecer a individualidade, a desordem e a ilegitimidade.

A Polícia da Guanabara não pode prender jornalistas, nem invadir o domicílio de ninguém, cuja inevitabilidade é garantida pela Constituição. Não pode ser usada como simples arma política para o aniquilamento dos adversários de um candidato à Presidência. Não pode ocupar os escritórios federais, pois a J4 tem um chefe e legítimo presidente da República. O sr. Carlos Lacerda tem de responder pelos crimes que hábilmente vem praticando contra o povo.

O que se passa no Estado da Guanabara é semelhante ao que ocorreu em São Paulo. O sr. Ademar de Barros se julga com o direito de sumer intervenções para os legítimos oficiais e de ameaçar o Congresso.

Querem, tanto o governador da Guanabara como o governador de São Paulo, que o Congresso seja imediatamente um presidente da República e que este presidente seja o apertadíssimo.

O Congresso Nacional é soberano e não pode agir sob pressão ou ameaça. Assim como reagiu contra o sr. João Goulart, deve reagir contra o sr. Ademar de Barros e Carlos Lacerda.

O sr. Hanser Mazzilli é o presidente da República e a Nação e o povo, que querem preservar a Constituição, a legalidade, a disciplina e o regime democrático, tem obrigação de estar ao lado deste momento e recusar qualquer ameaça, a que ocorra uma humilhante imposta à Nação inteira.

O afastamento do sr. João Goulart foi precisamente para garantir as instituições em vigor e não para amassar contra elas.

O país não recua nesta hora em que dará um passo à frente para a consolidação de um regime social e político que conquistará através de uma grande luta pela democracia.

N JOHNSON ENVIATAÇÕES A MAZZILLI

Mexico, Los Andri e Santa- (AP/CB) — O presidente Lyndon Johnson enviou ontem uma mensagem de felicitações ao novo presidente do Brasil, Hanser Mazzilli, pela sua investidura.

Na mensagem, o presidente Johnson expressou a confiança de que a amizade entre os Estados Unidos e o Brasil continuará a prosperar, não de outra maneira.

Revelador
avisou Johnson

Como
© "The New York Times"

Amearças e opinião

Na tarde de anteontem, o nosso companheiro Carlos Heitor Cony começou a ser ameaçado por um grupo que se intitulava "de oficiais do Exército", já há vários, quatro indivíduos que não quiseram identificar-se tentaram penetrar em sua residência. A pressão tornou-se maior ao longo da noite do dia 14, quando, de diferentes fontes, configurou-se uma iminente violência física ao seu lar e à sua pessoa.

Cerca de meia-noite, aumentavam os indícios de uma invasão ao seu lar. A necessidade de preservar sua família de um espetáculo degradante, fez com que o nosso companheiro solicitasse uma cambelota ao jornal. Diretores e elementos da redação prontamente acorreram a seu apartamento, sendo providenciada a segurança de sua família.

Em todo o dia de ontem as ameaças continuaram. Por volta das onze horas, dois indivíduos que se dizem do Ministério da Justiça foram a seu apartamento e interrogaram as empregadas sobre os hábitos e horários do dono da casa. Diversos redatores de diferentes setores de nossa redação estão sendo avisados de que se prepara uma violência física contra o nosso companheiro.

O CORREIO DA MANHÃ sente-se à vontade para prestigiar o seu redator. Trata-se de autor de uma obra literária que vem merecendo o estudo crítico de nossos melhores ensaístas, e que, ainda em 1963, alcançou excepcional êxito com "Matéria de Memória". Carlos Heitor Cony além de ser nosso cronista, passou por diversos postos de nossa redação: copy-desk, repórter internacional, editorialista, e atualmente, editor.

Nunca foi comunista. Nunca manteve vínculos administrativos, políticos ou sociais com o governo deposite. Pública e pessoalmente, nunca encontrou sua opinião no ex-presidente João Goulart. A veemência de seus últimos artigos é a expressão pessoal de uma opinião já expressa em sua obra literária, opinião esta que, de resto, não pode ser cercada nem ameaçada, a menos que já se prepare um ato punitivo aos delitos de opinião.

Editorial **Terrorismo, não!**, de 03/04/1964 e nota **Amearças e opinião** publicada em 16/04/1964. Acervo: Hemeroteca Digital / FBN

Não por acaso, Napolitano aponta Carlos Heitor Cony, "em seu existencialismo individualista e libertário" exercitados ao longo na série de artigos publicados já nos primeiros dias subsequentes ao Golpe, de forte oposição ao novo regime e de chamamento dos seus intelectuais para o campo

85 NAPOLITANO, Marcos. *Op. cit.*, p. 105.

oposicionista; e Alceu Amoroso Lima, “com seu liberalismo baseado numa ética de responsabilidades”, o primeiro a cunhar a expressão ‘terrorismo cultural’ no contexto de sua indignação contra as perseguições do regime no meio universitário, como os responsáveis por lançar “bases simbólicas importantes que perdurariam na memória da resistência cultural contra o regime”, quais sejam:

a) a ditadura era contra a cultura; b) a ditadura era ilegítima, sobretudo porque tentava proibir os atos de pensamento; c) a ditadura perseguia quem deveria ajudar a reconstruir o Brasil, ou seja, os ‘intelectuais’, até então sócios do Estado nos projetos políticos nacionais; d) a ditadura, ao implantar o ‘terror cultural’, erodia sua base de sustentação na classe média que, *grosso modo*, havia prestigiado o golpe.⁸⁶

O que se percebe, portanto, tanto no caso do *Correio da Manhã* quanto no da maioria de seus colaboradores, é menos uma postura meramente revisionista, de “diluição de parte de suas responsabilidades diretas no golpe” – que certamente existiu, sobretudo *a posteriori*⁸⁷ – e mais um movimento em busca de uma certa coerência dos valores liberais então defendidos e suplantados pelo novo regime e, em casos mais específicos, num segundo movimento, desta vez de rompimento dos limites liberais do fazer político.

As consequências de um ou de outro movimento não tardariam a cobrar o seu quinhão. Na primeira página do dia 07 de abril, uma nota

⁸⁶ *Idem*, p. 209. Napolitano observa ainda ter sido através das páginas do *Correio* que dois importantes manifestos de denúncia ao ‘terrorismo cultural’ e em defesa da ‘liberdade de opinião’, ambos de 1965, vieram a público. Trata-se do *Manifesto nacional pela democracia e o desenvolvimento* (de 14/03/1965) e o *Manifesto dos 1.500 intelectuais e artistas pela liberdade* (de 30/05/1965).

⁸⁷ *Idem*, p. 223. Ainda segundo Napolitano, este movimento permitiu à imprensa se “autorrepresentar como um dos lugares privilegiados da resistência e, como tal, vítima do arbítrio”. Tomo a liberdade de relativizar a generalização de Marcos Napolitano, me apoiando no *timing* do revisionismo como fator preponderante de diferenciação. Lançar mão da autorrepresentação como um *locus* de resistência após o AI-5, como o fez o jornal *O Estado de S.Paulo*, ou mesmo nas efemérides de 40 ou 50 anos do Golpe, como o fez praticamente toda a imprensa liberal brasileira em 2004 e 2014, guarda considerável diferença com um jornal que fomentou e se tornou um desses *loci* de resistência já nos primeiros dias do regime militar. No limite, a subsistência dos primeiros face ao fechamento do *Correio da Manhã* é, *per se*, um bom indicador desta diferença.

intitulada *Pilbagem* denunciava a queima de milhares de exemplares do *Correio*, pilhados de diversas bancas de jornais do Rio de Janeiro na madrugada de domingo e queimados nas calçadas, “perante grupos de populares.”⁸⁸ A associação com o expediente nazista é destacado pela nota, que denunciava:

A cena possuía todos os requintes de intolerância e barbárie característica dos regimes autoritários, provocando decerto em muita gente uma inevitável associação de ideia com as fogueira de livros nas praças públicas da Alemanha, ao tempo do nazismo.⁸⁹

Já Cony, após a publicação de um de seus primeiros artigos de fogo aberto contra o regime militar, *A revolução dos caranguejos*⁹⁰, experimentou o recrudescimento das pressões e ameaças, primeiro através de telefonas ofensivos, depois pela iminência de uma invasão à sua casa, cercada que foi por homens armados na tarde de 16 de abril de 1964.⁹¹ Dois dias depois, na mesma primeira página que trazia como título principal “Castelo Branco assume a presidência”, o *Correio da Manhã* publicaria uma nota de denúncia àquelas ameaças, descrevendo pormenorizadamente o evento sofrido por Cony – resgatado ele e sua família por volta da meia-noite, por meio de uma caminhoneta do jornal – e o desenrolar daquelas ameaças no dia seguinte, quando “dois indivíduos que se diziam do Ministério da Justiça foram ao seu apartamento e interrogaram as empregadas sobre os hábitos e

⁸⁸ “Pilhagem”. In Jornal *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 07/04/1964, p. 01.

⁸⁹ *Idem*.

⁹⁰ “Já que o Alto Comando Militar insiste em chamar isso que aí está de Revolução – sejamos generosos: aceitemos a classificação. Mas devemos completá-la: é uma Revolução, sim, mas de caranguejos. Revolução que anda para trás. Que ignora a época, a marcha da história, e tenta regredir ao governo Dutra, ou mais longe ainda, aos tempos da Velha República [...]” Cf.: CONY, Carlos Heitor. “A revolução dos caranguejos”. In _____ *O ato e o fato*. Crônicas políticas. 2ª ed. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1964, pp. 17-9. Como este, os artigos assinados por Cony e publicados em sua coluna no *Correio da Manhã* entre 02 de abril de 1964 e 09 de junho de 1964 foram coligidos e publicados ainda naquele ano sob o título *O ato e o fato*. [originalmente publicado no *Correio da Manhã* em 14 de abril de 1964].

⁹¹ Essas informações foram colhidas de uma nota de rodapé de *O ato e o fato*, justamente na transcrição da nota *Ameaças e opinião*, publicada pelo *Correio da Manhã* em 16 de abril de 1964 e posteriormente coligido naquele volume. Cf.: “Ameaças e opinião”. *Idem*, pp. 20-1.

horários do dono da casa.”⁹² Intitulada *Ameaças e opinião*, ela terminava assim:

O CORREIO DA MANHÃ sente-se à vontade para prestigiar o seu redator. [...] Nunca foi comunista. Nunca manteve vínculos administrativos, políticos ou sociais com o governo deposto. Pública e pessoalmente, nunca escondeu sua oposição ao ex-presidente João Goulart. A veemência de seus últimos artigos é a expressão pessoal de uma opinião que, de resto, não pode ser cerceada nem ameaçada, a menos que já se prepare um ato punitivo aos delitos de opinião.⁹³

A experiência de Carpeaux também ilustra esse processo de duplo movimento, açambarcando o contexto imediatamente posterior ao Golpe, ainda nas páginas do *Correio da Manhã*; o seu aprofundamento na luta antiditatorial para além dos limites do jornalismo liberal e do próprio jornalismo impresso; e, finalmente, a sua defesa às novas frentes de oposição, os grupos guerrilheiros.

Primeiras batalhas - linguagem esópica

A exemplo de Carlos Heitor Cony, Carpeaux manteve sua coluna assinada no *Correio da Manhã* voltada para o combate ao regime militar, tão logo este se instalara via Comando Supremo da Revolução mas, sobretudo, via Ato Institucional de 09 de abril, concretização do estado de exceção. Entretanto, diferentemente do tom ácido e direto empregados por Cony, Carpeaux construiu os seus artigos empregando o que mais tarde ele denominaria de ‘linguagem esópica’. Em outras palavras, em parte dada à natureza de sua coluna – de análise e comentário de política internacional – , em parte por estratégia e a argúcia, através do expediente alegórico Carpeaux fez convergir os assuntos internacionais daquele contexto com assuntos políticos brasileiros, com uma implícita mas forte carga de crítica para os últimos.

Sobre a busca de legitimidade do regime, por exemplo, podemos traçar as duas formas, díspares mas complementares, como Cony e Carpeaux trataram do assunto. Em *O povo e os caranguejos* (de 21/04/1964), Cony é taxativo:

⁹² *Idem*, p. 21.

⁹³ *Ibidem*.

Sabe-se que as honradas autoridades militares estão preocupadas com a ‘popularidade’ do movimento que institucionalizou o golpe a força que elas (as autoridades militares) insistem em classificar de revolução. [...] Que os regimes de força (Hitler, Mussolini, Franco, Salazar, Stalin, Vargas, Stroessner e outros ditadores maiores ou menores) precisam de propaganda – é fato histórico passado em julgado. [...] O ineditismo da situação atual é outro. Nunca se viu uma revolução precisar de popularidade. Se qualquer movimento armado ou desarmado precisa popularizar-se é óbvio que o movimento em causa não é popular, ou seja, não tem apoio do povo. Mais: é um movimento contra o povo, pois o instinto popular sabe onde e como aderir e sacramentar com o seu apoio os movimentos realmente populares. [...].⁹⁴

Já Carpeaux, dissertando sobre a ‘contradição em termos’ que a expressão ‘legitimidade revolucionária’ apresentava, se atém a uma encíclica papal do século XIX e ao conservadorismo do mundo pós-Restauração, para sublinhar a “ilegitimidade de toda e qualquer revolução”, verdadeiro “atentado ímpio ao poder legítimo.”⁹⁵ Utilizando-se de exemplos como o das guerrilhas de oposição então existentes na Argélia; do passado revolucionário francês e italiano; do golpe de Estado salazarista; do governo soviético, “tão ilegítimo como o poder do governo dos Estados Unidos”; e mesmo do poder da rainha da Inglaterra – que, em última análise, “baseia-se [...] na ‘Glorious Revolution’ de 1688”, Carpeaux focaliza no seu verdadeiro alvo, para tratar como ilegítima a ‘Revolução de abril de 1964’:

Estão no mesmo caso todos os governos, passados, presentes e futuros, de todos os países latino-americanos, sem exceção alguma. [...] Mas por que todos os revolucionários modernos insistem tanto em legitimar a revolução, embora esta por definição não possa ser legítima? Porque esperam com isso estigmatizar e anatematizar de antemão todas as

⁹⁴ CONY, Carlos Heitor. “O povo e os caranguejos”. In _____ *Op. cit.*, pp. 31-3.

⁹⁵ CARPEAUX, Otto Maria. “Revolução e legitimidade”. In _____ *O Brasil no espelho do mundo. Op. cit.*, pp. 21-2. [publicado no *Correio da Manhã* em 07 de maio de 1964].

futuras revoluções que poderiam chegar a arrancar-lhes do poder. Só essas futuras revoluções seriam, sim, ilegítimas porque dirigidas contra a revolução legitimada. É, justamente, uma conclusão errada. Pois os mesmos argumentos que justificam e legitimam esta ou aquela revolução, justificam e legitimam todas as revoluções futuras.⁹⁶

Num ritmo quase diário, os exemplos se avolumam nas páginas do *Correio*. Para contrastar com o ataque do regime militar às bases constitucionais, Carpeaux louva a sesquicentenária constituição norueguesa⁹⁷; sobre o uso moralista da política, que “pretende limpar e purificar o país”, escreve sobre o quarto centenário de Shakespeare e suas peças políticas⁹⁸; sobre expressões e metáforas castrenses ora empregadas no Brasil, como “ofensiva, limpeza do terreno, perseguição impiedosa do adversário”, o exemplo cruento e real da Guerra do Vietnã.⁹⁹ Para se contrapor ao projeto moderno-conservador de reforma agrária, implementado pelo regime militar através do Estatuto da Terra, Carpeaux escreve sobre a *questione meridionale* italiana, “tão parecida com nosso problema no Nordeste” e sobre a *mezadria*, a versão italiana do nosso ‘sistema de meia’ – e busca demonstrar que:

A pseudo-reforma-agrária-cristã é um pretexto hipócrita de falsos cristãos e que a definição da reforma agrária como ‘questão de consciência’ é uma mentira de ignorantes e mercenários e que a força física não adianta a longo prazo nem a curto prazo e que o mundo será livre sem *mezadria* nenhuma – ou não será.¹⁰⁰

O curioso é que ele mesmo se apraz em citar, num desses artigos o expediente da ‘linguagem esópica’, “um recurso da arte de escrever, antiquíssimo, milenar. [...] A arte de falar de uma coisa, parecendo falar de

⁹⁶ *Idem*.

⁹⁷ CARPEAUX, Otto Maria. “17 de maio”. *Idem*, pp. 29-30. [publicado no *Correio da Manhã* em 17 de maio de 1964].

⁹⁸ CARPEAUX, Otto Maria. “A política segundo Shakespeare”. *Idem*, pp. 43-4. [publicado no *Correio da Manhã* em 04 de junho de 1964].

⁹⁹ CARPEAUX, Otto Maria. “Tiros sem eco”. *Idem*, pp. 47-8.

¹⁰⁰ CARPEAUX, Otto Maria. “A reforma e a inconsciência”. *Idem*, pp. 60-

outra.”¹⁰¹ Sob o pretexto de responder a cartas de leitores, possivelmente estranhando o teor de sua coluna, aquele artigo intitulado *Duas notas inatuais*, de 02 de junho de 1964, era ele mesmo uma alegoria, uma espécie desvendamento de um truque sem o risco de comprometê-lo de todo:

Em nosso tempo, Georg Lukács alegou usá-la para deixar de irritar as autoridades comunistas, na Hungria e na Rússia. Na Antinguidade, Xenofonte usou-a no diálogo filosófico-político ‘Hieron’, para não irritar o tirano que dominava Siracusa, conforme os estudos de Leo Strauss [...] que também demonstrou o emprego da linguagem esópica nos escritos do filósofo árabe medieval Ibn Khaldun. Em 1934, no tempo do fascismo predominante na Europa, Bert Brecht justificou o mesmo recurso estilístico no pequeno tratado ‘Sobre as cinco dificuldades principais que surgem quando se pretende dizer a verdade’. [...]¹⁰²

Segundo Carpeaux, que ainda ironiza a erudição que aquela listagem histórica do uso da linguagem esópica possa transparecer ao leitor, a “necessidade do uso da linguagem esópica pode acontecer em 434 antes da nossa era ou em 1934 ou em 1964”. E mais: “não se trata de tornar o “discurso incompreensível, mas torná-lo comunicável.”¹⁰³

Ou simplesmente possível, pode-se dizer, em contraste com as ameaças e os atentados que tanto o *Correio da Manhã* quanto Carlos Heitor Cony começaram a sofrer naqueles primeiros dias de abril de 1964. Ao fim daquelas ‘notas inatuais’, um P.S. esclarecedor do caminho que Carpeaux estava disposto a trilhar e dos interlocutores com quem desejava se aliar para travarem a luta contra a ditadura militar:

P.S. – Ainda me escreve um leitor, manifestando sua confiança na mocidade de hoje que criará, amanhã, um mundo melhor. Sim, amanhã ou depois. Mas não esqueçam os velhos: com o Resistente Número Um da França, De Gaulle, 74 anos, e com o Resistente Número Um do Mundo, Bertrand Russel, 92 anos, e com a fé num futuro em

¹⁰¹ CARPEAUX, Otto Maria. “Duas notas inatuais”. *Idem*, pp. 39-40. [publicado no *Correio da Manhã* em 02 de junho de 1964].

¹⁰² *Idem*, p. 39.

¹⁰³ *Ibidem*.

que os moços de hoje também serão, como esses velhos, indomáveis.¹⁰⁴



Página 4 do *Correio da Manhã*, locus quase diário da coluna de política internacional assinada por Carpeaux. Acervo: Hemeroteca Digital / FBN

Foram muitos os artigos

daquela seara em que o ensino, ou especificamente os estudantes, tornou-se o centro da atenção de Carpeaux. A um em especial cabe menção, tanto pela importância que sua mensagem guardava naquele contexto quanto

104 *Idem*, p. 40

pelo exemplo da potência que forma a esópica poderia alcançar, mesmo em chave irônica: *Os estudantes e a coincidência* (de 18/09/1964).¹⁰⁵

Carpeaux relaciona a sua escrita a uma conversa travada entre ele e estudantes da Faculdade Nacional de Direito – “que acabam de conquistar brilhante vitória eleitoral democrática –”, o que o teria feito “pensar em estudantes de outros países e seus destinos.” Nos exemplos arrolados, os estudantes eram protagonistas de lutas e resistência contra ditaduras do passado (Peru, Alemanha) e do presente (Espanha), ou foram vitoriosos na luta por reformas universitárias (Argentina, Inglaterra); reforma, crava Carpeaux, “que nós outros ainda não temos”¹⁰⁶

Em muitos daqueles artigos de 1964, Carpeaux reserva grande espaço para exemplos da Alemanha hitlerista em sua estratégia de contraposição e justaposição com a regime militar recém-implantado no Brasil.¹⁰⁷ Especificamente quanto aos estudantes, Carpeaux menciona que, ainda primeiro ministro, Hitler já “desconfiava dos estudantes” – que demonstraram “o primeiro sinal de resistência” ao futuro *Führer*.

‘Medidas administrativas’, como a suspensão por seis meses a um ano para estudantes que pertencessem a certas associações, prejudicaram materialmente muitos deles. Ainda segundo Carpeaux, aqueles que tinham se “pronunciado contra a brutalidade de botas ou contra a estupidez dos que engraxavam as botas”¹⁰⁸ tiveram pior destino: foram expulsos de suas respectivas universidades e proibidos de se matricular em qualquer outra. “Uma vida arruinada. E foram muitos os punidos.”¹⁰⁹

Nos dois últimos parágrafos, a perseguição aos estudantes e o fim da liberdade das universidades, os prejuízos de tais atos para cultura da nação, e a injustiça que tais ações representam para os estudantes e para “todos os intelectuais, toda a inteligência do País” são lançados por Carpeaux propositalmente de forma embaralhada, a apagar traços temporais e espaciais entre o passado nazista alemão e o presente ditatorial brasileiro. Senão, vejamos:

Quer-se impedir que os estudantes hoje e os intelectuais amanhã assumam o seu papel natural de líderes do povo. O golpe golpeou o povo inteiro. E em seguida foi golpeado e arruinado o próprio País;

¹⁰⁵ CARPEAUX, Otto Maria. “Os estudantes e a coincidência”. *Idem*, pp. 132-33 [publicado no *Correio da Manhã* em 18 de setembro de 1964].

¹⁰⁶ *Idem*, p. 132.

¹⁰⁷ Esse tópico será tratado com mais acuidade no capítulo 4.

¹⁰⁸ *Idem*, p. 133.

¹⁰⁹ *Ibidem*.

e os próprios golpistas serão os primeiros a sentir o destino amargo que prepararam.¹¹⁰

Mensagem transmitida, Carpeaux encerra o último parágrafo com o recurso irônico, que destaca a sua ‘confusão’ e tem como função chamar a atenção do leitor para a ‘coincidência’ entre as experiências alemã e brasileira:

Relendo estas últimas linhas, percebo uma mistura tola dos tempos dos verbos: ‘deixamos’, ‘não é’, ‘foi o fim’, ‘feriram-se’, ‘quer-se impedir’, ‘serão os primeiros’, ‘preparam’ – o que é isto? É a confusão causada pelas coincidências de que nós outros não somos os responsáveis.¹¹¹

Qual era a incidência do *Correio da Manhã* junto aos estudantes daquele período não é possível mensurar. O fato é que a interlocução entre eles e Carpeaux tornou-se patente fora das páginas do matutino carioca, quando o intelectual passou a figurar cada vez mais como colaborador de jornais estudantis e, posteriormente, de jornais alternativos; a ser convidado como paraninfo ou homenageado em cerimônias de colação de grau – quando proferia discursos diretos contra a ditadura; ou mesmo através de reuniões e palestras em que ele e Cony participaram país a fora, já ausentes dos quadros do *Correio*.

O que certamente contribuiu para que aqueles artigos de Carpeaux ganhassem abrangência, rompessem com o seu círculo tradicional de leitores e fossem salvos da efemeridade inerente às publicações periódicas foi a sua reunião em dois livros, *O Brasil no espelho do mundo*, contendo artigos publicados entre abril e outubro de 1964, e *A batalha da América Latina*, com artigos de outubro de 1964 a junho de 1965, ambos publicados em 1965 e editados por Ênio Silveira, através da *Editora Civilização Brasileira*.¹¹²

¹¹⁰ *Ibidem*.

¹¹¹ *Ibidem*.

¹¹² CARPEAUX, Otto Maria. *O Brasil no espelho do mundo*. Op. cit.; CARPEAUX, Otto Maria. *A batalha da América Latina*. Op. cit. Alguns desses artigos compuseram o número especial de 50 anos do Golpe de 1964 da revista *Estudos Avançados*, o que não deixa de representar uma sobrevida, transvestida de homenagem, a eles e ao seu autor. Cf.: CARPEAUX, Otto Maria. “Comentários sobre política internacional” In *Estudos Avançados* [online] vol. 28, nº 80. São Paulo, jan./abr. 2014, pp. 33-40. Disponível em <<http://dx.doi.org/10.1590/S0103-40142014000100005>> Acesso 11 mar. 2015.

Também em 1965, o primeiro número da *Revista Civilização Brasileira* seria lançado, o que representava mais um espaço de combate ao regime militar para o ‘frentismo cultural’. Carpeaux foi nome presente desde aquele primeiro número, como o seria nas mais diversas trincheiras contra a ditadura. Quase no fim da introdução à coletânea *O Brasil no espelho do mundo*, ele se posicionava assim:

Nossas únicas armas contra isso são a compreensão clara dos fatos, a análise correta da realidade. Colocá-las a serviço do país é dever de quem respeita o Brasil e acredita no Brasil; é dever inclusive do brasileiro naturalizado que escolheu esta terra para viver nela, trabalhar nela e ficar, um dia, nela sepultado.

A consciência do dever cumprido dá o direito para citar a frase esperançosa de Lagarde: ‘As horas são tão escuras que já deixam prever o fim da noite e a aurora.’¹¹³

Outras frentes, outros interlocutores

Visualizemos a cena¹¹⁴: noite abafada de verão carioca. Cerimônia de colação de grau das turmas de Filosofia, Ciências Sociais e História da Faculdade de Filosofia da Universidade Federal do Rio de Janeiro. No auditório lotado, estudantes e agentes do DOPS ajudam a elevar ainda mais a temperatura, que atinge o ápice quando o presidente da solenidade interrompe o discurso da oradora e ameaça: “– Eu não admito que a senhora continue a falar nesse tom. Isto não é um discurso de formatura, mas sim um manifesto subversivo, e se ele continuar, declaro encerrada a solenidade.” Ao que Otto Maria Carpeaux, paraninfo da turma, levanta-se, dá um murro na mesa, e contra-ataca: “– Se quiser sair, que saia, pois de agora em diante eu assumo a presidência da mesa.” Sob vaias, o professor abandona a presidência da solenidade, Carpeaux assume o seu posto e a oradora da turma termina o seu discurso, em que eram feitas críticas tanto ao Governo brasileiro quanto à “agressão imperialista no mundo todo, principalmente no Vietnã”. Em tempo, o homenageado da turma era Régis Debray, o jovem filósofo francês autor de *Revolução na revolução*, naquele momento preso na Bolívia acusado de integrar o grupo guerrilheiro de Che Guevara.

¹¹³ CARPEAUX, Otto Maria. *O Brasil no espelho do mundo*. Op. cit., p. 03.

¹¹⁴ Cf.: “Formatura acidentada” In *Jornal Folha de S.Paulo*, São Paulo, 19/01/1968, p. 03.

Ocorrida em janeiro de 1968 e longe de ser extraordinária, cenas como esta, seguidas da repercussão nos meios de comunicações, se tornaram tão certas nos finais de ano como as próprias formaturas. Podem ser tomadas como um dos flancos do movimento estudantil – que, por sua vez, foi um dos setores fundamentais da resistência ao regime militar e, num segundo momento, a principal fonte para a composição dos grupos de guerrilha daquela época.¹¹⁵

A presença de Carpeaux nessas solenidades também se tornou uma constante. Entre 1964 e 1968, há registro de pelo menos oito cerimônias de formatura em que ele figurou como paraninfo ou patrono de turma.¹¹⁶ Assumindo um tom menos alegórico que em seus artigos do *Correio da Manhã*, mas não menos irônico, suas falas eram de críticas diretas ao regime militar, emprestando autoridade aos discursos dos formandos.

Na solenidade de formatura do ano anterior da Faculdade de Filosofia da Universidade Federal do Rio de Janeiro, no Teatro Municipal, Carpeaux destacou a escolha do grupo de formando em nomear d. Helder Câmara como seu patrono, demonstrando “uma profissão de fé

¹¹⁵ Sobre o movimento estudantil, ver: RIDENTI, Marcelo. *O fantasma da Revolução Brasileira*. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1993. Especificamente sobre o movimento estudantil e a ditadura militar, ver: SANTANA, Flávia Angelis. *Atuação política do movimento estudantil no Brasil: 1964 a 1984*. Dissertação (Mestrado em História). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 2007. Em recente publicação, Rodrigo Patto Sá Motta descreve outros exemplos da “prática de usar as cerimônias de colação de grau como estratégia de denúncia da ditadura, com discursos dos representantes de turma e a escolha de paraninfos desafetos ao regime militar”. Cf.: MOTTA, Rodrigo Patto Sá. *As universidades e o regime militar*. Rio de Janeiro: Zahar Editora, 2014.

¹¹⁶ São elas: 1964 – Paraninfo do curso de Jornalismo da Faculdade de Filosofia e Letras de Juiz de Fora; 1965 – Patrono do curso de Sociologia da Faculdade Nacional de Filosofia; 1965 – Patrono do curso de Ciências Sociais da Faculdade Nacional de Filosofia; 1965 – Paraninfo do curso de Jornalismo da Universidade do Rio Grande do Sul; 1966 – Paraninfo do curso de Engenharia da Escola de Engenharia de São Carlos; 1966 – Paraninfo do curso de Filosofia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP; 1966 e 1968 – Paraninfo do curso de Filosofia da Faculdade de Filosofia, Ciências Sociais e História da UFRJ. O fato de a maioria dos convites dessas solenidades comporem a coleção de Otto Maria Carpeaux na Fundação Casa de Rui Barbosa é indicativo da importância com a qual a sua proximidade com os estudantes fora tratada pelos organizadores daquela coleção e, sobretudo, pela sua doadora, Helena Carpeaux. Cf.: OC Dv. 01, Convites de Formatura, 77 folhas. In *Acervo da Fundação Casa de Rui Barbosa*. Arquivos Pessoais de Escritores Brasileiros – APEB. Fundo/Coleção: Otto Maria Carpeaux.

humanística” e que não se calariam “diante de injustiças e violências, como a que sofreu o sargento Manuel Raimundo Soares” – em referência nominal a um dos primeiros casos de tortura e morte por parte dos órgãos de repressão sobre o qual se teve notícia na época.¹¹⁷ De forma irônica, confirmou que o tema de seu discurso era mesmo a ditadura e que “há muitos anos ele pretendia viajar pelo continente para conhecê-la, mas, como era muito perigoso, preferiu ficar em casa até que ela um dia viesse visitá-lo.”¹¹⁸

Não raro, essas participações serviram para indispor Carpeaux com as autoridades ou com os defensores do regime militar. Ao fim daquela cerimônia de 1968 da Faculdade Nacional de Filosofia, ao discutir com o professor presidente da solenidade, tomar o seu lugar e garantir a continuidade do discurso da estudante, Carpeaux foi detido por algumas horas para interrogatório.¹¹⁹ Já na solenidade da Escola de Engenharia de São Carlos, da USP, convidado como paraninfo, mas não podendo comparecer, Carpeaux pediu para que Antonio Candido o substituísse e lesse o seu discurso. “Naturalmente pouco lisonjeiro em relação ao governo”, aquelas palavras fizeram com que Candido se indispusse com o vice-reitor; este, como representante da universidade na cerimônia, defendeu o regime militar e rebateu as críticas de Carpeaux.¹²⁰

A proximidade com o movimento estudantil e com outros interlocutores também se intensificou à medida que Carpeaux passou a

¹¹⁷ Cf.: “Rio: Filosofia cola grau com protestos” In *Jornal Folha de S.Paulo*, São Paulo, 03/01/1967, p. 03. Manuel Raimundo Soares foi um dos líderes do Movimento Nacionalista Revolucionário, organização formada em torno de Leonel Brizola, responsável pela Guerrilha do Caparaó. Segundo o *website Documentos Revelados*, o sargento Raimundo Soares foi um dos líderes do “Movimento Legalista’ que queria restituir o cargo ao presidente João Goulart. [...] Acusado de subversão, Raimundo fugiu do Rio de Janeiro para tentar escapar da prisão e da consequente tortura e passou a viver na clandestinidade. Em março de 1966, foi preso pela Polícia do Exército em frente ao Auditório Araújo Viana, em Porto Alegre e levado para o DOPS, onde foi torturado por cerca de uma semana. Posteriormente foi transferido para a Ilha Presídio, no Rio Guaíba. No dia 13 de agosto, foi novamente levado para o DOPS. Aí seguiu torturado, desconhecendo-se a data exata da morte. O corpo foi encontrado no dia 24 de agosto”. Cf.: <<http://www.documentosrevelados.com.br/repressao/o-caso-das-maos-amarradas-prisao-e-morte-de-um-sargento-nacionalista/>> acesso 19 mar. 2015.

¹¹⁸ “Rio: Filosofia cola grau com protestos” *Op. cit.*

¹¹⁹ Cf.: BOSI, Alfredo. “Relendo Carpeaux”. In *Estudos Avançados*. [online] vol. 27, n° 78. São Paulo, set./dez. 2013, p. 289. Disponível em <<http://dx.doi.org/10.1590/S0103-40142013000200018>> acesso 19 mar. 2015.

¹²⁰ MOTTA, Rodrigo Patto Sá. *Op. cit.*

colaborar com a *Revista Civilização Brasileira* e com outros periódicos surgidos na época, muitos de abrangência e vida curtas, mas que se somaram ao grande arco de reflexão e debate da intelectualidade brasileira e de oposição ao regime militar.

Embora gravitasse em torno do Partido Comunista Brasileiro¹²¹, a *Revista Civilização Brasileira* guardava independência deste¹²², reunindo colaboradores que não militavam no Partido (como o seu diretor responsável, Moacyr Felix) e até mesmo rivais históricos do PCB, como os trotskistas Mário Pedrosa e Paulo Francis.¹²³ Justamente por isso, é considerada “uma das expressões mais vigorosas da esfera pública que se formara após o golpe”¹²⁴, pois graças ao especial destaque aos temas culturais que reservara em cada um dos seus 22 números¹²⁵, compôs *locus* fundamental de fomentação e prática do ‘frentismo cultural’ como forma de resistência à ditadura. Não por acaso, tanto a *Revista* quanto aquela forma de resistência acabaram quando da decretação do AI-5.¹²⁶

Mesmo havendo seções regulares de literatura, teatro, cinema, artes plásticas, música e cultura brasileira, os artigos de Carpeaux na *Revista*

¹²¹ NAPOLITANO, Marcos. *Op. cit.*, p. 224.

¹²² Cf.: RIDENTI, Marcelo. *Em busca do povo brasileiro – artistas da revolução, do CPC à era da tv*. Rio de Janeiro: Record, 2000, p. 132. Na entrevista para o autor, Moacyr Felix afirma que “o secretário-geral do Partido, Luiz Carlos Prestes, esteve uma vez nas dependências da revista, logo que foi lançada, sugerindo vinculá-la ao PC, no que foi rechaçado polida mas enfaticamente por Ênio Silveira.”

¹²³ *Idem*.

¹²⁴ NAPOLITANO, Marcos. *Op. cit.*, p. 224.

¹²⁵ Marcelo Ridenti estima que em média um terço da revista, cerca de 100 páginas, era dedicado a questões culturais em sentido estrito, especialmente a brasileira. Bimestral, a tiragem e a vendagem na casa dos 20 mil exemplares de uma revista de ensaio que ultrapassava 300 páginas também é digno de nota. Ainda segundo a entrevista de Moacyr Felix concedida ao autor, aqueles números chegaram a causar estranhamento em Jean Paul Sartre, que, à frente da *Les Temps Modernes*, imprimia três mil exemplares. RIDENTI, Marcelo. *Op. cit.*, p. 132-3.

¹²⁶ Também sobre a *Revista Civilização Brasileira*, ver: MOTTA, Luiz Eduardo Pereira da. *A época de ouro dos intelectuais vermelhos – uma análise comparativa das revistas Tempo Brasileiro e Civilização Brasileira (1962-1968)*. Dissertação (Mestrado em Sociologia). Instituto de Filosofia e Ciências Sociais, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1994; CZAJKA, Rodrigo. *Páginas de resistência: intelectuais e cultura na Revista Civilização Brasileira (1965-1968)*. Dissertação (Mestrado em Sociologia). Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade de Campinas, 2005; NEVES, Ozias Paes. *Revista Civilização Brasileira: uma cultura de esquerda (1965-1968)*. Dissertação (Mestrado em História). Instituto de Ciências Humanas, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2006.

Civilização Brasileira ocupavam a seção *Política Internacional*, o que lhe permitia intercalar a linguagem esópica posta em prática através de sua coluna no *Correio da Manhã* com a abordagem direta e crítica ao regime militar e aos seus próceres. A estratégia em comparar aquele contexto aos vividos sob outros regimes militares, ou mesmo fascistas, era potencializada nas páginas da *Civilização Brasileira* por Carpeaux:

Certas tendências militares no Brasil de hoje lembram o florianismo. Alguns líderes atuais são ex-integralistas. Mas antes de tudo volta à memória o Estado Novo de 1937: a tese anticomunista, então representada pelo Plano Cohen; a oportunidade da favorável constelação internacional, representada pelos sucessos do nazismo e fascismo na Europa e hoje pela política latino-americana de Thomas C. Mann; enfim, o papel preparatório dos choques de rua, que depois cederam perante a ação organizada dos militares. Tudo isso são analogias.

Mas ao lado das analogias existe uma identidade. [...] Não existe hoje nada comparável à Constituição de 1937, mas os efeitos práticos do Ato Institucional são mui parecidos com os dispositivos do documento mais antigo. Acontece que o autor da Constituição de 1937 e o autor do Ato Institucional são a mesma pessoa.

O Sr. Francisco Campos não é nazista nem um pré-nazista. É um estudioso que sabe adaptar-se às circunstâncias. [...]¹²⁷

Também em 1965, no contexto da articulação da decretação do Ato Institucional nº 2, Carpeaux passou a colaborar com um dos precursores dos jornais alternativos de combate ao regime, *Folha da Semana*.¹²⁸ Editado por Arthur Poerner, também redator do *Correio da Manhã*, *Folha da Semana* contava ainda com a colaboração de Sérgio Cabral, Leandro Konder, Carlos Nelson Coutinho, dentre outros. De duração atípica entre os alternativos, *Folha da Manhã* circulou por quinze meses, entre 1965 e 1966. Outro jornal do qual Carpeaux foi colaborador em 1965 foi *Reunião*, editado por Ênio Silveira e dirigido por Paulo Francis¹²⁹, além de pertencer

¹²⁷ CARPEAUX, Otto Maria. “As ruas e o milagre” In *Revista Civilização Brasileira*. Ano 1, nº 3. Rio de Janeiro, julho 1965, pp. 65-6.

¹²⁸ Cf.: KUCINSKI, Bernardo. *Jornalistas e revolucionários – nos tempos da imprensa alternativa*. São Paulo: Ed. Página Aberta, 1991, pp. 20-1.

¹²⁹ Cf.: CZAJKA, Rodrigo. *Op. cit.*, p. 71.

ao conselho diretivo de outra publicação no grande leque da *Civilização Brasileira*, a revista *Política Externa Independência*.¹³⁰

Estes e outros exemplos demonstram como Carpeaux exercia sua força intelectual e sua posição como um dos editorialistas do *Correio da Manhã* para fomentar a resistência e o combate ao regime autoritário, praticado tanto por uma forte empresa editorial como a *Civilização Brasileira* quanto pela imprensa estudantil e/ou alternativa que então se proliferava.

Numa das correspondências que compõem a coleção *Otto Maria Carpeaux* da Fundação Casa de Rui Barbosa, Henfil escreve de Belo Horizonte a Carpeaux, agradecendo-lhe por um artigo escrito; remete-lhe o respectivo número do jornal em que o artigo fora publicado e comenta a grande repercussão que ele gerou:

BH. 5.6.65

Otto,

Vai aí o jornal nosso, no qual publicamos o artigo do Sr. O jornal foi um sucesso! A denúncia, o que nos interessava, foi feita em âmbito nacional, com repercussão melhor do que se esperava. Por exemplo: editorial do JB do dia 4 e nota do Itamarati a respeito. Deve também ter sido levado ao mundo através das agências de notícia. Caso nacional e internacional... Com este jornal iremos praticamente encerrar a campanha que foi totalmente vitoriosa. Cabe, então, agradecer sua participação ativa e que foi fundamental. Outras palavras só serviriam de sinônimo: MUITO OBRIGADO! Mas, como dizia a madre superiora, “é a luta”... Queríamos ainda manter um certo grau de entendimento com o Sr., troca de informações e mandarei brevemente uma revista que fizemos. [...] Um abraço! [rasurado]¹³¹

¹³⁰ Cf.: NEVES, Ozias Paese. *Op. cit.*, p. 46 [nota 160].

¹³¹ OC Cp. 03, Correspondência pessoal. In *Acervo da Fundação Casa de Rui Barbosa*. Arquivos Pessoais de Escritores Brasileiros – APEB. Fundo/Coleção: Otto Maria Carpeaux. Cabe apontar que o nome Henfil foi rasurado duas vezes no documento: numa menção em terceira pessoa (“A resposta, o Sr. Poderia mandar pelo Wander Moreira, para Henfil”) e no fim dele, logo após a saudação final. Tudo leva a crer que aquelas rasuras foram feitas *a posteriori*, seja pelo próprio Carpeaux ou por quem organizou o seu arquivo. A assinatura indefectível de Henfil, porém, não deixa dúvidas sobre a autoria da carta. No entanto, ela está classificada pelos APEB/FCRB como remetente “não identificado”.



Série de convites de formatura em que Carpeaux foi paraninfo ou homenageado. Acervo: Fundação Casa de Rui Barbosa

Como já vimos no caso da cerimônia de formatura da Faculdade Nacional de Filosofia, a exposição de Carpeaux na frente intelectual de oposição ao regime não tardaria a trazer-lhe sérias conseqüências, pessoais e profissionais. No rescaldo dos expurgos que tanto o *Correio da Manhã*

quanto os seus principais redatores e colaboradores vinham sofrendo¹³², Carpeaux viu sua seção de crônica internacional ser suprimida, ficando ainda proibido de assinar qualquer matéria política no jornal.¹³³ A exemplo do que já haviam feito Carlos Heitor Cony e Antônio Callado¹³⁴, pouco tempo depois Carpeaux deixaria o *Correio da Manhã*, encerrando assim um ciclo que havia começado em 1941 e que lhe havia permitido se estabelecer no Brasil e construir sua *persona* de ensaísta e crítico literário.

Meses depois, ao publicar aquele que seria, em vida, o seu último livro de crítica literária, Otto Maria Carpeaux indicava em ‘nota prévia’ o desejo de aprofundar a luta contra o regime, para a qual concentraria o que lhe ainda restava de “capacidade de trabalho”. Publicou *Vinte e cinco anos de literatura* pela editora *Civilização Brasileira*, dedicando-o a Antônio Houaiss, a Carlos Heitor Cony, a Ênio Silveira e a Mário da Silva Brito. Mas foi para o “círculo de amigos da literatura” que dirigiu aquela nota:

¹³² Segundo Pery Cotta, antes mesmo do AI-5 o *Correio da Manhã* foi sendo “esquartejado” devido a sua oposição ao regime militar. Primeiro, com o corte da publicidade das grandes empresas estatais. “Saía anúncio delas em qualquer *jornaleco*, menos no *CM*.” Depois, com o “corte fundo dos grandes anunciantes privados, que receberam ordens, insinuações e sugestões no sentido de não anunciar no *Correio da Manhã*, chamado até de *jornal comunista*.” COTTA, Pery. *Calandra: O sufoco da imprensa nos anos de chumbo*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997, p. 49.

¹³³ Uma pequena nota intitulada “Provocação”, sem assinatura e publicada na mesma página 4 em que Carpeaux mantinha a sua coluna, parece confirmar o diagnóstico de Pery Cotta: “Em sua coluna de ontem, o sr. Hélio Fernandes, tendo decidido opinar sobre os motivos pelos quais nosso companheiro Otto Maria Carpeaux não está escrevendo a seção que habitualmente assinava no CORREIO DA MANHÃ, resolveu fazer-nos abjeta provocação. Segundo o diretor da **Tribuna da Imprensa**, o jornalista Carpeaux teve suprimida sua coluna por haver o CORREIO DA MANHÃ cedido a pressões econômicas. Nem sequer podemos devolver à **Tribuna** o insulto, pela simples razão de que aplicados a elas, tais conceitos nada teriam de insultuosos. O jornalista Otto Maria Carpeaux, que deixou de elaborar seus comentários assinados, é um velho redator desta Casa, onde continua a prestar serviços profissionais na seção editorial.” In *Jornal Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 04/02/1966, p. 04. A última coluna assinada por Carpeaux nesta respectiva seção foi publicada no primeiro número do *Correio da Manhã* de 1966 (01 e 02/01/1966), e foi intitulada “Governo e oposição”.

¹³⁴ O pedido de demissão do cargo de redator do *Correio da Manhã* apresentado por Cony ao seu redator-chefe, Antônio Callado, e o subseqüente pedido de demissão do próprio Callado são retratados por SODRÉ, Nelson Werneck. *A História da imprensa no Brasil*. 3ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1983, pp. 435-6 e pelo próprio demissionário, Cf.: CONY, Carlos Heitor. “Lembrança de Callado” In *Jornal Folha de S.Paulo*, São Paulo, 30/01/1997, p. 02.

Nota prévia

Um amigo meu calculou que eu tinha publicado na imprensa brasileira, entre 1941 e 1966, mais ou menos 1.500 artigos sobre assuntos literários. Destes, duas centenas foram enfiados em livros, hoje esgotados e dificilmente acessíveis. E o resto? [...] Fiz uma seleção rigorosa: só escolhi trabalhos que, por este ou aquele motivo, ainda hoje possam inspirar interesse ao círculo de amigos da literatura. *Mas já não me incluo nesse círculo. Considero encerrado o ciclo. Minha cabeça e meu coração estão em outra parte. O que me resta, de capacidade de trabalho, pertence ao Brasil e à luta pela libertação do povo brasileiro.*

Otto Maria Carpeaux¹³⁵

Entre *O Sol*, IPM e grupos de guerrilha

A rigor, não data de 1968 a inserção de Carpeaux num novo ciclo, mas de 1967. Com o Inquérito Policial Militar ao qual foi submetido naquele ano; com o lançamento do documentário biográfico *O Velho e o Novo (Otto Maria Carpeaux)* e com a participação direta na organização de jornais e revistas ligados a grupos de guerrilha, Carpeaux modificou significativamente o “*plot* bem inventado” que até então enquadrara a sua vida.¹³⁶

Também data de 1967 a consolidação e o aprofundamento do regime militar brasileiro, advindos com a promulgação de uma nova constituição, com a posse na Presidência de um general ligado à ala ‘linha dura’ das Forças Armadas e com o recrudescimento da legislação repressiva, que teve no Decreto-Lei nº 314/1967 (de tipificação e definição dos crimes “contra a segurança nacional, a ordem política e social”¹³⁷) sua expressão concreta.

Não por acaso, esse é o contexto de fomentação e também os pressupostos que parcelas significativas do movimento estudantil e de

¹³⁵ CARPEAUX, Otto Maria. *Vinte e cinco anos de literatura*. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1968, p. XIV. [Itálicos meus]

¹³⁶ PEREZ, Renard. “Otto Maria Carpeaux” *Op. cit.*, p. 282.

¹³⁷Cf.: BRASIL. Decreto-Lei nº 134, de 13 de março de 1967. Define os crimes contra a segurança nacional, a ordem política e social e dá outras providências. Legislação informatizada. Disponível em: <<http://www2.camara.leg.br/legin/fed/declei/1960-1969/decreto-lei-314-13-marco-1967-366980-publicacaooriginal-1-pe.html>> acesso 26 mar. 2015.

outras frentes de resistência compartilharam para se lançar à contraofensiva armada à ditadura.¹³⁸ Somados à crítica ao ‘imobilismo’ de setores do PCB e a todo imaginário em torno do ‘foquismo’ como teoria balizadora da guerra de guerrilha – posta em prática por Guevara e Debray na selva boliviana também naquele ano –, a via pela luta armada surgia, ao menos para alguns grupos, como premente.

A circunscrição aos limites das grandes cidades do País também foi elemento comum aos inúmeros grupos guerrilheiros surgidos então, embora estes tivessem como horizonte teórico e ideal a guerrilha no campo. Muitos deles “jamais chegaram senão a esboçar o início da guerrilha rural”¹³⁹ mas, com o tempo, também “as ações urbanas seriam teorizadas [...] como forma de propaganda armada da revolução e, implicitamente, como meio de sustentar o funcionamento clandestino de diversas organizações”¹⁴⁰. Daí a importância da imprensa alternativa como arma de esclarecimento, propaganda e de defesa junto à população das grandes cidades do ponto de vista das esquerdas armadas.¹⁴¹

Carpeaux colaborou pontual, regularmente ou esteve organicamente envolvido com vários jornais e revistas ligados a grupos guerrilheiros. Do jornal *Amanhã*, “um dos jornais lançados já sob influência do imaginário da guerrilha [...] apoiado numa frente de partidos de esquerda que controlavam o Grêmio da Faculdade de Filosofia da Universidade de São Paulo”¹⁴², foi colaborador regular – inclusive era um dos poucos que assinava os artigos, posto que “seu núcleo dirigente e seus redatores tomavam cuidados típicos da atividade política clandestina” e os artigos e as reportagens não eram assinados.¹⁴³

Segundo Bernardo Kucinski, a importância do *Amanhã* também reside no seu protagonismo em pôr em prática o mecanismo de ‘frente

¹³⁸ RIDENTI, Marcelo. *O fantasma da revolução brasileira*. *Op. cit.*, pp. 55 e ss.

¹³⁹ *Idem*, p. 56.

¹⁴⁰ *Idem*, p. 54.

¹⁴¹ *Ibidem*.

¹⁴² KUCINSKI, Bernardo. *Op. cit.*, p. 28. A Faculdade de Filosofia da USP ocupava a rua Maria Antônia, em São Paulo. Em 1968, esta rua foi palco da ‘Batalha da Maria Antônia’, como ficou conhecido o confronto aberto entre os estudantes da USP e do Mackenzie. A morte do estudante secundarista José Guimarães, causada por membros do Comando de Caça aos Comunistas, foi um dos saldos daquele confronto. Cf.: VENTURA, Zuenir. *1968: o ano que não terminou*. 3ª edição. São Paulo: Editora Planeta do Brasil, 2008, pp. 195-201.

¹⁴³ KUCINSKI, Bernardo. *Op. cit.*, p. 30. Ainda segundo Kucinski, “a redação funcionava precariamente, semi-clandestinamente, no andar superior de um velho casarão que sediava o TUSP (Teatro Universitário da USP), na região da Avenida Paulista, e só era conhecida pelos colaboradores mais próximos.”

jornalística’, pelo qual vários partidos de esquerda, mesmo mantendo seus jornais clandestinos ou de partido, “unem-se na sustentação de um jornal, produzido sob padrões técnicos de mercado, voltado não só aos seus militantes, mas também a um público externo e distribuído nacionalmente.”¹⁴⁴ Além da abrangência e da propaganda junto aos setores urbanos que a ‘frente jornalística’ pudesse angariar¹⁴⁵, jornais como *Amanhã* também eram de extrema importância para a política de atração de novos quadros para os grupos guerrilheiros.

Ao que tudo indica, este também foi o caso d’*O Sol*, ‘jornal-escola’ criado em setembro 1967 em torno do MNR, Movimento Nacionalista Revolucionário.¹⁴⁶ Surgido do movimento dos sargentos e marinheiros liderados por Leonel Brizola, o MNR foi o primeiro grupo a se lançar às armas, ainda em 1964. Tentara fixar três focos guerrilheiros rurais, dos quais somente um foi plenamente estabelecido, o da Serra do Caparaó. A Guerrilha do Caparaó¹⁴⁷, como ficou conhecida, começou a ser preparada em 1966 e foi desarticulada pelo regime militar em abril de 1967.

Embora nunca tenha sido comprovado, há indícios de que tanto Carpeaux, quanto Cony, Callado, o poeta Thiago de Mello, dentre outros intelectuais, estiveram envolvidos com o estabelecimento da guerrilha em Caparaó, realizando “tarefas” que iam do transporte de armamentos ao transbordo de mensagens e contatos, sobretudo entre Rio de Janeiro e São Paulo.¹⁴⁸ Todavia, nenhum deles foi preso quando Caparaó foi desarticulada.

¹⁴⁴ *Idem*, p. 24.

¹⁴⁵ No caso do *Amanhã*, por exemplo, o fim da estabilidade funcional e a subsequente introdução do Fundo de Garantia por Tempo de Serviço (FGTS), frutos da política trabalhista conservadora do governo militar, ocupou quase todas as seis edições existentes do jornal. Também a linguagem direta, que convidava o leitor ao diálogo, “sem o ranço que caracterizaria tantos jornais alternativos”, concorreu para a promoção do *Amanhã* junto à “classe operária desarticulada pela repressão”. Cf.: *Idem*, p. 29.

¹⁴⁶ *Idem*, p. 33.

¹⁴⁷ Sobre a Guerrilha da Caparaó, Cf.: COSTA, José Caldas da. *Caparaó - a primeira guerrilha contra a ditadura*. São Paulo: Boitempo, 2007. Sobre o envolvimento de intelectuais e artistas na sua articulação, ver: RIDENTI, Marcelo. *Em busca do povo brasileiro*. Op. cit., pp. 145-8;

¹⁴⁸ Segundo o depoimento de Antonio Callado a Bernardo Kucinski, a “tarefa” de Carpeaux era justamente esta: “decorar mensagens muito importantes, longas, com endereços, indicações. Levava tudo aquilo na cabeça. Podiam prender o Carpeaux quanto tempo quisessem, ele não tinha um fiapo de informação. Era só ele, gago, estrangeiro, indo ao Recife, por exemplo, a propósito de fazer alguma coisa. Chegava lá, ele contava tudo aquilo. É como se você mandasse um folheto

Ainda segundo Kucinski, alguns dos seus remanescentes “aproximaram-se de um grupo de artistas, jornalistas e intelectuais cariocas engajados na discussão de um jornal que ‘fosse uma escola de jornalismo’”. Entre os quais Dedé Gadelha [...], Ana Arruda, Zuenir Ventura, Henfil.”¹⁴⁹ Reynaldo Jardim, um dos responsáveis pela reforma gráfica do *Jornal do Brasil* dos anos 1950, criador do *Caderno B* e do *Suplemento Dominical do Jornal do Brasil*¹⁵⁰, foi um nome a integrar a equipe, que ainda contava com Carlos Heitor Cony, Ziraldo, Nelson Rodrigues, Ruy Castro, dentre outros.¹⁵¹

A instrumentalização d’*O Sol* pelo MNR não é consenso. As entrevistas conduzidas por Kucinski para o livro *Jornalistas e revolucionários*, somadas à total ausência deste dado nos depoimentos que perfazem o documentário *O Sol – Caminhando contra o vento* apontam, ao menos, para uma maior complexidade em torno desta ilação. Jorge Pinheiro, por exemplo, militante do MNR que anos depois se exilaria no Chile de Salvador Allende, afirmou a Kucinski que teve contato e entrou para aquele grupo guerrilheiro n’*O Sol*, que fora “recrutado lá dentro”: “O MNR já tinha feito a primeira guerrilha e estávamos nos organizando para outra... houve influência da revolução cubana. Resolvemos nuclear jovens, utilizando o jornalismo.”¹⁵² Porém, na nota de referência àquela entrevista, Kucinski pontua: “Alguns participantes centrais d’*O Sol* e de seu sucessor, *Poder Jovem*, nunca souberam de sua instrumentalização pelo MNR [...]”¹⁵³

Ao largo disto, o que se depreende da história d’*O Sol* é sua ligação com uma parcela jovem da população do Rio de Janeiro (onde era produzido e onde circulava), tanto por sua linha editorial, de forte teor contestatório e crítica ao regime militar e aos setores moderados de oposição, quanto pelos seus aspectos formais, que tinha na sua audaciosa

impresso. E é claro que havia risco nisso, se ele fosse torturado, etc. Foi uma atividade revolucionária de extrema originalidade, muita utilidade e perigo. Estou contando isso para ver como uma pessoa podia prestar serviços importantes e que se perderam depois”. Apud KUCINSKI, Bernardo. *Op. cit.*, pp. 147-8..

¹⁴⁹ *Idem*, p. 33.

¹⁵⁰ Importantes *loci* de repercussão e de fomentação dos movimentos culturais das décadas de 1950 e 60, como o Concretismo e o Neoconcretismo. Cf.: RIBEIRO, Ana Paulo Goulart. *Imprensa e História do Rio de Janeiro nos anos 1950*. Tese (Doutorado em Comunicação e Cultura). Escola de Comunicação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2000.

¹⁵¹ Além de KUCINSKI, Cf.: *O SOL – Caminhando contra o vento*. Direção: Tetê Moraes e Martha Alencar. Rio de Janeiro: RioFilme; Vemver Brasil, 2006, DVD.

¹⁵² KUCINSKI, Bernardo. *Op. cit.*, p. 33.

¹⁵³ *Idem*, p. 135 [nota 36].

diagramação, “ora concretista, ora psicodélica”¹⁵⁴, e no seu modelo de ‘jornal-escola’ as suas principais armas.

A ideia de contar com um corpo fluido de estudantes na equipe do jornal, de treinar e “adestrar” esses jovens para que desenvolvessem uma linguagem jornalística direta, coloquial, foi uma preocupação para aqueles que pensaram na sua existência. Ana Arruda, uma das jornalistas envolvidas na criação d’*O Sol*, é quem explica parte deste conceito:

Era um jornal-escola e nós fizemos [?] um seminário [de] dois dias na casa do Reynaldo Jardim em [Nova] Friburgo, no sítio, [com] todos os editores, os estudantes e com [?] repórteres, discutindo o jornal, fazendo a linha do jornal; e antes de sair o primeiro número teve um curso, em que o Carpeaux dava aula, o Zuenir dava aula, o Reynaldo dava aula, eu dava aula. A gente fazia o curso para [que] os alunos ficassem mais adestrados, mais informados [...].¹⁵⁵

Nos poucos meses em que estive envolvido na criação e na circulação d’*O Sol*, talvez nem mesmo Carpeaux imaginasse que a publicação de um artigo seu (embora não assinado) sobre o Fundo Monetário Internacional pudesse lhe trazer tantos problemas – dentre os quais, a instauração de Inquérito Policial Militar, seguido de uma Ação Penal que responderia até 1972, muito tempo depois da efêmera existência d’*O Sol*.¹⁵⁶

¹⁵⁴ *Idem*, p. 34.

¹⁵⁵ O SOL – Caminhando contra o vento. *Op. cit.* Entre colchetes, trechos inaudíveis da fala de Ana Arruda.

¹⁵⁶ O *Sol* foi extinto no início de 1968. Já o IPM n° 34/67 foi instaurado pela 5ª CJM (5ª Circunscrição Judiciária Militar – Delegacia Regional do Departamento da Polícia Federal de Paraná e Santa Catarina) em 1967. Finda a apuração inicial, em 1969 foi instaurada a Ação Penal n° 505/69, também pela 5ª CJM. No que concerne a Carpeaux, aquela Ação Penal findou em maio de 1972, quando se reconheceu a “incompetência da Auditoria da 5ª CJM para o conhecimento dos fatos imputados” a ele. Em outras palavras, o fim do seu processo penal. Para os outros envolvidos, porém, a AP 505/69 arrastou-se até 1979, com a punição de até 2 anos de detenção para uns e a prescrição da pena de outros. Cf.: BNM 163. Ação Penal 505/69. 1523 fls. Disponível em <<http://bnmdigital.mpf.mp.br/sumarios/200/163.html>> acesso 30 mar. 2015.

O FMI – *Fome Miséria Internacional*¹⁵⁷ foi publicado com este título e assinado por Otto Maria Carpeaux somente na reprodução que dele o fez o jornal estudantil *Afirmção*, uma publicação ligada à União Paranaense dos Estudantes e rodado na cidade de Maringá. No jornal *O Sol*, uma versão não assinada e indicada como um “panfleto que estava circulando em grande tiragem nas Faculdades da Guanabara”¹⁵⁸ figurava no meio de outras matérias sobre o FMI e o BIRD, na cobertura crítica que o jornal fez da reunião daqueles órgãos no Rio de Janeiro.¹⁵⁹ Trata-se de um artigo de poucos parágrafos, incisivo e literalmente panfletário, que denunciava tanto o órgão criado em Bretton Woods – “é o Fundo Monetário Internacional dos financistas usurários e exploradores americanos” –, quanto o FBI e a CIA, os órgãos de investigação e inteligência ligados ao Departamento de Estado norte-americano. Todos são apontados como responsáveis por conspirações, golpes de Estado e a “escravidão econômica” imposta pelos países capitalistas. “Eis as três siglas que dominam o mundo inteiro menos os países que pelo estabelecimento de um regime socialista se libertaram da tutela do Departamento de Estado do Pentágono e de Wall Street.”¹⁶⁰

No texto, Carpeaux responsabilizava indiretamente o FBI pela morte de um dos líderes do MNR, sargento Manuel Raimundo Soares¹⁶¹, além de acusar diretamente a CIA de “inspirar” golpes militares: “[...] agora mesmo na Grécia, e antes, em outros países cujos nomes conhecemos bem e mesmo em um determinado país que conhecemos muitíssimo bem.” Quanto ao FMI, “aos agiotas do FMI” como Carpeaux escreveu, cabia-lhes acrescentar “à ditadura militar a escravidão econômica.”¹⁶²

¹⁵⁷ CARPEAUX, Otto Maria. “FMI – Fome e Miséria Internacional”. In jornal *Afirmção*, Maringá, nº 2, out. 1967, p. 02.

¹⁵⁸ “E não tem Papai Noel” In jornal *O Sol*, Rio de Janeiro, 22/09/1967, pp. 10-11. [s./a.]

¹⁵⁹ Além da própria indicação n’*O Sol*, há relatos de sua distribuição como panfleto nos protestos a que se seguiram a reunião do FMI do BIRD no Rio de Janeiro, em 1967, bem como na ‘Passeata dos 100 mil’, também no Rio, no ano seguinte. Cf.: FREIRE, José Ribamar Bessa. “O dia em que entrevistei Rockefeller” In _____ *Taqui pra ti*. Disponível em <<http://www.taquiprati.com.br/cronica.php?id=214>> acesso 30 mar. 2015.

¹⁶⁰ CARPEAUX, Otto Maria. “FMI – Fome e Miséria Internacional”. *Op. cit.*, p. 02.

¹⁶¹ *Idem*. Sobre o sargento Manuel Raimundo Soares, cf.: nota 117 deste capítulo.

¹⁶² *Ibidem*.

Ao cabo, a crítica à guerra do Vietnã e ao acordo MEC-USAID¹⁶³, na pessoa de um de seus entusiastas, o ex-ministro da Educação e Cultura, Flávio Suplicy de Lacerda¹⁶⁴, foram evocados por Carpeaux como exemplos do espírito imperialista dos Estados Unidos, mas também como perspectiva de resistência, dada às dificuldades então enfrentadas por aquele País no Vietnã e ao relativo fracasso do acordo MEC-USAID, ao menos no que tangia à privatização de escolas e universidades públicas do Brasil. Temas caros aos estudantes, para quem Carpeaux, parafraseando o famoso lema antifascista, dirigiu as últimas palavras: “Os estudantes brasileiros são contra a guerra do Vietnã, contra o acordo MEC-USAID e contra as imposições nefastas do FMI. Isto aqui não vai durar. ‘NO PASSARÁN!’”¹⁶⁵

A despeito de seu forte teor acusatório, talvez a repercussão daquele artigo, mesmo somada às demais matérias sobre o FMI na edição de 22 de setembro de *O Sol*¹⁶⁶, não gerasse maiores consequências para Carpeaux se ele não fosse propalado pelo jornal *Afirmção*; ou se este jornal não circulasse no estado do Paraná, onde Flávio Suplicy de Lacerda atuava como reitor da Universidade Federal do Paraná.

Uma vez republicado e assinado, o artigo *FMI...* foi considerado prova suficiente para que Carpeaux fosse enquadrado sob a acusação de “incitação a crime contra a segurança nacional e propaganda subversiva”, mais precisamente, de ter “instado publicamente a animosidade entre as Forças Armadas e a classe estudantil e as instituições civis, além de [atentar] contra a segurança nacional (artigo 33, inciso III do Decreto-Lei nº 314)”¹⁶⁷. A acusação a Carpeaux e aos demais estudantes incorria ainda no parágrafo único daquele mesmo artigo 33 – “Se o crime for praticado por meio da imprensa, panfletos, ou escritos de qualquer natureza,

¹⁶³ Uma série de acordos firmados entre o Ministério da Educação e Cultura brasileiro e a agência norte-americana *United States Agency of International Development*, de reforma do sistema educacional brasileiro de acordo com os padrões norte-americanos. Foram parcialmente implementados através da Lei nº 5.540/68. Cf.: SANTANA, Flávia de Angelis. *Op. cit.*

¹⁶⁴ Ministro da Educação e Cultura do Governo Castelo Branco, Suplicy de Lacerda foi o responsável pela criação da Lei nº 4.464/64 (Lei Suplicy de Lacerda), que buscou regulamentar os órgãos de representação estudantil e, conseqüentemente, jogou na ilegalidade a União Nacional dos Estudantes e as suas congêneres estaduais. Cf.: SANTANA, Flávia de Angelis, *Op. cit.*

¹⁶⁵ *Idem.*

¹⁶⁶ Incluindo a ‘não-entrevista’ de Nelson Rockefeller, conduzida por um dos repórteres-estudantes do jornal a pedido de Carpeaux, quando da supracitada reunião do FMI e do BIRD. Cf.: FREIRE, José Ribamar Bessa. *Op. cit.*

¹⁶⁷ “BNM 163. Ação Penal 505/69” *Op. cit.*, p. 1.144.

radiodifusão ou televisão, a pena será aumentada de metade”; bem como no artigo 38, inciso II, do mesmo Decreto-Lei – “Constitui, também, propaganda subversiva, quando importe em ameaça ou atentado à segurança nacional: [...] II – a distribuição de jornal, boletim ou panfleto.”¹⁶⁸

A instauração do IPM nº 34/67 e o envolvimento de Carpeaux seguiram caminhos que se aproximam da trama d’*O Processo*, de Kafka. Isso porque, ao contrário dos demais réus arrolados, todos estudantes ligados à UPE e e/ou à UNE, Carpeaux era o único que não residia, tampouco trabalhava nos estados concernentes à 5ª CJM (Paraná e Santa Catarina); não havia escrito o *FMI*... “especialmente” para o *Afirmção*, como denunciava o Ministério Público Militar, embora possivelmente ele tenha sido um dos únicos artigos assinados daquela edição;¹⁶⁹ e, como o mesmo MPM reconhecia, tampouco Carpeaux integrava a diretoria da UPE!¹⁷⁰

O absurdo daquela acusação crescia à medida que o IPM seguia o seu rumo. Intimação, auto de busca e apreensão, auto de qualificação, termo de declaração, juntadas, todos os procedimentos concernentes a um Inquérito faziam-se particularmente atípicos quando um dos réus residia a aproximadamente 700 quilômetros do sede da 5ª CJM. A distância em si não era o problema, e a plena comunicação entre as delegacias regionais do Departamento de Polícia Federal de Curitiba e Guanabara garantiriam que aqueles procedimentos fossem cumpridos por ‘Otto Maria Karpfen’ – nome oficial do acusado em questão. O fator kafkaniano era a fragilidade da acusação *per se*, ilustrada nos três primeiros itens da Carta Precatória¹⁷¹ submetida pelo inspetor de política federal de Curitiba ao seu congêneres da Guanabara:

[Do indiciado] o qual deverá ser interrogado sobre o seguinte:

a) Se é autor do artigo ‘FMI – Fome e Miséria Internacional’, publicado no órgão oficial da União Paranaense de Estudantes, no exemplar ‘Afirmção’ nº 02 de outubro de 1967, publicado na página 02.

¹⁶⁸ Cf.: *Idem*, sumário; BRASIL. “Decreto-Lei nº 134” *Op. cit.*

¹⁶⁹ *Idem*, p. 10.

¹⁷⁰ *Idem*, p. 11.

¹⁷¹ Instrumento através do qual o delegado da Polícia Federal da 5ª Região Militar solicitava ao seu congêneres do Distrito da Guanabara as diligências junto ao acusado, Otto Maria Karpfen, relacionadas ao IPM em questão (“ser qualificado; tomado por termo as declarações e ser identificado datiloscopicamente”). Cf.: “BNM 163. Ação Penal 505/69” *Op. cit.*, pp. 89-90.

b) Se o dito artigo foi solicitado por algum Presidente de Diretório Acadêmico ou indiciado que escrevesse ou se foi o próprio indiciado que espontaneamente escreveu o ofereceu [sic] a algum Diretório, em caso afirmativo, qual o nome do Diretório.

c) Se o indiciado foi convidado por algum Diretório Acadêmico ou se espontaneamente compareceu ao XXIX Congresso da U.N.E., nos dias 29, 30 de setembro e 1º de outubro do corrente ano, identidade aquela, sabidamente ilegal, ocorrido nesta cidade de Curitiba.

[...]¹⁷²

As diligências foram realizadas pela Delegacia Regional da Guanabara em 30 de novembro de 1967. Intimado, Carpeaux compareceu àquele órgão da Polícia Federal, no qual prestou depoimento por quase duas horas. Teve as digitais colhidas e o Auto de Qualificação lavrado. Deste último documento, certificação de que quem compareceu à delegacia era mesmo Otto Maria ‘Karpfen’, constam dados genéricos como filiação, data de nascimento, endereço, estado civil etc. “Jornalista” foi como arrolado profissão e o local de trabalho, não mais o *Correio da Manhã*, mas “Editora Delta (Travessa do Ouvidor, 22)”¹⁷³.

No seu depoimento – lavrado como Termo de Declaração –, além de justificar o uso profissional de seu pseudônimo, Carpeaux não titubeou em reconhecer a autoria do artigo *FMI...*, embora não soubesse os motivos pelos quais ele havia sido publicado sem a sua assinatura no jornal *O Sol*. Declarou ainda que, ao contrário da matéria de acusação, ele não havia autorizado a transcrição do artigo no jornal *Afirmção*, tampouco o havia escrito especialmente para aquele jornal paranaense. Ainda sobre o estado do Paraná, Carpeaux declarou que a última vez que estivera lá havia sido em 1939 e tampouco conhecia a sua capital, Curitiba – cidade onde, segundo o Ministério Público Militar, havia sido realizado o XXIX Congresso da UNE.¹⁷⁴

¹⁷² *Idem*, p. 90.

¹⁷³ *Idem*, p. 151.

¹⁷⁴ *Idem*, p. 152.



O artigo FMI publicado n'O Sol – sem assinatura e sem o subtítulo Fomes e Miséria Internacional – e a versão do jornal Afirmção, que rendeu a Carpeaux um IPM seguido de Ação Penal. Acervo: Projeto BNM digital

A repercussão da intimação e do comparecimento de Carpeaux ao Departamento da Polícia Federal possivelmente lançou mais holofotes ao

artigo *FMI*... do que a sua publicação num jornal estudantil e regional como o *Afirmção*. Segundo o *Jornal do Brasil*, Carpeaux chegou a dar uma “entrevista coletiva, improvisada, realizada num bar nas proximidades do DPF”¹⁷⁵, em que detalhou os procedimentos a que fora submetido: “Apesar de haver exibido sua carteira de identidade, Carpeaux tirou cinco vezes a impressão datiloscópica dos dedos e teve anotada sua altura, cor dos cabelos e demais sinais de identificação.” Também o jornal *Folha de S.Paulo* destacou o ocorrido, dando voz a Carpeaux:

[...] O sr. Otto Maria Carpeaux afirmou, indignado: ‘É incrível que isto aconteça nesta terra a um *homem de bem*, com todos os seus documentos em dia. Estas indignidades foram cometidas por causa de um maluco’. O escritor foi ao DFSP sem conhecer os motivos de sua intimação e, quando lhe perguntaram se era de sua autoria o artigo ‘Fome e Miséria Internacional’, sobre o FMI, respondeu: – Culpado’.¹⁷⁶

Nesta coletiva improvisada, Carpeaux classificou como “ingênuo” o questionamento de sua presença no XXIX Congresso da UNE em Curitiba, uma vez tal evento ocorrera em São Paulo, na cidade de Valinhos: “Não sou eu quem vai ensinar geografia ao Coronel Ferdinando de Carvalho, disse.”¹⁷⁷

Prova inconteste de que o relativo espaço de oposição ao regime estava se esgotando – e do raio de abrangência que o Decreto-Lei 314 possuía para definir os “crimes contra a segurança nacional, a ordem política e social” –, mesmo com toda a fragilidade daquelas acusações sobre Carpeaux, a ação penal que se seguiu ao IPM de 1967 tampouco o poupou. Em outubro de 1969, já sob o recrudescimento da legislação repressiva a reboque do AI-5¹⁷⁸, Carpeaux foi arrolado como um dos réus da Ação Penal nº 505/69.

¹⁷⁵ “CARPEAUX depõe na DPF em inquérito prejudicado por erro do Coronel Ferdinando”. In *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 01/12/1967, p. 15.

¹⁷⁶ “ARTIGO de Carpeaux provoca IPM” In *Jornal Folha de S.Paulo*, São Paulo, 01/12/1967, p. 05. Itálicos meus.

¹⁷⁷ “CARPEAUX depõe na DPF...” *Op. cit.*

¹⁷⁸ O Decreto-Lei nº 510/69, por exemplo, alterou o Decreto-Lei nº 314/67 em diversos artigos, inclusive os concernentes à Ação Penal sofrida por Carpeaux. Cf.: *BRASIL*. Decreto-Lei nº 510 de 20 de março de 1969. Altera dispositivos do decreto-lei nº 314 de 13 de março de 1967, e dá outras providências. Legislação informatizada. Disponível em

Intimado para prestar novo depoimento na Auditoria da V Região Militar, desta vez Carpeaux colou à imagem de “homem de bem” ao de “intelectual de renome” para livrar-se daquelas acusações. Ademais, apresentou-se como possuidor de limitações profissionais, econômicas e inclusive físicas, para não realizar uma viagem até Curitiba.

Embora esta seja uma *persona* a que, naquele contexto, somente os operadores jurídicos da AP nº 505/69 tiveram acesso, é interessante notar como Carpeaux e os seus advogados a construíram. Em papel-ofício do “Sindicato dos jornalistas profissionais do estado da Guanabara”, datilografado e datado de 10 de agosto de 1970, Carpeaux apresentou-se assim ao juiz-auditor da V Região Militar:

Tendo sido intimado para comparecer no dia 13 de agosto de 1970, às 13 horas, na Auditoria da V Região Militar, sendo denunciado como autor de um artigo de um jornal considerado subversivo, peço tomar conhecimento do fato de que minhas atividades profissionais e minha situação econômica não me permitem afastar-me do Rio de Janeiro, a não ser para ocasionais viagens de caráter profissional para São Paulo.

Nunca estive em Curitiba, não tenho nem tive jamais relações de qualquer natureza com pessoas de Curitiba, e o artigo em causa, publicado num jornal do Rio de Janeiro sem ser denunciado pelas autoridades, foi apenas transcrito no Paraná, sem minha autorização.

Não posso prestar, à Auditoria da V Região Militar, maiores esclarecimentos que os já prestados em interrogatório perante o Departamento Federal da Segurança Pública. Além disso, minha idade de 70 anos completos, dificulta-me os movimentos.

Peço, portanto, não considerar culposa minha ausência em Curitiba, no dia 13 deste mês. Mantenho-me aqui no Rio de Janeiro, na minha residência, Rua República do Peru, 101 ap. 502, sempre à disposição da Justiça.

Solicito ainda o obséquio de determinar sejam anexados aos autos os seguintes documentos:

- 1) Relação das minhas obras publicadas (19 volumes);
 - 2) Carta, de novembro de 1967, em que o Exmo. Sr. Ministro do Exército requer minha colaboração, como intelectual de renome;
 - 3) Minha resposta a essa carta;
 - 4) Carta de julho de 1967, em que o Ministério da Educação e Cultura solicita minha colaboração;
 - 5) Carta da Pan American Union;
 - 6) Cópia do decreto de minha naturalização, em janeiro de 1944, de que consta ainda idade superior a 70 anos;
 - 7) Petição do meu advogado, Dr. Celso Nascimento Filho;
 - 8) Procuração que dei aos meus advogados.
- Agradecendo à aceitação dos argumentos expostos nesta carta, subscrevo-me, com a maior estima e consideração,
- Otto Maria Carpeaux [Karpfen]¹⁷⁹

Com uma sutil ironia, Carpeaux apresentou-se à Justiça como o homem ilibado, a quem o regime militar prestava-se a defender – imagem um tanto diversa daquela em que Carpeaux gozava entre o movimento estudantil e os meios artísticos e intelectuais desde o Golpe de 1964. O fato de arrolar um ofício do Ministério do Exército, datado de novembro de 1967, através do qual era convidado a “abrilhantar e dar destaque [...] como intelectual de renome [ao] Concurso Cultural Exército Brasileiro” – e o fato de tê-lo aceito¹⁸⁰ –, demonstram bem que também aquela sua outra *persona* era dotada de traços irônicos.

Ao que indica a primeira decisão da Auditoria da 5ª Região Militar¹⁸¹, essa imagem surtira efeito. E embora a decisão final deveu-se à incompetência legal daquela região militar para processá-lo e julgá-lo (de circunscrição aos estados de Paraná e Santa Catarina)¹⁸², foi também pelo ‘renome’ e por uma certa imagem do ‘famoso articulista’ que os juízes-auditores se ativeram a encaminhar a sua absolvição:

[...]

Ora, porque o episódio envolvesse tão somente jovens acadêmicos sem qualquer expressão política,

¹⁷⁹ “BNM 163. Ação Penal 505/69” *Op. cit.*, pp. 611-2.

¹⁸⁰ *Idem*, pp. 614-5.

¹⁸¹ *Idem*, pp. 808-12.

¹⁸² *Idem*, pp. 1144-5.

viu-se no nome de Otto Maria Karpfen a oportunidade publicitária de atribuir fermento aquilo que não trazia dimensão. Assim é que, o trecho objeto de republicação, e retirado com uma pinça do original anteriormente levado a público, ensejou inclusão do famoso articulista no inquérito e, posteriormente, figuração entre aqueles denunciados pelo Ministério Público Militar. [...]¹⁸³

FOLHA DE ANTECEDENTES N.º 38.425, cont. 09. Data: 30.05.970
 Nome: **OTTO MARIA KARPFEN** Registro: 2.656.625.973
 Assinatura: **WALDEMAR OSWALDO BIANCO** Nº 2104/67
 Nº 2104/67. Assinatura: **OSWALDO BIANCO** Nº 2104/67

| Data | Autoridade | MOTIVO | Destino | JULGAMENTO |
|------|------------|--------|---------|------------|
| | | | | |
| | | | | |
| | | | | |
| | | | | |
| | | | | |
| | | | | |
| | | | | |
| | | | | |

NÃO REGISTRA ANTECEDENTES CRIM.

DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
DSG - SERVIÇO DE COMUNICAÇÕES

DE: R 1 0 GS NR. 1274 PLS. 110 DT. 3/11/19, 30
 RECEBIDO DE: DPF-4 3-11-67 AS 2055 POR 33 PV

Endereço: CEL. WALDEMAR OSWALDO BIANCO
 DEL REG DPF C T B A

Tercio e Assinatura:

 149/GDR DE 3/11/67 PT TRANSMITO VS. VG A PEDIDO INSPECTOR POGGI ARAUJO VG RADIO SEGUINTE TEOR PTPT OTTO **MARIA** CARPEAX VG AUTOR ARTIGO JORNAL (-AFIRMAÇÃO-) NR 2 UNIÃO PARANAENSE DOS ESTUDANTES VG RESIDE AQUI GUANABARA RUA REPUBLICA DO PERU NR 101 APTº 502 VG COPACABANA PT FIM SER MESMO OUVIDO INQUERITO AI INSTAURADO VG DEVERAH SER ENVIADO PELO PRIMEIRO PORTADOR VG UM EXEMPLAR JORNAL "AFIRMAÇÃO" NR 2 VG PARA CHEFE GABINETE DELEGADO REGIONAL GUANABARA VG RUA ASSEMBLEIA 70 PT ENCARRREGARME-EI DECLARAÇÃO ARTICULISTA PT
 GEN. LUIZ C. REIS FREITAS
 DEL. REG; DPF.

4307
 6-11-67

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA E NEGÓCIOS INTERIORES
DEPARTAMENTO FEDERAL DE SEGURANÇA PÚBLICA
DELEGACIA REGIONAL - 05

AUTO DE QUALIFICAÇÃO

Em trinta dias do mês de novembro .x.x.x de mil novecentos e sessenta e sete .x.x. no Posto de Guanabara e na Delegacia Regional do Estado da Guanabara .x.x.x onde se achava presente o respectivo Chefe, o Inspetor de Polícia Federal .x.x.x. Peçosa da Silva Oliveira .x.x.x. como Escrivão de Polícia.

....., abaixo assinado, al presente o acusado que é de nome BRANCO .x.x. passou a autoridade a qualificação, e qual as perguntas que lhe foram feitas, RESPONDEU:

NOME: OTTO KARLHA KARPFEN
PAI: Max Karpfen .x.x.
MÃE: Gisela Schmels Karpfen .x.x.x.
DATA DO NASCIMENTO: 9 de março de mil novecentos .x.x.
IDADE: sessenta e sete anos .x.x.
NACIONALIDADE: Austríaca (brasileira naturalizada)
NATURALIDADE: .x.x.x.x.
ESTADO CIVIL: casado .x.x.x.
PROLE: sem .x.x.x.
PROFISSÃO: jornalista .x.x.x.
LOCAL DE TRABALHO: Editora Delta (travessa O

DOCUMENTO DE IDENTIDADE: Carteira de Identidade de I. P. F.
registro nº 624.303 .x.x.x.x.x.x.x.x.x.x.x.x.x.x.x.x.x.x.

RESIDÊNCIA: Rua República de Perú, cento e um, apartamento quinhentos e dois .x.x.x.x.

INSTRUÇÃO: superior .x.x.x

Nada mais havendo a ser lavrado, mandou a autoridade encerrar este auto que foi lido e achado conforme, assinou com o qualificado. Eu, *Peçosa da Silva Oliveira* Escrivão, o lavrei e o subscrevi

Peçosa da Silva Oliveira
Peçosa da Silva Oliveira

624.303 IFE/03 DR/23 ESP 34 07/10/67

Nome: OTTO KARLHA KARPFEN
Ass. Pol. nº 24 e 22 do Doc. 201 nº 314/67
Mão esquerda

189

Inscrições de Carpeaux na Delegacia Regional da Polícia Federal da Guanabara. Acervo: Projeto BNM digital

Todavia, mesmo para os órgãos de informação e repressão do regime militar, a imagem de Carpeaux tampouco foi homogênea. Se aquela do 'homem de bem' prestou-se para incidir positivamente sobre o seu julgamento na AP 505/69, à medida que o seu nome se tornava recorrente nos novos jornais, revistas e semanários de oposição ao regime, surgiram outras imagens.

No processo SECOM 50.289/73¹⁸⁴, por exemplo, aberto em virtude do lançamento do semanário *Opinião*¹⁸⁵, pode-se ler o nome de Carpeaux entre os ‘focalizados’. Editores, correspondentes internacionais, colaboradores, todos descritos pelo processo da Divisão de Segurança e Informação da Guanabara como “conhecidos em todo País como vinculados ao PCB e participantes da propaganda subversiva.”¹⁸⁶

Em um dos muitos recortes da 1ª edição do jornal anexados ao processo, nomes como o de Antônio Callado, Celso Furtado, Oscar Niemeyer e do próprio Carpeaux encontram-se sublinhados. E num documento subsequente, produzido pela DSI/GB, pode-se ler:

Atendendo ao despacho supra, verifiquei os antecedentes das pessoas focalizadas no documento de fls. 2, ou seja, a Diretoria e seus assistentes, sendo o que se registrava esta DSI também com relação aos colaboradores do referido semanário, citados às fls. 4; a seguir:

- Diretor [...]
- Editor [...]
- Correspondente [...]
- Colaboradores

[...]

– Otto Maria Carpeaux - jornalista e escritor. Elemento de grande atuação no PCB, tendo assinado vários manifestos e colaborado em diversos jornais, com artigos de cunho reconhecidamente subversivo.

[...] ¹⁸⁷

Imagens finais, em vida, de Carpeaux

Como temos acompanhado, Carpeaux envolveu-se plenamente no que considerou sua “luta pela libertação do povo brasileiro”¹⁸⁸ após o Golpe de 1964. Colheu as consequências daquele envolvimento, dentre as quais, o afastamento forçado da atividade jornalística. Temos condições de

¹⁸⁴PROCESSO SECOM n° 50.289, 21 fls. Cf.: Arquivo Nacional, BR.AN.RIO.TT.O.MCP.PRO.294.

¹⁸⁵ *Opinião* foi criado em novembro de 1972 e extinto em abril de 1977. Tinha como diretor, Fernando Gasparian e como editor, Raimundo Pereira.

¹⁸⁶ PROCESSO SECOM n° 50.289. *Op. cit.*

¹⁸⁷ *Idem*, pp. 09-11

¹⁸⁸ CARPEAUX, Otto Maria. *Vinte e cinco anos de literatura. Op. cit.*

mensurar a devida importância desta consequência quando lemos o que aquela atividade significava para Carpeaux:

– Você falou de minha atividade de ensaísta, crítico etc. E agora fala do jornalista. Para mim, minha atividade literária engloba-se na atividade de jornalista. O que sou, no fundo, é só isso. Não ignoro que a qualificação de jornalista não é das mais bem vistas. Quando se diz de alguém ‘Esse é jornalista’, a impressão é sempre de que isso é uma atividade inferior etc. Mas me considero, globalmente, em primeira linha, um jornalista. Meus ensaios e artigos são parte da minha atividade jornalística.¹⁸⁹

O excerto acima é parte de uma entrevista concedida por Carpeaux em 1976, publicada no primeiro número da revista de “Literatura-Crítica e Artes” *José*.¹⁹⁰ Mesmo arredio às entrevistas, Carpeaux a concedeu a “seus dois ex-companheiros de jornadas enciclopédicas”, Sebastião Uchôa Leite e Luiz Costa Lima, “no apartamento simples e despojado” em que residia.¹⁹¹

Não sem protestar quando as perguntas enveredavam para questões pessoais – “Já começa a biografia! Eu não lhe dizia que não quero dar entrevistas biográficas?”¹⁹² –, Carpeaux aproveitou a oportunidade para construir mais um balanço de suas atividades profissionais na Europa e no Brasil. Ao responder sobre o que fazia no continente europeu antes de vir ao Brasil, Carpeaux aproximou as duas experiências através de uma mesma atividade jornalística: “O que fazia era igual à atividade que desenvolvi aqui. No fundo, uma atividade jornalística. E o resto, mais ou menos enciclopédico, no mau sentido da palavra: um pouco disso e um pouco daquilo.”¹⁹³

¹⁸⁹ “ENTREVISTA com Otto Maria Carpeaux” In Revista *José*. *Op. cit.*, p 08.

¹⁹⁰ *José* foi uma revista bimestral, publicada pela editora Fontana, sob a edição geral de Gastão de Holanda. Durou apenas 10 números, de julho de 1976 a julho de 1978. No conselho de redação, agregou nomes como o de Antônio Bulhões, Jorge Wanderley, José Mindlin, Luiz Costa Lima, Sebastião Uchôa e Sérgio Cabral.

¹⁹¹ “ENTREVISTA com Otto Maria Carpeaux”. *Op. cit.*, p. 03.

¹⁹² *Idem*.

¹⁹³ *Ibidem*.

Carpeaux também aproximou o contexto europeu e brasileiro de “expansão do autoritarismo de Estado” das décadas de 1930 e 1940, bem como os limites que eles impuseram para o desenvolvimento desta atividade. Neste sentido, questionado por Sebastião Uchôa Leite se ele havia sentido, nele mesmo, “uma evolução de uma posição mais conservadora para outra mais...”, Carpeaux o interrompeu para responder: “Eu, conservador? Nego peremptoriamente! [risos]. Repito: quando cheguei aqui, a situação era igual a da Europa, era impossível escrever certas coisas. Era o Estado Novo.”¹⁹⁴ Em outro momento da entrevista, ao comparar os dois primeiros livros publicados no Brasil com os demais, Carpeaux foi mais explícito na descrição daqueles limites:

Sebastião Uchôa Leite: Há uma diferença de tom entre os seus dois primeiros livros...

Carpeaux: Estão amplamente superados!

Sebastião Uchôa Leite: ...E os posteriores, como *Retratos e Leituras*. Diferença no sentido de que você parece ter adquirido uma maior leveza, digamos, uma maior liberdade em relação aos seus temas.

Carpeaux: De quando são os primeiros? De [19]43 e [19]44. Enquanto os outros são posteriores a [19]45. Isso explica muita coisa, não é?

Sebastião Uchôa Leite: Por exemplo, o artigo “Both your houses”, sobre *Romeu e Julieta* de Shakespeare, ou o “Dia e o sono de Samuel Pepys”. Sinto grande diferença em relação aos dois primeiros livros.

Carpeaux: O artigo sobre Romeu e Julieta seria absolutamente impossível de escrever antes de [19]45.

Sebastião Uchôa Leite: Quer dizer, a mudança não foi só uma evolução pessoal sua?

Carpeaux: Foi também a evolução do mundo. Ninguém está isolado do mundo e dos outros. É impossível, não é? Para tal situação de isolamento só existe o conselho de Wittgenstein: ‘O que não pode ser dito, deve calar-se’.¹⁹⁵

Já ao cabo da entrevista, após tratarem de autores, escolas e métodos observados por Carpeaux como crítico literário, mais uma vez este defendeu o jornalismo como a sua principal atividade profissional,

¹⁹⁴ *Ibidem*.

¹⁹⁵ *Idem*, p. 07.

englobante às demais, através de uma concepção ampla do próprio jornalismo: “Porque jornalismo não é só o que se redige para o jornal. É qualquer atividade dirigida aos outros e tomando como ponto de partida a atualidade. Isso é verdadeiro jornalismo.”¹⁹⁶ E, mais uma vez, num contexto de hipertrofia do Estado, de censura e perseguições redivivas no Brasil após 1964, Carpeaux encontrara novos limites àquela atividade – que, segundo suas palavras, havia sido “um meio de vida”¹⁹⁷:

Sebastião Uchôa Leite: [...] Seus artigos no **Correio da Manhã** foram importantíssimos para toda uma geração.

Carpeaux: [Inocentemente] Quais artigos?

S.U.L.: Exatamente os de doze anos atrás? [Coligidos em **Brasil no espelho do mundo e A batalha da América Latina**]

Carpeaux: Ô Sebastião, estamos em 1976. Isso que você está falando, que poderia responder, mas é inútil, não é? Inútil, porque hoje, quando esses artigos seriam ainda mais necessários do que há doze anos, não posso mais escrevê-los.¹⁹⁸

“Não posso mais escrevê-los”, acusa Carpeaux. Na sequência, inquerido por Uchôa Leite se repetiria tudo o que disse, se retomaria toda a sua luta intelectual, Carpeaux respondeu: “Sim, mas só que hoje, talvez, as consequências seriam desastrosas...”¹⁹⁹

Aquele que havia se tornado um “jornalista profissional por excelência”²⁰⁰ encontrava-se afastado da atividade que exercera em Viena pré-*Anschluss*, na Antuérpia, em primeiro exílio, e no Brasil, quando passou a escrever “diariamente um ou dois editoriais para a página política do *Correio da Manhã*.”²⁰¹ Para além de sua produção ensaística e de crítica literária, na década de 1970 a imagem de Carpeaux esteve intimamente associada a essa atividade, *locus* por excelência do fazer político – de sua militância política.

Em carta enviada a Carpeaux, Florestan Fernandes ratifica esta imagem. Não se sabe onde o texto foi publicado – “Meu caro Otto Maria Carpeaux, segue o texto de meu discernimento à sua escrita. Abraços.

¹⁹⁶ *Idem*, p. 09.

¹⁹⁷ *Ibidem*.

¹⁹⁸ *Ibidem*.

¹⁹⁹ *Ibidem*.

²⁰⁰ VAINER, Nelson. “Otto Maria Carpeaux...” *Op. cit.*, p. 08 [2º caderno].

²⁰¹ *Idem*.

Florestan Fernandes²⁰² –, mas as três laudas datilografadas registram-na exemplarmente:

Aí o homem e o pano de fundo literário de uma das situações mais belas da literatura brasileira. Num cenário de medo e covardia, no qual a prepotência armada aliou-se ao obscurantismo conservador, para deterem a emergência do Povo da história e sufocarem os processos democráticos da revolução nacional, Otto Maria Carpeaux lança e fomenta, quase sozinho, a rebelião da inteligência. Sem qualquer tipo de transação com os representantes do poder vitorioso, comprovado [?] que o golpe militar e os seus objetivos eram injustificáveis e inaceitáveis, lutou contra ele como uma manifestação da ditadura de classe e do fascismo, que não admitia contemporização. Imprimiu à rebelião da inteligência um sentido puramente político, de ruptura total com o passado, de condenação intransigente do presente e de defesa insólita da democracia. [...] Eis como vejo Otto Maria Carpeaux. O intelectual que não vacilou em fazer do dever pela condição de intelectual, que se opôs à tirania na hora de pânico, convocando seus concidadãos à insurreição cívica. Não existem meios de enfrentar a tirania, principalmente a tirania militar. É preciso desafiá-la no seu próprio terreno, acuá-la e destroçá-la. A cada dia que passa, ela se fortalece. Os homens se desarmam e apoiam sua fé nos valores ideais da civilização. Otto Maria Carpeaux foi direto ao que precisa ser feito – conclama o Brasil à desobediência civil.²⁰³

No combativo jornal *Opinião*, integrou apenas o “grupo produtor de ‘matérias’”²⁰⁴ – o suficiente para ser arrolado em um processo junto ao Departamento de Segurança e Informação do Ministério da Justiça.²⁰⁵ Nos

²⁰² OC Pit 01, Produção Intelectual. In *Acervo da Fundação Casa de Rui Barbosa*. Arquivos Pessoais de Escritores Brasileiros – APEB. Fundo/Coleção: Otto Maria Carpeaux.

²⁰³ *Idem*.

²⁰⁴ Cf.: *Opinião*, Rio de Janeiro, 23/10/1972, p. 01 [nº 0].

²⁰⁵ Notadamente o Processo SECOM 50.289/73. Cf.: nota 184 deste capítulo.

quase cinco anos de existência daquele semanário, Carpeaux assinou poucos artigos, alguns dos quais como Jacobo de Giorgio:

Para começo de conversa peço licença para me apresentar: o nome é Jacobo de Giorgio. Sou apenas personagem de ficção, desempenho papel secundário no último romance do nosso amigo Marques Rebelo. Mas não sou um fantasma. Minha existência real é comprovada por documentos de identidade pessoal: matrícula nº 361 do Sindicato dos Jornalistas Profissionais do Estado da Guanabara, e carteira nº 494 da Associação Brasileira de Imprensa. Quer dizer, sou um velho jornalista. Sei como as coisas são. [...].²⁰⁶

Outro espaço ocupado por Carpeaux na imprensa brasileira dos anos 1970 foi a *Revista Manchete*. Além de participar do projeto *As obras-primas que poucos leram* – artigos sobre clássicos da literatura universal publicados na revista entre os anos 1972 e 1977, que também contou com contribuições de Josué Castello, Raimundo Magalhães Júnior, Ruy Castro, Paulo Mendes Campos – Carpeaux escreveu uma pequena série de crônicas de viagens para aquela revista acerca de sua última visita à Europa, no final de 1977.

Poucos meses antes de sofrer seus dois últimos enfartes, Otto Maria Carpeaux voltou ao Velho Continente – e a Viena – pela segunda vez desde que de lá partira, fugido, em 1938. Sobre aquela Viena de 1977, escreveu: “nunca na vida me senti tão solitário nessa cidade que foi minha cidade.”²⁰⁷ A exemplo das mudanças sofridas pela cidade, já era outro o olhar de Carpeaux lançado à sua Viena natal. Também o espaço de tempo que escolheu para compará-la (40 e não 25 anos, dado que já tinha voltado lá em 1953) diz muito sobre a importância que aquelas poucas horas significaram para ‘o filho pródigo’. Naquela crônica teceria uma espécie de balanço de sua própria vida à luz da antiga capital imperial.

²⁰⁶ CARPEAUX, Otto Maria. “Um e oitenta” In OC Pi 05, Produção intelectual. In *Aervo da Fundação Casa de Rui Barbosa*. Arquivos Pessoais de Escritores Brasileiros – APEB. Fundo/Coleção: Otto Maria Carpeaux. Não foi possível localizar se este manuscrito produzido para o jornal *Opinião* foi realmente publicado. Há pelo menos um outro artigo assinado como Jacobo de Giorgio em *Opinião*. Cf.: GIORGIO, Jacobo de. “Ela está mesmo pobre” In *Opinião*, Rio de Janeiro, 15/09/1973, p. 08.

²⁰⁷ CARPEAUX, Otto Maria. “Viena 40 anos depois” In *Revista Manchete*, Rio de Janeiro, 31/12/1977, pp. 126-31.

Aquela foi a terceira das quatro crônicas de viagens publicadas por Carpeaux na revista *Manchete*. A última, *Três horas em Praga*²⁰⁸, saiu somente na edição de 25 de fevereiro de 1978, dias depois de sua morte. O primeiro texto publicado postumamente.

UM E OITENTA

Deste começo da comédia pelo Brasil para me apresentando: o nome é Jacobo de Biaggio, seu, apenas, personagem de ficção, ~~apresentando~~ descrevendo-me pelo recumbente no sofá honrar de meu amigo Matheus Pelé. Mas não sou um fantasma. Minha existência real é comprovada por documentos de identidade pessoal: matrícula no 361 da Faculdade dos Jornalistas Profissionais de Estado de Guanabara, e carteira no 494 de Associação Brasileira de Imprensa. Quei direis, sou na minha profissão. Se isso não os convence.

Confesso, por experiência, a atribulada vida noturna na febre de uma metrópole, a vida amarelada de notícias trazida pela tele e pelos hospitais, o avultante que ameaça abaloiar a gente: política nacional e política internacional, boatos falsos, estelionato e municípios, negociações diplomáticas e guerras, a sobrevivência nos ou menos breves, agitados ~~apresentando~~ pela confusão de nomes geográficos numa aula avulsa, assuntos de cidade, inclusive em trânsito, política e outros crimes, a situação econômica e os crimes financeiros, os redobrados e semelhantes quebra de ânimo, as estórias de teatro e do cinema, conceitos de minha ciência e de minha não-ávida, ecurricada gradis, livros novos, livros de capiteis, do trabalho e outras — ainda bem que hoje em dia o leitor de jornal não tem mais tempo para ler as editoriais locais. Na de idade de pedra de jumbano, nos os trabalhos subterrâneos de trabalho não chega nos a espiral. ~~apresentando~~

Um homem espantoso estacion, calva na, nome inapreciável de muitos estudos anteriores, como as de Udo Meier: "Nove horas, os homens Xanabos de América" e este "light de

estados nos permite ouvir as opiniões dos Opiniões — mas o plênel — para fora. Esta resposta selta. Como sempre foi pelo de opinião justificar, ~~apresentando~~, nos parece a melhor justificativa, esta menos curda ou a resposta menos na nos angula, clamar com oitenta de modo diferente, ~~apresentando~~ e pe também o o bi de América. 9' este "light de

linam" ~~apresentando~~ que resumis.

4' por um pe homogeneos OPINIÃO (moderato) ~~apresentando~~ ^{Me} se triveissim de essencial, para a tarefa difícil, nem modelo, nem exemplo, nem probatório? Impossível de nome. 9' que ninguém ofereceu a este homem personagem de ficção, a OMC, política, a Jacobo de Biaggio, a oportunidade, nem aproveitada a presente ocasião para homenagear, conjuntamente, o promotor OPINIÃO e os 80 anos de Alceu Amoroso Lima.

Admiramos Alceu Amoroso Lima pela amplitude de seu espírito, fluído dos experimentos de uma vida intencionalmente vivida, e pela sua completa integridade casual, pela fidelidade inquebrantável às suas opiniões, que são suas e de tantos outros. Alceu Amoroso Lima é personalidade extraordinária, na autêntica grande honra. Nos Difíceis Completos sobre um aparelho de mesa século de história do Brasil. Nos esta proma de Alceu Amoroso Lima é sua vida, toda ele dedicada a servir a pátria, e esta não perde tempo as esperas: pois não há plasticidade entre a realidade.

(Jacobo de Biaggio).

²⁰⁸ CARPEAUX, Otto Maria. "Três horas em Praga" In *Revista Manchete*, Rio de Janeiro, 25/02/1978, pp. 104-7.

3.
'O amanhecer depois da morte' – Imagens póstumas

Como Petrarca, *'pace non trovo'*, a não ser que a encontrarei no último momento, quando a noite chamará para partir e quando, tendo visto tudo, pela última vez me lembrarei do meu Dante, com versos dele

*Ma la notte risurge e oramai
è da partir, ché tutto avem veduto*

Otto Maria Carpeaux – *Meu Dante*

Momentos finais

“– *Mais liberdade!*” Possivelmente foram estas as últimas palavras de Otto Maria Carpeaux, acompanhadas de um gesto brusco que o separou do emaranhado de tubos e sondas que ainda o mantinha vivo.¹ No quarto, presenciando a voluntariosa cena, somente Helena, a companheira de uma vida inteira e para quem Carpeaux, ao final da sua, pedia que o ajudasse a morrer.

Certa vez perguntado como gostaria que fosse a sua morte, Carpeaux respondeu: “Sem aviso prévio” – possivelmente inspirado no exemplo do pai, que chegou em casa após mais um dia de trabalho, jantou, dedilhou algumas notas ao piano e, instantes depois, sofreu um ataque cardíaco fulminante. Carpeaux não teve o seu desejo realizado. Sempre arredio a médicos, certa tarde de um mês de janeiro surpreendeu Helena ao dizer que talvez precisasse de um. Tinha ido almoçar com amigos no centro da cidade e só com muito esforço conseguira retornar à rua República do Peru, em Copacabana, residência do casal. Estava sofrendo um enfarte. Foi levado ao hospital Pró-Cardíaco naquela mesma noite, passando a ser acompanhado de perto pelo cardiologista e amigo, dr. Stans Murad. Já internado, dois dias depois sofreria outro enfarte, desta vez mais violento.

“– Que posso esperar agora da vida? Tive dois enfartes, estou com enfisema e não consigo parar de fumar”, disse outrora – antes, portanto, dos dois últimos enfartes que finalmente o levou à internação.² Conservar-se lúcido até o derradeiro momento parecia ser a resposta de Carpeaux a sua retórica indagação: durante os quinze dias em que esteve internado no hospital da rua Dona Mariana, em Botafogo, famoso pela sua capacidade mnemônica, passava o tempo revisando títulos de livros, nomes de autores e trechos de música. Um dia antes de morrer e já num estado de saúde crítico – concorria para este quadro complicações renais e uma pneumonia dupla – teria socorrido Helena com o nome de um autor literário de que ela mesmo não se lembrava.

“– Tudo para acabar assim” – lamentou certa vez a um dos amigos que o visitara no Pró-Cardíaco – lamento acompanhado de uma lágrima no canto do olho. No dia 03 de fevereiro de 1978, a queixa cedeu à

* Referência da página anterior: CARPEAUX, Otto Maria. “Meu Dante” In *Instituto cultural italo-brasileiro*. Caderno nº 5. São Paulo, 1965, p. 28.

¹ “Otto Maria Carpeaux (1900-1978)” In Revista *Veja*, Brasil, 08/02/1978, p. 30 [Memória].

² *Idem*.

ação: Carpeaux desvencilhou-se da parafernália médica em busca de liberdade e, aproximadamente às duas da tarde, partiu – *ao chamado da noite*.



Capa do n.º 10 da revista *José*. Acervo: Biblioteca Nacional

Os amigos foram chegando aos poucos e o velório deu-se na capela 7 do cemitério São João Batista – a poucos metros do hospital em que estivera internado. Ao enterro, marcado para as 11 da manhã do dia 04 de fevereiro, uma sexta-feira de Carnaval, compareceram pouco mais de 50 pessoas. Estas acompanharam uma cerimônia simples, de apenas 15 minutos – tempo do trajeto fúnebre entre a capela mortuária e a sepultura 20.592 do São José Batista. Respeitou-se o desejo manifesto por Carpeaux para que seu corpo não fosse encomendado, tampouco que houvesse discursos. Não havia flores ou mesmo qualquer insígnia religiosa em sua urna funerária, ausências também frutos do desejo de Carpeaux – judeu de nascimento, católico convertido em idade adulta – em demonstrar a defecção religiosa do final da vida.

Se sua vida, segundo ele próprio, havia sido rasa de grandes acontecimentos e há muito já estava enquadrada numa estrutura, espécie de *'plot* bem inventado'; e se poucos meses antes de morrer já havia expressado que não queria que fizessem a sua biografia, após aquela manhã de fevereiro o austríaco que vivera a exata metade da vida na Europa e a outra no Brasil não seria mais responsável ou não poderia mais acompanhar ou intervir na história de sua própria vida. O nome que adotara quando de sua vinda ao Brasil e pelo qual ficara conhecido entre nós já não poderia assinar qualquer artigo, qualquer livro, qualquer manifesto. A partir daquela manhã jazia gravado na sóbria lápide do aristocrático cemitério carioca, impresso pouco acima de sua outra inscrição, a europeia:



Sepultura n° 20.592 do Cemitério São João Batista, Rio de Janeiro

Se este capítulo se inicia pela morte de Carpeaux – sem medo, aliás, de recair no lugar-comum que esse recurso de escrita biográfica já se tornou¹–, é porque parece interessante mapear as ações memorialísticas construídas sobre Otto Maria Carpeaux logo após a sua morte – fossem seus artífices próximos a Carpeaux e, portanto, mais ciosos em legitimar esta ou aquela imagem sobre este; fossem tais ações meros gestos informativos, pulverizados entre as páginas dos jornais e revistas da época.

Nos principais jornais do eixo Rio de Janeiro-São Paulo, os primeiros boletins médicos sobre a internação e o estado de saúde,² depois as notas de falecimentos,³ os necrológios por parte dos amigos mais próximos,⁴ os perfis biográficos (assinados ou não)⁵ formam, conjunta e irregularmente, os primeiros balanços sobre a vida e a obra de Carpeaux.⁶

¹ Basta citar os trabalhos do historiador Georges Duby e do jornalista Fernando Morais. Respectivamente: DUBY, Georges. *Guilherme Marechal ou o melhor cavaleiro do mundo*. Trad.: Renato Janine Ribeiro Rio de Janeiro: Graal, 1988; MORAIS, Fernando. *Chatô: o rei do Brasil*. A vida de Assis Chateaubriand. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

² “Internado Oto [sic] Maria Carpeaux” In *Jornal Folha de S.Paulo*, São Paulo, 25/01/1977, p. 40 [Folha Ilustrada].

³ “Otto Maria Carpeaux (1900-1978) – Um representante do seu tempo” In *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 04/02/1978, p. 01 [Caderno B]; “Otto Maria Carpeaux morre aos 77 anos” In *Jornal O Estado de S.Paulo*, São Paulo, 04/02/1978, p. 08; “Otto Maria Carpeaux morre no Rio aos 77 anos” In *Jornal Folha de S.Paulo*, São Paulo, 04/02/1978, p. 01; “Carpeaux é sepultado como pediu: com amigos, sem padre e sem flores” In *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 05/02/1978, p. 20.

⁴ GRÜNEWALD, José Lino. “Quando a morte chamou para partir” In *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 04/02/1978, p. 01 [Caderno B]; OLIVEIRA, Franklin. “A dignidade no meio da crise” In *Jornal Folha de S.Paulo*, São Paulo, 04/02/1978, p. 30 [Folha Ilustrada]; GULLAR, Ferreira. “Na despedida, a emoção dos discípulos” In *Jornal O Estado de S.Paulo*, São Paulo, 04/02/1978, p. 08; “Drummond louva Carpeaux” In *Jornal Folha de S.Paulo*, São Paulo, 05/02/1978, p.06.

⁵ “Otto Maria Carpeaux (1900-1978)” In *Revista Veja*. *Op. cit.*; “Uma cultura erudita a serviço de todos” In *Jornal O Estado de S.Paulo*, São Paulo, 04/02/1978, p. 08.

⁶ Na coleção “Otto Maria Carpeaux” dos *Arquivos Pessoais de Escritores Brasileiros* depositados na *Fundação Casa de Rui Barbosa*, encontra-se um documento intitulado “Crítica e depoimentos” onde, ao longo de cinco páginas datilografadas, é arrolada uma listagem considerável de depoimentos publicados na imprensa nacional e internacional à memória de Carpeaux. Graças a algumas anotações à caneta e à confrontação daquela letra com a presente em outros documentos, é possível identificar a autora deste documento: a viúva de Carpeaux, Helena. Cf.:

Também no meio editorial, nos meses subsequentes a março de 1978, produziram-se tais balanços de vida e obra. A 10ª e última edição da revista de literatura e arte *José*, por exemplo, foi praticamente toda ela dedicada a sua memória – desde a capa a uma série de depoimentos de escritores, poetas e estudiosos como Carlos Drummond de Andrade, Antônio Houaiss, Mauro Gama e Sebastião Uchôa Leite.⁷ Ainda em 1978, dois livros póstumos e inéditos de Carpeaux e uma 2ª edição da *História da Literatura Ocidental* chegaram às livrarias. Foram eles: *Reflexo e realidade – ensaios*⁸ e *Alceu Amoroso Lima por Otto Maria Carpeaux*,⁹ além do início da 2ª edição de *HLO*, desta vez publicada pela editora *Albambra*.¹⁰

A biografia sobre Alceu Amoroso Lima – quem, aliás, teria sido o primeiro brasileiro que Carpeaux conheceu pessoalmente¹¹ – traz como paratexto o “depoimento de pessoas especialmente qualificadas”¹² sobre o autor. Trata-se de uma entrevista com Alceu Amoroso Lima feita por Antônio Houaiss e por Antonio Callado¹³, registrando em 36 páginas daquele volume algumas impressões, experiências e memórias que guardavam do amigo em comum. Fecha a obra o texto ‘Homenagem de Alceu Amoroso Lima ao brasileiro Otto Maria Carpeaux’; uma homenagem com certo tom de repto e despeito para com o inimigo comum, dele e de Carpeaux, à época: “o silêncio jornalístico, forçado e imposto pelo obscurantismo cultural.”¹⁴

Homenagens públicas também perfizeram esse primeiro ciclo reminiscente. Uma delas se deu no Teatro Casa Grande (Rio de Janeiro), reunindo alguns dos amigos próximos¹⁵ do austríaco-brasileiro e tendo

OC Dv 02. In *Acervo da Fundação Casa de Rui Barbosa*. Arquivos Pessoais de Escritores Brasileiros – APEB. Fundo/Coleção: Otto Maria Carpeaux.

⁷ Revista *JOSÉ – Literatura-crítica e arte*. n.º 10. *Op. cit.*

⁸ CARPEAUX, Otto Maria. *Reflexo e realidade – ensaios*. Seleção e prefácio de Sebastião Uchôa Leite. Rio de Janeiro: Ed. Fontana, 1978.

⁹ CARPEAUX, Otto Maria. *Alceu Amoroso Lima por Otto Maria Carpeaux*. Vol. 1. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1978.

¹⁰ CARPEAUX, Otto Maria. *História da Literatura Ocidental*. 2ª ed. *Op. cit.*

¹¹ Cf.: CARPEAUX, Otto Maria. *Alceu Amoroso Lima por Otto Maria Carpeaux*. *Op. cit.*, p. 11.

¹² *Idem*, p. 07.

¹³ “Entrevista com Alceu Amoroso Lima”. In CARPEAUX, Otto Maria. *Alceu Amoroso Lima por Otto Maria Carpeaux*. *Op. cit.*, pp. 133-169.

¹⁴ “Homenagem de Alceu Amoroso Lima ao brasileiro Otto Maria Carpeaux”. In CARPEAUX, Otto Maria. *Alceu Amoroso Lima por Otto Maria Carpeaux*. *Op. cit.*, pp. 171-173.

¹⁵ Tais como Alceu Amoroso Lima, o ensaísta e biógrafo Francisco Assis Barbosa, o arquiteto Oscar Niemeyer, os poetas Ferreira Gullar e Thiago de Mello,

como mestres de cerimônia o casal de atores Fernanda Montenegro e Fernando Torres. Além de ler depoimentos e declamar poesias em memória do homenageado, os mestres de cerimônia foram responsáveis por dramatizar a história da fuga, do exílio e da permanência de Carpeaux no Brasil, a partir dos anos 1930.

Outra homenagem pública ocorreu no Senado Federal, em maio de 1978, através do pronunciamento do senador Dirceu Cardoso em memória de Carpeaux, com direito a aportes de correligionários e da posterior publicação de um pequeno livreto contendo a íntegra da intervenção.¹⁶ Em 1980 ‘Otto Maria Carpeaux’ chegou a ser cotado como nome de logradouro público, no Rio de Janeiro. Ao que tudo indica, porém, a homenagem não foi concretizada.¹⁷

A medida em que parte do volumoso conjunto de artigos escritos em vida por Carpeaux passou a ser reeditado ou coligido e publicado pela primeira vez, os prólogos de caráter biográfico somaram-se àquele primeiro ciclo reminiscente, desta vez pautados mais claramente pela relação autor-obra, embora ainda escritos por pessoas que foram próximas de Carpeaux. *Sobre letras e artes*¹⁸ é um exemplo. Trata-se de uma seleção de artigos escritos por Carpeaux entre 1946 e 1947 para o suplemento literário de mesmo nome, parte integrante do jornal *A Manhã* (Rio de Janeiro). Organizado por Alfredo Bosi, *Sobre letras e artes* foi publicado pela editora Nova Alexandria em 1992 e também traz um prefácio assinado em que o sentido de depoimento dá o tom – Alfredo Bosi o intitulou *Relendo Carpeaux*.¹⁹ O mesmo Bosi já havia publicado, em 1988, sob o título *Carpeaux e a dignidade das letras*, um capítulo específico sobre o crítico na coletânea *Céu, Inferno – Ensaio de crítica literária e ideológica*.²⁰

o filólogo Antônio Houaiss, o ensaísta Alberto Passos Guimarães, o jornalista e historiador Hélio Silva, dentre outros.

¹⁶ Pronunciamento transcrito em livreto, publicado pela editora do Senado Federal. Cf.: Oc. Dc 03, Documentos complementares. *Açervo da Fundação Casa de Rui Barbosa*. Arquivos Pessoais de Escritores Brasileiros – APEB. Fundo/Coleção: Otto Maria Carpeaux.

¹⁷ Cf.: *Jornal Folha de S.Paulo*, 25/05/1980, p. 28.

¹⁸ CARPEAUX, Otto Maria. *Sobre letras e artes*. Seleção, organização e prefácio de Alfredo Bosi. São Paulo: Nova Alexandria, 1992.

¹⁹ BOSI, Alfredo. “Relendo Carpeaux” *Idem*, pp. 09-13. A mesma editora seria responsável por relançar, em 1994, *A literatura alemã*, cuja primeira edição havia sido lançada por Carpeaux em 1964. Cf.: CARPEAUX, Otto Maria. *A literatura alemã*. 2ª ed. São Paulo: Nova Alexandria, 1994. [1ª ed. São Paulo: Ed. Cultrix, 1964].

²⁰ BOSI, Alfredo. “Carpeaux e a dignidade das letras” In _____ *Céu, Inferno – Ensaio de crítica literária e ideológica*. São Paulo: Ed. Ática, 1988, pp. 167-169.



Livreto da homenagem de Dirceu Cardoso no Senado Federal. Acervo: Fundação Casa de Rui Barbosa

É notório que os relançamentos das obras de Carpeaux e os textos memorialísticos que os acompanham neste segundo ciclo foram responsáveis por causar certo impacto no meio literário. Leandro Konder é um exemplo de intelectual que conviveu pessoal e profissionalmente com Carpeaux e cujas memórias dessa convivência, em sua grande parte durante a ditadura militar brasileira, foram compartilhadas com um público maior, através de pequenas crônicas jornalísticas ou de escritos de maior fôlego. Em 1991, por exemplo, Konder dedicou-lhe capítulo em seu livro *Intelectuais Brasileiros e Marxismo*,²¹ em que descreve uma das atividades de oposição à ditadura compartilhada com Carpeaux – precisamente um debate promovido pela editora *Civilização Brasileira* na cidade mineira de Juiz de Fora.

Já em 1999 chegaria às livrarias o primeiro fruto de um projeto conjunto e ambicioso das editoras cariocas *Topbooks* e *UniverCidade*, *Ensaios Reunidos – vol. I (1942-1978)*.²² Com quase mil páginas e trazendo na íntegra

²¹ KONDER, Leandro. “Otto Maria Carpeaux (1900-1978)” In _____ *Intelectuais Brasileiros e Marxismo*. Belo Horizonte: Oficina de Livros, 1991, pp. 59-64.

²² CARPEAUX, Otto Maria. *Ensaios reunidos – vol. I (1942-1978)*. Organização, introdução e notas Olavo de Carvalho. Rio de Janeiro: Topbooks/UniverCidade, 1999.

seis livros lançados em vida por Carpeaux, incluindo os dois primeiros publicados no Brasil, *A Cinza do Purgatório* e *Origens e Fins*, o volume organizado por Olavo de Carvalho e o projeto que com ele se iniciava parecia suprir um hiato geracional e editorial acerca das obras há muito esgotadas de Carpeaux. O segundo volume²³ foi publicado em 2005 trazendo, além de alguns prefácios e introduções assinados pelo crítico, uma pequena parte das centenas de artigos dispersos, não coligidos em livros, escritos por Carpeaux entre as décadas de 1940, 50 e 60 para suplementos literários dos jornais *O Jornal* e *A Manhã* (do Rio de Janeiro) e *O Estado de S. Paulo* (da capital paulista).

Em comum nesses volumes – apenas os dois até então publicados, dos dez previstos pelo projeto inicial – são justamente os paratextos de cunho memorialístico e/ou biográficos que os acompanham. O segundo volume é mais econômico na apresentação de Carpeaux: além de uma breve nota editorial e de uma página final de agradecimentos, traz um reminescente e longo prefácio assinado pelo então presidente da Academia Brasileira de Letras, Ivan Junqueira, que havia sido amigo e companheiro de trabalho de Carpeaux.²⁴ Já o primeiro volume, além de uma nota de edição que explicita o hercúleo e conjunto projeto das editoras,²⁵ traz uma ‘Cronologia da vida e da obra de Otto Maria Carpeaux’²⁶ e um extenso ensaio memorialístico – denominado de ensaio biográfico – assinado pelo seu organizador, Olavo de Carvalho. *Introdução a um exame de consciência*²⁷ foi o título atribuído por ele ao ensaio em que [re]apresenta Carpeaux, vinte e um anos depois de sua morte.

À guisa de esquematização, poderíamos considerar que esse ensaio de fôlego (quase 50 páginas) assinado por Olavo de Carvalho representa uma espécie de ponte entre os ciclos memorialísticos e os estudos acadêmicos sobre Otto Maria Carpeaux. Menos pelo ensaio em si – francamente personalista, há muito de ‘exame de consciência’ do próprio Olavo de Carvalho nele, recordando e julgando um período em que era um

²³ CARPEAUX, Otto Maria. *Ensaaios Reunidos* – vol. II (1946-1971). Rio de Janeiro: Topbooks/UniverCidade, 2005.

²⁴ JUNQUEIRA, Ivan. “Mestre Carpeaux” *Idem*, pp. 17-45. Tratarei deste prefácio no final do capítulo.

²⁵ CARVALHO, Olavo de. “Nota sobre esta edição” In CARPEAUX, Otto Maria. *Ensaaios reunidos* – vol. I. *Op. cit.*, pp. 71-73.

²⁶ “Cronologia da vida e da obra de Otto Maria Carpeaux” *Idem*, pp. 74-76.

²⁷ CARVALHO, Olavo de. “Introdução a um exame de consciência” *Op. cit.*, pp. 15-69.

“jornalista profissional e militante comunista”²⁸ e Carpeaux, um “mestre” em potencial²⁹ – e mais pelo esforço biográfico e totalizante esboçados pelo ensaio, bem como pela ‘tarefa’ que Olavo de Carvalho atribuiu aos interessados na figura e na obra de Carpeaux, qual seja, a de resgatar seu passado áureo, localizado nos seus primeiros anos no Brasil³⁰, e abandonar o caráter ‘militante’ da última fase de Carpeaux.” É possível, portanto, encará-lo como um gesto memorialístico – construído que está sobre *argumentum ad verecundiam*.

Compõem um terceiro e atual ciclo memorialístico as apresentações e prefácios, algumas resenhas e crônicas escritas por antigos amigos ou por pessoas que mantiveram algum tipo de contato em vida com Otto Maria Carpeaux – quase sempre a rescaldo dos últimos relançamentos da *História da Literatura Ocidental* (respectivamente a 3ª edição, em 2008, pela Editora Senado e a 4ª edição, pela Editora Leya, em 2011).

Uma espécie de disputa em torno da memória de Carpeaux, constituída pelos dois ciclos anteriores (militante, erudito, católico, apóstata, marxista, etc.) quase sempre dá o tom à ‘rememoração’ de sua *persona*; quando não, um breve resumo biográfico e uma descrição do tipo e da frequência do contato com Carpeaux são evocados por quem o relembra. São apenas alguns exemplos: *A história de Carpeaux* e *Lembranças de Carpeaux*³¹, ambos escritos por Ivo Barroso, sendo o segundo texto de caráter memorialístico e o primeiro mais próximo da resenha crítica, embora contando com inúmeros dados biobibliográficos; e uma breve resenha sobre a *História da Literatura Ocidental*, também prenhe de dados biográficos, publicada no suplemento literário *Sabático*, por Sérgio Augusto: *Com dois mestres de Viena*³².

Mesmo temporalmente distante da época de convívio com Carpeaux – ou justamente por isso –, é quase sempre perceptível um tom de autoridade nessas ações memorialísticas atuais. E para isto concorre o

²⁸ *Idem*, p. 41 [nota 44]. Como será visto, embora este tom personalista seja a propulsão do ensaio, no decorrer dele o ‘exame de consciência’ do próprio Olavo de Carvalho vai deixando as notas de rodapé para assumir o corpo do texto.

²⁹ *Idem*, p. 68.

³⁰ *Idem*, p. 43

³¹ Respectivamente: BARROSO, Ivo. “A história de Carpeaux” In *Jornal O Estado de S.Paulo*, São Paulo, 02/11/2008, p. 01 [Caderno 2]; _____. “Lembranças de Carpeaux” In *Jornal Folha de S.Paulo*, São Paulo, 04/07/2010, p. 07 [Ilustríssima].

³² AUGUSTO, Sérgio. “Com dois mestres de Viena” In *jornal O Estado de S.Paulo*, São Paulo, 03/12/2011, p. 2 [Sabático].

aspecto sedimentar com a qual a *persona* de Carpeaux vem sendo ‘assentada’ – a do típico *scholar* europeu exilado e adaptado nos trópicos, portador de uma bagagem cultural exemplar e distante de grandes polêmicas extra-intelectuais – diferente, portanto, da *persona* Carpeaux construída logo após a sua morte ou nos anos subseqüentes a ela.

Atualmente, porém, quem ajuda a revolver a imagem de Carpeaux como combatente da ditadura é Carlos Heitor Cony. Dada a sua atual presença na imprensa falada e escrita, não raro Cony dedica uma crônica ou menciona em alguma inserção radiofônica seu convívio com Otto Maria Carpeaux. Companheiros no *Correio da Manhã*, ambos também estiveram juntos nos “mambembes não remunerados e estranhíssimos” que representavam as “palestras agendadas por diretórios de estudantes e centros de estudos”, proferidas em diversos estados do país durante e contra a ditadura.³³ Porquanto, também é esta a imagem do próprio Cony que vem sendo construída nos últimos anos.

Foi, portanto, com um misto de atenção e um quê de esquematismo que foram traçados os três ciclos memorialísticos sobre Otto Maria Carpeaux desde a sua morte até os dias atuais, apresentados a seguir.



Carpeaux e Cony em 1966. Acervo:
website carlosheitorcony.com.br

Um homem e seu tempo

Duas semanas depois da morte de Carpeaux, uma carta assinada por Helena Carpeaux foi publicada na página 10 do *Jornal do Brasil*, em que a viúva chamava a atenção para algumas informações incorretas sobre o seu marido e sobre o seu sepultamento, publicadas dias antes por aquele mesmo jornal. Em especial, incomodou a “dispensa de serviço fúnebre

³³ Cf.: CONY, Carlos Heitor. “O assombro das noites” In *Jornal Folha de S.Paulo*, São Paulo, 19/11/2003.

baseado nos ritos da Igreja Católica, além da recomendação de que não se enviassem flores”³⁴, atribuídas pela reportagem do *JB* como vontade última de Otto Maria Carpeaux.

De fato, já no título da pequena reportagem que cobriu o enterro de Carpeaux (não confundir com a grande matéria sobre a sua morte publicada um dia antes, pelo mesmo jornal), tal relação é explícita: “Carpeaux é sepultado como pediu: com amigos, sem padre e sem flores.”³⁵ E ao largo de informações pontuais sobre o local e o horário do enterro, o número aproximado de presentes e da transcrição de pequenos depoimentos de alguns destes, a breve nota mais uma vez ratificou: “Por sua vontade, não teve padre e sua urna sem cruz também nunca esteve coberta de flores.”³⁶ A mesma informação foi publicada pelo jornal *Folha de S.Paulo*, que destacou a sobriedade da cerimônia – “seu corpo não foi encomendado, não houve flores nem discurso em seu enterro”³⁷ – e igualmente pelo *O Estado de S.Paulo* – “de acordo com desejo manifesto pelo crítico, Otto Maria Carpeaux não queria flores nem a cruz como símbolo em sua urna funerária ou em anúncios impressos.”³⁸

Na carta enviada ao *JB*, Helena Carpeaux atribuiu a si todas as escolhas quanto ao cerimonial fúnebre, afirmando que não “recebera de Otto nenhuma palavra que exprimisse suas últimas vontades”³⁹ e se agira assim foi para simplificar a cerimônia e “diminuir ao máximo os aspectos exteriores daquelas horas de incertezas e dor.” Ao que acrescentou: “Tanto mais que meu marido foi homem simples, avesso a toda ostentação, e de hábitos austeros.”

Visivelmente incomodada quanto à interpretação daquela vontade última “a uma suposta posição agnóstica” por parte de Otto, Helena Carpeaux encerrou a sua breve carta assim:

Otto, embora não fosse um homem religioso, jamais se manifestou contra os ritos da Igreja. Ao contrário, em suas reflexões sobre os problemas do homem e da sociedade, esteve sempre muito perto do cristianismo e da cultura cristã, presentes em sua

³⁴ CARPEAUX, Helena. “Otto Maria Carpeaux” In *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 17/02/1978, p. 10.

³⁵ “Carpeaux é sepultado como pediu: com amigos, sem padre e sem flores” *Op. cit.*, p. 20.

³⁶ *Idem.*

³⁷ “Drummond louva Carpeaux” *Op. cit.*, p. 06.

³⁸ “Otto Maria Carpeaux morre aos 77 anos” In *Jornal O Estado de S.Paulo*. *Op. cit.*, p. 08.

³⁹ CARPEAUX, Helena. “Otto Maria Carpeaux” *Op. cit.*, p. 10.

formação e em seus ideais de justiça social. Helena Carpeaux – Rio de Janeiro⁴⁰

A questão de uma possível apostasia do catolicismo por parte de Carpeaux, ligada ou não à sua ação política dos últimos anos de vida, pode ser tomada como uma espécie de ‘ruído’ das primeiras imagens póstumas construídas pelas pessoas mais próximas a ele – Helena Carpeaux à frente, mas também Alceu Amoroso Lima, como será visto adiante.

O jornal *O Globo*, na matéria sobre a morte de Carpeaux do dia 10 de fevereiro⁴¹, destacou a vontade de sua viúva de que nem ao menos se velasse o corpo de Carpeaux – desejo de que foi demovida por “alguns amigos próximos do escritor.” A matéria, não assinada, prosseguiu citando palavras que teriam vindo da própria Helena Carpeaux: “O corpo poderia ser velado até a hora do sepultamento, *‘mas não seria permitido nenhuma cruz sobre o caixão porque Otto era materialista.’*”⁴²

O desejo de Helena Carpeaux para que se evitassem a remessa de coroas e flores ao cemitério, ou que se evitasse a inscrição da cruz nos anúncios fúnebres dos jornais, foram registrados pela matéria d’*O Globo*, que explicava ao seus leitores: “O motivo é o mesmo: Carpeaux não tinha religião e era homem simples [...] Por isso Carpeaux será sepultado sem pompas, sem cruzeiros, com alças prateadas e [esquife] de cor marrom.”⁴³ Ainda segundo *O Globo*, um outro desejo de Helena Carpeaux, entretanto, não fora cumprido: “O desejo anterior era que o ataúde fosse todo branco. Mas a Santa Casa de Misericórdia não concordou, alegando que o branco somente é usado para sepultamento de crianças e mulheres virgens.”⁴⁴

⁴⁰ *Idem.*

⁴¹ “Morre aos 77 anos no Rio o escritor Otto Maria Carpeaux. In jornal *O Globo*, Rio de Janeiro, 04/02/1978, p. 10.

⁴² *Idem.* [Itálicos meus].

⁴³ *Ibidem.*

⁴⁴ *Ibidem.*



Helena e Otto Maria Carpeaux.
Reprodução de *Ensaios Reunidos vol. I*
UniverCidade/Topbooks

Afora esses exemplos relacionados ao sepultamento em si, o tema da religiosidade parece não ter ganhado maiores destaques nos necrológios e nos depoimentos publicados naqueles primeiros meses de 1978; senão, aqui ou acolá, justamente como ‘ruído’.

De fato, é a imagem de Otto Maria Carpeaux como um humanista engajado que se destaca na rememoração e nas homenagens prestadas a ele imediatamente à sua morte. Os leitores de um diário como o *Jornal do Brasil*, por exemplo, acessaram a história da vida de Otto Maria Carpeaux a partir de sua luta contra os governos militares, do ônus que esta luta lhe causou em termos profissionais, mas também de sua voluntariosa entrega a esta mesma luta em defesa intransigente das liberdades.

Já na pequena nota na primeira página do *Jornal do Brasil*, de 04 de fevereiro de 1978⁴⁵, após um burocrático título informando a morte, a sua causa e a idade que contava ao falecer –incorreta, aliás –, grafou-se a seguinte frase, atribuída a Carpeaux: “Não posso e não quero ser livre como intelectual quando existe a escravidão dos outros.”⁴⁶ Ao que seguiram algumas informações pontuais sobre sua nacionalidade e sua naturalização brasileira, o motivo de sua vinda ao Brasil – “fugindo do nazismo” – e dados de sua hospitalização, morte, velório e enterro – “hoje, às 11h, no São João Batista.” Antes de remeter à matéria principal do Caderno B, a nota de chamada destacou: “Deixa, entre outras obras, uma

⁴⁵ “Otto M. Carpeaux morre do coração aos 78 anos” In *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 04/02/1978, p. 01. Carpeaux não chegou a completar 78 anos, só o faria se tivesse vivido até 09 de março daquele ano.

⁴⁶ *Idem*.

História da Literatura Brasileira e um artigo: FMI – Fome e Miséria Internacional.²⁴⁷

Abrindo a matéria do Caderno B⁴⁸, e após um *lead* simples, a imagem escolhida para apresentar Carpeaux foi a de seu comparecimento ao Departamento de Polícia Federal, ainda em 1967, em função do IPM aberto pela publicação de *FMI – Fome e Miséria Internacional*.

A imagem trazida pela matéria é a de “um homem velho, bastante curvado e não muito sadio” comparecendo à Polícia Federal, o qual, mesmo tendo apresentado carteira de identidade, passara por todo o processo de identificação policial – “obrigaram-lhe a tirar cinco vezes suas impressões digitais e anotaram sua altura, cor dos cabelos e olhos, e demais sinais de identificação” –, respondendo o interrogatório a “seu inquisidor, um coronel” e, por fim, processado “pelo suposto crime de opinião”. Se havia alguma tendência desta imagem resvalar na vitimização do seu personagem, o parágrafo seguinte logo afasta esta possibilidade. É quando Carpeaux é identificado e sua ‘aventura’ contra o aparato autoritário brasileiro é, de certa maneira, esvaziada de ineditismo, diante da própria história de sua vida:

Para o velho, isso não era novidade. O velho chamava-se Otto Maria Carpeaux, austríaco de nascimento, e se estava no Brasil havia mais de 20 anos, era porque, no fim da década de 30, fugira de outras leis de segurança em seu país, anexado pela Alemanha. Naquela época, em 1938, conseguira fugir, porque ainda era moço e pretendia fazer grandes coisas. Fugira de forma aventureira para Roma [...] Suíça [...] Paris [...] Antuérpia. [...] Mas o iminente perigo de guerra, em 1939, ameaçava a Bélgica de nova ocupação alemã, e ele sabia que não havia heroísmo em cair desarmado nas mãos dos nazistas. Isso o induziu a vir.⁴⁹

Interessa notar a forma como o autor daquelas linhas maneja os dados da fuga e dos exílios europeus de Carpeaux e, aproveitando-se da aporia já trabalhada por Marcelo Gomes Leite no seu documento biográfico sobre Carpeaux, aproxima duas imagens distintas daquele

⁴⁷ *Ibidem*.

⁴⁸ “Otto Maria Carpeaux (1900-1978) – Um representante do seu tempo”

Op. cit.

⁴⁹ *Idem*.

homem (1938-9 – 1967) para criar uma terceira, muito cara ao momento em que o país atravessava em 1978, que era a de uma certa resignação (o velho) somada à esperança e a um ímpeto de luta (o novo) – bem aos moldes da ‘abertura lenta, segura e gradual’ sob qual então se vivia:

Mas isso, ele sabia, sentado ali diante do interrogador, fora há mais de 20 anos. Agora estava velho, alquebrado, não tinha mais vontade de fugir. Acuado, ia lutar em defesa de seus direitos e sobretudo de sua liberdade, por mais esmagadores que fossem seus adversários.

E tinha armas para isso [...] Ele próprio já dissera que a arte de sobreviver à permanência de situações precárias e duvidosas é eminentemente austríaca.⁵⁰

Única fonte citada, os dados biográficos constantes em *O velho e o Novo* ganharam destaque ao longo do texto. Além destes – formação e passado político europeu, exílio, primeiros anos no Brasil –, a atuação de comentarista internacional e editorialista do *Correio da Manhã* e o ímpeto de engajamento político de Carpeaux – “um dever rigoroso, um imperativo acima de todos os imperativos”, segundo suas palavras – servem para que o autor daquela matéria retorne à forja da imagem política: “Foi essa crença que norteou a sua vida, como escritor e jornalista. [...] O que o levou a escrever o artigo pelo qual estava sendo processado: *FMI*. [...] Mas não era uma crença radical.” O senão abre espaço para o autor finalizar o texto citando os “gostos ecléticos literários” de Carpeaux – “Hemingway, Sartre, Brecht, Pratolini, Joyce” –, chegando a Machado de Assis e Graciliano Ramos. E a própria lista das obras publicadas por Carpeaux, muito comum em necrológios de escritores, é reduzida a uma única menção aos oito volumes da *História da Literatura Ocidental*, de uma “*História da Literatura Brasileira*”⁵¹ e da *Nova História da Música*.

Não fossem esses exemplos, o título e a frase final da matéria – “Otto Maria Carpeaux, até a sua idade, era um fiel representante de seu tempo – tinha a idade do século”, as suas duas fotos publicadas com o texto sugeririam, no mínimo, a imagem do intelectual engajado. Na maior, ocupando posição nobre na página, vê-se um Carpeaux sentado, olhos voltados para a leitura que toma com as duas mãos, atentamente, numa postura de palestrante. Não há maiores referências quanto à data ou à ocasião da foto, mas na legenda lê-se: “Otto Maria Carpeaux não gostava

⁵⁰ *Ibidem*.

⁵¹ Muito provavelmente o autor se referiu à *Pequena Bibliografia Crítica da Literatura Brasileira*, publicada em 1949.

de ser chamado de erudito e sua atividade o levou, em 1967, a ser interrogado na Polícia Federal.” Na segunda foto, bem menor, menos nítida e sem quaisquer referências ou legenda, tampouco o vemos num ambiente interno, seja em sua casa ou numa das salas do *Petit Trianon*. É uma foto em grupo, Carpeaux e mais quatro homens na rua (seriam companheiros seus do *Correio da Manhã?*), em nítido ‘instante de movimento’. Em movimento!

Há de se considerar o momento que o país atravessava em 1978 e mesmo o papel político desempenhado por periódicos como o *Jornal do Brasil* naquela época. Se hoje sabemos o desfecho com o qual os militares deixaram o poder em 1985 (em vários sentidos amargos, vide a Lei de Anistia, de 1979), naquele contexto o futuro do país era, no mínimo, incerto.

O ‘horizonte de expectativas’, para dizer com Koselleck⁵², era calibrado por um projeto de abertura política dirigida pelos detentores do poder; uma abertura de certa forma incerta, se levarmos em conta a pressão dos grupos ‘Linha Dura’ no interior das Forças Armada, mas, por outro lado, impulsionada por toda uma parcela de sindicalistas, políticos, intelectuais, clérigos, artistas que, acompanhando o desgaste, inclusive internacional, da legitimidade dos governos militares, ousaram explorar as brechas daquela estrutura que, em 1978, já perdurava por quase uma década e meia.

É por essa chave de leitura que melhor se compreende a “evocação da vida” de Otto Maria Carpeaux realizada no plenário do Senado Federal, em maio daquele ano. O registro desta homenagem – uma pequena encadernação contendo o discurso do senador Dirceu Cardoso, bem como os respectivos apartes – se encontra entre os documentos da Coleção OMC na Fundação Casa de Rui Barbosa.⁵³

Senador pelo MDB do Espírito Santo, eleito quando da acachapante vitória de seu partido nas eleições de 1974, Dirceu Cardoso não cobrou qualquer vínculo pessoal com o homenageado, sendo mesmo o seu panegírico uma colagem dos necrológios e dos depoimentos de pessoas mais próximas de Carpeaux publicados nos jornais daquele período, como o de Ferreira Gullar, de Drummond e de Alceu Amoroso Lima.

Embora tenha se concentrado mais na nacionalidade brasileira adotada por Carpeaux e na contribuição daquele “homem de letras” para o

⁵² KOSSELECK, Reinhart. *Futuro passado*. Contribuição à semântica dos tempos históricos. Trad.: Wilma Patrícia Mass e Carlos Almeida Pereira. Rio de Janeiro: Editora Contraponto/PUC-RJ, 2006.

⁵³ “OC Dc 03, Documentos complementares” *Op. cit.*

alargamento das “fronteiras literárias e nacionais”⁵⁴, Dirceu Cardoso abriu o seu pronunciamento com um breve resumo do passado europeu de Carpeaux; de sua chegada atribulada ao Brasil e de sua resolução, tempo depois, de permanecer no país; e de suas atividades como editorialista do *Correio da Manhã*, “seus artigos eram políticos, seus rodapés era de crítica literária” – formando um conjunto lógico que lhe permitiu cravar: “A luta pela liberdade era a sua luta.”⁵⁵

Em sequência – e um momento antes de ‘colar’ ao seu pronunciamento aquela imagem publicada no necrológio do *Caderno B*, a do velho septuagenário perante o seu ‘inquisidor’ –, Dirceu Cardoso apresenta a sua própria imagem de Carpeaux, a de um “fanático da liberdade”:

Um dia, ao deixar o serviço com alguns companheiros, as ruas do Rio estavam sacudidas pelas passeatas de estudantes, e se traçou a norma, que passou aos demais, de se absterem da agitação. À saída, entretanto, o guarda-chuva que não se afastava sob o braço, vê um policial arrastando uma manifestante. Não se conteve e investiu contra ele: libertou-a. O seu espírito de luta, porém, fazia com que o considerassem ora fascista, ora comunista. Mas ele era um fanático da liberdade; fanatismo mesmo.⁵⁶

Drummond e a ‘noite de Carpeaux’ no Teatro Casa Grande

Foi por aquela incerta conjuntura que Carlos Drummond de Andrade lamentou a morte de Carpeaux: “Para mim, a maior tristeza da morte de Carpeaux está em que ele desaparece numa conjuntura nacional (e internacional) ainda sem sentido ou definição suficiente, e ele era homem que buscava o sentido das coisas. [...] Não viu abrir-se o futuro.”⁵⁷

Arredio a entrevistas e eventos públicos, além de usar o espaço que dispunha no *Caderno B* do *Jornal do Brasil* para render homenagens a Carpeaux e lembrar de sua amizade de mais de três décadas com ele⁵⁸, Drummond teceu alguns breves comentários quando do velório de

⁵⁴ *Idem*, p. 10.

⁵⁵ *Idem*, p. 04.

⁵⁶ *Idem*.

⁵⁷ ANDRADE, Carlos Drummond de. “Antes do amanhecer” In *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 11/02/1978, p. 10 [Caderno B].

⁵⁸ *Idem*; ANDRADE, Carlos Drummond de. “Lembrança de Viena” In *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 14/02/1978, p. 10 [Caderno B].

Carpeaux⁵⁹ e havia prometido participar do ato público em memória de Carpeaux ocorrido no Teatro Casa Grande, no Rio de Janeiro, em 06 de março daquele ano.

A deferência por parte de Drummond era destacada pelas notas e matérias na imprensa, e a promessa de sua presença no Teatro Casa Grande chegou a ser destaque numa das chamadas do *Jornal do Brasil*, dias antes do evento: “À memória de Carpeaux – Pela primeira vez, o poeta Carlos Drummond de Andrade participará de um ato público[...]”⁶⁰

Tanto na entrevista quanto nos textos publicados do *Caderno B* – um dos quais uma transcrição do apresentado no Teatro Casa Grande –, Drummond frisou o caráter erudito e universal de Otto Maria Carpeaux, mas sempre através da chave do humanismo – o que lhe teria permitido “ser crítico de ideias e profissional da literatura enquanto pode”⁶¹ mas sensível o suficiente para “dedicar-se com exclusividade à defesa dos princípios humanos de liberdade espiritual e física, e de independência política e econômica de determinado país: o Brasil.” Citando textualmente o ato de defecção de Carpeaux em relação ao meio literário⁶², Drummond prossegue: “Como se tornou impossível publicar o que escrevia, fechou-se num silêncio terrível, que era ainda forma de expressão. Silêncio carregado também de sentido[...]”⁶³

A exemplo do necrológico não assinado do *Caderno B*, Drummond aproxima os dois momentos em que Carpeaux viu-se de frente e posicionou-se contra regimes autoritários (o pré-*Anschluss* e o pós-1964), afirmando mesmo que “sua posição intelectual não deixava margem a dúvidas. Não atitude, mas constante do espírito analítico, vivificado pela tradição humanista.”⁶⁴

Por fim, depois de lamentar a ausência de Carpeaux ‘antes do amanhecer’ – “Ele tarda a chegar? A meteorologia nos previne que, mesmo

⁵⁹ Comentários publicados no *Jornal do Brasil* – “Carpeaux é sepultado como pediu: com amigos, sem padre e sem flores” *Op. cit.*; e no jornal *Folha de S.Paulo* – “Drummond louva Carpeaux” *Op. cit.*

⁶⁰ “À memória de Carpeaux” In *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 01/03/1978, p. 3 [Caderno B].

⁶¹ ANDRADE, Carlos Drummond de. “Antes do amanhecer” *Op. cit.*

⁶² Ato plasmado na ‘Nota Prévia’ de uma publicação de 1968, em que Carpeaux considerava “encerrado o círculo de amigos da literatura” e concentrava esforços e capacidade de trabalho para a libertação do Brasil e do povo brasileiro. Cf.: a imagem *Outras frentes, outros interlocutores* In capítulo 2 de *Imagens possíveis*.

⁶³ ANDRADE, Carlos Drummond de. “Antes do amanhecer” *Op. cit.*

⁶⁴ *Idem*.

para os pessimistas, há um amanhecer”⁶⁵ –, Drummond ainda tem tempo de contribuir ao ‘ruído’ das primeiras imagens póstumas de Carpeaux:

Se Carpeaux não pôde esperá-lo [o amanhecer], imagino que se terá consolado ou embalado na penumbra de seu quarto de apartamento que era de algum modo um templo onde ele rezava as suas orações. Estou delirando? Não. Leiam em sua obra *Livros na Mesa*, edição de 1960, página 131, o seguinte trecho: ‘João Sebastião Bach nunca será levado aos altares. Não lhe veneraremos a imagem na igreja. Mas na sala de concertos e em nossa casa temos o direito de dizer as palavras que definem quem Bach é: Sancte Joannes Sebastiane, ora pro nobis!’⁶⁶

Para além de um projeto de abertura política institucional, ‘de cima para baixo’, iniciado pelo governo Geisel a partir de 1974, é notório que vários outros fatores concorreram para a concretização desta abertura. A consternação e os movimentos de protestos e repúdio que se seguiram à morte de Vladimir Herzog, em 1975, e do metalúrgico Manuel Fiel Filho, em 1976, por exemplo, foram fatores expressivos, dada a capacidade de mobilização no seio da sociedade civil e do grande impacto internacional que tanto a prisão e o assassinato de Vlado – encoberto pelas autoridades por um pretenso e, desde o início, desacreditado suicídio – quanto o de Fiel Filho causaram.

Guardadas as proporções e algumas diferenças sensíveis na conjuntura de dois, três anos antes, a cerimônia em homenagem que um grupo de amigos rendeu a Carpeaux, no Teatro Casa Grande, pode ser acrescida na lista dos grandes lances ou dos pequenos atos ‘vindo de baixo’, que concorreram para a Abertura Política e para o fim dos governos militares no Brasil.

Se o *Jornal do Brasil* passou de um legitimador dos primeiros governos militares para, nos anos 1970, ser um periódico que acolheu vozes importantes contra o regime⁶⁷, o Teatro Casa Grande desde o início emprestou seus palcos para atos importantes de oposição à Ditadura, por

⁶⁵ *Ibidem*.

⁶⁶ *Ibidem*.

⁶⁷ Para o papel do *Jornal do Brasil* como legitimador do regime nos primeiros anos da Ditadura, Cf.: VASCONCELOS, Cláudio Beserra de. *A preservação do Legislativo pelo Regime Militar Brasileiro. Op. cit.*

onde passaram espetáculos musicais, peças, ciclos de debates e encontros de intelectuais e artistas de resistência ao regime.⁶⁸

Criado em 1966 como ‘Café Teatro Casa Grande’ e transformado em ‘Teatro Casa Grande, em 1969⁶⁹, abrigou *shows* e peças de cantores e autores hoje consagrados, como Chico Buarque, Milton Nascimento, Caetano Veloso, Oduvaldo Vianna Filho, Bibi Ferreira, Ferreira Gullar, dentre outros, além de sediar um coletivo chamado “Grupo Casa Grande”, responsável pela promoção de três “Ciclos de Debates da Cultura” (1975, 1977 e 1978), um “Ciclo de Debates sobre Economia (1976)⁷⁰, e um “Encontro de jornalistas para a retomada do Sindicato” (1978).⁷¹

⁶⁸ É na tese sobre o ‘evento’ *Gota D’água* (como a autora Miriam Hermeto conceituou o processo de montagem do espetáculo *Gota D’água*, de Paulo Pontes e Chico Buarque) que há uma melhor contextualização do Teatro Casa Grande e do grupo Casa Grande, tomados pela autora como ‘espaços de sociabilidade’ importantes para o campo artístico-intelectual carioca e brasileiro de meados da década de 1970. Cf.: HERMETO, Miriam. *‘Olha a Gota que falta’: um evento no campo artístico-intelectual brasileiro (1975-1980)*. Tese (Doutorado em História). Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2010. Agradeço à Miliandre Garcia, uma incansável e generosa pesquisadora do campo teatral brasileiro, pela preciosa informação.

⁶⁹ As informações que se seguem foram colhidas na seção *História do website* do teatro, agora denominado de “Oi Casa Grande”. Como ‘mito de origem’, a mesma seção informa que: “Os amigos de infância Max Haus, Moysés Ajhaenblat e Moisés Fuks uniram-se ao companheiro ‘de mesmos ideais políticos e culturais’ Sérgio Cabral Santos [...] e fundaram, no dia 25 de agosto de 1966, o Café-Teatro Casa Grande.” Cf.: <<http://oicasagrande.oi.com.br/historia>> acesso 10 jan. 2015.

⁷⁰ Esses debates foram responsáveis por levar ao Rio de Janeiro, pela primeira vez, o então metalúrgico e sindicalista Luiz Inácio da Silva, que “falou a uma plateia formada por políticos e estudantes”. Cf.: <<http://oicasagrande.oi.com.br/historia>> acesso 10 jan. 2015.

⁷¹ *Idem*.

Carlos Drummond de Andrade

ANTES DO AMANHECER

D EIXEI passar o carnaval po-
ner escrever alguma coisa
sobre Otto Maria Car-
peaux. Contei de sua nar-
ração de como foi a sua
exílio no interior do carnaval,
mas não escrevi nada em suas
memórias, porque se tornou uma
grande ocasião de sentir a morte
de um homem.

Carpeaux não pôde apro-
priação da primeira de seu
curso de apartamentos que era de
quatro metros de comprimento
e quatro metros de largura. Este
tamanho não permitia, há um amon-
to.

Carpeaux não pôde apro-
priação da primeira de seu
curso de apartamentos que era de
quatro metros de comprimento
e quatro metros de largura. Este
tamanho não permitia, há um amon-
to.

Carpeaux não pôde apro-
priação da primeira de seu
curso de apartamentos que era de
quatro metros de comprimento
e quatro metros de largura. Este
tamanho não permitia, há um amon-
to.

Carpeaux não pôde apro-
priação da primeira de seu
curso de apartamentos que era de
quatro metros de comprimento
e quatro metros de largura. Este
tamanho não permitia, há um amon-
to.

Crônica de Drummond no *Jornal do Brasil* e chamada para o evento em homenagem a Carpeaux no *Teatro Casa Grande*, Rio de Janeiro. Acervo: JB

Tendo contado com a promoção quase diária do *Jornal do Brasil*⁷², a cerimônia em homenagem a Carpeaux, ocorrida no dia 06 de março, uma segunda-feira, no Teatro Casa Grande, rendeu uma matéria de meia página do *Caderno B*, publicada dois dias depois e assinada pelo crítico teatral Maksen Luiz⁷³. Fartamente ilustrada, a única fotografia de Carpeaux presente, porém, é uma miniatura da anteriormente reproduzida na edição do dia 04 de fevereiro – aquela em que está debruçado sobre uma folha de papel. Como nesta edição do dia 08 de março, essa miniatura foi disposta no canto esquerdo superior da página, e tanto mais pela posição inclinada da cabeça e dos olhos semicerrados, próprias de quem lê, o efeito que se apreende é de um Carpeaux espectral, a acompanhar, também na reprodução do jornal, as homenagens a ele rendida na ‘sua noite’.⁷⁴

Segundo a descrição de Marksen Luiz, uma mesa ganhou cena no palco do Casa Grande e foi composta por Hélio Silva e Alberto Passos Guimarães, “companheiros dos últimos anos de vida”, Oscar Niemeyer,

⁷² “À memória de Carpeaux” *Op. cit.*; *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 04/03/1978, p. 6 [seção *Lance-Livre*]; *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 06/03/1978, p. 2 [*Caderno B*]; *Idem*, p. 07 [*Caderno B*].

⁷³ Crítico teatral do jornal *Opinião* (entre 1974 e 1977) e da revista *IstoÉ* (1977-1982), àquela época Marksen Luiz ainda não assinava a crítica teatral do *Jornal do Brasil*, posto então ocupado pelo crítico e teatrólogo Yan Michalski, que ali escreveu por mais de 20 anos. Cf.: <<http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa426996/macksen-luiz>> Acesso 10 jan. 2015.

⁷⁴ LUIZ, Marksen. “Na noite de Carpeaux – O amanhecer depois da morte”. In *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 08/03/1978, p. 5 [*Caderno B*]

“um nome universal”, o acadêmico Francisco de Assis Barbosa e os poetas Ferreira Gullar e Thiago de Mello, e presidida por Antônio Houaiss “na condição de amigo, discípulo e patrão.” Num púlpito à parte, ladeados, o casal de atores Fernanda Montenegro e Fernando Torres emprestaram suas vozes e suas atuações para “aquela que seria a parte mais emocionante da homenagem: a leitura de textos de e sobre Carpeaux”.

Helena Carpeaux, “companheira de 50 anos”, recusou o convite para integrar a mesa, preferindo “um discreto lugar na plateia”. Coube a Antônio Houaiss, portanto, “traçar o perfil do homenageado”, mencionando o seu encontro com Carpeaux já no início da década de 1940; o conhecimento deste, já naquele período, de literatura brasileira; a sua experiência como redator e editor das enciclopédias Delta e Mirador; os critérios de Carpeaux e a sua capacidade “colossal” de trabalho. Ainda no trecho da fala de Houaiss que Marksen Luiz publicou, lê-se:

Esse gigante do trabalho tinha critérios de valores que podem explicar certos malogros de sua vida. [...] A partir de 1964, no jornal *Correio da Manhã*, esse austríaco que muitos chamavam de professor, mas que desejava tão somente ‘professar a sua profissão’, viu-se ‘diante da extrema brutalidade da situação social’, frente a frente a um novo desafio. Responsável por um vasto setor da elaboração da enciclopédia, Carpeaux terminou o seu trabalho num prazo muito aquém do previsto e vivia como uma alma penada em torno de nós, ansioso para continuar a dar a sua colaboração.⁷⁵

Sempre segundo as observações de Marksen, Carlos Drummond de Andrade “não pôde comparecer”, tendo sua ausência comutada pelo envio de algumas palavras sobre Carpeaux, dramatizadas pelo casal de atores.⁷⁶

Outro ausente que teve seu texto-homenagem lido naquela noite foi Alceu Amoroso Lima, em cujas linhas aproximou Carpeaux de dois outros intelectuais europeus, Stefan Zweig e Georges Bernanos, para formar um conjunto de ‘grandes pássaros’ que tiveram o Brasil como exílio comum, embora tivessem desdobrado esse exílio de forma distinta (suicídio de Zweig, passagem fulgurante de Bernanos e aquele que ficou toda uma vida,

⁷⁵ *Idem.*

⁷⁶ Basicamente as mesmas palavras supracitadas de “Antes do Amanhecer”. ANDRADE, Carlos Drummond de. “Antes do amanhecer” *Op. cit.*

Carpeaux). Após o breve resumo desta imagem⁷⁷ operado por Marksen Luiz, lê-se: “Alceu Amoroso Lima o incluiu entre os que ‘há 14 anos lutam pela liberdade da cultura’”.⁷⁸

Em outro momento da cerimônia, após a leitura de um artigo de Carpeaux sobre o poeta García Lorca, “o texto é aplaudido entusiasticamente”, enquanto “se ouvem os acordes do Concerto de Brandenburgo”. “Que sublimam Carpeaux musical”, escreveu em sequência Marksen – citando, ainda, um segundo texto de Carpeaux, agora sobre aqueles Concertos de Bach, sobre o qual Marksen Luiz não deixa claro se foi lido na cerimônia ou incluído na matéria por deliberação sua. Sobre a profícua obra de Carpeaux, somente menção aos publicados logo após o Golpe, *O Brasil no Espelho do Mundo* e *Batalha da América Latina*. É o período que Marksen denomina de “Carpeaux jornalista político.”

Tanto na noite do Teatro Casa Grande quanto na matéria do *Caderno B*, mais uma vez o documentário de Marcelo Gomes Leite serviu como coordenada a ligar o passado de luta de Carpeaux na Europa à sua luta mais recente contra a Ditadura brasileira. Mas, se na cerimônia a sua execução teve de ser interrompida “quase no final por um problema técnico”, em seu texto Marksen Luiz faz questão de apresentá-lo aos leitores do *Jornal do Brasil*.

Das fotos que acompanham esta página, além daquela espectral de Carpeaux, somente a principal merece atenção especial, dado o caráter

⁷⁷ Como Alceu Amoroso publicou uma versão integral deste texto, e pela beleza das imagens ali presentes, vale a pena acompanhar um breve trecho dele: “Quando o abutre do século se lançou contra a Europa e ameaçou estender suas asas negras sobre toda a humanidade, com a profecia de um ‘Reich de mil anos’, três grandes procelárias da literatura universal voaram para as nossas plagas, para escapar à ira do novo Átila: Stephan Zweig, Georges Bernanos e Otto Karpfen. Cada um deles representava uma estrela luminosa no firmamento da cultura mundial. Zweig na ficção. Bernanos na religião. Karpfen no humanismo crítico. O primeiro não resistiu à tragédia da emigração. [...] De Bernanos, depois de sua fulgurante passagem pelo Rio, por Pirapora e por Barbacena só nos ficou, da presença de sua genialidade, uma página modelar de amor de compreensão pelo novo povo mais humilde e o título de um dos seus livros, ‘A cruz das Almas’. [...] De Otto Maria Karpfen, porém, o terceiro desses grandes pássaros da tempestade moderna, pousados nas nossas praias, não ficaram apenas restos efêmeros de uma tragédia transoceânica. Desse último, cujo passamento estamos hoje comemorando, em nome de toda a Inteligência Nacional, ficou incomparavelmente mais. Ficou toda uma vida[...].” Cf.: LIMA, Alceu Amoroso. “Homenagem de Alceu Amoroso Lima ao brasileiro Otto Maria Carpeaux”. *Op. cit.*, pp. 171-173.

⁷⁸ LUIZ, Marksen. *Op. cit.*

solene que os perfis de Fernanda Montenegro e Fernando Torres, ambos no púlpito e de olhos voltados aos seus respectivos textos, conferem a matéria. Na legenda: “Fernanda Montenegro e Fernando Torres iluminam o pensamento de Carpeaux, numa participação emocionada.” Das outras três, menores e localizadas no rodapé da matéria – uma de meio perfil da mesa e de seus integrantes; um plano semiaberto da plateia; e outra também de meio perfil, de uma das fileiras, tendo Marieta Severo, Chico Buarque e Mario Pedrosa como destaques – a legenda é que cumpre o papel essencial: “A mesa presidida por Antônio Houaiss prestou homenagem a Otto Maria Carpeaux, apresentando à plateia que lotou o Teatro Casa-Grande e da qual faziam parte Helena, a viúva, Chico Buarque de Holanda, Marieta Severo, e Mário Pedrosa, entre tantos outros, um perfil do homem e do intelectual Carpeaux”.

Como se percebe, é uma imagem construída a muitas mãos esta de Carpeaux *pos mortem*. Também é notório que coube a algumas ‘calejadas’, seja pelo tempo de convívio e grau de proximidade com Carpeaux, seja pela posição no cenário político-intelectual que ocupavam naquele período, a condução dos traços principais – e por isso tais traços eram quase sempre os mesmos. Acima de tudo, havia uma imagem de Carpeaux a ser apresentada, que idealmente deveria ser a síntese entre aquele intelectual engajado que muitos conheciam do *Correio da Manhã*, dos jornais da imprensa alternativa e do documentário biográfico dos anos 1960 e 1970 ao Carpeaux dos primeiros anos de Brasil, do exilado que permaneceu no país que o acolhera e, para isto, teve que contar com a ajuda de certas pessoas, de certas mãos.

Parafraseando Éclea Bosi, era uma ‘lembrança de velhos’ aquela; eram eles que conheciam ou eram mais autorizados a falar sobre as duas partes da história; tal autoridade estivera explícita até mesmo nos menores detalhes daquela cerimônia. Se coube aos ‘novos’ reconhecer e mesmo reverenciar essa autoridade – “Esse Carpeaux, múltiplo e intenso, é que nos foi apresentado. [...] Lá estavam, efetivamente, os seus amigos e companheiros”⁷⁹ –, quando detiveram fala, carregavam a tinta na parte da história que mais dominavam: “À exemplo da prática intelectual de Carpeaux, o espetáculo se estruturou sobre a simplicidade, enfatizando o empenho de sua vida em superar a ditadura do pensamento e do arbítrio, contra o qual lutou até a morte.”⁸⁰

⁷⁹ *Idem*.

⁸⁰ *Ibidem*.

Otto Maria Carpeaux por Amoroso Lima, Houaiss e Callado

Na capa do livro *Alceu Amoroso Lima por Otto Maria Carpeaux*⁸¹, além de uma ilustração xilografada do biografado, lê-se a chamada: “Alceu, Houaiss e Callado lembram Carpeaux”. Um dos últimos escritos de Carpeaux, publicado postumamente, o livro publicado pelas Edições Graal com uma tiragem de 20.000 exemplares foi o primeiro volume de uma coleção biográfica intitulada *Eu*.

Antônio Houaiss, que havia trabalhado com Carpeaux nos últimos 15 anos da vida deste⁸², foi quem assinou a apresentação da obra, cabendo a ele explicar o complemento póstumo, em sentido de lembrança a Carpeaux, que significava a entrevista feita por ele e Antônio Callado com Alceu Amoroso Lima:

[...] Amigos de um e de outro, julgamos que seria decoroso juntar àquelas páginas um depoimento de pessoas especialmente qualificadas sobre Carpeaux, a saber, o seu biografado, Alceu Amoroso Lima, e dois companheiros de diferentes momentos da vida daquele – Antônio Callado e Antônio Houaiss.⁸³

Não fossem a entrevista com Amoroso Lima e a reprodução do seu texto em homenagem a Carpeaux, lido naquela noite do Teatro Casa Grande, esta publicação *per se* já seria muito significativa, dada a sua capacidade de fazer convergir os caminhos que haviam se cruzado quase quarenta anos antes, e em situação bastante desfavorável para uma das partes. Já nas suas primeiras palavras na condição de biógrafo, o próprio Carpeaux pontua esta convergência – “Às vezes, ocorrem acasos estranhos. Queiram acreditar ou não, ALCEU AMOROSO LIMA foi o primeiro brasileiro que conheci pessoalmente” – ao que passa a descrever o encontro ocorrido em setembro de 1939, na antiga sede do Centro Dom Vital junto à Praça Quinze, no Rio de Janeiro.⁸⁴

As ilações quanto a este gesto biográfico de Carpeaux serão demonstradas mais adiante. Cabe, neste momento, pontuar as imagens que aquelas pessoas ‘especialmente qualificadas’ construíram de Otto Maria Carpeaux e a relação de tais imagens com o período em que foram

⁸¹ CARPEAUX, Otto Maria. *Alceu Amoroso Lima por Otto Maria Carpeaux*. *Op. cit.*

⁸² Este dado é mencionado pelo próprio Houaiss no início da entrevista. Cf.: *Idem*, p. 134.

⁸³ *Idem*, p. 7.

⁸⁴ *Idem*, pp. 11-13.

construídas. Ocorrida em 27 de abril de 1978, já nas novas dependências do Centro Dom Vital⁸⁵, a longa entrevista de Amoroso Lima por Houaiss e Callado serviu como espaço para rememorar Carpeaux, traçar linhas gerais do primeiro encontro deste com Amoroso Lima, além de tratar, direta ou indiretamente, do passado recente e do contexto político brasileiro.

Já na primeira oportunidade, logo após destacar a importância daquele “centro de cultura” fundado em 1922 – “quando alguma coisa de grandes proporções se processava no Brasil em todos os extremos⁸⁶ –, Alceu Amoroso Lima faz questão de traçar um dos tópicos daquela conversa, a posição de intelectuais frente à ‘opressão de ideias’: “De maneira que estamos diante de personalidades como Callado e Houaiss: ambos sofreram na carne também, como Carpeaux sofreu, como Max sofreu, esse fenômeno tão tipicamente moderno de opressão de ideias.”⁸⁷

A forma como Amoroso Lima aproxima aqueles dois momentos, 1922 e 1978, integrando os personagens neles envolvidos, Max da Costa Santos⁸⁸ e Jackson de Figueiredo inclusos, sob o mesmo fenômeno da ‘opressão de ideias’, ajuda a alimentar este tópico da entrevista, além de introduzir um segundo, caro a Carpeaux e ao próprio Alceu Amoroso Lima, o da relação entre política e religiosidade:

Porque é de 1922 a fundação do Partido Comunista, como é de 1921-1922 a fundação da Ordem e do Centro Dom Vital, de Jackson de Figueiredo, que se colocava com os fundadores do Partido Comunista em extremos opostos do ponto de vistas das ideias, das instituições, mas muitas vezes muito ligados, até do ponto de vista pessoal. [...]

⁸⁵ História do Centro Dom Vital – cardeal Leme, revista Ordem, Jackson de Figueiredo. Disponível em <<http://www.fe.ufrj.br/proedes/arquivo/puc.htm>> Acesso 23 jan. 2015.

⁸⁶ *Idem*, pp. 134-5.

⁸⁷ *Idem*, p. 135.

⁸⁸ Bacharel em Direito, professor da Faculdade Nacional de Direito e Deputado Federal do PSB eleito em 1962 pela Guanabara, Max da Costa Santos integrava a Frente Parlamentar Nacionalista do Congresso Nacional, tendo sido um dos parlamentares cassados pelo AI-2, ainda em 1964. Exilado na França por três anos, chegou a lecionar na Faculdade de Direito de Bordeaux. Quando de seu retorno ao Brasil, tornou-se o diretor da Editora Paz e Terra, para depois criar as Edições Graal. Cf.: *Idem*, pp. 133-4; CARRIJO, Maicon Vinícios da Silva. *Cientista Sociais e Historiadores no mercado editorial do Brasil: a Coleção Estudos da Editora Paz e Terra (1974-1987)*. Tese (Doutorado em História). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 2013.

Neste Centro Dom Vital, que representa, pela sua invocação, o Dom Vital, o homem que em nome da Igreja enfrentou o Império, há a personalidade de Jackson de Figueiredo: quem não o conheceu pessoalmente, não conheceu uma grande figura humana, de complexidades tremendas. Não era de modo nenhum o reacionário que se diz. Era, apenas, um homem de ideias extremadas [...].

Sobre o primeiro tópico, depois de citar o exemplo de Max da Costa Santos; a aposentadoria compulsória sofrida por Antônio Houaiss em 1964, junto ao Ministério das Relações Exteriores, seguida da suspensão de seus direitos políticos; o exílio de Antônio Callado na Inglaterra, a rescaldado do mesmo processo político; e de relacioná-los ao próprio exemplo de Carpeaux, Amoroso Lima ironizou: “Só eu, o mais medíocre de todos, é que não foi exilado, não fui cassado (risos), estou aqui com meus 85 anos, sem ter tido a honra inclusive, até hoje, de ter sido preso.”⁸⁹

Coube a Antônio Callado, que convivera com Carpeaux no *Correio da Manhã* desde a década de 1940, adentrar no segundo tópico daquela lembrança, o da religião. Este tópico se subdividiu entre uma questão mais institucional, a envolver a Igreja Católica e as instituições ligadas a esta (como o Centro Dom Vital), e outra de fundo mais humanístico, da relação do homem com a espiritualidade. Segundo a opinião de Callado, em Carpeaux tais aspectos se encontravam entrelaçados, o que lhe permitia ser um crente “quase feroz” na espiritualidade do homem e na possibilidade de aprimoramento das instituições que governam a sociedade humana, mas um pessimista em relação ao homem *per se*.⁹⁰

Essa característica que, segundo a observação de Callado, lhe passava a impressão de ser Carpeaux um homem “sem qualquer ortodoxia religiosa, mas muito religioso” no sentido da crença da espiritualidade humana, é explicada por Alceu Amoroso Lima pela origem austríaca, pela “tradição genética” de Carpeaux, que herdara do Império Austríaco um “sentido imperial” do sentido católico e espiritual:

⁸⁹ CARPEAUX, Otto Maria. *Alceu Amoroso Lima por Otto Maria Carpeaux*. *Op. cit.*, pp. 135-6. Sobre Antônio Houaiss, é interessante ver seu perfil biográfico apresentado pelo *website* da Academia Brasileira de Letras, que não omite a aposentadoria compulsória e a cassação de seus direitos políticos pela ditadura militar de 1964. CE.: <<http://www.academia.org.br/abl/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?infoid=203&sid=200>> acesso 12 jan. 2015.

⁹⁰ *Idem*, pp.137-8.

ALCEU – Esse sentido da universalidade, que era o sentido típico de Carpeaux, e eminentemente austríaco na linha da tradição da monarquia austríaca. [...]

Carpeaux tinha essa marca imperial que era tudo o que se entende como o contrário do imperialista no sentido norte-americano, plutocrático, ou germânico. Mas tinha esse sentido imperial, que era o imperialismo da cultura, que ele veio a desenvolver através desse complexo que você acaba de notar e que o Houaiss vê nele como universalidade...

CALLADO – É. Uma instituição justa para corrigir o homem pecador.

ALCEU – Pois é. Eram as instituições capazes de salvar o homem, marcado pelo pecado original. Aí aparece a raiz católica do austricismo [sic] dele: o pecado original marcando o homem. Hoje em dia não se acredita no pecado original.⁹¹

No desenvolvimento de suas ilações, Amoroso Lima aproxima essa crença de Carpeaux das instituições frente ao homem a uma marca do próprio marxismo: “um certo otimismo patente em relação ao espírito marxista, que também havia no fundo do nosso Carpeaux: a possibilidade de que as instituições corrigissem os homens.”⁹² Ao que Amoroso Lima se posiciona, marcando um lugar de diferença “substancial” entre “uma posição cristã autêntica” e a posição marxista e, por extensão, de Carpeaux:

Mas ele acreditava, você acabou de dizer, nas instituições corrigindo o homem, e o que há de diferente, de substancial entre a posição marxista, por exemplo, e uma posição cristã autêntica é, realmente, que é o homem que tem que corrigir as instituições, não são as instituições que têm que corrigir o homem. Nós temos o dever de atacar as instituições, de entrar nas instituições para redimi-las.⁹³

É interessante esta imagem que Alceu Amoroso Lima constrói de Carpeaux, sobretudo pela autoridade que dispunha sobre o tema. Também

⁹¹ *Idem*, pp. 138 a 140.

⁹² *Idem*, p. 140.

⁹³ *Ibidem*.

será em relação e em reação a ela que outras imagens, mais comprometidas com um esvaziamento dos aspectos ‘seculares’ e mais tributárias das características ‘espirituais’ de Carpeaux, serão levantadas nos anos seguintes.⁹⁴

Não há, porém, uma negação do lado espiritual de Carpeaux, por Amoroso Lima, Antônio Houaiss ou Antônio Callado. Há, antes, convergência de Callado e Amoroso Lima quanto a uma característica de Carpeaux relacionada a esse aspecto: o “mistério” com o qual sua espiritualidade estava envolta. Para Houaiss, a despeito da passar a impressão de ser um homem de extrema objetividade racional, “de posição que eu diria materialista”⁹⁵, havia sim uma “margem de reserva” para os aspectos espirituais, transcendentais em Carpeaux, espaço protegido, observa Houaiss, por “uma guarida sobre a qual fazia um sorriso algo céptico e dizia – ‘Sobre esse assunto não falaremos.’”⁹⁶

[...] Não faz muito tempo, fiz um pronunciamento algo místico, ele chegou a mim com muito carinho e me abraçou, talvez com mais calor do que de hábito, e disse: ‘Antônio, você é mais corajoso do eu pensava.’ Essa frase me dá aí uma medida do outro lado de Carpeaux, que é de extrema relevância. [...] Realmente às vezes a gente assume tais compromissos sociais ao longo da vida, que certas posições, simplesmente de sinceridade, simplesmente de ingenuidade, não podem ser ditas, porque a gente compromete seu passado.⁹⁷

Também para Amoroso Lima, havia um “mistério contínuo” em Carpeaux, típico de um homem “para quem o racionalismo não podia resolver os problemas do universo,”⁹⁸ o que demandaria que se recebesse com cuidado “aquela posição nitidamente positivista de Carpeaux [...], inclusive no seu freudismo ou no seu marxismo.”⁹⁹

Segundo a imagem de Amoroso Lima, se havia críticas de Carpeaux quanto à instituição Igreja Católica, o lado transcendental proposto pela religiosidade estava preservado destas. E mesmo tais críticas, muito

⁹⁴ Notadamente a construída por Olavo de Carvalho, que será analisada à frente.

⁹⁵ *Idem*, pp. 148-9.

⁹⁶ *Idem*, p. 149.

⁹⁷ *Ibidem*.

⁹⁸ *Ibidem*.

⁹⁹ *Ibidem*.

próximas ao aspecto “triumfalista” daquela instituição, não se faziam mais condizentes à Igreja Católica pós Concílio Vaticano II – que, como enxergava, “marcou nitidamente, um divisor de águas. Até pela definição da Igreja: é a Igreja Povo de Deus.”¹⁰⁰

Mas, enfim, o Carpeaux, como se diz dentro da Igreja, faz parte do corpo místico dentro do Cristo, no sentido da periferia que muitas e muitas vezes é mais profundamente, mais essencialmente, e mais do que rótulo.

Tenho horror ao rótulo. O sujeito é comunista, é católico, é protestante... não quer dizer nada. O que é que ele é? Isso é outra coisa. Agora, o rótulo dele...”¹⁰¹

Outros tópicos, além da questão política e da questão religiosa, surgiram ao longo daquela conversa de Amoroso Lima, Houaiss e Callado ‘em torno de Carpeaux’¹⁰². No seu casamento de “praticamente 50 anos” com Helena Carpeaux, por exemplo, Antônio Houaiss menciona um lado, digamos, mais íntimo da dinâmica daquele casal, e uma característica que chega a denominar de “machismo inconsciente” de Otto Maria Carpeaux. Isso porque, segundo Houaiss, a despeito de haver entre o casal uma grande independência – “e tenho a impressão de que certo modo, certa forma de radicalidade mental provinha mais dela do que dele” –, e de

¹⁰⁰ *Idem*, p. 151.

¹⁰¹ *Idem*. Precisamente nesta parte da entrevista há a menção do movimento da Teologia da Libertação e do nome de um de seus expoentes. Vale a reprodução de um pequeno trecho, em que a condenação posteriormente sofrida pelos membros do movimento junto à Congregação para a Doutrina da Fé, entre 1984 e 1986, já figurava no horizonte:

ALCEU – Ainda ontem houve um choque no congresso de preparação dos bispos. Eles resolveram, afinal de contas, parece manter a posição da teologia da libertação, como Leonardo Boff desenvolve. Aliás, não sei se vocês conhecem, mas é uma das grandes esperanças da Igreja esse jovem franciscano, Leonardo Boff. Recomendando vivamente a vocês. Os livros deles são extremamente interessantes, inclusive historicamente.

HOUAISS – Ele é do Congo?

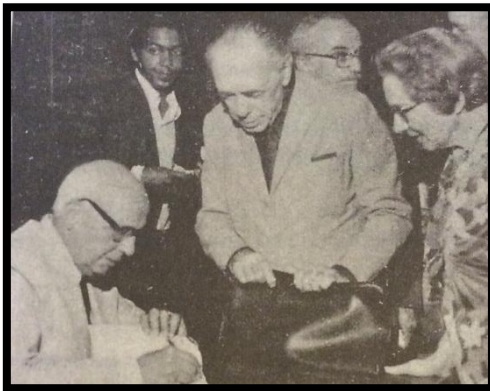
CALLADO – Ele é italiano?

ALCEU – Não. Ele é brasileiro, de Santa Catarina.

CALLADO – Agora me lembro de uma referência de D. Pedro Casaldàliga exatamente a um livro dele, não é?

¹⁰²A polêmica dos anos 1940 entre Carpeaux e Bernanos e a gagueira de Carpeaux “em todos os idiomas” em que falava, por exemplo, foram alguns desses outros tópicos surgidos ao longo da entrevista.

chegar, ela mesma, ao fim da vida com esta independência pessoal e intelectual asseguradas, Helena Carpeaux sofrera uma espécie de eclipse em relação ao marido – que, ainda segundo Houaiss, “apesar de um homem liberto de todos os preconceitos, foi com relação à mulher um homem pejado de todos os preconceitos.”¹⁰³ Tanto o mais pela “riqueza intelectual – “muito maior do que a sombra dele permitiu aparecer”¹⁰⁴ – de Helena Carpeaux: “Não se esqueça de que ela teve uma formação de prima *donna del bel canto* excepcional. Isso está no surto dessa paixão de ambos, porque ela estava voltada a ser uma figura de primeira categoria do *bel canto*.”¹⁰⁵



Alceu Amoroso Lima, Helena e Otto Maria Carpeaux em noite de autógrafos. Reprodução de *Ensaíos Reunidos vol. I* UniverCidade/Topbooks

O nome de Helena Carpeaux tinha surgido num momento anterior a essa fala de Houaiss, quando Callado mencionara o momento especialmente nervoso e solitário pelo qual ela estava passando, e cujo futuro próximo se mostrava incerto, inclusive em relação a sua permanência do Brasil: “[...] mas dizendo sempre, ela própria, que contava

¹⁰³ *Idem*, pp. 158-9.

¹⁰⁴ *Ibidem*.

¹⁰⁵ *Idem*, p. 159.

com um parente não sei onde, na Venezuela, na Áustria, mas que ela queria ficar no Brasil.”¹⁰⁶

Ainda segundo suas palavras, Antonio Callado aproveitara esse momento de seu diálogo com Helena Carpeaux para indagar-lhe sobre uma pretensão de Otto, não tão antiga e confidenciada a ele pelo amigo, de deixar o Brasil.¹⁰⁷ Callado quisera saber se havia fundamento naquela pretensão, ao que Helena Carpeaux lhe respondera que, de fato, em algum momento havia sim aquela ideia por parte do marido, mas que ela sabia que nunca se concretizaria, tampouco era essa a vontade dela. O motivo: por que haviam se tornado brasileiros: “Não adianta não querer ser brasileiro. O Otto gostava muito da Bélgica, da Holanda, mas não queria mais sair do Brasil”, dissera-lhe então.¹⁰⁸

Ao que Antônio Callado, ele próprio preso em 1964 e 1968, exilado após o AI-5, registrou naquela entrevista:

Ele realmente tinha uma espécie de grande amor, grande interesse pelo fenômeno brasileiro: literatura, povo, pena da miséria. E verdadeiro horror às instituições brasileiras. *Se eu fosse resumir a minha visão do Carpeaux...* É que ele descobriu, de certa forma, um país que o fascinava, um país em que o povo é amável, muito merecedor de amor, sobretudo que ainda não está corrompido pela cultura, e um país onde as instituições não podiam ser piores.¹⁰⁹

Também essa ‘brasilidade’ da *persona* Carpeaux foi apontada, desta vez por Amoroso Lima, para caracterizar a paulatina transformação que a crítica literária, o “aparelho crítico” de Carpeaux, sofrera com a sua vinda e permanência no Brasil. Um ‘aparelho’, ainda segundo Amoroso Lima, “universal [...] muito mais sentimental, afetivo e espontâneo”, se comparado ao aparelho crítico dele próprio, Tristão de Athayde¹¹⁰.

¹⁰⁶ *Idem*, p. 155. Depreende-se deste diálogo um possível embrião para a criação da *Sociedade Otto Maria Carpeaux*, a fim de garantir também uma independência material a Helena Carpeaux.

¹⁰⁷ Pela localização que Callado oferece do momento desta confidência, trata-se da viagem que Carpeaux fez a Europa no final de 1977, relatada nas crônicas de viagens publicadas na *Revista Manchete*.

¹⁰⁸ *Idem*, p. 156.

¹⁰⁹ *Ibidem*. [Itálicos meus].

¹¹⁰ *Nom de plume* das atividades como crítico literário de Alceu Amoroso Lima.

E esse é um tópico importante, menos pelo seu desenvolvimento na entrevista em si, pois mereceu poucas palavras de Amoroso Lima e de Antônio Callado, e mais pelas outras imagens que se construirão de Carpeaux nas décadas seguintes, para as quais a ‘formação e a visão de mundo barroca’ de Karpfen permaneceu e orientou a crítica literária de Carpeaux.¹¹¹

Amoroso Lima não nega o caráter ‘universal’ de Carpeaux, antes combina esse caráter a sua compreensão do que há de maior na literatura brasileira, que é a criatividade – “de modo que o homem de ciência que havia nele, esse homem de ciências morais, intelectuais etc., ele aplicou à realidade brasileira e daí, talvez mesmo, a compreensão da afinidade que encontrou.”¹¹²

É isso que vocês acabam de dizer, que ele queria ser brasileiro, não pode mais encarnar-se na Europa, talvez o racionalismo europeu já estivesse um pouco afastado dele. Ao contrário, a espontaneidade, a vegetalidade do pensamento brasileiro, e era nesse caso que ele errava, era muito ligada ao pensamento brasileiro, o intuitivismo do pensamento brasileiro está bastante ligada à influência subconsciente do Oriente.¹¹³

Aquela rememoração de Carpeaux em forma de entrevista se encaminhou para o fim com a justificação de Houaiss em não adentrar em vários outros aspectos da personalidade de Carpeaux, seja por que não era mesmo o intuito “esgotar uma personalidade tão rica”, seja pela “impotência” dele em discutir, por exemplo, sobre a sabedoria musical de Carpeaux.¹¹⁴

Coube ao entrevistado as últimas palavras naquele encontro e, pela disposição em que a entrevista se encontra publicada, tais palavras ainda foram sucedidas pelo texto de Amoroso Lima em homenagem à Carpeaux, lido na noite do dia 06 de março, no Teatro Casa Grande. Em ambos os registros, o que se retém da relação de Otto Maria Carpeaux e Alceu Amoroso Lima é a narração de um ciclo, iniciado e concluído nas dependências de um mesmo Centro Dom Vital, a despeito da transposição geográfica daquele instituto.

¹¹¹ Notadamente, é esta a imagem que perpassa o estudo de Mauro de Souza Ventura, *De Karpfen a Carpeaux. Op. cit. Cf.: A escolha pelo esboço.*

¹¹² *Idem*, pp. 162-3.

¹¹³ *Idem*, p. 163.

¹¹⁴ *Idem*, p. 166.

Em outros momentos da entrevista, esse primeiro encontro entre Carpeaux e Amoroso Lima, ocorrido em 1939, já tinha vindo à tona. A imprecisão de alguns detalhes¹¹⁵ e mesmo o desenrolar nada amistoso daquele breve primeiro contato¹¹⁶, entretanto, não desautorizou Alceu Amoroso Lima a localizar neste o germe de uma amizade, “se não tão íntima”, duradoura, somente “ligeiramente perturbada” em certos períodos em que Carpeaux, “provavelmente levado por uma paixão de justiça e de reforma social, chegava ao espírito marxista de revolução social”, enquanto ele, Amoroso Lima, “em 1939 tinha acabado de viver a presença [por dez anos] e a perda de um reacionário como Jackson de Figueiredo.”¹¹⁷

Tanto na entrevista quanto no texto assinado por Amoroso Lima, há por parte deste a denúncia do “obscurantismo cultural” que se abateu contra a “inteligência nacional”; o que lhe compete integrar Carpeaux “na galeria do civismo universal”, pelas atitudes que tomou “em defesa da liberdade e da dignidade da inteligência” – atitudes que acabaram por “convertê-lo em sua própria vítima”.¹¹⁸ É precisamente sobre a última fase da vida de Carpeaux que Amoroso Lima dirige as suas últimas palavras:

A solidão a que se viu forçado esse verdadeiro missionário das letras e das artes universais, voluntariamente assimilado à nossa brasilidade, no que tem de mais expressivo, essa solidão, a que foi condenado e que tanto amargou os últimos anos de vida, gloriosamente sacrificada, foi o remate trágico de um gênio trágico e o sinal indelével da

¹¹⁵ Consultando a sua memória, Amoroso Lima afirma que o diálogo truncado entre os dois se dera através de um “teuto-brasileirismo atrapalhado”; Carpeaux falando um português “inacreditável” [*sic*] e ele um alemão pior que o português de Carpeaux. Cf.: *Idem*, p. 143. Já para Carpeaux, o idioma empregado naquele primeiro contato não foi o problema, haja vista a escolha do francês, que ambos dominavam: “Um homem de menos de 50 anos, de grande amabilidade, acentuada pelo uso da língua francesa que foi, por causa do meu desconhecimento então quase total da língua portuguesa, o único meio possível de comunicação.” Cf.: *Idem*, p. 13.

¹¹⁶ Alceu Amoroso Lima cita as duas cartas enviadas por Carpeaux a ele, a primeira em tom “violento” e a segunda em tom de desculpas pela carta anterior, logo após a solução encontrada pela Ação Católica Brasileira de enviá-lo para Rolândia-PR, destino que Amoroso Lima indica na entrevista como Curitiba-PR. Cf.: a imagem *Outras imagens – Je ne laisse pas périr!* In capítulo 1 de *Imagens possíveis*.

¹¹⁷ *Idem*, p. 145.

¹¹⁸ *Idem*, p. 173

geminção, numa só figura, de um talento universal, com um grande homem de bem.¹¹⁹

Compondo um texto que fora escrito para ser lido naquela noite do Teatro Casa Grande – daí o tom de repto –, somada à conformação editorial em que este texto veio a público –publicado após a entrevista e, como esta, parte complementar de um ensaio biográfico escrito por Carpeaux sobre ele –, tais palavras podem ser vistas como uma tentativa de Amoroso Lima em “fechar o ciclo” Otto Maria Carpeaux, cristalizar numa imagem uma existência dinâmica, aberta a assimilações, mas deveras comprometida com características indelévels, notadamente a ‘universalidade’ e a ‘bondade’ – características cristãs, afinal!

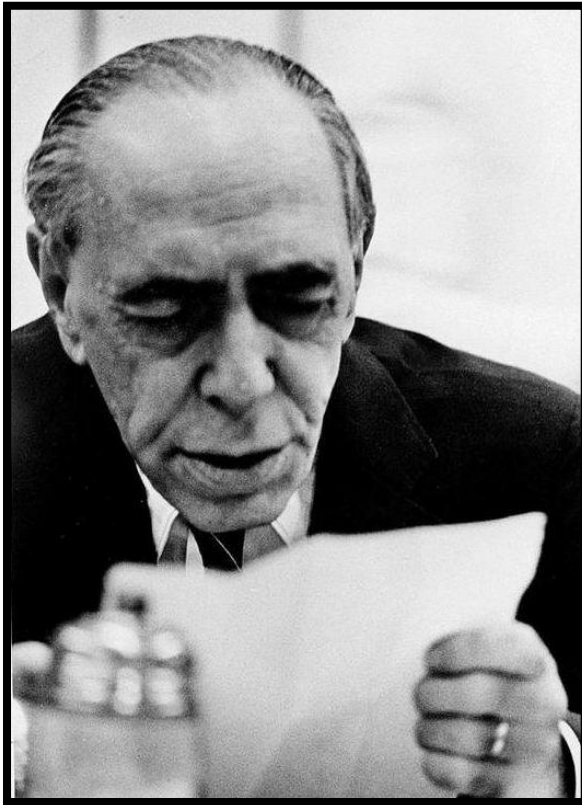


Foto de Otto Maria Carpeaux reproduzida no *Jornal do Brasil* de 04/02/1978.
Acervo: JB Digital

¹¹⁹ *Ibidem.*

‘Relendo Carpeaux’

‘Carpeaux é nome de rua em C. Grande’

O radialista Alziro Zarur, a cantora Lurdinha Bittencourt, o ator Sérgio Cardoso, o escritor e jornalista Otto Maria Carpeaux [...] são os mais novos nomes de ruas em Campo Grande, segundo decreto assinado pelo Prefeito Israel Klabin.¹²⁰

Há várias formas de se prestar homenagens a uma pessoa (ou à sua memória, para aquelas já falecidas). Particularmente ao poder público de uma cidade, nomear uma rua com o seu nome possivelmente seja uma das mais altas deferências que um cidadão possa receber – mesmo que o bairro da rua em questão esteja a 50 quilômetros do centro da cidade.¹²¹

De uma forma geral, porém, as homenagens e lembranças que se percebem abundantes no ano da morte de Carpeaux foram, naturalmente, tornando-se mais escassas nos anos posteriores. As críticas e as polêmicas envolvendo o seu nome, relativamente comuns nos seus primeiros anos de Brasil, tampouco grassaram após a sua morte. E a menor dessas críticas à sua memória era, de pronto, contra-atacada por ninguém menos que Helena Carpeaux.

Foi dela a resposta que o notório polemista Paulo Francis recebeu após publicar um conjunto de críticas, um tanto indiretas, a Carpeaux, na coluna que assinava no jornal *Folha de São Paulo*¹²². Tais críticas açambarcavam desde o livro *História da Literatura Ocidental* – “Acho-o péssimo. Cheio de erros grotescos”; a “passionalidade” e o pouco conhecimento de Carpeaux em termos de política, a despeito de sua função como segundo editorialista do *Correio da Manhã* e editor da sua página internacional – “num jornal sério precisaria ser cuidadosamente editado”; finalizando com uma reatualização da polêmica envolvendo o passado europeu de Carpeaux, notadamente sua relação com o governo Dollfuss, “um clerical anti-semita e tão ‘nazista’ quanto Hitler”, nas palavras de

¹²⁰ “Carpeaux é nome de rua em C. Grande” In *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 24/05/1980, p. 06.

¹²¹ Um das localidades mais antigas do Rio de Janeiro, Campo Grande chegou mesmo a gozar estatuto de cidade, quando o próprio Rio de Janeiro estava alçado a estado da Guanabara, tamanha era a sua autonomia e autossuficiência. Cf.: *Chão Urbano* – revista *online*, pesquisa urbana, discussão acadêmica [ISSN 2178-1699] <<http://www.chaourbano.com.br/visualizarArtigo.php?id=63>> acesso 14 jan. 2015.

¹²² FRANCIS, Paulo. “Notícias da terra”. In *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 07/01/1979, p. 01 [Ilustrada].

Paulo Francis – “[...] Mas se eu fosse ele me informaria um pouco mais sobre o governo Dollfuss, na Áustria, ao qual Carpeaux parece (dizem seus inimigos) ter servido.”¹²³

O contexto daquelas palavras dizia menos a Carpeaux do que a uma crítica de Paulo Francis à “esquerda borococo” daquele início de 1979, capaz de produzir textos laudatórios sobre Carpeaux e hostilizar Glauber Rocha, a quem Paulo Francis, sob os “13 graus abaixo de zero” de Nova Iorque, dizia preferir. Ainda sobre Carpeaux, Paulo Francis escreveu:

Quando Carpeaux morreu, me pediram que eu escrevesse o obituário aqui. Recusei. Só escrevo a verdade, ou o que me parece a verdade. Logo, não seria um obituário laudatório. Nunca brigamos, Carpeaux e eu. Nos dávamos bem. Trabalhamos juntos no ‘Correio da Manhã’.¹²⁴

Poucos dias depois, na seção *A palavra do leitor*, a resposta vinha do Rio de Janeiro, assinada por Helena Carpeaux:

Carpeaux
 ‘Também lia os escritos do sr. Paulo Francis e nem sempre gostou: mas ‘gustibus non est disputandum’. ‘Carpeaux também sabia o que ‘os inimigos dizem’ do sr. Paulo Francis, mas nunca publicou.’
 ‘Carpeaux também sabia que ‘homo homind lupus est’.
 Helena, viúva de Otto Maria Carpeaux (Rio de Janeiro, RJ).¹²⁵

Afora citações esparsas como estas, publicadas nos periódicos do Rio de Janeiro e de São Paulo, pode-se dizer que as memórias sobre Otto Maria Carpeaux foram sofrendo um processo de institucionalização,

¹²³ Paulo Francis referia-se a Cícero Sandroni, companheiro dele e de Carpeaux no *Correio da Manhã*, que havia escrito um artigo “laudatório” (palavras de Francis) sobre o austríaco-brasileiro. *Idem*. No rescaldo do *Correio da Manhã*, Paulo Francis também citou o nome de Osvaldo Peralva, que havia dirigido o jornal nos anos 1960. O artigo em tom de réplica de Osvaldo Peralva foi publicado na mesma *Folha de S.Paulo*, em 16 de janeiro daquele ano. Cf.: PERALVA, Osvaldo. “Cícero, Lacerda e Galera”. In *Folha de S.Paulo*, São Paulo, 16/01/1979, p. 30 [Ilustrada].

¹²⁴ *Idem*.

¹²⁵ Jornal *Folha de S.Paulo*, São Paulo, 31/01/1979, p. 03 [seção A palavra do leitor].

sobretudo a partir dos anos 1990 – o que guarda estreita relação com as posições acadêmicas ou com os projetos editoriais ora assumidos por quem havia tomado contato com Carpeaux nos últimos anos de sua vida.

Algumas memórias foram partilhadas mesmo por quem não teria travado um contato mais íntimo com Carpeaux, mas que devia a ele senão a sua própria formação como crítico literário, ao menos o ‘encantamento do ginásiano de treze anos’ que descobrira nos ‘artigos cheios de verve, poesia e paixão’ de Carpeaux o ‘mundo dos homens e dos livros’.¹²⁶

É o caso de Alfredo Bosi, crítico e historiador de literatura brasileira, professor titular do Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP; vice-presidente do Instituto de Estudos Avançados daquela instituição, entre 1987 e 1997; diretor da revista *Estudos Avançados* e, desde 2003, titular da cadeira número 12 na Academia Brasileira de Letras.¹²⁷

Ainda em 1988, Alfredo Bosi havia reservado um capítulo de seu *Céu, Inferno – Ensaios de crítica literária e ideológica*¹²⁸ para tratar de Carpeaux, capítulo que intitulou *Carpeaux e a dignidade das Letras*. Quatro anos depois, num empreendimento francamente tributário à memória do austríaco-brasileiro, Alfredo Bosi lançou *Sobre Letras e Artes*, uma seleção de artigos de Carpeaux publicados no suplemento dominical do jornal *A Manhã*, entre os anos 1946 e 1950.¹²⁹

Responsável pela seleção desses artigos e pela organização do livro como um todo, coube também a Alfredo Bosi prefaciá-lo – momento em que aproveitou para transcrever o capítulo de quatro anos antes, não sem algumas alterações, e o intitular *Relendo Carpeaux*.

Que aquela específica seleção coincida cronologicamente com o mesmo momento em que o “ginásiano de treze anos” Alfredo Bosi começara a se interessar por literatura (“por volta de 1950”)¹³⁰, não restam dúvidas. Ele mesmo não omite o gesto *proustiano*, antes mesmo se compraz em iniciar aquelas palavras com o “sabor [do] testemunho pessoal”, que é esta sua imagem como adolescente. “Mas espero que signifiquem também uma reflexão sobre a nossa trama cultural contemporânea”¹³¹, pondera em

¹²⁶ BOSI, Alfredo. “Relendo Carpeaux”. *Op. cit.*

¹²⁷ Informações colhidas de seu perfil junto à ABL. Cf.: <<http://www.academia.org.br/abl/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?infoid=81&sid=168>> Acesso 14 jan. 2015.

¹²⁸ BOSI, Alfredo. *Céu, Inferno*. *Op. cit.*

¹²⁹ BOSI, Alfredo. “Relendo Carpeaux”. *Op. cit.*, p. 11.

¹³⁰ *Idem*, p. 09.

¹³¹ *Ibidem*.

seguida, dando as coordenadas da ‘abertura temporal’ pela qual executaria a sua ‘releitura’ de Carpeaux.

Segundo Alfredo Bosi, Carpeaux havia sido o “nosso primeiro grande leitor dialético”, haja vista o diálogo com a historicidade profunda em todas as obras analisadas, característico de seu ensaísmo – “[...] educado junto aos culturalistas alemães e italianos do começo do século, ele sabia que nada se estende fora da História.”¹³²

Também o pessimismo, “o dom de despertar a mais incômoda das más consciências” é apontado por Alfredo Bosi como uma das características de Carpeaux. Mas, ao contrário de um niilismo, aquele pessimismo era fruto de sua capacidade em reconhecer, “no coração das obras [...] o que não era literatura, assim como, no interior da História vivida, ele reencontrava as forças da palavra.” É a partir desta capacidade que Alfredo Bosi vê sentido no “silêncio obstinado de seus últimos anos” e no apelo que outrora fizera. ‘Vamos trabalhar As tarefas são outras e mais urgentes.’¹³³

A “frieza terrível do poder político”, a “sombra do grande exilado, Dante” e o “gosto pelos homens desconcertantes, os *dépaysés*, os *outsiders*”¹³⁴ foram, segundo a imagem de Alfredo Bosi, os *leitmotiv* de Otto Maria Carpeaux. E, mesmo repisando na verve do culturalismo alemão e italiano “de estirpe hegeliana” de Carpeaux – “O lema do filósofo, ‘tudo o que é real é racional’ dava-lhe a segurança de que vigora uma coerência tangível nas obras de arte [...]”¹³⁵, Bosi não se furta em apresentar um lado ‘intuitivo’ do crítico, que o levava “a deter-se e a deleitar-se na surpreendente liberdade dos criadores que não fogem aos mais insólitos paradoxos.”¹³⁶

Também ele intuitivo, já no final daquelas ‘releituras de Carpeaux’ Alfredo Bosi lançou a hipótese de ter sido a música “o paradigma ideal de interpretação” de Carpeaux – seja por ela ser “o modo por excelência da expressão dos sentimentos”, seja pela sua composição “mística e matemática [que se exigem] mutuamente e realizam no contraponto o seu diálogo atemporal.”¹³⁷

¹³² *Ibidem*.

¹³³ *Ibidem*.

¹³⁴ *Idem*, pp. 11-12.

¹³⁵ *Idem*, p. 12.

¹³⁶ *Ibidem*.

¹³⁷ *Idem*, pp. 12-13. Paradigma de interpretação não só da literatura, mas também da pintura e da própria música, precisamente as três áreas em que os textos de Carpeaux foram selecionados, agrupados e ali coligidos.

Na música de Bach o fervor de uma alma devotamente luterana sublima-se na abstrata construção da *fuga*. O ‘tempo’ do presente em Bach é feito de passado litúrgico e futuro racional. Em outras palavras: são o futuro da música ocidental e o passado da religião cristã que dão sentido ao presente em que é construída a sua obra.¹³⁸

Pelo pouco espaço de que dispõe, Alfredo Bosi não chega a explorar essa hipótese, mas a instrumentaliza para abordar não somente as grandes paixões de Carpeaux, mas a própria função da arte *tout court* e a relação desta com o tempo – “acima de tudo, produção de um sentido que as formas culturalmente dadas não esgotam jamais”.

Ainda segundo Bosi, o “historicismo estreito [que] quer tudo explicar pelas condições da cultura coetânea do autor” não era o aplicado pelo crítico Carpeaux, atento ao “inventor poderoso e sutil de todas as harmonias e de todas as desarmonias”, o espírito:

A memória revive o que passou, a imaginação antecipa o que virá. No espírito convivem os tempos e alargam-se extraordinariamente as dimensões do histórico. Assim, pelas mãos de Carpeaux voltamos a Hegel. A partir de uma filosofia da totalidade e da contradição, e com o ouvido atento à arte da fuga, começam a tornar-se inteligíveis as grandes paixões do ensaísta.¹³⁹

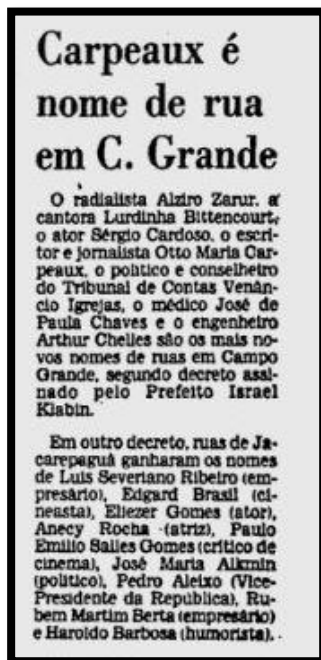
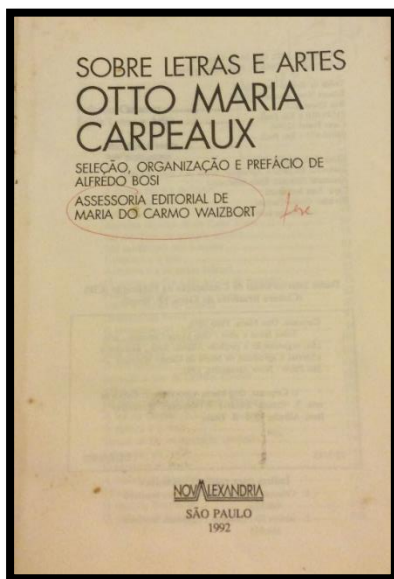
À ‘curadoria’ de Alfredo Bosi soma-se a contribuição do também professor de Literatura Portuguesa da USP, Alcides Villaça, que assinou a ‘orelha’ de *Sobre Letras e Artes*. A coletânea também contou com a assessoria editorial de Maria do Carmo Waizbort, responsável pelo levantamento exaustivo dos artigos de Carpeaux para o suplemento *Letras e Artes* – cuja listagem encontra-se na bibliografia do livro¹⁴⁰ – e pela elaboração de uma primeira listagem tentando açambarcar a vasta produção intelectual de Otto Maria Carpeaux – dos livros e artigos em

¹³⁸ *Idem*, p. 13.

¹³⁹ *Ibidem*.

¹⁴⁰ *Idem*, pp. 255-265. Como já mencionado, Maria do Carmo Waizbort foi responsável pela escrita da primeira dissertação sobre Carpeaux (defendida em 1992) e, a título de apêndice, sistematizou alguns marcadores biográficos sobre o crítico. Cf.: WAIZBORT, Maria do Carmo Malheiros. *Um diálogo crítico*: Otto Maria Carpeaux e as ‘ciências do espírito’. *Op. cit.*

jornais e revistas, passando pelos prefácios, introduções, colaborações, ‘orelhas’, estudos, seleções e organizações assinados por ele, além de estudos e escritos sobre ou com referências a Carpeaux, publicados até aquele momento.¹⁴¹



Folha de rosto de *Sobre Letras e Artes*, organizado por Alfredo Bosi e nota do *Jornal do Brasil* sobre a rua Otto Maria Carpeaux. Acervo: JB Digital

¹⁴¹ *Idem*, pp. 265-272.

O encontro de Carpeaux com o ‘seu marxista’

Também professor universitário na década 1990, Leandro Konder escreveu uma série de textos para o jornal *Tribuna da Imprensa*, do Rio de Janeiro, que foram coligidos no livro *Intelectuais brasileiros e Marxismo*¹⁴², publicado em 1991. Por meio deles, Konder descreveu o perfil de alguns intelectuais brasileiros que, no seu entender, estiveram direta ou indiretamente ligados à construção e/ou à divulgação do pensamento marxista no Brasil. Reuniu, assim, desde notórios correligionários do PCB, como Astrojildo Pereira, Caio Prado Junior e Oswald de Andrade, a intelectuais que, ao menos em algum momento de suas trajetórias, dialogaram ou nutriram interesse, “desconfiado porém simpático” que fosse, pelo marxismo, como Mário de Andrade, Sérgio Buarque de Holanda e Carlos Drummond de Andrade.

A Carpeaux coube um desses perfis, tanto o mais porque Leandro Konder, então professor de Filosofia da Universidade Federal Fluminense da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, tinha convivido com Carpeaux nos anos 1960, escreveram juntos na *Revista Civilização Brasileira*, participaram de eventos e atos promovidos por aquela publicação e, de uma forma genérica, estavam muito próximos no combate aos governos militares naquele contexto.

Ao lado de alguns traços anedóticos sobre Carpeaux – sua gagueira, seu maxilar que se descolava e saía do lugar, seu especial bom humor, capaz de fazê-lo se divertir das vicissitudes cômicas de sua experiência pessoal¹⁴³ –, Konder subscreve as palavras de Alfredo Bosi, de Antonio Candido e tece suas próprias opiniões sobre o ensaísmo inovador introduzido pelo austríaco-brasileiro entre as décadas de 1940 e 1950, dada à capacidade de Carpeaux em dialogar sobre temas e autores desconhecidos ou pouco abordados pela intelectualidade francófila de então – “introduziu as reflexões espanholas sobre o barroco [...] ampliou nosso contato com a literatura de língua alemã [...] com Vico [...] De Sanctis [...]” além de apresentar Kafka aos brasileiros.¹⁴⁴

Ao amor de Carpeaux pela literatura – amor sério, inteligente, capaz de admirar a obra dos ‘grandes’, mas igualmente capaz de investir contra os falsos valores¹⁴⁵ – Konder tributa o empreendimento “monumental” que foi a redação de *História da Literatura Ocidental*. É também pelo amor de Carpeaux pela música, somado ao sólido

¹⁴² KONDER, Leandro. *Intelectuais brasileiros e Marxismo*. Op. cit.

¹⁴³ *Idem*, p. 60.

¹⁴⁴ *Ibidem*.

¹⁴⁵ *Idem*, p. 62

conhecimento de que dispunha daquela manifestação artística, que Konder explica o surgimento do “fascinante livro *Uma Nova História da Música*.”¹⁴⁶

Ainda segundo Leandro Konder, por ter seu destino pessoal marcado por acontecimentos políticos, Carpeaux “não podia deixar de se interessar pelas vicissitudes do poder, das instituições e dos conflitos sociais”¹⁴⁷ – por isso também teria amado a história e a política. “Carpeaux, então, se sentia obrigado a ler – e muito! – sobre política. Mas [...] não se limitava à teoria; também estava disposto a ter participação prática”¹⁴⁸, ponderou.

As primeiras palavras daquele perfil construído por Leandro Konder já tinham apresentado um Carpeaux recém-chegado ao Brasil, fugido do nazismo e em pleno Estado Novo – “cauteloso em tocar nos assuntos políticos brasileiros”. Já havia demonstrado como ele fora hostilizado por “alguns jovens intelectuais de esquerda” naquela mesma década de 1940, “aguerridos moços revolucionários” que, ao somarem a desconfiança quanto a sua procedência às críticas de Carpeaux a posições do ‘marxismo-leninismo’, o estigmatizaram como ‘nazistóide’¹⁴⁹ Mas, quando do Golpe de 1964 e da “era de repressão extremada” que este iniciou, é a imagem de um Carpeaux bravo, firme e astuto opositor da ditadura a apresentada por Leandro Konder.

Primeiro, ao escrever de forma alegórica seus artigos de política internacional no *Correio da Manhã*, fustigando as arbitrariedades dos governos militares brasileiros através de denúncias e de críticas às arbitrariedades que ocorriam em outros países – artigos “que os leitores liam, compreendiam o recado [...] e se deliciavam. [Enquanto] os censores se irritavam, porém não conseguiam fazer nada para impedi-lo”. Depois, tornado “de uma hora para outra, bastante popular” e pela descoberta de seu nome pelos estudantes, passando “a ser reiteradamente solicitado a fazer conferências e convidado a participar de debates e eventos políticos.”¹⁵⁰

Ao descrever um desses eventos, Leandro Konder apresenta uma interessante imagem de Carpeaux, ocorrida num debate promovido pela editora *Civilização Brasileira* na cidade mineira de Juiz de Fora. De um lado ele, Konder, “filiado ao Partido Comunista Brasileira [e] empenhado em fortalecer os movimentos sociais para uma longa luta de resistência antiditatorial [vendo] com ceticismo o estado de espírito ‘radical’ que

¹⁴⁶ *Ibidem*.

¹⁴⁷ *Idem*, p. 63

¹⁴⁸ *Ibidem*.

¹⁴⁹ *Ibidem*.

¹⁵⁰ *Idem*, p. 64.

[então] se manifestava”; do outro, Carpeaux, “que ardia de impaciência e revolta, [e] ia disposto a jogar lenha na fogueira.”¹⁵¹

Konder relembra que durante a viagem ainda tiveram tempo de exporem, um para o outro, os seus respectivos pontos de vista, sem se convencerem, no entanto, dos argumentos contrários – “não consegui convencê-lo da razoabilidade das minhas apreensões (que o AI-5 [...] confirmaria, tristemente, alguns meses mais tarde).” Chegando ao evento, descreve Konder, ele percebeu que a promoção da editora havia mobilizado muita gente e que os estudantes enchiam o local do debate – mais do que isto, percebeu também que entre aqueles estudantes as tendências de esquerda mais extremadas eram hegemônicas. Para Konder, “os ventos iam soprar mais para o lado de Carpeaux”. Ao lembrar o cenário, o escritor confessa ter tido, por um momento, “um pensamento mesquinho: “Tomara que a gagueira atrapalhe o discurso dele”¹⁵². O desfecho, Leandro Konder descreve assim:

Não atrapalhou. Carpeaux, rejuvenescido pela paixão e pela combatividade, comoveu o público com suas palavras candentes, denunciando a ilegitimidade da ditadura militar e conclamando as pessoas à desobediência civil. A estudantada vibrou de entusiasmo. E eu acabei contagiado pelo clima que se criou. Olhando o septuagenário Carpeaux, que lançava as palavras como dardos, que fulminava os reacionários com seu sarcasmo, tive, por um instante, a impressão de que ele era mais forte do que o general-ditador.

Hoje, ao recordá-lo, me dou conta de que Carpeaux realmente tinha um poder maior, que o traz de novo para nós, redivido [sic], enquanto o outro mergulha cada vez mais num merecido esquecimento.¹⁵³

Mais do que a imagem em si – muito próxima, aliás, àquela do septuagenário de guarda-chuvas em punho, libertando uma manifestante das garras policiais –, é o saldo na ‘economia das memórias’, positivo para Carpeaux e negativo para o general-ditador da ocasião, que permite a Leandro Konder ratificar uma convicção que era a do próprio Carpeaux: a de que “os valores do espírito acabam preponderando sobre a força bruta”.

¹⁵¹ *Ibidem*

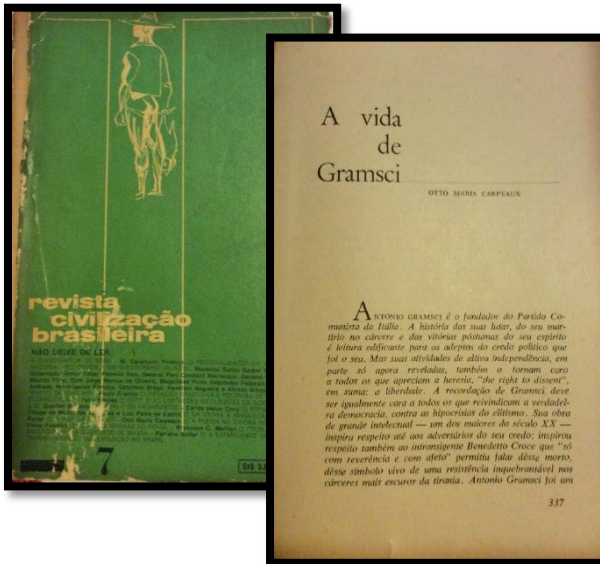
¹⁵² *Ibidem*.

¹⁵³ *Ibidem*.

Sobre essa convicção, prossegue Konder “o ensaísta católico, nas conversas que tinha com seu interlocutor marxista” citava o exemplo de Antônio Gramsci – “cuja inteligência fulgurante continuou a brilhar no cárcere fascista, apesar da devastação que os asseclas de Mussolini produziram em seu frágil corpo alquebrado.”¹⁵⁴

Para Leandro Konder, não havia dúvidas de que Carpeaux fosse “um católico convicto” embora ridicularizasse o “atraso do pensamento católico conservador no Brasil”. Mesmo assim, Konder observou que desde o começo da década de 1960 as referências de Carpeaux a Gramsci começaram a multiplicar, tendo este inclusive publicado um artigo na *Revista Civilização Brasileira* intitulado *A vida de Gramsci*¹⁵⁵, tamanho era o seu entusiasmo com a vitalidade do pensador italiano. “Carpeaux assegurava: ‘O pensamento de Gramsci está hoje mais vivo que no momento da morte do seu corpo. A vida de Gramsci continua’”.

E é novamente evocando a memória que Leandro Konder termina aquele perfil. Não com outra imagem de Carpeaux, mas com uma sua, precisamente a do ‘interlocutor marxista’ diante do artigo sobre Gramsci publicado pelo ‘amigo católico’: “Lembro-me de que, quando li o artigo, pensei, o meu valente amigo católico, finalmente, encontrou o *seu* marxista.”¹⁵⁶



Capa do nº 7 da
*Revista
Civilização
Brasileira* e da 1ª
página de *A
vida de Gramsci*,
por Otto Maria
Carpeaux.
Acervo do
autor

154 *Ibidem.*

155 *Ibidem.*

156 *Ibidem.*

Imagens de um ‘exame de consciência’

O texto biográfico escrito por Olavo de Carvalho e intitulado *Introdução a um exame de consciência* é de difícil classificação. Cabe, então, algumas breves linhas de digressão metodológica, pois julgo indispensável explicar o porquê de minha escolha em abordá-lo como um texto reminescente.

Seu objetivo expresso é de “destacar, na vida, no pensamento e no estilo do grande ensaísta, alguns pontos importantes”, e não de “trazer uma interpretação global de sua obra”, nem “de se limitar a informações eruditamente neutras, para fins escolares.” São ‘pontos’ que, se por um lado podem ajudar a “preparar o esboço de uma futura visão unitária”, por outro lado “só fazem ressaltar o que há de estranho e enigmático numa personalidade intelectual” que, segundo o diagnóstico de Carvalho, “sofreu, até mesmo nas mãos de seus admiradores, simplificações incompreensíveis e deformantes.”¹⁵⁷

Para “preparar o esboço de uma visão unitária”, Olavo de Carvalho empreendeu um grande esforço em ultrapassar o que denominou de “traços esquemáticos” a respeito de Carpeaux surgido a partir de depoimentos anteriores – erudito, ‘enciclopédia viva’, portador de uma moderna cultura europeia, jornalista combativo que se opôs à ditadura¹⁵⁸ – para demonstrar o “essencial do personagem” e assim apresentar não uma “imagem linear e monocromática” sobre Carpeaux, mas uma que o apresente sob as devidas nuances – elemento, ademais, e segundo Carvalho, apreciado pelo próprio Carpeaux¹⁵⁹

Fosse somente por esse programa, não teria dúvidas em incluir este ensaio ao lado dos atuais trabalhos acadêmicos que abordaram, direta ou indiretamente, a biografia de Carpeaux, utilizando as ferramentas teórico-metodológicas pertinentes para mapear seus principais pontos e empreender as críticas adequadas, a começar pela concepção biográfica que o orienta, cujo valor está centrado na coerência de uma vida e na capacidade desta vida em explicar algo exterior a ela, um contexto, uma ideia¹⁶⁰ – muito próxima daquela concepção que Giovanni Levi classificou

¹⁵⁷ CARVALHO, Olavo de. “Introdução a um exame de consciência”. *Op. cit.*, p. 15.

¹⁵⁸ *Idem.*

¹⁵⁹ *Idem*, p. 16.

¹⁶⁰ As seguintes passagens do ensaio ilustram esta concepção: “Carpeaux não foi até hoje objeto de nenhuma pesquisa séria [...] malgrado o interesse que ele apresenta, para a compreensão do espírito do século XX”. *Idem*, p. 16; “A coerência de Carpeaux não deve ser buscada no rés-do-chão. Ela está, ao mesmo

como ‘biografia e contexto’.¹⁶¹ Igual esforço poderia ser aplicado à análise da concepção de História e do tempo histórico que perpassa o ensaio – *grosso modo*, o do “passado como juiz do presente”¹⁶², ou, conforme teorizaram Reinhart Kosseleck e François Hartog, o da *Historia Magistra Vitae*¹⁶³–, indicando o quanto essa concepção pode afetar o ‘gesto biográfico’ de Olavo de Carvalho.

Todavia, assumindo o ônus da classificação, é pelo ‘lugar de fala’ de Olavo de Carvalho, pelo sentido programático daquele seu ensaio e, sobretudo, pelo tom de reminiscência e autoridade a informar conteúdos e atravessar-lhe a forma, que ele se encontra nesta seção de imagens construídas em memória de Carpeaux e segundo a memória de seus ‘deponentes’.

Há também, por fim, um sentido de proteção das imagens de Olavo de Carvalho nesta classificação. Pois, como se pode notar, venho interferindo pouco nos gestos memorialísticos sobre Otto Maria Carpeaux (afora o que é inerente à seleção e à montagem deles neste capítulo), colhidos dos mais diferentes personagens – inclusive os das matérias não-assinadas –, de modo que cumpram o seu principal objetivo: lampejem como “imagens no agora da cognoscibilidade, como imagem dialética”, para pensar com Walter Benjamin¹⁶⁴. Resguardando o seu ensaio das devidas críticas acadêmicas e apenas localizando o ‘lugar de fala’, o objetivo e o aspecto pessoal que lhe atravessa, garanto um tratamento das imagens de Olavo de Carvalho equânime às demais apresentadas até então.

Fechado o parênteses, localiza-se, já no título do ensaio, a interseção de onde brotarão as imagens construídas por Olavo de

tempo, mais alto e mais fundo.” *Idem*, p. 22; “[...] uma conversão na idade madura seguida de apostasia na entrada da velhice faria de Carpeaux um caso raríssimo e quase patológico de instabilidade espiritual.” *Idem*, pp. 52-3.

¹⁶¹ Cf.: LEVI, Giovanni. “Usos da biografia”. *Op. cit.*, pp. 175-6.

¹⁶² A partir de uma frase de Carpeaux n’*A Cinza do Purgatório*, Olavo de Carvalho chama a atenção para uma concepção de História que é a sua no presente (possivelmente não o era quando de juventude marxista), mas que ele a localiza nos escritos da década de 1940 de Carpeaux: “Note-se, por favor, nessas palavras, a enfática inversão do progressismo vulgar e estúpido que relativiza o passado absolutizando o presente como juiz soberano de todas as épocas; ou que, pior ainda, julga toda a história desde o patamar utópico de um futuro meramente imaginado. Para o autor de *A Cinza do Purgatório*, é o passado que é juiz do presente, assim como as esperanças da infância são o juiz da vida madura. Cf.: CARVALHO, Olavo de. *Op. cit.*, p. 22.

¹⁶³ Cf.: KOSSELECK, Reinhart. *Futuro passado. Op. cit.*; HARTOG, François. *Regimes de historicidade. Op. cit.*

¹⁶⁴ BENJAMIN, Walter. *Passagens. Op. cit.*, p. 505 [N 3, 1].

Carvalho sobre Otto Maria Carpeaux. ‘Exame de consciência’, exercício espiritual tão caro ao cristianismo, guarda uma certa proximidade com a versão secular da autocrítica, prática historicamente comum a membros, simpatizantes e lideranças comunistas.¹⁶⁵ Catolicismo e comunismo – inclusive sua ‘doença infantil’, o esquerdismo – formaram, portanto, os *loci* de onde Olavo de Carvalho tentou deslocar e realocar suas imagens sobre Carpeaux – movimento que ele próprio, Olavo de Carvalho, fizera em vida. Assim, vejamos:

[...] Nossas paixões políticas, que, tudo engolindo, engoliram também aquele que poderia ter sido o nosso mestre, aquele que trazia em seu espírito a semente do nosso futuro, a qual, assim, ajudamos a afundar sem germinar. Não falo dos militares, que, àquela altura, só se ocuparam de obras públicas mastodônticas [...]. *Falo de nós, os jovens, estudantes e intelectuais de esquerdas*, que, festejando a atuação política de Carpeaux, julgávamos ter aprendido o essencial que ele tinha para nos ensinar, sem nos dar conta de que perdíamos a ‘melhor parte’ a ‘única coisa necessária’.¹⁶⁶

Antes de abordar o ‘desvio’ que Carpeaux fizera a partir de 1968 quando, “embriagado pelo licor da simpatia tropical, foi abandonando a alta missão pedagógica que era a sua”, além da própria religião católica, para entregar-se “às tarefas menores e mais imediatas que o momento e a insistência de amáveis pedintes lhe impunham”¹⁶⁷, Olavo de Carvalho subdivide a vida de Carpeaux em quatro fases, delimitação que faz segundo a “mudança do eixo de sua atividade principal”. São elas: de 1900 a 1926 – “seus anos de formação, marcados pela influência recebida de grandes mestres e pela atmosfera da Viena boêmia e romântica”; de 1927-1938 – os anos de sua atividade jornalística, “voltada para a defesa da religião [sic] independência da Áustria”; de 1939 até 1968 – desde sua vinda ao Brasil e, após “alguns vaivéns até tomar pé da situação”, a fase que inicia a “grande etapa de sua obra literária, quando se torna o orientador literário e

¹⁶⁵ Seja num momento extremo de defecção, como é o caso de Olavo de Carvalho e tantos outros, seja em momentos de reorientar as práticas futuras. Dentre outros exemplos, basta citar o XX Congresso do Partido Comunista da União Soviética (1956) ou, no campo intelectual, a autocrítica de E.P. Thompson em *A miséria da Teoria*.

¹⁶⁶ CARVALHO, Olavo de. *Op. cit.*, pp. 68-9. [Itálicos meus].

¹⁶⁷ *Idem*, p. 34.

ideológico de toda uma geração de escritores brasileiros”; e, finalmente, a última fase, iniciada em 1968 – “quando, sob o impacto de acontecimentos políticos que o escandalizam, abandona a carreira de crítico e historiador literário para se dedicar à militância política”. Ainda segundo este enquadramento de Olavo de Carvalho, é também nesta última fase que, “banido da grande imprensa, [Carpeaux] sobrevive como redator de verbetes para enciclopédias.”¹⁶⁸

Localizando o segundo período da vida de Carpeaux como ainda mal conhecido “principalmente porque o próprio Carpeaux lançou sobre ele uma pesada cortina de silêncio”; o terceiro como a “sua etapa mais criadora e feliz da sua existência”; e o quarto como o de “intensa participação nos acontecimentos políticos, esterilidade literária e crescente depressão”¹⁶⁹, Olavo de Carvalho dedicou-se a uma descrição das posições políticas e dos caminhos que os escritos de Carpeaux tomaram em cada um desses períodos.

Segundo Carvalho, é do terceiro período que datam os melhores trabalhos de Carpeaux, “aqueles que conquistaram para ele o mérito de um lugar na história espiritual do mundo, muito além das miudezas políticas do Terceiro Mundo.”¹⁷⁰ É o momento que coincide com sua posição política *liberal* e a sua visão de mundo *buckhardiana*, *apolítica*, de *soberana concentração espiritual* que lhe permitira sair ileso das mais deprimentes experiências europeias.¹⁷¹ Uma síntese desta imagem construída por Carvalho aparece na passagem que se segue:

Também não foi pura acaso que, ao abandonar mais tarde esse liberalismo, saindo do ponto de equilíbrio burckhardiano para colar sua inteligência a serviço de determinada corrente política, Carpeaux fosse gradativamente perdendo a força criativa, até chegar à completa mediocridade do volume consagrado a *Alceu Amoroso Lima*.¹⁷²

A despeito de seu diagnóstico, Olavo de Carvalho dedicou poucas páginas do seu longo ensaio a esta terceira fase de Carvalho. O grosso das imagens que ele apresenta sobre Carpeaux datam mesmo da quarta fase, quando se refere às ações de jornalistas como Carpeaux e Carlos Heitor

¹⁶⁸ *Idem*, p. 35.

¹⁶⁹ *Ibidem*.

¹⁷⁰ *Idem*, p. 43.

¹⁷¹ *Idem*, pp. 44 a 48; 17 e 29, respectivamente. [Itálicos meus].

¹⁷² *Idem*, p. 46. Referência à obra póstuma de Carpeaux sobre a vida de Alceu Amoroso Lima.

Cony, ainda no *Correio da Manhã*, em oposição imediata aos governos militares; depois a admiração e o reconhecimento do nome Carpeaux entre os estudantes universitários – “que jamais [...] tinham interessado por seus ensaios” antes; o afastamento de Carpeaux do *Correio da Manhã* e suas contribuições para os jornais, revistas da ‘imprensa alternativa’ e para os “muitos jornaizinhos estudantis de circulação modesta e vida efêmera.”¹⁷³ Foi também nesta quarta etapa da vida de Carpeaux que Olavo de Carvalho travou o seu contato mais próximo com seu ‘ídolo’ de então, assim registrado:

Eu mesmo testemunhei a generosidade de Carpeaux para com os estudantes, quando, jornalista profissional e militante comunista, fui ‘cooptado’ pela base da Faculdade de Direito do Largo São Francisco para dar uma mãozinha no jornal do Centro Acadêmico (*O Onze de Agosto*) e no da Casa do Estudante (*O Grasno*). Por intermédio do único carioca do nosso grupo, Roberto Negrão de Lima, [...] chegavam a Carpeaux nossos pedidos de colaboração gratuita, que ele atendia prontamente. [...] Carpeaux era o nosso ídolo, era o que queríamos ser quando crescêssemos.¹⁷⁴

Para Carvalho, se particularmente em Carpeaux “os sinais pronunciados de decadência intelectual só são visíveis [...] a partir de 1968 e sobretudo depois de 1971”¹⁷⁵, isto reflete tanto sua ação em “entregar-se a um combate político mais ou menos periférico”¹⁷⁶ quanto à própria dinâmica do jornalismo brasileiro daquele período, que impunha “novas condições cada vez mais estreitas e imbecilizantes [...] aos seus colaboradores literários.”¹⁷⁷ Ainda segundo Carvalho, a partir de meados da década de 1960, Carpeaux “foi sendo cada vez mais absorvido pelas tarefas do jornalismo político, até o ponto de abandonar por completo a produção de ensaios.”¹⁷⁸

Mais do que mensurar e vincular a qualidade dos escritos de Carpeaux ao seu progressivo envolvimento no cenário político brasileiro pós-1964, Olavo de Carvalho destaca em suas memórias aquilo que

¹⁷³ *Idem*, pp. 40-1.

¹⁷⁴ *Idem*, p. 41.

¹⁷⁵ *Idem*, p. 39 [Nota 39].

¹⁷⁶ *Idem*, p. 63

¹⁷⁷ *Idem*, p. 39 [Nota 39]

¹⁷⁸ *Ibidem*.

denomina de “mistério” a envolver o catolicismo e a “suposta” apostasia de Carpeaux àquela religião nos últimos de vida, simbolizada pela ausência de ritos fúnebres católicos de seu sepultamento.¹⁷⁹

Reconhecendo que sua análise quanto a este ‘mistério’ não ultrapassa os limites da conjectura – mesclada com uma certa ‘transferência’ de sua própria experiência – Carvalho percorre um longo caminho que se inicia no aprofundamento das atividades políticas de Carpeaux, a partir de 1968, passa pelo momento de sua morte, pelos depoimentos de Alceu Amoroso Lima, Antônio Callado e Antônio Houaiss sobre este tema, retornando até a conversão de Carpeaux ao catolicismo, em 1932, e, por fim, ao seu ingresso no cenário intelectual brasileiro, na década de 1940. Eis algumas passagens deste percurso, e as conclusões que dele extrai Olavo de Carvalho:

Filho de judeu, sem interesse pelo judaísmo, converteu-se à Igreja Católica aos 32 anos, alinhando-se nas fileiras da direita católica, da qual se torna importante porta-voz; massacrada a direita católica pela invasão nazista, ele vai para outro país, onde, após um período de recolhimento e aristocrática apoliteia burckhardtiana, passa para a esquerda católica; aos poucos começa a se sentir inibido ao declarar sua religião e por fim a abandona por completo, morrendo como um esquerdista *tout court*, materialista e ateu.¹⁸⁰

O início do que denominou de progressiva inibição da manifestação católica de Carpeaux, Carvalho localiza na polêmica que este se envolveu na década de 1940, que o opôs a uma parcela de “intelectuais progressistas” de então¹⁸¹:

Muito provavelmente, ecos da polêmica em 1943-44, quando Carpeaux fora praticamente – e injustamente – acusado de cumplicidade com o nazismo devem ter contribuído para instilar em sua alma a timidez anotada por Houaiss.
[...]

¹⁷⁹ *Idem*, p. 52 e ss.

¹⁸⁰ *Idem*, p. 53.

¹⁸¹ *Idem*, pp. 57-8. Cf.: a imagem *A recepção ‘à esquerda’ de Carpeaux* In

Os ataques difamatórios que ele sofreu foram tão cruéis, e o atingiram numa virada tão difícil da sua vida, que não vejo como descartar a hipótese de que tenham contribuído para inibir sua fé religiosa e para fazer com que, na sua alma profundamente abalada, a autoridade moral da Igreja fosse sendo usurpada, aos poucos, pela autoridade da casta intelectual esquerdista, um superego intolerante e supremamente autodivinizador.¹⁸²

Através do recurso metonímico, Olavo de Carvalho cita a entrevista-depoimento de Alceu Amoroso Lima a Antônio Houaiss e Antônio Callado, em abril de 1978, para ilustrar o quadro generalizado da “inibição [dos assuntos da religião] ante o prestígio do materialismo nos meios intelectuais brasileiros.”¹⁸³ Dirigindo duras críticas primeiro a Alceu Amoroso Lima: “consagrado pela mídia [...] como o ‘maior pensador católico brasileiro’ [...] só tocou no assunto pela rama [...] limitando a discussão da religião de Carpeaux aos chavões políticos de praxe”¹⁸⁴; e apontando o silêncio de Antônio Callado, “oficialmente um católico”¹⁸⁵, quanto ao tema, Carvalho subscreve somente as palavras de Antônio Houaiss, notadamente sobre a certa ‘margem de reserva’ que este observara em Carpeaux em relação aos assuntos espirituais e à observação de Houaiss em relação ao comprometimento do passado frente a certos compromissos sociais assumidos ao longo da vida.¹⁸⁶ A partir de Houaiss, Olavo de Carvalho crava uma de suas conclusões: “Qualquer que tenha sido o itinerário interior de Carpeaux nos anos que se seguiram, fato é que ele nunca renegou em público a fé católica, mas foi-se tornando cada vez mais reticente quando se tocavam em assuntos de religião.”¹⁸⁷

Quanto ao ambiente que fez Carpeaux tornar-se cada vez mais reticente, mais uma vez Olavo de Carvalho faz coincidir a sua experiência à de Carpeaux:

Onde a sinceridade é proibida entre amigos, é que a repressão não se contentou em sufocar as palavras: invadiu a alma, instaurou o medo de pensar. Que ambiente tenebroso era esse? Que pessoas terríveis

¹⁸² *Idem*, pp. 57-8.

¹⁸³ *Idem*, p. 56.

¹⁸⁴ *Idem*, p. 62 [Nota 79].

¹⁸⁵ *Ibidem*.

¹⁸⁶ *Idem*, p. 56.

¹⁸⁷ *Ibidem*.

eram essas, ante as quais não digo a fé, mas o simples interesse pelo reino do espírito já não ousava dizer seu nome? Era o círculo dos intelectuais de esquerda que, em público, professam libertar o país da tirania e do medo. Em troca desta promessa, nada do que nos exigiam parecia demais. *Muitos de nós cederam-lhe a liberdade de consciência e não têm até hoje coragem de resgatá-la.*¹⁸⁸

Por fim, somada à “crescente politização dos valores que orientavam a atividade exterior de Carpeaux”, Olavo de Carvalho logra sintetizar os motivos da abdicação aos interesses espirituais daquele – a seu ver, fruto do ambiente intelectual das décadas de 1960 e 1970 e da relação que Carpeaux estabeleceu com aquele ambiente, relação demonstrada pelo constrangimento religioso pelo qual passara até então:

Mas, se ele perdeu totalmente a fé, está claro pelo menos que passou por uma progressiva debilitação de sua consciência religiosa, tornando-se incapaz de confessar Cristo com a boca e passando a escondê-lo no recesso de um coração tornado tímido e vacilante; e é certo também que essa timidez foi muito reforçada por um ambiente onde se misturavam, numa poção irresistivelmente persuasiva que se diria preparada pela mão do próprio Dr. Pavlov, a lisonja e a intimidação – as substâncias básicas do controle do pensamento.¹⁸⁹

As imagens que segue construindo sobre Carpeaux reforçam o tom memorialístico (no sentido de reconstrução do passado ao sabor do presente) e pessoal do ensaio de Olavo de Carvalho. Sobre uma das razões do comprometimento de Carpeaux frente às questões políticas durante a Ditadura, escreve: “Ao colocar sua força e seu prestígio integralmente a serviço de uma causa política, Carpeaux agiu como homem bom e generoso que era.”¹⁹⁰

A revolta de Carpeaux em relação a “um estado de coisas acidental e passageiro” que era aquele contexto ditatorial, sua perda de “todo o senso das nuances” e sua queda “em simplificações grosseiras como denominar

¹⁸⁸ *Ibidem*. [Itálicos meus].

¹⁸⁹ *Idem*, p. 62.

¹⁹⁰ *Idem*, p. 64.

‘fascista’ o regime brasileiro”, Olavo de Carvalho enxerga como outros pontos a causar “consternação” na biografia de Carpeaux.¹⁹¹

1968 é apontado como o “divisor de águas” na vida de Carpeaux, momento em que ele “se condenou implicitamente à progressiva esterilidade intelectual, que se refletiu no abandono de sua atividade erudita e na má qualidade de seus derradeiros trabalhos”¹⁹². E até mesmo o fato de Carpeaux ter “aplaudido a guerrilha brasileira, ostensivamente apoiada pelo governo de Havana”, Carvalho pondera em nome de sua própria experiência: “[...] Na agitação do momento, muitas exigências superiores da consciência foram sufocadas em nome de urgências políticas ao menos aparentes. *Não foi só Carpeaux que fez isso – e eu, que cá no mesmo engano, seria o último a condená-lo.*”¹⁹³

No último ano de vida, já “bastante deprimido”, Olavo de Carvalho localiza os “sinais de total esgotamento” de Carpeaux, cujos danos intelectuais da transformação do investigador em militante ficaram refletidos na “biografia laudatória” que escreveu sobre Alceu Amoroso Lima – “obra francamente ruim [...] rasa e monócórdia enumeração das virtudes do biografado, mistura de elogio acadêmico e panfleto demagógico.”¹⁹⁴

Escritas em 1998, sobre essas imagens com as quais Olavo de Carvalho introduziria o volume I dos *Ensaios Reunidos* de Otto Maria Carpeaux – mais do que “destacar alguns pontos importantes” sobre a vida deste e mesmo se abstando em tecer “uma interpretação global” de sua obra –, pode-se aferir um projeto muito claro de reinterpretção da memória de Carpeaux.

Mesmo não tendo acesso aos documentos da coleção Otto Maria Carpeaux da *Fundação Casa de Rui Barbosa*¹⁹⁵, o ensaio de Olavo de Carvalho difere dos demais atos memorialísticos pela sua capacidade em apresentar uma visão sintética dos principais ‘lances biográficos’ sobre Carpeaux, aproximando ou excluindo imagens que já vinham sendo construídas sobre Carpeaux a uma interpretação muito particular, sobretudo daquelas oriundas do contexto pós-1964.

O fato de abrir o primeiro volume de um projeto editorial que se pretendia maior, ser fartamente ilustrado e procedido de uma “Cronologia

¹⁹¹ *Idem*, p. 65.

¹⁹² *Idem*, p. 68.

¹⁹³ *Idem*, p. 65 [Nota 84] [Itálicos meus].

¹⁹⁴ *Idem*, p. 68.

¹⁹⁵ Na primeira nota de rodapé do ensaio, Olavo de Carvalho faz questão de indicar esse aspecto: “Até 1997 os arquivos pessoais de OMC, conservados na Fundação Casa de Rui Barbosa, não tinham sido catalogados.” In *Idem*, p. 17 [Nota 1].

da vida e da obra de Otto Maria Carpeaux¹⁹⁶ contribuem para conferir ao ensaio de Olavo de Carvalho a legitimidade de uma memória, senão ela própria oficializada, ao menos um “esboço de uma futura visão unitária”, para citar suas palavras.

Rememorações atuais – o ‘mestre’ Carpeaux

O impacto que os dois volumes de *Ensaaios Reunidos* de Otto Maria Carpeaux¹⁹⁷ e a publicação da 3ª edição da *História da Literatura Ocidental* causaram no cenário literário brasileiro dos anos 2000 pode ser medido pelas resenhas, pelas matérias especiais em suplementos literários e, como não podia deixar de ser, pelos depoimentos de antigos convivas de Carpeaux – muitos dos quais antigos resenhistas ou atuais editores de páginas literárias. É interessante perscrutar sob quais aspectos as imagens de Carpeaux estão atualmente sendo construídas por aqueles que o conheceram pessoalmente, e qual o impacto que as anteriores rememorações sobre Carpeaux exercem nestas imagens.

Matéria sobre reedição de *História da Literatura Ocidental*. Caderno Guia SP – Folha de S.Paulo de 18/12/2011. Acervo Folha Digital



Um primeiro caminho para esta sondagem é o prefácio do volume II dos *Ensaaios Reunidos*¹⁹⁸, assinado por Ivan Junqueira. Apresentado como “Poeta e ensaísta. Presidente da Academia Brasileira de Letras”, Ivan Junqueira localiza seu primeiro contato com Carpeaux, em 1962, na redação da *Enciclopédia Barsa*, logo na primeira página do texto – “Eu era então, aos 28 anos, um dos redatores de verbetes e monografias da

¹⁹⁶ CARPEAUX, Otto Maria. *Ensaaios reunidos* – vol. 1 (1942-1978). *Op. cit.*, pp. 74-6.

¹⁹⁷ Publicadas em 1999 e 2005, respectivamente.

¹⁹⁸ JUNQUEIRA, Ivan. “Mestre Carpeaux”. *Op. cit.*, pp. 17-45.

enciclopédia.” Esse se repetiria, segundo Junqueira, três anos depois, já na *Enciclopédia Delta Larousse*, cujos trabalhos se iniciavam sob a direção de Antônio Houaiss:

Carpeaux era ali o braço direito de Houaiss e comandava praticamente toda a redação com sua exuberante personalidade e sua cultura por assim dizer ‘enciclopédica’, palavra que detestava quando dela nos servíamos para definir seu vasto conhecimento humanístico. É desse tempo que data o aprofundamento de minha amizade com Otto Maria Carpeaux, de quem fui dileto e tenaz discípulo até o dia de sua morte. [...] A bem da verdade, fui seu discípulo pelo resto da vida, e vezes sem conta ainda recorro às suas obras em busca de um conhecimento que jamais alcançarei.¹⁹⁹

A imagem que Ivan Junqueira apresenta de Carpeaux, com quem conviveu na redação da *Delta Larousse* “quase diuturnamente de 1966 a 1969”, faz jus ao título que deu ao prefácio, *Mestre Carpeaux* – “Como Virgílio foi o guia de Dante na selva escura dos infernos, Carpeaux exercia um papel semelhante junto àquela heteróclita e turbulenta redação da *Delta Larousse*”.²⁰⁰ Ao largo da imagem de mestre, porém, o profissional Carpeaux também é descrito por Ivan Junqueira, que nos apresenta a rotina e o papel daquele no dia a dia da redação:

Era sempre o primeiro chegar à redação, antes mesmo de Antônio Houaiss, outro exemplar madrugador. Pontualmente às 8h, lá estava ele à sua mesa, ao lado de quatro maços de Hollywood, sem filtro, que seriam nervosa e diligentemente consumidos até o fim da tarde. Carpeaux controlava não apenas o ritmo de produção dos redatores, tradutores, revisores e datilógrafas, mas também a maior parte dos textos que chegavam dos colaboradores externos das diversas áreas disciplinares da enciclopédia.²⁰¹

Acabado o projeto da *Enciclopédia Delta Larousse* em 1969, Ivan Junqueira mais uma vez perdeu o contato direto com Carpeaux, que ainda

¹⁹⁹ *Idem*, p. 18.

²⁰⁰ *Idem*, p. 19.

²⁰¹ *Ibidem*.

teve tempo de indicá-lo para um cargo de redator do *Jornal do Brasil*.²⁰² Em 1972, porém, recebeu outro convite de Carpeaux, desta vez para integrar a equipe da *Enciclopédia Mirador Internacional*, também sob a direção de Antônio Houaiss.

À época, relembra Junqueira, ele já havia deixado o *Jornal do Brasil* e assumido funções de assessor de imprensa da Organização das Nações Unidas no Brasil. Temeroso por deixar aquela posição e integrar uma nova redação que, finda as tarefas, também se extinguiria, Ivan Junqueira renunciou ao convite de Carpeaux, mesmo sob a “promessa de que cobriria o valor do bom salário que então [a ONU lhe] pagava.”²⁰³

Além do bom salário, Ivan Junqueira destaca a “extraordinária monografia” escrita por Carpeaux para a *Mirador Internacional* – entre 1972 e 1973, portanto – sobre as edições críticas da Bíblia – “[...]Fiquei pasmo com a erudição teológica de quem a redigira. [...] Ao fim da leitura dessa monografia admirável [...]fui verificar as iniciais do autor. E lá estava: Carp (Otto Maria Carpeaux).”²⁰⁴

Do período de maior comprometimento político de Carpeaux – em vários momentos concomitante com o seu trabalho nas redações das enciclopédias –, Ivan Junqueira destaca a transformação de um homem “profundamente gago e às vezes ofegante, talvez devido ao excesso de fumo” em fluente orador, quando tomava a palavra diante de uma plateia, de uma assembleia popular

Foi assim que o vi certa vez em 1969, em frente à Assembleia Legislativa, na Cinelândia, quando, diante do corpo de um estudante assassinado pela polícia no restaurante do Calabouço, conclamou a multidão a acompanhar o cortejo fúnebre até o Cemitério S. João Batista e a reagir, se necessário fosse com armas na mão, contra a opressão instaurada pela ditadura militar.²⁰⁵

²⁰² *Idem*, p. 21.

²⁰³ Ivan Junqueira acabou trabalhando como colaborador externo daquele empreendimento, escrevendo inúmeros artigos entre 1972 e 1973 para a área de humanidades – sob responsabilidade de Carpeaux –, “tendo sido sempre regamente remunerado pela tarefa.” Cf.: *Idem*, pp. 21-2.

²⁰⁴ *Idem*, p. 25.

²⁰⁵ *Idem*, pp. 20-1. Há uma confusão por parte de Ivan Junqueira em relação ao ano do assassinato do jovem estudante (Édson Luís) no restaurante Calabouço: ele ocorreu em março de 1968. Cf.: VENTURA, Zuenir. 1968. *Op. cit.*

Mas são poucas as menções de Ivan Junqueira sobre o engajamento de Carpeaux na oposição ao regime militar. O que “sempre” o intrigou na “entusiástica adesão à causa da esquerda” de Carpeaux era menos o ato em si – “naquela época em que o arbítrio e o autoritarismo tomaram conta do país, todo homem considerado minimamente de bem o fizesse”²⁰⁶ – e mais porque aquele posicionamento ia de encontro com o passado católico de Carpeaux na Áustria, correligionário do Partido Social Cristão austríaco que tinha cerrado fileiras contra o nacional-socialismo e o comunismo na década de 1930.²⁰⁷

Não há como mensurar o quanto da ‘intriga pessoal’ de Ivan Junqueira se deve ao mapeamento e as ilações sobre o passado europeu de Carpeaux publicados por Mauro Souza Ventura em 2002, através do *De Karpfen a Carpeaux* – obra que Junqueira cita e dialoga ao longo do prefácio – notadamente em relação à tese do ‘pensamento barroco-católico de Carpeaux’, desenvolvida por Ventura e, em parte, endossada por Junqueira.

Particularmente à religião, Ivan Junqueira não imputa a guerra ou a fuga para o Brasil, tampouco a sua recepção pouco amistosa de parte da esquerda brasileira, como responsáveis por abalar as convicções religiosas de Carpeaux.²⁰⁸ Segundo suas palavras: “O homem que conheci em 1962 não deixava transparecer nenhum vestígio do catolicismo pelo qual pugnara durante a sua juventude.”²⁰⁹ Este aspecto interessa a Junqueira justamente pela sua relação com a concepção estética e com os métodos críticos desenvolvidos por Carpeaux:

Não obstante suas posições políticas a favor da esquerda, Carpeaux sempre me deu a impressão que era, no fundo, um espírito religioso cuja saúde [...] não dispensa o mistério.

[...]

Não resta dúvida de que o Carpeaux que começa a publicar seus ensaios entre nós na década de 1940 já não é o mesmo, mas essa consciência da inquietação religiosa na literatura jamais o abandonou.²¹⁰

A partir da relação entre religiosidade e aparato teórico-metodológico, Ivan Junqueira inverte o foco de suas imagens iniciais. O ‘ser humano excepcional’ dá espaço ao ‘prodigioso erudito e ensaísta’ que

²⁰⁶ *Idem*, p. 22.

²⁰⁷ *Ibidem*.

²⁰⁸ *Idem*, p. 23.

²⁰⁹ *Ibidem*.

²¹⁰ *Idem*, pp. 30-1.

foi Carpeaux. Ocupando a maior parte daquele prefácio, Junqueira apresenta e comenta as principais obras publicadas, as diversas áreas de atuação (filosofia, história, religião, sociologia, artes plásticas, música) e os principais ensaios publicados por Carpeaux – muitos dos quais dispersos entre jornais, revistas e suplementos literários e, até aquele segundo volume de seus *Ensaíes Reunidos*, nunca antes publicados em livro.

De curto fôlego, também as resenhas sobre os dois volumes dos *Ensaíes Reunidos* e sobre a 3ª e a 4ª edições da *História da Literatura Ocidental*, escritas sob o regime da memória, apresentam, majoritariamente, um foco voltado mais para a análise panorâmica das obras de Carpeaux do que propriamente aos aspectos pessoais dele – quando muito, o foco de tais aspectos recai sobre os seus atributos eruditos. Em algumas dessas resenhas sobra um pequeno espaço para a anedota. Seu lado político, porém, quase não é mencionado.

Wilson Martins, um dos primeiros críticos a escrever sobre Carpeaux, ainda no início da década de 1940²¹¹, ao resenhar o segundo volume dos *Ensaíes Reunidos* para o *Jornal do Brasil*²¹² caracterizou-o antes como um ensaísta do que um crítico literário *stricto sensu* – dado o seu papel de “exegeta”, que abriu “horizontes que tornaram contemporânea a literatura brasileira na história intelectual.”²¹³

“Herói civilizador”²¹⁴ é outra imagem apresentada por Wilson Martins, para quem Carpeaux era fonte de conhecimento – “no singular” – e até mesmo de contestação às certezas prévias sobre determinado autor, sobre determinado tema – “para o que será preciso percorrer, em cada caso específico, o seu próprio trajeto.”²¹⁵ Sobre sua convivência, outrora “quase contínua”²¹⁶ com Carpeaux, Wilson Martins nada menciona, tampouco sobre os aspectos extraliterários.

Ivo Barroso, que conviveu com Carpeaux na segunda metade da década de 1960, publicou dois textos sobre o austríaco-brasileiro quando do lançamento da 3ª edição da *História da Literatura Ocidental*, um a título de resenha, publicado no *Caderno Cultura* do jornal *O Estado de S.Paulo*²¹⁷ e

²¹¹ Cf.: MARTINS, Wilson. “Elogio de Otto Maria Carpeaux”. In _____ *Interpretações* – Ensaíes de crítica. Rio de Janeiro: José Olympio editora, 1946, pp. 229-235.

²¹² MARTINS, Wilson. “Carpeaux entre os livros”. In *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 04/03/2006, p. 03 [Ideias].

²¹³ *Idem*.

²¹⁴ *Ibidem*.

²¹⁵ *Ibidem*.

²¹⁶ *Ibidem*.

²¹⁷ BARROSO, Ivo. “A história de Carpeaux”. *Op. cit.*

outro mais intimista, não por acaso publicado na seção *Memória* do suplemento *Ilustríssima*, do jornal *Folha de S.Paulo*.²¹⁸

A despeito da ambiguidade aludida pelo título, *A história de Carpeaux* apresentada por Ivo Barroso é mesmo a *História da Literatura Ocidental*, “obra máxima” e “monumental” do autor, segundo suas palavras. Traçando um breve histórico da produção, dos percalços envolvendo a 1ª edição e dos longos intervalos entre as duas primeiras e aquela 3ª edição, publicada pelas *Edições do Senado*, Ivo Barroso saúda em especial a figura de Joaquim Campelo Marques – quem publicou, através de sua editora *Alhambra*, a 2ª edição e, então vice-presidente do Conselho Editorial do Senado, foi o responsável pela nova edição.

Situando a *História da Literatura Ocidental* como um “panorama em que se busca antes compreender do que explicar os fenômenos humanos e sociais”, Ivo Barroso a distingue de outras publicações do gênero, de caráter mais enciclopédico. Segundo Barroso, a *História da Literatura Ocidental* apresenta uma “visão de conjunto de todas as literaturas ocidentais analisadas num *continuum* em que os desdobramentos cronológicos se mostram embrechados de componentes sociológicos, econômicos, políticos, religiosos etc.”²¹⁹

Sobre o seu autor, propriamente, Ivo Barroso traça pouquíssimas linhas biográficas; o suficiente para localizá-lo trabalhando, por dois anos (1944 e 1945) e “por sugestão de José Lins do Rego [...] na composição manuscrita das 5.000 páginas que resultaram nos originais da História da Literatura Ocidental” – páginas que seriam “posteriormente datilografadas por sua mulher, D. Helena, e minuciosamente revistas por ele.”²²⁰

Pouco menos de dois anos depois, Ivo Barroso volta a escrever sobre Carpeaux, agora através de um breve texto que intitulou *Lembranças de Carpeaux*. Divididas em dois momentos (1967 e 1977), aquelas *Lembranças* informavam a tímida aproximação que Ivo Barroso estabelecera com Carpeaux, quando ambos trabalhavam na editora Delta – “eu tinha ao alcance dos olhos e da minha curiosidade aquele erudito que me havia salvado de alguns impasses desalentadores”²²¹ –; e o último encontro, dez anos depois, numa visita que Carpeaux lhe fizera em Lisboa:

Quando chegou, pus a tocar o Magnificat, BWV.243, de Bach, que sabia ser de suas músicas

²¹⁸ BARROSO, Ivo. “Lembrança de Carpeaux – Rio de Janeiro, 1967, e Lisboa, 1977”. *Op. cit.*

²¹⁹ BARROSO, Ivo. “A história de Carpeaux”. *Op. cit.*, p. 01

²²⁰ *Ibidem.*

²²¹ BARROSO, Ivo. “Lembrança de Carpeaux...” *Op. cit.*, p. 07.

preferidas. Carpeaux elogiou os azulejos e o jardim, mas, ao ouvir a música, exclamou contente: ‘Mas isto aqui é o paraíso!’.

Tomamos chá, falamos sobre música e literatura, e ele discretamente se referiu ao Brasil sombrio em que estava vivendo, embora já vislumbrasse uma esperança de abertura. Aí, para animá-lo, eu disse: ‘Mas você veio agora rever a velha Europa, lembrar-se dos tempos...’ E ele, sem titubeios: ‘Vim me despedir.’”²²²

‘Companheiro de trincheira desde 1964’

Sobre a última viagem de Carpeaux à Europa e a Viena, Carlos Heitor Cony escreveu:

No final do ano passado, Carpeaux deu um giro pela Europa. Não pretendia ir a Viena, mas as conexões são relativamente imprevistas e ele foi parar em Munique. Sete horas, apenas, pelo trem que corta a bela paisagem pré-Alpina. Por que não? O filho pródigo voltou, *displaced person* na cidade que amou e com a qual não mais se identificou. Passou em silêncio (e pela última vez) nas mesmas ruas, sentindo-se um estrangeiro. Procurou os cafés, num deles Trotsky fazia ponto, ruminando sua cólera. No regresso escreveu um artigo (MANCHETE n° 1.341) sobre a sua cidade natal e procurou me dissuadir de ir a Viena. Mostrei-lhe o bilhete de passagem, iria a Viena de qualquer maneira, em parte para percorrer os itinerários daquele amigo e mestre que me fascinou desde o primeiro encontro, na redação de um jornal que não mais existe.²²³

Neste texto de 1978, espécie de introdução para a última das quatro crônicas de viagens escritas por Carpeaux e publicadas pela *Revista Manchete*, Cony tece um panorama biográfico do austríaco-brasileiro que não difere de outros balanços daquele primeiro ciclo reminescente que foram

²²² *Ibidem*.

²²³ CONY, Carlos Heitor. “Viagem em torno de Otto Maria Carpeaux” In *Revista Manchete*, Rio de Janeiro, 25/02/1978, p. 103. Este artigo foi republicado em 1997 na *Folha de S.Paulo*, jornal em que Cony então compunha o conselho editorial. Cf.: CONY, Carlos Heitor. “Viagem em torno de Otto Maria Carpeaux” In *Jornal Folha de S.Paulo*, São Paulo, 01/08/1997, p. 21.

descritos. Entretanto, chama a atenção sua capacidade de manter em vigor o compromisso então assumido em “honrar o [...] grande legado” de Carpeaux.²²⁴

Mais de três décadas depois, Cony continua escrevendo crônicas que relatam momentos de sua convivência com Carpeaux, dentro e fora do *Correio da Manhã*, mas invariavelmente sobre o período em que eram “companheiros de trincheira.”²²⁵ Mesmo quando as crônicas são estimuladas pelas atuais reedições ou pela publicação de alguma obra relacionada ao antigo companheiro²²⁶, Cony focaliza os aspectos que fizeram de Carpeaux e dele intelectuais combatentes ao regime, retomando uma dada imagem do austríaco-brasileiro menos presente no atual ciclo rememorativo.

Em especial, destaca-se o período em que, “pressionados pelo regime político [...] sem jornal para escrever”, Carpeaux e Cony aceitaram “convites de estudantes de diversas universidades espalhadas pelo Brasil” e palestraram em “faculdades, igrejas e clubes recreativos” sobre o contexto político de então.²²⁷ Cony relembra que durante dois ou três anos era rara a semana em que não estavam em algum canto do território nacional²²⁸, “em reuniões muitas vezes surpreendentes e equivocadas”:

Lembro que, numa cidade do sul de Minas, ao entrarmos no auditório lotado, vimos na mesa que nos destinaram, devidamente paramentados, nada mais do que o bispo local e o coronel comandante do quartel daquela região. A solução foi falarmos sobre autores mineiros, Drummond, Guimarães Rosa e... Ary Barroso. Fomos razoavelmente aplaudidos. Mas, ao voltarmos ao hotel, a prudência nos obrigou a fazer as malas e enfrentar a noite na estrada, voltando para o Rio.²²⁹

²²⁴ *Idem*.

²²⁵ CONY, Carlos Heitor. “Passo atrás na direção certa” In *Jornal Folha de S.Paulo*, São Paulo, 19/04/2001, p. 02.

²²⁶ Sobre a publicação do 1º volume de *Ensaios Reunidos*, Cf.: CONY, Carlos Heitor. “Ensaios de Carpeaux” In *Jornal Folha de S.Paulo*, São Paulo, 15/07/1999, p. 02; sobre o 2º volume, Cf.: CONY, Carlos Heitor. “Relembrando Otto Maria Carpeaux”. In *Jornal Folha de S.Paulo*, São Paulo, 03/02/2006, p. 12 [Ilustrada].

²²⁷ CONY, Carlos Heitor. “Otto Maria Carpeaux” In *Jornal Folha de S.Paulo*, São Paulo, 23/11/2007, p. 18 [Ilustrada].

²²⁸ CONY, Carlos Heitor. “Relembrando Otto Maria Carpeaux” *Op. cit.*

²²⁹ *Idem*.

Cony denominou aquelas palestras de “mambembe não remunerado e estranhíssimo”²³⁰, dada as dificuldades de fala que tanto ele quanto Carpeaux possuíam. Quanto aos aspectos pecuniários, se o pagamento não provinha dos diretórios estudantis, é plausível que aquelas palestras fizessem parte dos eventos promovidos pela *Editora Civilização Brasileira* e representassem mais um flanco do ‘frentismo cultural’.²³¹ Já em outro texto, afirma que “a verba dos estudantes era limitada” e, por isso, não raro ele e Carpeaux dividiam o mesmo quarto de hotel – “Nunca tive um companheiro mais educado e cortês.”²³²

Em mais de uma crônica sobre aquele período, Cony atualizou o ‘ruído’ em torno dos aspectos religiosos de Otto Maria Carpeaux. “Luz apagada, fumando o último cigarro, eu notava que ele se concentrava antes de dormir. Rezava? Talvez. Sempre suspeitei que Carpeaux tinha um fundo religioso, embora criticasse todas as religiões.”²³³ Em outro texto, Cony rememora:

Em Florianópolis, num hotel modesto, acordei no meio da noite e olhei para a cama ao lado. Estava vazia. Carpeaux sofria de insônia, imaginei que ele, sem fazer barulho, na ponta dos pés, tivesse saído do quarto, tomando o cuidado para não me acordar. Não acendi a luz, mas saí da cama, fui à saleta anexa ao quarto, que também estava escura. Voltado contra a parede, numa direção que eu não podia determinar (Roma? Meca? Antuérpia?) Carpeaux estava de joelhos, cabeça baixa, os braços estendidos, como um anacoreta medieval, perdido num deserto sem estrelas. [...] Eu sabia tudo sobre Carpeaux, menos o seu passado europeu, sobre o qual ele nunca falava. Não frequentava igrejas, evitava qualquer discussão sobre temas religiosos.²³⁴

Todavia, Cony, um ex-seminarista, aposta numa teoria secular para explicar aqueles momentos de alta concentração em que Carpeaux se

²³⁰ CONY, Carlos Heitor. “O assombro das noites”. *Op. cit.*

²³¹ Como a palestra em Juiz de Fora descrita por Leandro Konder. Cf.: a imagem *O encontro de Carpeaux com o ‘seu marxista’* deste capítulo.

²³² CONY, Carlos Heitor. “Otto Maria Carpeaux”. *Op. cit.*

²³³ *Idem.*

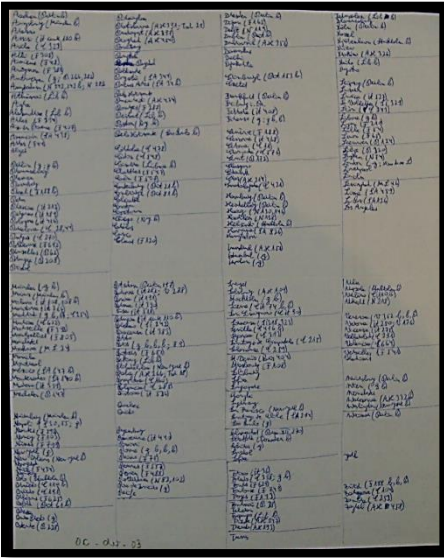
²³⁴ CONY, Carlos Heitor. “O assombro das noites”. *Op. cit.*

entregava “não apenas na hora de dormir, mas em momentos específicos de seu dia”²³⁵:

Lá no ‘Correio da Manhã’, todos ficávamos intrigados com a mania que ele tinha de pegar um papel e nele colocar nomes e números numa ordem que, aparentemente, parecia uma lista de jogo do bicho. Feita a lista, olhava em torno para ver se alguém o observava e discretamente jogava o papel rasgado na cesta. Um colega deu-se ao trabalho de apanhar os fragmentos e recompor a lista. Lá estavam, com a sua inconfundível letra gótica, pequenos blocos de cinco ou seis letras e números, coisa esotérica. Todos os dias a mesma coisa. Quando teve o primeiro enfarte e ficou internado no hospital, ele pedia à dona Helena, sua mulher, que lhe perguntasse determinadas datas e acontecimentos, aleatoriamente, como numa roleta. Nada respondia, mas ficava concentrado, buscando na memória o que lhe fora indagado. Juntando esses elementos, comecei a perceber (e outros colegas também já tinham chegado à mesma conclusão) de que Carpeaux possuía algum processo mnemônico, aprendido em Cracóvia, em Viena, na Antuérpia, sei lá onde, um macete de ‘scholar’ com o qual, através de chaves e códigos, penetrava em todos os campos do saber humano.²³⁶

²³⁵ CONY, Carlos Heitor. “Otto Maria Carpeaux”. *Op. cit.*

²³⁶ *Idem.*



E 12 sexta-feira, 3 de fevereiro de 1966 **ILUSTRADA** **FOLHA DE SPÉLZO**

CARLOS HEITOR CONY

Relebrando Otto Maria Carpeaux

na página interna do Diogo, levado ao fundo de observações suas

A TORRENTE azul de fumaça se elevava do "Tubo nº 2", com rachadas de Otto Maria Carpeaux publicado entre 1950 e 1954 em diversos jornais e revistas. Era prático, fácil de ler, e não tinha aquela aridez que costumava ser o estilo de muitos escritores brasileiros da época. Além disso, era uma obra que se lia com prazer, e não aquela que se lê para cumprir uma obrigação.

Carpeaux foi um dos poucos escritores que, com seu talento e sua vontade, conseguiram fazer um livro que não fosse apenas um tratado de história ou de geografia, mas que tivesse um valor literário e humano. Sua obra é uma contribuição para a literatura brasileira, e é um exemplo de como se pode escrever bem, mesmo em um país que, na época, não tinha uma tradição literária muito forte.

Hoje, quando nos lembramos de Otto Maria Carpeaux, devemos lembrar também de seu espírito, sua coragem e sua capacidade de se dedicar a uma obra que, embora não fosse muito conhecida, era uma contribuição importante para a cultura brasileira.

O primeiro livro que eu li de Otto Maria Carpeaux, obrigado à generosidade de meu tio, foi "Os tempos de São Paulo", e desde então não consigo mais deixar de ler os seus livros. Eles são uma verdadeira descoberta para quem não conhece a obra completa do autor. Além disso, eles são uma excelente introdução para quem quiser conhecer mais sobre a história e a cultura de São Paulo.

Um dia, quando estava em uma viagem, li um livro que me fez lembrar muito de Otto Maria Carpeaux. Era "Os tempos de São Paulo", e eu me lembrei de como ele escrevia, de como ele conseguia fazer um livro que não fosse apenas um tratado, mas que fosse uma obra de arte. E eu me lembrei também de como ele conseguia fazer um livro que fosse uma contribuição importante para a cultura brasileira.

Essa lembrança me fez pensar em Otto Maria Carpeaux, e em como ele conseguiu fazer um livro que não fosse apenas um tratado, mas que fosse uma obra de arte. E eu me lembrei também de como ele conseguia fazer um livro que fosse uma contribuição importante para a cultura brasileira.



de Manaus, um ensaio que se situa no âmbito da literatura, é um livro que merece ser lido. Ele é uma contribuição importante para a cultura brasileira, e é um exemplo de como se pode escrever bem, mesmo em um país que, na época, não tinha uma tradição literária muito forte.

O livro é uma verdadeira descoberta para quem não conhece a obra completa do autor. Além disso, eles são uma excelente introdução para quem quiser conhecer mais sobre a história e a cultura de São Paulo.

Um dia, quando estava em uma viagem, li um livro que me fez lembrar muito de Otto Maria Carpeaux. Era "Os tempos de São Paulo", e eu me lembrei de como ele escrevia, de como ele conseguia fazer um livro que não fosse apenas um tratado, mas que fosse uma obra de arte. E eu me lembrei também de como ele conseguia fazer um livro que fosse uma contribuição importante para a cultura brasileira.

Viagem em torno de Otto Maria Carpeaux



B.

A. Dig. Carpeaux 19 28 15

uma viagem em torno de Otto Maria Carpeaux, que se situa no âmbito da literatura, é um livro que merece ser lido. Ele é uma contribuição importante para a cultura brasileira, e é um exemplo de como se pode escrever bem, mesmo em um país que, na época, não tinha uma tradição literária muito forte.

O livro é uma verdadeira descoberta para quem não conhece a obra completa do autor. Além disso, eles são uma excelente introdução para quem quiser conhecer mais sobre a história e a cultura de São Paulo.

Um dia, quando estava em uma viagem, li um livro que me fez lembrar muito de Otto Maria Carpeaux. Era "Os tempos de São Paulo", e eu me lembrei de como ele escrevia, de como ele conseguia fazer um livro que não fosse apenas um tratado, mas que fosse uma obra de arte. E eu me lembrei também de como ele conseguia fazer um livro que fosse uma contribuição importante para a cultura brasileira.

Exemplo das notas mnemônicas de Carpeaux – coisa esotérica’ ou macete de scholar europeu? Acervo: Fundação Casa de Rui Barbosa. Acima, algumas das muitas crônicas de Cony sobre Carpeaux publicadas na *Folha de S.Paulo*. Acervo Folha Digital

II MONTAGENS POSSÍVEIS



4.
O velho e o novo – alegoria de uma vida

[Viena, 12 de Março de 1938] – A Frente da Pátria foi dissolvida. Como num deslizamento de terra ininterrupto, em poucas horas houve uma mudança geral de pessoal em todos os principais cargos. O número de pessoas presas aumentou para 8000; elas foram amontoadas em caminhões de grande porte, onde eram levadas, pálidas e trêmulas, sob escolta da SA. À tarde, apareceram as primeiras tropas motorizadas. A cidade inteira ressoava com o clamor dos jovens que, sem interrupção, rugiam: ‘*Sieg Heil!*’ e ‘Um povo, um império, um líder’.

Leopoldo Wiesinger – *Van Habsburg tot Hitler*

[Guanabara, 1º de Abril de 1964] – E na medida em que chegaram na praça cheia, o povo aplaudiu; os tanques neste momento voltaram os canhões contra o povo e atrás dos tanques foram saindo os soldados com os fuzis de baioneta calada, expulsando o povo da praça. Na medida em que isto começa a ser feito o povo entendeu a virada e começou a vaiar. Na medida em que vaiavam, os soldados avançavam com fuzis e aí todo mundo entendeu que o Golpe estava na rua.

Modesto da Silveira – *Sobral, o homem que não tinha preço*

Alegoria, alegoria

Nenhuma das duas imagens criadas, respectivamente, por Dr. Leopold Wiesinger e Modesto Silveira, pertencem ao curta-metragem *O velho e o Novo (Otto Maria Carpeaux)*¹. Mas ambas o perfazem, substancialmente, programaticamente.

A aproximação deliberada de dois processos históricos distintos, separados por décadas, a fim de produzir uma intervenção política e uma possibilidade histórica de conhecimento no presente em que tal aproximação é realizada² é o que une as imagens relatadas àquelas rodadas e montadas em *O velho e o novo*. Se um dos protagonistas daquelas imagens, Carpeaux, foi o mesmo que produziu uma delas, Leopold Wiesinger³, tanto mais interessante é esta aproximação.

* Referências da página anterior: WIESINGER, Leopold. *Van Habsburg tot Hitler*. Op. cit., p. 176. [De Habsburgo a Hitler]. Tradução livre do original: “Het Vaderlandsche Front werd ontbonden. Als een aardverschuiving volgdeop kort uren tijds een algemeene wisseling van personeel op alle leidend posten. Het aantal aangehoudenen steeg tot 8000; met groote vrachtwagens, waar ze bleek en bevend in samenkropen, werden ze onder bewaking van SA weggebracht. 'S Middags verschenen de eerste gemotoriseerde troepen. De geheele stad weerklonk van het geschreeuw en getier van jonge menschen, die zonder onderbreking: 'Sieg Heil' en 'Één volk, één rijk, één leider!' brulden.”; Depoimento de Modesto da Silveira In *Sobral* – o homem que não tinha preço. Direção: Paula Fiuza. Rio de Janeiro: ArtFilmes, 2012, DVD [Documentário, 84 min.].

¹ Por questões relacionadas aos direitos autorais (pertencente aos herdeiros do diretor do filme, Maurício Gomes Leite), cópias de *O velho e o novo* são quase uma raridade. Até o limite de minha consulta, consegui mapear somente uma cópia, depositada na *Cinemateca do Museu de Arte Moderna* do Rio de Janeiro. Agradeço a Hernani Heffner, conservador da *Cinemateca MAM*, pela exibição do mesmo, numa sessão que em nada deveu ao enredo de *O livro das ilusões*, de Paul Auster. Afora aquelas obtidas e devidamente referenciadas através da análise de Jean-Claude Bernardet em *Cineastas e imagens do povo*, as citações que se seguem provêm desta única sessão.

² “[...] A imagem lida, quer dizer, a imagem no agora da cognoscibilidade, carrega no mais alto grau a marca do momento crítico, perigoso, subjacente a toda leitura.” Cf.: BENJAMIN, Walter. *Passagens*. Op. cit., p. 505 [N 3, 1].

³ Pseudônimo sob o qual Otto Karpfen, antes de tornar-se Carpeaux publicou, no exílio belga, *Van Habsburg tot Hitler*. Por sua vez, Leopold Wiesinger foi um personagem da peça *Der Star* [A Estrela], de 1899, escrita pelo dramaturgo austríaco Hermann Bahr. No livro publicado na Antuérpia pela editora católica *Orbis* não há qualquer menção ao personagem de Hermann Bahr. A relação entre Karpfen e Bahr, porém, é mais patente: ambos se casaram com mulheres cantoras. Ambos se converteram ao Catolicismo Romano e militaram a favor do

Qual uma síntese entre as imagens do *Anschluss* e do Golpe de 1964, o plano inicial da primeira sequência d’*O velho e o novo* é composto por imagens de jovens em passeata; jovens de feições compenetradas, iracundas ou mesmo sorridentes – especialmente quando percebem a captação de suas imagens pela câmera filmadora. Possivelmente apresentam o mesmo clamor que Dr. Wiesinger percebera na juventude austríaca à face das tropas de Hitler. Todavia, além do idioma presente nas faixas que empunham e nos gritos que ecoam, o que os diferencia daqueles outros jovens de outrora e alhures é sua postura de enfrentamento, de oposição a um regime autoritário, violento e não democrático.

Ao fim do primeiro plano, que também inclui imagens estáticas destes estudantes em marcha, um primeiro letreiro indica tratar-se de “uma reportagem filmada”, por ora sem título.

No segundo plano da sequência, antes mesmo dos títulos e dos créditos iniciais, somos apresentados à personagem que coprotagoniza *O velho e o novo*: são imagens de Otto Maria Carpeaux em seu caseiro gabinete de trabalho. Primeiro sentado, com o tronco curvado em direção à mesa, escrevendo com teatral compenetração numa folha de papel. Em seguida, depois de tragar o seu cigarro, levanta-se e dá alguns passos em direção à pequena estante às suas costas. De livro em punho, traga uma vez mais o seu cigarro e senta-se para transcrever a citação que se fez necessária.

Se de fato está escrevendo um artigo para sua coluna de política internacional do *Correio da Manhã* ou simplesmente representando tal ato, pouco importa. Para a tarefa que sua personagem deverá desempenhar ao longo do curta-metragem, o plano é deveras auspicioso, pois o representa no ato próprio da citação, da articulação entre o passado e as demandas previstas naquele contexto.⁴

nacionalismo austríaco. É o que atestam as primeiras palavras do prefácio de *Van Habsburg tot Hitler*: “O autor deste livro deve começar com uma declaração pessoal. Ele é austríaco e católico e escreve este livro no exílio, porque ele se manteve fiel ao seu país e sua fé e deseja permanecer fiel a eles.” [Tradução livre do original: “De auteur van dit boek moet beginnen met een persoonlijke verklaring. Hij is Oostenrijker en Katholiek en schrijft dit boek in ballingschap, omdat hij trouw gebleven is aan zijn vaderland en zijn geloof en wenscht hieraan trouw te blijven.”]. Cf.: WIESINGER, Leopold. *Op. cit.*, p. 07; e o verbete sobre Bahr In MCGRAW-HILL. *Encyclopedia of world drama*. Second edition. vol. 1 A-C. USA: McGraw-Hill Inc., pp. 252-4 [entry: Hermann Bahr].

⁴ “A história é objeto de uma construção, cujo lugar não é formado pelo tempo homogêneo e vazio, mas por aquele saturado pelo tempo-de-agora (*Jetztzeit*). Assim, a Roma era, para Robespierre, um passado carregado de tempo-de-agora, passado que ele fazia explodir do contínuo da história. A Revolução

Mas qual seria essa tarefa? A esta altura do filme, àquele que o vê pela primeira vez só resta conjecturar. Os créditos finalmente aparecem. Título e subtítulo vêm separados, em dois quadros: “O velho e o Novo”; “(Otto Maria Carpeaux)”. Também são informados diretor, fotógrafo, produtores e patrocinadores. Outros dois dados importantes surgem à tela: “Leitura dos textos de Carpeaux: Tite de Lemos” e “Participação de Lygia Sigaud.”

O último plano desta primeira sequência não nos ajuda muito em relação à questão anterior. Ele apenas reforça o universo profissional do personagem-título do filme, através de dois rápidos *travellings* pelos livros enfileirados numa mesa contígua à mesa de trabalho, ainda no apartamento do escritor. Depois, vemos imagens externas, ‘cenários’ que retornarão ao longo do filme, direta ou indiretamente: a cidade mineira de Ouro Preto; depois a região da Cinelândia; o imenso edifício do Ministério do Exército na avenida Getúlio Vargas; e a sede regional do Departamento de Polícia Federal da Guanabara, no número 40 da rua da Relação, também no Rio de Janeiro.

A resposta para a tarefa no filme reside nos primeiros planos da segunda sequência. Paradoxalmente, não é Carpeaux quem os protagoniza, e sim uma jovem estudante. Após algumas imagens, entre ruas, casas urbanas e ruínas de um terreno baldio (seria no Rio de Janeiro?), somos formalmente apresentados àquela jovem. Ou melhor, ela mesmo se apresenta: uma estudante de sociologia, de 22 anos, que trabalha num jornal e que tem por tarefa ir ao encontro do homem cujo nome “acostumou-se a ouvir nos intervalos das aulas da PUC/RJ” – “preciso saber o que há de mais íntimo sobre Otto Maria Carpeaux”, resume Lygia Sigaud. Ou seria Martha, o nome da sua personagem no filme?

Em aspectos formais, o papel de Lygia Sigaud em *O velho e o novo* permitiu ao seu diretor abandonar, mesmo que parcialmente, a locução em *off*, relativizando a posição onisciente e oculta do locutor tradicional.⁵ Isso porque a sua personagem serve de mediadora entre Carpeaux, os espectadores e o narrador do filme – que, não sendo o narrador tradicional, não tem voz, mas é responsável pelas imagens, incidências musicais e demais quadros em que a mediação de Sigaud/Martha não se faz presente.⁶

Francesa compreendia-se como uma Roma retornada. Ela citava a antiga Roma exatamente como a moda cita um traje do passado [...]” Cf.: BENJAMIN, Walter. “Teses Sobre o conceito de história” – Tese XIV. In LÖWI, Michel. *Walter Benjamin: aviso de incêndio*. Op. cit., pp. 119-22.

⁵ BERNARDET, Jean-Claude. *Cineastas e imagens do povo*. Op. cit., p. 126.

⁶ São por estes e por outros aspectos da montagem d’ *O velho e o novo* que Jean-Claude Bernardet o classificou como um documentário de transição, posterior

No que condiz ao conteúdo, a personagem de Lygia Sigaud complementa a tarefa de Carpeaux, dá sentido a ela. *O velho e o novo*. Desde o título, é a partir deste encontro que se estruturará a trama de pouco menos de trinta minutos. “Em todas as ações e movimentos de vossos personagens, buscai sempre o velho e o novo”, diz Lygia Sigaud, citando Bertold Brecht.⁷ Ou já seria Martha? Isto porque o flerte com caráter ficcional se completa com a figura de Sigaud em pleno teste cinematográfico. Carpeaux seria o responsável por fazer daquela estudante uma “aspirante a atriz”. “Fiz um teste e passei”, diz Sigaud/Martha, pouco antes de citar a frase de Brecht. Como bem observou Jean-Claude Bernardet, o plural ‘personagens’ daquela frase permite estender a noção ao próprio Carpeaux.⁸ Desde a sua primeira tomada, de gestos hiperbólicos para a sensível captação fílmica, não há como ter outra impressão de Carpeaux.

A potência do filme dirigido por Maurício Gomes Leite não reside somente na síntese entre o velho e o novo, o intelectual sexagenário e a estudante universitária. Há outros elementos, formais e conteudísticos, que tornam a mensagem de *O velho e o novo* mais complexa. O uso da linguagem alegórica e uma certa simplificação de dados biográficos de Carpeaux são alguns deles. Somados a aspectos externos, ligados a sua produção – como o contexto ditatorial em que foi filmado e exibido ou o seu diálogo com velhas e novas estéticas cinematográficas –, tais elementos tornam *O velho e o novo* um *locus* privilegiado para a análise do extenso panorama dos filmes e documentários produzidos posteriormente e/ou em decorrência do Golpe de 1964. E, especificamente no que concerne a Carpeaux, uma imagem fecunda de sua transição para o universo político *stricto sensu* de atuação intelectual.⁹

e questionador ao que chamou de ‘modelo sociológico’ (de grande compromisso ideológico e social, mas ainda preso a aspectos estéticos tradicionais, como a grande autoridade exercida pelo locutor *off*), e anterior à grande ruptura daqueles documentários que, a partir de 1968, trouxeram os aspectos cinematográfico para o primeiro plano e assumiram plenamente o seu caráter de discurso. Não por acaso, em *Cineastas e imagens do povo* Bernardet agrupou sob o título ‘A voz do dono I e II’ os capítulos em que tratou os documentários sob o ‘modelo sociológico’; enquanto aqueles que empreenderam rupturas, Bernardet o intitulou ‘A voz do documentarista’. Cf.: BERNARDET, Jean-Claude. *Op. cit.*, pp. 11-48 e pp. 77-102, respectivamente. O capítulo em que analisou *O velho e o novo* e *Cultura e loucura* foi intitulado como ‘A outra vertente’, pp. 125-138.

⁷ Não foi possível localizar esta citação entre os escritos de Bertold Brecht.

⁸ BERNARDET, Jean-Claude. *Op. cit.*, p. 126.

⁹ Não há como separar atuação política da carreira de um editorialista do *Correio da Manhã*, posição ocupada por Carpeaux por quase duas décadas.

O *velho e o novo* perfaz o universo da produção cinematográfica brasileira dos anos 1960 naquilo que este teve de mais característico, o recurso às alegorias. Como Ismail Xavier já analisou, menos por ser um “programa de denúncias programada e velada do regime autoritário” e mais por permitir uma “gama de motivações e estratégias de linguagem, bem como os efeitos de sentido conforme a postura estética do cineasta”¹⁰, o recurso à alegoria foi uma ferramenta de ampliação e, no limite, de rompimento aos parâmetros tradicionais da diegese e uma espécie de resposta do cinema brasileiro à “promessa de felicidade” entre arte e revolução – finalmente derrotada com o Golpe de 1964. Nas suas palavras, “as alegorias entre 1964 e 1970 não se furtaram ao corpo a corpo com a conjuntura brasileira; [...] Ou seja, o melhor do cinema brasileiro recusou [...] a falsa inteireza e assumiu a tarefa incômoda de internalizar a crise.”¹¹

Se fossemos estabelecer uma classificação de acordo com a análise empreendida por Ismail Xavier, *O velho e o novo* atravessaria aqueles filmes do Cinema Novo que procuraram na figura do intelectual a resposta ao fracasso da luta pelas reformas e pelo Golpe de 1964 – como *Terra em Transe*, de Glauber Rocha, e *O desafio*, de Paulo César Saraceni –, bem como os filmes da fase subsequente, em que “o colapso do primado da ‘conscientização popular’” fez submergir a “busca de uma nova estética que traduziria de modo consistente o esforço de crítica a uma sociedade que se mostrava mais complexa.”¹² Uma transformação na qual “o artista abandona as ilusões da mensagem ‘para o povo’ e reconhece a qualidade própria de seus interlocutores pertencentes às camadas médias e altas da população, com destaque para a juventude universitária.”¹³

O velho e o novo, portanto, poderia ser disposto na confluência entre esses dois momentos. Primeiro porque ele não cobra do intelectual que o coprotagoniza a fatura pelo malogro da ‘revolução popular’ e pelo êxito da ‘contrarrevolução autoritária’ – ao contrário, reside na personagem de Carpeaux senão a esperança do ‘novo’, ao menos a síntese entre o velho e o novo. Segundo porque traz para a frente das câmeras a juventude universitária, seja em passeata, protesto; seja através da personagem de

Tampouco suas atividades de ensaísta e crítico literário tenham sido menos políticas. Foi justamente pelo alto teor político dessas atividades que Carpeaux foi afastado do *Correio da Manhã* e, assim, optou pela luta política *stricto sensu*.

¹⁰ XAVIER, Ismail. *Alegorias do subdesenvolvimento: cinema novo, tropicalismo, cinema marginal*. São Paulo: Cosac Naify, 2012, p. 31.

¹¹ *Idem*, p. 32.

¹² *Idem*, p. 46.

¹³ *Ibidem*.

Lygia Sigaud.¹⁴ A despeito do subtítulo (*Otto Maria Carpeaux*), compreendemos melhor *O velho e o novo* com esta devida complementação.

Assim como a atuação de Carpeaux no contexto da ditadura militar brasileira é melhor compreendida se levarmos em conta a sua atuação política europeia, quando ele próprio era um estudante comprometido com o programa clerical e conservador do Partido Social-Cristão austríaco, embora contrário à anexação da Áustria pelo III *Reich* alemão. Um passado redivivo com o assalto ao poder de 1964, que contribuiu para que Carpeaux reelaborasse sua biografia e fosse ao encontro do ‘seu novo’.

Esse ‘passado a limpo’, eminente gesto biográfico, foi parcialmente compartilhado com os espectadores de *O velho e o novo* nos anos 1960. Parcialmente porque, para os efeitos que se esperava do filme naquele contexto de sua produção, era mister simplificar as experiências europeias de Carpeaux e omitir as suas primeiras experiências, muitas delas desagradáveis, em solo brasileiro. Entretanto, sem precisar ir além das seqüências montadas no filme, mas lendo-as com o olhar do nosso presente – subsidiado por outras imagens, por estudos acadêmicos e mesmo pelas disputas sobre a *persona* Carpeaux – é possível fazer uma nova leitura de *O velho e o novo*, uma leitura ‘fantasmagórica’¹⁵, do encontro daquele passado europeu de Carpeaux com o nosso presente, permitida por um filme produzido entre 1966 e 1967.

¹⁴ Como sua personagem no filme, Lygia Sigaud foi estudante de Sociologia e Política da PUC-RJ, graduando-se no mesmo em que *O velho e o novo* foi concluído (1967). Fez parte da primeira turma do Programa de Antropologia do Museu Nacional – UFRJ, onde concluiu seu Mestrado (1972). Permaneceu no campo da Antropologia Social, doutorando-se em 1977 pela Universidade de São Paulo. Foi professora do Departamento de Sociologia da PUC-RJ, do Departamento de Antropologia da UnB e do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social do Museu Nacional – UFRJ. Segundo um texto em sua homenagem no *website* do Museu Nacional, “toda sua trajetória profissional teve como tema de preocupação central o estudo de processos de transformação social envolvendo camponeses e trabalhadores rurais, inicialmente da zona da mata canavieira de Pernambuco e depois de diversas áreas do país. [...] Além do rigor acadêmico, da grande capacidade de pesquisa e do comprometimento institucional, que a caracterizavam, Lygia Sigaud sempre manifestou um forte engajamento político na ampliação do processo de redemocratização no Brasil [...]” Disponível em <www.museunacional.ufrj.br/ppgas/professores_lygia.html> acesso 22 jun. 2015.

¹⁵ Cf.: DIDI-HUBERMAN, Georges. *A imagem sobrevivente*. História da arte e tempos dos fantasmas segundo Aby Warburg. Trad.: Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Contraponto, 2013.



Frame de *O velho e o novo*. Acervo: Banco de Conteúdos Culturais. Cinemateca Brasileira

‘Judeu austríaco, expulso de seu país pelo nazismo’

Na forma como *O velho e o novo* foi montado, uma linha divisória nos conduz para um ‘antes e depois’ na vida de Otto Maria Carpeaux. À certa altura do filme, em *off*, a personagem Martha diz: “1964, março, 31”. Um letrado surge à tela para complementar “Carpeaux narra o filme”. Em seguida, ouvimos mais uma vez a voz de Martha: “Um outro trabalho começa. Para Carpeaux, já não é uma sobrevivência. É uma vivência que luta”. É só a partir deste momento que Carpeaux ganha ‘voz’ – não literalmente, mas através da leitura em *off* de textos de sua autoria, lidos por um locutor profissional, Tite de Lemos.¹⁶

¹⁶ Na análise que fez do filme, Jean-Claude Bernardet dedicou especial atenção a esse curioso elemento de *O velho e o novo*, a ‘narração’ do filme por Carpeaux. Segundo Bernardet, “costuma-se usar ‘narrar’ e ‘narrador’ a respeito da voz *off*, principalmente no cinema documentário, para designar não o autor do

Em face a esta divisão, as sequências anteriores permitem a leitura que Jean-Claude Bernardet já fez quanto ao tratamento visual dado a Carpeaux: um tratamento que o isola do contexto, o enquadra em um *habitat* de tranquilidade, seu caseiro gabinete de trabalho, onde se ouvem compositores clássicos e se está cercado de livros – “uma espécie de muralha que isola Carpeaux do mundo e atrás da qual ele se protege.”¹⁷ Entretanto, a arguta análise de Bernardet quanto à pontuais perturbações no regime de angulação do filme¹⁸ o permite enxergar “a tensão na qual vai ser colocado Carpeaux, entre a dedicação à cultura livresca e o jornalismo.”

Como resultado desta montagem, temos: i) “um homem imerso em livros e na cultura europeia”; ii) o Golpe de 1964, pontuado em *off* pela personagem de Lygia Sigaud; e iii) a ação política de Carpeaux que, ao passar a ‘narrar o filme’, assume um papel político, “o que vai se dar, em sua qualidade de escritor, pela palavra, pelo discurso.”¹⁹ Não deixa de ser montagem eficiente, pois dá início à compatibilização entre a diegese do filme e o contexto em que ele seria exibido²⁰, fazendo com que as imagens de tomadas anteriores, sobretudo aquelas sobre a ascensão do Nazismo, do próprio Hitler, de batalhas da II Guerra Mundial, de cadáveres ou de pessoas sendo libertadas de campos de concentração, fossem ‘acomodadas’ como mero recurso didático de acesso ao passado de Carpeaux.

Sob uma leitura mais formalista, essas imagens do passado europeu de Carpeaux poderiam ser tomadas como uma espécie de passaporte, de qualificação para a sua atuação política naquele presente contexto brasileiro. Seria, portanto, uma voz qualificada, que uniria o voluntarismo e a transição de um personagem como Paulo Simões²¹ à experiência histórica

texto, mas sim o leitor. Ora, no caso, Carpeaux é o autor, os textos são lidos por outro.” Mais adiante, as ilações de Bernardet quanto a este aspecto serão retomadas. Cf.: BERNARDET, Jean-Claude. *Op. cit.*, p. 131.

¹⁷ *Idem*, pp. 128-9.

¹⁸ Notadamente, dois planos em que a câmera ao nível do ‘olho humano’, padrão adotado na maioria das tomadas do filme, é bruscamente substituída por um “câmara alta quase vertical”: quando a personagem de Lygia está comprando livros e no momento em que ela entra na redação do *Correio da Manhã*. *Idem*, p. 129.

¹⁹ *Ibidem*.

²⁰ Com mais duas atualizações temporais (“1965, novembro” e “1966, setembro”), o filme chega ao seu final coincidindo com o contexto de sua exibição, ainda sob o regime ditatorial, fator que o potencializa enquanto objeto de intervenção daquele mesmo contexto.

²¹ Personagem do romance de Carlos Heitor Cony publicado em 1967, *Pessach – a travessia*, sobre um escritor pequeno-burguês que, com o Golpe de 1964 e a instauração da ditadura, adere à oposição mais radical ao regime, a luta armada

de quem vivera as consequências de um regime de exceção. Para aqueles que haviam acompanhado a coluna de política internacional assinada por Carpeaux no *Correio da Manhã* entre 1964 e 1965²², tais imagens também poderiam representar a transposição para o suporte cinematográfico do recurso alegórico então lançado mão por ele para se posicionar contrário ao regime militar, qual seja, a convergência de assuntos políticos internacionais com o contexto ditatorial brasileiro, com destaque para as experiências históricas do fascismo e nazismo europeus. Não por acaso, quando Carpeaux detém o ‘poder de fala’ no filme, o primeiro texto de sua autoria que se ouve é aquele que fora publicado no *Correio da Manhã* em junho de 1964, justamente sobre a linguagem esópica.²³

Para além deste recurso alegórico de aproximação entre ditadura brasileira e governos nazi-fascistas, o lugar de tais imagens em *O velho e o novo* também pode ser lido pela tese da ‘fascistização brasileira’, uma das primeiras tentativas de se explicar o Golpe de 1964 e a subsequente instauração da ditadura.²⁴ Embora tenha experimentado vida curta entre as demais teses, sobretudo em face aos primeiros estudos acadêmicos²⁵,

– em analogia ao *Pessach* judaico, a travessia do Mar Vermelho pelo povo hebreu em fuga do jugo egípcio.

²² Textos posteriormente reunidos nas coletâneas *O Brasil no espelho do mundo* e *A batalha da América Latina*, ambas publicadas pela Editora Civilização Brasileira em 1965.

²³ Cf.: CARPEAUX, Otto Maria. “Duas notas inatuais”. *Op. cit.* [publicado no *Correio da Manhã* em 02 de junho de 1964]. Jean-Claude Bernardet chama a atenção para a “sutil e até brilhante maneira como o filme constrói a mudança de atitude de Carpeaux e a mudança de qualidade de seu discurso”, embora a considere pouco clara. *Op. cit.*, p. 130. Um dos pontos altos do filme é este momento em que a introdução do ‘narrador’ Carpeaux se faz através da leitura de um texto seu sobre linguagem esópica (“arte de falar de uma coisa, parecendo falar de outra”) por uma outra pessoa, e em *off*, que sabemos ser Tite de Lemos. Poucas vezes ao longo do filme, forma e conteúdo conheceriam momento mais harmonioso.

²⁴ Em *Combate nas trevas*, Jacob Gorender pontuou assim a tese de ‘fascistização’: “Penso ser uma tese falsa, pois esconde exatamente o mais peculiar do regime imperante de 1964 a 1985: o comando ostensivo do Estado pelas Forças Armadas (não por um caudilho militar). A direção do Estado não foi monopolizada por um partido fascista – que se torna residual ou desaparece praticamente após a queda do regime fascista – mas pela instituição estatal *permanente*, detentora do exercício superior de coerção. Ao invés de *fascistização*, houve a *militarização* do Estado.” Cf.: GORENDER, Jacob. *Combate nas trevas*. 5ª ed. revisada, ampliada e atualizada. São Paulo: Editora Ática, 1998, p. 78.

²⁵ Sobre as mais variadas teses referentes ao Golpe de 1964 e os governos ditatoriais subsequentes a ele, Cf. os balanços historiográficos sobre o tema: FICO, Carlos. “Versões e controvérsias sobre 1964 e a ditadura militar” In *Revista*

certamente ela detinha um poder semântico e um grande alcance didático, dada a proximidade contextual dos dois processos (1945 – 1964) e a carga de negatividade com a qual as experiências nazi-fascistas ficaram marcadas.

São todas leituras profícuas, funcionais. Mas, como já afirmado, há outras formas de ler aquelas imagens sobre as experiências europeias de Carpeaux em *O velho e o novo*. Para tanto, retomemos à transição entre a segunda e a terceira sequência – momento em que elas aparecem no filme – e dispensemos a devida atenção à forma como tais imagens foram articuladas entre si e às suas conexões com os planos subsequentes.

Pouco antes de terminar a segunda sequência, entre a sua apresentação pessoal e a da sua tarefa no filme, “preciso saber o que há de mais íntimo...”, Martha descreve Carpeaux da seguinte maneira: “judeu austríaco, expulso de seu país pelo nazismo.” O próximo plano é o do seu exitoso teste cinematográfico. A citação da frase que dá título ao filme e a do seu autor, Bertold Brecht, têm a função de ‘azeitar’ a transição para a próxima sequência.

Imagens do Velho Continente abrem a terceira sequência. Aí aparecem as primeiras cenas da II Guerra Mundial, a maioria em movimento: imagens de prédios tombando, de bombas explodindo. A palavra ainda está com Martha. Em *off*, enquanto assiste essas imagens como ‘laboratório’ para o seu encontro com Carpeaux, Martha adianta outros dados biográficos – “filho de Max Karpfen e Gisela Schmelz” – que são plasmados com mais cenas de uma Europa em pleno processo de devastação.

Sem nenhuma interrupção, surge uma segunda bateria de imagens. Elas também são provenientes daquele contexto de guerra, mas o aspecto de montagem de seu tratamento fica mais evidente, por isso há uma sensível distinção com as anteriores. Trata-se de imagens contrastantes e dispostas intercaladamente, cuja aproximação gera um efeito imediato de repulsa. São imagens de um Hitler paternal, cumprimentando crianças e jovens enfileirados e sorridentes; imagens de corpos nus, sendo jogados numa grande vala comum, através de um mecanismo precário mas assaz útil para a execução daquela tarefa, um espécie de ‘escorregador’; imagens do *Führer* e de um perfilado batalhão do seu exército, em tomadas

Brasileira de História. São Paulo, vol. 24, n. 47, 2004, pp. 29-60; BADARÓ, Marcelo. “O governo João Goulart: novos rumos da produção historiográfica” In *Revista Brasileira de História*. São Paulo, vol. 28, n. 55, 2008, pp. 245-63. LEMOS, Renato. “Contrarrevolução e ditadura no Brasil: elementos para uma periodização do processo político brasileiro pós-1964” In *VI Congrès du CEISAL*. Toulouse, junho 2010.

magnânimas como aquelas produzidas por Leni Riefenstahl²⁶; imagens de recém-libertos de um campo de concentração, corpos cadavéricos sustentados por pessoas que sobreviveram à ‘Solução Final’.

Mesmo ciente do caráter conjectural, considero que esta montagem carrega um potente efeito colateral, capaz de extrapolar o fogo-fátuo da repulsa e contribuir para fundamentar um estado de revolta e ceticismo: a aproximação entre ‘cultura e barbárie’. “Nunca há um documento da cultura que não seja, ao mesmo tempo, um documento da barbárie”²⁷, já havia escrito uma das vítimas do nazismo. E é de uma ‘cultura militar’ que o filme trata, uma cultura da ordem, da homogeneização, do organismo uno, sadio e estático.

A última daquelas cenas reforça essa determinada ‘cultura’. Trata-se de um *travelling* lento, realizado com a câmera na altura dos olhos, em que o *close* de um soldado alemão, captado sob um ‘ângulo 3/4’, não impede que vejamos uma série de outros soldados ao fundo da tela. A postura deste soldado em *close*, mão direita esticada na altura da cabeça em pleno ato de continência, é reproduzida pelos outros milhares de soldados filmados. O vagaroso *travelling* em torno de seu rosto é o único elemento disponível para que aquela tomada não seja confundida com uma imagem fixa, uma foto. Mesmo em movimento, a cena é estática, como estática também deve ser a obediência.

O recurso empregado ao longo de *O velho e o novo* quanto à alternância entre imagens fixas e imagens em movimento, forma encontrada para conotar positividade às imagens em movimento – jovens em passeata, por exemplo – e negatividade às imagens fixas – como a de pessoas mais velhas, cabisbaixas e desoladas – será retomado mais adiante. A crítica às instituições militares continua na segunda metade do filme e o importante, neste momento, é destacar a simplificação biográfica de Carpeaux da frase “judeu austríaco, expulso de seu país pelo nazismo”. Reduzida à sua denominação étnica, a descrição de Carpeaux como “judeu

²⁶ “A cineasta de Hitler”, como ficou conhecida a diretora Leni Riefenstahl, ganhou notoriedade pelos filmes *Triunfo da Vontade* (1935) e *Olympia* (1938), respectivamente sobre o II Congresso do Partido Nacional Socialista em Nuremberg, de 1934, e sobre os Jogos Olímpicos de Berlim, de 1936. Por *Olympia*, inclusive, ganhou a Medalha de Ouro no Festival de Cinema de Veneza de 1938. Sobre a dramaturgia e a estética fascista do trabalho de Riefenstahl, sobre sua relação com Hitler e Goebbels e sobre o processo de desnazificação de sua arte e de sua biografia pós II Guerra Mundial, Cf.: SONTAG, Susan. “Fascinante Fascismo” In _____ *Sob o signo de Saturno*. Trad.: Ana Maria Copovilla e Albino Poli Jr. 2ª ed. Porto Alegre: L&PM Editores, 1986, pp. 59-83.

²⁷ BENJAMIN, Walter. “Teses Sobre o conceito de história” – Tese VII. In LÖWI, Michel. *Walter Benjamin: aviso de incêndio*. Op. cit., p. 70.

austríaco” omite a sua histórica identificação com o catolicismo e com a instituição da Igreja Católica – maneira como foi apresentado por Álvaro Lins aos leitores do *Correio da Manhã*, em 1941, só para citar o *primeiro* exemplo.²⁸

Ainda naquela terceira sequência, da imagem dos soldados replicados²⁹ retoma-se à Carpeaux. Ainda no seu apartamento, ele é captado lendo um livro, depois, um jornal. Em *off*, Martha continua a informar ‘biografemas’ sobre ele – “Carpeaux nunca vai à praia ou ao cinema”; “ama os cachorros”. No plano seguinte, Helena Carpeaux aparece pela primeira vez, em companhia do marido. Primeiro eles gesticulam em direção à câmera, conversando com quem está filmando; depois ambos são captados de perfil, junto ao parapeito da janela, olhando para fora do apartamento. Esta última tomada é mais ‘cênica’, formal, sobretudo em contraste com a imediatamente anterior. Em nenhuma delas ouve-se a voz de Carpeaux ou de Helena, mas sim a de Martha, que narra mais um dado biográfico: a chegada do casal ao Brasil “através do Vapor Copacabana.”

Na penúltima tomada desta terceira sequência, Carpeaux já está sozinho novamente. Em plano médio, ele junta alguns papéis e os coloca na surrada pasta de couro. A cena se passa rente à porta do apartamento, o que facilita o seu desfecho: Carpeaux sai do apartamento, sai do seu ambiente doméstico, “da muralha [...] através da qual ele se protege”, mimetizando a experiência de exílio ao qual a narração em *off* de Martha acabara de informar. Irá trabalhar? Irá finalmente cumprir sua tarefa no filme e encontrar Martha? Encontrar o ‘novo’, o seu ‘novo’?

O plano seguinte não responde a estas indagações. Antes há que se materializar o exílio, o processo de transição entre o Velho e o Novo Mundo. O recurso formal escolhido foi a utilização de cinco letreiros, contendo descrições de Carpeaux em relação a Viena e às cidades pelas quais ele passou em rota de fuga, até o exílio definitivo no Brasil – Roma, Paris, Antuérpia e Rio de Janeiro. Imagens pictóricas das respectivas

²⁸ “Os fundamentos de sua vida e de sua cultura são os da Igreja e um homem católico há de ser, antes de tudo, um espírito ecumênico.” Cf. a imagem ‘Apresentação de um companheiro europeu em exílio’ In Capítulo 1 de *Imagens possíveis*. O fato de esta primeira apresentação de Carpeaux ter sido republicada por Álvaro Lins em 1964 na coletânea *O relógio e o quadrante*, com apenas dois anos de diferença em relação à produção de *O velho e o novo*, chama mais atenção para a omissão do componente católico da frase citada.

²⁹ Que, aos olhos do nosso presente, parecem ser frutos de efeito de computação gráfica.

idades complementam as imagens de Carpeaux impressas em cada letreiro:

‘Viena – *ex oriente lux* [...]’

‘Roma – estive lá em 1938 [...]’

‘Paris – passando por lá, fugitivo, economizei uma hora para visitar os quadros dos impressionistas no *Jeu de Paume*[...]’

‘Antuérpia – [...] imagens do porto e da torre, que vi pela última vez e através da qual me despedi da Europa’

‘Rio de Janeiro – Rio de Janeiro não é a capital do país do futuro, é a capital do meu presente.’

Após o último letreiro e as imagens do Rio de Janeiro, o próximo plano traz imagens fixas de outros jovens, como a lembrar daquele encontro que está marcado desde o título do filme. No plano seguinte, vemos novamente Martha, primeiro num café, sozinha, depois entrando no edifício do *Correio da Manhã* da rua Gomes Freire. A impressão é que aquele encontro está na iminência de ocorrer, afinal Carpeaux também saíra do seu apartamento, pasta de trabalho à mão. Entretanto, o encontro não ocorre. No último plano desta terceira sequência, Carpeaux é filmado novamente no seu apartamento, fumando sozinho em seu gabinete de trabalho.

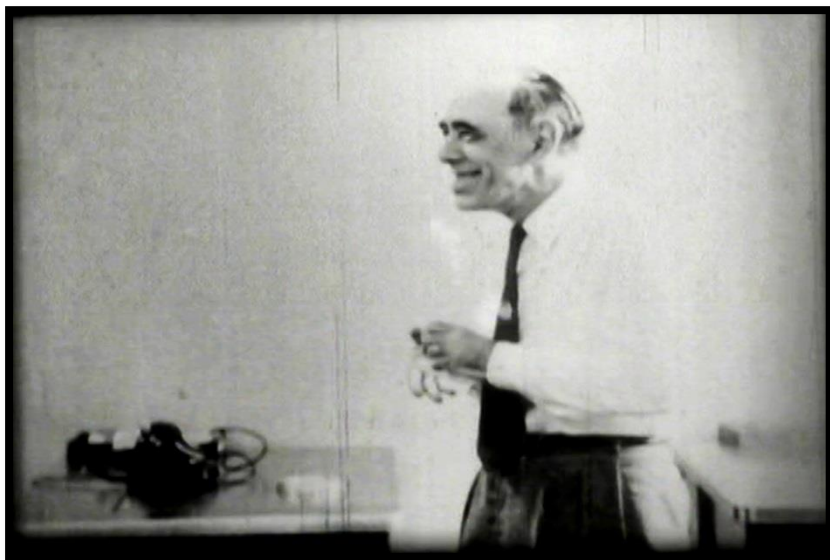
A despeito deste irresoluto final, a maneira como essas três primeiras sequências foram montadas lhes conferem uma certa independência em relação ao restante do filme. Tendo o exílio como meio, separa-se a experiência da Europa em guerra sob o jugo nazista do mundo novo, que permite ao exilado o desenvolvimento de seu trabalho intelectual. Não fosse Martha narrar em seguida, abrindo a quarta sequência do filme – “1964, março, 31” – aquela saída de Carpeaux poderia ser interpretada como a de “um homem imerso em livros e na cultura europeia”³⁰ que vai ao encontro de uma jovem admiradora. “O golpe rompe essa tranquilidade da vida cultural.”³¹ Funcionando como uma unidade *per se*, essas três primeiras sequências conseguem dar o devido destaque para o que virá depois no filme – na sua diegese, o Golpe de 1964 – quer seja para pontuá-lo como um ‘choque’, quer seja para valorizar a reação política de Carpeaux face a ele.

O *handicap* desta escolha é justamente a relativa simplificação do passado europeu de Carpeaux ou mesmo a omissão de suas primeiras

³⁰ BERNARDET, Jean-Claude. *Op. cit.*, p. 129.

³¹ *Idem.*

experiências no Brasil – como a sua inserção via Igreja Católica, as incertezas dos primeiros meses no país, a sua inserção ao universo intelectual brasileiro dentre outras. É plausível que uma *persona* com menos nuances funcionasse melhor aos propósitos do filme, como também é plausível que uma produção tão afetiva, feita “por admiradores de Otto Maria Carpeaux”³² e contando com a colaboração direta do intelectual – da autoria de textos à encenação – fosse responsável por imprimir naquele contexto dos anos 1960 uma reelaboração de sua biografia. Nessa reelaboração, sua intensa participação política europeia ou as polêmicas em que se envolveu já no Brasil, por exemplo, não poderiam ter lugar. Não explicitamente.



Frame de *O velho e o novo*. Acervo: Banco de Conteúdos Culturais.
Cinemateca Brasileira

É notório que muito do que se poderia conhecer nos anos 1960 a respeito das experiências políticas europeias de Carpeaux ou estava circunscrito a pessoas muito próximas ao austríaco-brasileiro ou estava restrito a documentação de natureza privada ou sigilosa, como correspondências pessoais ou o processo de sua naturalização, por

³² Como informa o último leteiro, a tela que fecha o filme.

exemplo. Reside neste aspecto um ponto importante para a sensível distinção entre leituras de *O velho e o novo* no momento de sua produção e hoje, quase 50 anos depois.

Entretanto, apenas duas décadas separam a produção do filme da delicada posição de exilado recém-inserido no cenário intelectual brasileiro, momento em que Carpeaux colhe o ônus de suas experiências políticas europeias, materializado pelo manifesto de repúdio sofrido por ele no início de 1944 sustentado por nomes como Oswald de Andrade, Mário de Andrade e Carlos Lacerda.³³ Também a sua chegada ao Brasil através da Igreja Católica e o seu exitoso processo de naturalização brasileira, que contou com uma cláusula de exceção assentida pelo próprio Getúlio Vargas³⁴, contribuíram para a recepção ‘à esquerda’, nada amistosa então sofrida por Carpeaux.

Naquela ocasião e nos outros raros momentos em que concedeu entrevistas, Carpeaux teve que abandonar a postura exitosa, e mesmo omissa, que até então sustentara quanto ao seu passado europeu, e se defender da mais contundente e menos substancial crítica a que se referia aquele manifesto – sua simpatia e envolvimento com o ‘fascismo’. É certo que na sua primeira apresentação à intelectualidade brasileira, escrita por Álvaro Lins em 1941, já havia um esforço em mapear as zonas de proximidades e de afastamentos entre Carpeaux e o chanceler austríaco Engelbert Dollfuss. Ironia ou não, foram esses mesmos dados, replicados por Lins no segundo volume de *Jornal da Crítica*, que municiaram os signatários do repúdio a Carpeaux:

[1941] Aliás, sobre esta base de independência da Áustria, é que o chanceler Dollfuss e o escritor Otto Maria Carpeaux sempre se entenderam; quanto aos problemas sociais, ao contrário, nunca puderam se entender, porque Dollfuss não quis libertar-se inteiramente dos mitos totalitários e Carpeaux quis permanecer irredutivelmente fiel aos seus ideais de verdadeiro cristianismo.³⁵

[1944] Essa acusação baseia-se num único texto: parágrafo dum artigo do sr. Álvaro Lins, hoje

³³ Cf. a imagem *A recepção ‘à esquerda’ de Carpeaux*: In Capítulo 1 de *Imagens possíveis*.

³⁴ Cf. a imagem *Figura de extraordinário relevo intelectual’ – o processo de naturalização* In Capítulo 1 de *Imagens possíveis*.

³⁵ Cf. a imagem *‘Apresentação de um companheiro europeu em exílio’* In Capítulo 1 de *Imagens possíveis*.

reproduzido na pág. 298 do seu livro 'Jornal da Crítica', 2ª série. Ali, quem sabe ler lerá que apoiiei a política exterior de Dollfuss, defendendo a independência da Áustria, e que me opunha 'irredutivelmente' à política social do mesmo Dollfuss, totalitária e fascista. Não me arrependo dessas atitudes. Quatro anos de oposição ao Nazismo, a serviço da independência austríaca, e sem participar em emprego público ou particular da administração dollfussiana, contam; a oposição austríaca ao fascismo, retardando de quatros anos a agressão contra a Tchecoslováquia, foi de certa [?] utilizado para a Europa desarmada e desprevenida, até o próprio partido comunista austríaco reconheceu isso, aderindo na noite de 10 de março de 1938 – tarde demais – àquela política exterior. Quanto à firmeza de minha oposição ao fascismo austríaco, como a qualquer outro fascismo, passei por todas as provas, na Áustria, na Bélgica, no próprio Brasil. Afinal, não me mudei para cá como fazendeiro improvisado; cheguei perseguido e exilado.³⁶

[1949] – É verdade que o chanceler Dollfuss tinha grande apreço pelo seu livro *A missão europeia da Áustria?*

– *A missão europeia da Áustria* é um pequeno livro em que a tese política daqueles dias – a necessidade europeia da independência austríaca, força de equilíbrio da Europa – se defendeu, não como *slogan*, mas com argumentos históricos, sociológicos, culturais. [...]

A luta pela independência austríaca, de 1934 a 1938, retardou durante quatro anos a agressão geral à Europa. Os outros não souberam aproveitar esse tempo. Mas nós, cumprindo nosso dever, lutávamos. Lutávamos sob as ordens de Dollfuss, que era bem mais do que 'meio fascista'. Mas nem todos teriam falado tão alto como eu, lá na Áustria e aqui no Brasil.³⁷

³⁶ Cf. a imagem *A recepção 'à esquerda' de Carpeaux* In Capítulo 1 de *Imagens possíveis*.

³⁷ Cf. a imagem *Um Carpeaux 'adaptado' ou em vias de (espécie de resposta aos anos 1944-45)* In Capítulo 1 de *Imagens possíveis*.

Mais de duas décadas depois daquele ‘batismo’ junto à parte da intelectualidade brasileira, a opção encontrada em *O velho e o novo* em omitir tais momentos e direcionar para o pós-Golpe de 1964 a ocasião de seu *début* no combate político *strictu sensu* parece-me ilustrativo do que aqui estou entendendo por reelaboração biográfica.

Igual movimento operou-se com a identificação de Carpeaux com o catolicismo e com a Igreja Católica. Como cristão convertido que fora ou como partícipe das ações políticas daquela instituição, sua plena identificação religiosa foi se diluindo ao longo das quase quatro décadas em que viveu no Brasil. De indefectível pertencimento à Igreja Católica, inscrito em correspondências privadas, documentos oficiais, apresentações, entrevistas e perfis biográficos, Carpeaux chegara naquele contexto dos anos 1960 senão como um apóstata, como alguém que direcionara suas convicções religiosas ao foro íntimo.

[1939] Eu nasci em Viena, em 09 de março de 1900, nacionalidade austríaca, católico, romano, Maria. [...] Talvez, através do estabelecimento de uma nova vida, eu também poderia prestar serviços úteis à causa católica, à qual tenho dedicado a minha vida.³⁸

[1942-44] O Suplicante é de religião católica, conforme se verifica dos seus escritos e de seus documentos (docs. 2 e 3). [...]

Apresenta um atestado da Nunciatura apostólica provando que o Suplicante foi especialmente recomendado pelo Santo Padre Pio XII (doc. 14); e um outro atestado do Ex-Ministro Plenipotenciário da Áustria no Brasil (doc. 15).³⁹

[1949] – Foi apresentado por Álvaro Lins ao público brasileiro como escritor católico. Ainda o é? – Pertencço à Igreja Católica; tudo o mais é questão de foro íntimo. Estou estranhando o ‘ainda’, embora compreenda os motivos da pergunta. Mas por mais que se abuse da Igreja para fins diversos, ela é e fica a Igreja, fundamento e vaso das questões cristãs, cuja indispensabilidade no mundo presente e

³⁸ Cf. a imagem *Otras imagens – Je ne laisse pas périr!* In Capítulo 1 de *Imagens possíveis*.

³⁹ Cf. a imagem *Figura de extraordinário relevo intelectual’ – o processo de naturalização* In Capítulo 1 de *Imagens possíveis*.

futuro se me afigura tão certa como a inevitabilidade do socialismo.⁴⁰

Se se considera como o ponto crítico da recusa à identificação católica de Carpeaux a realização do seu velório e enterro sem ritos ou inscrições religiosas – que abriu discussões sobre a sua possível apostasia no final da vida⁴¹ –, a completa omissão em *O velho e novo* de tal identificação e a sua apresentação pela personagem Martha como um “judeu austríaco” já apontavam, nos anos 1960, certo movimento naquele sentido.

O lugar ocupado pela cidade de Viena em *O velho e o novo* – e, de maneira específica, na constituição da personagem que o coprotagoniza, Otto Maria Carpeaux – sintetiza a omissão no filme de seu passado político na Europa e de sua identificação com a Igreja Católica.

‘Ex oriente lux’

Havia um padrão nas respostas de Carpeaux quando era interpelado sobre a sua cidade natal: “Sou vienense, mas ‘Viena’ não significa ‘valsas e psicanálise’” ou “sim, senhor, sou de Viena, mas pelo amor de Deus, não me falem em valsas nem em psicanálise [...] o Danúbio não é azul, mas sujo-verde.”⁴² Se em parte essa resposta-padrão mobilizava um genérico espírito anticlichê de Carpeaux, em outra lhe proporcionava a oportunidade de lançar sombras a uma ideia de cidade cujo sinônimo sempre foi o de beleza e harmonia.

Também em relação aos austríacos, já se escreveu: “O austríaco mora num apartamento de dois cômodos. Um é claro, acolhedor, aconchegante, bem mobiliado, onde recebe as visitas. O outro é escuro, sombrio, fechado a sete chaves, totalmente insondável”⁴³, indício de que,

⁴⁰ Cf. a imagem *Um Carpeaux ‘adaptado’ ou em vias de (espécie de resposta aos anos 1944-45)* In Capítulo 1 de *Imagens possíveis*.

⁴¹ Cf. a imagem *Um homem e seu tempo* In Capítulo 3 de *Imagens possíveis*.

⁴² SENNA, Homero. “Otto Maria Carpeaux”. *Op. cit.*; CARPEAUX, Otto Maria. “Viena 40 anos depois”. *Op. cit.*

⁴³ van BEURDEN, Bernard. *Apud* HOFMANN, Paul. *Os vienenses: esplendor, decadência e exílio*. Trad.: Raul de Sá Barbosa. Rio de Janeiro: José Olympio, 1996, p. 10. Mesmo não escrevendo propriamente sobre um austríaco, é interessante o paralelo desta visão com a forma como Carpeaux introduz o mundo de Kafka, através daquele que foi o primeiro artigo sobre o escritor tcheco publicado no Brasil, *Franz Kafka e o mundo invisível*: “O mundo do contista Franz Kafka é uma casa burguesa, solidamente construída na aparência, com um fachada um pouco descuidada. Entramos, e respiramos o ar das penúrias dolorosas, de

se a psicanálise não fosse criada por um vienense, ao menos encontraria naquele solo um terreno fértil para a sua sistematização.

Na tentativa de evitar clichês e generalizações, cabe acompanhar qual era o lugar que Carpeaux reservava a Viena, à Áustria ou à Europa em relação à sua formação, quando o seu interlocutor apresentava-se disposto a ir além do lugar-comum ocupado pela tríade ‘valsa, psicanálise e Danúbio’.

[1949] Estudei em Viena e em outras universidades europeias. [...] Sou produto de um ambiente multinacional, cosmopolita. As influências mais poderosas para a vida inteira: a Antiguidade clássica (oito horas semanais de latim durante oito anos de estudo secundário); o espírito do catolicismo barroco que enche a atmosfera austríaca, e sobretudo o sistema de ensino universitário alemão (como foi antigamente), com as liberdades conjuntas de ensinar e estudar; daí também a relação dos estudos literários com os de Filosofia, História, Sociologia; depois, Guerra, Inflação e profundas transformações sociais ensinaram-me algo do sentido da História: lições de Hegel, Marx e Croce transformando-se em experiências vividas.⁴⁴

[1963-4] Falo sobre minha vida na Europa com objetividade, como se fosse vida de um outro; e só me parece importante aquilo que ficou, como influência, durante minha vida brasileira.⁴⁵

Se não omitia o ‘ambiente cosmopolita’ europeu e o ‘espírito do catolicismo barroco’ em sua formação intelectual e política, Carpeaux tampouco abria mão de calibrá-los às influências ‘espirituais’, linguísticas, literárias e políticas que, desde 1939, vinha recebendo em solo brasileiro. “Que posso fazer? Desde o meu desembarque no Brasil, sinto-me em casa.

quartos mal ventilados[...].” Cf.: CARPEAUX, Otto Maria. “Franz Kafka e o mundo invisível”. In *Jornal Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 27/04/1941, p. 01 [Suplemento].

⁴⁴ Cf. a imagem *Um Carpeaux ‘adaptado’ ou em vias de (espécie de resposta aos anos 1944-45)* In Capítulo 1 de *Imagens possíveis*.

⁴⁵ Cf. a imagem *O perfil Renard Perez e o plot point de 1964* In Capítulo 2 de *Imagens possíveis*.

Para mim, o ato de naturalização não foi uma formalidade jurídica⁴⁶, justificaria em outra oportunidade, como se a sua extensa produção intelectual em língua portuguesa, *Pequena bibliografia crítica da literatura brasileira* incluída, já não fosse prova suficiente.

Em *O velho e o novo*, é justamente aquela ‘bagagem europeia’ que a *persona* Carpeaux carrega na primeira parte do filme. Mas uma bagagem aparentemente leve, vinculada à ideia de *Bildung* e responsável pelo epíteto de ‘enciclopédico’ com o qual muitas vezes Carpeaux foi chamado no Brasil. Viena, por sua vez, ora aparece como a cidade arrasada pelos bombardeios, ora como a primeira das demais cidades europeias que Carpeaux teve de abandonar até o exílio definitivo. Isto sem mencionar a generalizante justaposição entre bonomia e vilania austríaca, representada no filme por um malogrado aspirante à Academia de Belas-Artes vienense que se tornou o antagonista da II Guerra Mundial.

“Para Carpeaux já não é uma sobrevivência. É uma vivência que luta”, narra a personagem Martha logo após anunciar o Golpe de 1964 e dividir o filme e a biografia de seu coprotagonista em dois momentos distintos. É uma divisão funcional, como se viu, e que incidirá sobre a segunda parte de *O velho e o novo*. Entretanto, seja pelos momentos em que Carpeaux tivera que publicizar o seu passado europeu, seja pelas informações que dispomos hoje sobre suas experiências europeias, há de se tomar esta divisão também um gesto de reelaboração biográfica, pela simplificação de uma personagem muito mais complexa.

Complexos também eram o contexto político europeu e a posição da Áustria no período posterior ao fim da Primeira Guerra Mundial, momento de dissolução dos grandes impérios, de liberalismo em crise e de ascensão de governos nacionalistas e/ou centralizadores, como atestam obras e estudos como *Viena fin-de-siècle*, de Carl Schorske; *Os vienenses*, de Paul Hofmann; ou *Black Vienna, red Vienna*, de Janek Wasserman⁴⁷. Em relação à Áustria deste período, o Tratado de St. Germain-en-Laye assinado em setembro de 1919, que viera a reboque do Tratado de Versalhes, pôs fim a uma ‘colcha de retalhos’ que compusera o Império Austro-Húngaro, formado por 17 nacionalidades e 13 idiomas.

⁴⁶ Cf. a imagem *Enraizamento – a obra ‘quase perdida’ e ‘Vida e romance’*. In Capítulo 1 de *Imagens possíveis*.

⁴⁷ Respectivamente: SCHORSKE, Carl E. *Viena fin-de-siècle: política e cultura*. Trad.: Denise Bottmann. São Paulo: Companhia das Letras, 1988; HOFMANN, Paul. *Os vienenses*. *Op. cit.*; WASSERMAN, Janek. *Black Vienna, red Vienna: the struggle for intellectual and political hegemony in interwar Vienna, 1918-1938*. *Op. cit.*

Mas, se a lente for ampliada, é possível perceber que aquele contexto de disputa entre projetos antagônicos para a jovem república austríaca possuía raízes no último quartel do século XIX, com a ascensão ao poder dos chamados ‘austro-liberais’. Segundo Carl Schorske, os princípios e programas liberais então empregados – como a substituição do absolutismo aristocrático por uma monarquia constitucional; a substituição do federalismo aristocrático pelo centralismo parlamentar; o estímulo a um nacionalismo ‘cultural’ e pangermânico; a substituição da religião pela ciência; o *laissez-faire* econômico frente o domínio arbitrário do privilégio –, além de combater forças “socialmente superiores e historicamente anteriores” (aristocracia, Igreja Católica), foram responsáveis por “soltar a energia política das massas”. Ainda segundo a análise de Schorske, “mesmo possuindo força suficiente para dissolver a antiga ordem política, o liberalismo não conseguiria controlar as forças sociais liberadas por essa dissolução”. Tais forças – movimentos de massas antiliberais como o nacionalismo tcheco, o pangermanismo, o socialismo cristão, a social-democracia e o sionismo – “surgiriam para desafiar a tutela da classe média cultivada, paralisar seu sistema político e minar sua confiança na estrutura racional da história”. Em termos concretos, a paralisia do parlamentarismo através do conflito nacional e social e a expulsão dos austro-liberais do poder político.⁴⁸ Este movimento de dupla frente de batalha do liberalismo austríaco, entre a ascensão ao poder em 1867 e o contexto de entre guerras, foi assim resumido por Schorske:

Cada disparo dirigido ao inimigo de cima suscitava uma salva hostil de baixo. A um nacionalismo alemão articulado contra os cosmopolitas aristocráticos, respondeu a reivindicação de autonomia dos patriotas eslavos. Quando os liberais atenuaram seu germanismo em favor do Estado multinacional, foram rotulados de traidores do nacionalismo por uma *petite bourgeoisie* alemã antiliberal. O *laissez-faire*, ao qual caberia libertar a economia dos grilhões do passado, levantou os revolucionários marxistas do futuro. O catolicismo, expulso da escola e do tribunal como laçao da opressão aristocrática, voltou como a ideologia dos camponeses e artesãos, para os quais o liberalismo significava capitalismo, e o capitalismo significava judeus. No final do século, mesmo os judeus, a quem o austro-liberalismo oferecera a emancipação,

⁴⁸ SCHORSKE, Carl E. *Op. cit.*, pp. 126-7.

a oportunidade e assimilação à modernidade, começaram a virar as costas aos seus benfeitores. O malogro do liberalismo fez dos judeus vítimas, e a resposta mais convincente foi dada pelo sionismo: a fuga para o lar nacional. Enquanto outros nacionalistas ameaçavam o despedaçamento do Estado, os sionistas ameaçavam a secessão.⁴⁹

Nas décadas de 1920 e 1930, a capital austríaca estava atravessada por este ambiente de disputas e projetos políticos antagônicos.⁵⁰ Paul Hofmann traça três grandes forças político-partidárias deste período, além das extraparlamentares e paramilitares: os ‘vermelhos’, representado pelo Partido Social Democrata, mas também pelo Partido Comunista austríaco; os ‘azuis’, representados pelos pangermânicos do Partido Nazista Austríaco (que, como força suprapartidária, tinha influência sobre outras agremiações); e os ‘pretos’, representado pelo Partido Social Cristão (a cor aludia à batina católica).⁵¹ Embora muito próximos no substrato antisemita, antiliberal e no uso de ações extraparlamentares como meio de pressão popular, “a política dos desordeiros e da turba”, os pangermânicos e o Partido Social Cristão se afastavam quanto à questão primordial daqueles anos: a integração ou não da república austríaca à Alemanha. Num contexto de iminência de guerra civil, forças paramilitares complementavam nas ruas as disputas do Parlamento austríaco. A *Heimwehr* [Guarda Doméstica], de forte matriz nacionalista, anticomunista e antisemita, tornou-se a mais importante delas, e a sua aproximação com o Partido Social Cristão foi essencial para que este se tornasse a força política dominante dos anos 1930.⁵²

⁴⁹ *Ibidem*.

⁵⁰ Quanto o mais porque, em 1922, através de uma reforma constitucional, Viena tornara-se uma região semi-autônoma (*Land*) separando-se da Baixa Áustria rural. Somados autonomia financeira e o poderio eleitoral do Partido Social-Democrata, a cidade conheceu um período de doze anos de forte investimento social, sobretudo habitacional, período da ‘Viena Vermelha’. Há registros de que pelo menos 72.000 habitações foram construídas durante este período; número expressivo numa cidade em que o déficit habitacional era crônico. Cf.: HOFMANN, Paul. *Op. cit.*, p. 197.

⁵¹ *Idem*, p. 196.

⁵² *Idem*, p. 212. Também Maurício Parada dedica especial atenção à *Heimwehr* num capítulo dedicado ao fascismo austríaco e à trajetória de Carpeaux. Cf.: PARADA, Maurício. “Das cinzas ao paraíso: o fascismo austríaco e a trajetória de Otto Maria Carpeaux”. In _____ (Org.). *Fascismos: conceitos e experiências*. Rio de Janeiro: Mauad X, 2008, pp. 259-69.

Filho de pai judeu e mãe católica, Carpeaux estivera atravessado pelo cenário de disputas e projetos políticos antagônicos da Áustria e, em especial, de Viena. Após o período de formação acadêmica – em que circulou por cidades como Berlim, Nápoles, Paris e Leipzig⁵³ –, tornou-se um ativo participante daquele cenário. A sua conversão ao catolicismo, a adoção do nome Maria e, posteriormente, do pseudônimo Fidelis, são atos contínuos de um intelectual que se posicionou em defesa de uma Áustria independente e tributária de seu passado católico, cujas raízes deveriam remeter à ideia de *Sacro Império*, de ligação político-espiritual com a religião de Roma e em oposição à heresia, espiritual e secular, do protestantismo; portanto, essencialmente, a ideia de um Império politicamente multinacional e espiritualmente católico-romano.⁵⁴

Há uma notória convergência entre os escritos de Carpeaux deste período e o que era defendido pelos próceres do Partido Social-Cristão, como demonstra Mauro Souza Ventura em *De Karpfen a Carpeaux*. Tal

⁵³ As informações quanto a essa formação acadêmica são ambíguas e sofreram alterações em pelo menos dois momentos. Num dos documentos que compõem o seu processo de naturalização brasileira, consta que Carpeaux havia se doutorado em Filosofia pela Universidade de Viena, quando o diploma de Ph.D. daquela universidade, anexado no mesmo processo, refere-se a um doutorado em Química. Ainda neste documento, constam como cursos extracurriculares de Filosofia, Sociologia, Política, Física e Literatura Comparada em instituições de Leipzig, Nápoles, Paris e Berlim. No perfil assinado por Renard Perez e publicado pela primeira vez em 1964, há a menção de dois doutorados, Física e Química, Filosofia e Letras (que, no sistema então adotado pela Universidade de Viena, consistia na defesa de uma tese após a conclusão do curso de graduação), além de um ano de estudos no curso de Direito, “por desejo do pai”, estudo de Matemática, além de cursos extracurriculares de História, Sociologia e Música. Cf.: as imagens: *Figura de extraordinário relevo intelectual’ – o processo de naturalização* In Capítulo 1 de *Imagens possíveis*; e *O perfil Renard Perez e o plot point de 1964* In Capítulo 2 de *Imagens possíveis*, respectivamente.

⁵⁴ “Assim, a Áustria é, com muito orgulho, um corpo que atua vivamente no organismo da *Romanitas*. Sim, nós austríacos vivemos no Império Romano. Todavia, não apenas no campo das relações culturais latinas, mas também no âmbito da nossa sagrada fé romano-católica. A Áustria é um representante do pensamento do Sacro Império, defensora da eterna *Reichsidee*, que tem Estado principal em Roma, contra o *Gegenreich* herético-protestante dos reis da Prússia e seu epígono nacional-socialista. [...] *Romanitas* significa estar sob os auspícios da Igreja Católica Romana, pertencendo ao seu círculo religioso e cultural, juntamente com os povos latinos e não-latinos, como os alemães do Sul, os irlandeses, os poloneses, os eslavos ocidentais e também os alemães austríacos”. FIDELIS, Otto Maria. *Österreichs europäische Sedung*. Apud VENTURA, Mauro Souza. *De Karpfen a Carpeaux*. Op. cit., pp. 38-9.

convergência havia sido textualmente saudada por Carpeaux em *A Missão europeia da Áustria*, obra publicada em 1935 já sob pseudônimo de Otto Maria Fidelis:

Devem ser lembrados ainda o retorno do pensamento imperial da Grande Áustria pela política católica de Lueger, a redescoberta da concepção cultural católica-austriaca através de Richard von Kralik, a conservação da Áustria, mutilada pela crise econômica, pelo sacerdotal homem de Estado Ignaz Seipel, e, finalmente, o grande duradouro feito do catolicismo político na Áustria: a preservação do Estado em 1933, fato ligado a Engelbert Dollfuss e aos estadistas cristãos.⁵⁵

Em nome do projeto político e espiritual da Grande Áustria, Carpeaux saudara os atos e se posicionara ao lado de nomes como Karl Lueger – o responsável por transformar uma ideologia da velha direita, o catolicismo conservador, no socialismo cristão⁵⁶; Ignaz Seipel – padre, presidente do Partido Social Cristão Austríaco entre 1921 e 1929 e ex-chanceler austríaco; e Engelbert Dollfuss – que, com a morte de Seipel, tornou-se o líder do PSC, depois primeiro-ministro da Áustria e, entre 1933 e 1934, líder do *Christliche Ständestaat*, nome oficial do Estado corporativista, clerical e fascista no qual a Áustria se tornou após um golpe de Dollfuss.⁵⁷

⁵⁵ FIDELIS, Otto Maria. *Österreichs europäische Sedung*. Apud VENTURA, Mauro Souza. *De Karpfen a Carpeaux*. Op. cit., pp. 36-7.

⁵⁶ SCHORSKE, Carl E. *Op. cit.*, pp. 140-1.

⁵⁷ Depois de se tornar primeiro-ministro, Dollfuss implementou uma série de medidas autoritárias e centralizadoras, opondo-se tanto ao Partido Social-Democrata quanto ao Partido Comunista e ao Partido Nazista austríacos. Ainda em 1933, havia criado a Frente da Pátria [*Vaterländische Front*], organização que sucedeu o Partido Social-Cristão e foi projetada para ser partido único de um regime nos moldes corporativista-fascistas. Em 1934, após promover um golpe de Estado, Dollfuss dissolveu o Parlamento, extinguiu todos os partidos políticos, com exceção da *Vaterländische Front* e, após convocar um novo Parlamento, promulgou uma nova constituição, instituindo o *Christliche Ständestaat* – o austro-fascismo. Ainda em 1934, Dollfuss foi assassinado, numa tentativa de golpe nazista. Tendo Kurt Schuschnigg à frente, o *Christliche Ständestaat* resistiria às investidas de anexação ao III Reich até março de 1938, quando o *Anschluss* finalmente ocorreu. Cf.: WASSERMAN, Janek. *Black Vienna, red Vienna: the*

Mas em qual grau havia se dado aquela convergência? “Até que ponto [as opiniões de Carpeaux] sobre o período não estariam próximas do chamado ‘austro-fascismo?’”⁵⁸ Até que ponto poderíamos identificá-lo como um “ideólogo de vertente social-cristã?”⁵⁹ Mesmo após a inédita e importante pesquisa empreendida por Mauro Ventura sobre o passado europeu de Carpeaux, não há muitos elementos para chegar a uma resposta que não seja fruto de ilações.⁶⁰ Isso decorre de duas principais razões: do componente antissemita da época e da imprecisão quanto aos vínculos e à natureza das atividades de Carpeaux naquele contexto.

Além de *A Missão europeia da Áustria*, pesa sobre Carpeaux a sua colaboração, mesmo que pontual, com a revista oficial do austro-fascismo *Der Christliche Ständestaat*⁶¹, a que foi de todo omitida nos documentos que integraram seu processo de naturalização brasileira. Aliás, reside na natureza lacunar do processo de naturalização de Carpeaux o primeiro passo que marcará a imprecisão quanto ao seu passado europeu. Dada a natureza e a finalidade daquela documentação, o equilíbrio entre abonar a trajetória precedente do candidato à naturalização e não comprometê-lo

struggle for intellectual and political hegemony in interwar Vienna, 1918-1938. *Op. cit.*

⁵⁸ VENTURA, Mauro Souza. *Op. cit.*, pp. 40-1.

⁵⁹ *Idem*, p. 26.

⁶⁰ Há um jogo de citações em *De Karpfen a Carpeaux* que permite Ventura identificar Carpeaux a um “ideólogo de vertente social-cristão, cujo ápice foi seu engajamento no governo de Engelbert Dollfuss”, baseado em três artigos autorreferentes. Textualmente, Ventura cita os artigos de Albert von Brunn (1999) e Andreas Pfersmann (1995). Ocorre que von Brunn, por sua vez, ao citar que “Karpfen foi um verdadeiro *baluarte* da Igreja Católica contra o nacional-socialismo, o comunismo e a revolução” o faz baseado num terceiro artigo, também de Pfersmann (1988), que escreveu: “Tanto sua colaboração no *Christliche Ständestaat*, revista dirigida pelos imigrantes alemães Klaus Dohrn e Dietrich von Hildebrand, quanto suas obras *Wege nach Rom: Abenteuer, Sturz und Sieg des Geistes* (Viena/Leipzig, 1934) e *Österreichs europäische Sendung: Ein aussenpolitischer Überblick* (Viena, 1935) demonstrem que Carpeaux foi um ideólogo clerical do austro-fascismo, que considerava a Igreja um *baluarte* contra o nacional-socialismo, o capitalismo e a revolução.” Cf.: Ventura, Mauro Souza. *Op. cit.*, p. 26 [notas 08 e 09] e PFERSMANN, Andreas. “Exiland Brasilien: Aperçu zur literarischen Emigration” In Stadler, Friedrich (Hrsg.): *Vertriebene Vernunft: Emigration und Exil österreichischer Wissenschaftler*, v. 2, Wien: Jugend & Volk, 1988, pp. 1012-16. [Itálicos meus].

⁶¹ Como atestam Andreas Pfersmann (1988) e EBNETH, Rudolf. *Die österreichische Wochenschrift "Der Christliche Ständestaat": deutsche emigration in Österreich 1933-1938. Apud WASSERMAN, Janek. Black Vienna, red Vienna. Op. cit.*, pp.299-300.

em função deste mesmo passado perpassa cada um de seus documentos – daí as omissões e as auxeses neles presentes.

Outro dado fundamental quanto àquela documentação é o seu grau de autoevidência, em muito baseada na boa fé do suplicante e daqueles que o abonavam, dada as circunstâncias em que havia abandonado a Áustria e depois a Bélgica. Em mais de um documento, além da formação acadêmica, dos livros publicados por Carpeaux na Europa e das revistas com quais lá colaborou, há a seguinte informação:

[...]
 Infelizmente as circunstâncias que cercaram o seu abandono da Áustria impediram o Suplicante de trazer consigo uma documentação, mínima sequer, das suas atividades científicas e sociais na Áustria. Assim, pôde apenas juntar dois dos seus livros, encontrados na Bélgica (docs. 19 e 20). [...]⁶²

Não há, por exemplo, maiores detalhes sobre a principal motivação de sua saída da Áustria e seu curto exílio na Bélgica, afora frases vagas como: “[...] Deixando a Áustria em 1938, por motivo do Anschluss, residiu até o ano seguinte na Bélgica, tendo por esse tempo colaborado em diversas publicações belgas e holandesas.” ou “[...] Era domiciliado até 1938, em Viena, Áustria, quando as circunstâncias o forçaram a mudar para a Bélgica.”⁶³

Outro exemplo entre omissão e auxese pode ser demonstrado pelos dois documentos emitidos pela Nunciatura Apostólica no Brasil e arrolados àquele processo, uma declaração e um atestado sobre Carpeaux. Na pontual declaração, redigida em tópicos, além da informação de que “O.M.Karpfen veio ao Brasil especialmente recomendado pelo Santo Padre Pio XII” –personificando o visto emitido na cota dos 3000 “católicos não-arianos” –, consta o seu vínculo como redator do diário católico austríaco *Reichpost*. No atestado, além do vínculo e da identificação do *Reichpost* como “o jornal católico mais importante da Áustria” serem reforçados, lê-se ainda:

[...] seu trabalho era muito estimado pelos círculos políticos e literários da sua pátria e de outros países europeus. O doutor Otto Maria Karpfen desenvolveu em Viena grande atividade literária no

⁶² Cf. a imagem ‘Figura de extraordinário relevo intelectual’ – o processo de naturalização In Capítulo 1 de *Imagens possíveis*.

⁶³ *Idem*.

sentido dum melhor entendimento entre os povos europeus, na base do pensamento católico. Além disso, o doutor Otto Maria Karlfen publicou um certo número de Obras literárias e colaborou em diversas revistas e jornais da Europa central e ocidental, tendo adquirido um renome literário e científico bem apreciável.⁶⁴

Nos demais documentos que compõem aquele processo, além do *Reichpost*, foram citadas outras colaborações de Carpeaux a periódicos católicos e/ou literários, austríacos e europeus, como a revista católica belga *La Cité Chrétienne* (da qual foi correspondente na Áustria), mas nada sobre *Der Christliche Ständestaat*. Em que pese a natureza do Estado Novo e a ambiguidade com o qual tratara o III *Reich*, o ‘suplicante’ tinha que fazer jus à Certidão de Ideologias nº 80, datada em 13 de outubro de 1941 e emitida a seu favor pela Polícia Civil, quanto ao fato de que “não professa ideologias contrárias às instituições vigentes.”

Tampouco nas entrevistas ou nos perfis construídos sobre Carpeaux esse dado seria estabelecido. Como já visto anteriormente, em virtude da polêmica na qual se viu envolvido nos primeiros anos no Brasil, Carpeaux sempre tratou de se desvincular do primeiro-ministro Dollfuss ou do Estado corporativista clerical implementado por este. Daquela equação construída por Álvaro Lins, entre zonas de aproximação e afastamento na relação Carpeaux-Dollfuss, a informação de que *A missão europeia da Áustria* havia sido o livro em que o primeiro-ministro havia encontrado “tranquilidade em meio aos tormentos e inquietações de seus últimos dias”⁶⁵ possivelmente perturbava o resultado esperado pelo autor do artigo, mas não mais do que a informação de que Carpeaux havia sido colaborador de *Der Christliche Ständestaat*.

Na entrevista concedida a Homero Senna, em 1949, Carpeaux acrescenta mais um ‘dado de imprecisão’ quanto às suas atividades pré-*Anschluss*. Ao falar de sua atividade como jornalista em Viena, Carpeaux asseverou: “[...] Segundo toda a probabilidade, eu seria hoje o articulista de fundo da *Neue Freie Presse* em Viena, então o maior jornal da Europa

⁶⁴ Cf. a imagem *Figura de extraordinário relevo intelectual* – o processo de naturalização In Capítulo 1 de *Imagens possíveis*.

⁶⁵ Provém deste mesmo artigo de Álvaro Lins a precisão do vínculo de Carpeaux com o *Reichpost*, “diretor da página cultural”; além da informação de que Carpeaux havia sido redator de *Gazet van Antwerpen*, “grande jornal católico da Bélgica flamenga”, quando do seu exílio naquele país – dado que tampouco consta no seu processo de naturalização. Cf. a imagem *‘Apresentação de um companheiro europeu em exílio’* In Capítulo 1 de *Imagens possíveis*.

Central. As negociações a respeito estavam concluídas em março de 1938, quando... quando aconteceu ‘aquilo.’”⁶⁶ Seria um dado simples, também omitido em outros documentos, se não fosse o *Neue Freie Presse* um jornal liberal, crítico da política clerical do Partido Social-Cristão e que, antes do *Anschluss*, quando foi literalmente ocupado e dirigido por prepostos do III *Reich*, possuía, somente na edição, 22 profissionais judeus – todos demitidos e substituídos por editores ‘comprovadamente austríacos e alemães.’⁶⁷

Já no perfil construído por Renard Perez e publicado pela primeira vez em 1964, todo aquele passado de ativa luta política, os livros e artigos publicados em nome dela, ficou resumido pela seguinte consideração: “Publicou, na Europa, cinco livros: mas os considera, a todos, hoje, obsoletos, com exceção de um – escrito em língua holandesa e publicado em 1938, na Holanda, descrevendo o fim da Áustria pela invasão nazista [*Van Habsburg tot Hitler*].”⁶⁸ Não por acaso, um livro eminentemente jornalístico.

Também o componente antissemita do contexto austríaco pré-*Anschluss* tem a função de opor obstáculos a uma abordagem peremptória sobre a relação de Carpeaux com o austro-fascismo, em parte devido às características do antissemitismo no interior daquela sociedade, em parte devido à relação que Carpeaux tenha estabelecido (ou sofrido) com ele.

Tendo assumido terreno fértil para a conquista política junto às massas rurais e urbanas, o antissemitismo esteve presente no substrato ideológico e programático tanto de partidos como o Social-Cristão, o Nazista Austríaco, entre os pangermânicos de uma forma geral e, sobretudo, entre os integrantes do grupo paramilitar *Heimwehr*. Entretanto, há diferenças sensíveis da maneira como o antissemitismo foi instrumentalizado por aquelas forças políticas, assim como também houve gradações de antissemitismo no interior de uma mesma força, a depender do contexto e do grau de radicalização de sua atuação.

Assim, estabelecer a diferença entre um Georg von Schönerer, “responsável por organizar os nacionalistas alemães radicais [...] e converter o antissemitismo numa grande força disruptiva na vida política austríaca”, e

⁶⁶ Cf.: a imagem *Um Carpeaux ‘adaptado’ ou em vias de (espécie de resposta aos anos 1944-45)* In Capítulo 1 de *Imagens possíveis*.

⁶⁷ É possível que advenha desta fase do *Neue Presse Freie* a sua caracterização como ‘pangermânico’ estabelecida por Mauro Souza Ventura em *De Karpfen a Carpeaux*. Embora ele o faça citando uma referência externa. Cf.: VENTURA, Mauro Souza. *Op. cit.*, p. 44 [nota 33].

⁶⁸ Cf.: imagem *O perfil Renard Perez e o plot point de 1964* In Capítulo 2 de *Imagens possíveis*.

um Karl Lueger – que, embora tenha “tolerado o antissemitismo mais vicioso entre os seus auxiliares”, o focalizou no ataque aos seus inimigos liberais⁶⁹ –, é deveras importante. Nas palavras de Schorske:

Enquanto Schönerer explorou o caráter supranacional da comunidade judaica para atacar todos os princípios da integração da vida social e política austríaca, Lueger relativizou o antissemitismo em seu ataque ao liberalismo e capitalismo. Sua famosa frase, ‘Wer Jude ist bestimme ich’ [‘Quem é judeu determino eu’], permitiu a Lueger neutralizar o potencial explosivo e subversivo do antissemitismo a favor dos interesses da monarquia, da Igreja Católica e até mesmo do capitalismo que declarava combater.⁷⁰

Mas, mesmo no interior do Partido Social-Cristão, do qual Lueger esteve à frente até a sua morte, em 1910, o elemento antissemita galgaria níveis ascendentes, sobretudo a partir de sua aproximação tática com a *Heimwehr*, já na década de 1920. Entre 1920 e 1930, a ‘política dos desordeiros e da turba’, como a denominou Hofmann, se transformaria em gestos públicos de violência física ou moral, como o ataque a professores e estudantes judeus (ou presumidamente judeus) da Universidade de Viena – que contavam com a omissão da polícia e mesmo com o beneplácito de autoridades daquela universidade, cujos reitores não raro eram assumidamente pangermânicos e antissemitas.

Desordeiros, nem todos eles estudantes, bloqueavam as entradas do edifício quadrangular da universidade na Ringstrasse e impediam a passagem de judeus ou de pessoas que eles presumiam dessa raça. Havia pugilatos. E se algum professor ou aluno mais forte ou mais valente insistia em forçar a entrada, logo era cercado por uma dúzia de indivíduos que o faziam rolar escada abaixo até a porta principal. [...] Em 1930, o reitor Wenzel Gleispach, que era pangermânico, procurou estabelecer uma ‘nação judaica’, paralela à ‘nação alemã’, entre os alunos da instituição, um tipo de proposta que em geral prenunciava a limitação do

⁶⁹ SCHORSKE, Carl E. *Op. cit.*, pp. 151-2.

⁷⁰ *Idem.*

número de matrículas para judeus de acordo com um sistema de quotas raciais.⁷¹

Até que ponto Carpeaux sofrera com o antissemitismo, até que ponto a sua conversão ao catolicismo estivera ligada àquele crescente fenômeno, ou mesmo até que ponto Carpeaux o tolerara no interior do Partido Social-Cristão são questões que permanecem sem resposta. De consistente, temos a fuga imediatamente após o *Anschluss* como fator primordial de sua sobrevivência, não só por sua identificação com o *Christliche Ständestaat*, mas por sua ascendência judia – afinal, independentemente de sua conversão ao catolicismo, a determinação de quem era ou não era judeu provinha dos fatores do *Anschluss*, qual seja, os próceres do III *Reich* alemão. A morte de sua mãe, de origem católica, mas de sobrenome judeu, adquirido pelo casamento é exemplo disto. Naquele mesmo perfil construído por Renard Perez, Carpeaux menciona que sua mãe morrera durante a II Guerra Mundial (o pai havia morrido antes), mas não esclarece em quais circunstâncias aquela morte se dera. Nos arquivos do DÖW, Centro de documentação da resistência austríaca [*Dokumentationsarchiv des österreichischen Widerstandes*] em Viena, há 23 entradas de pessoas de sobrenome Karpfen enviadas a campos de concentração. Dentre elas, ‘Gisela Karpfen’, nascida em 24/04/1880, então residente à Aloisgasse – rua paralela à Heinestrasse, endereço que constava no passaporte de Carpeaux – e, ao que tudo indica, mãe de Carpeaux.⁷² Segundo os arquivos do DÖW, ‘Gisela Karpfen’ e mais 1000 “judeus austríacos”, entre homens, mulheres e crianças, foram enviados ao campo de Wlodawa (Polónia), em 1942. Desse contingente enviado para Wlodowa, num universo de mais de 7000 judeus oriundos de outras partes da Europa Central, apenas três sobreviveram. Não foi o caso de Gisela Karpfen.⁷³

Com os olhos do presente e com tudo o que se pode conhecer do passado europeu de Carpeaux – incluindo neste saldo as deliberadas omissões acerca deste passado, algumas hoje já mapeadas e muitas outras a dormitarem no mais profundo esquecimento –, a sua identificação

⁷¹ HOFMANN, Paul. *Op. cit.*, pp. 215-6.

⁷² Em pesquisa cruzada, ratifiquei pela data de nascimento que aquela Gisela Karpfen da listagem do DÖW é a mesma que tem como sobrenome de solteira “Schmelz”, filha de Herman Schmelz e Natalia Schmelz. Cf.: < <http://www.ics.uci.edu/~dan/genealogy/>>, acesso 12 jan. 2015.

⁷³ Cf.: imagem *O perfil Renard Perez e o plot point de 1964* In Capítulo 2 de *Imagens possíveis*. Uma pesquisa mais simples pode ser feita no *website* do DÖW, disponível em <<http://www.doew.at/personensuche>>.

aparentemente simplificadora em *O velho e o novo*, “judeu austríaco perseguido pelo nazismo”, seguramente ganha outra dimensão.

Por fim, também a sua relação com a cidade de Viena, demonstrada indiretamente no filme através da destruição de um ‘velho mundo’, ganha nova dimensão quando acompanhada em seus escritos, alguns posteriores à realização de *O velho e o novo*, ou em suas correspondências privadas, hoje disponibilizadas pelo *Fundo/Coleção Otto Maria Carpeaux* da *Fundação Casa de Rui Barbosa*. Carpeaux, que sempre foi muito econômico em escritos autobiográficos, quando o fez foi quase de contrabando. Somente na última viagem à Europa, poucos meses antes de morrer, é que Viena foi retratada de frente pelo “filho pródigo” – todavia, sob um espectro fantasmagórico.

Num dos primeiros artigos publicados no *Correio da Manhã*, quando ainda escrevia em francês e contava com a tradução de terceiros para o português, como ‘nariz de cera’ para um artigo sobre ‘A ideia da universidade e as ideias das classes médias’, Carpeaux registrou:

Jamais esquecerei o dia em que entrei pela primeira vez, com toda a ingenuidade dos meus dezoito anos, no solene recinto da Universidade da minha cidade natal. [...] No meio do pátio, num pequeno jardim, sob o ameno sol de outono, erguia-se uma estátua de mulher nua, com olhos enigmáticos: a deusa da sabedoria. Silêncio. Não esquecerei jamais. [...] A última vez que passei perto deste ‘templo das Musas’, o edifício estava fechado; os estudantes haviam-se juntado a uma imensa manifestação popular. Sabia muito bem o que isso significava para mim: um adeus para sempre. Olhando pelas frestas das portas monumentais – estávamos na primavera – via sob a luz branda do sol os pórticos, as velhas pedras, o jardim, a deusa nua, tendo nos lábios o sorriso enigmático da morte. E reconheci um fim definitivo.⁷⁴

⁷⁴ CARPEAUX, Otto Maria. “A ideia de universidade e as ideias das classes médias” In *Jornal Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 07/12/1941, p. 01 e p. 04 [Suplemento]. Este texto foi posteriormente coligido no primeiro livro publicado por Carpeaux no Brasil, *A Cinza do Purgatório* (1942).

Já numa das primeiras cartas enviadas a Carlos Drummond de Andrade⁷⁵, em 1942, pouco tempo depois de “uma grande desgraça” ter destruído toda a sua vida anterior, as “bases materiais e espirituais” de sua existência, pouco depois de ter conhecido “dois anos de exílio, na Europa e um ano de extrema miséria e desespero” no Brasil e, finalmente, de se reencontrar no “grande salão”, Carpeaux descreveu, como nunca mais o faria⁷⁶, os quatro dias e quatro noites em que empreendeu a fuga que o salvaria do destino conhecido pelos demais Karpfens de Viena.

Segundo aquelas linhas, um pequeno cão preto, “presente dum caro amigo”, era o símbolo para Carpeaux dos dias em que o seu “grande salão” em Viena parecia-lhe “muito bem estabilizado”. Quando do abandono forçado do pequeno cão, durante “sua fuga precipitada”, Carpeaux reconhece que ainda não tinha consciência de que “tudo estava perdido”. O sentimento de perda ocorreu-lhe quando o trem atravessou uma ponte e, atrás dela, se afastavam Viena, a minúscula capela imperial, a estátua da deusa nua no recinto da Universidade, o querido museu, o cemitério onde dormiam os seus mortos, a grande pátria austríaca:

Neste dia, quando o abandonei, não tinha consciência clara. Era um dos quatro dias (e quatro noites), escondido em moradias alheias, a morte sempre presente. Não senti que tudo estava perdido.

Enfim, conseguimos o necessário para fugir. Fomos mendigos, em todos os sentidos, mas enfim no vagon da estrada de ferro. Ainda nos subúrbios de Viena, o trem atravessa uma ponte, donde toda a minha cidade natal pode ser abrangida. Era noite, e houve só luzes esparsas. Mas eu sabia de cor tudo: sabia, muito perto, o lar perdido, e mais todas as torres e tetos, mais o grande rio, e uma outra ponte;

⁷⁵ Carta CDA-CP-0328, 21/06/1942. In *Açervo da Fundação Casa de Rui Barbosa*. Arquivos Pessoais de Escritores Brasileiros – APEB. Fundo/Coleção: Otto Maria Carpeaux.

⁷⁶ À guisa de *post scriptum*, Carpeaux escreveu: “Desculpe a letra, os defeitos, a rapidez desta carta. É uma rapidíssima confissão pessoal, sem formas exteriores. Teria vergonha se qualquer outro do que você (exceção só os amigos Bandeira e Schmidt, que sentem tudo) a visse[...].” *Idem*. Quando da morte de Carpeaux, trinta e seis anos depois de a ter recebido, Drummond pediu desculpas antecipadas à Helena Carpeaux pela indiscrição e publicou a íntegra daquela carta que, segundo as suas palavras, manifestava o lado humano de quem “aparentemente vivia só pela e para a inteligência crítica”. Cf.: ANDRADE, Carlos Drummond. “Lembrança de Viena” In *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 14/02/1978, p. 10 [Caderno B].

e, do outro lado do Danúbio, a casa onde nasci, o canto onde escondi os brinquedos, o quarto duma adolescência atormentada; e a estátua da deusa nua no recinto da Universidade, as mesas boêmias no sombrio Café dos Literatos e o querido museu, com os quadros dos camponeses flamengos e das infantas espanholas, últimas lembranças da grande pátria austríaca, que morreu, neste momento, comigo; a minúscula capela imperial, no grande paço, onde aos domingos o último capelão imperial disse a missa, as luzes acesas e os órgãos retumbantes; sempre assisti lá, cada domingo, exceto este último domingo, quando lá a última missa foi rezada. Agora, sabia apagadas as luzes, calados os órgãos, e eu pensei nos últimos limites da cidade, que vi pela última vez, nas grandes estepes argilosas, onde fica o imenso cemitério, onde dormem os meus mortos. Já era passada, desde muito, aquela ponte, e o ritmo do trem noturno transformou-se num trem de sombras, trem macabro dos mortos, e trem lúgubre dos vivos que deixei para sempre, transformados eles também em sombras inacessíveis; e ao fim desse sinistro cortejo trotava, a cabeça abaixada como sempre, um pequenino preto cão. E eu sabia perdida a minha vida.⁷⁷

Em 1977, dez anos depois das primeiras exposições de *O velho e o novo* e quase quarenta anos depois de ter deixado Viena, Carpeaux voltava pela segunda vez à sua cidade natal. Visitando outras cidades da Europa central como uma espécie de correspondente de viagens da *Revista Manchete* – um dos poucos espaços de que então dispunha na mídia impressa brasileira⁷⁸ –, Carpeaux publicou quatro artigos sob o título “Diário de uma viagem”, retratando Leningrado, Lisboa, Viena e Praga, respectivamente. No concernente a Viena⁷⁹, fez questão de deixar registrado que inicialmente a cidade não seria visitada. “Conexões imprevistas” teriam sido as responsáveis por levá-lo a Viena, uma vez que ela estava a apenas sete horas de trem de Munique, onde teria acesso às linhas ocidentais cobertas

⁷⁷ *Ibidem*.

⁷⁸ Cf.: as imagens *Imagens finais, em vida, de Carpeaux* In Capítulo 2 e *Companheiro de trincheira desde 1964* In Capítulo 3 de *Imagens possíveis*.

⁷⁹ CARPEAUX, Otto Maria. “Viena, 40 anos depois”. In *Revista Manchete*. *Op. cit.*

por sua passagem aérea. Carpeaux reconheceu que, mesmo não negando “certa palpitação”, gostaria de saber o que havia mudado naqueles quarenta anos “cheios de tempestade”. E, a despeito das reminiscências, que não eram as melhores, também havia a curiosidade em saber como seria “a acolhida do filho pródigo” – que já não tinha parentes e tampouco amigos – “na velha Westbahnhof”, a “saída de Viena para o mundo afora”.

Como resultado desta visita, Carpeaux publicou um balanço de Viena e da Áustria à luz do seu próprio presente. É um olhar nostálgico, mas não totalmente. Se em certos momentos procurou, “em vão” os vestígios de um passado melhor – notadamente associado ao esplendor da música de Mahler, à literatura de Hofmannsthal, Rilke, Musil, Kafka, à medicina de referência mundial do Hospital Central de Clínicas; ou mesmo a toda a fauna de intelectuais e artistas reunida no Café Central ou, àquela altura, no Cemitério Central –, na maior parte de suas observações procurou apresentar outras imagens da velha cidade, imagens em que a miséria, a mediocridade e a ortodoxia científica e política ganharam destaques.

Não reconheci a construção ultramoderna, só de vidro e cimento. A velha estação foi destruída em 1945, quando os russos conquistaram a cidade ocupada pelos nazistas. Tudo está novo. É domingo. As ruas que levam para o centro da cidade estão vazias. [...] No centro, a vida noturna é muito animada, em cada casa uma boate e muitos convites anônimos, caras bonitinhas. Mas nada, absolutamente nada lembra o passado.

Segunda-feira, as lojas abertas, trânsito intenso, ninguém tem tempo para ocupar-se com o estrangeiro. [...] Nunca me senti tão solitário como nessa cidade que foi minha cidade. Agora, em plena luz do dia e entre mil caras desconhecidas, surgiram os espectros do passado. [...] Os velhos clichês morreram há muito tempo e começo a duvidar se eram jamais verdadeiros. Nada daquilo é verdade. O Danúbio não é azul, mas sujo-verde, é um rio grande, mas prosaico, que corre entre chaminés e terrenos baldios, longe das igrejas góticas e dos palácios barrocos, testemunhas mudas de um tempo que se foi.

A quem pretende conhecer a cidade, aconselharia a evitar a famosa Ringstrasse, os *boulevards* cheios de

construções suntuosas e profundamente falsas da burguesia de 1870 e 1880 [...] Só um pouco fora dessas ruas levanta-se o fabuloso palácio de Belvedere, com sua fachada barroca, seu lago, seu jardim em estilo Versailles. É uma beleza, mas uma beleza que não inspira nostalgias.

O pecado desse país, desse conglomerado de muitos povos e muitas culturas, foi o de germanizar-se. Só os intelectuais sabiam do perigo, mas não os quis ouvir o velho Imperador Francisco José, que não era propriamente um intelectual. [...] Este país não podia nem devia fazer a guerra, mas fez a guerra por causa do eco de um tiro em Sarajevo.

O velho clichê da Viena que dança está esquecido. Nunca foi verdade. Esse povo não vive de operetas, mas de trabalho. [...] Viena já foi, no tempo da minha adolescência, uma cidade do trabalho: fábricas de locomotivas e motores, verdadeiras caravanas de teares, refinarias de petróleo invadiram os bosques em que ninfas e faunos dançaram os minuets de Mozart e as valsas de Schubert. E havia então, e muitos anos depois, a miséria infinita da revolução industrial nos subúrbios. [...] Isto também se foi. Só é lembrado naquele subúrbio do outro lado do Danúbio, lá onde já começa a melancolia da estepe eslava. Hoje, não há mais miséria dessas em Viena. Também é um espectro do passado.

Havia tantos personagens pitorescos nesse Café Central, centro da vida intelectual de Viena e ponto de reunião de tantas existências fracassadas. [...] Em torno deles, tantos jogadores de xadrez, e num canto escuro o refugiado político que até a polícia deixou em paz porque, conforme disse no Parlamento o próprio primeiro-ministro do Imperador Francisco José: 'Mas, meus senhores, não há perigo nenhum de revoluções além das nossas fronteiras, ou os senhores talvez acreditem que uma revolução contra o Czar será organizada pelo Sr. Trotski, no Café Central?' (risos).

A poucos passos daqui entro na Universidade onde estudei, com seu pátio tranquilo e sereno onde admirei, quando primeiranista, os bustos dos

grandes professores. [...] O mais famoso de todos eles não tem busto embaixo das arcadas desse pátio. Para encontrar vestígios de sua passagem pela vida vienesa, é preciso atravessar a grande praça da Universidade e entrar numa rua que desce, íngreme, para um canal afluente do Danúbio. Essa rua se chama Berggasse. No portão do número 81 ainda existe uma placa de bronze com os dizeres: ‘Consultas entre 3 e 4 horas ou mediante entendimento por escrito. Dr. Sigmund Freud’.

Essa Viena, alegre e boazinha, sabia perseguir os seus heréticos. Essa capital da música não gosta de ser lembrada pelos nomes de Schoenberg [...] e Webern. Ostracizou o pintor Klimt e expulsou Kokoschka para a Inglaterra, mais hospitaleira, onde também o filósofo Wittgenstein encontrou o último refúgio de sua vida aventureira. Não tinha uso para Adolf Loos, o arquiteto que definiu ‘o ornamento como crime’ e foi o precursor do nosso Oscar Niemeyer. Viena é hoje o monumento dos mortos e o cemitério dos vivos.

Sentindo-se tão solitário e estrangeiro quanto os próprios estrangeiros que abundavam nas ruas de Viena, Carpeaux não conseguiu reencontrar o local exato do Café Central, tomando-o como mais um lugar do seu passado que deixou de existir: “No lugar, agora, uma loja de ferramentas. Não há mais cafés assim em Viena. A gente não tem tempo para isso.” Ao fim de seu reencontro com o passado – e o que pôde escrever e publicar deste reencontro –, a referência do café já era outra. E, talvez pela primeira vez em quarenta anos, estar na Westbahnhof e deixar Viena para trás já não parecia um fim definitivo. “É preciso consultar o relógio. [...] Às sete horas preciso estar na Estação da Estrada de Ferro Ocidental, tomar depressa um cafezinho brasileiro, feito em máquina italiana e mais barato que no Rio de Janeiro – e ir embora.”⁸⁰

‘A definição de conservadorismo é o não-movimento’⁸¹

Tem lugar à segunda parte de *O velho e o novo* uma de suas tomadas mais alegóricas: surgem na tela três ou quatro manequins, modelos em

⁸⁰ *Idem.*

⁸¹ A frase pertence ao próprio Carpeaux. Cf.: “Entrevista com Otto Maria Carpeaux” In *JOSÉ. Op. cit.* p. 05.

tamanho infantil, todos vestidos impecavelmente e na posição que lhes é natural. O diálogo desta cena com a dos soldados perfilados da terceira sequência é evidente, tanto o mais pelo *travelling* lento e pela captação sob um ‘ângulo 3/4’ também utilizados. Somente a altura da câmera foi ligeiramente modificada: dado o tamanho dos manequins, são vistos sob um leve *plongée*. Como resultado do *travelling*, o enquadramento inicial vai cedendo à abertura do plano, quando se percebe de fato se tratar de uma vitrine de loja infantil. Mais uma abertura e já podemos ver, do outro lado da vitrine, três ou quatro crianças, possivelmente ‘crianças de rua’, descalças e de roupas puídas que, entre olhares e gestos voltados para o interior da vitrine, alternam a admiração pelos manequins e pela câmera que as captam. Ao fim, o plano novamente se fecha, no mesmo sentido em que havia começado, em direção às ‘crianças’ bem vestidas, limpas e estáticas.

O início da segunda parte de *O velho e o novo*, que passa a ser ‘narrada’ por Carpeaux, também marca a passagem da alegoria ‘para frente das câmeras’; no limite, podemos dizer que ela se torna uma nova personagem e chega mesmo a ser devidamente apresentada aos espectadores. É notório que a linguagem alegórica como solução formal atravessa *O velho e o novo* desde o primeiro plano do filme. Mas, relacionado à estratégia de plasmar aos elementos formais do filme a ‘transição política’ de Carpeaux, não só a natureza de sua ação política, a palavra, como também a alegoria ganhariam destaques neste novo momento do filme.

As três primeiras sequências desta segunda parte foram respectivamente encabeçadas com os letreiros “I – Terra”; “II – Ar; e “III – Mar”. A referência às Forças Armadas é evidente, tanto o mais porque acabamos de ouvir o “1964, março, 31” narrado por Martha. Mas a montagem que perfaz cada uma dessas sequências não guarda relação direta com o Golpe ou com as demonstrações de força dos militares federais e dos seus epígonos – incluindo as polícias dos estados de São Paulo e da Guanabara – nos primeiros dias de abril. Nem mesmo o incêndio criminoso da sede da UNE ou a prisão de ‘comunistas’, ou assim denominados, vinculados a João Goulart são mencionados. Os isolados e contidos atos de resistência ou a *mise-en-scène* parlamentar que declarou “vaga a presidência da República” e abriu caminho para a legitimidade da ‘Revolução’ tampouco aparecem. Em seus lugares, há outras imagens, há o outro.

“A ‘linguagem esópica’ é um recurso da arte de escrever, antiquíssimo, milenar [...] A arte de falar de uma coisa, parecendo falar de

outra”⁸², Carpeaux já tinha escrito na sua coluna de política internacional do *Correio da Manhã*. E um excerto deste texto é o que abre a sua ‘narração’ na segunda parte de *O velho e o novo*. Como já mencionado, o fato de seu texto ser lido por uma outra pessoa, antes de ser um *handicap*, tem o efeito de destacar formalmente a ‘personagem’ alegoria. “A necessidade do uso da linguagem esópica pode acontecer em 434 antes da nossa era ou em 1934 ou em 1964. Não se trata de tornar o discurso incompreensível, mas torná-lo comunicável”, narra Carpeaux através da voz de locutor profissional imposta por Tite de Lemos. Ao ‘discurso incompreensível’, ‘gago’ e extraordinário produzido até aquele momento para explicar o Golpe e a ditadura – cujos protagonistas foram parcela significativa dos militares, dos parlamentares e da sociedade civil organizada –, *O velho e o novo* oferecia um discurso ‘comunicável’, capaz de apontar o ordinário, o que continuou estático mesmo após a ‘Revolução’ que se autodenominou ‘Redentora’.

Têm lugar nesta segunda parte do filme imagens de um outro meio social no qual *O velho e o novo* se ambienta, de onde provém seu coprotagonista e para o qual o filme seria exibido. São imagens captadas num bairro visivelmente afastado do centro político e intelectual do Estado da Guanabara: de um trem cheio, em movimento, atravessando uma avenida também repleta de carros e pedestres, ou de pessoas atravessando a passarela da linha do trem, compenetradas nos seus ir-e-vir cotidianos. Um corte e somos transportados para o Tirol, a Boêmia ou qualquer outra região alpina em que mulheres em trajes folclóricos imaginam estar, captadas de alguma Feira das Nações transladada aos trópicos. Logo depois, a imagem das crianças, as estáticas e as reais, da cena da vitrine.

Desta primeira sequência, não poderiam ser mais evidentes os pares dicotômicos movimento-positividade e estatismo-negatividade – incluindo aquela dos trajes folclóricos, a representar um modo típico de cristalização da cultura. Para além deste aspecto, pode-se depreender a crítica a um regime implantado sob a égide modernizante, mas que na prática não aboliu iniquidades históricas, como a representada pelas crianças de rua.

Ao analisar aquelas imagens, Bernardet não encontrou nelas “nada que seja particularmente expressivo de uma tensão social e da nova situação política, ou até, talvez, [fossem] imagens que mascaram essa tensão.”⁸³ Outro modo de lê-las é pelo deslocamento da tensão social operado pela sequência, um movimento formal para relativizar os efeitos políticos imediatos do Golpe e trazer à tela cenários e pessoas para quem

⁸² Cf.: a imagem *Primeiras batalhas – linguagem esópica* In Capítulo 2 de *Imagens possíveis*.

⁸³ BERNARDET, Jean-Claude. *Op. cit.*, p. 130.

pouco ou nada a implementação da ditadura afetar. No contexto em que *O velho e o novo* foi produzido, a crítica às promessas de uma ‘revolução’ que buscara a legitimidade sequestrando a bandeira das reformas⁸⁴, mas que entregava somente uma demão de verniz a um quadro secular, era patente e encontrava eco em filmes como *Terra em transe*⁸⁵, de Glauber Rocha, em livros como *Assim marcha a família*⁸⁶, publicado pela editora *Civilização Brasileira*; ou mesmo na própria produção intelectual de Otto Maria Carpeaux, como será visto adiante.

Também nessa sequência, ouve-se, pela voz de Tite de Lemos, outro trecho de autoria de Carpeaux: “Marx adverte que se pode fazer quase tudo com baionetas, menos sentar em cima”. Ela é dita antes da imagem da vitrine, o que gera um efeito de colagem da crítica social às Forças Armadas. “Não há um só documento de cultura [...]” Mas a escolha da câmera pelos manequins ao fim deste plano, que também é o fim da primeira sequência, embaralha essa análise. Por que a escolha à inércia, ao estático?

A segunda sequência, intitulada pelo letrado “II – AR (com Martha)”, inicia-se com outro texto de Carpeaux: “[...] Brasil é kafkiano; muitos países o são”, enquanto vê-se, já bem perto de uma pista de decolagem, a personagem Martha. Cercada de algumas outras pessoas, mas efetivamente sozinha, ela observa a pista e um avião que taxia em sentido de decolagem. Há um corte brusco para uma nova imagem de vitrine, desta vez pelo lado de fora dela; no lugar de manequins infantis, há uma coleção de relógios. Como é tudo muito rápido, só há tempo para a câmera focalizar um prospecto de uma daquelas marcas, que diz: “Vale a pena comprar o seu relógio no Brasil”. Novo corte e retorna-se à pista de decolagem. Há uma certa tensão neste último plano, gerada pela não concretização esperada, que seria a decolagem do avião. Martha, porém, não demonstra este sentimento. Sua expressão, captada de perfil, a câmera

⁸⁴ Cf.: “O complexo Ipes/Ibad no Estado – a ocupação dos postos estratégicos pela elite orgânica” In DREIFUSS, René Armand. 1964: *A conquista do Estado*. Op. cit., pp. 417-89.

⁸⁵ Como foi representada na sequência alegórica da coroação de Diaz, a “imagem anacrônica de uma classe dominante” a misturar o arcaico e o moderno, como já demonstrou Ismail Xavier. Cf.: XAVIER, Ismail. *Op. cit.*, pp. 66-7.

⁸⁶ LOUZEIRO, José (Org.). *Assim marcha a família*. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1965. Um livro de reportagens, a obra traz textos como “O menor no mundo do crime”; “O drama por um teto”; “A flagelação dos ex-combatentes”; “A indústria da morte”; “Os que vivem no lenocínio”; “As ruas do amor livre”; dentre outros. Não raro, tais reportagens operam num diapasão moralizante, mas funcionam como contraponto ao discurso ‘democrático’ e ‘modernizante’ dos vencedores de então.

às suas costas, é de tranquilidade, como se estivesse protagonizando uma cena ordinária. São poucos segundos, mas o suficiente para gerar certa apreensão. Finalmente há a decolagem, o que traz alívio ao espectador. Martha a observa impassível. Como derradeira imagem desta sequência, vemos o letreiro de um hotel que se encontra ao lado do aeroporto Santos Dumont, no Rio de Janeiro – “Novo Mundo” é o que aparece na tela.

Uma das sequências mais codificadas de *O velho e o Novo, II – Ar (com Martha)* é a prova de que o texto sobre características kafkianas do Brasil e de outros países não poderia ganhar lugar mais apropriado na montagem. Alguns símbolos são evidentes, como a relação do avião com os exilados políticos de então, mas em nenhum momento a montagem os entrega facilmente. Ao contrário, a tranquilidade da personagem envolve a cena em um espectro quase banal, e a apreensão para que aquela cena não termine com viaturas policiais invadindo a pista, impedindo a decolagem do avião e prendendo algum eminente ex-deputado ou algum líder sindical em rota de fuga, é do espectador – que, com sorte, àquela altura (1966-7) já tinha visto *Casablanca* e outros filmes hollywoodianos de enredo e cenários parecidos.

Para o letreiro do hotel Novo Mundo, Jean-Claude Bernardet tem uma hipótese interessante, que daria sentido a toda sequência: “[...] Como entender isto? Talvez da forma seguinte: Carpeaux veio para o novo mundo (outro sentido da palavra ‘novo’ do título), fugindo do fascismo; agora, outros fogem do fascismo do novo mundo.”⁸⁷ Mas, em relação à vitrine, “vale a pena comprar o seu relógio no Brasil”?

III – No Mar inicia-se com novas imagens prosaicas. Uma lagoa com cisnes; uma praia no Rio de Janeiro; um banhista de meia-idade, calção de banho preto e cachimbo à boca, observando a imensa orla à sua frente. Imagens de garotos e garotas em trajes sumários, amontoados na areia sob a sombra de imensos guarda-sóis, num dia típico do verão carioca.

O texto narrado que acompanha aquelas imagens as recobre de fina ironia. Trata-se de um excerto de “Crepúsculo e aurora”⁸⁸, em que Carpeaux diagnostica como melancólico o “crepúsculo dos almirantes”, das Marinhas de Guerra de uma forma geral e de seus enormes complexos de armas, ameaçados que estavam de se transformar em “vasto depósito de ferro-velho”. “O fato é a técnica. Mas dessa técnica e dos seus progressos sempre se costuma salientar, unilateralmente, os aspectos negativos: os perigos da destruição total do gênero humano e semelhantes visões

⁸⁷ BERNARDET, Jean-Claude. *Op. cit.*, p. 131.

⁸⁸ CARPEAUX, Otto Maria. “Crepúsculo e aurora” In *Jornal Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 09/08/1964, p. 04. Este texto foi posteriormente coligido em *O Brasil no espelho do Mundo* (1965).

apocalípticas. Esquece-se o lado positivo.” Esse lado, segundo Carpeaux, não era uma visão de futuro em que os generais seriam substituídos por “cérebros eletrônicos”, mas aquilo que um “cronista espiritualoso” já havia proposto anteriormente: a substituição de soldados nos campos de batalha por soldados de chumbo. “E levantar-se-á, então, a aurora do dia em que os Ministérios da Guerra e os Estados-Maiores serão dirigidos pelos fabricantes de brinquedos.”

Por fim, surge na tela um emblema do passado que podemos associar à utópica visão de futuro aludido pelo texto narrado: *Libertas qua sera tamen*. Inicialmente captada em plano fechado, à medida que a câmera abre, a divisão dos conjurados mineiros vai aos poucos revelando o seu suporte: a camiseta molhada de uma jovem banhista. Qual seria o sentido desta frase aparentemente deslocada? Para aquele que assiste ao filme pela primeira vez, não há muito espaço para conjecturas – afinal, *O velho e o novo* possui pouco mais de 30 minutos. O corte é brusco e aquela terceira sequência, *III – Mar*, termina no apartamento de Otto Maria Carpeaux. Novamente sozinho, Carpeaux é ‘flagrado’ levando um disco de vinil ao aparelho de som. A música clássica invade a sala e ele a ouve em pé, no parapeito da janela, olhando para fora. Tomados em *close*, seus dedos se agitam compassados às notas de Beethoven. Outra cena ordinária, como a dos jovens veranistas, do avião que decola, do trem que chega ao subúrbio. Quase desaparecem o Golpe, o regime ditatorial em que se vive, o encontro sugerido desde o título do filme entre Carpeaux e Martha. Do seu passado europeu, de Viena, somente as venturosas notas musicais parecem estar presentes. Diante da música que embala e dos dedos que dançam, apenas uma frase é o suficiente para realocar a narrativa do filme: “1965; novembro”.

“1965; novembro”, Martha narra em *off*. É o marco que transformaria nove intelectuais e artistas que protestavam em frente ao Hotel Glória, no ‘octeto do Glória’ ou os ‘oito do Glória’. Aproveitando-se de uma Conferência Interamericana Extraordinária da OEA, no Rio de Janeiro e, sobretudo, do fato de existir uma cláusula no estatuto daquela organização que proibia tais conferências em países não democráticos, um grupo composto por Carlos Heitor Cony, Antonio Callado, Márcio Moreira Alves, Glauber Rocha, Joaquim Pedro de Andrade, Mário Carneiro, Thiago de Melo, Jayme de Azevedo Rodrigues e Flávio Rangel entoaram vaías e estenderam faixas defronte ao hotel, associando o Governo Castelo Branco a um governo ditatorial. Tendo sido agendada antes do Golpe de 1964, a manutenção daquela conferência havia demandado um *tour de force* da diplomacia do novo regime, justamente por conferir legitimidade democrática a ele.

Foram todos presos, e a prisão dos ‘oito do Glória’ gerou uma grande repercussão contrária ao regime militar. Um manifesto pela libertação daqueles intelectuais e artistas alcançou apoio internacional, e foi assinado por nomes como Jean-Luc Godard, Luis Buñuel e Pier Paolo Pasolini. Como resultado de toda essa pressão, a rápida soltura dos presos demonstraria o peso do ‘frentismo cultural’ no combate à ditadura.⁸⁹ Mas aquela prisão também guardaria um gérmen de um dos desdobramentos do ‘frentismo’: a luta armada. Dois livros e um filme, cujos protagonistas eram intelectuais que se lançavam ao combate revolucionário pelas armas, nasceram ou foram amadurecidos naquelas celas do quartel do I Exército, para onde os ‘oito do Glória’ foram levados.⁹⁰

Em *O velho e o Novo*, o destaque aos ‘oito do Glória’ é significativo. O texto lido por Martha sobre aquele episódio é didático, distante do estilo ‘esópico’ que ouvíamos até então. Após a contextualização, a notícia da prisão, a repercussão internacional – ‘Le cinema novo en prison’ é o que diz um recorte de jornal que aparece no filme – são apresentados os oito presos políticos. Eles aparecem, um por um, com o devido destaque – nome, profissão, produção artística ou literária –, em imagens estáticas ou filmadas. Glauber Rocha é o primeiro, e a imagem que se vê é a do cineasta dirigindo uma cena de *Terra em transe*.

Segundo Jean-Claude Bernardet, “este dado nos fornece uma referência cronológica para *O velho e o novo*, mas também uma referência ideológica.”⁹¹ Como desenvolvimento de sua análise, Jean-Claude Bernardet associa *O velho e o novo* e a referência de intelectual que ele

⁸⁹ Cf.: a imagem *Correio da Manhã, Carpeaux e o Golpe de 1964* In Capítulo 2 de *Imagens possíveis*.

⁹⁰ Ficaram presos na mesma cela, Glauber Rocha – que lá escreveu parte das cenas de *Terra em Transe* “em papel de embrulho”; Antonio Callado – que já havia escrito “cerca de 90% de *Quarup*; e Carlos Heitor Cony – que começou a escrever *Pessach: A transessia* naquela ocasião. Cf.: AUGUSTO, Sérgio. “Do Glória à glória” In jornal *O Estado de S.Paulo*, São Paulo, 05/04/2014, p. 02 [2º caderno]; BARROS E SILVA, Fernando de. “Na prisão com Glauber e Callado” Disponível em <<http://biblioteca.folha.com.br/1/30/1996072802.html>> acesso 26 mai. 2015.

⁹¹ “Após o golpe de 1964, um setor do cinema brasileiro dedica-se a um intenso trabalho crítico e autorreflexivo em torno do intelectual. *Terra em transe* é o filme mais agudo dessa crise. Para o personagem principal do filme, Paulo Martins, ‘a política e a poesia são demais para um só homem’. Entre a política reacionária do senador e o populismo do governador, entre a poesia e a política, a ação legal e a guerrilha, a ternura e a violência, Paulo naufraga. *Terra em transe* é o filme agônico de uma intelectualidade que vê todo seu sistema de valores e princípios de ação desmoronarem.” BERNARDET, Jean-Claude. *Op. cit.*, pp. 133-4.

apresenta como representantes da mesma impotência e agonia experimentadas por Paulo Martins: “Ao falar da luta indiscutivelmente corajosa de um desses intelectuais [Carpeaux], é esse doloroso sentimento que o filme acaba provocando com todos os mecanismos de distanciamento e retraimento que analisei.”⁹² Talvez pelas opções concernentes à montagem do filme, como a omissão do passado político de Carpeaux e a caracterização de sua bagagem europeia somente pelo aspecto cultural, a leitura empreendida por Bernardet encontra terreno factível. Mas justamente por não abrir mão da poesia nem da política, *O velho e o novo* permite outras leituras. Senão, vejamos.

Na transição para a tomada seguinte, ouvimos um outro texto, agora característico dos de Carpeaux. “[...] E sobre isto não direi nada, nada, nada!” Nesta tomada, a câmera adentra ao hotel em que Castello Branco presidiu a cerimônia de abertura da conferência e chancelou, ao menos junto à organização sob influência dos Estados Unidos, como democrático o regime que comandava. Piscinas, restaurante, sala de eventos e a fachada do luxuoso Hotel Glória surgem à tela. “Documento de cultura [...] barbárie”.

A presença física de Lygia Sigaud e sua personagem Martha reaparece logo em seguida. É a quinta sequência da fase final de *O velho e o novo*, e a essa altura já se cogita se o seu encontro com Otto Maria Carpeaux se resumirá à mediação que vem fazendo entre este, o narrador e os espectadores do filme. Seria o suficiente? O questionamento é do espectador, não da personagem.

Esta sequência possui três movimentos. No primeiro, Martha é filmada numa redação de jornal, datilografando, compenetrada, uma máquina de escrever. Nos dois últimos, ela se encontra com dois outros intelectuais muito próximos a Carpeaux, Carlos Drummond de Andrade e Alceu Amoroso Lima. Nestes dois encontros, ela conduz entrevistas e colhe depoimentos sobre Carpeaux. Além de Martha e Drummond, também são filmados os operadores de câmera e o de som – que, na diegese de *O velho e o novo*, ali estão como os técnicos do filme em que Lygia havia feito e o teste em que fora escolhida. Quando está com Alceu Amoroso Lima, apenas o operador de som é filmado. Nesta ocasião, Martha possui apenas um gravador, com o qual conduz a sua entrevista.

Possivelmente filmado nas dependências do Centro Dom Vital, o conteúdo da tomada com Amoroso Lima se deu em torno do jornalismo político de Carpeaux. Captado em pé, quase caminhando em círculos pelo escritório e falando na direção do microfone que detém às mãos, Amoroso

⁹² *Idem*.

Lima analisa: “Como naturalizado, ele traz para a política brasileira uma noção de universalidade que é extremamente necessária para que nós saíamos dessa política provinciana. [...] A política local e nacional de um país está na base de princípios universais.”⁹³ Mesmo se não fosse de conhecimento generalizado que Alceu Amoroso Lima havia sido o primeiro contato estabelecido pelo austríaco recém-chegado no Brasil⁹⁴, quase trinta anos antes, a presença de um então ativo intelectual de oposição ao regime militar gerava um efeito abonador à personagem de Otto Maria Carpeaux.

Já Drummond foi filmado em ambiente doméstico, em seu apartamento, sentado à mesa de jantar improvisada como mesa de trabalho. Com o timbre de voz suave que lhe era característico, Drummond disserta sobre a chegada de Carpeaux ao Brasil – “sua presença e método europeu causaram surpresa e irritação. [...] Trouxe aqueles estudos com naturalidade”; sobre a contribuição intelectual e política de Carpeaux para o país; e sobre o contato que mantinham, eminentemente epistolar. Segundo Drummond, ele e Carpeaux só haviam se encontrado duas vezes desde os anos 1940.



⁹³ Essa fala do filme foi transcrita a partir de BERNARDET, Jean-Claude. *Op. cit.*, p. 134. É também a partir desse depoimento que Bernardet classifica intelectualidades como Carpeaux, “sem dúvida combativa, mas voltada para princípios ‘universais’ e liberais” como “singularmente ineficientes na situação ditatorial.”

⁹⁴ Cf.: a imagem *Outras imagens – Je ne laisse pas périr!* In Capítulo 1 de *Imagens possíveis*.



Ao fundo, Drummond e neto. Em primeiro plano, Lygia Sigaud. *O velho e o novo*. Acervo: Banco de Conteúdos Culturais. Cinemateca Brasileira. Na página anterior, Drummond, netos e Maurício Gomes Leite no intervalo das filmagens. Acervo: Banco de Conteúdos Culturais. Cinemateca Brasileira

Em outro momento fortemente alegórico de *O velho e o Novo*, ao falar da importância do silêncio como fator mantenedor de uma amizade, a imagem de Drummond é substituída por uma série de imagens de Carpeaux em Ouro Preto – primeiro andando sozinho entre as ruas da cidade mineira, visitando o cemitério da Igreja Nossa Senhora do Carmo, depois defronte à Igreja de São Francisco. “Já combinamos que da próxima vez que nos encontrarmos, guardaremos o silêncio”, ouvimos Drummond dizer em *off*, enquanto as imagens de uma Ouro Preto surpreendentemente vazia perfazem o cenário para as caminhadas solitárias de Carpeaux.

Por que Ouro Preto? Além da referência ao interlocutor mineiro, há a conexão da cidade ao lema dos conjurados mineiros, filmada na camiseta da jovem banhista. Possivelmente, o elemento político e ainda vivo daquela cidade histórica explica o seu aparecimento naquele momento do filme. Tanto mais pelo depoimento de Alceu Amoroso Lima sobre o jornalismo

político de Carpeaux⁹⁵ e pela nova intercessão em *off* de Martha, introduzindo a próxima seqüência: “1966; setembro”. É o novo quem chega.

Atravessando todo o filme, a oposição entre imagens em movimentos e imagens estáticas se acentua nesta sexta e última seqüência. Estudantes em protesto novamente invadem a tela, agora andando em meio aos carros – praticamente parados no trânsito pesado de fim de tarde –, segurando faixas e entoando gritos que parecem ser de protesto. Ou estariam cantando? Não há captação direta do som, e o que se ouve é um trecho da música *Roda*, de Gilberto Gil – “[...] Quero ver quem vai sair, quero ver quem vai ficar” – que gera um franco contraste com as músicas clássicas que ouvíamos ao longo do filme. O uso intercalado de uma ou outra fotografia destes mesmos jovens potencializa suas próprias imagens em movimento. E o contraste é maior pela tomada subsequente, montada apenas com imagens estáticas de pessoas mais velhas e visivelmente desoladas. Cabisbaixas, mãos na cabeça, seus sofrimentos são acompanhado por um poema de Drummond, “[...] Nesta hora de desolação, só nos conforta saber que os inimigos também são criaturas mortais [...] esta noite não é a última noite [...] e haverá uma aurora”.

O que aquela data representa na estrutura narrativa de *O velho e o novo*, capaz de gerar protestos e sentimento de derrota? Quem eram e o que fizeram os inimigos? Fosse outubro de 1966, poderíamos supor uma referência à eleição indireta de Costa e Silva para a presidência da República. Fosse agosto de 1966, a referência poderia ser a morte do sargento Manuel Raimundo Soares, líder do Movimento Nacionalista Revolucionário e um dos primeiros casos de preso político torturado e morto pelo regime sobre o qual se teve notícia na época.⁹⁶ Fosse julho, suporíamos tratar-se da eliminação da seleção brasileira na Copa do Mundo de futebol.⁹⁷ Então por que setembro de 1966?

⁹⁵ Na montagem de *O velho e o novo*, o segundo movimento da quinta seqüência é a entrevista de Martha com Drummond e o movimento de transição para a sexta seqüência é a entrevista com Amoroso Lima.

⁹⁶ Não se tratou de uma notícia generalizada, mas circunscrita aos movimentos de esquerda, sobretudo ao grupo que posteriormente faria subsistir a Guerrilha do Caparaó. Cf.: a imagem *Outras frentes, outros interlocutores* In Capítulo 2 de *Imagens possíveis*.

⁹⁷ Para a produção do filme, essa referência não é gratuita. Segundo Sérgio Augusto, um dos produtores, imagens de pessoas desoladas e visivelmente tristes foram captadas justamente no dia em que a Seleção brasileira de futebol perdeu para a seleção portuguesa e foi eliminada da Copa do Mundo da Inglaterra, em 19 de julho de 1966. “Por coincidência, quando de nossa fatídica cruzada à Inglaterra, em 1966, filmávamos, Maurício Gomes Leite, José Carlos Avellar, Geraldo

A resposta pode estar na tomada seguinte, a última daquela sexta e derradeira seqüência. Enquanto ouvimos Martha narrar “[...] forma-se o cerco contra Carpeaux. O que a polícia não fez, o silêncio começa a fazer. Após 16 anos de atividade diária no jornal, sua voz é abafada”, surge uma série de imagens estáticas de Carpeaux no edifício do *Correio da Manhã*. É a primeira vez em que ele é retratado ali, no seu “lugar de lutas”, andando pelos corredores, pelo *Petit Trianon*, pelo restaurante do jornal. A solução formal aplicada nesta tomada é *sui generis*: como é formada por fotografias sequenciadas, há um certo efeito de movimento na cena. É uma tomada inversamente proporcional àquela dos soldados replicados da primeira parte do filme, que, mesmo filmada, denotava imobilismo, dada a postura de obediência deles.

Uma leitura possível é que, diferente dos soldados, Carpeaux optaria pelo movimento. Sua última coluna assinada na página de política internacional do *Correio da Manhã* foi em janeiro de 1966. Levou o título de *Governo e oposição*, em referência a uma revista de ciência política publicada na Inglaterra. “[...] No n° 1° de **Government and opposition**, o professor Robert A. Dale, da Universidade de Yale, estuda esse problema, concluindo que: país sem possibilidade de a oposição assumir o governo não é democracia – só hipócritas chamariam assim – mas ditadura.”⁹⁸

Premido por censura política e econômica, seria a vez do *Correio da Manhã* ‘optar’ pela inércia. A forma encontrada foi ‘abafando’ ou expurgando vozes entendidas como dissonantes ao regime militar.⁹⁹ Uma dessas vozes, Carpeaux foi proibido pela direção do jornal de voltar a assinar colunas políticas. Meses depois – setembro de 1966 – Carpeaux deixaria o jornal, escolhendo o novo.

Mayrink e eu, um documentário sobre Carpeaux. No dia em que a Seleção brasileira jogou sua derradeira cartada, contra Portugal, corremos ao centro da cidade para registrar o ‘mood’ dos torcedores, agrupados em torno dos alto-falantes instalados na Cinelândia, a televisão pública da época. Esperávamos a vitória. A derrota, porém, nos serviu como as uvas à raposa. Contemplando a massa em lerdada e deprimida debandada, alguém da equipe ponderou: ‘Assim ao menos vai combinar melhor com o espírito do filme’. Todos concordaram. Para Carpeaux, a derrota combinava melhor com o Brasil de 1966, derrotado, dois anos antes, por um golpe militar que ele amaldiçoou até o fim da vida.” Cf.: AUGUSTO, Sérgio. “Os intelectuais e a discussão sobre o papel do futebol” In *Jornal Folha de S.Paulo*, São Paulo, 10/06/1982, p. 03 [Ilustrada].

⁹⁸ CARPEAUX, Otto Maria. “Governo e oposição” In *Jornal Correio da Manhã*, 01 e 02/01/1966, p. 04.

⁹⁹ Cf.: a imagem *Entre O Sol, IPM e grupos de guerrilha* In Capítulo 2 de *Imagens possíveis*.

O novo ou ‘No meio do caminho, tinha Ouro Preto’

No epílogo de *O velho e o novo* finalmente há o encontro entre Carpeaux e a personagem Martha. Numa captação externa, envolvidos entre um edifício varandado e um passeio público, Carpeaux e Martha parecem travar um diálogo ameno, como amena é a música inicialmente introduzida em *fade in* e acentuada ao longo da cena. Seja pela música, seja pela abertura acentuada do plano, não se ouve aquele diálogo. Captados inicialmente em plano americano – primeiro parados, depois andando em direção à tela – suas figuras quase submergem ao panorama urbano graças ao recuo abrupto da câmera, que termina em plano geral e com a fotografia estourada pela forte incidência da luz solar. Igual movimento é feito pelo letreiro ‘O Novo’ que, também em *zoom* invertido, parte pequeno do meio das figuras também diminutas de Carpeaux e Martha para ocupar a tela toda e, assim, fechar o filme.

Na análise de Jean-Claude Bernardet, embora este encontro represente um “ponto de chegada positivo” para o filme, ele também é melancólico. “A conversa que não se ouve, o silêncio até a entrada da música suave, a fotografia estourada que cobre as imagens de um branco leitoso” são, segundo o crítico, os elementos finais que ratificam a construção da personagem Carpeaux pelo filme como a de um intelectual agônico; portador de uma “ação corajosa [enfrentar verbalmente a ditadura militar] mas ineficiente, talvez inadequada.”¹⁰⁰ Insisto numa leitura diferente. Desde a escolha do plano geral, passando pelo diálogo entre os dois protagonistas, chegando ao ‘Novo’ que salta, hiperdimensionado, à tela, podemos ler essa tomada final como alegoria de uma obra aberta – quer seja do filme, quer seja dos destinos daquelas personagens. Mesmo o silêncio, de fato imposto sobre Carpeaux e que seria paulatinamente generalizado aos intelectuais e artistas pelo arbítrio da censura, pode ser contrastado se tomado pela ótica da reação, do movimento que urge necessário para rompê-lo, para romper a censura.

Já vimos que graças à reelaboração biográfica produzida por *O velho e o Novo* – a parcial exclusão do passado político europeu de Carpeaux e das

¹⁰⁰ “Há uma tensão entre este final, a quase total ausência de vozes *in*, a total ausência da voz de Carpeaux, a maneira como foi apresentado (no seu gabinete, Ouro Preto: retraimento; e na redação do jornal, lugar da luta, mas em fotografias *fixas*, já imobilizado), elementos estes que nos distanciam dele e o distanciam do palco dos acontecimentos com o qual se relaciona pelo verbo, e, por outro lado, a agressividade audaciosa de seus textos. É como se essa coragem e os riscos assumidos chegassem a um magro resultado.” BERNARDET, Jean-Claude. *Op. cit.*, pp. 134-5.

diatribes em que se viu envolvido nos primeiros anos no Brasil – aquela personagem tem a sua vida dividida pelo Golpe de 1964, que a obriga a abandonar sua vida de homem “imerso em livros e na cultura europeia” para se posicionar contrário ao novo regime instaurado em 1º de março daquele ano. A perda de seu emprego, ‘de sua voz’ no *Correio da Manhã*, foi uma consequência direta de seu posicionamento político. O encontro com a jovem universitária na última cena e, antes, a positividade do ‘movimento’ a atravessar o filme indicam que o caminho é mesmo o novo. Ou seja, na narrativa interna do filme, trata-se de um epílogo positivo; propositivo.¹⁰¹ Movimentando-se como se desse continuidade aqueles passos finais de *O velho e o novo*, Carpeaux ocuparia outras frentes na mídia impressa – incluindo a imprensa ligada a grupos guerrilheiros; estabeleceria uma grande proximidade com o movimento estudantil, sendo figura presente em cerimônias de formatura e em assembleias estudantis Brasil afora; sofreria um Inquérito Policial Militar e uma Ação Penal decorrentes da publicação de um artigo; e, segundo indícios, teria participado dos preparativos do primeiro movimento guerrilheiro daquele período, a Guerrilha do Caparaó.¹⁰²

Fora de uma estrutura narrativa fílmica, uma distinção rígida entre ação intelectual e ação política é pouco produtora, tanto mais quando o objeto desta distinção provém de uma formação intelectual perpassada pela política, como a de Carpeaux. A principal diferença talvez resida na característica fugidia da ação política, de poucos vestígios. Em alguns momentos, a ação política empreendida por Carpeaux preponderou sobre a sua ação intelectual mais elementar, que foi o ensaísmo e a crítica literária. Foi um processo paulatino, um movimento de reação ao silêncio que lhe fora imposto no *Correio da Manhã*. Em 1968, esse movimento foi registrado assim por Carpeaux: “[...] Mas já não me incluo nesse círculo [de amigos da literatura]. Considero encerrado o ciclo. Minha cabeça e meu coração estão em outra parte. O que me resta, de capacidade de trabalho, pertence ao Brasil e à luta pela libertação do povo brasileiro.”¹⁰³

Ainda em 1968, já respondendo o IPM nº 34/67 pelo artigo *FMI – Fome Miséria Internacional*, Carpeaux foi um dos poucos não-estudantes a discursar nas escadarias da Assembleia Legislativa do Rio de Janeiro, quando do velório de Edson Luís – o secundarista assinado por um

¹⁰¹ O contraste com o final agonizante de Paulo Martins, em *Terra e transe*, não poderia ser mais explícito. Cf.: XAVIER, Ismail. *Op. cit.*, pp. 72-5

¹⁰² Cf.: as imagens *Outras frentes, outros interlocutores; Entre O Sol, IPM e grupos de guerrilha; Imagens finais, em vida, de Carpeaux* In Capítulo 2 de *Imagens possíveis*.

¹⁰³ Cf.: a imagem *Outras frentes, outros interlocutores* In Capítulo 2 de *Imagens possíveis*.

comandante de tropas da Polícia Militar, no restaurante universitário *Calabouço*. Sentou-se com os estudantes na missa em memória dele, na Igreja da Candelária. Esteve presente naquela que foi uma das primeiras manifestações de massa contra a ditadura, a ‘Passeata dos Cem Mil’, gerada pela morte de Edson Luís.¹⁰⁴

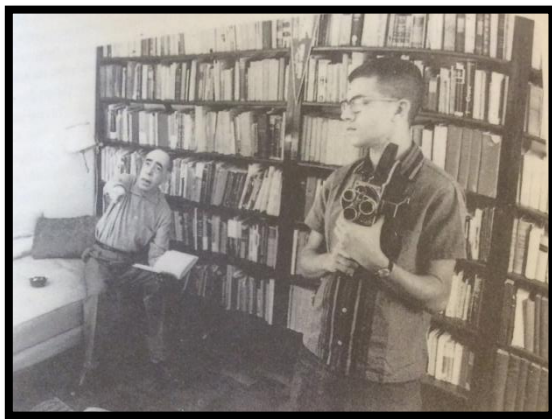
Não fosse pelo depoimento de Vladimir Palmeira colhido por Zuenir Ventura e registrado em *1968: o ano que não terminou*, talvez não houvesse acesso a essas ações. Se ainda hoje decida-se por procurar Carpeaux somente nos espaços em que havia atuado desde que chegara ao Brasil, talvez o seu ‘silêncio’ forçado seja considerado como “derrisão”¹⁰⁵, perdendo imagens como esta:

Vladimir Palmeira não se esquece do trabalho que deu aquele companheiro de 68 anos, insistindo em passar com o enterro pelo Palácio da Guanabara: ‘Ele queria exibir o corpo para o governador’.

– Imagina a situação – relembra Vladimir –, eu, o ‘radical’, tendo que dizer para o velho: ‘Não dá pé, Carpeaux, é provocação’.

Para convencer o renitente militante, o presidente da UME [União Metropolitana de Estudantes] teve que usar um argumento técnico:

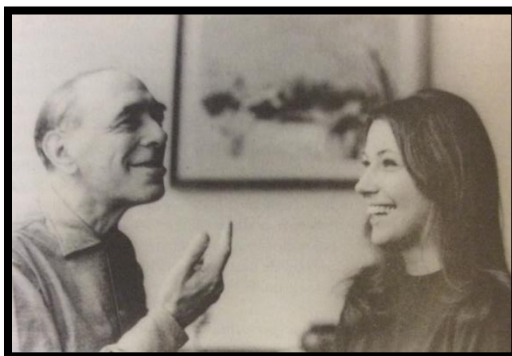
– O problema, Carpeaux, é que a gente já marcou com os sindicatos, os estudantes. Não dá para mudar sem consultá-los.¹⁰⁶



¹⁰⁴ VENTURA, Zuenir. *1968: o ano que não terminou*. *Op. cit.*, pp. 96-114.

¹⁰⁵ BERNARDET, Jean-Claude. *Op. cit.*, p.134.

¹⁰⁶ VENTURA, Zuenir. *Op. cit.*, p. 97.



Encontros. Carpeaux e os jovens. Página anterior, José Carlos Avelar (fotógrafo de *O velho e o novo*). Acima, Lygia Sigaud. Reproduções de *Ensaios Reunidos volume I* UniverCidade/Topbooks

Carlos Heitor Cony construiu imagens semelhantes, mencionando o “mambembe não remunerado e estranhíssimo” representando pelas “palestras agendadas por diretórios de estudantes e centros de estudos” proferidas por ele e Carpeaux em diversos estados do país naquele período.¹⁰⁷ Leandro Konder também registrou a enérgica ação de Carpeaux em um dos debates promovidos pela editora *Civilização Brasileira* na cidade mineira de Juiz de Fora – em que o intelectual denunciava a ilegalidade da ditadura militar e conclamava os estudantes, maioria na plateia, à desobediência civil.¹⁰⁸ Mesmo na produção ensaística pós-1964, há elementos sensíveis de seu comprometimento político, da “luta pela libertação do povo brasileiro”. Como mostra *O velho e o novo*, uma das possibilidades de conhecer tais caminhos passa por Ouro Preto – precisamente, pelas sutilezas dos diferentes olhares que Carpeaux lançou àquela cidade que ele havia eleito também como sua.

Há pelo menos três textos de Carpeaux sobre Ouro Preto. Em todos eles, a relação estabelecida com aquela cidade está longe de ser estática. Suas distintas experiências e percepções de mundo nos diferentes momentos que esses textos foram produzidos/publicados (1958; 1961-

¹⁰⁷ Cf.: a imagem *Companheiro de trincheira desde 1964* In Capítulo 3 de *Imagens possíveis*.

¹⁰⁸ Cf.: a imagem *O encontro de Carpeaux com o ‘seu marxista’* In Capítulo 3 de *Imagens possíveis*.

1968 e pós-1968) incidem sobre essa relação. Merecem especial atenção as variações em torno do tema “cidade morta”.

Dentre os trabalhos “rigorosamente selecionados” da coletânea *Vinte e cinco anos de literatura*, está o artigo *Ouro Preto (8 de Julho de 1771)*.¹⁰⁹ Publicado pela primeira vez em 1961, este não foi o único artigo escrito por Carpeaux sobre a antiga capital das Minas Gerais. Em 1958, escrevera e publicara *Elogio de Ouro Preto*¹¹⁰. Há ainda um terceiro artigo seu sobre a cidade que foi palco da Conjuração Mineira: *Uma visão de Ouro Preto*¹¹¹. Trata-se de um dos manuscritos, não datado, do fundo/coleção ‘Otto Maria Carpeaux’ da *Fundação Casa de Rui Barbosa*, tendo sido publicamente postumamente em 2000.

Em *Elogio de Ouro Preto*, Carpeaux constrói a imagem de uma cidade à altura das “pequenas e admiráveis” cidades europeias: Bruges, Ravenna, Toledo e Assis. À altura e muitas vezes superior, seja pelo “incomparável Aleijadinho”, seja pela harmonia entre cidade e natureza: “Em todo caso, a impressão estética de Ouro Preto, a harmonia entre a arte, a paisagem e o que poderíamos chamar historicidade é mais perfeita.”¹¹² Não é um elogio vazio. Carpeaux, que não deseja ser “confundido com os estrangeiros que admiram por obrigação a Guanabara, nem com os agentes da boa vizinhança que acham tudo ótimo” se furta em apontar que Ouro Preto fica aquém daquelas outras cidades europeias: “É preciso descontar as falsas admirações [...] as igrejas barrocas de Minas carecem do que é elemento característico do Barroco europeu: não têm cúpulas. [...] Tampouco encontramos em Ouro Preto algo comparável aos mosaicos de San Apollinare Nuovo ou como o túmulo de Galla Placida, em Ravenna; lá é outro o peso das tradições históricas.”¹¹³ Embora reconheça que “certas comparações não têm cabimento”, *Elogio de Ouro Preto* é construído sob o diapasão comparativo. E Carpeaux o reconhece: “Tendo visitado as

¹⁰⁹ CARPEAUX, Otto Maria. “Ouro Preto (8 de Julho de 1771)”. In: _____ *Vinte e cinco anos de literatura*. *Op. cit.*, pp. 217-223. [originalmente publicado In jornal *Correio da Manhã*, 08/07/1961, p. 08].

¹¹⁰ CARPEAUX, Otto Maria. “Elogio de Ouro Preto”. In: _____ *Ensaíes Reunidos – 1942 -1978*. 1º vol. *Op. cit.*, pp. 673-676. [Originalmente publicado In CARPEAUX, Otto Maria. *Presenças*. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1958].

¹¹¹ CARPEAUX, Otto Maria. *Uma visão de Ouro Preto*. Belo Horizonte – Rio de Janeiro: Editora Itatiaia, 2000, pp. 13-22. [Publicação póstuma. Manuscrito original, sem data, de 9 páginas, disponível em OC Pi 09. In: *Acervo da Fundação Casa de Rui Barbosa*. Arquivos Pessoais de Escritores Brasileiros – APEB. Fundo/Coleção: Otto Maria Carpeaux].

¹¹² CARPEAUX, Otto Maria. “Elogio de Ouro Preto”. *Op. cit.*, p. 674.

¹¹³ *Idem*, p. 673-4.

grandes e pequenas cidades de arte, as pequenas e mais admiráveis, sobretudo, Bruges, Ravenna, Toledo e Assis – voltei da Europa, cheio de admiração e saudades de Ouro Preto.”¹¹⁴ Vale lembrar que *Elogio de Ouro Preto* foi publicado em 1958, cinco anos depois do primeiro retorno de Carpeaux ao Velho Continente – cuja ‘visita’ não durou mais de seis meses e abrangeu as cidades de Paris, Viena, Madri, Amsterdã e Nápoles. “[...] Emocionado fiquei, sim, ao rever o Rio de Janeiro [...] Sinto-me brasileiro, gosto de arroz e feijão e sou fã de Ouro Preto.”¹¹⁵

Ouro Preto (8 de Julho de 1711) foi publicado pela primeira vez em 08 de julho de 1961 – data do 250º ano de fundação de Vila Rica – na página 08 do *Correio da Manhã*. Em 1968, o artigo integrou a coletânea *Vinte e cinco anos de literatura*. Segundo a nota prévia assinada por Carpeaux, aquele era um dos trabalhos que, por um motivo ou outro, ainda poderia “inspirar interesse ao círculo de amigos da literatura” – o mesmo círculo ao qual dizia não mais pertencer. De forte tom político, *Ouro Preto (8 de Julho de 1711)* se inicia com o autor indicando, dentre as datas de fundação e de diferentes ‘descobertas’ daquela cidade, a de 1893: “A revolta e a perseguição florianistas no Rio de Janeiro de 1893 obrigaram alguns escritores da época a procurar asilo na então capital mineira, entre eles Bilac e Magalhães de Azeredo [...]”¹¹⁶ É um dado *sui generis*, porque se destaca no meio das demais datas oficiais da cidade mencionadas por Carpeaux – 1698, descoberta pelos bandeirantes; 1711, fundação da Vila Rica; e a redescoberta no modernismo, pelas penas de Mário e Oswald de Andrade, Manuel Bandeira, Cecília Meireles, Drummond.¹¹⁷

Mesmo reconhecendo ser um mundo estranho – “não é o mundo em que nasci” – Carpeaux menciona o “choque do reconhecimento”, ainda que recoberto pelas penumbras do sonho, do *déjà vu*:

No sonho experimentamos, às vezes, o fenômeno do *déjà vu*. encontrando-nos numa paisagem estranha e sentindo, no entanto, que já estivemos lá, no passado, mas sem possibilidade de reconhecê-la. Assim no sonho. Mas o *déjà vu também* nos surpreende, talvez só uma vez na vida aconteça isso, na realidade; e assim me aconteceu em Ouro Preto, em Mariana, em Sabará. Foi como se eu conhecesse

¹¹⁴ *Ibidem*.

¹¹⁵ Cf.: a imagem *O perfil Renard Perez e o plot point de 1964* In Capítulo 2 de *Imagens passíveis*.

¹¹⁶ CARPEAUX, Otto Maria. “Ouro Preto (8 de Julho de 1711)”. *Op. cit.*, p. 218.

¹¹⁷ *Idem*.

há muitos, muitos anos, essas pequenas cidades, situadas na paisagem montanhosa, coroadas de igrejas barrocas. Realmente, já conheci cidades assim, e o fato de que também tinham grande passado de mineração, levou-me a reconhecê-las: Hall, Hallein, Radstadt, Tawsweg e mais outras cidades nos Alpes da Áustria. Tudo semelhante: o grande passado e o presente morto, as recordações da mineração do ouro, a arte barroca.¹¹⁸

Embora haja reconhecimento, não há espaços para ‘fantasmas’, memórias, em *Ouro Preto (8 de Julho de 1711)*. Também o termo “cidade morta”, associado a Ouro Preto, varia entre este artigo de 1961-1968 e o escrito em 1958, *Elogio de Ouro Preto*:

[1958] Ora, de cidades mortas não quero mais ouvir durante muito tempo. Estive em Bruges num sábado, de tarde, quando a gente faz compras nas lojas, bastante americanizadas, aliás, não poderia ser maior a vivacidade desse povo, movimentando-se como num quadro de Brueghel. A grande praça de Toledo, o Zocodover, não inspira propriamente ideias de cemitério castelhano, antes de mercado oriental. E raramente se ouviu barulho maior do que o dos italianos em torno dos túmulos de Dante e da Galla Placidia. Mas Ouro Preto, esta sim, é cidade morta. [...] Ouro Preto é muito mais homogênea que aquelas cidades parcialmente renovadas.

Talvez seja, também, a influência do turismo, que é intenso em Toledo, por exemplo. Em todo o caso, a impressão estética de Ouro Preto, a harmonia entre a arte, a paisagem e o que poderíamos chamar de historicidade é mais perfeita.¹¹⁹

[1961-1968] De dia, Ouro Preto não é nada morta. Nada de falso romantismo. É sonolenta como todas as pequenas cidades do interior brasileiro; até é mais viva que a maior parte delas, graças aos estudantes da Escola de Minas onde eu tinha e tenho tantos amigos caros. E nas íngremes ladeiras transversais, a ‘gente abolida’ em casas que parecem ruínas, isto

¹¹⁸ *Idem*, p. 219.

¹¹⁹ CARPEAUX, Otto Maria. “Elogio de Ouro Preto”. *Op. cit.*, p. 674.

não é o passado de uma ‘Bruges-la-morte’ mineira, mas a presença perpétua da miséria do Brasil rural.¹²⁰

Nesses dois primeiros artigos, a referência para ‘cidade morta’ é a de cidades cujos passados foram centros de poder e/ou riqueza e que, num outro momento, tornaram-se não muito mais do que monumentos para hordas de turistas. No texto de 1958, voltado ao passado, à “historicidade perfeita” de Ouro Preto, o termo “cidade morta” lhe cabe e é elogioso. O publicado em 1961 e republicado em 1968, a despeito dos estudantes da Escola de Minas, mesmo destacando aspectos do presente, ainda tem o sentido voltado para o passado, para as “ruínas” e para a “presença perpétua da miséria do Brasil rural”, frutos daquele passado. Se Ouro Preto não é cidade morta, é sonolenta.

Já em *Uma visão de Ouro Preto* – o terceiro texto de Carpeaux dedicado àquela cidade, cuja data de produção não se pode precisar – Ouro Preto ‘renasce’, invertendo a relação com suas irmãs europeias: “Mas Ouro Preto não é cidade morta, como Bruges, Ravenna ou Toledo; é apenas o que sempre foi, uma cidade pobre.”¹²¹ Há um novo sentido para esta constatação, vista como um dado do passado, mas de forte potência transformadora para o presente. Portanto, não há mais como identificar Ouro Preto a uma cidade morta.

No labirinto de ruas, entre as colinas coroadas de igrejas, mora uma população faminta – ‘gente abolida’, no dizer de Carlos Drummond de Andrade – tão pobre e faminta como em qualquer outra cidadezinha do interior brasileiro e tão oprimida como em qualquer outra parte pela *estrutura latifundiária da sociedade dominante*.¹²²

Revive Ouro Preto, renasce segundo o olhar de um Carpeaux ainda menos propenso ao passado. “O que me resta, de capacidade de trabalho, pertence ao Brasil e à luta pela libertação do povo brasileiro”, já dizia em 1968. Embora não esteja datada, podemos supor que *Uma visão de Ouro Preto* pertença ao novo ciclo iniciado por Carpeaux pós-Golpe de 1964. Uma referência bibliográfica arrolada ao fim do artigo e datada de 1967

¹²⁰ CARPEAUX, Otto Maria. “Ouro Preto (8 de Julho de 1711)”. *Op. cit.*, p. 222.

¹²¹ CARPEAUX, Otto Maria. *Uma visão de Ouro Preto*. *Op. cit.*, p. 16.

¹²² *Idem*. [Itálicos meus].

evidencia tal datação¹²³, mas ela se torna prescindível para quem acompanha o restante do texto:

E compreendemos, de repente, que surgiu nessa cidade o revolucionário Tiradentes; e que o Tiradentes, este sim heroico, foi preso, condenado, executado e esquartejado; e que mais outros Tiradentes hão de surgir e vão ter, não se sabe quando, suas estátuas em praça pública assim como o mártir de 1792 que tem hoje sua estátua em Ouro Preto, na Praça Tiradentes.¹²⁴

A exemplo do que se viu em vários momentos de *O velho e o novo*, em *Uma visão de Ouro Preto* Carpeaux tem o seu olhar voltado para a barbárie que acompanha todo esplendor cultural: “Ouro Preto é, talvez, a cidade mais bela do país. Mas não vamos romantizá-la. Tantas vezes a beleza estética é o reverso da miséria material. Ouro Preto é um pedaço glorioso do passado brasileiro, mas também é um pedaço lamentável do presente.”¹²⁵

Embora devamos desconfiar de sua ‘compreensão repentina’ entre o velho e os novos Tiradentes – pois, como vimos, em *Ouro Preto (8 de Julho de 1711)* já existia a menção à “gente abolida” e à “presença perpétua da miséria do Brasil rural” –, é em *Uma visão de Ouro Preto* que Carpeaux torna-se mais assertivo. A própria forma do artigo assim o sugere. Após uma longa digressão sobre a história de Ouro Preto e sobre/sob o olhar com o qual ele a enxerga naquele momento – uma digressão que acompanha a viagem de carro entre Belo Horizonte e Ouro Preto – Carpeaux finalmente “pisa a terra firme”:

É manhã, cedo. Belo Horizonte ainda dormia, quando partimos. O carro saiu dos subúrbios para entrar num mundo de montanhas altas, quase desertas. [...] Chegamos. A visão do Itacolomi passou. A visão da Ouro Preto das igrejas passou. Agora estamos pisando a terra firme. Praça Tiradentes em Ouro Preto. Olhamos para frente. Do lado esquerdo, os solares das grandes famílias

¹²³ Trata-se da referência: OLIVEIRA, Franklin de: Morte da memória nacional. 1967”. Cf.: CARPEAUX, Otto Maria. *Uma visão de Ouro Preto. Op. cit.*, p. 21.

¹²⁴ *Idem*, p. 16.

¹²⁵ *Ibidem*.

ouro-pretenses, hoje extintas [...]. Do lado direito, as miseráveis tavernas em que descansam os tropeiros.¹²⁶

Não há maiores evidências se aquela conjugação verbal, “chegamos”, corresponde a uma viagem coletiva – e se sim, seria com a equipe de filmagens de *O velho e o novo?* O que fica evidente é que em *Uma visão de Ouro Preto*, a relação estabelecida entre o crítico e aquela cidade é dada a partir de sua experiência pessoal, solitária, como as destacadas na respectiva sequência do filme: “Para cada um de nós Ouro Preto é uma experiência pessoal, de que pode surgir, em boa hora, uma visão daquele lugar *sui generis* [...] tão caro também ao brasileiro adotivo e mineiro adotivo que escreve estas linhas: *Ille terrarum mihi praeter omnes angulus ridet.*”¹²⁷ Carpeaux já tinha registrado tal relação em *Ouro Preto (8 de Julho de 1711)*: “Antes, já estive lá três vezes, e assim como todos os outros: em grupo, acompanhado e guiado. Mas em 1961, não. Fui sozinho e fiquei lá, sozinho, na solidão do ‘fora da estação turística.’”¹²⁸

O diálogo entre esses dois textos – talvez separados por poucos mas decisivos anos da vida de Carpeaux – só faz aumentar à medida que chegam ao final. Em *Ouro Preto (8 de Julho de 1711)*, Carpeaux registra que é à noite que aquela cidade “abre sua alma”, embora negue, como já tinha feito em outro momento, a existência de fantasmas: “Mas há lugares que é preciso visitar de dia e há lugares que só de noite abrem sua alma. [...] Não saem fantasmas de meia-noite da fechada da igreja de São Francisco de Assis.”¹²⁹ Não os havendo, conseguia adormecer naquele terra que o acolhera e que ele havia escolhido como sua: “Assim adormeci: em Ouro Preto, no Brasil, em casa”¹³⁰ é a frase que fecha o artigo originalmente escrito em 1961.

Já em *Uma visão de Ouro Preto*, tais ‘fantasmas’ – Golpe de 1964, ditadura militar? – voltam a existir, estão presentes: “Em torno desse teatro há as mais famosas casas assombradas, cada uma com seu espectro particular. Não sei se esses espectros usam, à meia-noite, a magnífica escadaria que leva da rua para o Carmo. Deveriam, pois logo mais em cima

¹²⁶ *Ibidem.*

¹²⁷ *Ibidem.* A citação provém de *Odes – Livro II*, de Horácio, e pode ser traduzida como: “Aquele canto me sorri mais que todos os outros da terra”.

¹²⁸ CARPEAUX, Otto Maria. “Ouro Preto (8 de Julho de 1771)”. *Op. cit.*, p. 217.

¹²⁹ Idem, pp. 222-3. A outra citação, na página 220 do mesmo texto, é: “[...] Vou com o ceticismo saudável de Eduardo Fricieiro [...] nunca viu ele nem vi eu fantasmas ali, nem mesmo nas casas assombradas perto do Carmo.”

¹³⁰ Idem, p. 223.

estão enterrados.”¹³¹ Uma vez admitidos – *Anchluss*, AI-5? – restaria a Carpeaux uma espécie de vigília em nome de uma “consciência histórica nacional” e de uma liberdade futura que dela proviria:

Apagam-se os ruídos. Na província a gente dorme cedo. [...] Mas é aqui que fica acordada a consciência histórica da nação, do seu grande passado artístico e poético, das suas lutas de libertação, dos seus mártires da liberdade. Pois é a história, é a consciência da história que indica o caminho para o futuro.¹³²

A aposta na luta, no movimento, no novo, presente neste último texto sobre Ouro Preto, em muito se aproxima da montagem de *O velho e o novo* – “Ouro Preto não é cidade morta. É um grande centro dessa mocidade estudantil que construirá um Brasil novo[...]”¹³³. Desse modo, assiste-se ao filme e às cenas em que Carpeaux vagueia solitário por aquela cidade com outros olhos após *Uma visão de Ouro Preto*. Em ambos, nos aproximamos de parte do que Carpeaux vivenciara em Viena, pré-*Anschluss*, e do que vivenciou durante e contra a ditadura militar iniciada em 1964.



Drummond, neto, Sigaud, Avelar em movimento. Acervo: Banco de Conteúdos Culturais. Cinemateca Brasileira

¹³¹ CARPEAUX, Otto Maria. *Uma visão de Ouro Preto*. *Op. cit.*, p. 18.

¹³² *Idem*, p. 19

¹³³ *Ibidem*.

5. Meus encontros *em* Carpeaux e outros encontros

Por que o olhar através de janelas desconhecidas sempre recai sobre uma família à mesa durante uma refeição, ou sobre um homem solitário sentado à mesa, sob a lâmpada que pende do teto, ocupado com coisas misteriosamente nulas? Tal olhar é a célula primeva da obra de Kafka.

Walter Benjamin - *Passagens*

O mundo do contista Franz Kafka é uma casa burguesa, solidamente construída na aparência, com uma fachada um pouco descuidada. Entramos e respiramos o ar das penúrias dolorosas, de quartos mal ventilados. Apodera-se de nós o sentimento do déjà vu, de já ter visto tudo isso. A escada range. O sótão é uma loja de recordação. Um canto guarda os brinquedos esquecidos. Recordações, recordações. Os mortos surgem. Os fantasmas que apavoravam a criança. Figuras de demônios. Um labirinto. Delírio. Fuga. Nenhuma saída. Voltamo-nos para o outro lado: aparece a face de Deus.

Otto Maria Carpeaux – *Franz Kafka e o mundo invisível*

Cadê Joshua?
Como sempre, Joshua desapareceu.
Após. Apóstolos. Apostas.
Afinal, onde está Joshua?

Paulo Leminski – *Vida. Jesus a.c*

Encontros nº 1 – Afinidades eletivas

Os encontros de Carpeaux e Kafka, descritos pelo primeiro, só vieram a público postumamente, através do ensaio *Meus encontros com Kafka*¹. Nele, Carpeaux constrói uma pequena ode em quatro movimentos e um entreato cuja diegese perfaz quatro cidades e trinta e dois anos. Menos um resumo e mais um convite ao texto original, eis os quatro movimentos da ode a Kafka construída por Carpeaux:

No primeiro, *alegre ma non troppo*, um diálogo “pouco espirituoso” e “equivocado”² aproximam Karpfen e Kauka:

- Kauka.
- Como é o nome?
- KAUKA!
- Muito prazer.³

O encontro deu-se em Berlim, em 1921. Estudante universitário que “sonhava com uma carreira literária”⁴, Karpfen havia sido atraído pelo centro de vanguardas que a cidade então representava. Alijado das “mesas especiais” do Café Romântico, *locus* em que se reuniam alguns dos grandes escritores da época, foram raros os convites recebidos para frequentar as tardes de domingo no apartamento de um ou outro daqueles escritores. Numa dessas oportunidades, conheceu pessoalmente o “rapaz franzino, magro, pálido e taciturno” que se encontrava num canto do apartamento, deslocado, como o próprio Karpfen, do centro da reunião.

Na saída, ao perguntar ao amigo e introdutor quem era aquele rapaz magro e de voz rouca – “eu não podia saber que a tuberculose da laringe, que o mataria três anos mais tarde, já lhe tinha embargado a voz”⁵ –

* Referências das páginas anteriores: LEMINSKI, Paulo. *Vida*. Cruz e Souza, Bashô, Jesus e Trótski. São Paulo: Companhia das Letras, 2013, pp. 179-91; BENJAMIN, Walter. *Passagens*. *Op. cit.*, p. 253 [I 3, 3]; CARPEAUX, Otto Maria. “Franz Kafka e o mundo invisível” In *Jornal Correio da Manhã*. *Op. cit.*

¹ CARPEAUX, Otto Maria. “Meus encontros com Kafka”. In _____ *Reflexo e realidade*. Seleção e prefácio de Sebastião Uchoa Leite. Rio de Janeiro: Editora Fontana, 1978, pp. 171-82.

² *Idem*, p. 173. Quando não indicadas em contrário, todas as citações de *Encontros nº 1* pertencem a esta edição.

³ *Idem*, p. 174.

⁴ *Idem*, p. 173.

⁵ *Idem*, p. 174.

recebera deste a seguinte descrição: “É de Praga. Publicou uns contos que ninguém entende. Não tem importância.”⁶

O segundo movimento, *scherzo* do acaso, também se deu em Berlim – numa outra Berlim, já consumida pela inflação e pela desordem posteriormente retratadas por um *habitué* do Café Romântico, Alfred Döblin⁷. O ano era 1926 e o encontro foi entre Karpfen e uma edição d’*O Processo*; ou melhor, uma porção delas, amontadas num “cantinho” da antessala de uma casa editorial em franca falência. Ao jovem que “tinha feito alguns trabalhos para aquela editora” fora oferecido, ao invés dos 130 marcos devidos, a edição que ora tinha em mãos e, se quisesse, toda a tiragem d’*O Processo*. “O Max Brod, que teima em considerar gênio um amigo dele, já falecido, me forçou a editar esse romance danado. Estamos falidos. Nem vendi três exemplares”⁸, dissera-lhe o editor.

Fiquei triste. Tinha esperado um pagamento de 130 marcos, e o homem me quer dar seu encalhe. Agradei vivamente, e com certa amargura. Mas levei comigo aquele exemplar que já tinha aberto. [...]

Foi a maior burrice de minha vida inteira. Toda aquela tiragem foi vendida como papel velho e inutilizada. Um exemplar da 1ª edição de “O Processo” é hoje uma raridade para bibliófilos. Nos Estados Unidos paga-se mil dólares por um livro desses, ou mais. Se eu tivesse aceito o presente, seria hoje milionário.⁹

Resgatado da biblioteca que forçosamente abandonara em Viena quando do *Anschluss*, Karpfen mantivera consigo aquele singular exemplar exílio a fora: “E não me pretendo separar jamais do livro, pois foi meu segundo encontro com Kafka.”¹⁰ Mas tanto *O Processo* quanto *O Castelo*, também publicado em 1926 e “levando à beira da falência mais outra editora”¹¹, foram lidos pelo jovem Karpfen como um “estranhamento

⁶ *Ibidem*.

⁷ Referência ao romance publicado em 1929 por Alfred Döblin, *Berlin Alexandreplatz*. É o próprio Carpeaux, em *Meus encontros com Kafka*, que localiza Döblin entre um dos escritores renomados do Café Romântico. *Ibidem*.

⁸ *Idem*, p. 175.

⁹ *Ibidem*.

¹⁰ *Ibidem*.

¹¹ *Idem*, p. 176. A primeira edição d’*O castelo* foi publicada por Max Brod pela editora Kurt Wolff, de Munique, em 1926. Cf.: CARONE, Modesto. “O

familiar” espécie de “mau sonho ou pesadelo”, fazendo com que se despedisse daquele seu segundo encontro com Kafka com a “firme convicção de se tratar de visões de extrema irrealidade. Como se Kauka estivesse morto e Kafka, nunca existido.”¹²

Adagio, comodamente, como a própria ação do tempo. No terceiro movimento, Carpeaux retrata a passagem da ação do acaso para o movimento deliberado em seus encontros com Kafka. Como dr. Otto Karpfen (já assinava Maria?), em 1930 visitou Praga pela primeira vez. Foi orientado a se comunicar em francês, pois era tensa a atmosfera em Praga. Quase todos os dias, choques entre tchecos e alemães; e entre esses e os judeus – “odiados pelos tchecos porque costumavam falar em alemão, e odiados pelos alemães porque eram judeus.”¹³ O que se deu naquele terceiro momento foi o encontro de Karpfen com a realidade por detrás do mero “sonho fantástico” que há pouco julgara ser as obras de Kafka. No imponente Hradschin, antigo Palácio Real encimado numa colina e “parecendo inacessível”, reconheceu o castelo da obra homônima; na catedral gótica de São Vito, “escura e vazia”, a igreja na qual o condenado d’O *Processo* ouve a voz da lei; nas “mil rugas” do rosto de um dos judeus da cidade velha, Karpfen reconheceu “milênios de perseguição e de estudo talmúdico”; na “boca cheia de sarcasmo” e nos seus olhos daquele mesmo judeu, que trazia um “ar de grande suficiência e complexo de superioridade”, reconheceu a severa figura do pai de Kafka:

Um velho assim, intolerante como o diabo por causa da intolerância diabólica dos outros, deve ter sido o severo pai de Kafka, subjugando o filho – e assim encontrei a *imagem* de Kafka nas ruas estreitas e entre as sinistras casas decaídas em torno da sinagoga onde, conforme velha lenda, um rabino medieval tinha construído o Golem, um homem de barro, vivificado por um pedaço de papel com o secreto nome de Deus na boca. Certamente, uma daquelas lojas tinha pertencido ao velho Kafka. Certamente, nos porões daquelas casas tinha-se reunido o misterioso tribunal que condenou à morte o inocente culpado de ‘O Processo’... Prefiri fugir desse ambiente.¹⁴

Fausto do século XX”. In jornal *Folha de S.Paulo*, São Paulo, 22/10/2000, p. 04 [Ilustrada].

¹² CARPEAUX, Otto Maria. “Meus encontros com Kafka” *Op. cit.*, p. 176.

¹³ *Idem*, pp. 176-7.

¹⁴ *Idem*, p. 177 [Itálico meu].

Se o primeiro havia se dado pessoalmente e o segundo, simbolicamente – e ambos pelas obras do acaso –, aquele terceiro encontro foi provocado por Karpfen e caracterizado por ele como “imagem”. Todavia, nunca saberemos se esta caracterização é produto direto daquela soma de descobertas e percepções de Karpfen em 1930 – “tinha-o reconhecido como filho de sua cidade de Praga, que lhe foi madrasta” – ou se ela é obra de sedimentos outros que somente a ação do tempo e de uma determinada análise do processo histórico poderia fazê-la subsistir – imagem construída, portanto, por Otto Maria Carpeaux, décadas depois. Pela diegese da ode a Kafka, a resposta parece evidente: “[...] e assim encontrei a imagem de Kafka [...] preferi fugir desse ambiente”. Mas é pela caracterização de seu personagem como *displaced person* – “[Kafka] era austríaco, alemão, tcheco e judeu ao mesmo tempo. [...] antecipara o destino de milhões de judeus e alemães e italianos e franceses, holandeses, poloneses e russos, *displaced persons* todos eles”¹⁵ – somada às experiências do próprio narrador, também ele *displaced person*, que aposto na caracterização como “imagem” daquele terceiro encontro menos pelo contato impressionista do jovem Karpfen em Praga e mais como um produto da análise histórica e pessoal elaborada por Carpeaux décadas depois.

Entreato. É o momento em que Karpfen tornou-se, ele mesmo, *displaced person*. Parte por suas escolhas político-religiosas, parte pela ascendência judaica, foi obrigado a deixar Viena e depois Antuérpia para sobreviver. Apertou no Brasil em 1939. Judeu convertido ao catolicismo; germanófono que passou a publicar em francês e, logo depois, em português, substituiu o sobrenome judeu-alemão da família por sua tradução francesa. Assinou como Carpeaux o primeiro ensaio publicado sobre Franz Kafka em língua portuguesa.¹⁶ Contornou o “pecado capital da impaciência”¹⁷. Batalhou renome. Submergiu com o passado austríaco e

¹⁵ *Idem*, pp. 177-8

¹⁶ CARPEAUX, Otto Maria. “Franz Kafka e o mundo invisível” In *Jornal Correio da Manhã*. *Op. cit.* Este também foi o segundo artigo publicado por Carpeaux no Brasil e posteriormente seria coligido em *A cinza do purgatório* (1942).

¹⁷ “Existem dois pecados capitais, dos quais todos os outros derivam: impaciência e indolência. Por causa da impaciência os homens foram expulsos do paraíso, por causa da indolência eles não voltam. Mas talvez só exista um pecado capital: a impaciência. Por causa da impaciência eles foram expulsos, por causa dela eles não voltam.” Cf.: KAFKA, Franz. *Aforismos reunidos*. Introdução e tradução de Modesto Carone. São Paulo: Instituto Moreira Salles, 2012, p. 10.

alcançou aquele “certo ponto a partir do qual não há mais retorno.”¹⁸ Quedou-se no país do futuro. Vida no paraíso.

O quarto e último movimento, *recitativo*, foi denominado por Carpeaux como uma “experiência”¹⁹, e marca o seu retorno a Kafka e a Viena, em 1953. Isto porque, segundo argumentou Carpeaux, por não ter sido tcheco, pois escreveu em alemão, por não ter sido alemão, porque se considerava judeu, por não ter sido judeu, porque não tinha a fé dos seus antepassados nem o sentimento nacional dos seus contemporâneos, Kafka “foi aquilo que eram todos os cidadãos de Praga, fossem tchecos, alemães ou judeus, nascidos nos anos de 1880: um austríaco.”²⁰

Na primeira viagem que fez ao continente europeu após a II Guerra Mundial, Carpeaux constatou a “glória póstuma” de Kafka Europa afora, materializada pela publicação de originais e traduções em diversas línguas de suas obras, por artigos e estudos sobre estas em revistas literárias e até mesmo pela presença de frases de Kafka, “que há poucos anos ainda eram propriedade exclusiva de herméticas seitas literária”²¹ citadas em artigos de fundo político.

Na Áustria, todavia, àquele momento da visita de Carpeaux, Kafka ainda era “*apenas* objeto de discussão entre literatos”. A cobrança de Carpeaux deu-se menos pelo *field* nacionalista que ele mesmo arregimentou para Kafka e mais por uma constatação vital – foi na Áustria, mais precisamente nos arredores de Viena, que Kafka morreu:

Em Viena, o escritor nunca se tinha demorado muito. Nada, na cidade, lembra sua presença invisível. E se tivesse, os oito anos de dominação nazista teriam tido tempo suficiente para apagar os vestígios. Mas ninguém pode apagar a morte, não é? Ou antes, perto de Viena: na pequenina cidade de Kierling. Ali existe ou existia naquele tempo uma casa de saúde para a qual o transportaram doente e onde morreu. Fiz a peregrinação para Kierling.²²

Realizada em junho de 1953, “o mesmo mês em que Kafka, em 1924, morrera”, aquela peregrinação até a casa de saúde de um certo dr.

¹⁸ “A partir de certo ponto não há mais retorno. É este o ponto que tem de ser alcançado.”

¹⁹ “[...] Bem, eu fiz a experiência; e foi meu quarto encontro com Franz Kafka”. CARPEAUX, Otto Maria. “Meus encontros com Kafka” *Op. cit.*, p. 179.

²⁰ *Idem*, p. 178.

²¹ *Ibidem*.

²² *Idem*, p. 179.

Hoffmann fez Carpeaux ir ao encontro do passado recente europeu, austríaco, vienense e, porque não, também o seu. O velho dr. Hoffmann já não mais existia. Mas no portão da velha casa ainda se podia ler o letreiro “Dr. Hugo Hoffmann, médico, clínica geral, consultas entre 3 e 6 horas”. Hugo, também médico, era o filho do homem de quem Kafka recebera seus derradeiros cuidados: “– Meu pai morreu há 19 anos. A casa de saúde está fechada. Se deseja outra, encontrará o endereço de uma na lista dos assinantes de telefone”, respondera dr. Hugo Hoffmann, ao ser indagado por Carpeaux sobre o seu pai. Instado pelo antigo paciente de seu pai, de nome Franz Kafka, a reação de Hoffmann Filho foi ainda mais hostil. Carpeaux descreveu assim a cena: “O homem ficou vermelho: –Kafka? Kafka? Já me perguntaram, não conheço, não conheci, não sei de nada, nada, nada. E com ruído estrondoso o Dr. Hoffmann fechou a porta.”²³

O que se seguiu foram os passos típicos de um biógrafo intrigado pelos dados inesperados encontrados nos arquivos – para não dizer sobre a aspereza típica dos seus funcionários. Entre o estranhamento por aquele homem não transformar a velha clínica em um museu nobiliárquico, “pedindo ingresso pago, mostrando a cama, os instrumentos com que o mais famoso paciente da Casa de Saúde Dr. Hoffmann foi operado”²⁴, e a desconfiança de que aquele gesto brusco pudesse resguardar certa “reminiscência”, restava a Carpeaux mais conjecturas do que certezas:

No silêncio do meio-dia de verão fiz a volta da casa fechada. Através das grades olhei para dentro do jardim. Debaixo das árvores, umas velhas cadeiras. Certamente ali repousaram os doentes. Uma janela meio aberta: um quarto pequeno, cama branca, na mesinha uma garrafa de água. Talvez ali Franz Kafka morreu em 3 de junho de 1924; ao meio-dia.²⁵

Em outro arquivo visitado em Kierling, Carpeaux também não obteve maiores resultados. Desconhecendo que o corpo de Kafka fora sepultado no jazigo da família, no Novo Cemitério Judeu de Praga, recorreu à paróquia de Kierling tentando localizar no seu respectivo

²³ *Idem*, pp. 179-80.

²⁴ Desde 1954 Kierling passou a ser um distrito da cidade de Klosterneuburg, e está a menos de 20 quilômetros do centro de Viena. Hoje possui um *Franz-Kafka Gedenkmuseum*, ou seja, um Museu Memorial Franz Kafka.

²⁵ *Idem*, p. 180

*Totenbüch*²⁶ aquele nome que mal compreendera em 1921. “– Kafka? Kafka? Não será nome judeu? Mas então ele não consta do meu livro de óbitos. Isto é uma paróquia católica apostólica romana.”²⁷ Foi a resposta que ouviu do vigário. “E os registros civis?”, insistiu Carpeaux. Ouviu que foram transferidos para Viena, em 1930, mas que seria inútil aquela sua busca, pois os registros haviam se perdido quando a cidade fora bombardeada, em 1944. “O vigário, certamente, nunca leu aquela história de Kafka na qual uma alma só encontrou a paz definitivamente quando seu nome foi apagado, por Deus, no registro dos mortos”²⁸, registrou Carpeaux.

Voltando a Viena, análises de conjuntura lhe ajudariam a dar algum sentido àqueles malfadados resultados de sua busca em Kierling: “Amigos explicaram-me o caso do Dr. Hoffmann: provavelmente um ex-nazista que se assusta ao ouvir nome de judeu morto, com medo de ser denunciado como assassino.”²⁹ Esses mesmos amigos ainda lhe afirmariam que não havia mais nazistas em Viena, embora os vestígios de anos de dominação não fosse possível de ser apagado em tão pouco tempo.

Também em Viena, mais precisamente na ‘veneranda’ e então expurgada Biblioteca Nacional, Carpeaux encontraria, “mais uma vez”, a sombra de Franz Kafka. Lá, Carpeaux percebeu o descompasso daquela que era uma das mais ricas e suntuosas bibliotecas do mundo em relação ao mundo literário. Enquanto este já tinha o autor d’*O Processo* em altíssima conta, naquela ainda não tinham “encontrado tempo de retirar os livros de Kafka do chamado ‘inferno’, onde guardam os livros obscenos, proibidos.”³⁰

Pelo beleza da imagem, vale a citação na íntegra daquele quarto e último movimento da ode a Kafka por Otto Maria Carpeaux:

Fui para a Biblioteca Nacional. Nos fichários procurei em K: não achei nada. O bibliotecário encarregado dos catálogos encaminhou-me para o subdiretor, lá na poltrona. Homem velho, mal-humorado porque interrompido na leitura de um manuscrito medieval. Expliquei a necessidade urgente de verificar o texto exato de uma frase numa obra de Kafka. O erudito olhou-me por cima

²⁶ Em tradução livre, Livro dos Mortos. Também denominado de *Sterbenbuch*.

²⁷ *Idem*, pp. 180-1.

²⁸ *Idem*, p. 181.

²⁹ *Ibidem*.

³⁰ *Ibidem*.

dos óculos, como penetrando o fundo de minha alma. Por um instante senti-me como se tivesse 15 anos, tremendo no colégio perante professor severo. Mas a resposta restabeleceu-me a serenidade – até me teria alegrado, se não se misturasse com a hilaridade uma ponta de tristeza, de tantos anos passados e de tanta vida perdida. Pois a resposta do Sr. diretor foi esta: Não conheço. Como foi o nome? KAUKA?³¹

Trata-se, narrador e personagem, de *displaced persons*. O primeiro, ilustre desconhecido em sua terra natal, alcançou renome alhures – “ninguém é profeta em sua terra”. O segundo, reconhecido, consagrado e imitado somente após a morte. Tendo um império e uma ascendência religiosa e ‘racial’ a uni-los, seus primeiros encontros se deram em virtude de acasos e, posteriormente, através de ‘romarias’³² realizadas por um deles.

Encontros nº 2 – Bibliotecas perdidas

Em março de 1938, no contexto de uma Viena convulsionada, Carpeaux e sua esposa abandonaram o edifício nº 52 da Theresiengasse e, depois de quatro dias e quatro noites, “escondidos em moradias alheias”, conseguiram “o necessário” para fugir. Um pequeno cão preto, símbolo de uma vida estabilizada e promissora, tivera de ser abandonado. Só “muitos meses depois era possível mandá-lo, por avião, para a Bélgica.”³³

“Fugi de Viena com uma pequena mala de mão e sem um tostão. Perdi pátria, casa, móveis e vários milhares de livros.”³⁴ Dentre outros bens forçosamente abandonados, a biblioteca de aproximadamente trinta mil volumes, amealhada durante duas décadas. E, com ela, obras como *Grillparzers dramatisches werk* [Obras dramáticas de Grillparzer]³⁵; *Politik und wissenschaft bei Max Weber* [Política e ciência em Max Weber]³⁶; *Jüdisch-*

³¹ *Idem*, p.182.

³² Esta figura a batizar as buscas de Carpeaux foi construída por Albert von Brunn em “Uma fuga kafkaniana da Europa”, *Op. cit.*

³³ Cf.: a imagem ‘*Ex oriente lux*’ In Capítulo 4 de *Montagens possíveis*.

³⁴ Cf.: a imagem *Um Carpeaux ‘adaptado’ ou em vias de (espécie de resposta aos anos 1944-45)*. In Capítulo 1 de *Imagens possíveis*

³⁵ REICH Emil. *Grillparzers dramatisches werk: fünfzehn vorlesungen, gehalten an der Universität Wien*. Dortmund: Saturn, 1938. In Coleção Carpeaux BMA/TA 750417.

³⁶ STEDING, Christoph. *Politik und wissenschaft bei Max Weber*. Schlesein: Wilh. Gottl. Korn Verlag, 1932. In Coleção Carpeaux BMA/TA sem registro.

Christliches religions gespräch in 19 jabrbunderten [Discussão religiosa judaico-cristão no século XIX]³⁷ e aquela primeira edição de *Der prozess* [O processo]³⁸, de Franz Kafka.

E qual teria sido o destino daquela que foi a sua primeira biblioteca? Segundo o próprio Carpeaux, “ao contrário do que se supõe, os nazistas não queimaram as bibliotecas (só houve queimas simbólicas); distribuíram os livros apreendidos entre pessoas interessadas.”³⁹ Pelo desmembramento inerente a este tipo de operação, é muito provável que ela tenha chegado ao fim. Quanto ao destino de seus volumes, as possibilidades são tantas quanto o seu número. Um exemplo: a criação de institutos para o estudo da questão judaica na Alemanha – responsáveis por aquilo que Hanna Arendt denominou de “antissemitismo científico”⁴⁰ – fez de Munique, Frankfurt e Berlim o destino de centena de milhares de livros confiscados de bibliotecas públicas e particulares dos países ocupados pelo III Reich.

Porém, ao menos uma ínfima parte deles seria enviada para Carpeaux em seu exílio belga – tal qual o pequeno cão preto – por um trâmite que em nada deve aos enredos de Conan Doyle⁴¹. Carpeaux o descreveu assim:

Esteve em Viena, nesse tempo, um professor universitário americano, amigo meu; este foi à Gestapo, declarando que me havia emprestado vários livros; e tão grande era ainda o prestígio de "cidadão americano" que lhe permitiram, sem provas, escolher uns duzentos volumes que ele me mandou para a Bélgica [...].⁴²

³⁷ SCHOEPS, Hans Joachim. *Jüdisch-Christliches religions gespräch in 19 jabrbunderten: geschichte einer theologischen auseinandersetzung*. Berlin: Vortrupp Verlag, 1937. In Coleção Carpeaux BMA/TA 750421.

³⁸ KAFKA, Franz. *Der prozess* [Nachwort Max Brod]. Berlin: Die Schmiede, 1925. In Coleção Carpeaux BMA/TA 750680

³⁹ SENNA, Homero. “Otto Maria Carpeaux?”. *Op. cit.*

⁴⁰ ARENDT, Hanna. *Origens do Totalitarismo*. Antissemitismo, imperialismo, totalitarismo. Trad.: Roberto Raposo. São Paulo: Cia. das Letras, 2012, p. 123.

⁴¹ Consta no Setor de Obras Raras da Biblioteca Mário de Andrade um volume de *The return of Sherlock Holmes*, publicado por Pan Books em 1954. Cf.: Coleção Carpeaux BMA/TA 750440.

⁴² Cf.: a imagem *Um Carpeaux ‘adaptado’ ou em vias de (espécie de resposta aos anos 1944-45)*. In Capítulo 1 de *Imagens possíveis*.

Fábio Lucas, em depoimento para o Projeto Memória Oral da *Biblioteca Mário de Andrade*, complementa:

Quando os nazistas requisitaram toda a sua biblioteca - ele era amigo de um americano que estava fazendo uma pesquisa sobre a República de Weimar e usava a biblioteca do Carpeaux. Então esse americano falou assim: ‘Olha, você faz uma lista dos livros que você acha mais interessantes para o seu uso e eu vou reclamar ao governo alemão, e dizer que eram livros que eu tinha emprestado para você, para ver se eles me devolvem.’ [...] Então ele foi para a Bélgica e esqueceu da biblioteca dele e de tudo, e estava tratando de arranjar um jeito de emigrar. O que aconteceu? Ele recebe uns pacotes de livros, porque o americano tinha conseguido salvar.⁴³

Somados aos demais livros obtidos na Bélgica⁴⁴, estava formada a sua segunda biblioteca. Como as perseguições dos agentes da Gestapo não cessaram, mesmo Carpeaux estando na Antuérpia – e pela própria iminência da ocupação nazista na Bélgica e nos Países Baixos, finalmente ocorrida em 1940 –, uma nova fuga mostrou-se premente.

Uma vez obtido o visto nº 456, em julho de 1939, como parte do “contingente de 3000 israelitas católicos autorizados a emigrar para o Brasil”, Otto Maria e Helena Carpeaux embarcaram no vapor *Copacabana*, na Antuérpia, aportando no Rio de Janeiro em 10 de setembro daquele ano. Portanto, cruzaram o Atlântico nos mesmos dias em que as tropas do III *Reich* invadiam a Polônia, fato que se convencionou associar ao início da II Guerra Mundial.⁴⁵

Numa fuga menos conturbada, Carpeaux conseguiu trazer os poucos volumes da nova biblioteca ao Brasil. Porém, o destino dela tampouco seria convencional. Desenganado pela Ação Católica brasileira em seu primeiro contato no Rio de Janeiro, a qual o enviou para a cidade rural de Rolândia, no Paraná, dias depois, mudou-se por iniciativa própria para a cidade de São Paulo, onde conseguiu sobreviver por quase dois anos

⁴³ BIBLIOTECA Mário de Andrade. Projeto Memória Oral. Depoimento de Fábio Lucas, 2006, pp. 14-5.

⁴⁴ Seria um desses *De vlaamsche letteren van Gezelle tot beden*, de August Vermeylen, publicado em 1938? Cf.: Coleção Carpeaux BMA/TA 750644.

⁴⁵ Cf.: a imagem *Outras imagens – Je ne laisse ps périr!* In Capítulo 1 de *Imagens possíveis*.

vendendo os poucos volumes trazidos da Europa. Dez anos depois, já de volta ao Rio de Janeiro e estabilizado profissionalmente, Carpeaux pontuou o destino daquela sua segunda biblioteca:

Quando perguntaram a Sieyes, em 1795, o que teria feito durante os anos do Terror, ele respondeu: "Sobrevivi." Em São Paulo vendi meus últimos livros. [...] Por necessidade. Hoje tenho mais ou menos uns dois mil e quinhentos volumes, pequena biblioteca de trabalho, penosamente reconstruída; não é nada, mas é questão de *to make the best of it*.⁴⁶

Dois mil e quinhentos volumes, em 1949, além de inúmeros outros amealhados nos quase trinta anos que Carpeaux ainda viveria, formariam a sua terceira biblioteca – um volume potencializado pela sua atividade como crítico literário, o que resultava em centenas de livros ofertados por editoras ou enviados diretamente por autores, fossem eles neófitos em busca de reconhecimento ou velhos conhecidos seus. Não raro, esses livros sequer foram refilados por Carpeaux, restando incólumes junto aos demais volumes.

Após a morte de Carpeaux, sua viúva conseguiu a intermediação do professor e crítico literário Fábio Lucas para que aquela terceira biblioteca fosse vendida. Segundo Lucas, nenhuma instituição estava disposta a comprá-la, com exceção da *Biblioteca Mário de Andrade*, de São Paulo, que possuía uma seção de Obras Raras. Dentre poucas exigências, Lucas solicitara que houvesse um salão especial para aqueles volumes, preservando assim o seu conjunto. Negócio fechado, por um estranho fenômeno o extremo oposto exigido por Fábio Lucas aconteceu: “[...] Eu acho que deve ter faltado recurso e os livros foram classificados em sua classificação universal, então desapareceram: os contos foram para a seção de contos, crônicas para a de crônicas, ensaio para a de ensaios [...]”⁴⁷

Para uma biblioteca de aproximadamente 100 mil volumes como a *Mário de Andrade*, essa diluição seria o fim da terceira biblioteca de Carpeaux. Mas nem tudo restou perdido. Por alguma força-tarefa que não se sabe precisar quando e como aconteceu – cuja ferramenta principal foi a listagem que havia sido feita por Fábio Lucas no início das negociações –, resgataram-se os volumes espalhados pelos demais setores, reunindo-os no

⁴⁶ Cf.: a imagem *Um Carpeaux: 'adaptado' ou em vias de (espécie de resposta aos anos 1944-45)*. In Capítulo 1 de *Imagens possíveis*.

⁴⁷ BIBLIOTECA Mário de Andrade. Projeto Memória Oral. *Op. cit.*, pp. 15-6.

Setor de Obras Raras daquela biblioteca, sob o nome de coleção “Otto Maria Carpeaux”. Não há uma sala especial para ela, mas seus volumes estão disponíveis para consultas. “Destina-se a pesquisadores e requer agendamento prévio.”⁴⁸

Hoje, aproximadamente 1400 volumes compõem esta coleção – que tem esta denominação por ter recebido volumes complementares aos que originalmente compunham a terceira biblioteca de Carpeaux.⁴⁹ Não se sabe se este foi o número negociado por Fábio Lucas ou se foi o que se conseguiu resgatar do desmembramento inicial operado na *Biblioteca Mário de Andrade*. Numa de suas crônicas, Carlos Heitor Cony já havia chamado a atenção para a diminuta biblioteca de Carpeaux, cuja estante de livros, em 1966, era “modesta, igual a de um estudante em início de curso superior.”⁵⁰ Encontram-se lá um *Dicionário grego-português*, publicado pela Imprensa Nacional em 1941⁵¹, a segunda edição do estudo de Alfredo Pujol sobre Machado de Assis, datada de 1934⁵² e, dentre outros volumes, aquela primeira edição d’O *processo*, remanescente da primeira biblioteca de Otto Maria Carpeaux.

⁴⁸BIBLIOTECA Mário de Andrade. Seção de Obras raras e especiais. Disponível em <<http://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/cultura/bma/acervos/index.php?p=1179>> Acessado em 01 jun. 2015.

⁴⁹ E, portanto, não constam da listagem disponibilizada pela curadoria do Setor de Obras Raras da BMA. É o caso de algumas primeiras edições das obras de Carpeaux. Cf.: CARPEAUX, Otto Maria. *História da Literatura Ocidental*. I. 1ª ed. Rio de Janeiro: Edições O Cruzeiro, março de 1959; CARPEAUX, Otto Maria. *A cinza do Purgatório*. Ensaios. Rio de Janeiro: Casa do Estudante do Brasil. Rio de Janeiro, 1942; dentre outras. Agradeço ao curador Rizio Bruno Sant’Ana pelas informações acima e pela listagem disponibilizada e às funcionárias técnicas Roseli e Marilza pela atenção durante o período de minha pesquisa naquele setor.

⁵⁰ CONY, Carlos Heitor. “Otto Maria Carpeaux”. *Op. cit.* Ao que Cony relacionou a “algum processo mnemônico” que Carpeaux possuía. Cf.: a imagem *Companheiro de trincheira desde 1964* In Capítulo 3 de *Imagens possíveis*.

⁵¹ BÖLTING, Rudolf. *Dicionário grego-português*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional; Ministério da Educação e Saúde Coleção, 1941. In: Carpeaux BMA/TA 656607.

⁵² PUJOL, Alfredo. Machado de Assis. 2ª ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1934. In: Coleção Carpeaux BMA/TA 744813. Teria sido através dela que Carpeaux estabeleceu o primeiro contato com o autor de *Memórias Póstumas de Brás Cubas*? Segundo Cony, “Carpeaux soube por acaso que vinha para o Brasil e procurou se informar sobre o país para o qual emigrava. Leu o que podia: os livros da biblioteca de bordo. Aprendeu pouco. [...] E uma única surpresa: a existência entre nós de um escritor como Machado de Assis.” CONY, Carlos Heitor. “Viagem em torno de Otto Maria Carpeaux”. *Op. cit.*, p. 103.

Sobre a importância de bibliotecas – e “bibliotecas perdidas” –, Carpeaux já havia escrito:

Essas ‘bibliotecas perdidas’ não existem mais. Outras nunca existiram. Ibsen passa hoje por antiquado. Não o creio. Quem tem hoje a oportunidade de assistir à representação de uma de suas peças fica surpreendido pela atualidade dos seus temas e problemas. Atualidade permanente, baseada no estudo de livros permanentes? Não. Ibsen não possuía biblioteca nenhuma. Passou 30 anos de sua vida no Café Maximilian de Munique, lendo jornais.⁵³

Encontros nº 3 – Arquivos e[m] fragmentos

O principal conjunto documental de Otto Maria Carpeaux encontra-se em um dos *Arquivos Pessoais de Escritores Brasileiros* mantidos pela *Fundação Casa de Rui Barbosa*, Rio de Janeiro. Dentre outros documentos, ele é formado por escassas correspondências ativas e passivas, que não somam 100 peças, pela certidão de naturalização brasileira de Carpeaux, assinada por Getúlio Vargas; por alguns poucos manuscritos; por convites de formatura das quais Carpeaux participou como paraninfo durante nos anos 1960 e pelo estatuto da ‘Sociedade Otto Maria Carpeaux’. Na prática, trata-se de uma coleção, pois abriga ainda parte das correspondências pessoais de Helena Carpeaux – responsável pela seleção e pela negociação desses documentos junto à *FCRB*.

Este parco índice documental de/sobre Otto Maria Carpeaux só não é maior do que as ausências de outras peças até certo ponto comuns em arquivos de intelectuais. Cadernos de anotações, cadernetas, diários chegaram a existir? E, caso sim, onde estariam? E os objetos de cunho pessoal, pequenos que sejam, como canetas, máquina de escrever ou outros instrumentos de leitura e escrita? Inexistentes ou dispersos, a ausência de um cenário nobiliárquico, uma “Sala” ou “Museu Otto Maria Carpeaux”, por exemplo, pode ser tomada como o resultado da trajetória não acadêmica de Carpeaux e pelo contexto no qual a Coleção Otto Maria Carpeaux da *FCRB* foi formada – isto é, nos anos imediatamente posteriores à sua morte, marcados pelo relativo abandono de suas atividades literárias e pela preponderância das atividades políticas de

⁵³ CARPEAUX, Otto Maria. “Os mistérios da biblioteca” In _____ *Ensaio Reunidos* – vol. II (1946-1971). *Op. cit.*, pp. 745-8.

oposição à ditadura militar; e, também, pela aberta resistência de Carpeaux a que se escrevesse sobre a sua vida.

Os trâmites que levaram à criação da ‘Sociedade Otto Maria Carpeaux’ revelam que também aquela instituição, destinada a fazer com que a obra de Carpeaux fosse “recolhida, preservada e transmitida pelos meios mais adequados [...] a fim de obter sua publicação sob o título de Obras Completas”⁵⁴, correspondeu a um desejo de Helena Carpeaux que foi capitaneado por amigos como Houaiss, Callado, Drummond, Mauro Gama entre outros.⁵⁵ Nunca houve, porém, uma edição das obras completas de Carpeaux e, mesmo registrada juridicamente⁵⁶, não há maiores dados sobre a transferência dos direitos autorais de suas obras para aquela instituição ou para sua viúva.⁵⁷ A despeito disto, a Sociedade OMC figura como mais um exemplo da importância de Helena Carpeaux para uma dada constituição dos ‘Arquivos Carpeaux’, em especial a Coleção da *Fundação Casa de Rui Barbosa*.

Complementa esta importância o incisivo papel de Helena na construção das primeiras imagens póstumas de Carpeaux.⁵⁸ Entretanto, para além de dados esparsos, pouco se sabe sobre aquela mulher nascida em Ottynia, Polônia, de nome Hélène Silberherz e que, apesar de sua formação de *prima donna del bel canto*, não teve ou não quis ter projeção

⁵⁴ Cf.: CDA-Cp 832, Estatuto Sociedade Otto Maria Carpeaux. In *Acervo da Fundação Casa de Rui Barbosa*. Arquivos Pessoais de Escritores Brasileiros – APEB. Fundo/Coleção: Otto Maria Carpeaux.

⁵⁵ “Rio de Janeiro, 8 de dezembro de 1982. Meu caro Antonio Callado. Esta carta está sendo dirigida apenas para Carlos Drummond de Andrade, Antonio Callado e Mauro Gama – que estamos na base da ideia. O rascunho da ata e dos estatutos é apenas sugestão que espera correções de vocês. [...] O objetivo de Helena Carpeaux poderá realizar-se quando ela o quiser: a Sociedade fica à disposição para cumprir sua vontade a partir do momento que ela definir. Abraços do seu amigo [Antônio Houaiss]” In Ac – CP, Estatuto Sociedade Otto Maria Carpeaux. In *Acervo da Fundação Casa de Rui Barbosa*. Arquivos Pessoais de Escritores Brasileiros – APEB. Fundo/Coleção: Otto Maria Carpeaux.

⁵⁶ “Registro Civil de Pessoas Jurídicas da Sociedade Otto Maria Carpeaux no Diário Oficial de 21.09.83, ano IX, nº 181, parte V” In *Acervo da Fundação Casa de Rui Barbosa*. Arquivos Pessoais de Escritores Brasileiros – APEB. Fundo/Coleção: Otto Maria Carpeaux.

⁵⁷ Caso único, a coletânea de artigos selecionados por Sebastião Uchôa Leite e publicado sob o título *Reflexo e realidade* tem Helena Carpeaux como detentora de seu *copyright*. Cf.: CARPEAUX, Otto Maria. Reflexo e realidade. *Op. cit.*

⁵⁸ Cf.: a imagem ‘Um homem e seu tempo’ In Capítulo 3 de *Imagens possíveis*.

profissional no Brasil.⁵⁹ Tampouco se sabe qual foi o seu destino após a morte de Carpeaux. No fundo que ajudou a formar na *FICRB*, encontram-se algumas correspondências trocadas com Drummond⁶⁰ datadas até 1985. Por uma referência indireta, sabe-se que Helena viveu pelo menos até 1988.⁶¹ Entretanto, a despeito da dupla inscrição na sepultura nº 20.592 do São João Baptista – “Otto Maria Carpeaux/ Família Karpfen” –, seu nome não consta no livro de registros daquele cemitério.

De documentos públicos, constructos de sua *persona* pelo Estado, o *Arquivo Nacional* tem a guarda do Processo de Naturalização nº 10.345/42 além do Inquérito Policial Militar nº 34/67, e de dois outros processos em que Carpeaux aparece como nominalmente citado.⁶² De mesma natureza, o *website* do *Projeto Brasil Nunca Mais* disponibiliza a íntegra da Ação Penal nº 505/69, fruto daquele mesmo IPM sofrido por Carpeaux em 1967.⁶³

No *Instituto Martius-Staden*, em São Paulo – antigo *Instituto Hans Staden* –, há sete fichas sobre Otto Maria Carpeaux no ‘Fichário Pessoal Arquivo da Imigração Alemã’. A exemplo de outros intelectuais e artistas de língua alemã emigrados para o Brasil e acompanhados por aquele Instituto, as referências sobre Carpeaux abrangem, sobretudo, recortes de

⁵⁹ Cf.: a imagem ‘Otto Maria Carpeaux por Amoroso Lima, Houaiss e Callado In Capítulo 3 de *Imagens possíveis*.

⁶⁰ Cf.: OC Dc 01, Documentos complementares. In *Acervo da Fundação Casa de Rui Barbosa*. Arquivos Pessoais de Escritores Brasileiros – APEB. Fundo/Coleção: Otto Maria Carpeaux.

⁶¹ “Numa entrevista com a sra. Helene Carpeaux, Rio de Janeiro, 5 de fevereiro de 1988, tentei obter informações sobre as condições de fuga e sobretudo porque o Brasil foi escolhido com país de destino. Devido, porém, a lapsos de memória causados provavelmente por doenças associadas à velhice, a sra. Carpeaux não pôde me dar essas informações.” Cf.: KESTLER, Izabela Maria Furtado. *Exílio e literatura. Op. cit.*, p. 87 [Nota 98].

⁶² Processo SECOM nº 36.204, de 23/11/1965, que “[...] denuncia reportagens publicadas no jornal Reunião, propriedade da Ed. Civilização Brasileira, seu conselho editorial e os jornalistas Tristão de Athayde e Otto Maria Carpeaux [...]” Cf.: BR.AN,RIO.TT.0.MCP.PRO.29; e Processo SECOM nº 50.289, de 10/1/1973, “[...] encaminhando recortes sobre o lançamento do jornal Opinião e denunciando os seus colaboradores de vínculos com o Partido Comunista Brasileiro e divulgação de propaganda subversiva [...] relacionando os antecedentes dos responsáveis e colaboradores Fernando Gasparian, Raimundo Rodrigues Pereira, Paulo Francis, Jean Claude Bernardet, Antonio Carlos Callado, Fernando Henrique Cardoso, Millor Fernandes, Celso Monteiro Furtado, Hélio Jaguaribe, Washington Novaes e Otto Maria Carpeaux[...]” Cf.: BR.AN,RIO.TT.0.MCP.PRO.294.

⁶³Cf.: BNM 163. Ação Penal 505/69. 1523 fls. Disponível em <http://bnmdigital.mpf.mp.br/sumarios/200/163.html>, acessado em 30 mar. 2015.

seus artigos literários publicados em jornais e revistas literárias paulistas – como n’O *Estado de S.Paulo*, no *Diário de São Paulo* e na revista *Anhemi* – além de referências à trajetória de Carpeaux publicadas em diferentes momentos pelo jornal *Deutsche Nachrichten*, que circulava em língua alemã.⁶⁴

Há também arquivos inusitados, registro da abrangência das atividades de Otto Maria Carpeaux em solo brasileiro. Na *Biblioteca Fernando Tude de Souza* – na prática, um híbrido entre acervo e biblioteca da antiga rádio *Ministério da Educação*, atual rádio MEC –, encontram-se vinte e quatro *scripts* de ‘Vida e Romance’, uma série de programas radiofônicos levados ao ar em 1954.⁶⁵ E na *Cinemateca* do MAM-RJ, uma cópia do documentário *O velho e o Novo* (Otto Maria Carpeaux), dirigido por Maurício Gomes Leite entre 1966 e 1967. Infelizmente, o privilégio de uma sessão privada, nas dependências da *Cinemateca* – dado os obstáculos interpostos pelos detentores dos direitos autorais quanto à divulgação e à reprodução do filme – em nada condiz com o contexto e o espírito em que ele foi produzido, de intervenção intelectual e debate de cidadãos como Carpeaux, como Maurício Gomes Leite.

Exercendo o jornalismo como principal ocupação na Áustria, na Bélgica ou no Brasil, a imprensa talvez seja o lugar em que Carpeaux esteve mais presente. Foi a partir dela que publicou seus ensaios, artigos literários, políticos, que constituiu suas principais redes de sociabilidade, que se envolveu em diatribes. Essa presença ganhou uma sobrevida em função da digitalização das principais hemerotecas brasileiras – seja através da iniciativa pública da *Fundação Biblioteca Nacional*,⁶⁶ seja através de projetos ligados às próprias empresas midiáticas⁶⁷ – e algumas poucas estrangeiras.⁶⁸

⁶⁴ Por exemplo, sobre o aniversário de 50 anos de Carpeaux: “Wissen Sie schon dass Otto Maria Carpeaux, der bekannte österreichische Publizist, den wir aus den brasilianischen Blättern kennen, dieser Tage seinen 50° Beburstag feiert?” In *Deutsche Nachrichten*, São Paulo, 18/03/1950. Cf.: G-IV b, n° 1239 – Avulso; ou sobre a Ação Penal sofrida por Carpeaux durante a Ditadura “Habeas Corpus für Otto Maria Carpeaux abgelehnt” In: *Deutsche Nachrichten*, São Paulo, 07/08/1970. Cf.: G-IV b, n°1239 – Ficha 5, n°57.

⁶⁵ Cf.: CARPEAUX, Otto Maria; LONGO, Pascoal. “Vida e Romance”. In *Biblioteca Fernando Tude de Souza*. L4 [24 vol.]

⁶⁶ Especificamente através do programa *Hemeroteca Digital*, em que centenas de jornais e revistas digitalizadas estão disponíveis *online*. É o caso do *Correio da Manhã*, o matutino carioca em que Carpeaux colaborou entre 1941 e 1966. Cf.: <<http://bndigital.bn.br/hemeroteca-digital/>>.

⁶⁷ São alguns exemplos: *Jornal do Brasil* <<https://news.google.com/newspapers?nid=0qX8s2k1IRwC>>; *Jornal O Globo* <<http://acervo.oglobo.globo.com/>>; *Jornal Folha de S.Paulo* <

Também a vasta produção bibliográfica de Carpeaux é *locus* privilegiado para encontrá-lo. Como em todos os outros lugares, múltiplos Carpeaux surgem destes encontros, tanto mais pelo grande arco temporal desta produção – pouco mais de seis décadas – e pela seleção empreendida por ele e por seus editores. Ou seja, afora o vasto panorama temático trabalhado por Carpeaux – da história da música à história da literatura ocidental; da literatura barroca espanhola do século XVII à ‘batalha da América Latina’ dos anos 1960 –, há ainda um encontro com as ausências desta produção – o que não foi coligido em livro; o porquê de não ter sido; os livros considerados pelo próprio Carpeaux como ultrapassados, os obras escritas na Europa mencionadas em seu processo de naturalização e nunca localizadas.

Desta produção, alguns artigos permitem um encontro um pouco mais ‘íntimo’ com Carpeaux – ainda que uma intimidade ‘filtrada’ por ele. São artigos como *Meus encontros com Kafka*; *Os mistérios da biblioteca*; *Reminiscências vienenses*; *Meu Dante*, raros exemplos em que o austríaco-brasileiro revelou um momento, um aspecto ou uma visão de seu passado europeu. Também é o caso do artigo *Literatura belga*, coligido em *A Cinza do Purgatório* e dedicado à memória de seus amigos belgas. Escrito poucos anos depois de ter deixado a Europa e num contexto em que o futuro no ‘país do futuro’ parecia-lhe tudo, menos promissor, Carpeaux registrou assim a grande cidade portuária flamenga, Antuérpia:

Não a imagineis muito bela, a cidade que amei como a nenhuma outra, a cidade feia que me foi uma pátria. [...] Recordo-me sobretudo desse humilde povo curvado, desses armazéns sujos que se olham com suas órbitas cegas e simétricas, dessas gruas que estendem os braços melancólicos para o céu baço da tarde. Mas era uma pátria. Lá havia – que triste, esse imperfeito verbo! – pequenas lanternas iluminando as madonas das esquinas. Havia o cheiro das *gaufres* de Bruxelas e as luzes das tavernas onde os marinheiros conversavam, diante da pequena *burgerij* de olhos e boca muito abertos.⁶⁹

<http://acervo.folha.com.br/>; Jornal O Estado de S.Paulo
<<http://acervo.estadao.com.br/>>.

⁶⁸ *Reichpost* <<http://anno.onb.ac.at/>>

⁶⁹ CARPEAUX, Otto Maria. “Literatura belga” In *A cinza do purgatório*. *Op. cit.*, pp. 144-5.

Meus encontros *em* Carpeaux

Meus encontros *em* Carpeaux se deram em cada um desses arquivos, por meio da leitura de centenas de ensaios escritos e coligidos em livros por Carpeaux; da leitura dos prefácios encomendados, das apresentações, ‘orelhas’ e de outras centenas de artigos, hoje dispersos em jornais e obras de terceiros; por meio da coleção de seus documentos pessoais na FCRB, na *Biblioteca Mário de Andrade*, no *Arquivo Nacional* ou no *DÖW*, em Viena; durante as pesquisas em jornais, em revistas literárias, ou em incontáveis índices onomásticos; ao assistir o filme *O velho e o novo*, um profundo e único encontro com a sua *persona* em movimento.

Particularmente, meus encontros *em* Carpeaux se deram na rua. Nas ruas das cidades nas quais Carpeaux nasceu, exilou-se, ficou-se. Deram-se na *Judenstrasse*, Rua dos Judeus, localizada num bairro secular de Viena onde também se encontra a igreja católica de *St. Ruprecht*, do século XII. Na *Lerchenfelderstrasse*, a rua de sebos e brechós vienenses em que procurei livros e objetos pessoais aviltados de Otto e Helena Carpeaux. Na rua Gomes Freire, no Rio de Janeiro, endereço do *Correio da Manhã*, do *Petit Trianon* e, por ironia, rua perpendicular à rua da Relação, sede regional do Departamento da Polícia Federal. Meus encontros também se deram nas ruas íngremes e escorregadias de Ouro Preto, prenes de igrejas barrocas, fantasmagóricas; cidade escolhida por Carpeaux como sua. Algumas cidades, como Antuérpia e Berlim, só as percorri lendo – outra forma especial de encontro *em* Carpeaux.

Exercício biográfico fruto desses encontros, o *Caderno de Imagens Críticas* que se segue é um conjunto de narrativas imagéticas produzidas a partir de uma dada cesura, a do presente. São imagens críticas, registro de que também meus encontros *em* Carpeaux se deram na história política, social e cultural do Brasil do século XX, nos anos ambíguos do Estado Novo e, sobretudo, nas décadas de 1960 e 1970, contexto em que perspectivas progressistas foram substituídas pela aspereza de um projeto autoritário, excludente e conservador para a América Latina.

Construir esse esboço de biografia num momento em que a relativização dos danos causados por aquele projeto ou mesmo o clamor por sua volta têm ganhado cada vez mais adeptos – e construí-lo em diálogo crítico a esse momento – é o que lhe confere caráter dialético. O objetivo foi o de garantir que outras imagens de Otto Maria Carpeaux, algumas legíveis somente em momentos críticos como este, fossem possíveis, não descurando de palavras cada vez mais contemporâneas:

“Também os mortos não estarão seguros diante do inimigo, se ele for vitorioso. E esse inimigo não tem cessado de vencer.”⁷⁰

⁷⁰ BENJAMIN, Walter. “Teses Sobre o conceito de história” – Tese VI. In LÖWI, Michel. *Walter Benjamin: aviso de incêndio. Op. cit.*, p. 65.

CADERNO DE IMAGENS CRÍTICAS



Gente abolida

Gente abolida

Composição: Excerto de *Uma visão de Ouro Preto*, Otto Maria Carpeaux / Placa de referência à escultura *Für das Kind: Mahnmal gegen das Vergessen*, de Flor Kent. Foto: Eduardo Gomes Silva (Viena, 2015) / Criança vendendo verduras. Foto: Eduardo Gomes Silva (Ouro Preto, 2014) / Escultura *Für das Kind*. Estação *Westbahnhof*. Foto: Eduardo Gomes Silva (Viena, 2015). Concepção e montagem: Eduardo Gomes Silva



“Assim surgiu a história do menino filho de camponeses e o misterioso rio, que abrigava um segredo surpreendente: uma carpa que conhecia a língua dos homens.”

Carpa, Karpfen, Carpeaux

Carpa, Karpfen, Carpeaux

Composição: Detalhes e ao fundo – mural de Cândido Portinari no Palácio Gustavo Capanema. Fotos: Eduardo Gomes Silva (Rio de Janeiro, 2012) / Excerto de *O segredo do Rio*, Miguel Sousa Tavares / Excerto Ofício OCG 145/1942 do Ministério da Educação e Saúde ao Ministério da Justiça e Negócios Interiores [assinado por Carlos Drummond de Andrade]. Acervo: Arquivo Nacional, Rio de Janeiro. Concepção e montagem: Eduardo Gomes Silva



“[...]A palavra história está gravada no rosto da natureza com os caracteres da transitoriedade. A fisionomia alegórica da história natural, que o drama trágico coloca em cena, está realmente presente sob a forma de ruína. [...] Assim configurada, a história não se revela como processo de uma vida eterna, mas antes como o progredir de um inevitável declínio. As alegorias são, no reino dos pensamentos, o que as ruínas são no reino das coisas.”

Monumento às ruínas

Monumento às ruínas

Composição: Sepultura n° 20.592 do cemitério São João Baptista.
Foto: Eduardo Gomes Silva (Rio de Janeiro, 2011) / Excerto de *Origem do drama trágico alemão*, Walter Benjamin / *Requiem's Gedenktafel*. Michaelerkirche. Foto: Eduardo Gomes Silva (Viena, 2012) / *Orpheus betritt den Hades*. Escultura integrante do *Monumento contra a Guerra e o Fascismo*, de Alfred Hrdlicka. Foto: Eduardo Gomes Silva (Viena, 2012). Concepção e montagem: Eduardo Gomes Silva



Católico não-ariano

Católico não-ariano

Composição: Estátua de St. Ruprecht. Foto: Eduardo Gomes Silva (Viena, 2012) / Fachada lateral e brasão da *St. Ruprechtkirche*, a igreja mais antiga de Viena [século XIII]. Foto: Eduardo Gomes Silva (Viena, 2012) / Ao fundo, *Judenstrasse*, onde está localizada a *St. Ruprechtkirche*. Foto: Eduardo Gomes Silva (Viena, 2012). Concepção e montagem: Eduardo Gomes Silva



De despertar os mortos e juntar os destroços

De despertar os mortos e juntar os destroços

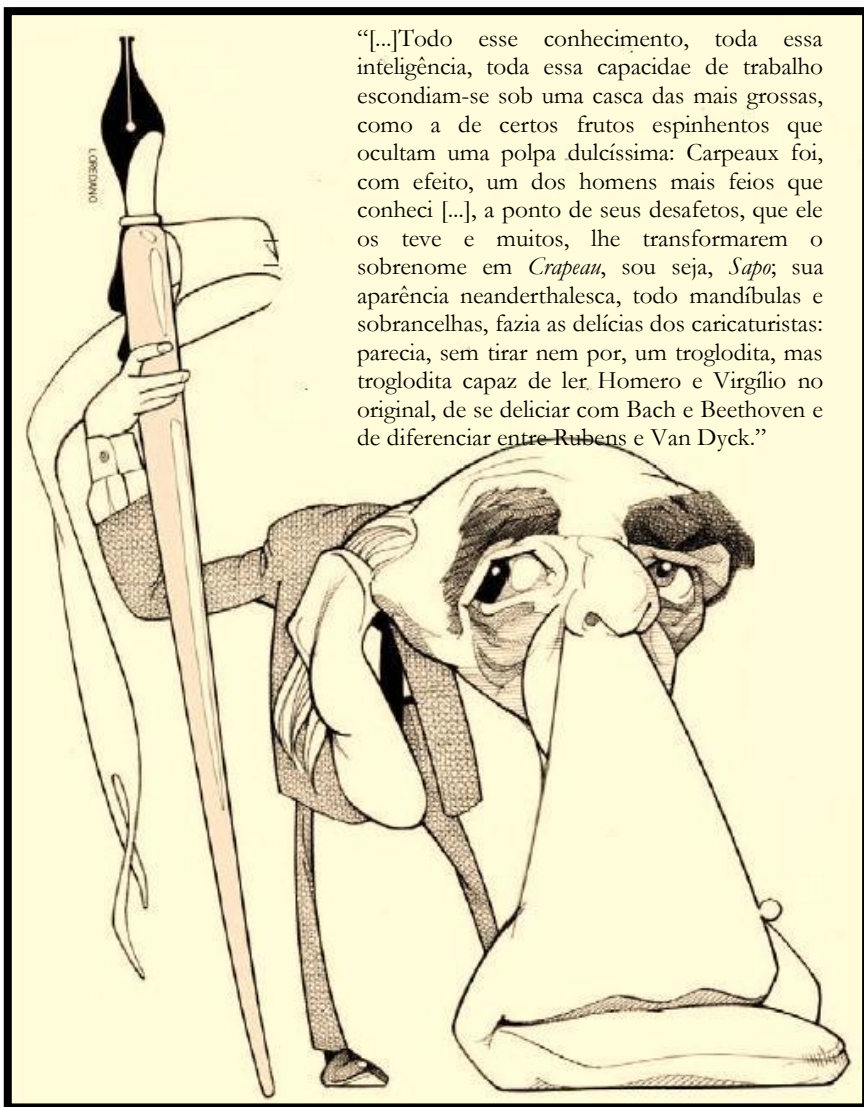
Composição: Detalhes e ao fundo: escultura de fechada de um prédio da *Brandstätte*. Foto: Eduardo Gomes Silva (Viena, 2012) / Cartaz afixado no Palácio da Polícia, antiga sede Departamento da Polícia Federal, Guanabara, quando da *última* ditadura militar brasileira. Foto: Eduardo Gomes Silva (Rio de Janeiro, 2015). Concepção e montagem: Eduardo Gomes Silva



Passagens capitais

Passagens capitais

Composição: Eduardo Gomes Silva. Ao fundo e detalhe *Erstel Passage*.
Foto: Eduardo Gomes Silva (Viena, 2012) / Alameda das Palmeiras
Imperiais. Jardim Botânico. Foto: Eduardo Gomes Silva (Rio de Janeiro,
2015). Concepção e montagem: Eduardo Gomes Silva



“[...]Todo esse conhecimento, toda essa inteligência, toda essa capacidade de trabalho escondiam-se sob uma casca das mais grossas, como a de certos frutos espinhentos que ocultam uma polpa dulcíssima: Carpeaux foi, com efeito, um dos homens mais feios que conheci [...], a ponto de seus desafetos, que ele os teve e muitos, lhe transformarem o sobrenome em *Crapeau*, sou seja, *Sapo*; sua aparência neanderthalesca, todo mandíbulas e sobrancelhas, fazia as delícias dos caricaturistas: parecia, sem tirar nem por, um troglodita, mas troglodita capaz de ler Homero e Virgílio no original, de se deliciar com Bach e Beethoven e de diferenciar entre Rubens e Van Dyck.”

Carpeaux – Crapeau #1

Carpeaux – Crapeau #1

Composição: Caricatura de Carpeaux por Cássio Loredano (jornal *O Estado de S.Paulo*, 2008) / Excerto de *Di Cavalcanti e outros perfis*, José Roberto Teixeira Leite. Concepção e montagem: Eduardo Gomes Silva



Carpeaux – Crapeau #2

Carpeaux – Crapeau #2

Composição: Caricatura de Carpeaux por Ruy Campos (s/l, s/d) / Detalhe da caricatura de Carpeaux por Ramon Muniz (jornal *Rasquinho*, 2013) / Caricatura de Carpeaux por Nássara (s/l, s/d) / Caricatura de Carpeaux sem autoria (jornal *Folha da Manhã*, 1953) / Caricatura de Carpeaux por Cavalcanti (website *Ciência Hoje*, 2013) / Caricatura de Carpeaux por Álvaro. Acervo: Hemeroteca Digital. FBN. Concepção e montagem: Eduardo Gomes Silva



Carpeaux – Crapeau #3

Carpeaux – Crapeau #3

Composição: Caricatura de Carpeaux por Túlio Carapiá (s/l, s/d) /
Detalhe da caricatura de Carpeaux por Ramon Muniz (jornal *Rasunbo*,
2013). Concepção e montagem: Eduardo Gomes Silva



“Nascido em 1900, a maior parte de minha vida terá pertencido à primeira metade do século XX. [...] Privilégio fascinante, mas duvidoso de ser testemunha (*engagée*) de violentas transições históricas: de ser objeto da História. Foi ela própria que dividiu a minha vida em duas partes inteiramente separadas: na Europa e no Brasil. O divisor coincide, cronologicamente exato, com o estouro da II Guerra Mundial, que me surpreendeu durante a viagem da Antuérpia para o Rio de Janeiro.”

De ser objeto da História

De ser objeto da História

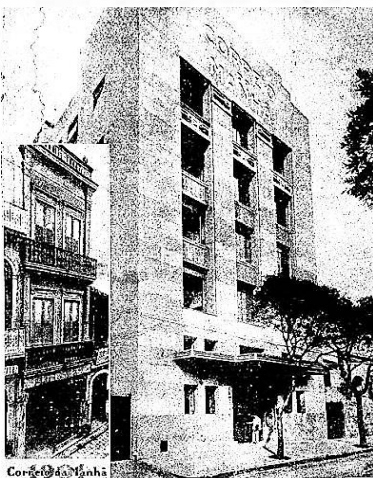
Composição: *Monumento à Juventude Brasileira*, de Giorgi Bruno. Palácio Gustavo Capanema. Foto: Eduardo Gomes Silva (Rio de Janeiro, 2012) / Excerto de *Escritores brasileiros contemporâneos – ‘Otto Maria Carpeaux’*, de Renard Perez / Detalhe de uma mala despachada pela ‘velha estação Westbahnhof. Museu Sigmund Freud. Foto: Eduardo Gomes Silva (Viena, 2015) / *Orpheus betritt den Hades*, de Alfred Hrdlicka. Foto: Eduardo Gomes Silva (Viena, 2012). Concepção e montagem: Eduardo Gomes Silva



Fidelis

Fidelis

Composição: *Piaristenkirche Maria-Treu* e detalhe de seu frontispício. Foto: Eduardo Gomes Silva (Viena, 2012) / Palácio Tiradentes. Foto: Eduardo Gomes Silva (Rio de Janeiro, 2013) / Museu da Inconfidência e Praça Tiradentes. Foto: Eduardo Gomes Silva (Ouro Preto, 2011) / Ao fundo, detalhe de azulejo português. Foto: Eduardo Gomes Silva (Ouro Preto, 2011). Concepção e montagem: Eduardo Gomes Silva



O VELHO E O NOVO CORREIO
Fotografia de 1939

“Mario Pedrosa, no seu canto, entregue ao seu trabalho, levantava seus olhos cansados para Carpeaux, enquanto Álvaro Lins ouvia apenas. De repente a discussão surgia. Leal Veloso, na mesa dele, dava um palpite. Graciliano Ramos intervinha. ‘Não, não era bem assim.’ Otto Maria Carpeaux tem um vozeirão, e quando discute fica de pé, quase sempre se entusiasma. Enquanto que Graciliano é calmo e quando fica com raiva limita-se a soltar um nome feio... Tudo termina sempre por fina ironia e a coisa fica no ar; cada um pensa a seu modo. Depois vem o silêncio e todos novamente escrevem. Foi um estouro de pólvora seca.”



Diagramando o velho e o novo

Diagramando o velho e o novo

Composição: Detalhes do edifício Correio da Manhã da Av. Gomes Freire, 417. Fotos: Eduardo Gomes Silva (Rio de Janeiro, 2015) / Excerto de *O 'Correio' visto por uma redatora – impressões da foquinha* (jornal *Correio da Manhã*, 15/06/1951) /Foto “O velho e o novo Correio” (*Correio da Manhã*, 15/06/1951). Concepção e montagem: Eduardo Gomes Silva

... cidade natal ~~em~~ pode ser abrangida. Ela
 ... ssas. Mas eu sabia de col tudo: sabia,
 todas as torres e tetos, pois o
 ... lado do Tranúbis, a
 ... quados, o quarto ^{de uma}
 ... da deusa nua ^{no recinto}
 ... no sombrio café dos literatos,
 dos camponeses flamengos e das
 ... abanças da glorie patria austriaca,
 ... mimiscula capella imperial,





... onde tod
 ... rite, e l
 ... uito a
 ... fan
 ... dolesco
 ... a Universidada,
 ... o quehido museu,
 ... plantas espanhólas, nít
 ... migo.

... os
 ... est
 ... la
 ... imi
 ... s,
 ... ros
 ... con
 ... tos
 ... el

... e ao fim desse sinistro colégio Troava, a casaca bordada com ^{um} ~~um~~
 ... resumimo preto não. E eu sabia perdida a minha vida.

O sorriso enigmático da morte

O sorriso enigmático da morte

Composição: Escultura *Kastalia-Brunnen*, Edmund Hellmer, no átrio da Universidade de Viena desde 1910. Fotos: Eduardo Gomes Silva (Viena, 2012) / Ao fundo, detalhe modificado da carta de Otto Maria Carpeaux à Carlos Drummond de Andrade, de 21/06/1942. Acervo: Fundação Casa de Rui Barbosa. Concepção e montagem: Eduardo Gomes Silva

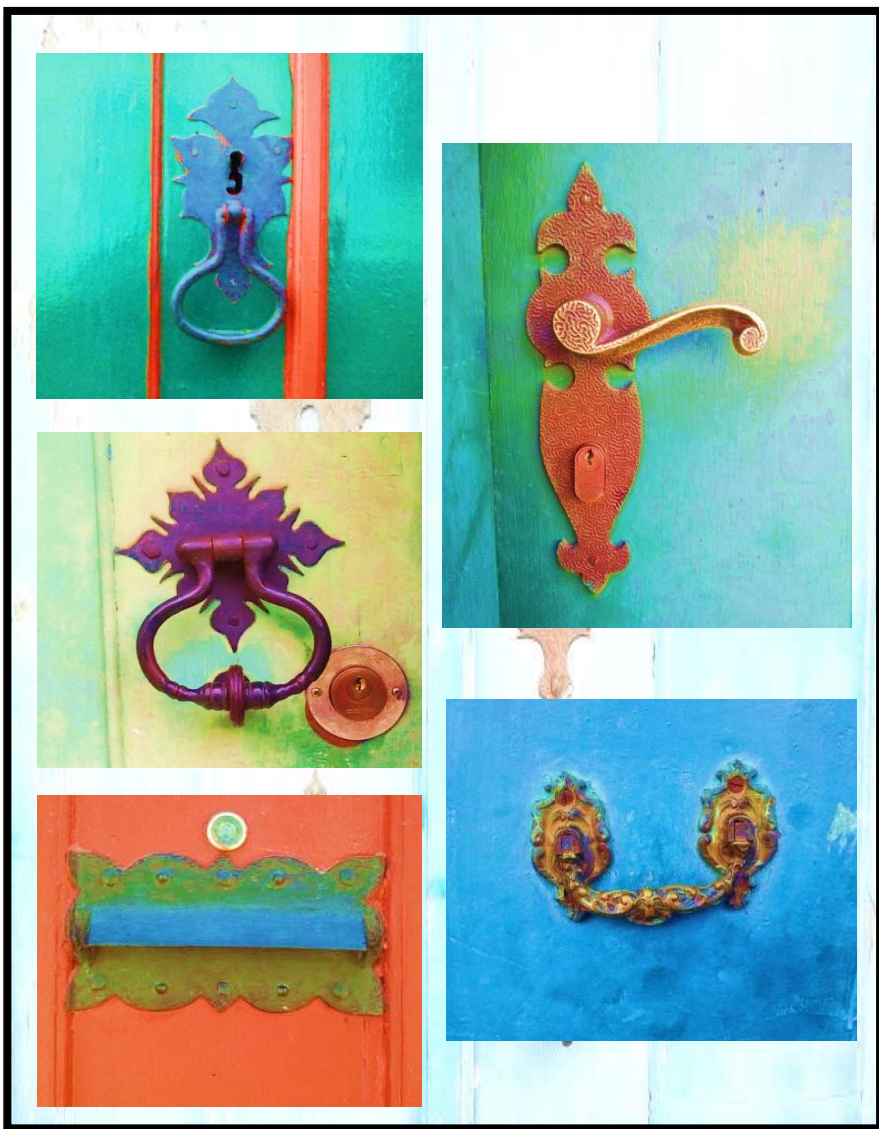


“Mas temos o direito de basear o prazer estético na miséria de populações que vivem no meio da beleza sem percebê-lo? [...] Nekrássov declarou o papel de embrulho em que se dá um pedaço de pão a um pobre preferível ao papel em que está escrito o Fausto de Goethe. O problema das cidades mortas, aspecto parcial das relações entre estética e economia, também é grave problema ético.”

Documento de cultura, documento de barbárie #1

Documento de cultura, documento de barbárie #1

Composição: Puxadores coloniais. Fotos: Eduardo Gomes Silva (Ouro Preto, 2011) / Excerto de *Variações sobre cidades mortas*, de Otto Maria Carpeaux (jornal *Correio da Manhã*, 08/01/1966). Concepção e montagem: Eduardo Gomes Silva



Documento de cultura, documento de barbárie #2

Documento de cultura, documento de barbárie #2

Composição: Puxadores coloniais. Fotos: Eduardo Gomes Silva (Ouro Preto, 2011). Concepção e montagem: Eduardo Gomes Silva



Totenbuch

Totenbüch

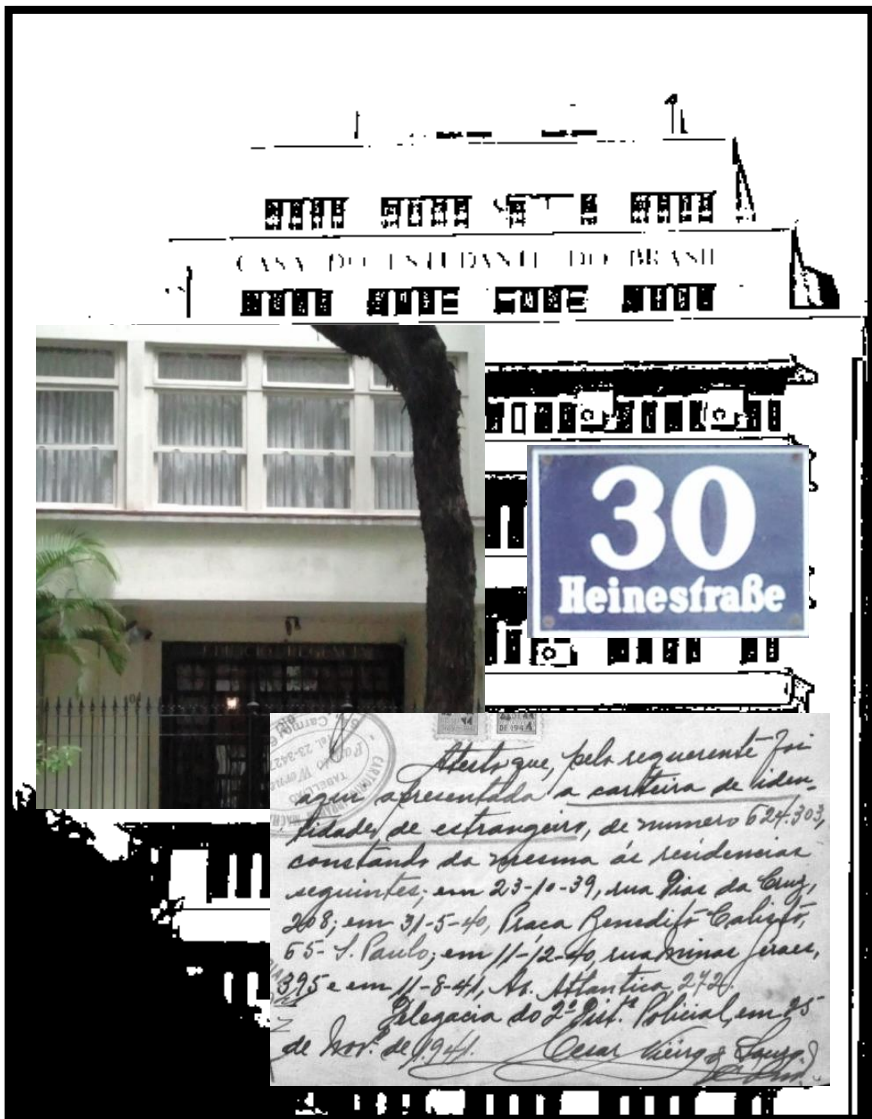
Composição: *Totenbüch* até 1917. *Marienfarr*. Acervo digitalizado.
Museum Judenplatz. Foto: Eduardo Gomes Silva (Viena, 2012) / *Judenplatz*
Holocaust Memorial, Rachel Whiteread. Foto: Eduardo Gomes Silva
(Viena, 2012). Concepção e montagem: Eduardo Gomes Silva



Moradas #1

Moradas #1

Composição: Edifício Leme, avenida Nossa Senhora da Copacabana, nº 06, endereço do casal Carpeaux entre as décadas de 1940 e 1960. Foto: Eduardo Gomes Silva (Rio de Janeiro, 2011) / Ouro Preto, ‘o canto lhe sorria mais que todos os outros da terra’. Foto: Eduardo Gomes Silva (Ouro Preto, 2011) / *Theresiengasse*, 52 Wien 18 – o último endereço de Otto e Hélène Karpfen em Viena. Foto: Eduardo Gomes Silva (Viena, 2015) / Ao fundo, escultura do cemitério São João Baptista, última morada. Foto: Eduardo Gomes Silva (Rio de Janeiro, 2011). Concepção e montagem: Eduardo Gomes Silva



Attesto que, pelo requerente foi
apresentada a carteira de iden-
tidade de estrangeiro, de numero 624.303,
constando da mesma as residencias
seguintes: em 23-10-39, rua Dias da Cruz,
268; em 31-5-40, Praça Benedito Calisto,
55 - S. Paulo; em 11-12-40, rua das Palmeiras,
395 e em 11-8-41, Av. Atlantica, 242.
Delegacia do 2º Dist. Policial, em 25
de Nov. de 1944. Cesar King & Souza

Moradas #2

Moradas #2

Composição: *Heinestrasse*, 30 Wien 12. *Leopoldstadt*, bairro judeu de Viena. Endereço riscado no passaporte de Otto Karpfen. Foto: Eduardo Gomes Silva (Viena, 2015) / Atestado de endereços em subsídio ao processo de naturalização brasileira de Carpeaux. Acervo: Arquivo Nacional / Edifício da rua República do Peru, 101, apartamento 502, endereço do casal Carpeaux entre 1960 e 1980. Foto: Eduardo Gomes Silva (Rio de Janeiro, 2011) / Ao fundo, Casa do Estudante do Brasil. Foto: Eduardo Gomes Silva (Rio de Janeiro, 2015). Concepção e montagem: Eduardo Gomes Silva



Universo kafkiano

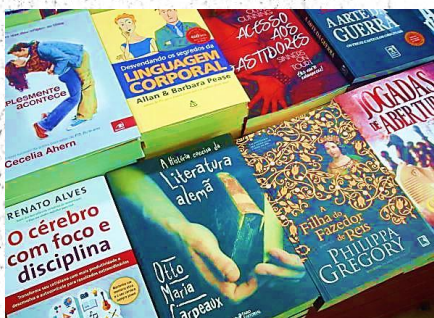
Universo kafkiano

Composição: Fachadas de uma rua em Viena. Foto: Eduardo Gomes Silva (Viena, 2012). Concepção e montagem: Eduardo Gomes Silva



“O livro de humanas abre essa página para uma compra coletiva. O título escolhido é o *História da Literatura Ocidental*, do Otto Maria Carpeaux. [...] Quem se interessar em ajudar a comprar este título pode ir na nossa página no vakinha.com.br e doar qualquer valor. Se atingirmos o valor nos próximos 30 dias o *ebook* é comprado e disponibilizado gratuitamente no site. Se não atingirmos, o valor é devolvido para cada doador. [...]”

Pessoal, a ideia da compra coletiva do *ebook* deu certo. Já arrecadamos mais do que precisamos para comprar o livro do Carpeaux.”



Carpop

Carpop

Composição: Mensagem no *website* do coletivo *Livros de Humanas* <<http://livrosdehumanas.org>>, acesso jan. e fev. 2012 / *FMI – Fome e Miséria Internacional* – Intervenção de Cildo Meireles entre 2002-2006. <<http://poro.redezero.org/intervencao/fmi-fome-e-miseria-internacional/>>, acesso jan. 2015) / Livro de Carpeaux em livraria de aeroporto. Foto: Eduardo Gomes Silva (Florianópolis, 2015). / Montagem a partir da foto do passaporte nº 941.555, de Otto Karpfen. Acervo: Arquivo Nacional. Arte: Eduardo Gomes Silva. Concepção e montagem: Eduardo Gomes Silva

Hélele Silberherz Karpfen (Silberherz)

Also Known As: "Helena Carpeaux"
Birthdate: 18 Setembro 1899
Birthplace: Otyniya, Kolomyis'kyi district, Ivano-Frankivs'ka oblas',
Ukraine
Death: (Date and location unknown)
Família imediata: Daughter of David Silberherz e Chane Rosenkranz
Wife of Otto Karpfen, Otto Maria Carpeaux



Ruídos #1

Composição: Registro com foto de H elene Silberherz Karpfen (Helena Carpeaux). Geni Heritage Company. Acervo digital / Ao fundo, detalhe do cemit erio da igreja Nossa Senhora do Carmo, Ouro Preto. Foto: Eduardo Gomes Silva (Ouro Preto, 2011). Concep  o e montagem: Eduardo Gomes Silva

O assombro das noites



Florianópolis, num hotel mo-
acordei no meio da noite e
para a cama ao lado. Estava va-
carpeaux sofria de insônia, ima-
que ele, sem fazer barulho, na
dos pés, tivesse saído do quar-
mando cuidado para não me ar.

sim fiquei. Sabia que ela rezava por
todos nós, por mim, pelo meu avô
estava doente, pelo mundo inte-
Evitei que ela me visse e voltei para
cama, perdera o medo do pesadelo
sabia que os fantasmas não mais
assustariam.

acendi a luz, mas saí da cama,
saleta anexa ao quarto, que
em estava escura. Voltado contra
a parede, numa direção que eu
não podia determinar (Roma? Meca?

Anos depois, muitos anos de-
viajava com o Otto Maria Carpeaux
fazíamos palestras agendadas por
retórios de estudantes, centros de
tudos, era um mambembe não
munerado e estranhíssimo, pois
carpeaux era gago, eu falava mal e
nunciava as palavras de forma
da, mesmo assim, havia gente
deseja ouvir-nos.

[A page of handwritten notes in Portuguese, containing names and dates, likely a list of contacts or a journal entry.]

Ruídos #2

Composição: Notas mnemônicos de Carpeaux. Acervo: Fundação Casa de Rui Barbosa / Sepultura de Carpeaux ao pé de uma capela no cemitério São João Baptista. Foto: Eduardo Gomes Silva (Rio de Janeiro, 2011) / Ao fundo, artigo O assombro das noites, de Carlos Heitor Cony. (Jornal *Folha de S.Paulo*, 19/11/2013). Concepção e montagem: Eduardo Gomes Silva



“[...] Fugi de Viena com uma pequena mala de mão e sem um tostão. Perdi pátria, casa, móveis e vários milhares de livros.”



AME-O OU DEIXE-O

Despojos à venda

Despojos à venda

Composição: Excerto da entrevista de Carpeaux a Homero Senna (*Revista do Globo*, 1949). Acervo digital / Vitrine da *Ferstel Passage*. Foto: Eduardo Gomes Silva (Viena, 2012 / Vitrine de um 'brechó' na *Lerchenfelderstrasse*. Foto: Eduardo Gomes Silva (Viena, 2012) / Ao fundo, cartaz com o *slogan* do 'produto Brasil' durante a Ditadura Militar. Acervo digital. Concepção e montagem: Eduardo Gomes Silva

"[...] Pois o ataque aos estudantes não é mero terrorismo individual. Foi o fim da liberdade das próprias Universidades, com prejuízo incalculável para a cultura da nação. Feriram-se, nas pessoas dos estudantes injustiçados, todos os intelectuais, toda a inteligência do País. Quer-se impedir que os estudantes hoje e os intelectuais amanhã assumam seu papel natural de líderes dos povos. O golpe golpeou o povo inteiro. E em seguida foi golpeado e arruinado o próprio País; e os próprios golpistas serão os primeiros a sentir o destino amargo que prepararam."

*criador
dego-*



*→ jovens em movimento... por
cas incertas estúdios, no para
contato com o movimento!*

O velho e o novo velho #1

Composição: Uma cena de *O Levante do Bosque*, exemplo atualizado do poder discricionário contra discentes e docentes. UFSC, 25/03/2014.
Foto: Karem Kílím. Acervo digital / Excerto de *Os estudantes e a coincidência*, de Otto Maria Carpeaux (jornal *Correio da Manhã*, 18/09/1964) / Ao fundo, anotações do filme *O velho e o novo*, por Eduardo Gomes Silva. Concepção e montagem: Eduardo Gomes Silva



todos (3)
 da cron
 dos em

↳ Menos em momento,
 e a cura é estofada,
 porque estofado é o
 ato de obedecer.



↳
 no
 ↳
 9

O velho e o novo velho #2

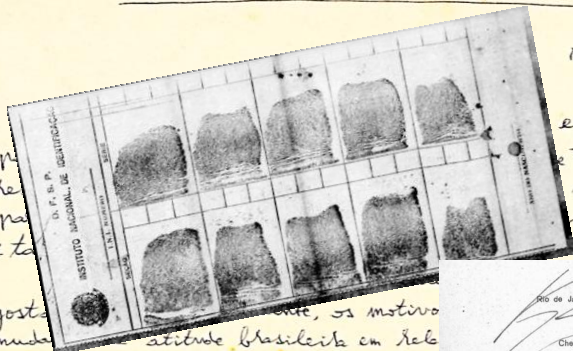
O velho e o novo velho #2

Composição: Carpeaux na *Passeata dos Cem Mil*, três meses depois do assassinato do secundarista Édson Luís por policiais militares. Guanabara, 26/06/1968. Foto: Autor desconhecido. Acervo digital / Cena do *Massacre 29 de abril*, exemplo atualizado do poder discricionário contra discentes e docentes. Curitiba, 29/04/2015. Foto: Joka Madruga. Acervo digital / Ao fundo, anotações do filme *O velho e o novo*, por Eduardo Gomes Silva. Concepção e montagem: Eduardo Gomes Silva

espaço 2 (uma via)

REQUERIMENTO DE INFORMAÇÕES

MARIA CARPEAUX



esse velho ~~relato~~ uso
e? O governo certamente
verdade dos fatos. Mas
sobre a verdade dos fatos,



M...
he...
na...
e ta...
gost...
muda...
ente, os motivo...
atividade brasileira em rela...
quem não gostaria de saber se o governo...
nta del...
modifica...
o govern...
e regula...
substancialmente maior de população...
nos permanentemente em prisões ou está...
que se im...
intencional...
mos essa...
s princip...
o a prop...
s, porque...
Somos...
lural -...
tia sos q...
nte da República, do ministro da Guerra...
e até - por incrível que pareça - do governador de Evansbala, no

Capturas

Capturas

Composição: Atestado de bons antecedentes, subsídio ao processo de naturalização brasileira de Carpeaux. Acervo: Arquivo Nacional / Sepultura nº 20.592 do cemitério São João Baptista. Foto: Eduardo Gomes Silva (Rio de Janeiro, 2011) / Passaporte austríaco de Otto Karpfen. Acervo: Arquivo Nacional / Ficha de identificação civil Instituto Felix Pacheco/RJ, subsídio à Ação Penal nº 505/69 sofrida por Carpeaux. Acervo: Projeto BNM Digital / Ao fundo, manuscrito do Fundo/Coleção Otto Maria Carpeaux. Acervo: Fundação Casa de Rui Barbosa. Concepção e montagem: Eduardo Gomes Silva

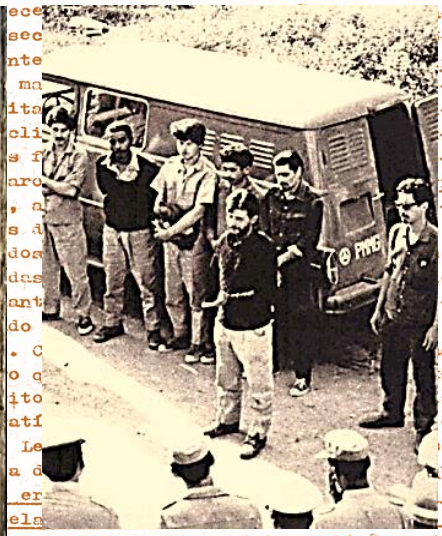
A LIÇÃO DE CANUDOS, SEMPRE ATUAL



CHE pode estar vivo

Estadista no Brasil de 1964... ENTRADA FRANCA PARA MENUS NA ESCOLA DO CINE... Capta os Meus atos políticos... Governo novo no Brasil...

grande... ANSIA LATVA NA CONSIDERA ARMAAMENTISTA... (AP) A Convenção Nacional de Trabalhadores confere uma greve geral de 24 horas em todo o Uruguai...



pela miséria. Esta era a realidade brasileira. Seguindo as lições da ciência de seu tempo, Euclides explicou essa realidade bárbara pelo clima ad... toram enfim derrubados! Sim, porque eram guerrilheiros improvisados e não conhecia bem os princípios da guerrilha: concentraram-se num reduto em vez de se espelharar pela região. Foi um erro. Mas também os erros constituam ensinamento. O Canudos da segunda metade do século XIX não será um reduto, um foco só, umaçãse só, mas o País inteiro. Será? Mas quando? Podemos esperar? E esperar indefinidamente? Não. Não é preciso esperar tanto. Quando, em novembro de 1868, o então cadete Euclides da Cunha, em presença de todo o corpo de generais brasileiros, jogou seu sabre nos pés do Ministro da Guerra do Imperador, ninguém poderia saber que só um ano depois, em novembro de 1889, a monarquia, com todos os seus generais e ministros, já estaria desapaçada. Foi muito depressa: só um ano! Hoje, que as coisas andam muito mais ligeiras, é lícito acreditar que não precisaremos esperar muito, sobretudo se seguirmos os ensinamentos da lição de Canudos. Citando a lição de Canudos

Citando a lição de Canudos

Composição: Prisão e desmantelamento da Guerrilha do Caparaó, 1967.
Foto: Reprodução da capa de *Caparaó – a primeira guerrilha contra a ditadura*, José Caldas da Costa / Excerto de *A lição de Canudos, sempre atual*, Otto Maria Carpeaux. Acervo: Fundação Casa de Rui Barbosa / 1ª página do jornal *O Sol* (de 10/10/1967), forma poética de registrar a morte de Che Guevara / Ao fundo, 1ª página datilografada de *A lição de Canudos, sempre atual*, Otto Maria Carpeaux. Acervo: Fundação Casa de Rui Barbosa. Concepção e montagem: Eduardo Gomes Silva

O DIÁRIO DE UMA VIAGEM - 5

1

VIENA, 40 ANOS

OTTO MARIA CARPE



“Nunca na vida me senti tão solitário nessa cidade que foi minha. Agora, em plena luz do dia e entre mil caras desconhecidas, surgem os espectros do passado.”

“Mas há lugares que é preciso visitar de dia e há lugares que só de noite abrem sua alma.”



Igreja do Senhor Bom Jesus de Matosinhos (Ouro Preto). Desenho de João Cláudio

LIVROS DA SEMANA

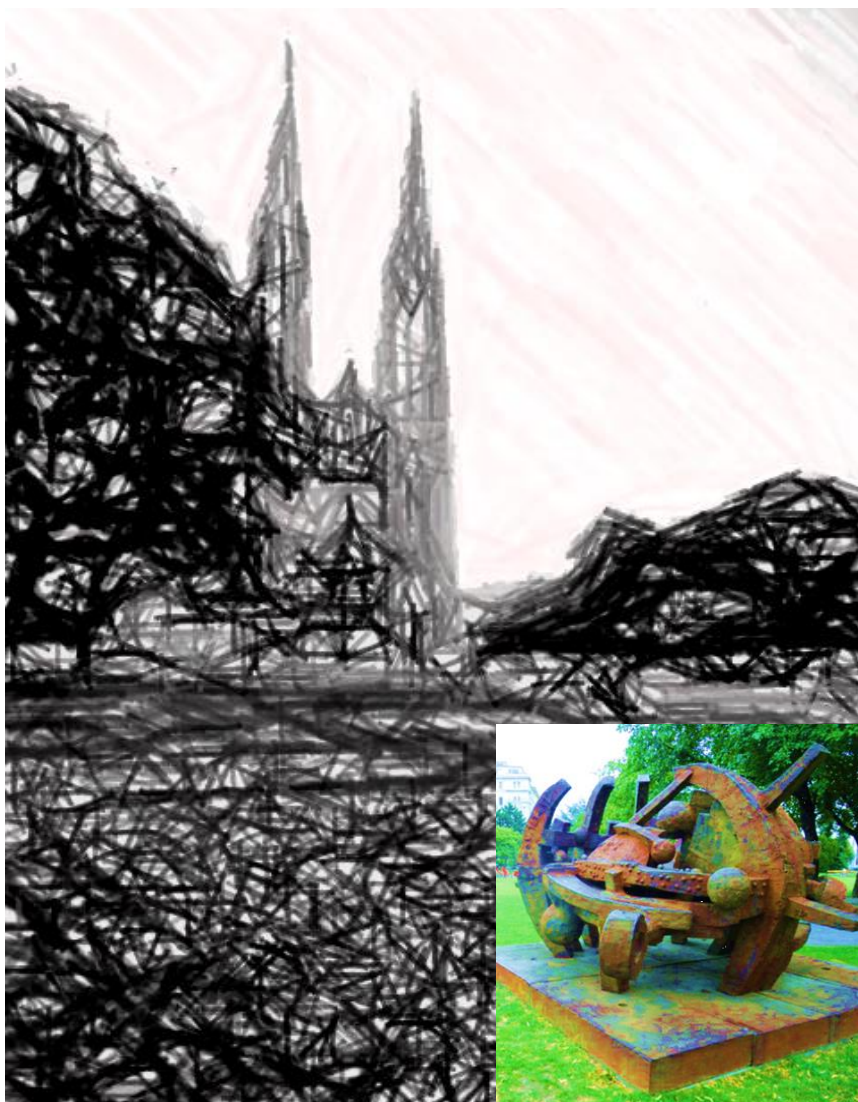
OURO PRETO

(8 DE JULHO DE 1711)

Fantasmagorias

Fantasmagorias

Composição: Sobrado com um pequeno oratório na fachada. Foto: Eduardo Gomes Silva (Ouro Preto, 2011) / Ilustração para o artigo *Ouro Preto (08 de julho de 1711)*, Otto Maria Carpeaux. Desenho: Yola Cintra (jornal *Correio da Manhã*, 08/07/1961) / Excertos de *Viena, 40 anos depois*, Otto Maria Carpeaux (*Revista Manchete*, 31/12/1977) e *Ouro Preto (08 de julho de 1711)* / Edifício com um ícone católico na fachada. Foto: Eduardo Gomes Silva (Viena, 2012) / Ao fundo, 1ª página manuscrita de *Viena, 40 anos depois*. Acervo: Fundação Casa de Rui Barbosa. Concepção e montagem: Eduardo Gomes Silva



Crepúsculo e aurora #1

Crepúsculo e aurora #1

Composição: Escultura *Der zerbrochene Globus*, Karl Anton Wolf. Sigmund Freud-Park. Foto: Eduardo Gomes Silva (Viena, 2012) / Ao fundo, Sigmund-Freud Park e *Votivkirche* modificados. Foto: Eduardo Gomes Silva (Viena, 2012). Concepção e montagem: Eduardo Gomes Silva



Crepúsculo e aurora #2

Crepúsculo e aurora #2

Composição: Escultura *Der zerbrochene Globus*, Karl Anton Wolf, modificada. Sigmund Freud-Park. Foto: Eduardo Gomes Silva (Viena, 2012) / Ao fundo, Sigmund-Freud Park e *Votivkirche*. Foto: Eduardo Gomes Silva (Viena, 2012). Concepção e montagem: Eduardo Gomes Silva

REFERÊNCIAS

Audiovisuais [por ordem cronológica]

O Velho e o Novo (Otto Maria Carpeaux). Direção: Maurício Gomes Leite. Guanabara: CAIC; Tecla Filmes, 1967 [PB, 16mm, 30 min.]

O SOL – Caminhando contra o vento. Direção: Tetê Moraes e Martha Alencar. Rio de Janeiro: RioFilme; Vemver Brasil, 2006, DVD.

Sobral – o homem que não tinha preço. Direção: Paula Fiuza. Rio de Janeiro: ArtFilmes, 2012, DVD [Documentário, 84 min.].

Documentos não publicados de/sobre Carpeaux [por ordem cronológica]

Carta CP-AAL, 14/10/1939. In *Centro Alceu Amoroso Lima pela Liberdade*. Acervo *online*: <<http://www.alceuamorosolima.com.br/>>, acesso 09 dez. 2012.

Carta CP-AAL, 08/12/1939. In *Centro Alceu Amoroso Lima pela Liberdade*. Acervo *online*: <<http://www.alceuamorosolima.com.br/>> acesso 09 dez. 2012.

Carta CP-AAL, 19/12/1939. In *Centro Alceu Amoroso Lima pela Liberdade*. Acervo *online*: <<http://www.alceuamorosolima.com.br/>> acesso 09 dez. 2012.

Carta CP-AAL, 20/02/1940. In *Centro Alceu Amoroso Lima pela Liberdade*. Acervo *online*: <<http://www.alceuamorosolima.com.br/>> acesso 09 dez. 2012.

Carta CP-AAL, 30/03/1940. In *Centro Alceu Amoroso Lima pela Liberdade*. Acervo *online*: <<http://www.alceuamorosolima.com.br/>> acesso 09 dez. 2012.

Carta CP-AAL, 02/05/1940. In *Centro Alceu Amoroso Lima pela Liberdade*. Acervo *online*: <<http://www.alceuamorosolima.com.br/>> acesso 09 dez. 2012.

Carta CP-AAL, 18/05/1940. In *Centro Alceu Amoroso Lima pela Liberdade*. Acervo *online*: <<http://www.alceuamorosolima.com.br/>> acesso 09 dez. 2012.

Carta CP-AAL, 19/12/1940. In *Centro Alceu Amoroso Lima pela Liberdade*. Acervo *online*: <<http://www.alceumamosolima.com.br/>> acesso 09 dez. 2012.

Carta CP-AAL, 30/07/1940. In *Centro Alceu Amoroso Lima pela Liberdade*. Acervo *online*: <<http://www.alceumamosolima.com.br/>> acesso 09 dez. 2012.

Carta CP-AL, 26/09/1940. *Apud* *Jornal Folha de S.Paulo*. São Paulo, 04/06/1995. [Caderno Mais!] Traduções do francês: José Marcos Macedo.

Carta CP-AL, 21/10/1940. *Apud* VIANNA, Thereza Vicente. *Carpeaux e o futuro da crítica*. Tese (Doutorado em Literatura Comparada). Instituto de Letras, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 1999, p. 53

Carta CP-AL, 31/12/1940. *Apud* *Jornal Folha de S.Paulo*. São Paulo, 04/06/1995. [Caderno Mais!] Traduções do francês: José Marcos Macedo.

Carta CDA-CP-0328, 21/06/1942. In *Acervo da Fundação Casa de Rui Barbosa*. Arquivos Pessoais de Escritores Brasileiros – APEB. Fundo/Coleção: Otto Maria Carpeaux.

Carta CDA-CP-0328, 16/07/1942. In *Acervo da Fundação Casa de Rui Barbosa*. Arquivos Pessoais de Escritores Brasileiros – APEB. Fundo/Coleção: Otto Maria Carpeaux.

Processo de naturalização nº 10.345/42. In *Arquivo Nacional*. Fundo Ministério da Justiça e Negócios Interiores.

OC Dp 01 – Documentos pessoais – Certidão de naturalização brasileira, 1944. In *Acervo da Fundação Casa de Rui Barbosa*. Arquivos Pessoais de Escritores Brasileiros – APEB. Fundo/Coleção: Otto Maria Carpeaux.

Carta CDA-CP-0328, 08/?/1944. In *Acervo da Fundação Casa de Rui Barbosa*. Arquivos Pessoais de Escritores Brasileiros – APEB. Fundo/Coleção: Otto Maria Carpeaux.

Carta MB-24-CP, 13/01/1947. In *Acervo da Fundação Casa de Rui Barbosa*. Arquivos Pessoais de Escritores Brasileiros – APEB. Fundo/Coleção: Otto Maria Carpeaux.

BNM 163. Ação Penal 505/69. 1523 fls. Disponível em <<http://bnmdigital.mpf.mp.br/sumarios/200/163.html>> acesso 30 mar. 2015.

OC Dv. 01, Convites de Formatura, 77 folhas. In *Acervo da Fundação Casa de Rui Barbosa*. Arquivos Pessoais de Escritores Brasileiros – APEB. Fundo/Coleção: Otto Maria Carpeaux.

CDA-Cp 832, Estatuto Sociedade Otto Maria Carpeaux. In *Acervo da Fundação Casa de Rui Barbosa*. Arquivos Pessoais de Escritores Brasileiros – APEB. Fundo/Coleção: Otto Maria Carpeaux.

Ac – CP, Estatuto Sociedade Otto Maria Carpeaux. In *Acervo da Fundação Casa de Rui Barbosa*. Arquivos Pessoais de Escritores Brasileiros – APEB. Fundo/Coleção: Otto Maria Carpeaux.

“Registro Civil de Pessoas Jurídicas da Sociedade Otto Maria Carpeaux no Diário Oficial de 21.09.83, ano IX, nº 181, parte V” In *Acervo da Fundação Casa de Rui Barbosa*. Arquivos Pessoais de Escritores Brasileiros – APEB. Fundo/Coleção: Otto Maria Carpeaux.

OC Cp. 03, Correspondência pessoal. In *Acervo da Fundação Casa de Rui Barbosa*. Arquivos Pessoais de Escritores Brasileiros – APEB. Fundo/Coleção: Otto Maria Carpeaux. [s/d].

OC Pit 01, Produção Intelectual. In *Acervo da Fundação Casa de Rui Barbosa*. Arquivos Pessoais de Escritores Brasileiros – APEB. Fundo/Coleção: Otto Maria Carpeaux. [s/d].

Cf.: Oc. Dc 03, Documentos complementares. *Acervo da Fundação Casa de Rui Barbosa*. Arquivos Pessoais de Escritores Brasileiros – APEB. Fundo/Coleção: Otto Maria Carpeaux. [s/d].

OC Dc 01, Documentos complementares. In *Acervo da Fundação Casa de Rui Barbosa*. Arquivos Pessoais de Escritores Brasileiros – APEB. Fundo/Coleção: Otto Maria Carpeaux. [s/d].

OC Dv 02. In *Acervo da Fundação Casa de Rui Barbosa*. Arquivos Pessoais de Escritores Brasileiros – APEB. Fundo/Coleção: Otto Maria Carpeaux. [s/d].

OC Pi 09 – Manuscrito original, 9 páginas. In: *Acervo da Fundação Casa de Rui Barbosa*. Arquivos Pessoais de Escritores Brasileiros – APEB. Fundo/Coleção: Otto Maria Carpeaux [CARPEAUX, Otto Maria. *Um visão de Ouro Preto*]. [s/d].

Publicações assinadas por Carpeaux/outra pseudônimo [por ordem cronológica]

KARPFEN, Otto Maria. *Wege nach Rom* – Abenteuer, Sturz und Sieg des Geistes. Wien: Reinhold-Verlag, 1934.

FIDELIS, Otto Maria. *Österreichs europäische Sendung* – Ein außenpolitischer Überblick. Wien: Reinhold-Verlag, 1935.

WIESINGER, Leopold. *Van Habsburg tot Hitler*. Antwerpen: Uitgeverij Orbis, 1938.

CARPEAUX, Otto Maria. “Jacob Burckhardt – o profeta de nossa época” In *Jornal Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 20/04/1941, pp. 01-2 [Suplemento].

CARPEAUX, Otto Maria. “Franz Kafka e o mundo invisível”. In *Jornal Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 27/04/1941, p. 01 [Suplemento].

CARPEAUX, Otto Maria. “A ideia de universidade e as ideias das classes médias” In *Jornal Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 07/12/1941, p. 01 e p. 04 [Suplemento].

CARPEAUX, Otto Maria. *A cinza do purgatório*. Ensaios. Rio de Janeiro: Casa do Estudante do Brasil, 1942.

CARPEAUX, Otto Maria. *Origens e fins*. Rio de Janeiro: Casa do Estudante do Brasil, 1943.

CARPEAUX, Otto Maria. “A morte de Romain Rolland” In *Revista do Brasil*, Rio de Janeiro, dezembro de 1943.

CARPEAUX, Otto Maria. “Discussão e terrorismo” In *Jornal O Jornal*, Rio de Janeiro, 16/04/1944.

CARPEAUX, Otto Maria. *Pequena bibliografia crítica da literatura brasileira*. Rio de Janeiro: Serviço de documentação do MEC, 1949.

CARPEAUX, Otto Maria; LONGO, Pascoal. “Vida e Romance”. In *Biblioteca Fernando Tude de Souza*. L4 [24 vol./1954]

CARPEAUX, Otto Maria. *História da Literatura Ocidental*. 1ª edição. Rio de Janeiro: O Cruzeiro, 1959-1966. 8 v.

CARPEAUX, Otto Maria. “Crepúsculo e aurora” In *Jornal Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 09/08/1964, p. 04.

CARPEAUX, Otto Maria. *O Brasil no Espelho do mundo*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1965.

CARPEAUX, Otto Maria. “Revolução e legitimidade”. In _____ *O Brasil no espelho do mundo*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1965, pp. 21-2.

CARPEAUX, Otto Maria. “17 de maio”. In _____ *O Brasil no espelho do mundo*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1965, pp. 29-30

CARPEAUX, Otto Maria. “Duas notas inatuais”. In _____ *O Brasil no espelho do mundo*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1965, pp. 39-40.

CARPEAUX, Otto Maria. “A política segundo Shakespeare”. In _____ *O Brasil no espelho do mundo*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1965, pp. 43-4.

CARPEAUX, Otto Maria. “Tiros sem eco”. In _____ *O Brasil no espelho do mundo*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1965, pp. 47-8.

CARPEAUX, Otto Maria. “A reforma e a inconsciência”. In _____ *O Brasil no espelho do mundo*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1965, pp. 60-1.

CARPEAUX, Otto Maria. “Os estudantes e a coincidência”. In _____ *O Brasil no espelho do mundo*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1965, pp. 132-33.

CARPEAUX, Otto Maria. “As ruas e o milagre” In *Revista Civilização Brasileira*. Ano 1, nº 3. Rio de Janeiro, julho 1965, 65-70.

CARPEAUX, Otto Maria. *A batalha da América Latina*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1965.

CARPEAUX, Otto Maria. “Meu Dante” In *Instituto cultural ítalo-brasileiro*. Caderno nº 5. São Paulo, 1965, p. 28.

CARPEAUX, Otto Maria. “Governo e oposição” In *Jornal Correio da Manhã*, 01 e 02/01/1966, p. 04.

CARPEAUX, Otto Maria. “FMI – Fome e Miséria Internacional”. In *jornal Afirmação*, Maringá, nº 2, out. 1967, p. 02.

CARPEAUX, Otto Maria. *As revoltas modernistas na literatura*. Rio de Janeiro: Edições de ouro, 1968.

CARPEAUX, Otto Maria. *Vinte e cinco anos de literatura*. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1968.

CARPEAUX, Otto Maria. “Ouro Preto (8 de Julho de 1771)”. In: _____ *Vinte e cinco anos de literatura*. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1968, pp. 217-223.

CARPEAUX, Otto Maria. *Hemingway*. Tempo, vida e obra. Rio de Janeiro: Editorial Bruguera/INL, 1971

GIORGIO, Jacobo de. “Ela está mesmo pobre” In *Opinião*, Rio de Janeiro, 15/09/1973, p. 08.

CARPEAUX, Otto Maria. “Viena 40 anos depois” In *Revista Manchete*, Rio de Janeiro, 31/12/1977, pp. 126-31.

CARPEAUX, Otto Maria. “Três horas em Praga” In *Revista Manchete*, Rio de Janeiro, 25/02/1978, pp. 104-7.

CARPEAUX, Otto Maria. *Alceu Amoroso Lima por Otto Maria Carpeaux*. Rio de Janeiro: Graal, 1978.

CARPEAUX, Otto Maria. *Reflexo e realidade – ensaios*. Seleção e prefácio de Sebastião Uchôa Leite. Rio de Janeiro: Ed. Fontana, 1978.

CARPEAUX, Otto Maria. *História da Literatura Ocidental*. 2ª ed. revista e atualizada. Rio de Janeiro: Alhambra, 1978-1984. 8v.

CARPEAUX, Otto Maria. “Três aspectos do candidato Astrojildo Pereira” In *Memória e História – Revista do Arquivo Histórico do Movimento Operário Brasileiro*. nº 1. São Paulo: Livraria editora Ciências Humanas, 1981, pp. 47-50.

CARPEAUX, Otto Maria. *Sobre letras e artes*. Seleção, organização e prefácio de Alfredo Bosi. São Paulo: Nova Alexandria, 1992.

CARPEAUX, Otto Maria. *A literatura alemã*. 2ª ed. São Paulo: Nova Alexandria, 1994. [1ª ed. São Paulo: Ed. Cultrix, 1964].

CARPEAUX, Otto Maria. *Ensaaios reunidos – vol. I (1942-1978)*. Organização, introdução e notas Olavo de Carvalho. Rio de Janeiro: Topbooks/UniverCidade, 1999.

CARPEAUX, Otto Maria. “Literatura belga” In _____ *Ensaaios reunidos – vol. I (1942-1978)*. Rio de Janeiro: Topbooks/UniverCidade, 1999, pp. 144-5 [*A cinza do purgatório*]

CARPEAUX, Otto Maria. “Elogio de Ouro Preto”. In: _____ *Ensaaios reunidos – vol. I (1942-1978)*. Rio de Janeiro: Topbooks/UniverCidade, 1999, pp. 673-676 [*Presenças*]

CARPEAUX, Otto Maria. *Uma visão de Ouro Preto*. Belo Horizonte – Rio de Janeiro: Editora Itatiaia, 2000, pp. 13-22.

CARPEAUX, Otto Maria. *Ensaaios Reunidos – vol. II (1946-1971)*. Rio de Janeiro: Topbooks/UniverCidade, 2005.

CARPEAUX, Otto Maria. “Os mistérios da biblioteca” In _____ *Ensaaios Reunidos – vol. II (1946-1971)*. Rio de Janeiro: Topbooks/UniverCidade, 2005, pp. 745-8.

CARPEAUX, Otto Maria. *História da literatura ocidental*. 3ª ed. Brasília: Edições do Senado Federal, 2008. 4 v.

CARPEAUX, Otto Maria. *História da literatura ocidental*. 3ª ed. São Paulo: Leya, 2011. 4v. [Reimpressão].

CARPEAUX, Otto Maria. “Comentários sobre política internacional” In *Estudos Avançados* [online] vol. 28, nº 80. São Paulo, jan./abr. 2014, pp. 33-40. Disponível em <<http://dx.doi.org/10.1590/S0103-40142014000100005>> Acesso 11 mar. 2015.

CARPEAUX, Otto Maria. “Prefácio” In von GOETHE, Johann Wolfgang. *Fausto*. Trad: Antonio Feliciano de Castilho. Rio de Janeiro: W.M. Jackson Editores. Coleção Clássicos Jackson, vol. XV, pp. V-XXXV. [s/d].

GIORGIO, Jacobo de. “Um e oitenta” In OC Pi 05, Produção intelectual. In *Acervo da Fundação Casa de Rui Barbosa*. Arquivos Pessoais de Escritores Brasileiros – APEB. Fundo/Coleção: Otto Maria Carpeaux. [s/d].

Publicações sobre Carpeaux [por ordem cronológica]

LINS, Álvaro. “Apresentação de um companheiro europeu em exílio” In *Jornal Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 19/04/1941, p. 02.

“Wissen Sie schon dass Otto Maria Carpeaux, der bekannte österreichische Publizist, den wir aus den brasilianischen Blättern kennen, dieser Tage seinen 50º Geburtstag feiert?” In *Deutsche Nachrichten*, São Paulo, 18/03/1950.

MARTINS, Wilson. “Elogio de Otto Maria Carpeaux”. In _____ *Interpretações – Ensaio de crítica*. Rio de Janeiro: José Olympio editora, 1946, pp. 229-235.

SENNA, Homero. “Otto Maria Carpeaux” In *Revista do Globo*, Rio de Janeiro, 28/05/1949. [Entrevista].

“Otto Maria Carpeaux – o estrangeiro ‘abrasileirado’ – fala de sua obra. Entrevista por Nelson Vainer” In *O Semanário*, Rio de Janeiro, 21 a 28/11/1957, p. 16.

“Pugilato no reencontro entre Jorge Amado e Otto Maria Carpeaux” In *Jornal O Globo*, Rio de Janeiro, 10/10/1959, p. 06.

“*Horror Austríaco*” In *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 03/12/1963, p. 03 [2º Caderno].

LINS, Álvaro. “Apresentação de um companheiro europeu em exílio” In _____ *O relógio e o quadrante*. Ensaios e estudos 1940-1960. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1964, pp. 153-160.

PEREZ, Renard. “Otto Maria Carpeaux” In _____ *Escritores brasileiros contemporâneos*. 2ª série. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1964, pp. 273-82.

“Rio: Filosofia cola grau com protestos” In *Jornal Folha de S.Paulo*, São Paulo, 03/01/1967, p. 03.

“ARTIGO de Carpeaux provoca IPM” In *Jornal Folha de S.Paulo*, São Paulo, 01/12/1967, p. 05.

“CARPEAUX depõe na DPF em inquérito prejudicado por erro do Coronel Ferdinando”. In *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 01/12/1967, p. 15.

“Formatura acidentada” In *Jornal Folha de S.Paulo*, São Paulo, 19/01/1968, p. 03.

PEREZ, Renard. “Otto Maria Carpeaux” In CARPEAUX, Otto Maria. *As revoltas modernistas na literatura*. Rio de Janeiro: Edições de ouro, 1968, pp. 11-22.

“Habeas Corpus für Otto Maria Carpeaux abgelehnt” In: *Deutsche Nachrichten*, São Paulo, 07/08/1970

“Entrevista com Otto Maria Carpeaux” In *JOSÉ – Literatura-crítica e arte*. n° 01. Rio de Janeiro: Ed. Fontana, 1976, pp. 03-09.

“Internado Oto [sic] Maria Carpeaux” In *Jornal Folha de S.Paulo*, São Paulo, 25/01/1977, p. 40 [Folha Ilustrada].

GRÜNEWALD, José Lino. “Quando a morte chamou para partir” In *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 04/02/1978, p. 01 [Caderno B].

GULLAR, Ferreira. “Na despedida, a emoção dos discípulos” In *Jornal O Estado de S.Paulo*, São Paulo, 04/02/1978, p. 08.

OLIVEIRA, Franklin. “A dignidade no meio da crise” In *Jornal Folha de S.Paulo*, São Paulo, 04/02/1978, p. 30 [Folha Ilustrada].

“Otto Maria Carpeaux (1900-1978) – Um representante do seu tempo” In *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 04/02/1978, p. 01 [Caderno B].

“Morre aos 77 anos no Rio o escritor Otto Maria Carpeaux. In *jornal O Globo*, Rio de Janeiro, 04/02/1978, p. 10.

“Otto M. Carpeaux morre do coração aos 78 anos” In *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 04/02/1978, p. 01.

“Otto Maria Carpeaux morre no Rio aos 77 anos” In *Jornal Folha de S.Paulo*, São Paulo, 04/02/1978, p. 01.

“Otto Maria Carpeaux morre aos 77 anos” In *Jornal O Estado de S.Paulo*, São Paulo, 04/02/1978, p. 08.

“Uma cultura erudita a serviço de todos” In *Jornal O Estado de S.Paulo*, São Paulo, 04/02/1978, p. 08.

“Carpeaux é sepultado como pediu: com amigos, sem padre e sem flores” In *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 05/02/1978, p. 20.

“Drummond louva Carpeaux” In *Jornal Folha de S.Paulo*, São Paulo, 05/02/1978, p.06.

“Otto Maria Carpeaux (1900-1978)” In *Revista Veja*, Brasil, 08/02/1978, p. 30 [Memória].

ANDRADE, Carlos Drummond de. “Antes do amanhecer” In *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 11/02/1978, p. 10 [Caderno B].

ANDRADE, Carlos Drummond de. “Lembrança de Viena” In *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 14/02/1978, p. 10 [Caderno B].

CARPEAUX, Helena. “Otto Maria Carpeaux” In *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 17/02/1978, p. 10.

CONY, Carlos Heitor. “Viagem em torno de Otto Maria Carpeaux” In *Revista Manchete*, Rio de Janeiro, 25/02/1978, p. 103.

“À memória de Carpeaux” In *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 01/03/1978, p. 3 [Caderno B].

LUIZ, Marksen. “Na noite de Carpeaux – O amanhecer depois da morte”. In *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 08/03/1978, p. 5 [Caderno B].

LIMA, Alceu Amoroso. “Homenagem de Alceu Amoroso Lima ao brasileiro Otto Maria Carpeaux”. In CARPEAUX, Otto Maria. *Alceu Amoroso Lima por Otto Maria Carpeaux*. Rio de Janeiro: Graal, 1978, pp. 171-173.

FRANCIS, Paulo. “Notícias da terra”. In *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 07/01/1979, p. 01 [Ilustrada].

PERALVA, Osvaldo. “Cícero, Lacerda e Galera”. In *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 16/01/1979, p. 30 [Ilustrada].

“Carpeaux é nome de rua em C. Grande” In *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 24/05/1980, p. 06.

BERNARDET, Jean-Claude. “A outra vertente – ‘O velho e o novo’? ‘Cultura e loucura’” In: _____ *Cineastas e imagens do povo*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1985, pp. 125-38.

BOSI, Alfredo. “Carpeaux e a dignidade das letras” In _____ *Céu, Inferno – Ensaios de crítica literária e ideológica*. São Paulo: Ed. Ática, 1988, pp. 167-169.

PFERSMANN, Andreas. “Exiland Brasilien: Aperçu zur literarischen Emigration” In Stadler, Friedrich (Hrsg.): *Vertriebene Vernunft: Emigration und Exil österreichischer Wissenschaftler*, v. 2, Wien: Jugend & Volk, 1988, pp. 1012-16.

KONDER, Leandro. “Otto Maria Carpeaux (1900-1978)” In _____ *Intelectuais Brasileiros e Marxismo*. Belo Horizonte: Oficina de Livros, 1991, pp. 59-64.

WAIZBORT, Maria do Carmo Malheiros. *Um diálogo crítico: Otto Maria Carpeaux e as ‘ciências do espírito’*. Dissertação (Mestrado em Literatura Comparada). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 1992.

CONY, Carlos Heitor. “Viagem em torno de Otto Maria Carpeaux” In *Jornal Folha de S.Paulo*, São Paulo, 01/08/1997, p. 21 [Republicação].

CONY, Carlos Heitor. “Ensaio de Carpeaux” In *Jornal Folha de S.Paulo*, São Paulo, 15/07/1999, p. 02.

VIANNA, Thereza Vicente. *Carpeaux e o futuro da crítica*. Tese (Doutorado em Literatura Comparada). Instituto de Letras, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 1999.

CARVALHO, Olavo de. “Introdução a um exame de consciência” In CARPEAUX, Otto Maria. *Ensaio reunidos – vol. I*. Organização, introdução e notas Olavo de Carvalho. Rio de Janeiro: Topbooks/UniverCidade, 1999, pp. 15-69.

VENTURA, Mauro de Souza. *Mentalidade barroca e interpretação – A crítica literária de Otto Maria Carpeaux*. Tese (Doutorado em Literatura Comparada). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 2000.

CONY, Carlos Heitor. “Passo atrás na direção certa” In *Jornal Folha de S.Paulo*, São Paulo, 19/04/2001, p. 02.

OLIVEIRA, Maria Claudete de Souza. *Otto Maria Carpeaux – leitor de poesia brasileira*. Dissertação (Mestrado em Literatura Comparada). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 2001.

VENTURA, Mauro Souza. *De Karpfen a Carpeaux – Formação política e interpretação literária na obra do crítico austríaco-brasileiro*. Rio de Janeiro: Topbooks, 2002.

CONY, Carlos Heitor. “O assombro das noites” In *Jornal Folha de S.Paulo*, São Paulo, 19/11/2003.

CÂMARA, Vinícius Bógea. *Otto Maria Carpeaux: exílio, adaptação e modelagem do ‘self’ no Novo Mundo*. Dissertação (Mestrado em Sociologia). Instituto Universitário de Pesquisas do Rio de Janeiro, 2004.

JUNQUEIRA, Ivan. “Mestre Carpeaux” In CARPEAUX, Otto Maria. *Ensaíes Reunidos – vol. II (1946-1971)*. Rio de Janeiro: Topbooks/UniverCidade, 2005, pp. 17-45.

CONY, Carlos Heitor. “Relembrando Otto Maria Carpeaux”. In *Jornal Folha de S.Paulo*, São Paulo, 03/02/2006, p. 12 [Ilustrada].

MARTINS, Wilson. “Carpeaux entre os livros”. In *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 04/03/2006, p. 03 [Ideias].

BIBLIOTECA Mário de Andrade. Projeto Memória Oral. Depoimento de Fábio Lucas, 2006, pp. 14-5.

CONY, Carlos Heitor. “Otto Maria Carpeaux” In *Jornal Folha de S.Paulo*, São Paulo, 23/11/2007, p. 18 [Ilustrada].

PARADA, Maurício. “Das cinzas ao paraíso: o fascismo austríaco e a trajetória de Otto Maria Carpeaux”. In _____ (Org.). *Fascismos: conceitos e experiências*. Rio de Janeiro: Mauad X, 2008, pp. 259-69.

BARROSO, Ivo. “A história de Carpeaux” In *Jornal O Estado de S.Paulo*, São Paulo, 02/11/2008, p. 01 [Caderno 2]

MARQUES, Joaquim Campelo. “Uma dedicatória” In CARPEAUX, Otto Maria. *História da Literatura Ocidental*. 3ª ed. Brasília: Edições do Senado Federal, 2008, pp. 06-7.

CÂMARA, Vinícius Bógea. *Prismas do exílio: trajetória intelectual e modelagem do self em Anatol Rosenfeld e Otto Maria Carpeaux*. Tese (Doutorado em Sociologia). Instituto de Estudos Sociais e Políticos, Universidade Estadual do Rio de Janeiro, 2010.

BARROSO, Ivo. “Lembranças de Carpeaux” In *Jornal Folha de S.Paulo*, São Paulo, 04/07/2010, p. 7 [Ilustríssima].

AUGUSTO, Sérgio. “Com dois mestres de Viena” In jornal *O Estado de S.Paulo*, São Paulo, 03/12/2011, p. 02 [Sabático].

FERNANDES, Ronaldo Costa. “História da Literatura Ocidental – a obra monumental de Otto Maria Carpeaux” In CARPEAUX, Otto Maria. *História da Literatura Ocidental*. 3ª ed. São Paulo: Leya, 2011. [Reimpressão].

von BRÜNN, Albert. “Uma fuga kafkaniana da Europa” In jornal *Rascunho*. n. 157. Curitiba, maio de 2013, pp. 12-3.

BOSI, Alfredo. “Relendo Carpeaux”. In *Estudos Avançados*. [online] vol. 27, nº 78. São Paulo, set./dez. 2013, p. 289. Disponível em <<http://dx.doi.org/10.1590/S0103-40142013000200018>> acesso 19 mar. 2015.

FREIRE, José Ribamar Bessa. “O dia em que entrevistei Rockefeller” In _____ *Taqui pra ti*. Disponível em <<http://www.taquiprati.com.br/cronica.php?ident=214>> acesso 30 mar. 2015.

Demais referências [por ordem cronológica]

BRASIL. Decreto-Lei nº 389, de 26 de abril de 1938. Regula a nacionalidade brasileira. Legislação Federal do Brasil. Disponível em: <http://legislacao.planalto.gov.br/legisla/legislacao.nsf/Viw_Identificacao/DEL%203891938?OpenDocument> acesso 27 jan. 2015.

BRASIL. Decreto-Lei nº 134, de 13 de março de 1967. Define os crimes contra a segurança nacional, a ordem política e social e dá outras providências. Legislação informatizada. Disponível em: <<http://www2.camara.leg.br/legin/fed/declei/1960-1969/decreto-lei-314-13-marco-1967-366980-publicacaooriginal-1-pe.html>> acesso 26 mar. 2015.

BRASIL. Decreto-Lei nº 510 de 20 de março de 1969. Altera dispositivos do decreto-lei nº 314 de 13 de março de 1967, e dá outras providências. Legislação informatizada. Disponível em <<http://www2.camara.leg.br/legin/fed/declei/1960-1969/decreto-lei-510-20-marco-1969-376778-publicacaooriginal-1-pe.html>> acesso 1º abr. 2015.

“A situação – declarações do sr. José Américo” In *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 22/01/1945, p. 14.

“Palavras de Roberto Marinho, na alocação de estreia da *Rede*” In: *O Jornal*, Rio de Janeiro, 25/10/1963, p. 03.

“Fora!” In *Jornal Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 01/04/1964, p. 01.

“Basta!” In *Jornal Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 31/03/1964, p. 01.

“Vitória” In *Jornal Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 02/04/1964, p. 01.

“Terrorismo, não!” In *Jornal Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 03/04/1964, p. 01.

“Duas graves ameaças” In *Jornal Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 04/04/1964, p. 01.

“Pilhagem” In *Jornal Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 07/04/1964, p. 01.

“Provocação” In *Jornal Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 04/02/1966, p. 04.

“E não tem Papai Noel” In *jornal O Sol*, Rio de Janeiro, 22/09/1967, pp. 10-11.

“O caso das mãos amarradas”. Disponível em <<http://www.documentosrevelados.com.br/repressao/o-caso-das-maos-amarradas-prisao-e-morte-de-um-sargento-nacionalista/>> acesso 19 mar. 2015.

KARPFEN, Gisela. Genealogy <<http://www.ics.uci.edu/~dan/genealogy/>>, acesso 12 jan. 2015.

Demais referências [por ordem alfabética]

ABREU, Alzira Alves. “Partido Comunista Brasileiro (PCB)” In *Dicionário Histórico Biográfico Brasileiro*. Cd-Rom.

ALVES, Maria Helena Moreira. *Estado e oposição no Brasil (1964-1984)*. 5ª ed. Petrópolis: Ed. Vozes, 1986.

ANDRADE, Jeferson de. *Um jornal assassinado. A última batalha do Correio da Manhã*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1991.

ARENDT, Hanna. *Origens do Totalitarismo. Antissemitismo, imperialismo, totalitarismo*. Trad.: Roberto Raposo. São Paulo: Cia. das Letras, 2012.

AUGUSTO, Sérgio. “Os intelectuais e a discussão sobre o papel do futebol” In *Jornal Folha de S.Paulo*, São Paulo, 10/06/1982, p. 03 [Ilustrada].

AUGUSTO, Sérgio. “Do Glória à glória” In *jornal O Estado de S.Paulo*, São Paulo, 05/04/2014, p. 02 [2º caderno];

AVRAHAM, Milgram. *Os judeus do Vaticano: a tentativa de salvação de católicos não-arianos da Alemanha ao Brasil através do Vaticano (1939-1942)*. Rio de Janeiro: Imago, 1994.

BARROS E SILVA, Fernando de. “Na prisão com Glauber e Callado” Disponível em <<http://biblioteca.folha.com.br/1/30/1996072802.html>> acesso 26 mai. 2015.

BENJAMIN, Walter. *Passagens*. Trad.: Irene Aron *et alii*. Organização da edição brasileira: Willi Bolle. Belo Horizonte: Editora UFMG; São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2006.

BOMENY, Helena. (org.) *Constelação Capanema: intelectuais e políticas*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2001.

BONA, Dominique. *Stefan Zweig, uma biografia*. Tradução de João Domenech e Carlos Nougé. Rio de Janeiro: Record, 1999.

BOSI, Alfredo. *História concisa da literatura brasileira*. 43ª ed. São Paulo: Cultrix, 2006.

BOURDIEU, Pierre. “A ilusão biográfica” In FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína (Orgs.). *Usos e abusos da História Oral*. 6ª edição. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas editora, 1998, pp. 183-91.

CABRAL, Carla Giovana. *Cinco histórias: narrativas biográficas de Clarice Lispector*. Dissertação (Mestrado em Literatura). Centro de Comunicação e Expressão, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 1999.

CARRIJO, Maicon Vinícios da Silva. *Cientista Sociais e Historiadores no mercado editorial do Brasil: a Coleção Estudos da Editora Paz e Terra (1974-1987)*. Tese (Doutorado em História). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 2013.

CARNEIRO, Maira Luiza Tucci. *O antisemitismo na era Vargas (1930-1945): fantasmas de uma geração*. São Paulo: Brasiliense, 1988.

CARONE, Modesto. “O Fausto do século XX”. In jornal *Folha de S.Paulo*, São Paulo, 22/10/2000, p. 04 [Ilustrada]

CONY, Carlos Heitor. “A revolução dos caranguejos”. In _____ *O ato e o fato*. Crônicas políticas. 2ª ed. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1964, pp. 17-9.

CONY, Carlos Heitor. “O povo e os caranguejos”. In _____ *O ato e o fato*. Crônicas políticas. 2ª ed. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1964, pp. 31-3.

CONY, Carlos Heitor. “Lembrança de Callado” In Jornal *Folha de S.Paulo*, São Paulo, 30/01/1997, p. 02.

CONY, Carlos Heitor. “Um basta no ‘basta’”. In Jornal *Folha de S.Paulo*, São Paulo, 30/11/2002, p. 02.

COSTA, José Caldas da. *Caparaó - a primeira guerrilha contra a ditadura*. São Paulo: Boitempo, 2007. Sobre o envolvimento de intelectuais e artistas na sua articulação, ver: RIDENTI, Marcelo. *Em busca do povo brasileiro*. *Op. cit.*, pp. 145-8;

COTTA, Pery. *Calandra: O sufoco da imprensa nos anos de chumbo*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997.

CZAJKA, Rodrigo. *Páginas de resistência: intelectuais e cultura na Revista Civilização Brasileira (1965-1968)*. Dissertação (Mestrado em Sociologia). Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade de Campinas, 2005.

DIDI-HUBERMAN, Georges. *A imagem sobrevivente*. História da arte e tempos dos fantasmas segundo Aby Warburg. Trad.: Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Contraponto, 2013.

DINES, Alberto. *Morte no paraíso*. A tragédia de Stefan Zweig. 3ª ed. ampliada. Rio de Janeiro: Rocco, 2004.

DOSSE, François. *O desafio biográfico – escrever uma vida*. Trad.: Gilson César C. de Souza. São Paulo: EdUSP, 2009, pp. 405-10.

DREIFUSS, René Armand. *1964: A conquista do Estado*. Ação política, poder e golpe de classe. 4ª ed. Trad.: Laboratório de Tradução da UFGM. Petrópolis: Ed. Vozes, 1986.

DUBY, Georges. *Guilherme Marechal ou o melhor cavaleiro do mundo*. Trad.: Renato Janine Ribeiro. Rio de Janeiro: Graal, 1988.

DUQUE Filho, Álvares Xavier. *Política internacional na revista Diretrizes (1938-1942)*. Dissertação (Mestrado em História). Faculdade de Ciências e Letras de Assis. Universidade Estadual Paulista, Assis, 2007.

ESOPO. *Fábulas completas*. Trad.: Maria Celeste C. Dezotti. São Paulo: Cosac Naify, 2013.

EVARISTO, Manuel. “Panorama da crítica” In Revista *Diretrizes*, Rio de Janeiro, 12/08/1943.

FICO, Carlos. “Versões e controvérsias sobre 1964 e a ditadura militar” In *Revista Brasileira de História*. São Paulo, vol. 24, n. 47, 2004, pp. 29-60.

FRUNGILLO, Mário Luiz. *O espelho partido: História e memória na ficção de Marques Rebelo*. Tese (Doutorado em Teoria e História Literária). Instituto de Estudos da Linguagem. Campinas: Universidade de Campinas, 2001.

GORENDER, Jacob. *Combate nas trevas*. 5ª ed. revisada, ampliada e atualizada. São Paulo: Editora BADARÓ, Marcelo. “O governo João Goulart: novos rumos da produção historiográfica” In *Revista Brasileira de História*. São Paulo, vol. 28, n. 55, 2008, pp. 245-63.

- GREENBLATT, Stephen. *Renaissance self-fashioning: from More to Shakespeare*. Chicago: The University of Chicago Press, 1980.
- GREENE, Thomas. *The flexibility of the self in Renaissance literature*. In DEMETZ, Peter; GREENE, Thomas; NELSON Jr., Lowry. *The disciplines of criticism*. New Haven: Yale University Press, 1968, pp. 241-64.
- HARTOG, François. *Regimes de historicidade: presentismo e experiência do tempo*. Trad.: Andréa Souza de Menezes *et alii*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2014.
- HERMETO, Miriam. ‘Olha a Gota que falta’: um evento no campo artístico-intelectual brasileiro (1975-1980). Tese (Doutorado em História). Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2010.
- HOFMANN, Paul. *Os vienenses: esplendor, decadência e exílio*. Trad.: Raul de Sá Barbosa. Rio de Janeiro: José Olympio, 1996, p. 10.
- IVANO, Rogério. “Aforismos sobre a História” In GIANNATTASIO, Gabriel; IVANO, Rogério. (Org.). *Epistemologias da História*. Verdade, linguagem, realidade, interpretação e sentido na Pós-Modernidade. Londrina: EdUEL, 2011, pp. 335-45.
- KAFKA, Franz. *Aforismos reunidos*. Introdução e tradução de Modesto Carone. São Paulo: Instituto Moreira Salles, 2012, p. 10.
- KESTLER, Izabela Maria Furtado. *Exílio e literatura*. Escritores de fala alemã durante a época do nazismo. Trad.: Karola Zimmer. São Paulo: EdUSP, 2003.
- KOSSELECK, Reinhart. *Futuro passado*. Contribuição à semântica dos tempos históricos. Trad.: Wilma Patrícia Mass e Carlos Almeida Pereira. Rio de Janeiro: Editora Contraponto/PUC-RJ, 2006.
- KUCINSKI, Bernardo. *Jornalistas e revolucionários – nos tempos da imprensa alternativa*. São Paulo: Ed. Página Aberta, 1991, pp. 20-1.
- LATTANZI, José Renato. *Imprensa, partidos e democracia: A experiência brasileira*. Dissertação (Mestrado em História) – Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2005.

LATTANZI, José Renato. *Dragões de papel: o jornalismo impresso ante aos caminhos para o golpe civil-militar (1955-1964)*. Tese (Doutorado em História). Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2013.

LAURENZA, Ana Maria de Abreu. “Batalhas em letras de forma: Chatô, Wainer e Lacerda” In MARTINS, Ana Luiza; LUCA, Tania Regina de (Orgs.). *História da imprensa no Brasil*. 2ª ed. São Paulo: Contexto, 2011, pp. 179-205.

LEAL, Carlos Eduardo. “Correio da Manhã”. In *Dicionário Histórico Biográfico Brasileiro*. Cd-Rom.

LEAL, Carlos Eduardo. “Tribuna da Imprensa” In *Dicionário Histórico Biográfico Brasileiro*. Cd-Rom.

LE GOFF, Jacques. *São Luís*. Trad.: Marcos de Castro. 3ª edição. Rio de Janeiro: Record, 2002, p. 29.

LEITE, José Sérgio Lopes. *Lygia Sigaud* 28.02.1945 - 09.04.2009.

Disponível em

<www.museunacional.ufrj.br/ppgas/professores_lygia.html> acesso 22 jun. 2015.

LEMINSKI, Paulo. *Vida: Cruz e Souza, Bashô, Jesus e Trótski*. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

LEMOS, Renato. “Contrarrevolução e ditadura no Brasil: elementos para uma periodização do processo político brasileiro pós-1964” In *VI Congrès du CEISAL*. Toulouse, junho 2010.

LEVI, Giovanni. “Usos da biografia” In FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína (Orgs.). *Usos e abusos da História Oral*. 6ª edição. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas editora, 1998, pp. 167-82.

LORIGA, Sabina. *O pequeno x: da biografia à história*. Trad.: Fernando Scheibe. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2011.

LOUZEIRO, José (Org.). *Assim marcha a família*. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1965.

- LÖWI, Michel. *Walter Benjamin: aviso de incêndio*. Uma leitura das teses ‘Sobre o conceito de história’. Trad. Wanda Nogueira Caldeira [Tradução das teses: Jeanne-Marie Gagnebin, Marcos Lurz Muller]. São Paulo: Boitempo, 2005.
- MALCOLM, Janet. *A mulher calada – Sylvia Plath, Ted Hughes e os limites da biografia*. Trad. Sergio Flaksman. São Paulo: Cia. das Letras, 2012
- McGRAW-HILL. *Encyclopedia of world drama*. Second edition. vol. 1 A-C. USA: McGraw-Hill Inc., pp. 252-4 [entry: Hermann Bahr].
- MONIZ, Edmundo. “A trégua” In *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 21/05/1947, p. 02.
- MORAIS, Fernando. *Chatô: o rei do Brasil*. A vida de Assis Chateaubriand. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.
- MOTTA, Luiz Eduardo Pereira da. *A época de ouro dos intelectuais vermelhos – uma análise comparativa das revistas Tempo Brasileiro e Civilização Brasileira (1962-1968)*. Dissertação (Mestrado em Sociologia). Instituto de Filosofia e Ciências Sociais, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1994
- MOTTA, Rodrigo Patto Sá. *As universidades e o regime militar*. Rio de Janeiro: Zahar Editora, 2014.
- NAPOLITANO, Marcos. *1964: História do Regime Militar Brasileiro*. São Paulo: Contexto, 2014.
- NEHAMAS, Alexander. *Nietzsche: life as literature*. 10ª reimpr. Cambridge: Harvard University Press, 1996.
- NEVES, Ozias Paes. *Revista Civilização Brasileira: uma cultura de esquerda (1965-1968)*. Dissertação (Mestrado em História). Instituto de Ciências Humanas, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2006.
- NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. *Segunda consideração intempestiva: da utilidade e desvantagem da história para a vida*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 2003.

PEREZ, Renard. *Escritores brasileiros contemporâneos*. 1ª série. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1960.

REBELO, Marques. *A guerra está entre nós*. Terceiro tomo de O espelho partido. 2ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984

RIBEIRO, Ana Paulo Goulart. *Imprensa e História do Rio de Janeiro nos anos 1950*. Tese (Doutorado em Comunicação e Cultura). Escola de Comunicação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2000.

RIDENTI, Marcelo. *O fantasma da Revolução Brasileira*. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1993.

RIDENTI, Marcelo. *Em busca do povo brasileiro – artistas da revolução, do CPC à era da tv*. Rio de Janeiro: Record, 2000.

RUPKE, Nicolaas A. *Alexander von Humboldt – A metabiography*. Chicago: University of Chicago Press, 2008.

SANTANA, Flávia Angelis. *Atuação política do movimento estudantil no Brasil: 1964 a 1984*. Dissertação (Mestrado em História). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 2007.

SCHMIDT, Benito Bisso. “História e biografia”. In CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo (Orgs.). *Novos domínios da história*. Rio de Janeiro: Elsevier, 2012, pp. 187-205.

SCHORSKE, Carl E. *Viena fin-de-siècle: política e cultura*. Trad.: Denise Bottmann. São Paulo: Companhia das Letras, 1988

SCHWARTZMAN, Simon; BOMENY, Helena M. Bousquet; COSTA, Vanda M. Ribeiro. *Tempos de Capanema*. 2ª ed. São Paulo: Paz e Terra; Fundação Getúlio Vargas, 2000.

SILVA, Eduardo Gomes. *A Rede da Democracia e o Golpe de 1964*. Dissertação (Mestrado em História). Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2008.

SILVA, Heber Ricardo da. *A democracia impressa*. Transição do campo jornalístico e do político e a cassação do PCB nas páginas da grande

imprensa, 1945-1948. Dissertação (Mestrado em História). Faculdade de Ciências e Letras de Assis. Universidade Estadual Paulista, Assis, 2008.

SILVA, Jurandir Machado da. *1964 – Golpe midiático-civil-militar*. Porto Alegre: Editora Sulina, 2014.

SOARES, Marco Antonio Neves. *Da Alemanha aos Trópicos: identidades judaicas na terra vermelha (1933 - 2013)*. Londrina: EdUEL, 2012.

SODRÉ, Nelson Werneck. *A História da imprensa no Brasil*. 3ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1983.

SONTAG, Susan. “Fascinante Fascismo” In _____ *Sob o signo de Saturno*. Trad.: Ana Maria Copovilla e Albino Poli Jr. 2ª ed. Porto Alegre: L&PM Editores, 1986, pp. 59-83.

TAVARES, Flávio. *1961 – o golpe derrotado: luzes e sombras do movimento da legalidade*. 3ª ed. Porto Alegre: LP&M, 2013.

VASCONCELOS, Cláudio Beserra de. *A preservação do Legislativo pelo Regime Militar Brasileiro: ficção legalista ou necessidade de legitimação? (1964-1968)*. Dissertação (Mestrado em História). Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2004.

VENTURA, Zuenir. *1968: o ano que não terminou*. 3ª edição. São Paulo: Editora Planeta do Brasil, 2008.

WASSERMAN, Janek. *Black Vienna, red Vienna: the struggle for intellectual and political hegemony in interwar Vienna, 1918-1938*. Dissertation in History. Missouri: Washington University in Saint Louis, 2010.

WAINER, Samuel. *Minha razão de viver*. Memórias de um repórter. Rio de Janeiro: Record, 1987.

WERNECK Maria Helena. *O homem encadernado – Machado de Assis na escrita das biografias*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1996.

XAVIER, Ismail. *Alegorias do subdesenvolvimento: cinema novo, tropicalismo, cinema marginal*. São Paulo: Cosac Naify, 2012, p. 31.